

JEFFREY ARCHER

O Vôo
DO CORVO



JEFFREY ARCHER

O VOO DO CORVO

Nascido no East End de Londres na virada do século, Charlie Trumper guarda em sua memória o jeito especial com que seu avô Charlie vendia frutas e hortaliças num carrinho de mão. Quando este morre, o jovem Charlie não deseja outra coisa senão seguir os passos do avô. Mas há não muito tempo, já vinha abrindo suas asas em direção às ruas fervilhantes de Whitechapel e alimentando a ambição de ter sua própria loja para vender de tudo: "O Maior Carrinho do Mundo".

A guerra interrompe brutalmente esses planos e deixa-o sem o melhor amigo, com uma herança misteriosa e um inimigo implacável que não descansará enquanto não vir Charlie e sua ambição destruídos. Quando, após a guerra, retoma para o mundo promissor e cheio de esperanças, precisa lembrar todas as lições de coragem, amizade e traição que aprendeu na miséria das trincheiras para manter vivos os seus sonhos.

O progresso de Charlie Trumper, de Whitechapel para Chelsea Terrace, onde o maior magazine tem início, corresponde a apenas alguns quilômetros em linha reta do voo do corvo, os quais, nas mãos experientes de Jeffrey Archer, transformou-se numa jornada épica através dos triunfos e desastres do século 20, seguindo urna trilha de amor, ambição e vingança, que abrange três continentes, enquanto Charlie luta para concretizar o sonho que o avô lhe inspirou.

O Voo do Corvo é outro excepcional romance de um dos mais populares escritores do mundo, destinado a cativar e entreter os leitores de forma absorvente.

O VOO DO CORVO

Do mesmo autor:

Caim e Abel

A Filha Pródiga

Um Caso de Honra

O Arqueiro e suas Flechas

O Homicídio Perfeito

Primeiro entre Iguais



Digitalizado e
Editado por:

Cyber



Guardião

Jeffrey Archer

O Voo do Corvo

Tradução

Maria D. Alexandre

Copyright ©1991 by Jeffrey Archer

Publicado mediante contrato com Harper Collins Publishers Inc.

Título original: As the Crown Flies

Capa: projeto gráfico de Felipe Taborda

Ilustração da capa: George Angelini

Ilustração da contra capa: Mitzura Salgian

1993

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

ISBN – 85–286-0271-0

Todos os direitos desta tradução reservados à:

EDITORA BERTRAND BRASIL S.A.

Avenida Rio Branco, 99 – 20º andar.

20040-004 – Rio de Janeiro – RJ

Tel: (021) 263-2082 Fax; (021) 263-6112 Telex: (21) 33798

Avenida Paulista, 2073 – Conjunto Nacional Horsa I – Salas 1301 e 1302

01311-300 – São Paulo – SP

Tel.: (011) 285-4941 Telex:(11) 37209

Fax: (011) 285-5409/852-8904

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendemos pelo Reembolso Postal.

Para Frank e Cathy

Sumário

Charlie

1900 – 1919

Becky

1918 – 1920

Daphne

1918 – 1921

Coronel Hamilton

1920 – 1922

Charlie Trumper

1919 – 1925

Sra. Trentham

1919 – 1927

Charlie

1926 – 1945

Daniel

1931 – 1947

Sra. Trentham

1938 – 1948

Becky

1947 – 1950

Cathy

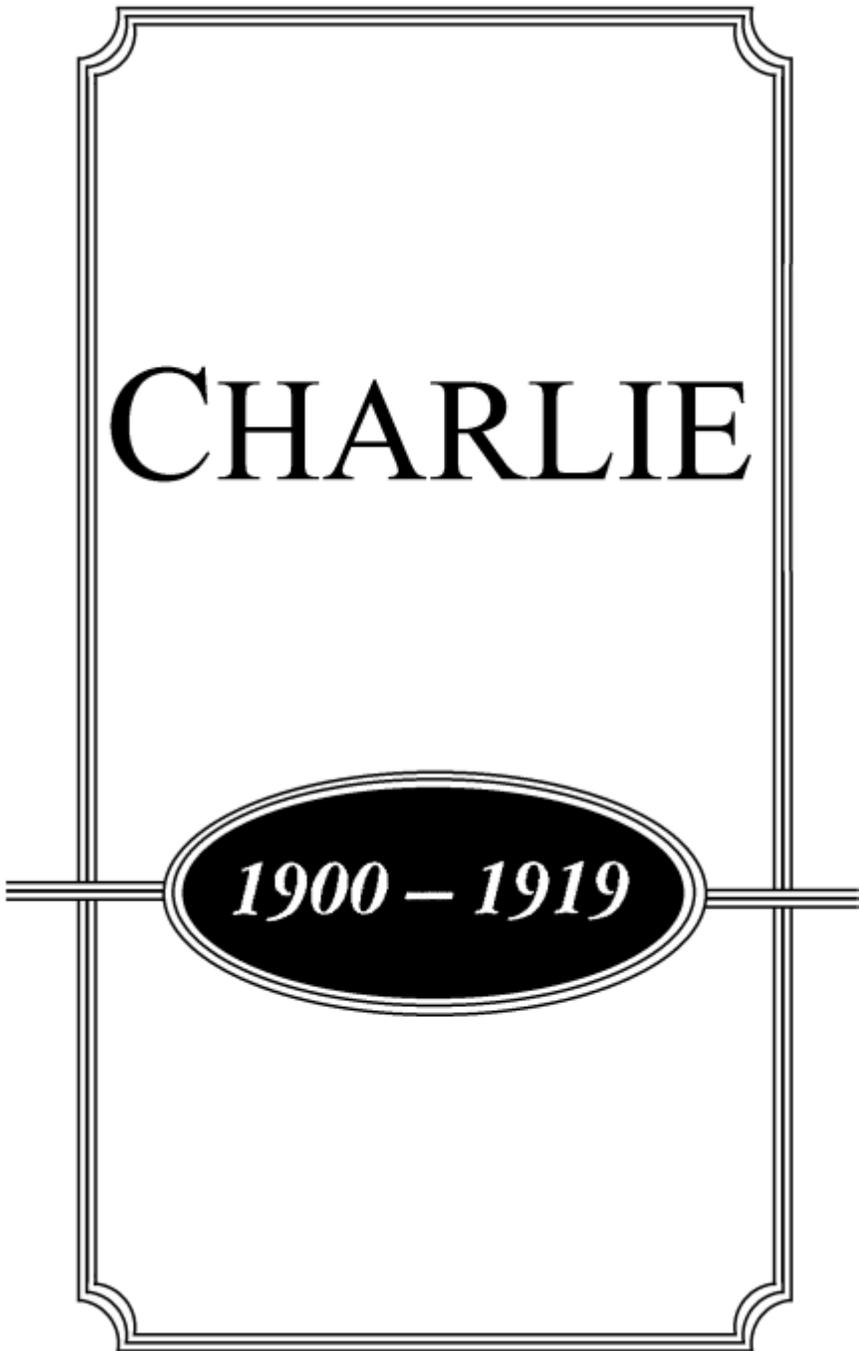
1947 – 1950

Charlie

1950 – 1964

Becky

1964 – 1970



CAPÍTULO 1

– Estas a senhora não leva por dois pence – gritava meu avô, segurando um maço de couve com ambas as mãos. – Nem um penny, nem sequer meio penny.

Não, pode levar por um quarto.

Essas são as primeiras palavras de que me lembro. Mesmo antes de ter aprendido a andar, minha irmã mais velha deixava-me num caixote de laranjas, na calçada, ao lado do carrinho de vovô, para se assegurar de que eu começaria bem cedo a minha aprendizagem.

– Está só guardando o lugar – meu avô costumava dizer aos fregueses, apontando para mim, dentro do caixote de madeira. Na realidade, a primeira palavra que eu disse foi “vovô”, a segunda *farthing*,* e já conseguia repetir, palavra por palavra, a sua lenga-lenga de vendedor quando completei três anos.

=====

Antiga moeda inglesa no valor de um quarto de *penny*. (N.T.)

=====

Não que algum membro de minha família pudesse ter a certeza do dia exato em que eu nascera, devido ao fato de o meu velho ter passado a noite na cadeia e a minha mãe ter morrido mesmo antes de eu respirar. Vovô achava que bem podia ter sido num sábado, achava que, mais provavelmente, o mês tivesse sido janeiro, tinha certeza de que o ano fora 1900 e sabia que tinha sido no reinado da rainha Vitória. Assim, decidimo-nos por sábado, 20 de janeiro de 1900.

Não cheguei a conhecer minha mãe, porque, conforme expliquei, ela morreu no dia em que nasci. “Parto”, disse o padre da nossa paróquia, mas eu só compreendi realmente o que ele queria dizer alguns anos mais tarde, quando me deparei novamente com o problema. Padre O’Malley nunca parava de me dizer que ela era a pessoa mais santa que já conhecera. Meu pai – que ninguém descreveria como um santo – trabalhava nas docas durante o dia, passava as noites no bar e vinha para casa de manhã cedo, porque era o único lugar onde podia adormecer sem ser perturbado.

O resto da minha família era composto por três irmãs – Sal, a mais velha, que tinha cinco anos e sabia quando havia nascido porque fora no meio da noite e não tinha deixado o velho dormir; Grace, que tinha três anos e não fazia ninguém perder o sono; e Kitty, a ruiva, que tinha dezoito meses e nunca parava de chorar.

O chefe da família era o meu avô Charlie, de quem herdei o nome. Ele dormia no seu próprio quarto, no andar térreo de nossa casa, na Whitechapel Road, não apenas porque era o mais velho, mas porque era quem pagava o aluguel. Todos os outros dormiam juntos, no quarto em frente. Tínhamos mais duas divisões, uma espécie de cozinha e aquilo a que a maior parte das pessoas chamaria um armário grande, mas a que Grace gostava de se referir como sala de visitas.

Havia uma fossa no jardim – sem relva – que partilhávamos com uma família irlandesa que vivia no segundo andar. Eles pareciam ter sempre que ir lá as três da manhã,

Vovô – que era vendedor ambulante – trabalhava na esquina da whitechapel Road. Quando consegui fugir do meu caixote de laranjas e meter o nariz nos outros carrinhos, descobri rapidamente que ele era considerado pelas pessoas do local o melhor comerciante do East End. Meu pai que, como já disse, era estivador, nunca pareceu interessar-se muito por qualquer de nos e, embora às vezes chegasse a ganhar uma libra por semana, o dinheiro parecia ir sempre para o Touro Negro, onde era gasto em sucessivas canecas de cerveja e perdido em jogos de cartas ou de dominó, na companhia de nosso vizinho do lado, Bert Shorrocks, um homem que parecia nunca falar; apenas grunhia.

Na verdade, se não fosse vovô eu não teria sido obrigado a frequentar a escola primária Jubilee Street, e “frequentar” era a palavra exata porque, uma vez lá, pouco mais fiz, exceto bater com a tampa da carteira e, ocasionalmente, puxar as tranças da Gorducha Gulosa, amenina que se sentava a minha frente.

Seu nome era Rebecca Salmon, e era filha de Dan Salmon, o dono da padaria na esquina da Brick Lane. A Gorducha Gulosa sabia exatamente quando e onde tinha nascido, e estava sempre me lembrando de que era quase um ano mais nova do que qualquer outro aluno da sala.

Eu ansiava que a campainha tocasse às quatro da tarde, quando a aula terminava e podia bater a minha tampa pela última vez, antes de correr o caminho todo, Whitechapel Road abaixo, para ajudar no carrinho.

Aos sábados, como agrado especial, vovô deixava-me acompanhá-lo cedo ao mercado em Covent Garden, onde ele escolhia a fruta e a hortaliça que mais tarde venderíamos no seu carrinho, em frente da loja do Sr. Salmon, e Dunkley, e loja de peixe e batatas fritas ao lado da padaria.

– Eu tinha esperança de que você crescesse mais parecido com a Rebecca Salmon – costumava ele dizer. – Aquela menina vai longe.

– Quanto mais longe melhor – dizia-lhe eu, mas ele nunca ria, só me lembrava que ela era a melhor em todas as disciplinas. –Menos em aritmética –

respondia eu com orgulho – onde eu ganho todos os pontos. – Na verdade, eu podia fazer de cabeça qualquer soma que Rebecca Salmon tinha de fazer por escrito; isso costumava deixa-la doida.

Durante todos os anos em que estive lá, meu pai nunca foi à Escola Primária de Jubilee Street, mas vovô costumava aparecer pelo menos uma vez por período, para falar com o Sr. Cartwright, meu professor. O Sr. Cartwright dizia ao meu avô que, com o meu talento para números, eu poderia ser contador ou escriturário. Uma vez ele disse que até talvez pudesse “arranjar-me um emprego na City”. O que era, de fato, uma perda de tempo, porque tudo o que eu queria era ir para perto de vovô, no carrinho.

Só aos sete anos é que descobri que o nome escrito no lado do carrinho de vovô – “CHARLIE TRUMPER, COMÉRCIO HONESTO, FUNDADO EM

1823” – era o mesmo que o meu. O nome de meu pai era George, e ele já tinha tornado claro em várias ocasiões que, quando o vovô se aposentasse, ele não tinha qualquer intenção de continuar o negócio, pois não queria deixar os seus companheiros de estiva.

Eu não podia ficar mais satisfeito com a decisão e disse ao vovô que, quando eu finalmente tomasse contado carrinho, nem sequer teríamos de mudar o nome Vovô limitou-se a resmungar e disse: – Não quero que você trabalhe no East End, meu pequeno. Você é bom demais para ser vendedor ambulante o resto de sua vida.

Entristecia-me ouvi-lo falar assim: ele não parecia compreender que era tudo o que eu queria fazer.

A escola arrastou-se mês após mês, ano após ano, com Rebecca Salmon recebendo prêmio em todas as cerimônias de fim de ano. O que tornava a reunião anual ainda pior era que tínhamos sempre que ouvi-la recitar o Salmo vigésimo terceiro, de pé, no palco, com o seu vestido branco, meias brancas e sapatos pretos.

Tinha até um laço branco no cabelo preto, comprido.

– Ela deve usar calcinhas novas todos os dias – sussurrou-me ao ouvido a pequena Kitty.

– E eu aposto como ainda é virgem – disse Sal.

Caí na gargalhada porque todos os comerciantes na Whitechapel Road riam sempre que ouviam aquela palavra, embora confesse que, naquela época, não fazia a mínima ideia do que fosse uma virgem. Vovô fez-me “chii”– e não voltou a sorrir até eu ir receber o prêmio de aritmética, uma caixa de lápis de cera que não serviam para nada. Mesmo assim, eram os lápis ou um livro.

Quando voltei para o meu lugar, o vovô bateu palmas com tanta força, que algumas mães se viraram e sorriram, o que fez o velhote ainda mais determinado a que eu frequentasse a escola até os quatorze anos. Ao completar dez anos, vovô deixava-me arrumar as mercadorias no carrinho antes de ir para a escola. As batatas na frente, as verduras no meio e as frutas moles atrás, era a sua regra de ouro.

– Nunca deixe ninguém tocar a fruta antes de pagar– costumava dizer. – É

difícil estragar uma batata, mas é ainda mais difícil vender um cacho de uvas que já foi mexido várias vezes.

Aos onze anos, eu já recebia o dinheiro dos fregueses e entregava-lhes o troco devido. Foi quando aprendi pela primeira vez o que era palmar. As vezes, depois de receber o troco, o freguês abria a palma da mão, e eu descobria que uma das moedas que eu havia entregue desaparecera repentinamente, por isso acabava por lhe dar ainda mais dinheiro. Perdi bastante do lucro semanal desse modo, até que ele me ensinou a dizer: “Dois tostões de troco, senhora Smith”, segurando depois as moedas de modo a que todos as vissem, antes de as entregar.

Aos doze anos, eu já tinha aprendido a regatear com os fornecedores em Covent Garden, mostrando um rosto impassível, e, mais tarde, a vender os mesmos produtos aos fregueses, em Whitechapel, com um sorriso de orelha a orelha.

Também descobri que vovô costumava mudar regularmente de fornecedores, “só para ninguém ganhar demasiada confiança”.

Aos treze anos, havia me tornado os seus olhos e ouvidos, uma vez que sabia o nome de todos os negociantes de fruta e hortaliça importantes em Covent Garden.

Descobria rapidamente quais os vendedores que simplesmente empilhavam boa fruta em cima da má, que negociantes tentariam esconder uma maçã tocada e que fornecedores tentariam sempre enganar no peso. Mais importante de tudo, e de novo no carrinho, descobri quais os fregueses que não pagavam as suas dívidas e, por isso, nunca lhe seria permitido ter conta no caderno.

Lembro-me de que meu peito inchou de orgulho no dia em que Smelley, que tinha uma pensão na Commercial Road, me disse que eu saía ao meu avô e que, na sua opinião, eu poderia um dia vir a ser tão bom quanto ele. Celebrei essa noite mandando vir a minha primeira caneca de cerveja e acendendo o meu primeiro Woodbine. Não cheguei ao fim de nenhum deles.

Nunca me esquecerei daquela manhã de sábado quando, pela primeira vez, vovô me deixou tomar contado carrinho sozinho. Durante cinco horas não abriu a boca uma única vez para me dar conselhos ou emitir opiniões. E, quando verificou o movimento no fim do dia, embora houvesse menos dois xelins e cinco pence do que num sábado habitual, ainda me deu a moeda de seis pence que me dava sempre no final da semana.

Eu sabia que vovô queria que eu continuasse na escola para aprender a ler e a escrever melhor, mas, na última sexta-feira do período, em dezembro de 1913, saí pelos portões da Escola Primária Jubilee Street com a benção do meu pai. Ele sempre me havia dito que a instrução era uma perda de tempo e que não via que interesse ela tinha. Eu concordava com ele, mesmo que a Gorducha Gulosa tivesse obtido uma bolsa para um lugar chamado St. Paul que, em todo caso, ficava a quilômetros de distância, em Hammersmith. E quem é que quer ir para uma escola em Hammersmith se pode viver no East End?

A Sra. Salmon, obviamente, queria que ela fosse, porque falava a todos que estivessem na fila do pão sobre a "capacidade intelectual da filha", o que quer que isso significasse.

– Esnobe empertigada – vovô costumava murmurar ao meu ouvido.
– É o tipo de pessoa que tem uma fruteira cheia em casa quando não há ninguém doente.

O mesmo que vovô pensava da Sra. Salmon, pensava eu da Gorducha Gulosa. Mas o Sr. Salmon não era má pessoa; ele também já tinha sido vendedor ambulante, mas isso foi antes de se casar com a Srta. Roach, a filha do padeiro.

Todos os sábados de manhã, quando eu estava preparando o carrinho, o Sr.

Salmon costumava ir para a sinagoga, de Whitechapel, deixando a mulher tomando conta da loja. Enquanto ele estava fora, ela nunca parava de nos lembrar, alto e em bom som, que não era judia.

A Gorducha Gulosa parecia dividida entre acompanhar o pai à sinagoga e ficar na loja, onde se sentava à janela e devorava bolos com creme assim que ele desaparecia de vista.

– Sempre um problema um casamento misto – dizia-me vovô. Só anos mais tarde é que cheguei a conclusão de que ele não estava falando sobre os bolos com creme.

No dia em que sai da escola, disse a vovô que ele agora podia ficar na cama enquanto eu ia a Covent Garden encher o carrinho, mas ele nem quis falar nisso.

Quando chegamos no mercado, ele me deixou, pela primeira vez, negociar com os fornecedores. Descobri rapidamente um que concordou em nos fornecer uma dúzia de maçãs por três *pence*, desde que garantisse a mesma encomenda todos os dias durante um mês. Como eu e vovô Charlie comíamos sempre uma maçã no café da manhã, o acordo resolvia nossas próprias necessidades e dava-me também a oportunidade de provar o que estávamos vendendo aos fregueses.

A partir desse momento, todos os dias eram sábado e, entre nós dois, conseguíamos por vezes aumentar os lucros, que chegavam a atingir os quatorze xelins por semana.

Depois disso, passei a receber um salário semanal de cinco xelins – uma verdadeira fortuna. Guardava quatro numa lata debaixo da cama de vovô, até ter poupado o meu primeiro *guinéu*. “Quem tem um *guinéu* tem segurança”, dissera-me uma vez o Sr. Salmon a portada loja, os polegares enfiados nos bolsos do colete, exibindo um relógio e uma corrente de ouro reluzentes.

A noite, depois de vovô ter vindo jantar e o meu velho ter ido para o bar, em breve me aborreci de ficar sentado em casa ouvindo o que minhas irmãs tinham feito o dia todo; por isso, entrei para o Clube de Rapazes de Whitechapel. Tênis de mesa às segundas, quartas e sextas; boxe as terças, quintas e sábados. Nunca tive muito jeito para tênis de mesa, mas tornei-me um peso leve bastante útil, chegando uma vez a representar o clube contra o Bethnal Green.

Ao contrário de meu velho, eu não gostava muito de bares, corridas de galgos ou jogos de cartas, mas continuei a apoiar o West Ham na maior parte dos sábados à tarde. Até ia de vez em quando ao West End à noite, para ver a última estrela de variedades.

Quando vovô me perguntou o que eu queria de presente quando fizesse quinze anos, respondi sem hesitar: – O meu próprio carrinho – e acrescentei que tinha poupado quase o suficiente para comprar um. Ele se limitou a rir e disse-me que o seu carrinho velho era suficientemente bom para quando chegasse a minha vez de o substituir. – Em todo caso – avisou-me – ele é aquilo a que ricos chamam um bem, e – acrescentou – nunca invista em nada novo, especialmente em tempo de guerra.

Embora o Sr. Salmon já me tivesse dito que tínhamos declarado guerra à Alemanha há quase um ano – nenhum de nós tinha ouvido falar do arquiduque Franz Ferdinand – só tivemos consciência da

gravidade da situação quando muitos jovens que trabalhavam no mercado começaram a partir para “a frente”, sendo substituídos pelos irmãos mais novos e, por vezes, mesmo pelas irmãs.

Aos sábados de manhã, havia muitas vezes mais rapazes vestidos de cáqui do que em traje civil.

Minha única outra recordação desse período era de Schultz, o fabricante de salsichas – para nós um petisco especial de sábado à noite, especialmente quando ele nos dirigia um sorriso desdentado e embrulhava uma salsicha de graça.

Ultimamente, ele parecia começar sempre o dia com uma janela partida e depois, subitamente, numa manhã, a frente da loja apareceu tapada com madeira e nunca mais voltamos a ver Schultz.

– Internação – murmurou meu avô com ar misterioso.

Ocasionalmente, meu velho se juntava a nós aos sábados de manhã, mas apenas para pegar algum dinheiro com vovô, e poder ir gastá-lo no Touro Negro com seu amigo Beit Shorrocks.

Semana após semana, vovô dava-lhe um xelim, por vezes até mesmo um florim, que ambos sabíamos ser demasiado para as suas posses. E o que realmente me aborrecia é que ele nunca bebia, nem jogava. Mas isso não impedia o meu velho de guardar dinheiro no bolso, levar a mão ao boné e pôr-se a caminho do Touro Negro.

Essa rotina prosseguia semana após semana e podia nunca se ter alterado se, num sábado de manhã, uma senhora com nariz de camelo que eu tinha visto parada na esquina, na semana anterior, com um vestido preto comprido e um guarda-sol, não se tivesse dirigido ao nosso carrinho, parado e colocado uma pena branca na lapela de meu pai.

Eu nunca o vira ficar tão furioso, muito pior do que em algumas noites de sábado, quando perdia o dinheiro todo no jogo e vinha

para casa tão embriagado que tínhamos de nos esconder debaixo da cama. Levantou o punho fechado para a senhora, mas ela nem pestanejou e até o chamou "covarde". Ele lhe gritou algumas palavras especiais que habitualmente reservava para o homem que vinha receber o aluguel. Pegou depois todas as penas, atirou-as na sarjeta e partiu desesperado na direção do Touro Negro. Além disso, não veio para casa ao meio-dia, quando Sal nos serviu um almoço de peixe com batatas fritas. Não me queixei quando saí nessa tarde para ver o West Ham, devorando a parte das batatas que lhe pertencia. Quando regressei, à noite, ele ainda não tinha voltado e, quando acordei na manhã seguinte, o seu lado da cama ainda estava feito. Quando vovô nos trouxe para casa depois da missa do meio-dia, ainda não havia qualquer sinal de papai, por isso tive uma segunda noite com a cama de casal toda só para mim.

– Provavelmente, passou outra noite na cadeia – disse vovô na segunda-feira de manhã, enquanto eu empurrava o carrinho no meio da rua, tentando evitar a merda dos cavalos das carroças de transporte público, que eram puxadas de um lado para o outro, para a City de volta, ao longe da linha metropolitana.

Quando passamos pelo nº 110, vi a Sra. Shorrocks observar-me da janela, com o seu habitual olho negro e uma quantidade de nódoas negras de diferentes tons das surras que recebia de Bert na maior parte das noites de sábado.

– Pode ir tirá-lo da cadeia por volta do meio-dia – disse vovô. – Já deve estar sóbrio.

Franzi a testa ao pensar que tinha que desembolsar meia coroa para pagar a multa, o que significava simplesmente o lucro de um dia por água abaixo.

Alguns minutos depois do meio-dia fui até o quartel. O sargento de serviço disse-me que Bert Shorrocks ainda estava na cela e iria

comparecer a tarde perante o juiz, mas não tinham posto o olho em meu pai durante todo o fim de semana.

– Pode ter certeza de que ele há de aparecer outra vez, tal qual como as moedas falsas – disse vovô com uma risada. – Mas passou-se mais de um mês até papai “aparecer” outra vez. Quando o vi, mal acreditei nos meus olhos –

estava vestido de cáqui da cabeça aos pés. Alistara-se no segundo batalhão dos Royal Fusiliers. Disse-nos que esperava ser mandado para a frente dentro das próximas semanas, mas já estaria em casa no Natal; um oficial tinha-lhe dito que os malditos hunos seriam arrasados muito antes.

Vovô balançou a cabeça e franziu atesta, mas eu estava tão orgulhoso de meu pai que, durante o resto do dia, não fiz mais nada senão me pavonear pelo mercado ao lado dele. Até mesmo a senhora que estava na esquina distribuindo penas brancas lhe fez um sinal de aprovação com a cabeça. Franzi o rosto na sua direção e prometi a papai que, se no Natal os alemães não tivessem sido eliminados, eu deixaria o mercado e alistar-me-ia para ajuda-lo a acabar o serviço. Até fui com ele ao Touro Negro nessa noite, decidido a gastar o meu salário da semana no que ele quisesse.

Mas ninguém o deixou pagar as bebidas, por isso acabei por não gastar um tostão. Na manhã seguinte, ele nos deixou para se juntar ao seu regimento, mesmo antes de eu e vovô partirmos para o mercado.

O velho nunca escreveu porque não sabia escrever, mas todo mundo no East End sabia que, se não enfiassem debaixo da porta um daqueles envelopes castanhos, o membro da família que estava longe, na guerra, ainda devia estar vivo. – De tempos em tempos, o Sr. Salmon costumava ler as notícias para mim do seu jornal matutino, mas, como nunca encontrava referências aos Royal Fusiliers, não consegui descobrir o que é que o velho andava

fazendo. Eu só rezava para que ele não estivesse num lugar chamado Ypres onde, segundo nos informava o jornal, as baixas eram pesadas.

O dia de Natal foi bastante sossegado para a família, devido ao fato de o velho não ter regressado da frente, como o oficial havia prometido. – Gal, que trabalhava num café da Commercial Road, voltou ao trabalho no dia, e Grace esteve de serviço no London Hospital no chamado feriado, enquanto Kitty andava de um lado para o outro verificando os presentes de todos antes de voltar para a cama. Kitty parecia não conseguir manter um emprego por mais de uma semana, mas, mesmo assim, andava mais bem vestida do que qualquer de nos.

Suponho que devia ser porque tinha uma série de namorados que pareciam dispostos a gastar com ela os últimos tostões, antes de voltar para a frente. Eu não conseguia imaginar o que ela lhes diria, se regressassem todos no mesmo dia.

De vez em quando, Kitty oferecia-se para trabalhar umas horas no carrinho, mas assim que gastava o lucro do dia em frutas, ela desaparecia. – Eu não a descreveria como um bem –vovô costumava dizer. Mesmo assim, eu não me queixava. Tinha dezesseis anos, nenhuma preocupação no mundo, e meu único pensamento nessa época era imaginar quando eu teria o meu próprio carrinho.

O Sr. Salmon disse-me que ouvira que os melhores carrinhos estavam à venda na Old Kent Road, devido ao fato de tantos jovens terem respondido ao apelo de Kitchener e se alistado para lutar pelo rei e pelo país. Ele tinha certeza de que não haveria melhor oportunidade para fazer o que ele chamava de um bom negócio.

Agradei ao padeiro pedi-lhe que não dissesse ao vovô o que eu ia fazer, porque queria fechar o negócio antes de ele descobrir.

Na manhã do sábado seguinte, pedi dispensa por algumas horas ao meu avô.

– Arranjou uma namorada, não foi? Porque espero que não seja para beber.

– Nem uma coisa nem outra –disse eu, sorrindo. – Mas vovô vai ser o primeiro a saber, prometo. –Levei a mão ao boné e parti em direção a Old Kent Atravessei o Tamisa na Ponte da Torre e fui mais para o sul do que alguma vez tinha ido e, quando cheguei ao mercado rival, não consegui acreditar nos meus olhos. Nunca tinha visto tantos carrinhos. Estavam colocados em fila.

Compridos curtos, largos, em todas as cores do arco-íris e alguns deles com nomes que remontavam a gerações no East End. Passei mais de uma hora verificando todos que estavam a venda, mas o único que realmente me atraiu tinha escrito nos lados em letras azuis douradas “O MAIOR CARRINHO DO

MUNDO”.

A mulher que estava vendendo o magnífico objeto disse-me que só tinha um mês e que o seu homem, que fora morto pelos hunos, tinha pago três libras por ele: ela não ia vendê-lo por menos. Expliquei-lhe que tinha apenas duas libras, mas que pagaria o resto em menos de seis meses.

– Podemos estar mortos dentro de seis meses –respondeu ela, balançando a cabeça com ar de quem já ouvira aquele tipo de história antes.

– Então dou-lhe duas libras e seis pense, mais o carrinho do meu avô disse eu sem pensar.

– Quem é o seu avô?

– Charlie Trumper – disse eu com orgulho, embora, verdade seja dita, não esperasse que ela tivesse ouvido falar dele.

– Charlie Trumper é seu avô?

– E daí? –disse eu com ar de desafio.

– Então duas libras e seis *pence* são suficientes por agora, meu rapaz –

disse ela. – E vê se me paga o resto antes do Natal.

Essa foi a primeira vez que descobri o significado da palavra “reputação”.

Entreguei-lhe todas as minhas economias e prometi que lhe daria os restantes dezenove xelins e seis *pence* antes do fim do ano.

Apertamos as mãos para firmar o negocio, segurei os cabos e comecei a empurrar o meu primeiro carrinho pela ponte, em direção à Whitechapel Road.

Quando Sal e Kitty puseram os olhos no meu tesouro, não conseguiram deixar de pular de excitação e até me ajudaram pintar num dos lados,

“CHARLIE THUMPER, COMERCIO HONESTO, FUNDADO EM 1823”.

Tinha certeza de que vovô teria orgulho de mim.

O ajuntamento em redor do carrinho do velhote parecia maior do que era habitual nos sábados de manhã, e não compreendi por que razão se fez silêncio no momento em que apareci.

– Aqui está o jovem Charlie – gritou uma voz, e vários rostos se voltaram para me olhar. Pressentindo problemas, larguei os cabos do meu carrinho novo e corri para o ajuntamento. Eles se afastaram rapidamente, abrindo caminho para mim.

Quando cheguei à frente, a primeira coisa que vi foi vovô deitado na calçada, com uma caixa de maçãs sob a cabeça e o rosto branco como um lençol.

Corri para o seu lado e cal de joelhos.

– Vovô, sou eu, Charlie, estou aqui – gritei. – Que quer que eu faça? Diga-me o que é, que eu faço.

Suas pálpebras cansadas pestanejaram lentamente.

– Ouve-me com atenção, meu rapaz. O carrinho agora é seu, por isso nunca o deixe, nem o ponto, longe da vista durante mais de algumas horas.

– Mas o carrinho e o ponto são seus, vovô. Como é que vai trabalhar sem carrinho e sem ponto? – perguntei. Mas ele já não ouvia.

Até aquele momento, nunca tinha tido consciência de que alguém pudesse morrer.

CAPÍTULO 2

O funeral do avô Charlie realizou-se numa manhã sem nuvens no princípio de fevereiro, na Igreja de St. Mary e St. Michael na Jubilee Strem. Quando o coro ocupou seus lugares, só havia lugares de pé e até o Sr. Salmon, vestindo um casaco preto comprido e chapéu preto de aba larga, estava entre os que se amontoavam lá atrás.

Quando Charlie empurrou o carrinho novo em folha para o ponto do avô na manhã seguinte, o Sr. Dunkley saiu da sua loja de peixe e batatas fritas para admirar a nova aquisição.

– Cabe quase o dobro do que no carrinho velho do meu avô – disse Charlie

– Além disso, só fiquei devendo dezenove xelins e seis pence. – Mas ao fim de uma semana, Charlie descobriu que o seu carrinho ainda estava quase cheio de produtos passados que ninguém queria. Até mesmo Sal e Kitty torceram o nariz quando ele lhe ofereceu algumas delicias, como bananas negras e pêssegos machucados. Foram

necessárias várias semanas para que o novo vendedor fosse capaz de calcular aproximadamente as quantidades de que precisava todas as manhãs para satisfazer as necessidades dos fregueses e ainda mais tempo para ter a noção de que essas necessidades variavam de dia para dia.

Foi no sábado de manhã que Charlie, no caminho de volta, depois de ter ido buscar suas frutas frescas no mercado ouviu um grito rouco

, .

– tropas britânicas rechaçadas no *Somme* – gritava o rapaz que estava na esquina de Covent Garden, agitando um Jornal por cima da cabeça.

Charlie trocou meio *penny* pelo *Daily Chronicle*, depois sentou-se na calçada e começou a ler, escolhendo as palavras que reconhecia.

Soube da morte de milhares de soldados britânicos que tinham estado envolvidos numa operação conjunta com os franceses contra o exército do kaiser Guilherme. O infeliz reencontro tinha terminado em desastre. O general Haig havia predito um avanço de quatrocentos metros por dia, mas esse tinha terminado em retirada. O grito de “Estaremos todos de volta a casa antes do Natal” parecia agora uma afirmação sem sentido.

Charlie atirou o jornal na sarjeta. Além de algum mataria o seu pai, disse tinha ele a certeza, embora ultimamente tivesse começado a sentir-se culpado do seu próprio esforço de guerra, desde que Grace se havia alistado para ir temporariamente para as tendas que serviam de hospital, a menos de um quilômetro da linha de frente.

Embora Grace escrevesse a Charlie todos os meses, não lhe era possível dar quaisquer notícias sobre o paradeiro do pai. “Aqui há meio milhão de soldados”, explicou ela, “e os homens enregelados, encharcados e cheios de frio parecem-se todos uns com os outros”

Sal continuava a trabalhar como atendente de mesa na *Commercial Road* e passava todo o seu tempo livre à procura de um marido, enquanto Kitty não tinha qualquer problema em encontrar um sem-número de homens ansiosos por lhe satisfazer todas as necessidades. De fato, Kitty era a única das três que tinha tempo livre suficiente durante o dia para o ajudar no carrinho, mas como nunca se levantava antes do nascer do sol e saía muito antes de ele se pôr, ela continuava a não ser aquilo a que o avô chamaria um bem.

Passaram-se semanas até Charlie deixar de virar a cabeça para perguntar

“Quantos, vovô?” “Quanto, vovô?” “Podemos dar crédito a senhora *Ruggles*, vovô?”. E, só depois de ter pago o último *penny* da sua dívida pelo carrinho novo e ter ficado praticamente sem dinheiro nenhum, é que ele começou a compreender como o velhote devia ter sido um bom vendedor ambulante.

Durante as primeiras semanas, ganharam, todos juntos, apenas uns pence por semana, e Sal ficou convencida de que iriam todos parar no asilo se continuassem a não ter dinheiro para pagar o aluguel. Ela implorou a Charlie que vendesse o carinho velho do avô para arranjar outra libra, mas a resposta de Charlie era sempre a mesma “Nunca!”, antes de acrescentar que preferia morrer de fome e deixar a relíquia apodrecer no quintal a consentir que outra mão o empurrasse e levasse.

No outono de 1916, o negócio começou a melhorar, e o maior carrinho do mundo até deu lucro suficiente para permitir que Sal comprasse um vestido de segunda mão, Kitty um par de sapatos e Charlie um terno de terceira mão.

Embora ainda fosse magro – agora um peso-mosca – e não muito alto, Charlie, quando fez dezesseis anos, começou a reparar que as senhoras na esquina da *Whitechapel Road*, que ainda andavam

pondo penas brancas em todos que estivessem vestidos à paisana e que parecessem ter entre dezoito a quarenta anos, começavam a olhar para ele como abutres impacientes.

Charlie não tinha medo dos alemães, mas ainda alimentava a esperança de que a guerra terminasse em breve e que o pai regressasse a Whitechapel e sua rotina de trabalhar nas docas durante o dia e beber no Touro Negro à noite, Mas, sem canas e com poucas notícias no jornal, nem mesmo o Sr. Salmon lhe podia dizer o que realmente se passava na frente.

A medida que os meses corriam, Charlie ia conhecendo cada vez melhor as necessidades dos fregueses, e esses por seu lado descobriam que ficavam mais bem servidos no seu carrinho do que em muitos dos seus concorrentes. Até mesmo Charlie achou que as coisas estavam melhorando quando o rosto.

Sorridente da Sra. Smelley apareceu para comprar mais batatas para a sua pensão numa manhã do que ele normalmente venderia a um freguês qualquer, durante um mês.

– Sabe, Sra. Smelley eu posso entregar a sua encomenda – disse ele tirando o boné – diretamente na sua pensão todas as segundas-feiras de manhã.

– Não, obrigada, Charlie – respondeu ela. – Eu gosto sempre de ver o que compro.

– De uma oportunidade de provar que sou capaz, Sra. Smelley, e não terá de sair e casa, com sol e chuva, quando descobrir que tem mais reservas do que contava.

Ela o olhou diretamente.

– Bem, vou experimentar durante umas semanas – disse ela – Mas se me decepcionar, Charlie Trumper...

– Está combinado – disse Charlie com um sorriso e, a partir desse dia, a Sra. Smelley nunca mais foi vista no mercado comprando fruta ou hortaliça.

Charlie decidiu que, depois do seu êxito inicial, devia alargar o serviço de entregas a outros fregueses no East End. Talvez assim, pensou ele, pudesse mesmo duplicar o seu rendimento. Na manhã seguinte, tirou o carrinho do avô do quintal, limpou as teias de aranha, deu-lhe uma pintura e pôs Kitty de casa em casa recebendo encomendas, enquanto ele permanecia no seu ponto em Whitechapel. Em poucos dias, Charlie perdeu todos os lucros que tinha feito no último ano e, de repente, encontrou-se novamente na estaca zero. Kitty, chegou-se a conclusão, não tinha cabeça para números e, pior ainda, acreditava em todas as histórias que lhe contavam, acabando muitas vezes por oferecer os alimentos. No fim do mês, Charlie estava quase falido e sem poder pagar o aluguel.

– Então, o que aprendeu com um passo tão ousado? – perguntou Dan Salmon à porta da sua loja, com o boné na cabeça, os polegares enfiados no bolso do colete preto, que exibia com orgulho o seu relógio.

– Pensar duas vezes antes de dar emprego a membros da família e nunca pressupor que todos pagam as suas dívidas.

– Ótimo – disse o Sr. Salmon. – Você aprende depressa. Portanto, de quanto precisa para pagar o aluguel e se governar durante o próximo mês?

– Aonde e que quer chegar? – perguntou Charlie.

– Quanto? – repetiu o Sr. Salmon.

– Cinco libras – disse Charlie, baixando a cabeça.

Na sexta-feira à noite, depois de ter fechado a persiana, Dan Salmon entregou seis libras a Charlie, juntamente com alguns matzos. *

– Pague quando puder, garoto, e nunca diga à patroa, senão estamos os dois fritos.

Charlie pegou o empréstimo à razão de cinco xelins por semana, e vinte semanas depois tinha devolvido a quantia total. Lembrar-se-ia sempre da entrega do último pagamento, porque foi no mesmo dia do primeiro grande bombardeio aéreo de Londres e ele passou a maior parte da noite escondido debaixo da cama do pai, com Sal e Kitty agarradas a ele.

Na manhã seguinte, Charlie leu um relato do bombardeio no *Daily Chronicle* e soube que mais de cem habitantes de Londres tinham sido mortos e havia quatrocentos feridos.

Trincou uma maçã antes de entregar a encomenda semanal da Sra. Smelley e voltou para o seu ponto na Whitechapel Road. Segunda-feira era um dia de movimento, com todo mundo fazendo compras depois do fim de semana, e estava exausto quando voltou ao nº. 112 para jantar. Charlie espetava o garfo no seu terço da porção de porco quando ouviu baterem à porta.

– Quem será? – perguntou Kitty, enquanto Sal servia urna segunda batata a Charlie.

– Só há uma maneira de descobrir, garota – disse Charlie sem se mexer.

Kitty levantou-se da mesa, contrafeita, voltando um momento mais tarde com o nariz empinado. – É aquela Becky Salmon. Diz que deseja conversar com você.

– Então, é melhor mandar a Srta. Salmon entrar para a sala de visitas –

disse Charlie com um sorriso.

Kitty saiu novamente enquanto Charlie se levantava da mesa da cozinha, levando o resto do porco na mão. Dirigiu-se a outra divisão, que não chegava a ser um cômodo. Sentou-se numa velha cadeira de couro e continuou a mastigar enquanto esperava. Um momento depois, a Gorducha Gulosa chegou em ponto de marcha ao meio da sala e ficou de pé na frente dele. Ela não falou. Ele ficou um tanto surpreso com o tamanho de Rebecca. Embora fosse uns seis ou sete centímetros mais baixa do que Charlie, devia pesar pelo menos mais sete quilos do que ele, um verdadeiro peso-pesado. Era óbvio que ela não tinha deixado de se empanturrar com os bolos de creme da padaria Salmon. Charlie observou sua blusa branca brilhante e saia de pregas azul-escuro. Seu elegante blazer azul tinha uma águia dourada rodeada por palavras que ele nunca tinha visto. Uma fita vermelha prendia desajeitadamente o cabelo escuro curto, e Charlie reparou que os seus pequenos sapatos pretos e meias brancas estavam impecavelmente limpos, como sempre.

Ele a teria convidado a sentar-se, mas, como ele próprio ocupava a única cadeira da sala, não pode fazê-lo. Disse a Kitty que os deixasse a sós. Ela olhou Charlie com ar de desafio durante um momento, mas depois saiu sem dizer mais uma palavra.

– Então, o que quer? – perguntou Charlie logo que ouviu a porta fechar-se.

Rebecca Salmon começou a tremer, enquanto tentava fazer com que as palavras saíssem.

– Vim falar com você por causa do que aconteceu aos meus pais. –

Pronunciou cada uma das palavras lenta e cuidadosamente, e notou Charlie com desprezo, sem qualquer vestígio do sotaque do East End.

– Mas o que aconteceu a seus pais? – perguntou Charlie com aspereza, esperando que ela não reparasse que ele havia mudado recentemente de voz.

Becky desatou a chorar. A única reação de Charlie foi olhar para fora da janela, porque não sabia bem o que fazer.

Becky ainda tremia quando voltou a falar:

– Papai foi morto no ataque aéreo a noite passada, e mamãe foi para o London Hospital. – Parou abruptamente, sem dar mais explicações.

Charlie saltou da cadeira.

– Ninguém me disse – retrucou ele, começando a andar de um lado para o outro da sala.

– Ninguém poderia ter dito a você porque ninguém sabe – disse Becky. –

Ainda não disse sequer aos empregados da loja. Eles pensam que papai está doente

– Quer que eu lhe diga? – perguntou Charlie. – Foi por isso que me procurou?

– Não – disse ela, erguendo lentamente a cabeça e fazendo uma pausa –

Quero que tome conta da loja.

Charlie ficou tão espantado com essa sugestão que, embora tivesse parado de andar de um lado para o outro, não fez qualquer tentativa de responder.

– Meu pai costumava dizer que você não demoraria muito a ter a sua própria loja, por isso eu pensei...

– Mas eu não sei nada sobre fazer pão – balbuciou Charlie, sentando-se de novo na cadeira.

– Os dois ajudantes do papai sabem tudo o que é preciso saber sobre a profissão e desconfio que você, dentro de alguns meses, saberá mais do que eles. A loja necessita neste preciso momento de um vendedor. Meu pai sempre achou que você era tão bom quanto seu avô Charlie, e todo mundo sabe que ele era o melhor.

– E o meu carrinho?

– Ele fica a poucos metros da loja, você pode tomar conta de ambos. –

Hesitou antes de acrescentar. – Ao contrário do serviço de entregas.

– Sabe disso?

– Sei até que você tentou pagar os últimos cinco xelins no sábado, antes de meu pai ir para a sinagoga. Nós não tínhamos segredos.

– Então, como funcionaria? – perguntou Charlie, começando a sentir que ela estava sempre um pouco à frente dele.

– Você toma conta do carinho e da loja, e seremos sócios em partes iguais.

– E o que você faz para a sua parte?

– Eu verifico os livros todos os meses e me certifico de pagar os impostos a tempo e não infringir quaisquer leis municipais.

– Eu nunca paguei impostos antes – disse Charlie – e quem é que quer saber da municipalidade e das suas leis imbecis?

Os olhos escuros de Becky fixaram-se nele pela primeira vez.

– As pessoas que esperam um dia vir a ter um negócio sério, Charlie Trumper.

– Partes iguais não me parece muito justo – disse Charlie, tentando ainda levar a melhor.

– A minha loja vale bastante mais do que o seu carrinho e dá muito mais lucro.

– Dava, antes de seu pai morrer – disse Charlie, arrependendo-se das palavras assim que as pronunciou.

Becky inclinou novamente a cabeça.

– Vamos ser sócios ou não? – murmurou ela.

– Sessenta - quarenta – disse Charlie.

Ela hesitou durante um momento, depois estendeu o braço de repente.

Charlie levantou-se da cadeira e apertou a mão dela com vigor, para confirmar o fechamento de seu primeiro negócio.

Depois do funeral de Dan Salmon, Charlie tentava ler o Daily Chronicle todas as manhãs, na esperança de descobrir o que estaria fazendo o segundo batalhão, os Royal Fusiliers, e onde o pai poderia estar. Ele sabia que o regimento estava lutando em algum lugar da França, mas a sua localização exata nunca vinha no jornal, por isso Charlie ficava na mesma.

O jornal diário começou a ter uma dupla fascinação para Charlie, quando se deu conta dos anúncios que apareciam em quase todas as páginas. Ele não conseguia acreditar que os ricos de West End pagassem de bom grado muito dinheiro por coisas que lhe pareciam ser meros artigos de luxo supérfluos. No entanto, isso não impedia que Charlie quisesse provar Coca-Cola, a última bebida vinda da América que custava um penny a garrafa; ou experimentar o último aparelho de barbear da Gillette – apesar de nem sequer ter começado a fazer a barba – a seis pence o cabo e dois *pence* seis

lâminas; ele tinha a certeza de que o pai, que sempre tinha utilizado navalha, consideraria a ideia efeminada. E uma cinta de mulher a dois *guinéus* parecia a Charlie bastante ridícula. Nem Sal nem Kitty alguma vez precisariam de uma dessas – embora a Gorducha Gulosa talvez viesse a precisar em breve se continuasse pelo mesmo caminho. Charlie ficou tão intrigado por essas aparentemente infinitas oportunidades de venda, que começou a frequentar o West End no domingo de manhã, para ver com os seus próprios olhos. Indo num veículo puxado a cavalo até Chelsea, caminhava depois lentamente a pé para leste até Mayfair, estudando todos os artigos expostos nas vitrines. Também reparava em como as pessoas se vestiam e admirava os automóveis que arrotavam gases, mas não deixavam cair merda quando seguiam no meio da rua. Começou mesmo a se perguntar quanto custaria alugar uma loja em *Chelsea*.

No primeiro domingo de outubro de 1917, Charlie levou Sal ao West End –

para lhe mostrar a vista, explicou ele.

Charlie e a irmã andaram vagorosamente de vitrine em vitrine e ele não conseguia esconder a sua excitação cada artigo novo que descobria. Roupa de homem, chapéus, sapatos, vestidos, perfumes, roupa íntima, até mesmo bolos e docinhos prendiam sua atenção, durante minutos infinitos.

– Pelo amor de Deus, vamos embora para Whitechapel, que é o nosso lugar

– disse Sal. – Acho que eu nunca conseguiria me sentir à vontade aqui.

– Será que você não entende – disse Charlie – que um dia terei uma loja em Chelsea?

– Não diga tolice – retrucou Sal. – Nem mesmo Dan Salmon tinha dinheiro para isso.

Charlie não se deu ao trabalho de responder.

Quanto ao tempo que Charlie levaria para dominar a profissão de padeiro, a opinião de Becky foi exata. Dentro de um mês, ele sabia quase tanto sobre, temperaturas de forno, controles, levedura do fermento e a mistura correta de farinha e água, quanto qualquer dos dois empregados e, como os fregueses eram os mesmos que os de seu carrinho, as vendas de ambos baixaram apenas ligeiramente durante os primeiros três meses.

Becky cumpriu sua palavra, mantendo as contas, como ela dizia, “em perfeita ordem”, iniciando mesmo um conjunto de livros de contabilidade para o carrinho de Trumper. No final dos primeiros três meses como sócios, verificaram ter um lucro de quatro libras e onze xelins, apesar de terem instalado um fogão a gás na padaria Salmon e terem permitido que Charlie comprasse o seu primeiro temo, de segunda mão.

Sal continuava a trabalhar servindo mesas num café na Commercial Road, mas Charlie sabia que estava ansiosa por encontrar alguém disposto a casar com ela – qualquer que fosse a sua forma física – “desde que eu possa dormir no meu próprio quarto”, explicava ela.

Grace nunca deixava de enviar uma carta no primeiro dia do mês e conseguia dar-lhe um tom alegre, apesar de estar cercada pela morte. “Tal e qual a mãe”, dizia o padre O’Malley aos seus paroquianos. Kitty continuavam entrar e sair quando queria, pedindo dinheiro emprestado tanto às irmãs como a Charlie, e sem nunca pagar. “Tal e qual o pai”, dizia o padre aos mesmos paroquianos.

– Gosto do seu temo novo – disse a Sra. Smelley, quando Charlie entregou a encomenda semanal nessa segunda-feira a tarde. Ele corou, tirou o boné, fingiu não ouvir o elogio e saiu correndo para a padaria.

O segundo trimestre prometia dar mais lucro em ambos os negócios de Charlie, e ele avisou a Becky que estava de olho no açougue,

uma vez que o filho único do dono tinha perdido a vida em Passchendaele. Becky advertiu-o de que devia ter cautela e não se meter correndo em outro negócio sem saber quais eram as margens de lucro e se os dois empregados, já de certa idade, entendiam muito bem de seu riscado.

– Porque uma coisa é certa, Charlie Trumper – disse-lhe ela quando estavam sentados no pequeno escritório no fundo da loja Salmon, verificando as contas do mês – você não sabe nada sobre o ofício de açougueiro. “Trumper, o comerciante honesto, fundado em 1823” ainda me atrai – acrescentou ela. – ‘

“Trumper, o tolo na bancarrota, falido em 1917” não me agrada.

Becky também elogiou o termo novo, mas não antes de ter acabado de verificar uma longa coluna de números. Ele estava prestes a retribuir o elogio, sugerindo que ela poderia perder um pouco de peso, quando ela esticou o braço e se serviu de outro doce.

Percorreu a folha de balanço mensal com um dedo melado de creme.

Depois verificou os números pelo extrato manuscrito do banco. Um lucro de oito libras e quatorze xelins, escreveu claramente com tinta preta, grossa, na última linha.

– Nesse ritmo, estaremos milionários quando eu tiver quarenta anos – disse Charlie com um sorriso.

– Quarenta, Charlie Trumper? – repetiu Becky desdenhosamente. – Você não está com muita pressa, não é? – Simplesmente, que eu tinha esperança de que você conseguisse isso muito antes.

Charlie deu uma gargalhada para disfarçar o fato de não ter muita certeza se ela estaria brincando ou não. Quando se certificou de que a tinta estava seca, Becky fechou os livros e colocou-os novamente no saco, enquanto Charlie se preparava para fechar a padaria.

Quando saíram para a calçada, Charlie deu boa-noite à sócia com cerimônia exagerada. Depois, rodou a chave na fechadura antes de iniciar a ida para casa. Assobiou desafinando Lambeth Walk para passar o pouco que restava do dia em direção ao som que se punha. Será que poderia, de fato, fazer um milhão antes dos quarenta ou Becky estava brincando com ele?

Quando chegou à casa de Bert Shorrocks, Charlie parou subitamente. A porta do 112, vestido com uma comprida batina preta, chapéu preto e com uma Bíblia preta na mão, estava o padre O'Malley.

CAPÍTULO 3

Charlie estava sentado no vagão de um trem com destino a Edimburgo e pensava em seus atos durante os últimos quatro dias. Becky tinha considerado sua decisão desastrosa. Sal a classificara simplesmente de tola. A Sra. Smelley achava que ele não devia ir antes de ser chamado, enquanto Grace ainda estava cuidando dos feridos na Frente Ocidental, por isso nem sabia o que ele tinha feito. Quanto a Kitty, simplesmente ficara amuada e perguntara como iria sobreviver sem ele.

O soldado George Trumper tinha sido morto em 2 de novembro de 1917

em Passchedaele, informara a carta: corajosamente, numa investida contra as linhas inimigas em Polygon Wood. Mais de mil homens tinham morrido nesse dia, no ataque a uma linha de frente de dezesseis quilômetros; por isso, não era de admirar que a carta do tenente fosse curta e direta.

Após uma noite sem dormir, Charlie foi a primeira pessoa vista na manhã seguinte à porta do gabinete de recrutamento no Great Scotland Yard. O cartaz na parede convocava voluntários entre dezoito e quarenta anos para que se alistassem no "Exército do General Haig" Embora ainda não tivesse dezoito anos, Charlie rezava

para que não o rejeitassem. Quando o sargento do recrutamento vociferou “Nome?”, Charlie estufou o peito e quase gritou

“Trumper” . Esperou ansiosamente.

– Data de nascimento? ; disse o homem com três divisas no braço.

– Vinte de janeiro de 1899 – respondeu Charlie sem hesitar, mas seu rosto corou quando pronunciou as palavras.

O sargento de serviço de recrutamento olhou para ele e piscou o olho. As letras e os números foram escritos num impresso amarelo sem qualquer comentário.

– Tire o boné, rapaz, e se apresente ao médico.

Uma enfermeira conduziu Charlie a um cubículo onde um homem de idade, de bata branca comprida, o mandou despir-se da cintura para cima, tossir, pôr a língua para fora e inspirar profundamente antes de lhe tocar todo o corpo com um objeto frio de borracha: Em seguida, olhou atentamente as orelhas e os olhos de Charlie, antes de lhe bater na rótula com um objeto de borracha. Depois de despir as calças e as cuecas – pela primeira vez na frente de alguém que não era membro de sua família – disse-lhe que não sofria de doenças transmissíveis, o que quer que fosse isso, pensou Charlie.

Olhou-se ao espelho enquanto o mediam.

– Um metro e setenta e cinco e meio – disse o ordenança.

E ainda em crescimento, Charlie teve vontade de acrescentar, enquanto afastava o cabelo escuro dos olhos.

– Dentes em bom estado, olhos castanhos – disse o médico idoso. – Nada errado com você – acrescentou. O velho fez uma série de riscos no lado direito do impresso amarelo antes de dizer a Charlie que se dirigisse novamente ao sargento.

Charlie aguardou na fila até ficar outra vez cara a cara com o oficial.

– Pronto, rapaz, assine aqui, e nós emitimos uma ordem de marcha para você.

Charlie rabiscou a sua assinatura no local apontado pelo dedo do sargento e não pôde deixar de notar que o homem não tinha um polegar.

– O Regimento de Artilharia ou os Royal Fusiliers? – perguntou o sargento.

– Os Royal Fusiliers. Era o regimento do meu velho – respondeu ele.

– Certo, Royal Fusiliers – disse o sargento sem hesitar, fazendo um risco em outro quadrado.

– Onde pego o uniforme?

– Só quando chegar a Edimburgo, rapaz. Apresente-se em King's Cross às oito horas amanhã. O próximo.

Charlie regressou ao nº 112 da Whitechapel Road e passou outra noite sem dormir. Seus pensamentos iam de Sal para Grace e depois para Kitty; como duas dc suas irmãs sobreviveriam na sua ausência? Também começou a pensar em Rebecca Salmon e na sua sociedade, mas seus pensamentos acabavam voltando sempre para a sepultura do pai, num campo de batalha estrangeira, e na vingança que tencionava infligir a qualquer alemão que se atrevesse cruzar o seu caminho. Esses sentimentos permaneceram com ele ate a luz da manhã penetrar o quarto brilhante, através das janelas. Charlie vestiu o terno novo, o que a Sra. Smelley tinha elogiado, a sua melhor camisa, a gravata do pai, um boné achatado e os seus únicos sapatos de couro.

– Estou indo lutar contra os alemães e não a um casamento – disse em voz alta quando se viu ao espelho rachado sobre a pia. Já tinha

escrito um bilhete a Becky, com uma pequena ajuda do padre O'Malley, dando-lhes instruções para que, se pudesse, vendesse a loja juntamente com os dois carrinhos e para que guardasse a sua parte do dinheiro até ele regressar de Whitechapel. Já não se falava mais sobre o Natal.

– E se você não regressar? – tinha perguntado o padre O'Malley, com a cabeça ligeiramente inclinada. – O que vai acontecer com seus bens?

– Divida tudo o que houver pelas minhas três irmãs, em partes iguais –

disse Charlie.

O padre O'Malley anotou as instruções do seu antigo aluno e, pela segunda vez em dois dias, Charlie assinou o nome num documento oficial.

Depois de ter acabado de se vestir, Charlie encontrou Sal e Kitty à sua espera junto da porta de entrada, mas ele se recusou a permitir que o acompanhassem à estação, apesar dos seus protestos chorosos. As duas irmãs beijaram-no – também pela primeira vez – e tiveram de arrancar a mão de Kitty da dele, para Charlie poder pegar o embrulho de papel pardo que continha todos os seus bens materiais.

Sozinho, foi até o mercado e entrou na padaria pela última vez. Os dois empregados juraram que nada mudaria até ele voltar. Ao sair da loja viu que outro rapaz, que parecia um ano mais novo do que ele, estava vendendo castanhas no seu ponto habitual. Atravessou lentamente o mercado em direção a King's Cross, sem olhar para trás uma única vez.

Chegou à grande estação do Norte meia hora mais cedo do que lhe tinha sido dito e apresentou-se imediatamente ao sargento que o havia alistado no dia anterior.

– Certo, Trumper, tome uma xícara de chá e depois espere na plataforma três. – Charlie já não se lembrava da última vez que havia recebido uma ordem, quanto mais obedecido. Certamente, desde a morte do avô.

A plataforma três já estava cheia de homens fardados e em traje civil, alguns falando ruidosamente, outros sós e silenciosos, cada um manifestando do seu jeito a insegurança de todos.

Às onze, três horas depois do prazo indicado para se apresentar, foram-lhes finalmente dadas instruções para que entrassem num trem. Charlie arranjou um lugar no canto de um vagão sem luz e olhou pela janela suja para uma paisagem inglesa que nunca vira antes. No corredor, alguém tocava uma gaita de boca todas às melodias populares da época, ligeiramente desafinada.

Quando passavam por estações de cidades, de algumas das quais ele nem sequer tinha ouvido falar – Peterborough, Grantham, Newark, York – as multidões acenavam e aplaudiam os seus heróis. Em Durham, a máquina parou para receber mais carvão e água. O sargento do serviço de recrutamento disselhes que desembarcassem, esticassem as pernas e tomassem outro chá, acrescentando que, se tivessem sorte, talvez arranjassem qualquer coisa para comer.

Charlie passeou ao longo da plataforma, mastigando um chiclete ao som de uma banda militar que tocava Land of Hope and Glory. A guerra estava espalhada por todo lado. Quando regressaram ao trem houve ainda mais acenar de lenços por senhoras de chapéu que ficariam solteiras o resto da vida.

O trem continuou viagem em direção ao norte, cada vez mais longe do inimigo, até finalmente parar na Estação Waverly, em Edimburgo. Quando saíram do vagão, um capitão, três subalternos e uma multidão de mulheres estavam à sua espera na plataforma, para dar boas-vindas.

Charlie ouviu as palavras “Continue, primeiro-sargento”, e, um minuto depois, um homem que devia ter um metro e noventa de altura e cujo peito, que parecia um barril de cerveja, estava coberto de fitas e medalhas, deu um passo em frente.

– Vamos lá, todos em fila – gritou o gigante com sotaque ininteligível.

Rápida, mas Charlie soube depois, lentamente pelos seus próprios padrões, ele organizou os homens em filas de três antes de voltar para junto de alguém que Charlie supôs ser um oficial. Fez continência ao homem. – Todos presentes e corretos, meu capitão – disse ele, e o homem mais elegantemente vestido que Charlie já vira em sua vida retribuiu a continência. Parecia pequeno ao lado do sargento-mor, embora devesse ter um pouco mais de um metro e oitenta. Seu uniforme era imaculado, mas não exibia medalhas, e as calças estavam bem vincadas, que Charlie perguntou a si próprio se já teriam sido usadas antes. O

jovem oficial tinha uma pequena bengala de couro numa das mãos enluvadas e batia ocasionalmente no lado da perna com ela, como se estivesse montado a cavalo. Os olhos de Charlie fixaram-se no cinto Sam Brovme e nos sapatos de couro do oficial. Brilhavam tanto, que o fizeram lembrar Rebecca Salmon.

– Eu sou o capitão Trentham. – O homem informou ao grupo ansioso de guerreiros inexperientes, com um sotaque que Charlie desconfiou soar melhor em Mayfair do que numa estação de estrada de ferro na Escócia. – Sou o adjunto do batalhão – continuou a explicar, enquanto se balançava, mudando o pé de apoio – e serei responsável por este grupo enquanto estiver em Edimburgo. Em primeiro lugar, vamos marchar para a caserna, onde lhe será entregue o material de pernoite. O jantar será realizado às dezoito horas, e as luzes serão apagadas às vinte e uma horas. Amanhã, o despertar será às cinco, hora em que vão se levantar e tomar o café da manhã, antes de começar o treino básico, as seis. Essa será a

rotina durante doze semanas. E posso garantir-lhes que serão doze semanas de absoluto inferno – acrescentou ele, dando a impressão de que a ideia não lhe desagradava completamente. – Durante esse período, o sargento-mor Philpott será o oficial encarregado da unidade. O

sargento-mor lutou no Somme, onde recebeu a Medalha Militar, por isso ele sabe exatamente o que poderão esperar quando forem para a França e tiverem de enfrentar o inimigo. Escutem atentamente todas as suas palavras, porque podem ser a única coisa que lhes salvará a vida. Continue, sargento-mor.

– Obrigado, meu capitão – disse o sargento-mor Philpott, rapidamente, em voz aguda.

O grupo heterogêneo olhou com admiração para a figura que dirigiria as suas vidas durante os próximos três meses. Ele era, afinal de contas, um homem que tinha visto o inimigo e regressara para contar a história.

– Bem, vamos começar, então – disse ele, e começou a conduzir os seus recrutas, que transportavam tudo, desde malas velhas a embrulhos de papel pardo, apressadamente, ao longo das ruas de Edimburgo, para que os habitantes locais não percebessem o quanto esse grupo era indisciplinado. Apesar da sua aparência de amadores, os transeuntes ainda paravam para aplaudir e bater palmas. Pelo canto do olho, Charlie não conseguiu deixar de reparar que um deles apoiava a mão na única pern. Uns vinte minutos depois, após subir a colina mais alta que Charlie jamais vira e que literalmente lhe tirou a respiração, eles entraram no quartel do castelo de Edimburgo.

Nessa noite, Charlie mal abriu a boca enquanto escutava os diferentes sotaques dos homens que falavam à sua volta, depois de um jantar de sopa de ervilhas.

– Uma ervilha para cada um – gracejou o cabo de serviço – e carne enlatada; vocês estão aquartelados. – Estava aprendendo palavras

novas minuto a minuto, num amplo ginásio que acolhia temporariamente quatrocentas camas, com apenas meio metro de largura e apouco menos de vinte e cinco centímetros umas das outras. Foi a primeira vez que Charlie pensou que o 112 da Whitechapel Road poderia ser considerado luxuoso. Exausto, deixou-se cair na cama por fazer, adormeceu, mas ainda acordou, na manhã seguinte, às quatro e meia. Dessa vez, porém, não havia mercado para fazer, e, certamente, não tinha de escolher se queria uma maçã Cox ou Luna Granny Smith como café da manhã.

Às cinco, o som solitário de um clarim tirou os companheiros do sono entorpecedor. Charlie já estava de pé, lavado e vestido, quando um homem com duas divisas na manga marchou pelo quarto adentro. Bateu com a porta atrás de si e gritou: “De pé, de pé, de pé”, dando um pontapé nas camas em que ainda houvesse um corpo esticado. Os recrutas levantaram-se de um salto e formaram fila para se lavar em bacias mal cheias de água gelada, mudada apenas de três em três homens. Alguns foram até as privadas atrás do ginásio, que, Charlie pensou, cheiravam pior do que o Centro da Whitechapel Road num dia escaldante de verão.

O café da manhã consistiu numa concha de mingau, meia xícara de leite e um biscoito seco, mas ninguém se queixou. A alegre algazarra que emanava daquela sala não deixaria dúvidas a qualquer alemão de que esses recrutas estavam unidos contra um inimigo comum.

As seis, depois das camas terem sido feitas e inspecionadas, arrastaram-se todos para o ar frio e escuro e para dentro do campo de exercícios, cuja superfície estava coberta por uma fina camada de neve.

– Se esta é a bela Escócia – ouviu Charlie um sotaque *cockney* dizer –

então, eu sou holandês. – Charlie riu pela primeira vez desde que saíra de Whitechapel e foi para perto de um jovem bem mais baixo,

que esfregava as mãos nas pernas, tentando aquecer-se.

– De onde você é? – perguntou Charlie.

– De Poplar, amigo. E você?

– Whitechapel.

– Estrangeiro de uma figa.

– Charlie olhou com atenção para o seu novo companheiro. O jovem não podia ter mais de um metro e sessenta, magro, com cabelo escuro, encaracolado, e olhos brilhantes que pareciam nunca parar, como se estivessem sempre à procura de novidades. Seu terno surrado, com temendo nos cotovelos, dependurava-se, fazendo os ombros parecerem um cabide.

– Meu nome é Charlie Trumper.

– Tommy Prescott – foi a resposta. Interrompeu os movimentos e estendeu a mão quente. Charlie apertou-a vigorosamente.

– Quietos nas filas – gritou o sargento-mor. – Agora vamos formar em colunas de três. Os mais altos a direita, os mais baixos à esquerda. Mexam-se.

– Separaram-se.

Durante as duas horas seguintes fizeram o que o sargento-mor descreveu como “exercício de recrutas”. É A neve continuava a cair ininterruptamente, mas o sargento-mor não manifestou vontade de permitir que um único floco assentasse no campo de exercícios. Marchavam em três filas de dez, que, Charlie soube depois, se chamavam seções, os braços balançando à altura da cintura, as cabeças bem erguidas, cento e vinte passos por minuto. “Vamos, animem-se, rapazes”! e “Acertem o passo!” foram as palavras repetidamente gritadas a Charlie. .

– Os alemães também estão marchando em algum lugar e estão ansiosos para se atirar sobre vocês – garantia-lhes o sargento-mor, enquanto a neve continuava a cair.

Se estivesse em Whitechapel, Charlie estaria satisfeito, correndo de um lado para o outro no mercado, desde as cinco da manhã às sete da noite, ainda iria enfrentar alguns rounds de boxe no clube e beber uma ou duas canecas de cerveja, e faria a mesma rotina no dia seguinte, sem qualquer dificuldade. Mas quando, às nove horas, o sargento-mor lhe deu um intervalo de dez minutos para tomar chocolate, ele se deixou cair exausto na relva. Ao levantar o rosto, viu Tommy Prescott o observando.

– Um cigano?

– Não, obrigado – disse Charlie. – Não fumo.

– Qual é a sua profissão? – perguntou Tommy, acendendo um cigarro.

– Tenho uma padaria na esquina da Whitechapel Road – respondeu Charlie

– e um...

– Conte outra, que essa é velha – interrompeu Tommy. – Depois você vai dizer que seu pai é presidente da Câmara de Londres.

Charlie riu.

– Não exatamente. E você, o que faz?

– Trabalho numa fábrica de cerveja. Whitbread e Companhia, Chiswell Street, EC 1. Sou eu que ponho os barris nas carroças, e depois os cavalos me levam pelo East End para entregar a mercadoria. O salário não é bom, mas posso beber até cair, antes de voltar à noite.

– Então, por que se alistou?

– É uma longa história – respondeu Tommy, – Para começar...

– Pronto. Vamos para o campo outra vez – gritou o sargento-mor Philpott, e nenhum deles teve fôlego para dizer uma palavra nas duas horas seguintes, enquanto marchavam de um lado para o outro, de cima para baixo, até Charlie sentir que, quando parassem, certamente os pés se desprenderiam das pernas.

O almoço consistiu em pão com queijo, nenhum dos quais Charlie teria a coragem de tentar vender à Sra. Smelley. Enquanto mastigavam, esfomeados, soube que Tommy, aos dezoito anos, fora obrigado a escolher entre dois anos na cadeia de Sua Majestade e oferecer-se como voluntário para lutar pelo país.

Jogou uma moeda para o ar, e a efígie do rei ficou virada para cima.

– Dois anos? – disse Charlie. – Mas por quê?

– Por afanar um barrilzinho de vez em quando e fazer negócio com alguns dos comerciantes mais espertos. Safei-me por uma questão de século. Há cem anos, eu seria enforcado logo ou mandado para a Austrália; por isso não posso me queixar. Afinal de contas, foi isso que aprendi!

– Que quer dizer com isso?

– Bem, meu pai era batedor de carteira profissional. E, antes dele, seu pai também era. Você precisava ter visto a cara do capitão Trentham quando descobriu que eu tinha escolhido vir para os Fusiliers, em vez de voltar para a cadeia.

Vinte minutos era o tempo destinado ao almoço, e, depois, a tarde foi ocupada na distribuição de uniformes. Charlie, que usava um tamanho comum, resolveu tudo relativamente depressa, mas foi

preciso quase uma hora para encontrar algo que não fizesse Tommy parecer um participante de corrida de sacos.

De volta ao dormitório, Charlie dobrou o seu melhor temo e colocou-o debaixo da cama, junto da que Tommy havia escolhido, e depois pavoneou-se pela sala com o seu novo uniforme.

– Roupas de mortos – avisou Tommy, quando ergueu o rosto para ver bem o casaco cáqui de Charlie.

– O que você quer dizer com isso?

– Foi trazido da Frente, não foi? Limpo e costurado – disse Tommy, apontando para um remendo de cinco centímetros acima do coração de Charlie.

– Suficientemente largo para deixar passar uma baioneta, suponho – acrescentou.

Depois de outra sessão de duas horas no campo de exercícios, agora gelado, foram liberados para o jantar.

– Mais pão duro e queijo – disse Tommy melancolicamente, mas Charlie tinha muita fome para se queixar, catando até a última migalha com o dedo molhado. Pela segunda noite consecutiva, ele caiu exausto na cama.

– Gostaram do primeiro dia a serviço do rei e do país, hem? – perguntou o cabo de serviço quando, às vinte e uma horas, apagou os lampiões do dormitório.

– Adoramos, cabo, obrigado – responderam sarcasticamente, num grito.

– Ainda bem – disse o cabo – porque nós somos sempre meigos no primeiro dia.

Elevou-se um gemido que Charlie calculou poder ter sido ouvido no Centro de Edimburgo. Acima da conversa nervosa que continuou depois do cabo ter saído, Charlie ouviu o último toque de recolher tocado num clarim nas muralhas do castelo. Ador-meceu.

Quando Charlie acordou na manhã seguinte, pulou da cama imediatamente, lavou-se e vestiu-se antes de mais alguém se mexer. Tinha dobrado os lençóis e os cobertores e estava engraxando as botas quando tocou a alvorada.

– Mas que passarinhos madrugadores somos .nós – disse Tommy virando-se na cama.

– Mas por que vamos nos esforçar, me pergunto, se tudo o que nos dão é uma minhoca?

– Quem estiver na frente da fila, pelo menos, ganha uma minhoca quente –

disse Charlie. – E em todo caso...

– De pé, de pé – gritou o cabo, entrando no dormitório e batendo com o bastão na armação de todas as camas por que passava.

– Claro – sugeriu Tommy, tentando abafar um bocejo – um homem com tantos bens como você precisa estar de pé de manhã bem cedo, para se certificar de que os empregados já estão trabalhando e não faltam.

– Vocês dois, parem de falar e se apressem – disse o cabo. – E vistam-se, se não quiserem ficar na faxina.

– Eu estou vestido, cabo – insistiu Charlie.

– Não me responda, rapaz, e não me chame de “cabo”, a não ser que queira passar algum tempo limpando as latrinas. – Essa ameaça foi suficiente para pôr Tommy de pé.

A segunda manhã consistiu em mais exercícios na neve, que continuava a cair e que dessa vez tinha uma vantagem de cinco centímetros sobre eles, seguidos de outro almoço de pão com queijo. A tarde, porém, estava designada no regulamento da companhia como “Jogos e Recreação”. Por isso, mudaram de roupa antes de correr para o ginásio para fazer ginástica, seguida de lição de boxe.

Charlie, agora um leve peso-médio, estava ansioso por entrar no ringue, enquanto Tommy conseguia, de algum modo, se manter longe da linha de fogo, embora ambos sentissem a presença ameaçadora do capitão Trentham, batendo continuamente com a bengala no lado da perna. Ele parecia andar sempre por perto, mantendo olho atento neles. O único sorriso que assomou aos seus olhos em toda a tarde foi quando viu alguém ser posto a nocaute. E sempre que encontrava Tommy, lançava-lhe simplesmente um olhar mal-humorado.

– Eu sou um produto de segunda da natureza – disse Tommy a Charlie.

– Sem dúvida você já ouviu essa expressão. Bem, sou eu – explicou ele, enquanto o amigo estava deitado na cama observando o teatro. – Algum dia nos veremos livres deste lugar, cabo? – perguntou Tommy quando o oficial de serviço entrou na caserna alguns minutos antes de apagar as luzes. – Por bom comportamento, por exemplo...

– Podem sair sábado à noite – disse o cabo. – Três horas de licença limitada, das seis às nove, em que podem fazer o que quiserem, mas sem se afastar mais de três quilômetros do quartel; devem comportar-se como verdadeiros Royal Fusiliers, e apresentar-se na casa da guarda, sóbrios como juízes, um minuto antes das nove. Durmam bem, meninos. – Essas foram as últimas palavras do cabo, antes de percorrer o dormitório, apagando todos os lampiões.

Quando a noite de sábado chegou, dois soldados derreados, com os pés inchados e os membros doloridos, percorreram tanto da cidade quanto lhe foi possível em três horas, com apenas cinco xelins cada um para gastar, um problema que limitava os seus debates sobre que estalagem escolher.

Apesar disso, Tommy parecia saber como obter mais cerveja por penny do que Charlie sonhara ser possível, mesmo quando não conseguia compreender o que diziam ou se fazer compreender. Quando estavam no seu último porto de escala, o Voluntário, Tommy saiu da estalagem, seguido por uma empregada, uma mocinha atrevida e um pouco rechonchuda chamada Rose. Dez minutos depois, ele estava de volta.

– O que estava fazendo lá fora? – perguntou Charlie.

– O que você acha, idiota?

– Mas você só ficou lá dez minutos.

– É tempo suficiente – disse Tommy. – Só os oficiais precisam de mais de dez minutos para o que eu estava fazendo.

Durante a semana seguinte, tiveram a sua primeira lição de tiro, prática de baioneta e até mesmo uma sessão de leitura de mapas. Enquanto Charlie dominou rapidamente a arte de ler mapas, foi Tommy que levou apenas um dia para saber como funcionava uma espingarda. Na terceira lição, ele conseguia desmontar o tambor e juntar de novo as peças mais depressa do que o instrutor.

Na manhã da quarta-feira da segunda semana, o capitão Trentham deu-lhes a primeira aula sobre a história dos Royal Fusiliers, Charlie teria até gostado da aula, se Trentham não tivesse deixado a impressão de que nenhum deles era merecedor de estar no mesmo regimento que ele.

– Aqueles de nós que escolheram os Royal Fusiliers devido a ligações históricas ou laços familiares podem achar que permitir que criminosos entrarem nas nossas fileiras, simplesmente porque estamos em guerra, não deve engrandecer a reputação do regimento – disse ele, olhando significativamente na direção de Tommy.

– Esnoabe emproado – disse Tommy, suficientemente alto para chegar a todos os ouvidos na sala, exceto aos do capitão. A série de risadas que se seguiu fez Trentham franzir a sobancelha.

Na quinta-feira à tarde, o capitão Trentham voltou ao ginásio, mas dessa vez ele não batia no lado da perna com a bengala. Vestia uma camiseta de ginástica branca, calção azul-escuro e um agasalho branco, grosso; tudo tão limpo e cuidado quanto o seu uniforme. Ficou observando os instrutores ensinarem os homens e, tal qual como na sua última visita, pareceu interessar-se particularmente pelo que se passava no ringue de boxe.

Durante uma hora, os homens foram divididos em duplas enquanto recebiam instruções básicas, primeiro de defesa e depois de ataque. “Defenda-se, rapaz!”, eram as palavras gritadas com frequência, sempre que os punhos atingiam os queixos.

Quando Charlie e Tommy pulavam as cordas, Tommy deixou claro a seu amigo esperar que tudo se resolvesse com três minutos de luta simulada.

– Atirem-se um ao outro, vocês dois – gritou Trentham, mas Charlie, embora tivesse começado a dar golpes secos no peito de Tommy, não fez qualquer tentativa de lhe infringir dor. – Se não se apressarem, eu luto com os dois, um após o outro – gritou Trentham.

– Aposto que ele não é de nada – disse Tommy, mas dessa vez sua voz foi ouvida, e, para desânimo do instrutor, Trentham voltou imediatamente para o ringue e disse:

– Veremos. – Pediu ao instrutor que lhe arranjasse um par de luvas de boxe.

– Vou lutar três rounds com cada um destes dois homens – disse Trentham enquanto o instrutor, relutante, amarrava as luvas do capitão. Todos no ginásio pararam para observar o que se passava.

– Você primeiro. Como se chama? – perguntou o capitão, apontando Tommy.

– Prescott, meu capitão – disse Tommy com um sorriso.

– Ah, sim, o preso – disse Trentham, fazendo desaparecer o sorriso no primeiro minuto, enquanto Tommy dançava a sua valsa, tentando não arranjar problemas. No segundo round, Trentham começou a acertar um soco de vez em quando, mas nunca com força suficiente para permitir que Tommy caísse.

Guardou a humilhação para o terceiro round, quando nocauteou Tommy com um soco de baixo para cima que o rapaz de Poplar nunca chegou a ver.

Tommy foi transportado para fora do ringue, enquanto Charlie amarrava as luvas.

– Agora é a sua vez, soldado – disse Trentham.

– Como se chama?

– Trumper, meu capitão.

– Bem. Vamos lá, Trumper – foi tudo o que o capitão disse, antes de começar a avançar.

Durante os dois primeiros minutos, Charlie defendeu-se bem, utilizando as cordas e o canto enquanto se abaixava e esquivava, recordando todos os truques que aprendera no Clube de Rapazes de

Whitechapel. Achou até que podia dar trabalho ao capitão, se não fosse sua óbvia vantagem em altura e peso.

Ao terceiro minuto, Charlie tinha começado a ganhar confiança e até acertou um soco ou dois, para deleite dos espectadores. A medida que o round chegava ao fim, ele sentia que tinha se saído bastante bem. Quando a sineta tocou, deixou cair as luvas e voltou-se para ir para o seu canto. Um segundo depois, o punho fechado do capitão atingiu o lado do nariz de Charlie. Todos no ginásio ouviram a fratura, enquanto Charlie cambaleava de encontro às cordas.

Ninguém murmurou quando o capitão desamarrou as luvas e saltou do ringue.

– Nunca se descuide da defesa – foi o único consolo que ele lhe deu.

Quando Tommy, nessa noite, viu o estado do rosto do amigo deitado na cama, só pôde dizer:

– Desculpe, amigo, a culpa foi toda minha. O homem é um sádico. Mas não se preocupe, se os alemães não acabarem com ele, acabo eu.

Charlie só conseguiu esboçar um sorriso.

No sábado, tinham ambos se recuperado o suficiente para fazer fila com o resto da companhia a fim de receber cinco xelins do tesoureiro. Durante as suas três horas de folga nessa noite, os *pennies* desapareceram mais depressa do que a fila, mas, por qualquer razão, Tommy continuou a comprar mais com o seu dinheiro do que qualquer outro recruta.

No início da terceira semana, Charlie mal conseguia enfiar os dedos inchados dos pés nas pesadas botas de couro que o exército lhe dera, mas, ao olhar para as filas de pés que adornavam o chão do dormitório todas as manhãs, ele viu que nenhum dos seus camaradas estava em melhor estado.

– Faxina para você, rapaz, com certeza – gritou o cabo. Charlie olhou para ele, mas as palavras eram dirigidas a Tommy, na cama ao lado.

– Por que, meu cabo?

– Pelo estado dos seus lençóis. Olhe para eles. Parece que você teve três mulheres ai durante a noite.

– Para ser sincero, só duas, meu cabo.

– Menos conversa, Prescott, e apresente-se no banheiro imediatamente depois do café.

– Já fui esta manhã, obrigado, meu cabo.

– Cale-se, Tommy – disse Charlie. – Assim, você só vai dificultar sua vida.

– Estou vendo que você compreende o meu problema – murmurou Tommy. – Mas o cabo é pior que os malditos alemães!

– Espero que sim, rapaz, por você – ouviu-se a resposta do cabo. – Porque é a única oportunidade que tem de sair vivo de lá. Agora, para o banheiro.

Rápido. .

Tommy desapareceu, regressando urna hora depois e cheirando a estrume.

– Podia matar o exército alemão inteiro sem termos de disparar um único tiro – disse Charlie. – Bastava você ficar em frente a eles e esperar que o vento soprasse na direção certa.

Na quinta semana, o Natal e o Ano-novo sendo passado com pouco para celebrar, Charlie ficou responsável pela lista de escalas de serviços de sua seção.

- Qualquer dia promovem você a coronel – disse Tommy.
- Não seja bobo! – respondeu Charlie. – Durante as doze semanas, todos terão a oportunidade de gerir a seção.
- Não acredito que eles queiram correr esse risco comigo – disse Tommy.
- Apontaria as espingardas para os oficiais, e o meu primeiro tiro seria para o filho da mãe do Trentham.

Charlie descobriu que gostava da responsabilidade de organizar a seção durante sete dias, e teve pena quando a semana chegou ao fim, e a tarefa foi entregue a outro.

Na sexta semana, Charlie sabia desmontar e limpar um espingarda quase tão depressa quanto Tommy, mas foi o amigo que se tomou um atirador de primeira e parecia conseguir acertar em tudo que se movesse a duzentos metros.

Ate o sargento-mor ficou impressionado.

- Todas aquelas horas passadas em barracas de tiro nas feiras devem ter qualquer coisa a ver com isso – admitiu Tommy. – Mas o que eu quero saber e quando terei oportunidade de dar uns tiros nos hunos?
- Mais depressa de que você pensa, rapaz – prometeu o cabo.
- Preciso completar doze semanas de treino – disse Charlie.
- É a lei. Por isso, não teremos oportunidade senão pelo menos daqui a um mês.
- Raios partam as leis! – disse Tommy. – Dizem que a guerra pode acabar antes de eu conseguir acertar um alemão!

- Há poucas possibilidades – disse o cabo, enquanto Charlie recarregou e fez pontaria.
- Trumper! – gritou uma voz.
- Sim, meu sargento – disse Charlie, surpreso por ver o sargento de serviço a seu lado.
- O adjunto quer falar com você. Acompanhe-me.
- Mas, meu sargento, eu não fiz nada...
- Não discuta, rapaz, venha comigo.
- Deve ser o pelotão de fuzilamento – disse Tommy. – E só porque você fez xixi na cama. Diga-lhe que me ofereço como voluntário para ser eu a puxar o gatilho. Pelo menos, você pode ter certeza de que o fim será rápido.

Charlie descarregou o seu tambor, pôs a espingarda no chão e foi atrás do sargento.

- Não se esqueça, você pode insistir em ser vendado. É uma pena que não fume. – Foram as últimas palavras de Tommy, enquanto Charlie desaparecia apressadamente pelo campo de exercícios.

O sargento parou à porta da tenda do oficial de ordens, e um Charlie ofegante conseguiu alcançá-lo justamente quando a porta foi aberta pelo sargento-mor que se virou para Charlie e disse:

- Sentido, rapaz, fique um passo atrás de mim e só fale quando lhe dirigirem a palavra. Compreendido?
- Sim, meu sargento-mor.

Charlie o seguiu até chegarem a uma porta marcada "Capitão Trentham.

Adj". Charlie sentiu o coração palpitar com força enquanto o sargento-mor batia levemente à porta.

– Entre – disse uma voz entediada, e os dois homens entraram em passo de marcha, e pararam em frente ao capitão Trentham.

O sargento-mor fez continência.

– Apresenta-se o soldado Trumper, 7312087, conforme ordenado, meu capitão – gritou ele, apesar de nenhum deles estar a mais de um metro de distância do capitão Trentham.

O oficial de ordens levantou os olhos por trás da secretária.

– Ah, sim, Trumper, estou lembrado, e o filho do padeiro de Whitechapel.

– Charlie estava prestes a corrigi-lo, quando Trentham voltou o olhar para fora da janela, não estando obviamente à espera de resposta.

– O sargento-mor o tem mantido em observação há várias semanas –

continuou Trentham. – E acha que seria um bom candidato a ser promovido a segundo-cabo. Confesso que tenho as minhas duvidas. No entanto, aceito que ocasionalmente seja necessário promover um voluntário, a fim de manter o moral nas fileiras. Suponho que vá aceitar essa responsabilidade, Trumper acrescentou ele, não se dando ao trabalho de olhar na direção de Charlie Charlie não sabia o que dizer.

– Sim, meu capitão, obrigado, meu capitão – disse o sargento-mor antes de gritar: – Meia-volta, marcha, esquerda, direita, esquerda, direita.

– Segundo-cabo Trumper – disse Tommy quase sem acreditar, depois de saber a notícia. – Isso quer dizer que tenho de chamá-lo

de meu segundo-cabo?

– Não seja bobo, Tommy. Cabo é suficiente – disse Charlie com um sorriso, enquanto se sentava aos pés da cama para costurar uma divisa na manga do uniforme.

No dia seguinte, os dez da seção de Charlie começaram a desejar que ele não tivesse passado quatorze anos de sua vida indo de manhã cedo para o mercado. Os seus exercícios, as suas botas, o seu aspecto e as suas armas tomaram-se o padrão para toda a companhia, à medida que Charlie os fazia trabalhar cada vez mais. O ponto alto para Charlie foi, porém, na décima primeira semana, quando saíram do quartel para ir a Glasgow, onde Tommy ganhou a Taça do Rei para tiro, batendo todos os oficiais e homens de sete outros regimentos.

– Você é um gênio – disse Charlie, depois de o coronel ter entregue a taça de prata ao amigo.

– Gostaria de saber se existe algum bom receptor em Glasgow – foi tudo o que Tommy disse sobre o assunto.

O desfile ocorreu no sábado, 23 de fevereiro de 1918, e terminou com Charlie fazendo seus homens marcharem no campo de exercícios de um lado para o outro, de passo certo com a banda do regimento, e sentindo-se soldados pela primeira vez, mesmo que Tommy ainda parecesse um saco de batatas.

Quando o desfile finalmente terminou, o sargento-mor Philpott deu os parabéns a todos e, antes de mandar dispersar, disse aos soldados que podiam ter o resto do dia de folga, mas que deviam estar de volta ao quartel e na cama antes da meia-noite.

A companhia reunida foi deixada à solta em Edimburgo pela última vez.

Tommy tomou novamente conta deles, enquanto os rapazes do pelotão nº11 iam de bar em bar, cada vez mais embriagados, antes de acabar no seu lugar habitual, O *Voluntário*, na *Leith Walk*.

Dez soldados felizes ficaram em volta do piano emborcando cerveja após cerveja enquanto cantavam *Packup your troubles in your old kit bag* e repetiam quase todas as canções do seu limitado repertório. Tommy, que os acompanhava com a gaita de boca, reparou que Charlie não tirava os olhos de Rose, a empregada que embora tivesse passado dos trinta, não parava de fazer caras e bocas aos jovens recrutas. Tommy afastou-se do grupo e se juntou ao amigo no bar.

– Gosta dela, hem amigo?

– Gosto, mas ela é a sua garota – disse Charlie, continuando a olhar para a loura de cabelos compridos que fingia ignorar os olhares deles. Reparou que ela havia desabotoado um botão a mais do que de costume da blusa.

– Eu não diria tanto – disse Tommy. – Em todo caso, estou em dívida com você por causa daquele nariz quebrado.

Charlie riu quando Tommy acrescentou:

– Então, vamos ver o que posso fazer – Tommy piscou um olho para Rose, depois deixou Charlie e foi encontrá-la no fundo do bar.

Charlie não conseguia olhar para eles, embora pudesse ver, pelas imagens refletidas no espelho atrás do bar, que estavam conversando animadamente.

Rose olhou várias vezes na direção dele. Um momento depois, Tommy estava a seu lado.

– Está tudo combinado – disse ele.

– Que quer dizer com “combinado”?

– Exatamente o que disse. Tudo o que precisa fazer é ir até a cerca atrás da estalagem, onde põem as caixas vazias, e Rose vai encontrar você daqui a pouco.

Charlie continuou colado ao banco do bar.

– Então, anda logo – disse Tommy – , antes que o raio da mulher mude de ideia.

Charlie desceu do banco e saiu por uma porta lateral sem olhar para trás.

Só esperava que ninguém o estivesse observando, e quase correu pelo corredor as escuras, saindo pela porta traseira. Ficou sozinho num canto do quintal, sentindo que fazia papel de bobo, andando de um lado para o outro, batendo os pés para aquecer. Um arrepio percorreu-o, e começou a desejar estar de novo no interior do bar. Minutos depois, teve outro arrepio, espirrou e decidiu que ia voltar para junto dos companheiros e esquecer tudo. Quando se dirigia à porta, Rose vinha saindo, alvoroçada.

– Olá, eu sou Rose. Desculpe ter demorado tanto, mas chegou um freguês quando você saiu. – Ele a olhou sob a luz fraca, filtrada através da minúscula janela por cima da porta. Tinha mais outro botão desabotoado, revelando o alto de um espartilho preto,

– Charlie Trumper – disse Charlie, estendendo a mão.

– Eu sei – ela riu. – Tommy falou-me sobre você e disse que e provavelmente o melhor de cama de todo o pelotão.

– Acho que ele exagerou – disse Charlie, ficando vermelho quando Rose o agarrou com ambas as mãos, tomando-o nos braços. Ela o beijou primeiro no pescoço, depois no rosto e finalmente na boca.

Depois, abriu habilmente os lábios de Charlie antes de sua língua começar a brincar com a dele.

De início, Charlie não sabia bem o que estava acontecendo, mas gostou tanto das sensações, que continuou agarrado a ela; ao fim de algum tempo, começou mesmo a fazer pressão com a língua contra a dela. Foi Rose quem se afastou primeiro.

– Não com tanta força, Charlie. Relaxe. O prêmio é atribuído à capacidade de resistência, não à força.

Charlie começou a beijá-la de novo, dessa vez mais suavemente, sentindo a ponta de uma caixa de cerveja espetar suas nádegas. Colocou timidamente a mão no seio esquerdo sem saber bem o que fazer a seguir, enquanto tentava colocar-se numa posição um pouco mais cômoda. Isso não parecia ter muita importância, porque Rose sabia exatamente o que devia fazer e desabotoou rapidamente os outros botões da blusa, revelando seios grandes, bem merecedores do nome. Levantou uma perna e colocou-a sobre uma pilha de caixas velhas de cerveja, deixando Charlie ver uma vastidão de coxa nua cor-de-rosa.

Ele colocou timidamente a mão livre na carne macia. Teve vontade de a percorrer com os dedos até onde eles pudessem ir, mas permaneceu imóvel, como uma imagem estática de um filme em preto e branco.

Mais uma vez, Rose tomou a iniciativa e, retirando os braços em volta do pescoço dele, começou a desabotoar sua braguilha. Um momento depois ela colocou a mão dentro da cueca dele e começou a friccionar. Charlie não conseguia acreditar no que estava acontecendo, embora sentisse que valia bem um nariz quebrado.

Rose começou a esfregar cada vez mais depressa e a puxar as calcinhas para baixo com a mão livre. Charlie sentia-se cada vez mais sem controle até que Rose parou, afastou-se e olhou para a frente do vestido.

– Se você é o melhor de cama que o pelotão tem para oferecer, só espero que os malditos alemães ganhem a guerra.

Na manhã seguinte, as diretivas para o batalhão foram afixadas pelos oficiais de serviço. O novo batalhão de Fusiliers era agora considerado apto para lutar e devia juntar-se aos aliados, na Frente Ocidental. Charlie se perguntou se a camaradagem que tinha unido um grupo tão disparate de rapazes nos últimos três meses seria suficiente para combater a elite do exército alemão.

Na viagem de trem, de regresso ao sul, foram novamente aplaudidos quando passavam pelas estações e, dessa vez, Charlie sentiu que mereciam o respeito das senhoras de chapéu. Finalmente, nessa noite, o trem parou em Maidstone, onde desembarcaram e passaram a noite no quartel local dos Royal West Kents.

Às seis horas da manhã seguinte, o capitão Trentham deu-lhes as instruções completas: ficaram sabendo que seriam transportados de navio até Bolonha e, após mais dez dias de treino, deveriam marchar até Étaples, onde se juntariam ao seu regimento, sob o comando do tenente-coronel Sir Danvers Hamilton, DSO, que, foi-lhes asseverado, preparava um assalto maciço às defesas alemãs.

Passaram o resto da manhã verificando o equipamento, antes de serem conduzidos por uma prancha para dentro de um navio de transporte de tropas que os aguardava. Depois de a sireia de nevoeiro ter soado seis vezes, partiram de Dover, mil homens acotovelados no convés do Resolution, cantando *It's a long way to Tipperary*.

– Já estive alguma vez no exterior, cabo? – perguntou Tommy.

– Não, o mais longe que fui foi a Escócia – respondeu Charlie.

– Eu também não – disse Tommy com nervosismo. Uns minutos depois murmurou: – Está assustado?

– Não, claro que não – disse Charlie. – Aterrorizado.

– Eu também – disse Tommy. – Adeus, Picadilly, adeus, Leicester Square. E

um longo caminho para...

CAPÍTULO 4

Charlie sentiu-se enjoado poucos minutos depois de a costa inglesa desaparecer de vista.

– Nunca andei de navio antes – admitiu a Tommy – só de vapor com rodas, em Brighton. – Mais da metade dos homens à sua volta fizeram a travessia vomitando o pouco que tinham comido no café da manhã.

– Não há oficiais vomitando – disse Tommy. – Talvez estejam habituados a andar de navio.

– Ou a vomitar nos seus camarotes

Quando finalmente avistaram a costa da França, um grito de alegria elevou-se dos soldados no convés. Nessa altura, tudo o que eles queriam era pôr o pé em terra firme e seca. E seria seca se não tivesse começado a chover no momento em que o navio atracou e as tropas desembarcaram em solo franceses.

Depois, o sargento-mor avisou-os de que se preparassem para uma marcha de treino de vinte e cinco quilômetros. Charlie manteve a sua seção marchando na lama, cantando melodias de espetáculos de variedades, acompanhados por Tommy na gaita dc boca. Quando chegaram a Etaples e prepararam o acampamento para a noite, Charlie pensou que talvez o ginásio em Edimburgo tivesse sido luxuoso, afinal de contas.

Assim que soou o toque de recolher, dois mil olhos se fecharam e os soldados, alojados em tendas pela primeira vez, tentaram dormir. Cada pelotão tinha colocado dois homens de sentinela, com ordens de mudar de duas em duas horas, para garantir que ninguém ficasse sem descanso. Charlie ficou com a vigia das quatro horas com Tommy. Após uma noite agitada, às voltas com o solo francês molhado e irregular, Charlie foi acordado às quatro e, por sua vez, deu um pontapé em Tommy, que simplesmente se virou para adormecer imediatamente. Minutos depois, Charlie estava fora da barraca abotoando o casaco antes de esfregar continuamente as mãos, tentando aquecer-se. À

medida que os olhos se acostumaram à meia-luz, começou a distinguir filas sucessivas de barracas marrons, que se espalhavam até onde a vista alcançava.

– Bom-dia, cabo – disse Tommy, quando apareceu um pouco depois de quatro e vinte. – Tem um cigarro, por acaso?

– Não, não tenho. E preciso de um chocolate quente ou qualquer outra coisa.

– O cabo manda. – Tommy dirigiu-se à barraca-refeitório e voltou meia hora depois com dois chocolates quentes e duas bolachas.

– Açúcar, não há – disse a Charlie. – Só para sargentos e superiores. Disselhe que você era um general disfarçado, mas eles responderam que os generais estão todos em Londres, dormindo profundamente em suas camas.

Charlie sorriu enquanto envolvia a caneca quente com dedos devagar, para prolongar o prazer simples. Tommy observou o horizonte.

– Então, onde estão o raio dos alemães de que tanto nos falaram?

– Quem sabe? – disse Charlie. – Mas pode ter certeza de que estão em algum lugar provavelmente perguntando uns aos outros onde nós estamos.

Às seis horas, Charlie acordou o resto da sua seção. Às seis e meia, estavam de pé e prontos para a revista, com a barraca desmontada e dobrada num pequeno quadrado. Um outro clarim sinalizou o desjejum e os homens ocuparam os seus lugares na fila que, pensou Charlie, alegraria o coração de qualquer vendedor ambulante na Whitechapel Road. Quando Charlie chegou à frente da fila, estendeu a lata e recebeu uma concha de mingau embolado e uma fatia de pão duro. Tommy piscou o olho para o rapaz de bota branca comprida e calças de xadrez azul.

– E pensar que eu esperei todos esses anos para provar a cozinha francesa.

– Quanto mais perto da linha de frente, pior – garantiu o cozinheiro.

Durante os dez dias seguintes, eles acamparam em Étaples, passando as manhãs marchando nas dunas, as tardes recebendo instrução sobre guerra com gás e as noites ouvindo o capitão Trentham falar sobre as diferentes maneiras como poderiam morrer. No décimo primeiro dia, reuniram as suas coisas guardaram as barracas e formaram em companhias para ouvir o discurso do comandante do Regimento.

Mais de mil homens estavam formados num quadrado, num campo enlameado em algum ponto da França, perguntando-se se doze semanas de instrução e dez dias de “aclimatação” os teriam preparado para enfrentar o poder das forças alemãs.

– Talvez eles tenham tido também só doze semanas – disse Tommy, esperançoso.

Às dezenove horas, exatamente, o tenente-coronel Sir Danvers Hamilton, DSO, chegou a trote numa égua preta e parou no meio do

quadrado humano.

Começou a falar às tropas. A recordação que Charlie guardou para sempre do discurso foi que, durante quinze minutos, o cavalo não se moveu.

– Bem-vindos à França – começou o coronel Hamilton, colocando um monóculo sobre o olho esquerdo. – Eu gostaria de que esta fosse uma excursão de um dia. – Algum riso perpassou as fileiras. – Infelizmente, porém, não vamos ter muito canso até mandar os hunos de volta para Alemanha, que é o lugar deles, com o rabo entre as pernas. – Desta vez, os aplausos irromperam das filas. – E nunca se esqueçam, estamos no campo do adversário. Pior ainda, os alemães não compreendem as regras do críquete. – Mais risos, embora Charlie desconfiasse de que o coronel falava sério.

— Hoje – continuou o coronel – vamos marchar para Ypres, Onde acamparemos antes de começar um novo ataque, que acredito, final a frente alemã. Dessa vez, estou convencido de que penetraremos as linha alemãs e os gloriosos Fusiliers levarão a palma do dia. A sorte os acompanhe, e Deus abençoe o Rei.

Houve mais aplausos, seguidos pelo Hino Nacional tocado pela banda do regimento. As tropas cantaram também, energicamente, com o coração e com a voz.

Só ao fim de cinco dias de marcha é que ouviram o primeiro som do fogo da artilharia cheiraram as trincheiras e souberam, portanto, que estavam se aproximando da frente. No dia seguinte, passaram pelas grandes barracas verdes da Cruz Vermelha Um pouco antes das onze dessa manhã, Charlie viu o seu primeiro soldado morto, um tenente do Regimento de East Yorkshire.

– Eh quem diria – disse Tommy. – As balas não sabem a diferença entre oficiais e soldados rasos.

Ao fim de outro quilômetro e meio, tinham ambos visto tantas macas, tantos corpos e tantos membros separados dos corpos, que já não tinham estômago para piadas. O batalhão, tomou-se claro, havia chegado aquilo a que os jornais chamavam "Frente Ocidental". Correspondente de guerra algum poderia, contudo, descrever a tristeza que pairava no ar, ou o arde desespero estampado nos rostos de todos que estavam ali há mais de um dia.

Charlie olhou para os campos abertos que deveriam ter sido terras produtivas. Tudo que restava era uma ou outra casa de fazenda queimada, assinalando o local onde a civilização já havia existido. Ainda não havia sinal do inimigo. Ele tentou ver bem os campos em redor, que iam ser o seu lar durante os próximos meses – se vivesse até lá. Todos os soldados sabiam que a esperança média de vida na frente era dezessete dias.

Charlie deixou os homens descansando nas barracas e foi dar uma volta sozinho. Primeiro, viu as trincheiras de reserva, a algumas centenas de metros à frente das barracas-hospital, conhecidas como "área de hotel", uma vez que se situavam a um quarto de quilômetro da linha de frente; onde todos os soldados passavam quatro dias sem descanso, antes de lhe serem permitidos quatro dias de folga nas trincheiras de reserva. Charlie foi devagar até a frente, como um turista de passagem que não estivesse envolvido na guerra. Ouviu os poucos homens que tinham sobrevivido mais de algumas semanas, que falavam da Inglaterra e rezavam por um "ferimento suave", para serem levados para a barraca-hospital mais próxima e, se estivessem entre os de sorte, serem eventualmente repatriados.

Com as balas perdidas assobiando ao longo da terra de ninguém, Charlie caiu de joelhos e engatinhou de volta às trincheiras de reserva, para dizer ao seu pelotão o que podiam esperar quando fossem empurrados mais cem metros.

As trincheiras, disse ele aos homens, espalhavam-se de horizonte a horizonte e podiam ser ocupadas, a qualquer momento, por dez mil

homens.

Em frente delas, a uns vinte metros, ele tinha visto uma cerca de arame farpado de um metro de altura, que um velho cabo lhe dissera já ter custado mais de mil vidas aos que não tinham feito mais do que a erguer. Atrás dela estava a terra-de ninguém, de cinco acres, que tinha sido propriedade de uma família inocente, surpreendida no meio de uma guerra com que nada tinha a ver.

Adiante estava o arame farpado dos alemães c, além dele, os alemães, aguardando-os nas suas próprias trincheiras.

Cada um dos exércitos, ao que parecia, permanecia no seu abrigo molhado, infestado de ratazanas, durante dias, por vezes meses, à espera de que o outro lado fizesse um movimento. Estavam separados por menos de um quilômetro e meio.

Se uma cabeça aparecesse perscrutando o terreno, seguia-se tuna bala vinda do outro lado. Se a ordem fosse avançar, as possibilidades de um homem completar vinte metros não seriam consideradas dignas de registro num quadro de apostas se chegasse ao aram farpado, podia-se morrer de duas maneiras; se chegasse as trincheiras alemãs, havia uma dúzia de tipos de morte.

Se ficasse quieto, podia-se morrer de cólera, gás de cloro, gangrena, tifo, ou pé de trincheira, que os soldados furavam com as baionetas para tirar a dor.

Morriam quase tantos homens atrás das linhas como antes de as atravessar, disse um velho sargento a Charlie, e não ajudava nada saber que os alemães, a algumas centenas de metros, sofriam dos mesmos problemas.

Charlie tentou que os seus dez homens entrassem numa rotina. Executavam as suas tarefas diárias, tiravam água das trincheiras, limpavam o equipamento –

até jogavam futebol para preencher as horas de tédio e de espera.

Charlie ouvia rumores e contra rumores sobre o que o futuro lhe reservava.

Desconfiava de que apenas o coronel, sentado no quartel-general, um quilômetro e meio atrás da linha de frente, fazia ideia do que se passava.

Sempre que era a vez de Charlie passar quatro dias nas trincheiras avançadas, sua seção parecia ocupar a maior parte do tempo enchendo latas com litros de água, tentando tirar as centenas de litros que caíam diretamente dos céus. Por vezes, a água nas trincheiras chegava aos joelhos de Charlie.

– O único motivo por que não me alistei na Marinha foi não saber nadar –

resmungou Tommy. – E ninguém me disse que poderia morrer afogado no Exército com a mesma facilidade.

Mesmo encharcados até os ossos, gelados e com fome, eles conseguiam manter-se alegres. Durante sete semanas, Charlie e sua seção suportaram aquelas condições, à espera de novas ordens que lhe permitissem avançar. O

único avanço de que ouviram falar durante esse tempo foi o de Luddendorf. O

general alemão obrigou os aliados a recuar cerca de sessenta quilômetros, perdendo quatrocentos mil homens, tendo sido capturados outros oitenta mil, O

capitão Trentham era geralmente o portador de tais notícias, e o que aborrecia Charlie ainda mais era que ele parecia sempre elegante, limpo e – ainda pior – quente e bem alimentado.

Já tinham morrido dois homens de sua seção, sem sequer ver o inimigo. A maior parte dos soldados ficaria feliz em ir para a superfície, uma vez que já não acreditava que sobreviveria a uma guerra que alguns diziam dura para sempre. O tédio só era aliviado matando ratazanas com as baionetas, tirando mais água da trincheira ou tendo de ouvir Tommy tocar repetidamente as mesmas melodias na gaita de boca, agora enferrujada.

Foi na nona semana que as ordens finalmente chegaram, e foram chamados novamente ao quadrado humano. O coronel, com o monóculo no lugar, deu-lhes novamente instruções de cima do seu cavalo imóvel. Os Royal Fusiliers deveriam avançar sobre as linhas alemãs na manhã seguinte, tendo-lhes sido atribuída a responsabilidade de as penetrar pelo flanco norte. Os Irish Guards dar-lhes-iam apoio a partir do flanco direito, enquanto os galeses avançariam do flanco esquerdo.

– Amanhã será um dia de glória para os Fusiliers – asseverou-lhes o coronel Hamilton. – Agora devem descansar, pois a batalha começará ao romper do dia.

– Ao regressar às trincheiras, Charlie ficou surpreso ao ver que a ideia de estarem finalmente envolvidos numa luta a sério tinha feito que os homens ficassem mais bem-dispostos. Todas as espingardas foram desmontadas, limpas, lubrificadas, verificadas várias vezes, todas as balas foram cuidadosamente colocadas na câmara, todas as metralhadoras foram testadas, lubrificadas e testadas de novo, e, depois, os homens fizeram finalmente a barba antes de enfrentar o inimigo. A primeira experiência de Charlie com uma navalha foi com água quase gelada.

Homem algum consegue dormir facilmente na noite antes de uma batalha, ouvira dizer Charlie, e muitos aproveitaram o tempo para escrever longas cartas aos seus entes queridos; alguns tiveram mesmo coragem de fazer um testamento.

Charlie escreveu à Gorducha Gulosa – não soube bem por quê – pedindo-lhe que tomasse conta de Sal, Grace e Kitty, se ele não regressasse. Tommy não escreveu a ninguém e não apenas porque não sabia escrever. A meia-noite, Charlie pegou todas as cartas da seção e as entregou num maço ao oficial do dia.

As baionetas foram cuidadosamente afiadas e depois colocadas; os corações começaram a bater mais depressa, e eles esperaram em silêncio a ordem para avançar. As sensações de Charlie variavam rapidamente entre o terror e a euforia, enquanto observava o capitão Trentham indo de pelotão em pelotão para as instruções finais. Charlie bebeu num só gole o cálice de rum que é dado a todos os homens nas trincheiras imediatamente antes de uma batalha.

Um segundo-tenente, Makepeace, tomou o seu lugar atrás da trincheira de Charlie, outro oficial que ele não conhecia. Parecia um colegial de rosto fresco e apresentou-se a Charlie como se cumprimentasse um conhecido de ocasião numa festa. Pediu a Charlie que reunisse seus comandados alguns metros atrás da linha, a fim de lhe falar. Dez homens enregelados, assustados, pularam para fora da trincheira e escutaram o jovem oficial num silêncio cínico. O dia tinha sido especialmente escolhido' porque os meteorologistas haviam garantido que o Sol nasceria as cinco e cinquenta e três, e não choveria. Os meteorologistas teriam razão quanto ao sol mas, como se quisesse mostrar a sua falibilidade, uma chuvinha miúda começou a cair sem parar às quatro e onze. “Uma chuvinha alemã”, sugeriu Charlie aos camaradas. “Afinal de contas, de que lado está Deus?”

O tenente Makepeace esboçou um pequeno sorriso. Esperaram que uma pistola Verey fosse disparada, como o apito de um árbitro, antes das hostilidades começarem oficialmente.

– E não se esqueçam, a senha é “salsichas com purê” – disse o tenente Makepeace. – Passem-na pela linha abaixo.

Às cinco e cinquenta e três, quando um sol vermelho como sangue despontou no horizonte, uma pistola Verey foi disparada e Charlie olhou para trás, a fim de ver sol se acender. O tenente Makepeace soltou da trincheira e gritou:

– Sigam-me, homens.

Charlie saltou atrás dele e, gritando o mais alto que pôde – mais de medo do que de bravata avançou em direção ao arame farpado.

O tenente não tinha ainda andado quinze metros quando o primeiro tiro o atingiu, mas ele ainda conseguiu continuar até o arame. Charlie olhou horrorizado quando Makepeace caiu por cima da barreira de arame farpado e outra explosão de tiros do inimigo crivou de balas seu corpo imóvel. Dois homens corajosos mudaram de direção para correr em sua ajuda, mas nenhum deles conseguiu alcançar o arame. Charlie estava só um metro atrás dele e prestes a avançar por uma abertura na barreira, quando Tommy o ultrapassou.

Charlie virou-se, sorriu, e essa foi a última coisa de que se lembrava da batalha de Lys.

Dois dias mais tarde, Charlie acordou numa barraca-hospitalar, uns trezentos metros atrás da linha, com uma moça de uniforme azul-escuro, com as armas reais sobre o coração, debruçada sobre ele. Estava falando com ele, sabia isso porque os lábios dela se moviam; mas não conseguia ouvir nada do que ela dizia. “Graças a Deus”, pensou Charlie, “ainda estou vivo e, certamente, agora serei mandado para a Inglaterra.” Um soldado dado como clinicamente surdo, era sempre repatriado. Leis.

Mas Charlie recuperou completamente a audição no espaço de uma semana, e um sorriso apareceu em seus lábios pela primeira vez quando viu Grace a seu lado preparando uma xícara de chá. Tinham-lhe dado autorização para mudar de barraca quando ela soube que um soldado inconsciente chamado Trumper estava caído

na linha. Disse ao irmão que ele tinha sido um dos afortunados, vítima da explosão de uma mina, e só perdera um dedo do pé –

nem sequer o grande, brincou ela. Ele ficou desiludido com as notícias, uma vez que a perda do dedo grande também significaria o regresso à pátria.

– Além disso, só uns arranhões. Nada grave... e está bem vivo. Deve poder voltar para a frente dentro de poucos dias – acrescentou ela, com tristeza.

Ele dormiu. Acordou. Perguntou-se se Tommy teria sobrevivido.

– Tem notícias do soldado Prescott? – perguntou Charlie, depois de ter completado a ronda. O tenente verificou o seu bloco e franziu a testa.

– Está preso. – Parece que vai a conselho de guerra.

– O quê? Por quê?

– Não faço ideia – respondeu o jovem tenente, e seguiu para o leito seguinte.

No dia seguinte, Charlie conseguiu comer um pouco; no outro, deu alguns passos dolorosos e, uma semana depois, já conseguia correr. Foi mandado de volta para a frente vinte e um dias depois de o tenente Makepeace ter gritado;

“Sigam-me”.

Quando regressou às trincheiras de socorro, Charlie descobriu em pouco tempo que apenas três dos dez homens de sua seção tinham sobrevivido ao ataque, e não havia sinal de Tommy. Um novo grupo de soldados havia chegado da Inglaterra nessa manhã para os substituir e iniciar a rotina de quatro dias de serviço, quatro de descanso. Tratavam Charlie como se fosse um veterano.

Ele estava de volta há apenas algumas horas quando foram afixadas instruções de que o coronel Hamilton queria falar com o segundo-cabo Trumper as onze horas da manhã.

– Por que será que um comandante querera falar comigo? – perguntou Charlie ao sargento de serviço.

– Geralmente, significa conselho de guerra ou condecoração. O

comandante não tem tempo para mais nada. E nunca se esqueça de que ele também representa complicações, por isso tenha cuidado com a língua quando estiver com ele, que, para seu governo, tem pavio curto.

Às dez horas e cinquenta e cinco, o segundo-cabo Trumper tremia à porta da barraca do coronel, com quase tanto medo do comandante como de pular o arame. Alguns minutos depois, o sargento-mor da companhia saiu da barraca em passo de marcha para vir busca-lo.

– Sentido, continência, diga seu nome, patente e número – gritou o argento Philpott. – E, lembre-se, não fale até lhe ser dirigida a palavra acrescentou com aspereza.

Charlie marchou barraca adentro e parou em frente à secretária do coronel.

Fez a continência e disse:

– Apresenta-se o segundo-cabo Trumper, 7312087, meu coronel Era a primeira vez que via o coronel sentado numa cadeira e não num cavalo.

– Ah, Trumper – disse o coronel Hamilton, levantando os olhos.

– É bom tê-lo de volta. Estou muito satisfeito com sua rápida recuperação.

– Obrigado, meu coronel – disse Charlie, reparando pela primeira vez que só um dos olhos do coronel se movia.

– Mas há um problema com um soldado de sua seção que espero possa ajudar a esclarecer.

– Ajudarei no que puder, meu coronel.

– Ainda bem, porque parece – disse o coronel, colocando o monóculo sobre o olho esquerdo – que Prescott – leu um impresso amarelo na secretária à sua frente antes de continuar – sim, o soldado Prescott, pode ter dado um tiro na mão para evitar enfrentar o inimigo. De acordo com o relatório do capitão Trentham, foi encontrado deitado na lama a apenas uns metros da sua própria trincheira com um único ferimento de bala na mão direita. No entanto, eu não quero ordenar a formação de um conselho de guerra sem ouvir a sua versão do que aconteceu naquela manhã. Por isso achei que podia ter qualquer coisa importante a acrescentar ao relatório do capitão Trentham.

– Tenho sim, senhor – disse Charlie. Tentou controlar-se e recordar mentalmente os pormenores do que acontecera há quase um mês. – Quando a pistola Verey disparou, o tenente Makepeace comandou o ataque, e eu saltei atrás dele, seguido pelo resto da minha seção. O tenente foi o primeiro a chegar ao arame, foi imediatamente atingido por várias balas e, nessa altura, só havia dois homens à minha frente. Eles foram corajosamente em seu auxílio, mas caíram antes de chegar perto dele. Assim que cheguei perto do arame, vi uma abertura e corri pelo meio dela, e vi o soldado Prescott ultrapassar-me, avançando para as linhas inimigas. Deve ter sido nesse momento que fui atirado pelos ares pela mina, que pode também ter atingido o soldado Prescott.

– Tem certeza de que foi o soldado Prescott que o ultrapassou? – perguntou o coronel, parecendo perplexo.

– No meio de uma batalha, é difícil recordar todos os pormenores, meu coronel, mas nunca hei de esquecer de Prescott me ultrapassando.

– Por quê? – perguntou o coronel.

– Porque ele é meu amigo, e fiquei aborrecido ao vê-lo na minha frente.

Charlie pensou ver um ligeiro sorriso perpassar o rosto do coronel.

– Prescott é seu amigo? – perguntou o coronel, fixando nele o seu monóculo.

– Sim, meu coronel, mas isso não afetaria a minha opinião e ninguém tem o direito de insinuar nada.

– Sabe com quem está falando? – gritou o sargento-mor.

– Sei, sargento-mor – disse Charlie. – Com um homem interessado em descobrir a verdade e, assim, garantir que se faça justiça. Eu não sou um homem educado, mas sou um homem honesto.

– Cabo, apresente-se... – começou o sargento-mor.

– Obrigado, sargento-mor, é tudo – disse o coronel. – E obrigado, cabo Trumper, pelo seu testemunho claro e conciso. Não vai ser necessário voltar a incomoda-lo. Pode regressar ao seu pelotão.

– Obrigado, meu coronel – disse Charlie. Deu um passo atrás, fez continência, deu meia-volta e marchou para fora da barraca.

– Quer que trate desse assunto à minha maneira? – perguntou o sargento-mor.

– Sim, quero – respondeu o coronel Hamilton. – Promova Trumper a primeiro-cabo e liberte o soldado Prescott imediatamente.

Tommy regressou ao seu pelotão nessa tarde, com a mão esquerda enfaixada.

– Salvou-me a vida, Charlie.

– Eu só disse a verdade.

– Eu sei, eu também. Mas a diferença é que em você eles acreditaram.

Charlie ficou deitado na sua barraca nessa noite, perguntando por que razão o capitão Trentham estava tão determinado a se livrar de Tommy. Será que alguém podia acreditar que tinha o direito de enviar um homem para a morte simplesmente porque ele havia estado preso uma vez?

Outro mês se passou, e eles prosseguiram com sua velha rotina, até as ordens para a companhia revelarem que deviam marchar na direção sul, para o Mame, e se preparar para um contra-ataque ao general Von Ludendorff. O

coração quase parou quando leu as ordens; ele sabia que as probabilidades de sobreviver a dois ataques eram praticamente desconhecidas. De vez em quando, conseguia passar uma hora sozinho com Grace, que lhe disse que se apaixonara por um cabo galês que pisara uma mina e tinha ficado cego de uma vista.

– Amor à primeira vista – gracejou Charlie.

Meia-noite de quarta-feira, 17 de julho de 1918, e um silêncio estranho caiu sobre a terra de ninguém. Charlie deixou dormir quem tinha conseguido e não tentou acordar ninguém antes das três da manhã. Agora, desempenhando funções de sargento, tinha de preparar para a batalha um pelotão de quarenta homens, todos ainda sob o comando do capitão Trentham, que não tinha sido visto desde o dia em que Tommy fora libertado.

Às três e trinta, o tenente Harvey juntou-se a eles atrás das trincheiras que, nessa altura, estavam em alerta permanente.

Harvey, soube-se então, tinha chegado à frente na sexta-feira anterior.

– Esta é uma guerra louca – disse Charlie depois de terem sido apresentados.

– Oh, não sei – disse Harvey, em tom frívolo. – Estou ansioso para pegar os alemães.

– Os alemães não têm qualquer possibilidade, enquanto continuarmos a produzir malucos como ele – murmurou Tommy.

– A propósito, meu tenente, qual é a senha desta vez?

– Oh, desculpem, esqueci-me completamente. “Chapeuzinho vermelho” –

disse o tenente.

Aguardaram todos. Às quatro horas fixaram as baionetas, e às quatro e vinte e um a pistola Verrey disparou uma chama vermelha para o céu atrás das linhas, e o ar encheu-se de apitos.

– A eles – gritou o tenente Harvey.

Disparou a pistola para o ar e lançou-se para frente, como se perseguisse uma raposa errante. Mais uma vez, Charlie pulou e saiu da trincheira apenas alguns metros atrás dele. O resto do pelotão seguiu-o, enquanto ele tropeçava pelo campo nu que já não possuía uma única árvore para os proteger. À

esquerda, Charlie via outro pelotão um pouco à sua frente. A figura inequívoca do imaculado capitão Trentham vinha em último lugar. Mas era o tenente Harvey que ainda comandava a carga, pulando

elegantemente por cima do arame para dentro da terra de ninguém. Charlie ficou curiosamente confiante de que seria possível sobreviver a tamanha estupidez. Harvey avançava cada vez mais, como se fosse indestrutível ou encantado. Charlie acreditava que ele cairia a cada passo, pois o tenente considerava o arame como mais uma barreira, antes de continuar a correr em direção às trincheiras inimigas, como se fossem a metade de uma corrida realizada no seu colégio, o homem chegou até vinte metros da cerca, antes de uma chuva de balas o derrubar por terra. Charlie viu-se, então, na frente e começou a disparar sobre os alemães, cujas cabeças apareciam por trás dos abrigos.

Ele nunca tinha ouvido dizer que alguém tivesse de fato alcançado as trincheiras alemãs, por isso não sabia bem o que fazer a seguir e, apesar de todo treino, ainda tinha dificuldade em atirar enquanto corria. Quando quatro alemães e as suas espingardas assomaram ao mesmo tempo, ele soube que nunca iria descobrir o que deveria fazer. Disparou no primeiro, que caiu de costas na trincheira, mas então, a única coisa que lhe foi possível fazer foi ver os outros três fazerem pontaria. Teve subitamente noção de uma saraivada de tiros em suas costas, e os três corpos caíram como patos de lata num campo de tiro. Percebeu, então, que o vencedor da Taça do Rei ainda estava de pé.

De repente, encontrou-se na trincheira do inimigo olhando nos olhos de um jovem alemão, um rapaz aterrorizado, ainda mais novo do que ele próprio.

Hesitou apenas um momento antes de enterrar a baioneta na boca do alemão.

Retirou a lâmina e enterrou-a de novo, dessa vez no coração do rapaz, e depois continuou correndo. Três dos seus homens estavam agora à sua frente, seguindo um inimigo em retirada. Nesse momento, Charlie viu Tommy no flanco direito, perseguindo dois alemães colina acima. Desapareceu no meio de umas árvores e

Charlie ouviu distintamente um único tiro acima do barulho da batalha. Voltou-se e correu para a floresta para salvar o amigo, encontrando um alemão no chão e Tommy ainda correndo colina acima. Sem fôlego, Charlie conseguiu alcançá-lo, quando finalmente parou atrás de uma árvore.

– Você foi magnífico, Tommy – disse Charlie, atirando-se ao chão ao seu lado.

– Não tão bom como aquele oficial, como é que ele se chamava?

– Harvey, tenente Harvey.

– Acabamos os dois sendo salvos pela pistola dele – disse Tommy, brandindo a arma. – Mais do que se pode dizer daquele filho da mãe do Trentham.

– Que quer dizer com isso?

– Ele se esquivou das trincheiras alemãs, não foi? Fugiu para a floresta.

Dois alemães viram o covarde e foram em sua perseguição, por isso os segui.

Acabei com um deles, bem?

– E onde está Trentham agora?

– Lá em cima – disse Tommy, apontando a colina.

– E, sem dúvida, está escondido daquele alemão.

Charlie calculou a distância.

– E agora, cabo?

– Temos de ir atrás daquele alemão e matá-lo antes que ele mate o capitão.

– Por que não vamos embora e esperamos que ele encontre o capitão antes que eu o faça? – disse Tommy.

Mas Charlie já estava de pé avançando em direção à colina. Subiram a encosta lentamente, utilizando as árvores como proteção, olhando e escutando atentamente, até chegar ao topo, em campo aberto.

– Não há sinal de nenhum deles – murmurou Charlie.

– Por isso é melhor voltarmos para nossas linhas porque, se os alemães nos encontrarem, não acredito que nos convidem para tomar chá com bolinhos.

Charlie orientou-se. À sua frente havia uma capela, não muito diferente das muitas por que tinha passado, na longa marcha de Étaples até a frente.

– Talvez devêssemos verificar aquela capela primeiro – disse ele, enquanto Tommy recarregava a pistola do tenente Harvey.

– Mas não vamos correr riscos desnecessários. Que diabo você pensa que fizemos durante a última meia hora? – perguntou Tommy.

Centímetro por centímetro, rastejaram pelo campo aberto até a porta da sacristia. Charlie abriu-a, empurrando-a lentamente, esperando que se seguisse uma saraivada de balas, mas o som mais alto que ouviram foi o ranger das dobradiças. Uma vez lá dentro, Charlie se benzeu como a avó lhe ensinara a fazer quando entravam na igreja de Sta. Maria e S. Miguel na Jubilee Street.

Tommy acendeu um cigarro.

Charlie prosseguia cauteloso, enquanto estudava o traçado da capela: já tinha perdido metade do teto em consequência de alguma

granada alemã ou inglesa, enquanto o resto da nave e o pórtico continuavam intactos. Charlie ficou fascinado pelos desenhos dos mosaicos que cobriam as paredes internas, com os pequenos quadrados formando figuras de tamanho real. Moveu-se lentamente observando os sete discípulos que até agora haviam sobrevivido àquela guerra maldita.

Quando chegou ao altar, caiu de joelhos e curvou a cabeça, vindo-lhe à mente uma visão do padre O'Malley. Foi então que a bala passou por ele, batendo na cruz de bronze e jogando o crucifixo no chão. Enquanto Charlie se refugiava atrás do altar, ouviu-se um segundo tiro. Espiou pelo canto do altar e viu um oficial alemão, que tinha sido atingido no lado da cabeça, cair pela cortina de uma cabine de madeira para o chão de pedra. Devia ter tido morte instantânea.

– Só espero que ele tenha tido tempo de se confessar – disse Tommy.

Charlie saiu engatinhando dos fundos do altar.

– Pelo amor de Deus, fique quieto; há mais alguém na igreja, e tenho a sensação de que não é apenas o Todo-Poderoso. – Ouviram ambos um movimento no púlpito acima deles, e Charlie correu de novo para trás do altar.

– Sou eu – disse uma voz que reconheceram imediatamente.

– Quem é? – perguntou Tommy, fazendo esforço para não rir.

– O capitão Trentham. Por isso, por favor, não disparem.

– Então apareça e desça com as mãos acima da cabeça – disse Tommy, divertindo-se com o embaraço de seu atormentador.

Trentham levantou-se lentamente no púlpito e começou a descer os degraus de pedra com as mãos bem acima da cabeça.

Prosseguiu ao longo da nave central em direção à cruz caída que estava agora em frente ao altar, antes de passar por cima do oficial alemão morto e continuando até estar frente a frente com Tommy, que ainda lhe apontava uma pistola diretamente para o coração.

– Desculpe, meu capitão– disse Tommy, baixando a pistola. – Tinha de ter certeza que não era um alemão.

– Que falava inglês – disse Trentham sarcasticamente.

– Numa das suas aulas, o meu tenente alertou para que não nos deixássemos enganar por isso.

– Menos conversa, Prescott. E onde arranjou uma pistola oficial?

– Era do tenente Harvey – interpôs Charlie – que deixou cair quando...

– O senhor fugiu para a floresta – disse Tommy, não deixando de olhar para Trentham.

– Eu estava perseguindo dois alemães que tentavam fugir.

– A mim pareceu o contrário – disse Tommy. – E, quando voltarmos, tenciono dizer a quem quiser ouvir.

– Seria a sua palavra contra a minha – disse Trentham. – Em todo caso, os dois alemães estão mortos.

– Graças a mim, e tente não esquecer de que o cabo também testemunhou tudo que aconteceu.

– Então você sabe que a versão exata dos acontecimentos é a minha – disse Trentham, virando-se para Charlie.

– Tudo o que sei é que devíamos estar em cima daquela torre, planejando como voltar para as nossas linhas, e não perdendo tempo aqui com discussões.

O capitão acenou com a cabeça em sinal de concordância, virou-se e correu para a parte de trás da igreja e escadas de pedra acima, para a segurança da torre. Charlie o seguiu. Tomaram posições nos extremos opostos do telhado e, embora Charlie pudesse ainda ouvir o barulho da batalha, não lhe era possível saber quem levava a melhor no outro lado da floresta.

– Onde está Prescott? – perguntou Trentham alguns minutos depois.

– Não sei, meu capitão – disse Charlie. – Pensei que ele estivesse atrás de mim. – Tommy apareceu apenas alguns minutos depois no topo das escadas, usando o capacete do alemão morto.

– Onde você esteve? – perguntou Trentham desconfiado.

– Revistando o lugar de cima abaixo, na esperança de que houvesse alguma comida, mas nem sequer consegui encontrar o vinho da comunhão.

– Tome posição ali – disse o capitão, apontando um arco que ainda não estava coberto – e fique de vigia. Ficaremos aqui até escurecer completamente.

Então terei arquitetado um plano de volta às nossas linhas.

Os três homens ficaram olhando os campos franceses, que se foram tornando sombrios, depois cinzentos e finalmente negros.

– Não acha que devíamos pensar em começar a andar, meu capitão?
–

perguntou Charlie, depois que estavam sentados na escuridão há mais de uma hora.

– Iremos quando eu estiver pronto – disse Trentham – e não antes.

– Sim, meu capitão – disse Charlie, e continuou sentado tremendo de frio e olhando para a escuridão durante mais quarenta minutos.

– Pronto, sigam-me – disse Trentham, sem aviso.

Levantou-se e precedeu os outros escada abaixo, parando à entrada da porta da sacristia. Abriu lentamente a porta.

O ruído das dobradiças soou a Charlie como um depósito de metralhadora se esvaziando. Os três olharam a noite e Charlie se perguntou se haveria outro alemão lá fora de arma apontada, à espera. O capitão verificou a bússola.

– Primeiro, vamos tentar chegar à proteção daquelas árvores no topo –

murmurou Trentham. – Depois encontraremos um caminho para voltar as nossas linhas.

Quando os olhos de Charlie se habituaram à escuridão, ele começou a observar a lua e, mais importante, o movimento das nuvens.

– É campo aberto até aquelas árvores – disse o capitão –, por isso não podemos atravessar até a lua estar encoberta. Correremos para o topo separadamente. Por isso, Prescott, quando eu der a ordem, você vai primeiro.

– Eu? – disse Tommy.

– Sim, você, Prescott. Depois o cabo Trumper, assim que você tiver chegado às árvores.

– E o senhor atrás, suponho, se tivermos a sorte de sobreviver! ? – disse Tommy.

– Não seja insubordinado comigo – respondeu Trentham. – Ou dessa vez irá ao conselho de guerra e acabará na cadeia, para onde, aliás,

já deveria ter ido.

– Sem testemunhas, não vou – disse Tommy. – Até ai conheço a lei.

– Cale-se, Tommy – disse Charlie.

Aguardaram atrás da porta da sacristia até que uma grande sombra se moveu lentamente no caminho e envolveu finalmente a igreja até as árvores.

– Vá! – disse o capitão, batendo no ombro de Prescott. Tommy partiu como um galgo libertado da correia e os outros dois homens viram-no correr ao longo do campo aberto até, uns minutos depois, alcançar a segurança das árvores.

A mesma mão bateu no ombro de Charlie um momento depois, e ele correu, mais depressa do que nunca, apesar de ter de carregar uma espingarda na mão e uma mochila às costas. O sorriso não voltou a surgir no seu rosto até chegar ao lado de Tommy.

Viraram-se ambos para olhar na direção do capitão.

– De que diabo ele está à espera?

– Eu diria que quer ver se nós morremos – disse Tommy, enquanto a lua voltava a aparecer.

Esperaram os dois, mas nada disseram até o brilho circular ter desaparecido atrás de outra nuvem, quando o capitão veio finalmente, correndo na direção deles.

– Pronto – murmurou ele – avançaremos lentamente pela floresta, parando de poucos em poucos metros para escutar, utilizando, ao mesmo tempo, as árvores como cobertura. Lembrem-se, não mexam um músculo se houver lua e não falem, a não ser que eu faça uma pergunta.

Começaram os três a seguir lentamente pela colina abaixo, movendo-se de árvore em árvore, mas apenas alguns metros de cada vez. Charlie não fazia ideia de que pudesse estar tão atento ao menor som que lhe fosse estranho. Os três levaram mais de uma hora para chegar à base da colina, onde pararam.

Tudo o que conseguiam ver era uma vasta extensão de campo aberto e nu.

– Terra de ninguém – murmurou Trentham. – Isso significa que teremos de rastejar daqui em diante. – Deitou-se imediatamente na lama. – Eu vou à frente

– disse ele. – Trumper, você me segue e Prescott virá atrás.

– Bem, pelo menos isso prova que ele sabe para onde vai – murmurou Tommy. – Porque ele deve ter calculado exatamente de onde virão as balas e quem as levará primeiro.

Lentamente, centímetro por centímetro, os três homens avançaram ao longo da terra de ninguém, em direção alinhada de frente aliada, premindo os seus rostos contra a lama, sempre que a lua reaparecia por trás do seu precário biombo.

Embora Charlie conseguisse ver sempre Trentham à sua frente, Tommy estava tão silencioso, que ele tinha de olhar para trás de tempos em tempos, para se certificar de que o amigo ainda estava ali. Um sorriso de luminosos dentes brancos era tudo o que recebia em troca da sua preocupação.

Durante a primeira hora, os três cobriram uns cem metros, Charlie desejou que a noite fosse mais enevoada. Balas desgarradas, voando por cima de suas cabeças, faziam que se mantivessem rentes ao chão. Charlie descobriu que estava constantemente cuspiendo lama e viu-se cara a cara com um alemão que já não podia pestanejar.

Outro centímetro, outro metro – continuaram a rastejar pela lama molhada e fria ao longo de um terreno que ainda não pertencia a ninguém. De repente, Charlie ouviu um grito atrás dele. Voltou-se zangado para recriminar Tommy, quando viu uma ratazana do tamanho de um coelho no meio de suas pernas.

Tommy tinha-lhe enterrado uma baioneta na barriga.

– Acho que ela gostou de você, cabo. Não devia ser para sexo, a acreditar em Rose, por isso acho que o queria para o jantar.

Charlie cobriu a boca com as mãos, com medo de que os alemães o ouvissem rir.

A lua saiu por trás de uma nuvem e iluminou mais uma vez o campo aberto.

Os três homens enterraram-se novamente na lama e esperaram até outra nuvem lhe permitir avançar mais alguns metros. Levaram mais de duas horas para alcançar o arame farpado que tinha sido colocado para impedir a penetração dos alemães.

Quando chegaram à cerca, Trentham mudou de direção e começou a rastejar ao longo do lado alemão, à procura de uma abertura no arame entre eles e a segurança. Tiveram de percorrer mais oitenta metros – a Charlie pareceu mais um quilômetro e meio – antes de o capitão eventualmente encontrar uma pequena abertura, pela qual conseguiu passar. Estavam agora a apenas cinquenta metros da segurança das suas próprias linhas.

Charlie ficou surpreso ao ver que o capitão não avançava, permitindo mesmo que ele passasse à sua frente.

– Droga – disse Charlie baixinho, quando a lua surgiu novamente no centro do palco e os deixou imóveis a poucos metros da segurança. Quando a luz se apagou novamente, centímetro por centímetro, Charlie continuou seu avanço de caranguejo, agora com mais medo

de balas desgarradas do seu próprio lado do que do inimigo. Finalmente, ele conseguia ouvir vozes, vozes inglesas. Nunca pensara que um dia se alegraria ao ver as trincheiras.

– Conseguimos – gritou Tommy, numa voz que até podia ter sido ouvida pelos alemães. Charlie enterrou mais uma vez o rosto na lama.

– Quem está vindo? – ouviu-se.

Charlie ouvia espingardas serem apontadas de um lado para o outro das trincheiras, à medida que os homens despertavam rapidamente.

– O capitão Trentham, o cabo Trumper e o soldado Prescott dos Royal Fusiliers – gritou Charlie com firmeza.

– Senha? – pediu a voz.

– Oh, Deus qual é a se...!?

– Chapeuzinho Vermelho – gritou Trentham atrás deles.

– Avancem para ser reconhecidos.

– Prescott primeiro – disse Trentham, e Tommy pôs-se de joelhos e começou a engatinhar lentamente em direção as suas próprias trincheiras.

Charlie ouviu o som de uma bala que veio de suas costas e, um minuto depois, viu, horrorizado, Tommy cair de barriga e ficar imóvel na lama.

Charlie olhou rapidamente para trás; na meia-luz viu Trentham, que disse:

– Malditos hunos. Mantenha-se abaixado ou poderá acontecer o mesmo com você.

Charlie ignorou a ordem e engatinhou rapidamente para a frente, até perto do corpo prostrado do amigo. Quando chegou junto dele, colocou um braço em redor de ombros de Tommy.

– Só faltam cerca de vinte metros – disse-lhe. – “Homem ferido” – falou Charlie num murmúrio alto, levantando o rosto para as trincheiras.

– Prescott, não se mova até a lua estar encoberta – ordenou Trentham atrás deles.

– Como se sente, amigo? – perguntou Charlie, tentando compreender a expressão do rosto do amigo.

– Para ser sincero, já me senti melhor – disse Tommy.

– Calados, vocês dois – disse Trentham.

– A propósito, a bala não era alemã – engasgou-se Tommy, enquanto um fio de sangue começou a escorrer-lhe da boca. – Por isso, vê se da cabo do desgraçado, se eu não tiver oportunidade de o fazer.

– Você vai ficar bom – disse Charlie. – Nada nem ninguém pode matar Tommy Prescott.

Uma enorme nuvem preta cobriu a lua, e um grupo de homens, incluindo dois enfermeiros da Cruz Vermelha que transportavam uma maca, correram em direção a eles. Pousaram a maca ao lado de Tommy e arrastaram-no para a lona antes de regressar a trincheira. Uma outra saraivada de balas veio voando das linhas alemãs.

Quando chegaram à segurança do abrigo, os enfermeiros deixaram cair a maca descuidadamente no chão. Charlie gritou-lhes:

– Levem-no para a barraca-hospital. Depressa, pelo amor de Deus, depressa.

– Não adianta, cabo – disse o enfermeiro. – Ele está morto.

CAPÍTULO 5

– O QG ainda está à espera do seu relatório, Trumper.

– Eu sei, meu sargento, eu sei.

– Algum problema, rapaz? – perguntou o sargento-mor, e Charlie reconheceu como uma mensagem em código para “Sabe escrever?”

– Nenhum problema, meu sargento.

Durante a hora seguinte ele descreveu os seus pensamentos devagar, depois reescreveu um relato simples do que havia acontecido em 18 de julho durante a segunda batalha do Mame.

Charlie leu e releu a sua oferenda banal, com a noção de que embora elogiasse a coragem de Tommy durante a batalha, não fazia qualquer referência à fuga de Trentham perante o inimigo. A verdade era que ele não tinha visto o que se passava às suas costas. Podia ter formado sua opinião própria, mas sabia que essa não resistiria a um interrogatório posterior. Quanto à morte de Tommy, que provas tinha ele de que, entre tantas outras, aquela bala desgarrada tinha vindo da pistola do capitão Trentham? Mesmo se Tommy tivesse razão em ambos os casos, e se Charlie expressasse essas opiniões, seria a sua palavra contra a de um oficial e cavalheiro.

A única coisa que ele podia fazer era ter certeza de que Trentham não recebesse qualquer elogio de sua parte pelo que acontecera no campo de batalha nesse dia. Sentindo-se um traidor, Charlie rabiscou a sua assinatura no final da segunda página, antes de entregar o relatório ao oficial do dia.

Nessa tarde, o sargento de serviço deu-lhe uma hora de folga para cavar a sepultura em que enterrariam o soldado Tommy Prescott.

Ajoelhado no topo, amaldiçoou os homens de ambos os lados que eram responsáveis pela guerra.

Charlie escutou as palavras do capelão, “ “És pó e ao pó voltarás”, antes de o toque de recolher ser novamente tocado. Depois, o grupo dos enterros deu um passo para a direita e começou a cavar a sepultura de outro soldado conhecido.

Cem mil homens sacrificaram a vida na batalha do Mame. Charlie já não conseguia acreditar que uma vitória valesse tal preço.

Sentou-se de pernas cruzadas junto da sepultura, sem dar pela passagem do tempo, talhando uma cruz com a baioneta. Por fim levantou-se e colocou-a no topo do montículo. No centro da cruz, gravou as palavras “soldado Tommy Prescott”.

Uma lua neutra voltou nessa noite para iluminar mil sepulturas recém cavadas e Charlie jurou, perante qualquer que fosse o Deus que o escutasse, que não esqueceria seu pai, Tommy, ou mesmo o capitão Prescott.

Adormeceu no meio dos camaradas. O toque de despertar acordou-o ao nascer do sol e, após um último olhar à sepultura de Tommy, regressou ao seu pelotão e foi informado de que o coronel do regimento se dirigia às tropas às dezenove horas.

Uma hora mais tarde, estava em posição de sentido num quadrado desfalcado, formado pelos que haviam sobrevivido à batalha. O coronel Hamilton disse a seus homens que o primeiro-ministro havia descrito a batalha do Mame como a maior vitória da história da guerra.

Charlie sentiu-se incapaz de erguer a voz para aplaudir juntamente com seus camaradas.

– Foi um dia de orgulho e honra para os Royal Fusiliers – continuou o coronel, o seu monóculo ainda colocado firmemente no lugar.

O regimento tinha ganho uma Cruz Vitória, seis cruces militares e nove medalhas militares na batalha. Charlie sentiu-se indiferente à medida que cada um dos homens era anunciado e a sua menção honrosa foi lida, até ouvir o nome do tenente Arthur Harvey que, disse-lhes o coronel, havia comandado o ataque do pelotão número 11 até as trincheiras alemãs, permitindo que os que seguiam atrás dele penetrassem as defesas do inimigo. Por esse ato foi-lhe atribuída postumamente a Cruz Militar.

Um minuto depois Charlie ouviu o coronel pronunciar o nome do capitão Guy Trentham. Esse corajoso oficial garantiu ao coronel, ao regimento, ignorando a sua própria segurança, prosseguiu o ataque após a queda do tenente Harvey, matando vários soldados alemães antes de alcançar os seus abrigos, onde, sozinho, liquidou uma unidade completa. Tendo atravessado as linhas inimigas, perseguiu dois alemães numa floresta próxima. Conseguiu matar ambos os soldados inimigos antes de salvar dois fuzileiros dos alemães.

Conduziu-os depois à segurança das trincheiras aliadas. Por este ato supremo de coragem, foi atribuída também ao capitão Trentham a Cruz Militar.

→ Trentham avançou e as tropas aplaudiram quando o coronel tirou a cruz de prata de uma caixa antes de lhe colocar no peito.

Foram lidas as menções honrosas de um sargento-mor, três sargentos, dois cabos e quatro soldados, cada um dos quais referido pelo nome e seus atos de heroísmo referidos um de cada vez.

Mas apenas um deles se apresentou para receber a sua medalha.

– Entre os que não podem estar conosco hoje – continuou o coronel – está um jovem que seguiu o tenente Harvey até as trincheiras inimigas e matou quatro, talvez cinco soldados alemães antes de perseguir e matar outro, e por fim, matou um oficial alemão antes de ser morto tragicamente por uma bala desgarrada, apenas a alguns metros de segurança de suas próprias trincheiras.

Mais uma vez os homens reunidos aplaudiram. Alguns minutos depois, os soldados dispersaram e, enquanto outros regressaram às barracas, Charlie foi andando vagarosamente para trás das linhas, até chegar ao cemitério.

Ajoelhou-se junto de um montículo familiar e, após alguns momentos de hesitação, retirou a cruz que havia colocado no topo da sepultura.

Charlie retirou o canivete do cinto e, ao lado do nome "Tommy Prescott"

gravou as letras MM.

Duas semanas depois, mil homens, com mil pernas, mil braços e mil olhos entre si, foram mandados para casa. O sargento Charlie Trumper dos Royal Fusiliers foi destacado para os acompanhar, talvez porque não se sabia de homem algum que tivesse sobrevivido a três ataques as linhas inimigas.

A sua alegria e prazer pelo fato de estar vivo só faziam com que Charlie se sentisse ainda mais culpado. Afinal de contas, ele só tinha perdido um dedo do pé. Na viagem de regresso por terra, mar e terra, ele ajudava os homens a vestir-se, lavar-se, e guiava sem queixas nem admoestações.

Em Dover, foram recebidos no cais pelo aplauso da multidão saudando o regresso dos seus heróis. Tinham sido preparados trens para transportar a todas as partes do país, pelo que, pelo resto de suas vidas, poderiam recordar alguns momentos de honra, até mesmo glória. Mas não para Charlie. Seus papéis só lhe davam instruções para prosseguir para Edimburgo, onde deveria ajudar a treinar o próximo grupo de recrutas que tomariam os seus lugares na Frente Ocidental.

No dia 11 de novembro de 1918, às onze horas, as hostilidades cessaram e a nação agradecida esteve em silêncio durante três

minutos quando, num vagão de trem na floresta de Compiègne, o Armistício foi assinado. Quando Charlie ouviu as notícias da vitória, estava treinando alguns recrutas inexperientes num campo de tiro em Edimburgo. Alguns deles não conseguiram esconder a desilusão por lhe ter sido negada a oportunidade de enfrentar o inimigo.

A guerra havia acabado e o império tinha vencido – ou foi assim que os políticos apresentaram o resultado do confronto entre a Inglaterra e Alemanha.

“Mais de nove milhões de homens morreram pelo seu país, e alguns deles mesmo antes de ter acabado de crescer” escreveu Charlie numa carta à sua irmã Sal. “E o que ganhou qualquer um dos lados com esta carnificina?”.

Sal respondeu dizendo como estava grata por ele estar vivo e que estava noiva de um piloto do Canadá.

“Pensamos em casar dentro das próximas semanas e morar com os pais dele, em Toronto. A próxima carta que receber de mim será do outro lado do mundo.

Grace ainda está na França, mas deve regressar ao hospital de Londres no próximo ano. Foi promovida a chefe de enfermagem. Deve saber que o seu cabo galês pegou uma pneumonia. Morreu dias depois de ter sido declarada a paz.

Kitty desapareceu da face da terra e, depois, sem avisar, apareceu em Whitechapel com um homem num automóvel; nenhum deles parecia ser seu, mas ela parecia muito satisfeita com a vida.”

Charlie não conseguia compreender o P.S da irmã:

“Onde você vai morar quando voltar ao East End?”

O sargento Charlie Trumper foi dispensado do serviço ativo em 20 de fevereiro de 1919; um dos primeiros: o dedo do pé que perdera lhe

servira finalmente para alguma coisa. Dobrou o uniforme, colocou o capacete em cima, as botas do lado, marchou ao longo do campo de exercícios e entregou-os ao quartel general.

– Mal o conheci, meu sargento, com esse velho terno e boné. Não lhe servem, mais, não? Deve ter crescido durante o tempo com os fuzileiros.

Charlie olhou para baixo e reparou no comprimento das calças; agora ficavam uns bons três centímetros acima dos ataeadores das botas.

– Devo ter crescido enquanto estive com os fuzileiros – repetiu pesando as palavras.

– Aposto que sua família vai ficar contente por vê-lo em trajes civis

– O que restar dela – disse Charlie, virando-se para ir embora. Sua última tarefa era apresentar-se na tesouraria e receber seu último soldo e o bilhete da viagem antes de renunciar ao xelim do rei.

– Trumper, o oficial do dia gostaria de falar com você – disse o sargento-mor, depois de Charlie ter completado o que ele pensava ser o seu último dever.

O tenente Makepeace e o tenente Harvey seriam sempre os seus oficiais do dia, pensou Charlie enquanto atravessava o campo de exercícios em direção aos escritórios da companhia. Alguns jovens de rosto imberbe, que não tinham sido convenientemente apresentados ao inimigo, tinham agora o descaramento de ocupar os seus lugares.

Charlie estava prestes a fazer continência ao tenente quando se lembrou de que já não usava o uniforme, Por isso limitou-se a tirar o boné.

– Quer falar comigo, meu tenente?

– Sim, Trumper, um assunto pessoal. – O jovem oficial tocou uma caixa grande que estava em cima da mesa. Charlie não conseguia ver o que havia dentro.

– Parece, Trumper, que seu amigo, o soldado Prescott fez um testamento deixando tudo para você.

Charlie não conseguiu esconder a sua surpresa quando o tenente empurrou a caixa em cima da mesa.

– Importa-se de verificar o seu conteúdo e assinar um recibo?

Um outro impresso amarelo foi colocado na sua frente. Por cima do nome datilografado do soldado Thomas Prescott estava um parágrafo escrito à mão numa letra grande. Havia um "X" rabiscado por baixo, com o sargento-mor Philpott como testemunha.

Charlie começou a tirar os objetos da caixa, um por um. A gaita de Tommy, enferrujada e caindo aos pedaços, sete libras e onze xelins de soldos atrasados, um capacete alemão, Depois Charlie pegou uma pequena caixa de couro e abriu a tampa, encontrando a medalha militar de Tommy e as simples palavras "por coragem em batalha", gravadas no verso. Tirou a medalha e segurou-a na palma da mão.

– Deve ter sido um rapaz bem corajoso, o Prescott – disse o tenente. – Uma joia de pessoa e tudo mais.

– E tudo mais – concordou Tommy.

– Também era religioso?

– Não, não posso dizer que fosse – disse Charlie, permitindo-se um sorriso.

– Por que pergunta?

– A gravura – disse o tenente, apontando novamente a caixa. Charlie debruçou-se para a frente e viu, incrédulo, uma pintura da Virgem Maria e do Menino. Tinha cerca de vinte centímetros quadrados e uma moldura preta.

Pegou a pintura e segurou-a nas mãos.

Olhou para os vermelhos vivos, roxos e azuis que dominavam a figura central da pintura, com certeza de que já a vira antes. Passaram-se alguns minutos antes dele voltar a colocar o pequeno quadro a óleo na caixa, juntamente com os outros objetos de Tommy.

Charlie voltou a pôr o boné e virou-se para ir embora, a caixa debaixo de um braço, um embrulho de papel pardo debaixo do outro e um bilhete para Londres no bolso de cima.

Ao sair do quartel em passo de marcha para se dirigir à estação, se perguntou quanto tempo levaria para voltar a andar em passo normal. Quando chegou à casa da guarda, parou e se virou para dar um último olhar ao campo de exercícios. Um grupo de novos recrutas marchava de um lado para o outro com um novo instrutor que parecia tão determinado a não deixar a neve assentar quanto o falecido sargento-mor Philpott.

Charlie virou as costas ao campo de exercícios e iniciou a viagem de regresso a Londres. Tinha 19 anos e acabara de adquirir o direito ao xelim do rei; mas agora era alguns centímetros mais alto, fazia a barba e até havia estado próximo de perder a virgindade.

Cumprira a sua parte e, pelo menos, sentia que podia concordar com o primeiro-ministro numa coisa. Havia participado da guerra para terminar com todas as guerras.

O trem da noite de Edimburgo estava cheio de homens de uniforme que olhavam desconfiados para Charlie, à paisana, como um homem

que ainda não havia servido o país, ou pior, como um objetor de consciência.

– Hão de chamá-lo dentro em pouco – disse um cabo ao seu companheiro, num murmúrio alto do outro lado do vagão.

Charlie sorriu, mas não fez qualquer comentário.

Dormiu a sono solto, divertido com o pensamento de que talvez dormisse melhor numa trincheira molhada, enlameada, com ratazanas e baratas como companheiros. Quando o trem chegou à estação de King's Cross às sete horas da manhã seguinte, doíam-lhe o pescoço e as costas. Espreguiçou-se antes de pegar seu embrulho de papel e os bens de Tommy.

Na estação, comprou um sanduíche e uma xícara de chá. Ficou surpreso quando a garçonete lhe pediu três *pence*.

– Dois *pence* só para os que estão de uniforme – disse-lhe ela com óbvio desdém.

Charlie tomou o chá e saiu da estação sem dizer palavra.

As ruas eram mais bem movimentadas e agitadas do que ele se lembrava, mas ainda entrou confiante, num ônibus. Deitou-se sozinho num banco de madeira, indagando-se que alterações encontraria no seu regresso à East End.

Sua loja teria prosperado, ou iria simplesmente se aguentando? Teria sido vendida ou teria falido? E que acontecera ao maior carrinho do mundo?

Saltou do carro em Poultry, decidindo fazer a pé o quilômetro final.

Acelerou o passo, e os sotaques alteraram-se. Cavalheiros da City com casacos pretos e chapéus de coco, deram lugar a homens de profissões liberais de tempos escuros e chapéus moles, depois

substituídos por rapazes de roupa de mau corte e bonés, até que Charlie chegou finalmente a East End, onde até mesmo os chapéus de palhinha tinham sido abandonados pelos menores de trinta anos.

Quando Charlie se aproximou da Whitechapel Road, parou e olhou para a grande azáfama à sua volta. Ganchos de carne, carrinhos de hortaliça, tabuleiros de empadas, bules de chá passavam por ele em todas as direções.

Mas que seria da padaria e do ponto do avô? Estariam eles “todos presentes e corretos”. Puxou o boné para a testa e entrou furtivamente no mercado.

Quando chegou à esquina da Whitechapel Road, não teve certeza de ter chegado ao local certo. A padaria não existia mais, tendo sido substituída por um alfaiate sob medida com o nome de Jacob Cohen. Charlie comprimiu o nariz contra a vitrine, mas não conseguiu reconhecer ninguém entre os que trabalhava lá dentro. Virou-se para olhar o local onde o carrinho “Charlie Trumper, o comerciante honesto” tinha estado durante quase um século, e a única coisa que viu foi um grupo de jovens se aquecendo em volta de um fogareiro de carvão onde um homem vendia castanhas a um *penny*. Charlie deu um *penny* e recebeu um saco cheio, mas ninguém olhou duas vezes para ele.

Talvez Becky tivesse vendido tudo de acordo com as suas instruções, pensou ele, saindo do mercado para prosseguir pela Whitechapel Road onde, pelo menos, teria a oportunidade de encontrar uma das irmãs descansar e organizar os pensamentos.

Quando chegou à porta do número 112, ficou satisfeito em ver que a porta da frente tinha sido pintada. – Bom-dia, Sal. Abriu a porta com um empurrão e entrou na sala, onde se deparou com um homem gordo, com a barba por fazer, vestindo camiseta e calças, e brandindo uma navalha de barba.

– Que deseja? – perguntou o homem, segurando bem a navalha.

– Eu moro aqui – disse Charlie.

– Só me faltava isso. Aluguei esta espelunca há seis meses.

– Mas...

– Não há mas – disse o homem, e, sem qualquer aviso, deu-lhe um encontrão que o atirou novamente na rua. A porta bateu atrás dele e Charlie ouviu uma chave rodar na fechadura. Não sabendo bem o que fazer a seguir, começou a desejar nunca ter voltado a casa.

– Olá, Charlie. É Charlie, não é? – perguntou uma voz atrás dele. – Afinal não está morto!

Virou-se e viu a Sra. Shorrocks à sua porta.

– Morto?

– Sim – respondeu a Sra. Shorrocks. Kitty disse que você tinha sido morto na Frente Ocidental e, por isso, tinha de vender o 112. Isso foi há meses, nunca mais a vi. Ninguém lhe disse?

– Não, ninguém me disse – respondeu Charlie, satisfeito para encontrar alguém que o reconhecia. Olhou para a antiga vizinha, tentando descobrir por que razão ele parecia tão diferente.

– Não quer almoçar? Parece estar com fome.

– Obrigado, Sra. Shorrocks.

– Acabei de comprar um pacote de peixe com batatas fritas do Dunkley.

Não deve ter esquecido de como eram boas. Três *pence*, um bom pedaço de bacalhau ensopado em vinagre e uma porção de batatas fritas.

Charlie seguiu a Sra. Shorrocks até o número 11, entrou com ela na cozinha minúscula e deixou-se cair numa cadeira de madeira.

– Suponho que não sabe o que aconteceu ao meu carrinho ou a loja de Dan Salmon?

– A jovem Rebecca vendeu os dois. Deve ter sido há uns bons nove meses; pensando bem, não muito depois de ter ido para a frente. – A Sra. Shorrocks colocou o pacote de peixe com batatas fritas em cima de um pedaço de papel no meio da mesa.

– Para ser justa, Kitty disse-nos que você tinha sido dado como morto na batalha do Mame e, quando se soube a verdade, era tarde demais.

– Mais valia ter morrido – disse Charlie – por tudo que encontrei no regresso.

– Oh, eu não diria isso – disse a Sra. Shorrocks, abrindo uma garrafa de cerveja, bebendo um gole e a empurrando em direção a Charlie.
– Ouvi dizer que há muitos carrinhos à venda hoje em dia e alguns ainda a preço de pechincha.

– Fico contente por saber isso – disse Charlie. – Mas, primeiro preciso encontrar a Gorducha Gulosa, porque não tenho muito capital. – Fez uma pausa para comer a primeira garfada de peixe. – Tem alguma ideia de onde ela anda?

Nunca a vemos por que aqui hoje em dia. Charlie. Ela sempre se achou muito importante em relação a nós, mas ouvi dizer que Kitty tinha ido vê-la na Universidade de Londres.

– Universidade de Londres, hem? Bem, ela está prestes a descobrir que Charlie Trumper está bem vivo, por mais importante que ela tenha se tomado. E

é bom que tenha uma história convincente sobre o que aconteceu à minha parte do dinheiro. – Levantou-se da mesa e pegou as suas coisas, deixando as últimas batatas-fritas para Sra. Shorrocks.

– Quer que abra a outra garrafa, Charlie?

– Não posso demorar, Sra. Shorrocks. Mas obrigado pela cerveja e pela comida, e dê meus cumprimentos ao Sr. Shorrocks.

– Bert? – disse ela. – Não sabe? Ele morreu de um ataque do coração há mais de seis meses, pobre homem, tenho saudades dele.

– Foi então que Charlie compreendeu o que havia de diferente na sua antiga vizinha: nem olho negro, nem nódoas negras.

Saiu da casa e foi à Universidade de Londres, tentar encontrar Rebecca Salmon. Teria ela, de acordo com as instruções dele, se fosse dado como morto, dividido o produto da venda pelas sua três irmãs – Sal, agora no Canadá; Grace, ainda na França; e Kitty, sabe Deus onde? Nesse caso, não haveria capital para ele começar novamente, a não ser o soldo atrasado de Tommy e algumas libras que ele próprio conseguira poupar. Perguntou ao primeiro policial que encontrou o caminho para a Universidade de Londres, e este lhe indicou a direção de Strand. Andou mais um quilômetro até chegar a um arco com uma pedra por cima em que estava escrito “King's College”. Passou pelo arco e bateu à porta de informações. Entrou e perguntou ao homem atrás do balcão se havia uma Rebecca Salmon matriculada no colégio. O homem verificou uma lista e abandonou uma lista e balançou a cabeça.

– Aqui não – disse ele. – Mas pode tentar a secretária da universidade na Malet Street.

Mais uma viagem de um *penny*, e Charlie começou a se perguntar onde passaria a noite.

– Rebecca Salmon? – disse o homem atrás do balcão da secretaria da universidade, vestido com um uniforme de cabo. – Não me é familiar. –

Verificou o nome numa enorme lista que tirou da gaveta da secretária.

– Oh, aqui está ela. Bedford College, História da Arte. – Foi incapaz de disfarçar o desprezo na voz.

– Não tem o endereço dela por acaso, cabo? – perguntou Charlie.

– Você tem de prestar serviço militar, rapaz, antes de me chamar de cabo –

disse o homem mais velho. – Na realidade, quanto mais depressa se alistar, melhor.

Charlie achou que já havia recebido insultos suficientes num dia só e, de repente, perdeu as estribeiras. S

– Sargento Trumper, 7312087. Eu o chamo de cabo e você me chama de sargento. Estou sendo claro?

– Sim, meu sargento – disse o cabo em posição de sentido.

– Agora, qual é o endereço?

– Ela mora num quarto no Chelsea Terrace, número 97, meu sargento.

– Obrigado – disse Charlie, e deixou o admirado ex-soldado olhando enquanto iniciava outra viagem ao longo de Londres.

Foi um Charlie extenuado que finalmente saltou do ônibus na esquina do Chelsea Terrace um pouco depois das quatro horas. Becky teria ficado rica antes dele, indagou-se, mesmo apenas num quarto?

Subiu lentamente a rua familiar, admirando as lojas que sonhara possuir.

Número 1311 – antiguidades, cheia de mobílias de mogno, mesas e cadeiras lindamente polidas. Número 133, roupa de senhora e roupa íntimas de Paris, com artigos na vitrine para os quais Charlie não considerava coneto um homem olhar. O número 135 – carne e aves penduradas em hastes ao fundo da loja, com um aspecto tão delicioso, que Charlie se esqueceu de que havia escassez de comida. Seus olhos fixaram-se num restaurante chamado Mr.

Scallini, aberto no número 139. Charlie se perguntou se comida italiana pegaria em Londres.

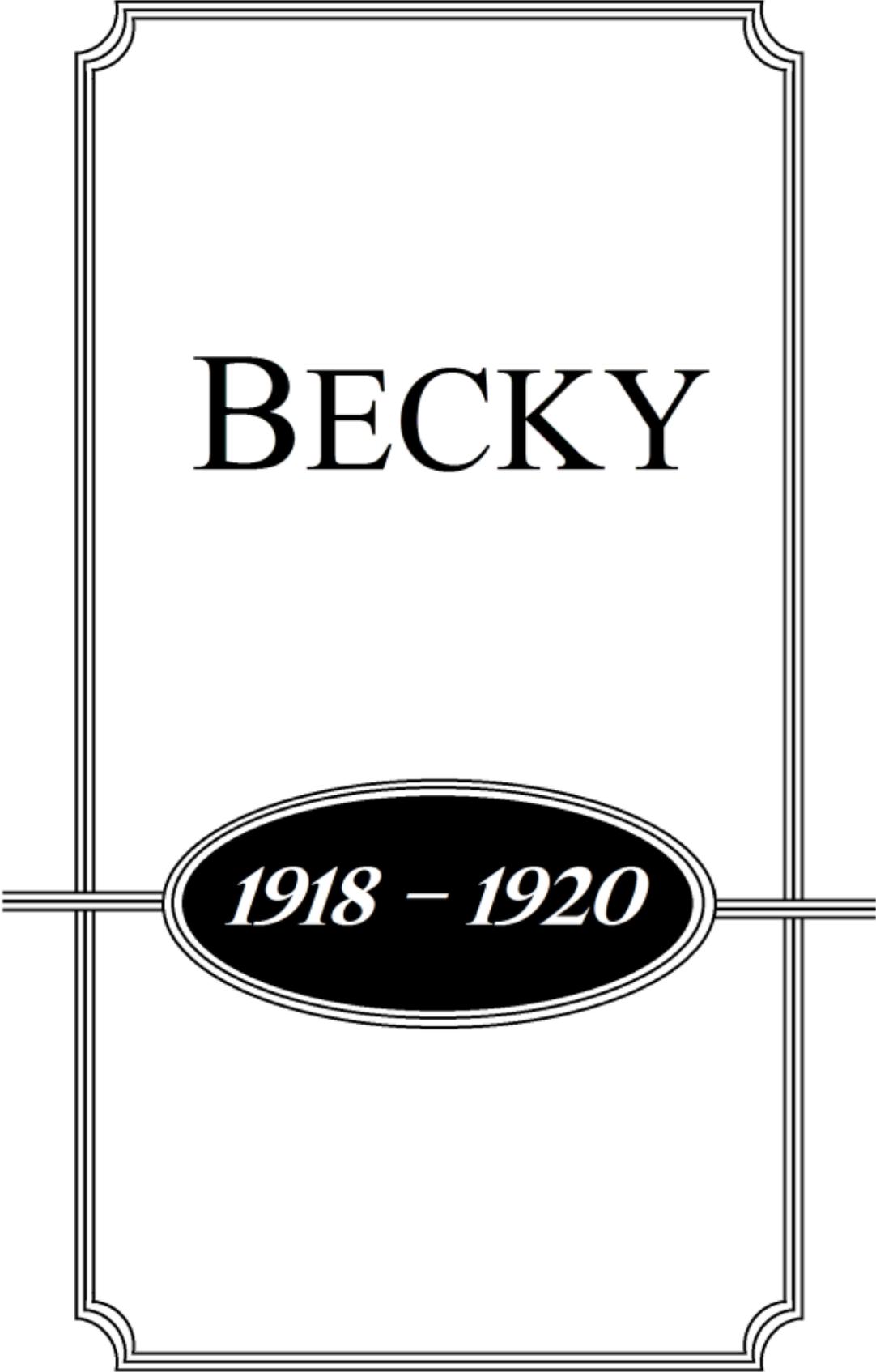
O número 141 – uma velha livraria, bolorenta e cheia de teias de aranha e sem um único freguês à vista. Depois, o 143 – um alfaiate sob medida. Temos, coletes e colarinhos podiam, garantia a mensagem pintada na vitrine, ser adquiridos pelo cavalheiro de bom-gosto. Número 145 – pão fresco, cujo odor era quase suficiente para atrair fregueses. Olhou de um lado para o outro da rua, observando, incrédulo, as mulheres bem-vestidas nas suas tarefas diárias, como se nunca tivesse existido uma guerra mundial. Parecia que ninguém lhe havia falado em senhas de racionamento.

Charlie estacou à porta do número 147 do Chelsea Terrace. Ficou sem respiração, deliciado com a visão que se deparou aos seus olhos cansados –

filas e filas de frutas frescas e hortaliças que teria orgulho de vender. Duas moças bem-vestidas, com aventais verdes, e um jovem de aspecto ainda mais elegante estavam à espera de atender uma freguesa que pegara um cacho de uvas.

Charlie deu um passo atrás e olhou para o nome no alto da loja. Viu uma tabuleta pintada em dourado e azul, que dizia : “CHARLIE TRUMPER – O

COMERCIANTE HONESTO, FUNDADO EM 1823”.



BECKY

1918 - 1920

CAPÍTULO 6

– De 1440 a 1532 – disse ele.

Verifiquei minhas anotações, para me certificar de que copiara as datas corretas, consciente de que tinha dificuldade em me concentrar. Era a última aula do dia, e tudo que queria era voltar para Chelsea Terrace.

O artista entocado nessa tarde era Bernardino Luini. Já tinha decidido que minha tese seria sobre a vida desse subestimado pintor de Milão. Milão... mais uma razão para dar graças por a guerra ter finalmente acabado. Agora eu podia planejar excursões a Roma, Florença, Veneza e, é claro, Milão, e estudar o trabalho de Luini em primeira mão. Miguel Angelo. Leonardo da Vinci, Bellini, Caravaggio, Bernini – metade dos tesouros artísticos do mundo num só país e eu nem sequer tinha podido viajar mais do que as paredes do Victoria e Albert.

As quatro e meia tocou a campainha indicando o fim das aulas do dia.

Fechei os livros e olhei o professor Tilsey dirigindo-se indolentemente para a porta. Tive pena do velhote. Fora chamado a reassumir porque muitos professores jovens tinham partido para lutar na Frente Ocidental. A morte de Matthew Makepeace, o homem que deveria estar dando aulas nessa tarde – “um dos mais brilhantes estudiosos da sua geração”, costumava dizer-nos o velho professor – era “uma inestimável perda para o departamento em particular e para a universidade em geral”.

Eu tinha de concordar com ele: Makepeace era um dos poucos homens na Inglaterra reconhecidos como autoridade sobre Luini. Só assisti a três das suas aulas antes de ele se alistar e ir para a França... A ironia de um homem daqueles ser crivado de baías alemãs, caído sobre a cerca de arame farpado em algum lugar no centro da França, não se perdeu em mim.

Era o meu primeiro ano em Bedford. Parecia não ter nunca tempo suficiente para estudar e precisava muito que Charlie voltasse para tomar conta da loja. Tinha-lhe escrito para Edimburgo quando ele estava na Bélgica, para a Bélgica, quando estava na França, e para a França no momento preciso em que voltei para Edimburgo.

O correio parecia nunca o alcançar, e agora, eu não queria que Charlie descobrisse o que eu fizera até ter a oportunidade de ver eu própria a sua relação.

Jacob Cohen tinha prometido mandar Charlie para Chelsea no momento em que ele reaparecesse na Whitechapel Road. Para mim, quanto mais cedo melhor.

Peguei os livros e guardei no meu velho saco da escola, que meu pai me deu quando consegui a bolsa para St. Paul. O "RS" que ele, cheio de orgulho, havia, carimbado na frente, estava quase desaparecendo, e a correia de couro, muito gasta, por isso ultimamente eu levava o saco debaixo do braço: papai nunca pensaria em comprar um novo até o velho ainda servir para alguma coisa.

Papai tinha sido sempre severo comigo; até me batera com o cinto algumas vezes, uma delas por roubar três, bolinhos, como dizia minha mãe, as suas costas – ele não se importava que eu tirasse o que queria da loja, desde de que pedisse – e outra por dizer "merda" quando cortei o dedo descascando uma maçã... Embora eu não tivesse sido educada na fé judaica – minha mãe não queria nem ouvir falar nisso – ele ainda me transmitia todas aquelas normas de comportamento que tinham feito parte da sua própria educação e não tolerava o que, de tempos em tempos, descrevia como o meu "comportamento inaceitável".

Só muitos anos mais tarde é que soube das limitações que meu pai aceitara quando propôs casamento à minha mãe, uma católica. E a

adorava e nunca se queixava na minha presença do fato de ter assistir sozinho ao serviço religioso.

“Casamento misto” parece uma expressão fora de moda hoje em dia, mas na virada do século deve ter sido um sacrifício bastante grande para ambos.

Adorei St. Paul desde o primeiro dia em que entrei lá. Suponho que, em parte, porque ninguém me censurava por estudar demasiado. A única coisa de que não gostava era de que me chamassem “Gorducha”. Foi uma menina da classe acima da minha, Daphne Harcoun-Browne, que mais tarde me explicou a dupla conotação.

Daphne era loura, de cabelo encaracolado e conhecida como

“Convencida”, e embora fôssemos amigas, a nossa predileção por doces com creme aproximou-nos – especialmente quando ela descobriu que eu tinha uma fonte de fornecimento permanente.

Daphne não se importaria de pagar, mas eu não aceitava, pois queria que meus colegas de aula pensassem que éramos amigas. Numa ocasião, ela até me convidou para ir a sua casa em Chelsea, mas eu não aceitei porque sabia que, se fosse, teria de a convidar para ir à minha casa em Whitechapel.

Foi Daphne que me deu o meu primeiro livro de arte, Os Tesouros da Itália, em troca de várias bombas com creme e, a partir desse dia eu soube que havia encontrado um assunto que queria estudar o resto da minha vida. Nunca perguntei a Daphne, mas sempre me intrigou o tato de uma das páginas do livro ter sido arrancada.

Daphne era de uma das melhores famílias de Londres; certamente do que eu compreendi depois serem as classes superiores, por isso quando saí de St.

Paul, supus que nunca mais nos encontraríamos. Afinal de contas, Lowndes Square não era o meu meio natural. Embora, com toda a

justiça, o East End também não fosse, enquanto estivesse cheio de gente como os Trumpers e os Shorrocks.

E quanto aos Trumpers, eu concordava com a opinião de meu pai. Mary Trumper devia, de fato, ter sido uma santa. George Trumper era um homem de comportamento inaceitável, de classe diferente da de seu pai, que papai costumava descrever como um mensch. O jovem Charlie – que eu particularmente achava que só fazia tolices – tinha, no entanto aquilo que chamava “um futuro”. A magia devia ter pulado uma geração, dizia ele.

– O rapaz é até bom para suas condições – dizia-me ele. – Vai ter a sua própria loja um dia, talvez mesmo mais de uma, pode ter certeza.

Não prestei muita atenção a este comentário até a morte de meu pai me deixar sem ninguém a quem recorrer. '

Papai queixava-se com frequência de que não podia deixar os dois empregados na loja durante mais de uma hora sem que acontecesse algo errado.

“Sem saychel”, queixava-se ele dos que não desejava assumir responsabilidades.

– Nem sei o que aconteceria se um dia não fosse trabalhar.

Quando o rabino leu os últimos ritos na sua *levoyah*, aquelas palavras ecoaram nos meus ouvidos. Minha mãe estava inconsciente no hospital, e não sabiam dizer-me se se recuperaria. Então, eu ficaria com minha tia Harriet, que conhecia apenas de reuniões de família. Ela morava num lugar chamado Romford e, como ela devia levar-me para lá no dia seguinte ao do funeral, eu tinha apenas algumas horas para tomar uma decisão. Tentei imaginar o que meu pai faria nas mesmas circunstâncias e cheguei a conclusão de que ele daria o que frequentemente chamava “um passo ousado”.

Quando me levantei na manhã seguinte, tinha decidido vender a padaria pela melhor oferta – a não ser que Charlie Trumper estivesse disposto a assumir a responsabilidade. Lembro-me de que tinha dúvidas de que Charlie fosse capaz de dar conta do trabalho, mas, no fim foram superadas pela elevada opinião que papai tinha dele.

Durante as minhas aulas naquela manhã preparei um plano de ação. Assim que a escola acabou, peguei o trem de Hammersmith para Whitechapel, depois continuei o resto da viagem a pé até a casa de Charlie.

Quando cheguei ao número 112, bati na porta com a palma da mão e esperei – lembro-me de ficar admirada por os Trumpers não terem uma aldabra.

A porta acabou sendo aberta por uma daquelas irmãs horrorosas, mas eu não tinha certeza qual delas era. Disse-lhe que queria falar com Charlie não fiquei admirada por ficar ali a porta enquanto ela desapareceu dentro de casa. Voltou uns minutos depois e conduziu-me, com alguma relutância, a uma pequena sala nos fundos.

Quando saí, uns vinte minutos depois, senti que levaria prejuízo no negócio, mas lembrei-me de outra expressão de meu pai: “A cavalo dado não se olham os dentes”.

No dia seguinte, inscrevi-me num concurso de contabilidade como “opção extra”. As aulas eram à noite, depois de ter acabado o trabalho da escola normal. A princípio, achei o assunto um tanto enfadonho, mas, à medida que as semanas se passavam, fiquei fascinada pelo fato de o registro meticuloso de todas as transações poder ser tão benéfico, mesmo para o nosso pequeno negócio. Não fazia ideia de quanto dinheiro se podia poupar simplesmente por se compreender um balancete, o pagamento de dívidas e como pedir um reembolso de impostos. A minha única preocupação era desconfiar de que Charlie nunca se preocupara em pagar impostos.

Até comecei a gostar das minhas visitas semanais a Whitechapel, onde tinha a oportunidade de mostrar meus novos conhecimentos. Embora estivesse decidida encerrar minha sociedade com Charlie assim que eu conseguisse entrar na universidade, ainda acreditava que a sua energia e ambição combinadas com o meu bom senso em todos os assuntos financeiros teriam recebido a aprovação do meu pai, até mesmo do avô Charlie.

Quando chegou a época de me concentrar na minha admissão à universidade, decidi oferecer a Charlie a oportunidade de comprar minha parte na sociedade e até providenciei para que um contador me substituísse para tomar conta da contabilidade. Então, mais uma vez, os alemães vieram estragar meus belos planos.

Dessa vez, mataram o pai de Charlie, o que foi uma bobagem, porque só fez o tolo se alistar para lutar com todos eles sozinho. Como era do seu feitio, não se preocupou em consultar ninguém. Foi à Great Scotland Yard, naquele terno horroroso trespassado, o boné idiota e a gravata verde-berrante, carregando todas as preocupações do império sobre os ombros, deixando para mim a tarefa de juntar os pedaços. Não admira que eu tenha perdido tanto peso no ano seguinte, o que minha mãe considerou uma pequena compensação por ter de me associar a gente como Charlie Trumper.

Para piorar as coisas, algumas semanas depois de Charlie ter embarcado no trem para Edimburgo, fui aceita na Universidade de Londres.

Charlie deixara-me duas opções: eu podia tentar tomar conta da padaria e desistir de fazer meu curso, ou podia vender pela melhor oferta. Ele havia deixado um bilhete no dia em que partiu, aconselhando-me a vender, portanto, vendi. Mas apesar das muitas horas gastas andando pela East End, só encontrei um interessado: o Sr. Cohen, que há alguns anos tinha a sua alfaiataria no segundo andar da loja de meu pai e queria ampliar as instalações. Ele me fez uma oferta justa, dadas as circunstâncias, e até recebi mais duas

libras de um dos vendedores de rua pelo carrinho de Charlie; mas por mais que tentasse, não consegui arranjar comprador para a horrorosa relíquia do século XIX do avô Charlie.

Depositei imediatamente o dinheiro que havia recebido na Sociedade Financeira Bow, no número 102 de Cheapside, por um ano, à taxa de quatro por cento.

Não tinha intenção de mexer enquanto Charlie Trumper estivesse na guerra até que, uns cinco meses depois, Kitty Trumper procurou-me em Romford.

Desatou a chorar e disse-me que Charlie tinha sido morto na Frente Ocidental.

Acrescentou que não sabia o que aconteceria à família, agora que já não tinham o irmão para tomar conta delas. Expliquei-lhe imediatamente qual fora o meu acordo com Charlie, e isso, pelo menos, pôs-lhe um sorriso no rosto. Ela concordou em me acompanhar à Sociedade Financeira no dia seguinte, para levantarmos a parte do dinheiro de Charlie.

A minha intenção era cumprir os desejos de Charlie e distribuir a sua parte do dinheiro pelas três irmãs, em partes iguais. No entanto, o gerente da Sociedade explicou-nos, o mais educadamente possível, que, antes de um ano eu não poderia levantar um só *penny* do depósito. Mostrou-me mesmo o documento que eu assinara, chamando-me a atenção para essa cláusula. Ao saber isso, Kitty deu um salto e gritou uma série de obscenidades que fez o gerente ficar escarlate e precipitou-se, furiosa, para fora da sala.

Mais tarde fiquei grata àquela cláusula. Eu podia tão facilmente ter dividido os sessenta por cento de Charlie por Sal, Grace e aquela horrorosa Kitty, que obviamente havia mentido sobre a morte do irmão. Só soube a verdade quando, em julho, Grace me escreveu da frente, informando-me que Charlie tinha sido enviado para Edimburgo após a batalha do Marne. Jurei imediatamente dar-lhe a

sua parte do dinheiro no dia em que ele pusesse os pés na Inglaterra; queria ver-me livre de todos aqueles Trumplers e dos seus problemas, de uma vez por todas.

Quem me dera que papai estivesse vivo para me ver no Bedford College. A sua filha na Universidade de Londres; nunca pararia de falar nisso em Whitechapel. Mas um dirigível alemão havia-o impedido e, ao mesmo tempo, arrasado minha mãe que entretanto, ainda se deleitava lembrando a todas as suas amigas que eu tinha sido uma das primeiras mulheres do East End a matricular-se numa universidade.

Depois de ter escrito para Bedford, confirmando a minha aceitação, comecei a procurar um quarto mais perto da universidade: estava decidida a mostrar alguma independência. Minha mãe, cujo coração nunca se restabelecera completamente do choque de perder papai, foi morar em Romford, no subúrbio, com a tia Harrlet. Ela não conseguia compreender porque razão eu precisava morar em Londres, e insistia em que qualquer alojamento que encontrasse fosse sancionado pelas autoridades universitárias.

Ela acentuava que eu só poderia viver com alguém que papai tivesse considerado "aceitável". Mamãe vivia dizendo que não gostava da falta de moralidade tão em moda desde o início da guerra.

Embora eu tivesse mantido contato com várias amigas da escola de St.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Paul, só conhecia uma que poderia ter um quarto extra em Londres, e pensei que ela era talvez a minha única esperança de não ter de passar grande parte da vida num trem entre Romford e Regent's Park.

Ela respondeu, convidando-me para tomar chá no seu pequeno apartamento, em Chelsea. Quando a encontrei, fiquei surpresa por descobrir que eu estava um pouco mais alta do que Daphne, e que ela havia perdido quase tanto peso como eu.

Daphne não só me recebeu de braços abertos, como, para minha surpresa mostrou-se radiante com a ideia de eu ocupar um dos seus quartos de hóspedes.

Insisti em pagar um aluguel de cinco xelins por semana e também lhe perguntei, um tanto timidamente, se gostaria de vir tomar chá em Romford, com minha mãe. A ideia pareceu divertir Daphne, e ela veio comigo a Essex na terça-feira seguinte.

Minha mãe e minha tia mal abriram a boca toda a tarde. Um monólogo sobre bailes de caça a cavalo, polo e o vergonhoso declínio das boas maneiras dos oficiais da guarda não eram exatamente assuntos sobre os quais pudessem emitir opinião.

Quando tia Harriet serviu o segundo prato de bolinhos, não me surpreendeu ver a minha mãe acenar com a cabeça em sinal de aprovação.

De fato, o único momento embaraçoso de toda a tarde foi quando Daphne levou a bandeja para a cozinha – algo, supus eu, que ela não fizera com muita frequência até então – e viu o meu último boletim escolar pregado na porta da despensa.

Mamãe sorriu e aumentou mais ainda a minha humilhação, lendo o seu conteúdo em voz alta: "A Srta. Salmon demonstra capacidade de trabalho invulgar que, aliada a mente inquisitiva e intuitiva, lhe

augura um bom êxito em Bedford College. Assinado Srta. Potter, reitora”.

– Minha mãe nunca se deu ao trabalho de afixar o meu último relatório em lugar nenhum – foi tudo o que Daphne disse sobre o assunto.

Depois de ter mudado para Chelsea Terrace, a nossa vida depressa entrou na rotina. Daphne esvoaçava de festa em festa enquanto eu andava, num passo um pouco mais rápido, de sala de aula em sala de aula, os nossos caminhos raramente se cruzando.

Apesar da minha apreensão, Daphne provou ser uma companheira maravilhosa com quem partilhar a casa. Embora mostrasse pouco interesse pela minha vida acadêmica – as suas energias eram gastas na perseguição de raposas e oficiais da guarda – ela estava sempre coberta de bom senso sobre todos os assuntos imagináveis, não esquecendo o contato constante com uma sucessão de homens jovens e disponíveis que pareciam chegar, num trem interminável, à porta do número 97 de Chelsea Terrace.

Daphne tratava-os todos com a mesma arrogância, confessando-me que seu verdadeiro amor ainda estava em combate na Frente Ocidental – nunca mencionou seu nome na minha presença.

Quando eu tinha tempo para descansar dos livros, ela conseguia sempre arranjar um oficial livre para me acompanhar a um concerto, uma peça, ou mesmo um baile de regimento. Embora não manifestasse qualquer interesse em minhas atividades na universidade, ela fazia perguntas sobre o East End e parecia fascinada pelas histórias sobre Charlie Trumper e seu carrinho.

A vida podia ter prosseguido assim indefinidamente, se eu não tivesse visto um exemplar do Kensington News, um jornal que Daphne comprava para saber que filme estava passando no cinema local.

Quando, numa sexta-feira à noite, passei os olhos por suas páginas, saltou-me a vista um anúncio. Li as palavras atentamente, para ter a certeza de que a loja era exatamente a que eu pensava, dobrei o jornal e saí do apartamento para me certificar do local. Desci o Chelsea Terrace e encontrei o anúncio na vitrine da quitanda local. Devia ter passado por ele várias vezes sem reparar: “Vende-se. Contatar John D. Wood, 6 Mount Street, London Wt”.

Lembrei-me de que Charlie sempre queria saber os preços em Chelsea, comparando-os com os de Whitechapel, por isso resolvi ir saber.

Na manhã seguinte depois de ter perguntado ao dono do quiosque de revistas – o Sr. Bates sabia sempre tudo que se passava no Terrace e tinha o maior prazer em partilhar seus conhecimentos com quem quisesse passar algum tempo conversando – fui ao escritório de John D. Wood, na Mount Street.

Fiquei a espera no balcão algum tempo, mas um dos quatro empregados apareceu, apresentou-se como Sr. Palmer e perguntou em que poderia ser útil.

Após um exame atento do jovem, fiquei em dúvida de que ele pudesse ser útil a alguém. Devia ter perto de uns 17 anos e era tão pálido e magro, que parecia possível uma rajada de vento o levar pelos ares.

– Queria saber sobre o número 147 do Chelsea Terrace – disse eu.

Ele conseguiu mostrar um ar surpreso e perplexo ao mesmo tempo.

– Nº 147 do Chelsea Terrace?

– Nº 147 do Chelsea Terrace.

– A senhora me dá um minuto, por favor?– disse ele e foi até um fichário, encolhendo exageradamente os ombros quando passou por

um dos colegas. Vi-o folhear vários papéis antes de regressar ao balcão com uma única folha; não fez qualquer tentativa de me convidar a sentar, nem sequer me ofereceu uma cadeira.

Colocou a folha em cima do balcão e examinou-a atentamente.

– Uma loja de hortaliças – disse ele.

– Sim.

–A frente da loja – continuou o jovem com voz cansada-tem sete metros. A loja em si tem um pouco menos de trezentos metros quadrados, incluindo um pequeno apartamento no primeiro andar com vista para o parque.

– Que parque? – perguntei, não tendo a certeza de estarmos falando sobre a mesma propriedade.

– Princess Gardens, minha senhora – disse ele.

– Alguns metros de selva – informei-o, tendo subitamente consciência de que o Sr. Palmer nunca havia estado em Chelsea Terrace em toda a sua vida.

– A propriedade está desocupada – continuou, não reagindo ao meu comentário, mas, pelo menos, não se debruçando sobre o balcão.

– E o proprietário permitirá a ocupação imediata dentro de trinta dias a partir da assinatura do contrato.

– Quanto é que o proprietário está pedindo? – perguntei. Estava ficando cada vez mais aborrecida com aquela atitude condescendente.

– A nossa cliente, Sra. Chapman – continuou o empregado.

– Esposa do marinheiro de primeira classe Chapman, do navio Boxer

–

informei-o.– Morto em combate no dia 8 de fevereiro de 1918, deixando uma filha de sete anos e um filho de cinco.

O Sr. Palmer teve a delicadeza de empalidecer.

– Também sei que a Sra. Chapman sofre de artrite, o que lhe torna quase impossível subir as escadas para o pequeno apartamento – acrescentei.

Ele tinha agora um ar bastante perplexo.

– Sim – disse. – Bem, sim.

– Por quanto é que a Sra. Chapman quer vender o imóvel?– insisti. Nessa altura, os três colegas de Palmer haviam interrompido o que estavam fazendo para acompanhar a conversa.

– Estão sendo pedidos pelo imóvel desocupado cento e cinquenta guinéus –

declarou o empregado, com os olhos fixos na última linha do papel.

– Cento e cinquenta *guinéus*– repeti, fingindo incredulidade, sem fazer a mínima ideia de quanto valia. – Ela deve estar sonhando. Será que se esqueceu de que estamos em guerra?

– Ofereça-lhe cem, Sr. Palmer, e não precisa me procurar se ela quiser nem que seja um *penny* mais.

– *Guinéus?* – perguntou ele, esperançoso.

– Libras– respondi, escrevendo meu nome e endereço nas costas do papel e deixando-o sobre o balcão. O Sr. Palmer parecia ter perdido a fala, e a sua boca permaneceu aberta enquanto virava e sala do escritório.

Voltei a Chelsea consciente de que não tinha qualquer intenção de comprar uma loja no Terrace, De qualquer modo, eu não tinha cem

libras nem nada que parecesse. Possuía um pouco mais de quarenta libras no Banco e poucas perspectivas de conseguir mais dinheiro, mas a atitude imbecil do homem me irritava. Em todo caso, decidi, não havia muito perigo de a Sra. Chapman aceitar uma oferta tão insultante.

A Sra. Chapman aceitou minha oferta na manhã seguinte. Desconhecendo que não tinha nenhuma obrigação de assinar qualquer contrato, fiz um depósito de dez libras nessa mesma tarde. O Sr. Palmer explicou-me que o dinheiro não seria devolvido se eu não concluísse o contrato dentro de trinta dias.

– Isso não será problema – disse-lhe com fanfarronice, embora não fizesse a mínima ideia de como iria conseguir o resto do dinheiro.

Durante os vinte e sete dias seguintes procurei todo mundo que conhecia, desde a Sociedade Financeira Bow a tias distantes, até mesmo estudantes, meus colegas, mas nenhum deles demonstrou o menor interesse em financiar uma jovem aluna universitária no montante de sessenta libras para que ela pudesse comprar uma loja de frutas e hortaliças.

– Mas é um investimento maravilhoso – tentava eu explicar a quem quisesse ouvir. – Além disso, Charlie Trumper faz parte do negócio, e ele é o melhor vendedor de frutas e hortaliças do East End que eu já vi. – Raramente ia além desse ponto na minha conversa de vendedora, antes de o desinteresse cortês ser substituído por expressões de incredulidade.

Após a primeira semana, cheguei relutantemente à conclusão de que Charlie

Trumper não iria ficar satisfeito com o fato de eu ter sacrificado dez libras do nosso dinheiro – seis dele e quatro minhas – apenas para satisfazer a minha vaidade feminina. Decidi que preferia suportar eu própria a perda de seis libras a admitir que tinha feito papel de tola.

– Mas porque não conversou com a sua mãe ou a sua tia antes de tomar uma atitude tão drástica?-perguntou Daphne no décimo sexto dia. –Afinal de contas, elas parecem ser tão sensatas.

– Elas só iriam brigar comigo. Não, obrigada – respondi secamente.
– Em todo caso, não acredito que as duas juntas tenham sessenta libras. Mesmo que tivessem, acho que não estariam interessadas em investir sequer um *penny* em Charlie Trumper.

No fim do mês, voltei humildemente a John D. Wood para explicar que as noventas libras não viriam e que eles poderiam por o imóvel novamente à venda. Temia o sorriso irônico, do tipo “eu sabia” que apareceria no rosto do Sr. Palmer quando eu lhe desse a notícia.

– Mas a sua representante fechou o negócio ontem – garantiu-me o Sr.

Palmer, com ar de quem nunca me compreenderia.

– Minha representante? – disse eu.

O empregado verificou o processo.

– Sim, a Srta. Daphne Harcourt-Browne de...

– Mas porquê? – perguntei.

– Eu não sou a pessoa indicada para responder a essa pergunta específica –

respondeu o Sr. Palmer, uma vez que nunca tinha visto essa senhora até ontem.

– É bastante simples – respondeu Daphne quando lhe fiz a mesma pergunta nessa noite. – Se Charlie Trumper for tão bom como você diz, terei feito um Ótimo investimento.

– Investimento?

– Sim, veja bem, quero que o meu capital mais quatro por cento de juros sejam pagos durante três anos.

– Quatro por cento?

– Sim. Afinal de contas, é o que recebo por minhas ações. Por outro lado, se não me pagarem o capital e os juros, na totalidade, quero dez por cento dos lucros a partir do quarto ano.

– Mas poderá não haver lucros.

– Nesse caso, ficarei automaticamente com sessenta por cento dos bens.

Charlie terá, então, vinte e quatro por cento e você dezesseis. Tudo o que você precisa saber está neste documento. – Entregou-me várias folhas escritas num estilo condensado, com um sete no alto da última folha. – Tudo o que é preciso agora é a sua assinatura na última linha.

Li o documento devagar, enquanto Daphne bebia um xerez. Ela ou os seus conselheiros pareciam ter considerado todas as possibilidades.

– Há apenas uma diferença entre você e Charlie Trumper – disse-lhe, assinando entre duas cruces a lápis.

– Qual é?

– Você nasceu numa cama de dossel.

Não me era possível organizar a loja e continuar os estudos na universidade.

Depressa cheguei à conclusão de que teria de contratar um gerente temporário. O fato de as três moças que já trabalhavam no número

147 se limitar a dar risadinhas sempre que eu determinava alguma coisa tornava essa contratação ainda mais urgente,

– Boa-noite, Sr. Makins – disse eu.

– Olá? – Olhou em volta espantado, obviamente surpreso por ver que uma mulher jovem que não lhe tinha sido apresentada sabia o seu nome. Continuou a andar.

– Tenho uma loja em Chelsea Terrace... – disse eu, acompanhando-lhe o passo, enquanto ele prosseguia em direção ao ponto. Pareceu ainda mais surpreso, mas nada disse, apenas apressou o passo. – E estou à procura de um novo gerente.

Essa informação fez o Sr. Makins diminuir o passo pela primeira vez e olhar mais atentamente para mim.

– A Chapman – disse ele. – Foi a senhora quem comprou a Chapman?

– Foi, mas agora chama-se Trumper – disse eu. – E estou lhe oferecendo emprego, como gerente, a uma libra a mais por semana do que seu salário atual.

– Não que eu fizesse alguma ideia de quanto ele ganhasse.

Foram precisos vários quilômetros de ônibus e muitas perguntas respondidas à porta de sua casa antes de ele me convidar a conhecer sua mãe.

Bob Makins veio trabalhar conosco duas semanas depois, como gerente da loja Trumper.

Apesar desse golpe, fiquei desapontada ao verificar, no final do nosso primeiro mês, que a loja tinha tido um prejuízo de mais de três libras, o que significava que eu não podia pagar um único *penny* a Daphne.

– Não desanime – ela me disse. – Continue; ainda há a possibilidade de a cláusula da multa nunca ser aplicada, especialmente se o Sr. Trumper, quando regressar, demonstrar-se tão bom como você diz.

Durante os últimos seis meses eu tinha sido capaz de estar a par do paradeiro do esquivo Charlie, graças à ajuda de um jovem oficial que Daphne me apresentara e que trabalhava no Ministério da Guerra. Ele parecia saber sempre exatamente onde o sargento Charlie Trumper dos Royal Fusillers se encontrava, a qualquer hora do dia ou da noite. Mas eu ainda estava decidida a tentar fazer a loja funcionar e dar lucro antes de Charlie pôr os pés dentro dela.

Soube pelo amigo de Daphne, porém, que o meu sócio errante deveria ser desmobilizado no dia 20 de fevereiro de 1919, deixando-me, portanto, pouco ou nenhum tempo para equilibrar os livros. E, pior ainda, tinha sido necessário há pouco tempo substituir duas das moças das risadinhas que tinham, infelizmente, sucumbido à epidemia de tuberculose e despedir a terceira por incompetência.

Tentei lembrar-me de todas as lições que papai me ensinara quando criança. Se a fila estivesse grande, deveria atender os fregueses rapidamente, se fosse pequena, deveria demorar mais tempo; assim, a loja nunca estaria vazia.

As pessoas não gostam de entrar em lojas vazias, explicava ele, sentem-se inseguras.

– No toldo – insistia ele – devem estar escritas em letras bem visíveis as palavras “Dan Salmon, pão fresco. Fundada em 1879”. Repita o nome e a data sempre que haja oportunidade; o tipo de pessoas que moram no East End gosta de saber que o negócio existe há bastante tempo. Filas e história: os ingleses sempre lhe deram valor.

Tentei implementar a sua filosofia, uma vez que desconfiava de que Chelsea não fosse muito diferente do East End. Mas, no nosso caso, o toldo dizia: “Charlie Trumper, o comerciante honesto. Fundada em 1823.” Durante alguns dias, pensei mesmo em chamar a loja de

"Trumper e Salmon", mas desisti da ideia quando percebi que isso me ligaria a Charlie para o resto da vida.

Uma das grandes diferenças que descobri existir entre o East e o West End era que, em Whitechapel, os nomes dos devedores eram escritos a giz numa ardósia, enquanto, em Chelsea, eles abriam contas. Para minha surpresa, os calotes eram mais habituais em Chelsea do que em Whitechapel. No segundo mês, ainda fui incapaz de pagar alguma coisa a Daphne. Tornava-se cada dia mais Óbvio que a minha única esperança agora era Charlie.

No dia em que ele deveria voltar, almocei na cantina da universidade com dois amigos da minha turma. Mastiguei minha maçã e mordisquei uma fatia de queijo, tentando concentrar-me nas suas opiniões sobre Karl Marx. Quando acabei de beber os meus dois copos de leite, peguei os livros e voltei para a sala de aula. Apesar de ficar normalmente fascinada com os primeiros artistas renascentistas, nessa ocasião fiquei satisfeita quando o professor guardou os seus papéis alguns minutos antes de a aula acabar.

O bonde de regresso a Chelsea pareceu levar uma eternidade, mas, finalmente, parou na esquina do Chelsea Terrace.

Sempre gostei de percorrer toda a rua, para ver como iam as outras lojas.

Primeiro passava na loja de antiguidades do Sr. Rutherford. Ele tirava sempre o chapéu quando me via. Depois havia a loja de roupas de senhora, no número 113, com vestidos na vitrine que eu achava que nunca iria poder comprar. Em seguida era o açougue de Kendrick, onde Daphne tinha conta; e algumas portas adiante ficava o restaurante italiano com as suas mesas vazias cobertas com toalhas xadrez. Eu sabia que o dono lutava para sobreviver, porque nós já não podíamos dar-lhe crédito. Finalmente, vinha a livraria onde o gentil Sr.

Sneddles se mantinha a custo.

Embora não vendesse um livro há semanas, sentava-se, feliz, ao balcão embrenhado no seu amado William Blake até a hora de trocar o letreiro na porta, de “Aberto” para “Fechado”. Sorri quando passei, mas ele não me viu.

Calculei, que, se o trem de Charlie tivesse chegado a King’s Cross no horário, ele já teria chegado a Chelsea, mesmo se tivesse vindo o caminho todo a pé.

Hesitei apenas um momento ao chegar a loja, depois entrei. Para meu desgosto, Charlie não estava lá. Perguntei imediatamente a Bob Maklins se alguém havia perguntado por mim.

– Ninguém, Srta. Becky – confirmou Bob. – Não se preocupe, sabemos bem o que fazer se o Sr. Trumper aparecer. – As duas novas empregadas, Patsy e Gladys, acenaram com a cabeça afirmativamente.

Olhei o relógio – poucos minutos depois das cinco – e decidi que, se Charlie não tinha aparecido até então, era pouco provável que aparecesse ainda nesse dia. Franzi a testa e disse a Bob que podia começar a fechar a loja.

Quando o relógio acima da porta deu seis horas, pedi-lhe, hesitante, que fechasse a persiana e a porta enquanto eu verificava o movimento do dia.

– Estranho – disse Bob, aproximando-se de mim junto da porta de entrada, com as chaves da loja na mão.

– Estranho?

– Sim. Aquele homem ali. Há uma hora está sentado naquele banco sem tirar os olhos da loja. Só espero que o pobre homem esteja bem.

Virei-me para o outro lado da rua. Charlie estava sentado, de braços cruzados olhando diretamente par mim. Quando nossos olhos se encontraram, descruzou os braços, levantou-se e veio lentamente ao meu encontro.

Durante algum tempo, nenhum de nos falou, até que ele disse:

– Então, o que aconteceu?

CAPÍTULO 7

– Como está, Sr. Trumper? Muito prazer em conhecê-lo – disse Bob Makins, limpando a palma da mão no avental verde antes de apertar a mão estendida de seu novo patrão.

Gladys e Patsy deram um passo à frente e fizeram uma pequena reverência a Charlie, o que fez Becky sorrir.

– Não é preciso nada disso – disse Charlie. – Eu sou de Whitechapel e as únicas reverências e mesuras que farão no futuro será aos fregueses.

– Sim, senhor – disseram as moças em uníssono, o que deixou Charlie sem fala.

– Bob, importa-se de levar as coisas do Sr. Trumper para o quarto dele? –

pediu Becky. – Enquanto eu lhe mostro a loja.

– Certamente, senhorita – disse Bob, olhando o embrulho de papel pardo, e a pequena caixa que Charlie tinha deixado no chão a seu lado. – Isto é tudo, Sr.

Trumper? – perguntou, incrédulo.

Charlie acenou com a cabeça, em sinal afirmativo. Olhou as duas empregadas com as suas elegantes blusas brancas e aventais

verdes. Estavam ambas de pé atrás do balcão, parecendo não ter certeza do que fazer a seguir.

– Vocês duas podem ir – disse Becky. – E cheguem cedo amanhã; o Sr.

Trumper é exigente quanto à pontualidade.

As duas moças pegaram suas bolsas de feltro e saíram, enquanto Charlie se sentava num banco junto de uma caixa de ameixas.

– Agora que estamos sozinhos – disse ele, conte-me como tudo isto aconteceu.

– Bem – respondeu Becky –, tudo começou com um orgulho tolo, mas...

Muito antes de chegar ao fim da história, Charlie disse: “Você é maravilhosa, Becky, simplesmente maravilhosa!”

Ela continuou a contar a Charlie tudo que acontecera no último ano e a única vez que Charlie franziu a testa foi quando soube os detalhes do investimento de Daphne.

– Portanto, tenho cerca de dois anos e meio para pagar as sessenta libras mais os juros?

– Mais o prejuízo dos primeiros seis meses – disse Becky, timidamente.

– Eu repito, Becky Salmon, você é maravilhosa! Se eu não conseguir fazer uma coisa assim tão simples, então, não mereço ser seu sócio.

Um sorriso de alívio percorreu o rosto de Becky.

– E você também mora aqui? – perguntou Charlie, olhando para as escadas.

– Claro que não. Moro com uma velha amiga minha de escola, Daphne Harcourt-Browne, um pouco acima nesta rua, no nº 97.

– A moça que deu o dinheiro?

Becky concordou com a cabeça.

– Deve ser uma boa amiga – disse Charlie.

Bob reapareceu na escada.

– Coloquei as coisas do Sr. Trumper no quarto e verifiquei o apartamento.

Parece estar tudo em ordem.

– Obrigada, Bob – disse Becky. – Como não há mais nada a fazer hoje, até amanhã.

– O Sr. Trumper irá ao mercado, Srta?

– Duvido – respondeu Becky. – Por isso, faça as encomendas para amanhã como de costume. Certamente, o Sr. Trumper irá com você mais para o fim da semana.

– Covent Garden? – perguntou Charlie.

– Sim, senhor – disse Bob.

– Bem, se eles não se mudaram, nos encontramos lá amanhã de manhã às quatro e meia.

Becky viu Bob ficar branco.

– Suponho que o Sr. Trumper não espera que você esteja lá todas as manhãs às quatro e meia. – Ela riu. – É só até ele se habituar. Boa-noite, Bob.

– Boa-noite, senhorita, boa-noite, senhor – disse Bob, saindo da loja, perplexo.

– Que disparate esse negócio de “senhorita” e “senhor”! – desabafou Charlie. – Sou apenas cerca de um ano mais velho do que Bob.

– Muitos dos oficiais na Frente Ocidental a quem você chamava “senhor”

também o eram.

– A questão não é essa. Eu não sou um oficial.

– Não, mas é o patrão. E, além disso, não está mais em Whitechapel, Charlie. Venha, vamos ver o seu apartamento.

– Apartamento? Nunca tive um apartamento na minha vida. E ultimamente, só trincheiras, barracas e ginásios.

– Bem, agora você tem. – Becky conduziu o sócio pela escada até o primeiro andar e iniciou uma visita guiada. – Cozinha – disse ela. – Pequena, mas deve servir. A propósito, providenciei para que houvesse facas, garfos e louça suficiente para três pessoas, e disse a Gladys que é responsabilidade dela manter o apartamento limpo e arrumado. – A sala – anunciou, abrindo uma porta –, se é que se pode chamar sala a algo tão pequeno.

Charlie olhou para um sofá e três cadeiras, tudo obviamente novo.

– O que aconteceu às minhas coisas velhas?

– A maior parte foi queimada no Dia do Armistício – admitiu Becky. –

Mas eu consegui um xelim por uma cadeira de crina de cavalo e a mina.

– E o carrinho do meu avô? Não foi queimado também ou foi?

– Claro que não. Tentei vendê-lo, mas ninguém queria dar mais de cinco xelins. Por isso, Bob a usa para trazer as coisas do mercado de manhã.

– Ótimo – disse Charlie, com alívio.

Becky dirigiu-se ao banheiro.

– Desculpe a mancha debaixo da torneira de água fria – disse ela. – Não encontramos nada que a tirasse, por mais que tentássemos. E a descarga nem sempre funciona.

– Nunca tive tuna privada dentro de casa antes – disse Charlie. – Muito fino.

Becky prosseguiu para o quarto.

Charlie tentou ver tudo ao mesmo tempo, mas seus olhos fixaram-se num quadro colorido que ficava pendurado sobre a mãe. Pensou que havia algo familiar nele. Seus olhos deslocaram-se para uma cômoda, duas cadeiras e uma cama que nunca tinha visto antes. Ele queria desesperadamente mostrar a Becky como estava grato por tudo que ela havia feito e optou por pular para cima e para baixo no canto da cama.

– Outra primeira vez – disse Charlie.

– Outra primeira vez?

– Sim, as cortinas. Vovô não permitia, você sabe. Costumava dizer...

– Sim, eu me lembro – disse Becky. – Diria que cortinas não deixavam acordar de manhã e impediam que se trabalhasse um dia inteiro.

– Bem, algo semelhante, exceto que não tenho certeza de que meu avô soubesse o que significa a palavra “impedir” – disse Charlie,

começando a abrir a caixa de Tommy. Os olhos de Becky fixaram a pintura da Virgem Maria e o Menino no momento em que Charlie colocou o pequeno quadro em cima da cama. Pegou a pintura a óleo e começou a examiná-la com atenção.

– Onde você arranhou isto, Charlie? É lindo.

– Um amigo que morreu na Frente deixou para mim – respondeu ele inexpressivamente.

– Seu amigo tinha bom gosto. – Becky continuava com o quadro na mão. –

Sabe quem o pintou?

– Não, não sei. – Charlie olhou para a fotografia da mãe que Becky tinha pendurado na parede. – Céus – disse ele –, e exatamente o mesmo quadro.

– Não exatamente – disse Becky, examinando a gravura de página de revista que estava em cima da cama. – A de sua mãe é uma fotografia de uma obra-prima semelhante, é de fato uma excelente cópia do original. – Olhou o relógio.

– Tenho de ir – disse, inesperadamente. – Prometi estar no Queen's Hall às oito horas. Mozart.

– Mozart. Alguém que eu conheça?

– Apresento em breve.

– Então, não vai fazer o meu primeiro jantar? – perguntou Charlie. – Sabe, ainda tenho tantas perguntas que precisam de resposta. Tantas coisas que quero saber. Para começar...

– Desculpe, Charlie. Não posso atrasar me atrasar. Virei amanhã e prometo responder a todas as suas perguntas.

– De manhã?

– Sim, mas não pelos seus padrões – riu Becky. – Calculo que por volta das oito.

– Gosta desse fulano. Mozart? – perguntou Charlie, e Becky percebeu que seus olhos a examinavam atentamente.

– Bem, para ser franca, não sei muito sobre ele, mas Guy gosta dele.

– Guy? – disse Charlie.

– Sim, Guy. É o rapaz que vai me levar ao concerto, e não o conheço tempo suficiente para chegar tarde. Conto mais sobre ambos amanhã Adeus Charlie.

Ao chegar ao apartamento de Daphne, Becky não pôde evitar sentir-se um pouco culpada por deixar Charlie sozinho na sua primeira noite em casa e começou a pensar que havia sido egoísmo de sua parte aceitar o convite para ir a um concerto com Guy nessa noite. Mas o batalhão não lhe dava muitas noites de folga durante a semana, e, se ela não o visse quando ele estava livre, passavam-se muitas vezes vários dias antes de poderem sair juntos.

Quando abriu a porta do nº 97, Becky ouviu Daphne no banho.

– Ele está diferente? – gritou a amiga quando ouviu a porta bater

– Quem? – perguntou Becky, dirigindo-se ao quarto.

– Charlie, é claro – disse Daphne, abrindo a porta do banheiro. Ficou encostada a parede de azulejos, enrolada numa toalha; estava quase envolta numa nuvem de vapor.

Becky pensou na pergunta por um momento.

– Está diferente, sim; muito; exceto na roupa e na voz.

– O que você quer dizer com isso?

– Bem, a voz é a mesma... a roupa é a mesma... eu as reconheceria em qualquer lugar. Mas ele não é o mesmo.

– Acha que compreendo tudo isso? – perguntou Daphne, começando a esfregar o cabelo com força.

– Bem, como ele próprio me fez notar, Bob Makins é apenas um ano mais novo do que ele, mas Charlie parece ser dez anos mais velho do que qualquer um de nós. Deve acontecer aos homens que estiveram na Frente Ocidental

– Isso não é de admirar, mas o que quero saber é se ele ficou surpreso com a loja.

– Sim, francamente, acho que sim – Becky despiu o vestido. – Você tem um par de meias que possa me emprestar?

– Terceira gaveta – disse Daphne, – Mas, em troca, quero que me empreste as suas pernas.

Becky riu.

– Como ele é? – continuou Daphne, atirando a toalha molhada no chão do banheiro.

Becky refletiu sobre a pergunta.

– Um pouco menos de metro e oitenta, grande como o pai, mas, no seu caso, é tudo músculo e não gordura. Não é exatamente um Douglas Fairbanks, mas algumas poderão considerá-lo bonito.

– Começo a achar que é o meu tipo – disse Daphne, remexendo a roupa para procurar algo apropriado.

– Não me parece, querida – disse Becky. – Não imagino o brigadeiro Harcourt-Browne convidando Charlie Trumper para um copo de

xerez de manhã, antes da caçada de Cottenham.

– Você é tão esnobe, Rebecca Salmon – disse Daphne, rindo. – Nós podemos partilhar a casa, mas não se esqueça de que você e Charlie vêm do mesmo lugar. Pensando bem, você só conheceu Guy por meu intermédio.

– É verdade – disse Becky –, mas certamente me será dado algum crédito por St. Paul e a Universidade de Londres.

– Não no lugar de onde venho – respondeu Daphne, verificando as unhas.

Não posso ficar conversando com as classes trabalhadoras agora, querida –

continuou. – Tenho de ir. Henry Bronsgrove vai levar-me a um baile em Chelsea. E por mais insosso que o nosso Henry seja, gosto muito do ser convidada para passar uns tempos na sua casa de campo da Escócia em agosto.

Adeusinho!

Enquanto enchia a banheira, Becky pensou rias palavras de Daphne, ditas com humor e afeto, mas evidenciando os problemas que ela enfrentava ao tentar atravessar, durante alguns momentos, as barreiras sociais estabelecidas.

Daphne tinha, de fato, lhe apresentado Guy, apenas algumas semanas antes, quando a convencera de ir com ela ver La Bohème, em Covent Garden.

Becky ainda se lembrava claramente do primeiro encontro. Quando tomaram uma bebida no Crush Bar, ela havia tentado não gostar dele, especialmente depois do aviso de Daphne sobre a sua reputação. Tinha tentado não olhar tanto para o elegante jovem à sua frente. O espesso cabelo louro, os profundos olhos azuis e o

encanto fácil tinham, provavelmente, cativado os corações de um sem número de mulheres nessa noite, mas, como Becky imaginava que todas recebiam exatamente o mesmo tratamento, evitou deixar-

se sentir lisonjeada por ele. Lamentou a atitude seca no momento em que ele regressou ao seu camarote e viu-se, durante o segundo ato, olhando bastante para ele, voltando a atenção para o palco sempre que os seus olhos se encontravam.

Na noite seguinte, Daphne perguntou-lhe o que pensava do jovem oficial que conhecera na ópera.

- Só lembro o nome - disse Becky.

- Oh, estou vendo - disse Daphne. - Afetou-a tanto assim?

- Afetou - admitiu ela -, mas, e depois? Você já viu um jovem da sua posição interessar-se por uma moça de Whitechapel?

- Na verdade, embora desconfie de que ele só quer uma coisa.

- Então, é melhor avisá-lo de que não sou desse gênero.

- Não penso que, até agora, isso o tenha feito desistir - respondeu Daphne.

- No entanto, para começar, ele pergunta se você gostaria de ir ao teatro com alguns amigos do seu regimento.

- Adoraria.

- Foi o que eu pensei - disse Daphne. - Por isso, disse-lhe "sim" sem me preocupar em consultá-la.

- Becky riu, mas teve de esperar cinco dias até ver novamente o jovem oficial depois de ele ter vindo buscá-la no apartamento, juntaram-se a um grupo de oficiais novos com suas namoradas no

Teatro Haymarket para assistir ao Pigmaleão, do dramaturgo da moda George Bernard Shaw. Becky gostou da nova peça, apesar de uma das moças chamada Amanda – que riu durante todo o primeiro ato – ter-se recusado a conversar com ela no intervalo. No jantar, no Café Royal, sentou-se ao lado de Guy e contou-lhe toda a sua vida, desde o nascimento, em Whitechapel, até a obtenção da vaga no Bedford College no ano anterior.

Depois de Becky se ter despedido do resto do grupo, Guy levou-a a Chelsea e, ao lhe dizer “Boa-noite, senhorita Salmon” apertou-lhe a mão. Becky supôs que não voltaria mais a ver o jovem oficial.

Mas Guy deixou-lhe um bilhete no dia seguinte, convidando-a para uma recepção. Isso foi seguido na semana seguinte por um jantar, depois um baile e, depois disso, saídas regulares que culminaram num convite para passar o fim de semana com os seus pais, em Berkshire.

Daphne fez o possível para fornecer a Becky informações sobre a família.

O major, pai de Guy, – era um amor, garantiu-lhe ela, tinha uma fazenda de criação de vacas leiteiras em Berkshire e era também diretor da caçada de Buckhurst.

Foram necessárias várias tentativas para Daphne explicar o que “caçar a cavalo com cães” significava de fato, embora tivesse que admitir que até mesmo Eliza Doolittle teria dificuldade em compreender por que razão se davam a esse trabalho.

– A mãe de Guy, porém, não é imbuída dos mesmos instintos generosos que o major – avisou Daphne. – Ela é uma esnobe de primeira ordem. – O

coração de Becky se sobressaltou.

– Segunda filha de um barão, cujo título foi dado por Lloyd George por fazer melhorias nos equipamentos dos tanques. Aposto que, provavelmente, fez generosas doações ao Partido Liberal ao mesmo tempo. Segunda geração, claro são sempre os piores. – Daphne verificou as costuras das meias.

– A minha família existe há dezessete gerações, você sabe, por isso nada temos de provar. Temos consciência de que não possuímos um grão e cérebro entre nós, mas somos muito ricos e muito antigos. Lamento, porem, não poder dizer o mesmo sobre o capitão Guy Trentham.

CAPÍTULO 8

Na manhã seguinte Becky acordou e estava de pé e vestida antes de o despertador tocar, e saiu do apartamento muito antes de Daphne se mexer.

Estava ansiosa para ver como Charlie dava conta do recado no seu primeiro dia.

Quando chegou perto do nº 147, reparou que a loja já estava aberta e um único freguês recebia toda a atenção de Charlie.

– Bom-dia, sócia – gritou Charlie por detrás do balcão quando Becky entrou na loja.

– Bom-dia – respondeu Becky. – Estou vendo que você está decidido a ver como tudo funciona.

Charlie, ela descobriria, tinha começado a atender fregueses antes de Gladys e Patsy chegarem, enquanto o pobre Bob Makins parecia que havia trabalhado um dia inteiro.

– Não tenho tempo para falar com as classes ociosas neste momento –

disse Charlie, com o sotaque cockney mais cerrado que nunca. – Alguma esperança de ver você esta noite?

– Certamente – disse Becky.

Olhou o relógio, acenou-lhe e partiu para a primeira aula da manhã. Teve dificuldade em se concentrar na história da Renascença, e até mesmo os diapositivos da obra de Rafael, refletidos por uma lanterna mágica num lençol branco, não conseguiram despertar-lhe completamente o interesse. Sua mente oscilava sem cessar entre a ansiedade de eventualmente passar um fim de semana com os pais de Guy e a expectativa de Charlie fazer um lucro suficiente para pagar a dívida a Daphne. Becky admitiu que estava mais confiante no segundo. Ficou aliviada ao ver os ponteiros do relógio marcarem quatro e meia.

Correu novamente para tomar o bonde na esquina do Portland Place – e continuou correndo depois de o lento veículo a ter deixado no Chelsea Terrace.

Tinha-se formado uma pequena fila na loja Trumper, e Becky ouvia as frases familiares de Charlie, mesmo antes de chegar à porta.

– Duzentos e cinquenta gramas de King Edwards, uma toranja sumarenta da África do Sul, por que não leva também uma laranja, tudo por um xelim, minha querida? – Senhoras distintas, damas de companhia e amas, que teriam empinado o nariz se outra pessoa lhe chamasse “queridas”, pareciam derreter-se quando Charlie pronunciava a palavra. Só depois de a última freguesa partir é que Becky conseguiu ver bem as alterações que Charlie já tinha feito na loja.

– Estive de pé a noite toda – disse-lhe ele –, tirando caixas semivazias e artigos que não podem mais ser vendidos. Pus a hortaliça com cor, os tomates, as verduras, as ervilhas, todas coisas delicadas, atrás, as variedades resistentes e pouco atraentes na frente. Batatas e nabos. E uma regra de ouro.

– O avô Charlie... – ela ia dizer, sorrindo, mas parou a tempo.

Becky começou a examinar os balcões que ele arrumara e teve de concordar que a disposição em que Charlie insistira era muito mais prática. E, obviamente, ela não podia discutir com os sorrisos nos rostos dos fregueses.

Num mês, uma fila que ia até a calçada tornou-se parte da rotina de Charlie e, em dois, ele já falava com Becky em ampliar as instalações.

– Para onde? – perguntou ela. – Para o seu quarto?

– Lá em cima não há espaço para as hortaliças – respondeu ele com um sorriso. – Não, temos filas maiores na loja Trumper que à porta do Pigmaleão.

E, além disso, nos vamos durar sempre.

Depois de ter verificado e voltado a verificar os lucros do trimestre, Becky mal acreditava no seu montante; decidiu que mereciam uma pequena comemoração.

– Por que não vamos todos Jantar naquele restaurante italiano? – sugeriu Daphne, depois de ter recebido, pelos últimos três meses, um cheque muito maior do que esperava.

Becky achava que era uma Ótima ideia, mas ficou surpresa com a relutância de Guy e também com o cuidado que Daphne teve em se vestir para a ocasião.

– Não pretendemos gastar todos os lucros numa noite – assegurou-lhe Becky.

Que pena – disse Daphne. – Porque parece que é a única oportunidade que tenho de pôr em vigor a cláusula da multa. Não que eu me queixe. Afinal de contas, Charlie vai ser uma mudança

dos filhinhos de mamãe e cavaliços sem pernas que tenho de suportar na maior parte dos fins de semana.

– Cuidado para ele não fazer você de sobremesa.

Becky tinha avisado Charlie de que a mesa estava reservada para as oito horas e o fez prometer que vestiria o seu melhor temo.

– O meu único temo – lembrou-lhe ele.

Guy foi buscar as duas amigas no nº 97 às oito em ponto, mas parecia involuntariamente taciturno ao acompanhá-las ao restaurante, chegando alguns minutos depois da hora marcada. Encontraram Charlie sentado, sozinho, a um canto, agitado, como se fosse a primeira vez que entrava num restaurante.

Becky apresentou primeiro Daphne a Charlie, e, depois, Charlie a Guy.

Os dois homens olharam-se como se fossem lutadores de boxe.

– Vocês estiveram no mesmo regimento – disse Daphne –, mas suponho que nunca se encontraram – acrescentou ela, olhando para Charlie, Nenhum deles fez qualquer comentário.

Se a noite começou mal, pior ficou depois; os quatro eram incapazes de conversar sobre qualquer assunto de interesse comum. Charlie, longe de ser espirituoso e perspicaz, como era com os fregueses, mostrou-se carrancudo e calado. Se Becky tivesse conseguido alcançar seu tornozelo, ter-lhe-ia dado um pontapé, e não apenas por ele levar constantemente à boca a faca coberta de ervilhas.

O silêncio taciturno de Guy também não ajudou, apesar de Daphne rir, alegre como sempre, de tudo que era dito. Quando a conta veio finalmente, Becky sentiu-se aliviada por a noite estar chegando ao fim. Teve até que deixar discretamente uma gorjeta, porque Charlie não sabia o que fazer.

Saiu do restaurante ao lado de Guy, e se afastaram de Daphne e Charlie, ao voltar para o nº 97. Ela supôs que os companheiros estivessem apenas alguns passos atrás, e acabou não pensando mais neles, quando Guy, tomando-a nos braços, a beijou ternamente e lhe disse: “Boa-noite, minha querida. Não se esqueça de que vamos passar o fim de semana em Ashurst”. Como podia ela esquecer? Becky viu Guy olhar furtivamente para trás, na direção que Daphne e Charlie tinham tomado, mas, sem mais uma palavra, ele mandou parar uma carruagem e deu instruções ao cocheiro para que o levasse ao Quartel dos Fuzileiros, em Hounslow.

Becky abriu a porta e sentou-se, questionando se deveria voltar ao 147 para dizer a Charlie exatamente o que pensava dele. Alguns minutos depois Daphne entrou na sala.

Desculpe esta noite – disse Becky, antes de a amiga ter oportunidade de falar. – Charlie costuma ser mais comunicativo; não consigo imaginar o que deu nele.

– Não é fácil para ele jantar com um oficial do seu antigo regimento, suponho.

– Você tem razão – disse Becky. – Mas acabarão por ser amigos, tenho certeza.

Daphne olhou pensativamente para Becky.

Na manhã do sábado seguinte, depois de ter estado de serviço, Guy chegou ao nº 97 de Chelsea Terrace para ir buscar Becky e levá-la a Ashurst. Assim que a viu, num dos elegantes vestidos vermelhos de Daphne, comentou que ela estava linda e se mantivesse alegre e falante durante a viagem para Berkshire, que Becky começou a se desconstrair. Chegaram à aldeia de Ashurst um pouco antes das três, e Guy piscou-lhe o olho quando virou o carro para a estrada de quilômetro e meio que conduzia a mansão.

Becky não esperava que a casa fosse tão grande.

Um mordomo e dois criados de libre aguardavam no degrau superior para os cumprimentar. Guy parou o carro na estrada de cascalho, e o mordomo avançou para tirar as duas pequenas malas de Becky do bagageiro e as entregou a um criado, que as levou. O mordomo conduziu, então, o capitão Guy e Becky, em passo majestoso, pelos degraus de pedra até o vestíbulo e pela larga escadaria de madeira acima, até um quarto no patamar do primeiro andar.

– O quarto Wellington, minha senhora – entoou ele, abrindo a porta.

– Diz-se que uma vez o general dormiu aqui uma noite – explicou Guy, subindo as escadas a seu lado– A propósito, não se sinta só. Eu estou no quarto ao lado e mais vivo que o falecido general.

Becky entrou num quarto grande e confortável, onde encontrou uma empregada com vestido preto comprido de gola e punhos brancos desfazendo suas malas, que se virou para ela, fez uma reverência e se apresentou.

– Sou Nellie, sua camareira. Se precisar de alguma coisa, minha senhora, diga-me, por favor.

Becky agradeceu-lhe, dirigiu-se à janela e olhou os campos verdes que se estenderam a perder de vista. Bateram à porta, e Becky se virou, vendo Guy entrar no quarto antes mesmo de ela ter tempo de dizer “Entre”.

– O quarto é bom, querida?

– Perfeito – respondeu Becky enquanto a empregada fazia nova reverência e saía. Becky pensou detectar apreensão nos olhos de Nellie quando Guy atravessou o quarto.

– Pronta para conhecer papai?

– Tão pronta como sempre – admitiu Becky, descendo as escadas com Guy até a sala de estar, onde um homem com pouco mais de

cinquenta anos estava de pé em frente à lareira acesa, aguardando-os.

– Bem-vinda a Ashurst Hall – disse o major Trentham.

Becky sorriu ao anfitrião e respondeu:

– Obrigada.

O major era um pouco mais baixo do que o filho, mas tinha o mesmo corpo magro e cabelo claro, embora aparecessem alguns fios brancos nas têmporas.

A semelhança, entretanto, acabava. Enquanto a pele de Guy era fresca e pálida, a do major Trentham tinha o aspecto corado de um homem que passara a maior parte da vida ao ar livre e, quando Becky lhe apertou a mão, sentiu a aspereza de alguém que obviamente trabalhava na terra.

– Esses belos sapatos de Londres não lhe servirão muito para o que eu tenho em mente – disse o major. – Terá de usar um par de botas de montar da minha mulher ou talvez as Wellington de Nigel.

– Nigel? – perguntou Becky.

– O Trentham mais novo. Guy não lhe falou dele? Está no último ano em Harrow e com esperança de seguir para Sandhurst .. e ofuscar o irmão, segundo diz.

– Não sabia que tinha um...

– Nem vale a pena falar nele – interrompeu Guy meio sorridente, enquanto o pai os conduzia pelo vestíbulo até um armário sob a escada. Becky olhou para a fila de botas de montar de couro, todas mais bem engraxadas do que os seus sapatos.

– Escolha, minha querida – disse o major Trentham.

Após algumas tentativas. Becky encontrou um par que lhe servia perfeitamente, depois seguiu Guy e o pai até o jardim.

O major Trentham levou a maior parte da tarde mostrando à jovem convidada a sua propriedade de trezentos hectares, e, quando Becky voltou, estava mais do que pronta para o ponche quente que os aguardava numa terrina grande, de prata, na sala de estar.

O mordomo informou-os de que a Sra. Trentham havia telefonado dizendo que ainda estava no vicariato e que não poderia vir tomar o chá com eles.

Quando Becky voltou ao quarto, no final da tarde, para um banho e mudar de roupa para o jantar, a Sra. Trentham ainda não havia aparecido. Daphne emprestara a Becky dois vestidos para essa ocasião e até mesmo um belo broche de diamantes semicircular, a respeito do qual Becky se sentia um pouco apreensiva. Mas, quando se viu no espelho, todos os seus receios ficaram esquecidos.

Quando ouviu as oito horas, tocadas em coro por numerosos relógios espalhados pela casa, Becky voltou à sala de estar. O vestido e o broche tiveram um efeito perceptível e imediato nos dois homens. Ainda não havia sinal da mãe de Guy.

– Que vestido encantador, senhorita Salmon – disse o major.

– Obrigada, major Trentham – respondeu Becky, aquecendo as mãos na lareira antes de percorrer os olhos pela sala.

– Minha mulher estará conosco em poucos momentos – garantiu o major a Becky, enquanto o mordomo oferecia um copo de xerez numa bandeja de prata.

– Gostei muito de ver a propriedade.

– Não sei se merece esse nome, minha querida – respondeu o major com um sorriso afável. – Mas fico satisfeito por ter gostado do

passeio –

acrescentou, ao mesmo tempo que a sua atenção era desviada por algo acima do ombro dela.

Becky voltou-se e viu uma senhora alta, elegante, vestida de preto da nuca aos tornozelos, entrar na sala. Vinha andando, lenta e majestosamente, em direção a eles.

– Mãe – disse Guy, adiantando-se para lhe dar um beijo no rosto. – Quero apresentar-lhe Becky Salmon.

– Como está? – disse Becky.

– Posso saber quem retirou as minhas melhores botas de montar do armário do vestíbulo? – perguntou a Sra. Trentham, ignorando a mão estendida de Becky. – E depois voltou a colocá-las lá cheias de lama?

– Fui eu – respondeu o major. – De outro modo, a Srta. Salmon teria de andar pela chácara de sapatos altos. O que seria insensato, dadas as circunstâncias.

– Talvez tivesse sido mais sensato se a Srta. Salmon tivesse vindo devidamente preparada com os sapatos corretos.

– Peço imensas desculpas – começou Becky.

– Onde esteve o dia todo, mãe? – perguntou Guy, interrompendo. –

Estávamos esperando vê-la mais cedo.

– Tentando resolver alguns dos problemas que o nosso novo vigário parece incapaz de solucionar – respondeu a Sra. Trentham. – Ele não faz a mínima ideia de como organizar a festa das colheitas. Não sei que ensinam em Oxford hoje em dia.

– Teologia, talvez – sugeriu o major Trentham.

O mordomo pigarreou.

– O jantar está servido, minha senhora.

A Sra. Trentham voltou-se sem dizer mais uma palavra e conduziu-os à sala de jantar em passo rápido. Três facas, quatro garfos e duas colheres brilhavam perante os olhos de Becky numa mesa quadrada. Não teve qualquer problema em selecionar o talher com qual devia começar, uma vez que o primeiro prato foi sopa, mas, a partir daí, ela sabia que tinha simplesmente que seguir a Sra. Trentham.

A boca de Becky estava cheia de faisão quando a Sra. Trentham perguntou:

– Qual é a profissão de seu pai, Srta. Salmon?

– Ele morreu – respondeu atabalhoadamente.

– Oh, lamento imensamente. – A indiferença era visível. – Devo supor que ele morreu em campanha com o seu regimento na Frente.

– Não, não foi.

– Oh, então, que fez ele durante a guerra?

– Ele tinha uma padaria. Em Whitechapel – acrescentou Becky, recordando as palavras do pai: “Se alguma vez você tentar esconder seu passado, acabará em lágrimas.”

– Whitechapel? – perguntou a Sra. Trentham. – Se não estou enganada, não é aquela simpática aldeia, à saída de Worcester?

– Não, Sra. Trentham, é no coração do East End de Londres – disse Becky, na esperança de que Guy viesse em seu auxílio, mas ele parecia mais preocupado em beber o seu copo de xerez.

– Oh! – exclamou a Sra. Trentham, seus lábios permanecendo em linha reta. – Lembro-me de ter visitado a esposa do bispo de

Worcester num lugar chamado Whitechapel, mas confesso que nunca me foi necessário viajar até East End. Suponho que não devem ter um bispo lá. – Pousou a faca e o garfo

– No entanto – prosseguiu ela –, o meu pai, Sir Raymond Harsdcastle, deve ter ouvido falar nele, Srta. Salmon...

– Na realidade, não – disse Becky com sinceridade.

Outro olhar de desdém surgiu no rosto da Sra. Trentham, embora isso não interrompesse seu discurso.

– ... que foi feito baronete pelo seus serviços ao rei George V.

– E que serviços foram esses? – perguntou Becky inocentemente, o que fez a Sra. Trentham dar uma pausa por um momento antes de explicar.

– Ele desempenhou um pequeno papel nos esforços de Sua Majestade para garantir que não seríamos derrotados pelos alemães.

– É um negociante de armas – disse o major Trentham baixinho.

Se a Sra. Trentham ouviu esse comentário, decidiu ignorá-lo.

– Foi apresentada à sociedade este ano, Srta. Salmon? – perguntou em tom gelado.

– Não, não fui – disse Becky. – Em vez disso, fui para a universidade.

– Eu não concordo com essas coisas. As senhoras não devem saber mais do que ler, escrever e contar, ter uma compreensão adequada de como lidar com os criados e sobreviver ao ter de assistir a um jogo de críquete.

– Mas se não se tiver criados... – começou Becky, e teria continuado se a Sra. Trentham não tivesse tocado uma campainha de prata que estava perto da sua mão direita.

Quando o mordomo reapareceu, ela disse secamente.

– Tomaremos o café na sala de estar, Gibson. – O rosto do mordomo registrou alguma surpresa quando a Sra. Trentham se levantou e conduziu todos, ao longo de um comprido corredor, para a sala, onde a lareira já ardia com vigor.

– Gostaria de tomar um pouco de vinho do porto ou licor, senhorita Salmon? – perguntou o major Trentham, enquanto Gibson servia o café.

– Não, obrigada – respondeu Becky em voz baixa.

– Com licença – disse a Sra. Trentham, levantando-se da cadeira em que havia acabado de se sentar. – Estou ficando com uma ligeira dor de cabeça e vou para o meu quarto, se me desculparem.

– Sim, com certeza, minha querida – disse o major secamente.

Assim que a mãe saiu da sala, Guy aproximou-se de Becky, sentou-se e pegou sua mão.

– Ela estará melhor de manhã, quando a enxaqueca desaparecer, você verá.

– Duvido – respondeu Becky num murmúrio e, virando-se para o major Trentham disse: – Desculpe-me também. Foi um dia muito longo, e tenho certeza de que os dois têm muito que conversar.

Os dois homens levantaram-se quando Becky saiu da sala e subiu a longa escadaria até o quarto. Despiu-se rapidamente e, depois de se lavar numa bacia de água quase gelada, atravessou, arrepiada, o quarto sem aquecimento e se enfiou entre os lençóis da cama fria.

Becky já estava meio adormecida quando ouviu a maçaneta da porta rodar.

Pestanejou algumas vezes, tentando focar o outro extremo do quarto. A porta abriu-se lentamente, mas tudo o que ela conseguiu ver foi a figura de um homem entrando, depois a porta fechar-se silenciosamente atrás dele.

– Quem é? – perguntou asperamente.

– Eu – murmurou Guy. – Pensei vir ver como você estava.

Becky puxou o lençol até o queixo.

– Boa-noite, Guy – disse rapidamente.

– Isso não é muito simpático – disse Guy, que já havia atravessado o quarto e estava agora sentado na cama. – Só vim certificar-me de que tudo estava bem.

Acho que teve algumas horas difíceis esta noite.

– Eu estou bem, obrigada – disse Becky secamente. Quando ele se inclinou para a beijar, ela se afastou, e ele acabou apenas roçando-lhe a orelha esquerda.

– Talvez não seja a ocasião certa?

– Ou lugar – acrescentou Becky, afastando-se ainda mais, de tal modo que estava quase caindo da cama.

– Eu só queria dar um beijo de boa-noite.

Becky permitiu, com relutância, que ele a tomasse nos braços e a beijasse nos lábios, mas ele a abraçou durante mais tempo do que ela imaginava, e acabou por afasta-lo com determinação.

– Boa-noite, Guy – disse com firmeza.

A princípio, Guy não se mexeu, mas depois levantou-se e disse:

– Talvez em outra ocasião. – Um momento depois, ela ouviu a porta fechar-se atrás dele.

Quando Becky desceu para o café na manhã seguinte, soube logo pelo major Trentham que uma noite inquieta não havia melhorado a enxaqueca da sua mulher; ela havia, portanto, decidido ficar na cama até a dor desaparecer completamente.

Mais tarde, quando o major e Guy foram para a igreja, deixando Becky lendo os jornais de domingo na sala, ela não pôde deixar de reparar que sempre surpreendia os criados cochichando entre si.

A Sra. Trentham apareceu para o almoço, mas não fez qualquer tentativa para se juntar à conversa que transcorria no outro extremo da mesa.

inesperadamente, quando o creme de leite estava sendo colocado no pudim, ela perguntou:

– E que tal o sermão do vigário essa manhã?

– Faça aos outros o que gostaria que lhe fizessem – respondeu o major com uma ponta de irritação na voz.

– E o que achou da cerimônia na nossa pequena igreja, senhorita Salmon?

– perguntou a Sra. Trentham, dirigindo-se a Becky pela primeira vez.

– Eu não... – começou Becky.

– Ah, claro; você pertence ao povo escolhido.

– Não, senhora; se sou alguma coisa, sou católica – disse Becky.

– Oh – disse a Sra. Trentham, fingindo surpresa –, supus, como o nome Salmon... Em todo o caso, não gostaria da Igreja de S. Miguel. Compreendo, é muito simples.

Becky se perguntou se todas as palavras da Sra. Trentham e todos os seus gestos seriam ensaiados com antecedência.

Terminando o almoço, a Sra. Trentham desapareceu de novo e Guy sugeriu que ele e Becky fossem dar um passeio rápido. Becky foi ao quarto calçar os sapatos mais velhos que tinha, aterrorizada demais para perguntar se podia usar as Wellingtons da Sra. Trentham.

– Qualquer coisa para sair de casa – disse-lhe Becky quando desceu, e não voltou a abrir a boca até novamente ter certeza de que a Sra. Trentham não a podia ouvir.

– O que ela quer de mim? – perguntou Becky, por fim.

– Oh, não é tão ruim assim – insistiu Guy, pegando-lhe na mão. – Você está reagindo emocionalmente. Papi está convencido de que ela, com o tempo, ficará melhor e, em todo caso, se tiver de escolher entre você e ela, eu sei exatamente quem é mais importante para mim.

Becky apertou-lhe a mão:

– Obrigada, querido, mas não tenho certeza de que possa resistir a outra noite como a última.

– Podemos ir cedo e passar o resto do dia na sua casa – disse Guy. Becky olhou-o, sem saber exatamente o que ele queria dizer, enquanto isso acrescentou rapidamente: – É melhor voltarmos para casa ou ela vai começar a resmungar que a deixamos sozinha toda a tarde.

Alguns minutos depois, estavam subindo os degraus de pedra à entrada do solar. Becky, assim que calçou de novo os outros sapatos e conferiu o cabelo no espelho do chapeleiro, reuniu-se a Guy na sala de estar. Ficou surpresa ao ver um completíssimo chá já preparado. Olhou o relógio: eram só três e quinze.

– É uma pena que tenha feito todos esperarem, Guy. – Foram as primeiras palavras que Becky ouviu quando entrou na sala.

– Não me lembro de tomarmos chá tão cedo, antes – disse o major, do outro lado da lareira.

– Toma chá, senhorita Salmon? – perguntou a Sra. Trentham, conseguindo fazer o seu nome soar como um pequeno delito.

– Tomo sim, obrigada – respondeu Becky.

– Mamãe talvez devesse chamar Becky pelo primeiro nome – sugeriu Guy.

Os olhos de Sra. Trentham pousaram no filho.

– Eu não concordo com esse hábito moderno de chamar todo mundo pelo nome próprio, especialmente quando se acabou de lhe ser apresentado.

Darjeeling, Lapsang ou Earl Grey, senhorita Salmon? – perguntou, antes de alguém ter ocasião de reagir. Levantou os olhos, aguardando a resposta de Becky, mas a resposta não veio logo, porque Becky ainda não se havia recuperado da alfinetada anterior.

– Obviamente não deveria ter tanta variedade em Whitechapel – acrescentou a Sra. Trentham.

Becky teve vontade de pegar o bule e despejá-lo sobre a mulher, mas conseguiu manter o autodomínio, porque sabia que perdê-lo era exatamente o que a Sra. Trentham desejava conseguir.

Após outro silêncio, a Sra. Trentham perguntou:

– Tem irmãos, senhorita Salmon?

– Não, sou filha única – replicou Becky.

- Bastante surpreendente, de fato.
- Por quê? – perguntou Becky com ar inocente.
- Eu sempre pensei que as classes inferiores pariam como coelhos – disse a Sra. Trentham, deixando cair outro torrão de açúcar no chá.
- Mas, com franqueza... – começou Guy.
- É só uma piada minha – disse ela rapidamente. – Guy leva-me tão a sério às vezes, senhorita Salmon. No entanto, eu me lembro de meu pai, Sir Raymond, dizer uma vez...
- Outra vez, não – disse o major.
- que as classes sociais não eram muito diferentes da água e do vinho. Em circunstância alguma se devia tentar misturá-los.
- Mas eu pensei que Cristo tivesse conseguido transformar a água em vinho – disse Becky.

A Sra. Trentham preferiu ignorar essa observação.

- É exatamente por isso que temos oficiais e outros graus; porque Deus assim o planejou.
- E pensa que Deus planejou que houvesse uma guerra, para que esses mesmos oficiais e outros graus se matassem indiscriminadamente? – perguntou Becky.
- Realmente, não sei, senhorita Salmon – respondeu a Sra. Trentham. –

Compreenda, eu não tenho a vantagem de ser uma intelectual como a senhorita.

Sou apenas uma mulher simples, que diz o que pensa. Mas o que eu sei é que todos fizemos sacrifícios durante a guerra.

– E que sacrifícios fez, senhora Trentham? – inquiriu Becky.

– Um número considerável, minha jovem – replicou a Sra. Trentham, endireitando-se. – Para começar, tive que passar sem muitas coisas que eram absolutamente fundamentais para a minha existência.

– Como um braço ou uma perna? – perguntou Becky, arrependendo-se imediatamente dessas palavras, assim que compreendeu que caíra na ratoeira da Sra. Trentham.

A mãe de Guy levantou-se da cadeira e dirigiu-se lentamente à lareira, onde puxou violentamente o cordão da campainha dos criados.

– Não tenho que ouvir insultos na minha própria casa – disse ela. Assim que Gibson reapareceu, virou-se para ele e acrescentou: – Diga a Alfred que vá buscar as coisas da Srta. Salmon no quarto. Ela vai regressar a Londres mais cedo do que estava planejado.

Becky permaneceu em silêncio junto à lareira, não tendo certeza do que deveria fazer a seguir. A Sra. Trentham ficou olhando friamente para ela, até que Becky, por fim, dirigiu-se ao major, apertou-lhe a mão e disse:

– Despeço-me, major Trentham. Creio que não nos voltaremos a ver.

– A perda é minha, senhorita Salmon – disse ele amavelmente, antes de lhe beijar a mão. Becky voltou-se e saiu lentamente da sala sem olhar para a Sra.

Trentham. Guy seguiu Becky até o vestíbulo.

Na viagem de regresso a Londres, Guy tentou justificar o comportamento da mãe com todas as razões que lhe vieram à mente, mas Becky sabia que ele não acreditava nas suas próprias palavras. Quando o automóvel parou à porta do nº 97, Guy saltou e abriu-lhe a porta.

– Posso subir? – perguntou ele. – Há uma coisa que quero dizer.

– Esta noite, não – disse Becky. – Preciso pensar e preferia ficar sozinha.

Guy suspirou.

– É só que queria dizer-lhe quanto a amo e talvez falar sobre os nossos planos para o futuro.

– Planos que incluem sua mãe?

– A minha mãe que vá para o inferno! – respondeu ele. – Não compreende quanto amo você? – Becky hesitou. – Vamos anunciar o nosso noivado no Times logo que possível e estou pouco ligando para o que ela pensa. O que acha?

Ela o abraçou.

– Oh, Guy, eu também amo, mas é melhor você não subir esta noite.

Daphne deve voltar a qualquer momento. Talvez outro dia...

Uma expressão de desilusão perpassou o rosto de Guy. Beijou-a antes de lhe desejar boa-noite. Ela abriu a porta e correu escada acima.

– E então? – foram as primeiras palavras que Daphne proferiu quando entrou na sala, um pouco surpresa, por encontrar a amiga sentada no escuro.

– Um desastre.

– Então, está tudo acabado?

– Não, não exatamente – disse Becky. – Na verdade, acho que Guy me pediu em casamento.

– E você aceitou? – perguntou Daphne.

– Aceitei.

– E o que pretende fazer com relação à Índia?

Na manhã seguinte, quando Becky desfez a mala, ficou horrorizada ao verificar que lhe faltava o lindo broche que Daphne lhe emprestara para o fim de semana. Calculou que o tivesse deixado em Ashurst Hall.

“Como não queria contato com a Sra. Trentham, deixou um bilhete para Guy na recepção do regimento, alertando-o para a sua preocupação. Ele respondeu no dia seguinte, assegurando-lhe que verificaria no domingo, quando almoçasse com os pais em Ashurst.

Becky passou os cinco dias seguintes preocupada sobre se Guy conseguiria encontrar a joia desaparecida; felizmente, Daphne parecia não dar pela sua falta. Becky só esperava ter o broche de volta antes que a amiga desejasse usa-lo outra vez.

Guy escreveu na segunda-feira para dizer que, apesar de uma cuidadosa busca no quarto de hóspedes, não lhe tinha sido possível encontrar o broche e, em todo caso, Nellie tinha-o informado de que se lembrava perfeitamente de pôr todas as joias de Becky na mala.

Essa notícia intrigou Becky, porque se lembrava de ter feito ela própria a mala, ao ser posta fora de Ashurst Hall. Com grande nervosismo, ficou a pé até tarde, aguardando que Daphne regressasse do seu fim de semana prolongado no campo, a fim de explicar à amiga o que acontecera. Receou que fossem precisos meses, mesmo anos, para poupar o suficiente para substituir o que em, provavelmente, uma joia de família.

Quando a companheira apareceu, alguns minutos depois da meia-noite, Becky já havia tomado várias xícaras de café simples e quase acendera um dos Du Mannes de Daphne.

– Acordada até tão tarde, minha querida – foram as primeiras palavras de Daphne. – Os exames estão assim tão próximos?

– Não – disse Becky, e contou-lhe toda a história dos diamantes desaparecido. No fim, perguntou a Daphne quanto tempo ela achava que demoraria para pagá-lo,

– Julgo que cerca de uma semana – disse Daphne.

– Uma semana? – perguntou Becky, intrigada.

– Sim. Era só bijuteria, grande moda neste momento. Se bem me lembro, custou exatamente três xelins.

Uma Becky aliviada disse a Guy, durante o jantar na terça-feira, por que motivo encontrar a joia desaparecida já não era tão importante.

Na segunda-feira seguinte, Guy trouxe o broche a Chelsea Terrace, explicando que Nellie o encontrara debaixo da cama no quarto Wellington.

CAPÍTULO 9

Becky começou a notar pequenas alterações na atitude de Charlie, a princípio, sutis e, depois, mais óbvias.

Daphne não fazia qualquer tentativa de esconder o seu envolvimento no que ela descrevia como “a descoberta social da década, o meu próprio Charles Doolittle”.

– Esse fim de semana – disse ela – levei-o a Harcourt Hall, sabe, e foi um sucesso. Até mamãe achou que ele é fantástico.

– Sua mãe aprova Charlie Trumper? – perguntou Becky, incrédula.

– Sim, querida, mas mamãe compreende que eu não tenho qualquer intenção de casar com Charlie.

- Tenha cuidado, eu não tencionava casar com Guy.
- Minha querida, nunca se esqueça de que você vem das classes românticas, enquanto os meus antecedentes são mais práticos, que é exatamente a razão pela qual a aristocracia sobrevive há tanto tempo. Não, eu acabarei casando com Percy Wiltshire e não tem nada a ver com o destino ou as estrelas; é simplesmente bom senso.
- Mas o Sr. Wiltshire sabe dos seus planos para o seu futuro?
- Claro que o Marquês de Wiltshire não sabe. Nem sequer a mãe lhe disse ainda.
- E se Charlie se apaixonar por você?
- Isso não é possível, há outra mulher na vida dele.
- Deus do céu – disse Becky. – E pensar que não a conheço.

A contabilidade da loja para os seis e os nove meses patenteou considerável melhoria em relação ao primeiro trimestre, como Daphne descobriu à sua custa, quando recebeu os dividendos seguintes. Disse a Becky que, assim, não tinha esperança de obter qualquer lucro do empréstimo. Quanto a Becky, passava cada vez menos tempo pensando em Daphne, Charlie ou mesmo na loja, à medida que a hora da partida de Guy para a Índia se aproximava.

Índia... Becky não havia dormido na noite em que soubera da colocação de Guy, durante três anos, e preferiria ter tido conhecimento de algo que perturbaria o futuro de ambos dos lábios dele e não dos de Daphne. Até então, Becky havia aceitado sem discussão que, devido aos deveres de Guy para com o regimento, não lhes era possível verem-se com regularidade; mas, à medida que a partida se aproximava, ela começou a detestar o serviço de

guarda, exercícios noturnos e, mais do que tudo, operações de fim de semana em que os Fuziliers tinham de tomar parte.

Becky receara que as atenções de Guy arrefecessem depois da perturbadora visita a Ashurst Hall, mas, pelo contrário, ele se tomou ainda mais ardente e repetia constantemente como tudo seria diferente quando estivessem casados.

Mas, como se não tivesse havido aviso, os meses tornaram-se semanas, as semanas, dias, até que o temível círculo que Becky tinha feito em volta de 3 de fevereiro de 1920 no calendário ao lado da cama surgiu subitamente à porta.

– Vamos jantar no Café Royal, onde passamos a nossa primeira noite juntos – sugeriu Guy na segunda-feira antes da partida.

– Não – disse Becky. – Não quero partilhar você com cem estranhos na nossa última noite. – Hesitou antes de acrescentar; – Se você tiver coragem para experimentar minha comida, prefiro fazer nosso jantar em casa. Assim, ao menos poderemos estar sós.

Guy sorriu.

Assim que a loja começou a se mostrar equilibrada, Becky deixou de ir lá todos os dias, mas não resistia a dar uma olhadela pela vitrine, sempre que passava pelo número 147. Ficou surpresa ao ver, às oito horas daquela manhã de segunda-feira, que Charlie não estava atrás do balcão.

– Estou aqui – ouviu uma voz chamar e virou-se encontrando Charlie sozinho no mesmo banco em frente da loja em que ela o tinha visto no dia em que ele regressara a Londres. Atravessou a rua para falar com ele.

– Que é isto, aposentou-se antes de termos pago o empréstimo?

– Claro que não. Estou trabalhando.

Trabalhando? Por favor, explique-se, senhor Trumper— como é que estar sentado num banco de jardim numa segunda-feira de manhã pode ser classificado como trabalho?

– Foi Henry Ford quem ensinou que “para cada minuto de ação deve haver uma hora de reflexão – disse Charlie, com apenas um vestígio do seu velho sotaque cockney; Becky também não pôde deixar de reparar em como ele havia pronunciado “Henry”.

– E onde é que esses pensamentos fordianos o levam neste preciso momento? – perguntou ela.

– Aquela fila de lojas do lado de lá.

– Todas? – Becky passou os olhos pelo bloco. – E diga-me, por favor, a que conclusão teria o Sr. Ford chegado se tivesse estado sentado neste banco?

– Que elas representam trinta e seis maneiras diferentes de fazer dinheiro.

– Eu nunca as contei, mas acredito na sua palavra.

– Mas o que mais você vê quando olha para o outro lado da rua?

Os olhos de Becky fixaram-se de novo em Chelsea Terrace.

– Muita gente andando de um lado para o outro, principalmente senhoras com guarda-sóis, babas empurrando carrinhos de bebê, e uma ou outra criança pulando corda ou empurrando arco. – Fez uma pausa. – Por quê, o que você vê?

– Duas tabuletas: “Vende-se.”

– Confesso que não havia reparado nelas. – Olhou de novo para o lado oposto da rua.

– Porque você está olhando com outros olhos – explicou Charlie.

– Primeiro, há Kendrick, o açougueiro. Bem, todos sabemos o que se passa com ele: ataque do coração, foi aconselhado pelo médico a se aposentar, não tem muito tempo de vida. ,

– E, depois, há o Sr. Rutherford – disse Becky, reparando na segunda tabuleta “Vende-se”.

– O antiquário. Oh, sim, o querido Julian quer vender e ir encontrar o amigo em Nova Iorque, onde a sociedade é um pouco mais compreensiva no que diz respeito às suas propensões peculiares. Gosta da palavra?

– Como é que você descobriu...?

– Informações – disse Charlie, tocando no nariz. – A força vital de qualquer negócio.

– Outro principio fordiano?

– Não, muito mais peito – admitiu Charlie. – Daphne Harcourt-Browne.

Becky sorriu.

– Então o que vai fazer a esse respeito?

– Vou ficar com as duas, ora.

– E como, pode-se saber?

– Com a minha inteligência e a sua diligência.

– Está falando sério, Charlie Trumper?

– Nunca falei tão sério. – Charlie voltou-se novamente para ela: – Afinal de contas, por que Chelsea há de ser diferente de Whitechapel?

- Só uma casa decimal, talvez – sugeriu Becky.
- Então vamos ter de tirar essa casa decimal, Srta. Salmon. Porque chegou a hora de deixar de ser um sócio capitalista, e começar a cumprir as suas obrigações.
- Mas... os meus exames?
- Aproveita o tempo extra que vai ter, agora que seu namorado partiu para a Índia.
- Na realidade, vai amanhã.
- Então você tem mais um dia de licença. Não é assim que os oficiais descreveram um dia de folga? Porque amanhã quero que você vá outra vez à John D. Wood marcar uma entrevista com aquele empregado novo, o das espinhas... como é que se chama?
- Palmer – disse Becky.
- Sim, Palmer – disse Charlie. – Dê-lhe instruções para negociar em seu nome um preço para as duas lojas, e avise-o de que também estamos interessados em qualquer outra coisa que surja em Chelsea Terrace.
- Qualquer outra coisa em Chelsea Terrace? – perguntou Becky, que tinha começado a tomar notas nas costas do seu bloco.
- Sim, e também vamos precisar arranjar quase todo o dinheiro necessário para comprar os prédios, por isso visite alguns bancos e veja se consegue boas condições.
- Nada acima de quatro por cento – repetiu Becky. Levantando os olhos, acrescentou: – Mas trinta e seis lojas, Charlie?
- Eu sei, pode levar muito tempo.

Na biblioteca do Bedford College, Becky procurou afastar os sonhos de Charlie de ser o próximo Sr. Selfridge, e tentou terminar um trabalho sobre a influência de Bemini na escultura do século XVII. Incapaz de assumir o moderno. Becky sentiu que conseguia ainda menos êxito com o antigo, por isso chegou à conclusão de que o trabalho teria de ser adiado até ter mais tempo para se encontrar no passado.

Durante a hora do almoço, sentou-se na bancada de tijolos vermelhos junto da biblioteca, mastigando uma maçã enquanto pensava. Deu uma última dentada antes de atirar os resíduos num caixote do lixo próximo, antes de iniciar a viagem para Chelsea.

Quando chegou ao Terrace, sua primeira parada foi no açougue, onde comprou um pernil e disse à Sra. Kendrick que lamentava o que se passara com o marido. Quando pagou a conta, reparou que os dois empregados, embora bem treinados, não manifestavam muita iniciativa. Os fregueses saíam só com o que tinham vindo comprar, o que Charlie nunca teria permitido. Dirigiu-se então à fila da loja Trumper e pediu que Charlie a servisse.

– Alguma coisa em especial, minha senhora?

– Um quilo de batatas, meio quilo de cogumelos, uma couve e um melão.

– Hoje é o seu dia de sorte, minha senhora. O melão deve ser comido esta noite – disse ele, apertando levemente a extremidade da frente. – Posso sugerir mais alguma coisa, minha senhora? Umas laranjas, talvez?

– Não, obrigada, meu bom homem.

– Então são três xelins e quatro pence, minha senhora.

– Mas não tenho direito a uma maçã, como todas as outras freguesas?

– Não, desculpe, minha senhora, esses privilégios são reservados apenas aos nossos fregueses habituais. Mas eu poderia ser persuadido, se fosse convidado a partilhar esse melão com a senhorita esta noite. O que me daria a oportunidade de explicar o meu plano magistral para Chelsea Terrace, Londres, o mundo...

– Esta noite não posso, Charlie. Guy parte para a Índia amanhã de manhã.

– Claro, foi uma tolice da minha parte, desculpe, esqueci. – Ele parecia involuntariamente perturbado. – Amanhã, talvez?

– Sim, por que não?

– Então, como presente especial, vamos jantar fora. Vou buscá-la às oito.

– Combinado, sócio – disse Becky, esperando que a voz soasse como a de Mal West.

A atenção de Charlie foi subitamente distraída por uma senhora avantajada que tinha tomado o lugar a frente da fila.

– Ah, Lady Nourse – disse Charlie, voltando ao seu sotaque cockney, – os habituais rabanetes e nabos ou vamos ser um pouco mais aventureiros hoje, minha senhora?

Becky olhou para trás, reparando que Lady Nourse, que tinha mais de 60

anos, corava, ao mesmo tempo que seu peito volumoso inchava de satisfação.

Quando regressou ao apartamento, Becky verificou rapidamente se a sala estava limpa e arrumada. A faxineira tinha feito uma boa limpeza e, como Daphne ainda não regressara de um de seus longos

fins de semana em Harcourt Hall, pouco teve de fazer além de ajeitar as almofadas e correr as cortinas.

Becky resolveu adiantar o mais possível a refeição antes de tomar um banho.

Lamentou não ter aceito a oferta de Daphne de utilizar uma cozinheira e uma empregada de Lowndes Square, mas estava decidida a ter Guy só para si, para variar, embora soubesse que a mãe não gostaria de que jantasse com um amigo sem Daphne ou uma dama de companhia.

Melão, seguido de vitela assada com batatas, couve e alguns cogumelos: certamente a mãe aprovaria. Mas desconfiava de que a aprovação não incluiria o gastar dinheiro, que tanto custara ganhar, na garrafa de Nuits St. George que havia comprado com o Sr. Cuthbert, no número 101. Becky descascou as batatas, preparou o pernil e certificou-se de que tinha hortelã e pimenta antes de retirar os talos da couve.

Enquanto abria o vinho, decidiu que passaria a fazer todas as compras nas lojas do bairro, para ter a certeza de que suas informações sobre o que se passava no Terrace fossem tão atualizadas como as de Charlie. Antes de se despir, verificou também que ainda havia algum brandy na garrafa que lhe fora oferecida no Natal anterior.

Ficou algum tempo de molho no banho quente, enquanto imaginava que bancos deveria contatar e, mais importante, como iria expor o seu caso. Os números pormenorizados da contabilidade da loja e o calendário de pagamento do empréstimo... Sua mente ia de Charlie para Guy e se perguntava por que motivo nunca falavam um sobre o outro.

Quando Becky ouviu o relógio do quarto bater a meia hora, saltou do banho em pânico, tendo súbita consciência de quanto tempo os seus pensamentos deviam ter tomado e sabendo que Guy deveria

aparecer à porta quando o relógio marcasse oito horas. A única coisa garantida num soldado, Daphne costumava dizer, é que aparecia sempre na hora marcada.

Becky esvaziou metade do guarda-vestidos de Daphne e a maior parte do seu, espalhando as roupas pelo chão dos dois quartos, numa tentativa desesperada de encontrar algo para vestir. Por fim, escolheu o vestido que Daphne usara uma única vez, no Baile dos Fusiliers. Depois de conseguir apertar o último botão, viu-se no espelho e sentiu-se confiante de que “passaria na revista”. O relógio em cima da lareira bateu oito horas, e a campainha tocou.

Guy, vestindo um blaser trespassado do regimento e calças de surja, da cavalaria, entrou na sala com outra garrafa de vinho tinto, assim como uma dúzia de rosas vermelhas. Depois de colocar os presentes na mesa, tomou Becky nos braços.

- Que lindo vestido – disse ele. – Acho que nunca o vi antes.
- Não, é a primeira vez que o visto – disse Becky, sentindo-se culpada por não ter pedido autorização a Daphne para o usar.
- Esta fazendo o jantar sozinha? – perguntou Guy, olhando em volta.
- Para ser franca, Daphne ofereceu-se para ajudar, mas eu não aceitei; queria ficar só com você na nossa última noite juntos.

Guy sorriu.

- Alguma coisa que eu possa fazer?
- Sim, pode servir o vinho enquanto ponho as batatas no fogo.
- Batatas da loja Trumper?
- Claro – replicou Becky, voltando para a cozinha e colocando a couve numa panela. Hesitou um momento antes de dizer: – Você

não gosta de Charlie, não é?

Guy serviu dois copos de vinho, mas ou não ouviu o que ela disse, ou não quis responder.

– Como foi seu dia? –V perguntou Becky, quando regressou à sala, e pegou o copo de vinho que ele lhe deu.

– Fazendo um número infinito de malas, preparando-me para a viagem de amanhã – retorquiu ele. – Temos de ter quatro de tudo naquele maldito país.

– Tudo? – Becky provou o vinho. – Hum, bom.

– Tudo. E você, o que tem feito?

– Falei com Charlie sobre os planos para conquistar Londres sem declarar guerra, pus Caravaggio de lado como sendo de segunda categoria, e escolhi alguns cogumelos, não esquecendo a promoção do dia da loja Trumper. –

Assim que acabou de falar, Becky colocou metade de um melão no prato de Guy e a outra metade no seu, enquanto ele voltava a encher os copos.

Durante o demorado jantar, Becky teve cada vez mais consciência de que essa seria provavelmente a sua última noite juntos durante três anos.

Conversaram sobre teatro, sobre o regimento, sobre os problemas da Irlanda, sobre Daphne e até mesmo sobre o preço dos melões, mas nem uma palavra sobre a Índia.

– Você poderá me visitar – disse ele finalmente, aflorando o assunto proibido enquanto enchia outro copo de vinho, quase esvaziando a garrafa.

– Uma viagem de um dia, talvez? – sugeriu ela, tirando os pratos da mesa e levando-os para a cozinha.

– Desconfio que, mesmo que só isso, seja possível.

Guy encheu o seu copo novamente e abriu a garrafa que trouxera.

– O que quer dizer com isso?

– De avião. Afinal de contas, Alcock e Brown atravessaram o Atlântico sem parar, por isso a Índia deve ser o próximo objetivo de qualquer pioneiro.

– Talvez eu pudesse ir sentada numa asa – disse Becky voltando da cozinha.

Guy riu.

– Não se preocupe, tenho certeza de que três anos passarão num instante, e, depois, poderemos casar assim que eu voltar. – Ergueu o copo e observou-a enquanto ela bebia. Permaneceram calados durante algum tempo.

Becky levantou-se da mesa sentindo-se um tanto tonta.

– Vou pôr a chaleira no fogo – explicou.

Quando regressou, Becky não reparou que seu copo estava novamente cheio.

– Obrigado por uma noite maravilhosa – disse Guy e, durante um momento, Becky receou que ele estivesse pensando em ir embora.

– Agora poderíamos lavar a louça, uma vez que você está sem empregada e eu deixei o meu ordenança no quartel.

– Não se preocupe com isso – disse Becky, com um soluço. – Afinal de contas, posso passar um ano lavando a louça, outro secando e

ainda terei mais um para guarda-la.

A gargalhada de Guy foi interrompida pelo assobio crescente da chaleira.

– Um minuto. Por que não bebe um brandy? – acrescentou Becky, desaparecendo de novo na cozinha e escolhendo as duas melhores xícaras.

Regressou com elas cheias de café quente e forte, e pensou, durante um momento, que o lampião talvez tivesse baixado um pouco. Colocou as duas xícaras junto ao sofá. – O café está tão quente, que temos de esperar alguns minutos – avisou ela.

Ele lhe passou uma garrafa de brandy pela metade. Ergueu o seu copo e aguardou. Ela hesitou, depois bebeu um pequeno gole antes de se sentar a seu lado. Durante algum tempo, nenhum deles falou, e, depois, subitamente, ele pousou o copo, tomou-a nos braços e, dessa vez, começou a beijá-la apaixonadamente, primeiro nos lábios, depois no pescoço e, em seguida, nos ombros nus, Becky só começou a resistir quando sentiu a mão de Guy se mover das suas costas para um dos seios.

Guy afastou-se e disse:

– Tenho uma surpresa especial, querida, que venho guardando para esta noite.

– O que é?

– Nosso noivado vai ser anunciado amanhã no The Time.

Ela voltou a abraçá-lo e não fez qualquer esforço para resistir quando a mão dele voltou a lhe tocar o seio. Afastou-se de novo e perguntou:

– Sua mãe, como reagirá?

– Estou pouco ligando para a reação dela – disse Guy, e começou mais uma vez a beijar-lhe o pescoço. A sua mão moveu-se para o outro seio, ao mesmo tempo que os lábios dela se abriam e as línguas se tocavam.

Ela sentiu os botões das costas do vestido sendo desabotoados, lentamente de início, depois com maior segurança, antes de Guy a soltar de novo. Corou quando ele despiu o blaser e a gravata do regimento e os jogou para o lado do sofá, se questionando se não deveria dizer que já tinham ido longe demais.

Quando Guy começou a desabotoar a camisa, ela entrou em pânico por um momento: as coisas estavam ficando fora de controle.

Guy inclinou-se e abaixou os ombros do vestido de Becky. Quando voltou a beijá-la, ela sentiu a mão dele tentando desabotoar seu sutiã..

Becky pensou que talvez se salvasse pelo fato de nenhum deles saber mais onde era o fecho. No entanto, tomou-se muito claro que Guy já havia passado por experiências semelhantes antes, pois abriu habilmente os colchetes, hesitando apenas um segundo antes de transferir sua atenção para as pernas dela.

Parou subitamente quando chegou ao alto das meias e, fixando-lhe os olhos, murmurou:

– Até agora, só tinha imaginado como seria, mas não fazia ideia de que você fosse tão bela.

– Obrigada – disse Becky, e sentou-se com as costas retas.

Guy passou-lhe o brandy e ela bebeu outro gole, se perguntando se não seria melhor usar uma desculpa: o café teria esfriado e desejava ir à cozinha fazer outro.

– Mas há ainda outra desilusão para mim esta noite – acrescentou ele, deixando uma das mãos na coxa dela.

– Uma desilusão? – Becky pousou o copo de brandy. Começava a sentir-se decididamente tonta.

– Sim – disse Guy. – Seu anel de noivado.

– Meu anel de noivado?

– Encomendei à Garrard há mais de um mês, e eles prometeram que estaria pronto hoje. Mas essa tarde informaram que só o poderia pegar amanhã cedo.

– Não faz mal – disse Becky.

– Faz – disse Guy. – Eu queria colocá-lo no seu dedo esta noite, por isso espero que você possa estar na estação um pouco mais cedo do que havíamos combinado. Quero ajoelhar-me a seus pés e colocá-lo em seu dedo.

Becky levantou-se e sorriu quando Guy se ergueu rapidamente e a tomou nos braços.

– Amarei você para sempre, você sabe, não é?

O vestido de Daphne caiu no chão. Guy pegou-lhe a mão, e ela o conduziu ao quarto.

Ele puxou rapidamente a colcha para os pés da cama, e abriu os braços.

Quando ela se juntou a ele, Guy despiu-lhe o resto da roupa e começou a beijar-lhe o corpo todo, antes de fazer amor com tal perícia que Becky desconfiou que só poderia resultar de uma prática considerável.

Embora o ato em si fosse doloroso, Becky ficou surpresa com a rapidez com que a sensação prometida chegou ao fim e agarrou-se a Guy durante o que pareceu ser uma eternidade. Ele repetia continuamente quanto a amava, o que fez Becky sentir-se menos culpada – afinal, estavam noivos.

Becky estava meio adormecida quando pensou ouvir uma porta bater e voltou-se, supondo que o som deveria ter vindo do apartamento de cima. Guy mal se mexeu. De repente, a porta do quarto abriu-se, e Daphne apareceu na sua frente.

– Desculpem, eu não sabia– disse ela, num murmúrio, e fechou a porta.

Becky olhou para o amante com apreensão.

Ele sorriu e a tomou nos braços.

– Não se preocupe com Daphne. Ela não vai contar a ninguém. – Estendeu um braço e puxou-a para si.

A estação de Waterloo já estava cheia de homens de uniforme quando Becky chegou à plataforma. Estava alguns minutos atrasada, por isso ficou um pouco surpresa por não encontrar Guy à sua espera. Depois, lembrou-se de que ele tinha tido de ir a Albemarle Street buscar o anel.

Verificou o quadro: escritas em letras maiúsculas brancas estavam as palavras “Trem para Southampton, P&O para a Índia, partida às 11.30.”

Becky continuou a olhar ansiosamente de um lado para o outro da plataforma, até que os seus olhos pararam num grupo de moças. Estavam muito juntas umas das outras debaixo do relógio da estação, falando todas ao mesmo tempo em vozes agudas e tensas sobre bailes de caça, polo e quem ia ser apresentada à sociedade – todas elas sabendo que as despedidas eram feitas na estação,

porque não era de bom tom uma moça acompanhar um oficial no trem para Southampton, a não ser que fosse casada ou estivesse oficialmente noiva.

Mas o *The Times* dessa manhã provaria que ela e Guy estavam noivos, pensou Becky; assim, talvez fosse convidada a viajar até a costa.

Olhou outra vez para o relógio: onze e vinte e um. Pela primeira vez, começou a ficar ligeiramente preocupada. Depois, viu-o de repente, vindo em passos largos pela plataforma na sua direção, seguido por um homem que arrastava duas malas e por um carregador que trazia ainda mais bagagem num carrinho de mão.

Guy pediu desculpas, mas não deu qualquer explicação sobre o seu atraso; limitou-se a mandar o ordenança colocar as suas malas no trem e o esperar.

Durante os minutos seguintes não falaram sobre nada em particular, e Becky percebeu que ele estava um pouco distante, mas sabia que havia vários outros oficiais na plataforma também se despedindo, alguns mesmo das mulheres.

Um apito soou, e Becky viu um guarda olhando o relógio. Guy inclinou-se, roçou-lhe a face com os lábios, depois voltou-lhe as costas de repente. Viu-o entrar rapidamente no trem não olhando para trás uma única vez, enquanto ela só conseguia pensar nos seus corpos nus, aninhados na minúscula cama, e Guy dizendo: "Amarei você para sempre. Você sabe, não é?"

Uma bandeira verde foi acenada, e um último apito soou. Becky ficou sozinha. Tremeu com a rajada de vento que se sentiu quando a máquina serpenteou para fora da estação, iniciando a viagem para Southampton. As moças que conversavam também foram embora, mas em outra direção, para as caleches e carros guiados por motoristas.

Becky dirigiu-se a um quiosque na esquina da plataforma, comprou um exemplar do The Times por dois pence e verificou, primeiro depressa, depois lentamente, as listas dos próximos casamentos.

De Arbuthnot a Yelland, não havia qualquer menção de um Trentham nem de uma Salmon.

CAPÍTULO 10

Mesmo antes de o primeiro prato ser servido, Becky arrependeu-se de ter aceitado o convite de Charlie para jantar no restaurante do Sr. Scallini, o único que Charlie conhecia. Charlie esforçava-se para ser atencioso, o que fazia sentir-se ainda mais culpada.

– Gosto do seu vestido – disse ele, admirando o vestido em tom pastel que havia pedido emprestado a Daphne.

– Obrigada.

Seguiu-se uma longa pausa.

– Desculpe-me – disse ele. – Devia ter pensado duas vezes antes de a convidar para sair no mesmo dia em que o capitão Trentham partiu para a Índia.

– O nosso noivado vai ser anunciado no The Times amanhã– disse ela, não levantando os olhos do prato de sopa que não tocara.

– Parabéns – disse Charlie em tom de indiferença.

– Você não gosta de Guy, não é?

– Eu nunca me dei muito bem com oficiais. – Mas os seus caminhos se cruzaram durante a guerra.

– Na realidade, você o conheceu antes de mim, não é? – disse Becky inesperadamente. Charlie não respondeu, por isso ela acrescentou:

– Tive essa sensação quando jantamos todos juntos.

– Dizer que o conhecia seria exagero – disse Charlie. – Estivemos no mesmo regimento, mas até aquela noite nunca tínhamos partilhado uma mesa.

– Mas vocês lutaram na mesma guerra.

– Juntamente com quatro mil homens do nosso regimento – disse Charlie, recusando-se a ser sondado.

– Ele era um oficial corajoso e respeitado?

Um garçom apareceu junto deles sem ser chamado.

– O que o senhor gostaria de beber com o peixe?

– Champanha – disse Charlie. – Afinal de contas, temos algo a celebrar.

– Temos? – perguntou Becky, sem notar que ele havia utilizado a manobra apenas para mudar de assunto.

– Os resultados do nosso primeiro ano. Ou você já se esqueceu de que já pagamos a Daphne mais de metade do empréstimo?

Becky conseguiu sorrir, compreendendo que, enquanto ela estivera preocupada com a partida de Guy para a Índia, Charlie havia se concentrado em resolver o seu outro problema. Mas, apesar dessa notícia, a noite prosseguiu em silêncio, pontuado ocasionalmente com comentários de Charlie que não receberam resposta. Ela bebeu um pouco de champanha de vez em quando, beliscou o peixe, não quis sobremesa e mal conseguiu esconder o seu alívio quando a conta apareceu.

Charlie pagou ao garçom e deixou uma boa gorjeta. Daphne teria orgulho dele, pensou Becky.

Quando se levantou da cadeira, a sala começou a girar.

– Sente-se bem? – perguntou Charlie, colocando um braço em volta dos ombros dela.

– Estou bem, muito bem – disse Becky. – Só não estou habituada a beber tanto vinho em duas noites seguidas.

– E também você quase não comeu – disse Charlie, conduzindo-a para fora do restaurante, para o ar frio da noite.

Prosseguiram abraçados ao longo do Chelsea Terrace, e Becky não pôde deixar de pensar que qualquer transeunte poderia tomá-los por namorados.

Quando chegaram à entrada do apartamento de Daphne, Charlie teve de procurar bem na bolsa de Becky para encontrar as chaves. Conseguiu abrir a porta, mantendo-a, ao mesmo tempo, de pé contra a parede. Mas, então, as pernas de Becky fraquejaram e ele teve de segurá-la para que ela não caísse.

Levou-a no colo até o primeiro andar. Quando chegou ao apartamento, teve de fazer contorcionismo para abrir a porta sem a deixar cair. Finalmente, entrou na sala cambaleando e colocou-a no sofá. Levantou-se, sem saber se devia deixá-la no sofá ou investigar onde era o quarto.

Charlie estava prestes a ir embora quando ela escorregou para o chão, balbuciando palavras incoerentes, das quais ele compreendeu apenas “noivos”.

Voltou para junto de Becky mas, dessa vez, levantou-a firmemente por cima do ombro. Levou-a em direção a uma porta que, quando abriu, descobriu ser a de um quarto. Colocou-a suavemente em cima da cama. Quando ia saindo na ponta dos pés, ela se virou, e Charlie teve de correr a fim de a empurrar para o meio da cama e impedir que caísse. Hesitou, depois inclinou-se para lhe levantar os ombros, antes de desabotoar o vestido com a mão livre. Quando chegou ao último botão, deitou-a na cama, depois levantou-lhe as pernas e

puxou, centímetro a centímetro, até lhe despir o vestido. Deixou-a apenas por um momento, para colocar o vestido em cima de uma cadeira.

– Charlie Trumper – disse ele num murmúrio, olhando Becky –, você é cego e está cego há muito tempo.

Puxou o cobertor e colocou Becky entre os lençóis, como vira as enfermeiras na Frente Ocidental fazer com os feridos.

Cobriu-a bem, assegurando-se de que todo o processo não se repetiria. Seu último gesto foi inclinar-se e beijá-la no rosto.

“Não só é cego, Charlie Trumper, como é uma besta”, disse ele para si próprio, fechando a porta.

– É só um minuto – disse Charlie jogando algumas batatas na balança, enquanto Becky esperava pacientemente no canto da loja.

– Mais alguma coisa, minha senhora? – perguntou a freguesa na frente da fila. – Umas tangerinas, talvez? Maçãs? E tenho umas lindas toranjas vindas diretamente da África do Sul, chegaram no mercado esta manhã.

– Não, obrigada, senhor Trumper, por hoje é tudo.

– Então são dois xelins e cinco pence, senhora Symonds. Bob, pode continuar a servir o próximo freguês, enquanto eu falo com a Srta. Salmon.

– Sargento Trumper.

– Pronto – foi a reação instantânea de Charlie quando ouviu a voz sonora.

Voltou o rosto para o homem alto que estava na sua frente, reto como uma vareta de espingarda, vestindo um casaco de xadrez e calças de sarja da cavalaria, e com um chapéu de feltro castanho na mão.

– Eu nunca esqueço um rosto – disse o homem, embora Charlie tivesse ficado intrigado se não fosse o monóculo.

– Meu Deus – exclamou Charlie, pondo-se em sentido.

– Não, basta de coronel – disse o homem rindo. – E não há necessidade de toda essa pompa. Esses dias já vão longe. Embora não nos vejamos há muito tempo, Trumper.

– Quase dois anos.

– Parece mais tempo – disse o coronel pensativo – Você tinha razão sobre Prescott; e foi um bom amigo para ele.

– Ele foi um bom amigo para mim.

– E um soldado de primeira. Mereceu a sua MM.

– Concordo completamente.

– Você teria recebido uma também, Trumper, mas acabaram depois de Prescott. Infelizmente, para você foi só “menção por bravura”

– A medalha foi para o homem certo.

– Uma maneira horrível de morrer. A lembrança ainda me persegue sabe? –

disse o coronel. – A poucos metros da linha.

– Culpa não foi sua, meu coronel. Se alguém teve culpa, fui eu.

– Se a culpa foi de alguém, certamente não foi sua – disse o coronel
– E é melhor esquecer, creio eu – acrescentou sem explicação.

– Então, como vai o regimento? – perguntou Charlie – Sobrevivendo sem mim?

– E sem mim – disse o coronel, colocando algumas maçãs no saco que levava – partiram para Índia, mas não sem pôr este velho cavalo no descanso.

– Lamento muito, meu coronel. O regimento era toda a sua vida.

– É verdade, embora até os Fusiliers acabem por sucumbir ao machado de Geddes. Para ser sincero, eu sou um homem da infantaria e sempre fui e nunca me dei bem com aqueles tanques modernos.

– Se os tivéssemos uns anos mais cedo, eles talvez tivessem salvo algumas vidas.

– Desempenharam seu papel, tenho de admitir. – O coronel acenou com a cabeça – Gosto de pensar que também cumpri a minha parte.

– Levou a mão ao nó da gravata. – Vai ao Jantar do regimento, Trumper?

– Não sabia que havia isso, meu coronel.

–. Du as vezes por ano. O primeiro em Janeiro, só para homens, o segundo em maio com as mulheres, quando há também um baile. Dá aos camaradas oportunidade de se reunir e conversar sobre os velhos tempos. Gostaria de o ver lá, Trumper. Sabe, eu sou o presidente da comissão do baile este ano e espero que venha bastante gente.

– Então pode contar comigo.

– Ótimo, o escritório vai entrar em contato com você; dez xelins cada convite, incluindo toda bebida que conseguir beber, o que tenho certeza, não será problema para você – acrescentou o coronel, passando os olhos pela loja movimentada.

– E precisa de alguma coisa daqui, coronel? – perguntou Charlie, vendo uma longa fila se formar atrás do coronel.

– Não, não, o seu eficiente empregado já tomou conta de mim e, como vê, já terminei a lista de compras da patroa. – Mostrou uma folha fina de papel com uma relação riscada item por item.

– Então, nos veremos na noite do baile, coronel – disse Charlie.

O coronel acenou com a cabeça em sinal de assentimento e dirigiu-se à calçada sem dizer mais nada.

Becky aproximou-se do sócio, com a consciência de que ele se esquecera completamente de que ela esperava para falar com ele.

– Ainda está em posição de sentido, Charlie – disse ela rindo.

– Aquele era o meu comandante, o coronel Sir Danvers Hamilton – disse Charlie, um tanto pretensiosamente. – Comandou-nos na Frente, é um cavalheiro e lembrou-se do meu nome.

– Charlie, se você pudesse me ouvir... Ele pode ser um cavalheiro, mas é um cavalheiro desempregado, enquanto você tem um negócio próspero. Eu sei qual dos dois preferiria ser.

– Mas ele é o meu comandante. Não compreende?

– Era – disse Becky – e frisou que o regimento foi para a Índia sem ele.

– Isso não altera nada.

– Toma nota, Charlie Trumper, esse homem ainda vai tratar você de

“senhor”.

Guy havia partido há quase uma semana, e Becky já conseguia passar uma hora inteira sem pensar nele.

Tinha ficado acordada quase toda a noite anterior escrevendo-lhe uma cana, mas, quando saiu para a aula da manhã no dia seguinte, passou pela caixa do correio sem parar. Conseguira convencer-se de que a culpa de não acabar a carta era toda do Sr. Palmer.

Becky tinha ficado desapontada ao ver que seu noivado não havia sido anunciado no The Times no dia seguinte, e ficou desesperada quando o anúncio não apareceu em nenhum dia daquela semana. Quando telefonou aflita para a Garrard, na segunda-feira seguinte, disseram-lhe que nada sabiam sobre um anel encomendado por um capitão Trentham dos Royal Fusiliers. Becky decidiu que esperaria outra semana antes de escrever a Guy. Achou que deveria haver uma explicação simples.

Ainda estava pensando em Guy quando entrou no escritório da John D.

Wood, na Mount Street. Tocou a campainha sobre o balcão e perguntou a um empregado se podia falar com o Sr. Palmer.

– Sr. Palmer? O Sr. Palmer não trabalha mais aqui – disse-lhe Foi transferido há quase um ano, senhorita. Posso ajudá-la?

Becky apoiou-se no balcão:

– Então gostaria de falar com um dos sócios – disse com firmeza.

– Posso saber a natureza do assunto? – perguntou o empregado,

– Pode – disse Becky. – Vim conversar sobre as instruções sobre a venda dos números 131 e 135 de Chelsea Terrace.

– Ah! Sim e posso perguntar quem deseja saber?

– Srta. Rebecca Salmon.

– Só um momento – prometeu-lhe o jovem, mas só voltou passados vários minutos. Quando o fez, vinha acompanhado de um homem muito mais velho, com casaco preto comprido e óculos com aros de chifre. Uma corrente de prata balançava do bolso do colete.

– Bom-dia, senhorita Salmon – disse o homem mais velho – o meu nome é Crowther. Queira ter a gentileza de me acompanhar – levantou a tampa do balcão e conduziu-a para dentro. Becky o seguiu.

– Um bom tempo para esta época do ano, não acha, minha senhora?

– Becky olhou através da janela e viu os guarda-chuvas abertos, mas decidiu não comentar a opinião meteorológica do Sr Crowther.

Quando chegaram a uma pequena sala nos fundos do edifício ele anunciou com óbvio orgulho:

– Este é o meu escritório. Sente-se, por favor, senhorita Salmon. – Indicou uma cadeira desconfortavelmente baixa, colocada em frente da secretária.

Depois, sentou-se na sua cadeira de costas altas.

– Eu sou sócio da firma explicou – mas confesso que um sócio minoritário

– Riu da própria piada – Agora, em que lhe posso ser útil?

– Eu meu sócio queremos comprar os números 131 e 135 da Chelsea Terrace – disse ela. e

– Pois não disse – o Sr. Crowther, olhando o processo. – E nessa ocasião a Srta. Daphne Harcourt-Browne...

– A Srta. Daphne Harcourt-Browne não estará envolvida nessa transação, e, se, por esse motivo, não deseja negociar com o Sr Trumper ou comigo não nos importamos de tratar diretamente com os proprietários. – Becky susteve a respiração.

– Oh, por favor, não me compreenda mal, minha senhora. Certamente, não teremos qualquer problema em continuar a negociar com a senhorita.

– Obrigada.

– Então, comecemos com o número 135 – disse o Sr. Crowther, empurrando os óculos antes de folhear o processo à sua frente. – Ah, sim, o querido Sr. Kendricks, um açougueiro de primeira, sabe. Infelizmente, está pensando em se aposentar.

Becky suspirou, e o Sr. Crowther olhou-a por cima dos óculos.

– O médico disse-lhe que não tem outra opção, se quiser ter mais alguns meses de vida – disse ela.

– Exatamente – disse o Sr. Crowther, voltando para o seu processo.

– Bem, parece que está pedindo cento e cinquenta libras pelo prédio, mais cem libras pelo negócio.

– Quanto ele aceitaria?

– Não tenho certeza de a estar compreendendo, minha senhora. – O sócio minoritário ergueu uma sobrancelha.

– Senhor Crowther, antes de desperdiçarmos mais um minuto do nosso tempo, devo dizer-lhe, em confiança, que é nossa intenção comprar todas as lojas que estejam à venda em Chelsea Terrace, com o objetivo, a longo prazo, de sermos donos de todo o quarteirão, mesmo que isso nos leve a vida inteira.

Não é minha intenção visitar regularmente o seu escritório durante os próximos vinte anos, com o único objetivo de discutir com o senhor. Nessa ocasião, calculo que o senhor será sócio principal e teremos ambas outras coisas a fazer.

Estou sendo clara?

– Bastante – disse o Sr. Crowther, olhando para a nota que Palmer havia anexado à venda do número 147; o rapaz não exagerara na opinião da cliente como uma pessoa direta. Voltou a empurrar os óculos.

– Creio que o Sr. Kendrick aceitaria cento e vinte e cinco libras se concordassem também com uma pensão de vinte e cinco libras por ano até a sua morte.

– Mas ele pode viver eternamente.

– Acho que lhe devo lembrar que foi a senhora e não eu quem se referiu no estado de saúde do Sr. Kendrick. – Pela primeira vez, o sócio minoritário recostou-se na cadeira.

– Eu não tenho qualquer desejo de privar o Sr. Kendrick de sua pensão respondeu Becky. – Por favor, ofereça-lhe cem libras pelo prédio e vinte libras por ano durante oito anos, como pensão. Sou flexível quanto a esta última parte da transação, mas não quanto a primeira. Compreendido, senhor Crowther'?

– Certamente, minha senhora.

– E, se vou pagar uma pensão ao Sr. Kendrick, conto que ele esteja disponível para nos aconselhar de tempos em tempos, quando precisarmos.

– Pois não — disse Crowther, tomando nota do seu pedido na margem do papel.

– Então, o que tem a me dizer sobre o 131?

– Esse é um problema delicado— disse Crowther, abrindo outro processo. —

Não sei se tem conhecimento das circunstâncias, minha senhora, mas... — Becky decidiu não o ajudar nessa ocasião. Sorriu docemente. — Hum, bem — continuou o sócio minoritário —, o Sr. Rutherford vai para Nova York com um amigo para abrir uma galeria de antiguidades num lugar chamado Village. — Hesitou.

– E a sua associação é de natureza um tanto invulgar? — ajudou Becky após um prolongado silêncio. — E ele prefere, possivelmente, passar o resto dos seus dias num apartamento em Nova York, a fazê-lo numa cela em Brixton?

– Exatamente — disse o Sr. Crowther, com uma gota de transpiração na testa. — E, no caso desse cavalheiro específico, ele deseja retirar tudo das instalações, pois crê que a sua mercadoria obterá melhor preço em Manhattan.

Por isso, tudo o que deixará será o imóvel.

– Então, posso presumir que, no seu caso, não haverá pensão?

– Penso que podemos seguramente presumir isso.

– E podemos, assim, esperar que o preço seja um pouco mais razoável, lembrando algumas das pressões a que ele está sujeito?

– Penso que não – respondeu o Sr. Crowther –, uma vez que a loja em questão é um pouco maior do que a maior pane das outras em Chelsea...

– Quatrocentos e sessenta e dois metros quadrados, para ser exata – disse Becky – comparados com trezentos metros quadrados do número 147, que compramos por...

– Um preço muito razoável na ocasião, se me permite dizer, senhorita Salmon.

– No entanto...

– Exatamente – disse o Sr. Crowther. Apareceu outra gota de transpiração na sua testa.

– Por isso, quanto ele pensa receber pelo imóvel, agora que estabelecemos que não é exigida uma pensão?

– O preço que pede – disse o Sr. Crowther, cujos olhos haviam regressado novamente ao processo – é duzentas libras. No entanto, desconfio – acrescentou antes que Becky tivesse oportunidade de contestar – que, se fechar o negócio rapidamente, ele poderá vender por cento e setenta e cinco. Arqueou as sobrancelhas. – Creio que ele está desejoso de ir encontrar o amigo o mais depressa possível.

– Se ele está desejoso de encontrar o amigo, desconfio que não se importará de baixar o preço para cento e cinquenta se vender depressa, e poderá até aceitar cento e sessenta, apesar de levar mais uns dias.

– Pois não. – O Sr. Crowther tirou o lenço do bolso e limpou a testa.

Becky não pôde deixar de reparar que ainda estava chovendo. – Mais alguma coisa, minha senhora? – perguntou ele, tendo voltado a colocar o lenço no bolso.

– Sim, senhor Crowther – disse Becky –, gostaria que se mantivesse atento ao que se passa com todos os prédios em Chelsea Terrace e se dirigisse a mim ou ao Sr. Trumper assim que souber que algum deles possa ser posto à venda.

– Talvez seja útil eu fazer um estudo completo sobre os prédios do quarteirão e depois apresentar um relatório escrito ao Sr. Trumper, para apreciação.

– Isso seria muito útil – disse Becky, disfarçando a sua surpresa por essa prova de iniciativa. Levantou-se da cadeira, tomando claro que considerava terminada a reunião.

Enquanto voltava para o balcão da frente, o Sr. Crowther disse:

– Soube que o número 147 se tomou muito popular entre os habitantes de Chelsea.

– E como soube? – perguntou Becky, surpresa pela segunda vez.

– Minha mulher – explicou o Sr. Crowther – recusa-se a comprar frutas e hortaliças em outro lugar apesar de morarmos em Fulham.

– Uma senhora de gosto exigente, a sua esposa – disse Becky.

– Exatamente – respondeu o Sr. Crowther.

Becky supunha que os bancos reagiriam a sua visita com o mesmo entusiasmo que o agente imobiliário. No entanto, tendo selecionado oito que considerou boas probabilidades, depressa descobriu que existia uma diferença considerável entre apresentar-se como comprador e pedir um empréstimo.

Sempre que relatava seus planos – alguém tão novo que era pouco provável que pudesse tomar uma decisão – ela recebia um aceno de cabeça negativo.

Isso concluiu o banco que já possuía a conta Trumper.

– De fato – contou a Daphne mais tarde nessa noite –, um dos empregados novos do Penny Bank teve mesmo o descaramento de sugerir que, se algum dia eu me casar, eles terão imenso prazer em negociar com o meu marido.

– Você esbarrou no mundo dos homens pela primeira vez, não foi? – perguntou Daphne, deixando cair no chão a revista que estava lendo.

– Os seus grupos, os seus clubes? O lugar da mulher é na cozinha e, se for um pouco atraente, talvez ocasionalmente no quarto.

Becky concordou com um aceno de cabeça, sombria, colocando a revista sobre a mesa.

– É uma atitude que, confesso, nunca me preocupou – admitiu Daphne, enfiando os pés nos elegantes sapatos de bico fino. – Mas eu não nasci ambiciosa como você, minha querida. No entanto, talvez seja hora de lhe atirar outro salva-vidas.

– Salva-vidas?

– Sim. Aquilo de que precisa para resolver seu problema é uma velha gravata de escola.

– Não ficaria com um ar um tanto idiota?

– Talvez ficasse bastante atraente de fato, mas a questão não é essa. O

dilema que você está enfrentando é o seu sexo... para não falar do sotaque de Charlie, embora eu o tenha curado desse problema. No entanto, uma coisa certa, ainda não descobriram uma maneira de mudar o sexo das pessoas.

– Onde você quer chegar? – perguntou Becky com ar inocente.

– Você é tão impaciente, querida. Tal como Charlie. Tem de nos dar, a nós mortais inferiores, um pouco mais de tempo para explicarmos. Becky sentou-se no canto do sofá e colocou as mãos no colo.

– Em primeiro lugar, tem de compreender que todos os banqueiros são horrivelmente esnobes – continuou Daphne. – De outra forma, estariam, como você, gerindo seus próprios negócios. Por isso, do que você precisa, para tê-los na sua mão, é de um respeitável testa de ferro.

– Testa de ferro?

– Sim. Alguém que a acompanhe nas suas visitas a bancos sempre que necessário. – Daphne levantou-se e viu-se ao espelho, antes de prosseguir.

Essa pessoa pode não ter os seus miolos, mas, por outro lado, não terá como obstáculo o seu sexo ou o sotaque de Charlie. O que ela terá, porém, é uma velha gravata da escola e, de preferência, um título qualquer que combine com ela. Os banqueiros gostam muito de um baronete, porém, mais importante de tudo, terá de arranjar alguém que realmente necessite de dinheiro. Por serviços prestados, entenda.

– Essas pessoas existem? – perguntou Becky, incrédula.

– Certamente. De fato existem muito mais desse tipo do que as que estão dispostas a trabalhar. – Daphne sorriu, tranquilizadora. Dê-me uma semana ou duas e tenho certeza de que terei uma lista de três. Vai ver.

– Você é maravilhosa – disse Becky.

– Como pagamento, quero que você me faça um pequeno favor.

– Qualquer coisa.

– Nunca diga isso para uma ave de rapina como eu, querida. O meu pedido dessa vez, porém, é muito simples e bem dentro das suas possibilidades. Se Charlie pedir que o acompanhe ao baile do seu regimento, aceite.

– Por quê?

– Porque Reggie Arbuthnot foi suficientemente estúpido para me convidar para essa festa, e não posso recusar se quiser veranear na sua casa na Escócia em novembro. – Becky riu, e Daphne acrescentou: – Eu não me importo de que Reggie me leve ao baile, mas me oponho a ter de sair do baile com ele. Por isso, se tivermos chegado a um acordo, eu lhe forneço o baronete imbecil necessário e tudo o que você tem a fazer é, quando Charlie a convidar, dizer sim.

– Sim.

Charlie não ficou surpreso quando Becky concordou sem hesitar em ir com ele ao baile do regimento. Daphne já lhe tinha explicado os pormenores do seu acordo. Mas foi, de fato, um choque ver que, quando Becky se sentou à mesa, os sargentos seus companheiros não conseguiram tirar os olhos dela.

O jantar foi servido num enorme ginásio, o que levou os companheiros de Charlie a contar história após história dos seus dias iniciais de instrução em Edimburgo. No entanto, a comparação terminava ali, porque a comida era muitíssimo melhor do que aquela que Charlie se lembrava de ter sido servida na Escócia.

– Onde está Daphne? – perguntou Becky, quando uma fatia de torta de maçã, generosamente coberta de creme de leite, foi colocada na sua frente.

– Ali naquela mesa, com todos os grã-finos – disse Charlie, apontando por cima do ombro com o polegar. – Não pode ser vista como gente como nós, não é? – acrescentou com um sorriso. '

Quando o jantar terminou, houve uma série de brindes – a todos, pareceu n Becky, exceto ao rei. Charlie explicou que o regimento tinha sido dispensado do brinde de lealdade pelo rei Guilherme IV em 1835, uma vez que a sua fidelidade a coroa era inquestionável. No entanto, ergueram os copos as Forças Armadas a um batalhão de cada vez e, finalmente, ao regimento, juntamente com o nome de todos os coronéis anteriores, terminando cada brinde com vibrantes aplausos. Becky observou a reação do homens sentados à mesa à sua volta e compreendeu, pela primeira vez, quantos daquela geração se consideravam afortunados por estar vivos.

O antigo coronel do regimento, Sir Danvers Hamilton, Bt., DSO, CBE, monóculo no lugar, fez um comovente discurso sobre todos os camaradas que, por diferentes razões, não podiam estar presentes nessa noite. Becky viu Charlie tomar-se visivelmente rígido à menção do seu amigo Tommy Prescott.

Por fim, levantaram-se todos e brindaram aos amigos ausentes. Becky sentia-se surpreendentemente comovida.

Depois de o coronel se sentar, as mesas foram afastadas para um Indo, para que a dança pudesse começar. Assim que a banda do regimento tocou a primeira nota, Daphne apareceu do outro extremo da sala.

– Vamos, Charlie, não tenho tempo para esperar que você chegue à minha mesa.

– O prazer é todo meu, minha senhora – disse Charlie, quando se levantou do lugar –, mas o que aconteceu ao Reggie-qualquer-coisa?

– Arbutmot – disse ela. – Deixei aquele bobo agarrado a uma Srta. de Chelmsford. Horrrosa, garanto-lhe.

– Que tem ela de tão “horroroso”? – imitou Charlie.

– Nunca pensei que chegaria o dia – disse Daphne – em que Sua Majestade iria permitir que alguém de Essex fosse apresentado na corte.

Mas, pior do que isso, e a idade dela.

– Por quê? Quantos anos tem? – perguntou Charlie, dançando a valsa com Daphne em volta da sala.

– Não tenha certeza, mas teve o descaramento de me apresentar o pai viúvo.

Charlie começou a rir.

– Não é para achar graça, Charlie Trumper, é para mostrar comiseração.

Você ainda tem muito que aprender.

Becky observava Charlie dançando suavemente pela pista.

– Daphne é uma boa pessoa – disse o homem sentado a seu lado, que se tinha apresentado como sargento Mike Parker, que era açougueiro em Camberwell e lutara ao lado de Charlie no Mame.

Becky aceitou a opinião dele sem qualquer comentário e quando, mais tarde, ele se curvou e pediu a Becky que lhe concedesse a honra da próxima dança, ela aceitou com relutância. Ele levou-a a passo de marcha para a pista de dança, como se ela fosse uma peça de carne a caminho do frigorífico. A única coisa que ele conseguiu fazer no compasso da música foi pisar-lhe os pés.

Finalmente, levou Becky de volta para a segurança relativa da mesa manchada de cerveja. Becky sentou-se em silêncio vendo todos se divertirem, esperando que mais ninguém a tirasse para dançar. Seus

pensamentos voltaram-se para Guy, e o encontro que ela não conseguiria evitar se, dentro de duas semanas...

– Concede-me a honra, senhorita?

Todos os homens em volta da mesa se puseram em posição de sentido quando o coronel do regimento acompanhou Becky à pista de dança.

Ela percebeu que o coronel Hamilton era um dançarino exímio e um companheiro divertido, sem manifestar qualquer das tendências para ser condescendente que a série de gerentes bancários havia manifestado. Depois de a dança acabar, convidou Becky para a sua mesa e apresentou-a à mulher.

– Devo avisá-la – disse Daphne a Charlie, olhando por cima do ombro na direção do coronel e Lady Hamilton. – Vai ser um grande desafio você acertar o passo com a ambiciosa senhorita Salmon. Mas, enquanto estiver comigo e prestar atenção, vamos dar-lhe uma boa razão para lutar pelo dinheiro.

Após mais algumas danças, Daphne informou Becky de que tinha feito mais do que o seu dever e que era hora de ir embora. Becky, por seu lado, ficou mais do que satisfeita por escapar às atenções de tantos oficiais jovens que a tinham visto dançar com o coronel.

– Tenho boas notícias para vocês – disse-lhes Daphne quando a carruagem seguia para King's Road em direção a Chelsea Terrace, com Charlie ainda agarrado à sua garrafa de champanha meio vazia.

– O quê, meu amorzinho? – perguntou ele depois de um arrote.

– Eu não sou seu amorzinho – protestou Daphne. – Posso investir de bom grado nas classes inferiores, Charlie Trumper, mas nunca se esqueça de que não me falta educação.

– Então, quais são as boas notícias? – perguntou Becky, rindo.

– Você cumpriu a sua parte do acordo, e eu estou cumprindo a minha.

– O que você quer dizer? – perguntou Charlie, quase adormecendo.

– Já tenho a lista de três nomes a serem considerados para seu testa-de-ferro e, assim, resolver o problema bancário.

Charlie ficou sóbrio imediatamente.

– A primeira oferta é o filho de um conde – começou Daphne. – Sem um tostão, mas apresentável. O segundo é um baronete, que fará o exercício mediante o pagamento de honorários, mas a pièce de résistance é um visconde cuja a sorte o desertou nas mesa de Deauville e agora necessita se envolver de vez em quando num grosseiro trabalho comercial.

– Quando os poderemos conhecer? – perguntou Charlie, tentando pronunciar as palavras com clareza.

– Assim que quiserem – prometeu Daphne. — Amanhã...

– Não será necessário – disse Becky baixinho.

– Por que não? – perguntou Daphne, surpresa.

– Porque já escolhi o homem que será o nosso testa-de-ferro.

– Em quem você está pensando, querida? O príncipe de Gales?

– Não, o tenente-coronel Sir Danvers Hamilton, Bt. DSO, CBE.

– Mas ele é o coronel do regimento – disse Charlie, deixando cair a garrafa de champanha no chão da carruagem. – É impossível, ele não vai concordar.

– Garanto que vai.

– Como tem tanta certeza?

– Porque temos um encontro com ele amanhã às onze horas.

CAPÍTULO 11

Daphne fez sinal com a sombrinha quando uma carruagem se aproximou.

O cocheiro parou e tirou o chapéu.

– Para onde, senhorita?

– Harley Street, número 172 – disse ela, antes de as duas mulheres subirem.

Ele tirou novamente o chapéu e, com uma leve chicotada, dirigiu o cavalo na direção do Hyde Park Comer.

– Já contou a Charlie? – perguntou Daphne.

– Não tive coragem – admitiu Becky.

Sentaram-se em silêncio enquanto o cocheiro conduzia a carruagem para Marble Arch.

– Talvez não seja necessário dizer-lhe nada.

– Tomara que não – disse Becky.

Houve outro longo silêncio até o cavalo entrar na Oxford Street. O seu médico é um homem compreensivo?

– Até agora tem sido. Meu Deus, estou assustada.

– Não se preocupe. Em breve estará tudo acabado, porque, pelo menos, você viu estar sabendo se e ou não.

O cocheiro parou à porta do número 172 da Harley Street, e as duas mulheres saíram. Enquanto Becky acariciava a crina do cavalo, Daphne pagou seis pence ao homem. Becky voltou-se quando ouviu a pancada da aldraba de bronze subiu para junto da amiga.

Uma enfermeira com uniforme azul engomado, touca e gola brancas abriu a porta e pediu às duas senhoras que a seguissem. Foram levadas ao longo de um corredor escuro, iluminado por um único lampião, e depois conduzidas a uma sala de espera vazia. Exemplares do Punch e Tatler estavam colocados em filas ordenadas em uma mesinha no meio da sala. Uma variedade de cadeiras, diferentes e confortáveis, rodeava a mesinha. Sentaram-se as duas, mas nenhuma delas falou antes de a enfermeira sair da sala.

– Eu... – começou Daphne.

– Se... – disse Becky ao mesmo tempo.

Riram ambas, um som forçado que ecoou na sala de teto alto.

– Fale você primeiro – disse Becky.

– Eu só queria saber como vai indo o coronel.

– Ouviu as instruções como um homem – disse Becky. – Temos a nossa primeira reunião amanhã. Child e Companhia, na Fleet Street. Disse-lhe que tratasse todo esse exercício como um ensaio. uma vez que estou guardando o banco em que penso haver, de fato, uma possibilidade mais para o fim da semana.

– E Charlie?

– É tudo um pouco demasiado para ele. Não consegue deixar de pensar no coronel como o seu comandante.

– Aconteceria o mesmo com você. se Charlie sugerisse que o seu professor de contabilidade passasse pelo número 147 para verificar

o movimento semanal.

– Estou evitando esse cavalheiro, neste momento – disse Becky. – Só estou fazendo o trabalho acadêmico suficiente para não ser reprovada; ultimamente, as minhas melhores disciplinas tomaram-se razoáveis, enquanto as razoáveis já não são suficientemente boas. Se não conseguir acabar o curso no fim disso tudo, a culpa será toda de uma única pessoa.

– Você será uma das poucas mulheres a ser bacharel em Belas Artes.

Talvez devesse exigir que mudassem o nome do curso para SBA.

– SBA?

– Solteirona em Belas Artes.

Riram do que ambas sabiam ser uma anedota pesada, continuando a fugir da verdadeira razão pela qual estavam na sala de espera. Subitamente, a porta foi aberta, e, erguendo os olhos, viram que a enfermeira tinha voltado.

– O médico vai atendê-la agora.

– Posso entrar também?

– Pode, creio que não há problema.

Levantaram-se e seguiram a enfermeira ao longo do mesmo corredor, até chegar a uma porta branca com uma pequena placa de bronze, quase gasta de tanto ser esfregada, onde se lia Dr. Fergus Gould. Uma leve pancada da enfermeira na porta teve como resposta um “sim”, e Daphne e Becky entraram juntas no consultório.

– Bom-dia, bom-dia – disse o médico em tom alegre com um ligeiro sotaque escocês, apertando a mão de cada uma. – Sentem-se. Os exames já estão completos e tenho excelentes notícias. – Regressou à cadeira atrás da secretária e abriu um processo á sua frente. Sorriam ambas, e a mais alta das duas descontraiu-se pela primeira vez em muitos dias.

– Felizmente, está em perfeita saúde, mas, como é o seu primeiro filho –

(ele viu as duas mulheres empalidecerem) –, tem de ter um pouco mais de cuidado nos próximos meses. Mas, se o fizer, não vejo razão para que haja quaisquer complicações nesta gravidez. Posso ser a primeira pessoa a dar-lhe os parabéns?

– Oh, meu Deus, não – disse ela, quase desmaiando. – Pensei que havia dito que as notícias eram excelentes.

– Sim, claro – respondeu o Dr. Gould. – Supus que ficaria radiante.

A amiga interpôs:

– Sabe, doutor, há um problema. Ela não é casada.

– Oh, entendo – disse o médico, a voz mudando imediatamente de tom. –

Lamento muito, não fazia ideia. Talvez se tivesse dito na primeira consulta...

– Não, a culpa é toda minha, Dr. Gould. Eu estava com esperanças...

–Não, a culpa é minha. Que falta de tato da minha parte! – O Dr. Gould fez uma pausa, pensativo. – Embora continue a ser ilegal neste país, dizem que há médicos excelentes na Suécia que...

– Isso não é possível – disse a mulher grávida. – Compreenda, é contra tudo o que meus pais considerariam “comportamento aceitável”.

– Bom-dia, Hadlow – disse o coronel, entrando no banco em passo de marcha e entregando o sobretudo, o chapéu e a bengala ao gerente.

– Bom-dia, Sir Danvers – respondeu o gerente, passando o chapéu, o sobretudo e a bengala a um empregado. – Permita-me que lhe diga como nos sentimos honrados por ter considerado o nosso humilde banco merecedor da sua atenção.

Becky não pôde deixar de pensar que não era exatamente a mesma recepção que tinha tido quando, apenas algumas semanas antes, visitara outro banco de importância semelhante.

– Quer ter a gentileza de vir até meu gabinete? – prosseguiu o gerente, estendendo o braço como se fosse um policial de trânsito.

– Com certeza, mas primeiro deixe-me apresentar-lhe o Sr. Trumper e a Srta. Salmon, que são meus sócios nesse empreendimento.

– Encantado – disse o gerente, empurrando os óculos sobre o nariz antes de apertar as mãos de Charlie e Becky.

Becky reparou que Charlie estava involuntariamente silencioso e puxava constantemente o colarinho, que parecia ser demasiado apertado. De fato, depois de passar a manhã na Saville Row tirando as medidas para um terno novo, ele se recusou a esperar mais um minuto quando Daphne sugeriu que tirasse as medidas para uma camisa, pelo que, no fim, Daphne teve de adivinhar o tamanho do pescoço dele.

– Café? – perguntou o gerente, depois de estarem instalados no seu gabinete.

– Não, obrigado – disse o coronel.

Becky gostaria de tomar um café, mas percebeu que o gerente pensara que Sir Danvers tivesse falado em nome dos três. Mordeu o lábio.

– Então, em que lhe posso ser útil, Sir Danvers? – O gerente tocou o nó da gravata com nervosismo.

– Eu e meus sócios possuímos atualmente uma firma em Chelsea Terrace, número 147, que, embora ainda seja pequena, está tendo progressos satisfatórios. – O sorriso do gerente permaneceu fixo no seu lugar. –

Adquirimos o prédio há dezoito meses por cem libras, e esse investimento registrou este ano o lucro de pouco mais de quarenta e três libras.

– Muito satisfatório – disse o gerente. – Obviamente, li a sua carta e as contas que teve a amabilidade de enviar por um mensageiro.

Charlie ficou tentado a lhe dizer quem fora o mensageiro.

– No entanto, achamos que é hora de expandir nossos negócios – continuou o coronel. – E, para isso, precisamos de um banco que manifeste mais iniciativa do que aquele com que lidamos presentemente, assim como um que tenha o olhar virado para o futuro. O nosso banco atual, penso por vezes, ainda vive no século dezenove. Francamente, eles fazem pouco mais do que guardar depósitos, quando procuramos o serviço de um verdadeiro banco.

– Compreendo.

– Estou preocupado... – disse o coronel, parando de repente e colocando o monóculo no olho esquerdo.

– Preocupado com... – o Sr. Hadlow inclinou-se para a frente na cadeira, ansioso.

– A sua gravata.

– A minha gravata? – O gerente mexeu novamente no nó com nervosismo.

– Sim, a sua gravata. Não me diga... os Bufis?

– Está correto, Sir Danvers.

– Viu alguma ação, Hadlow?

– Bem, não exatamente, Sir Danvers, A minha vista, compreende. – O Sr.

Hadlow começou a brincar com os óculos.

– Pouca sorte, meu rapaz – disse o coronel, deixando cair o monóculo.

– Bem, continuando, eu e meus colegas desejamos expandir o negócio, mas, para ser sincero, devo dizer-lhe que temos uma reunião com outro banco na quinta-feira à tarde.

– Quinta-feira à tarde – repetiu o gerente, depois de molhar novamente a pena no tinteiro sobre a secretária, acrescentando essa informação as que já havia registrado.

– Mas tenho esperança de que não deixe de notar – continuou o coronel –

que decidimos vir primeiro ao seu banco.

– Sinto-me muito lisonjeado – disse o Sr. Hadlow. – E que condições espera que lhe possamos oferecer, Sir Danvers, que o seu não oferece?

O coronel fez uma pausa por um momento, e Becky olhou alarmada, pois não se lembrava de lhe ter falado sobre condições. Nenhum deles esperava que fossem tão longe nessa primeira reunião.

O coronel pigarreou.

– Naturalmente, contamos com condições competitivas, se passarmos a trabalhar com o seu banco, tendo consciência das implicações a longo prazo.

A resposta pareceu impressionar Hadlow.

Olhou para os números na sua frente e disse:

– Bem, vejo que estão pedindo um empréstimo de duzentas e cinquenta libras para a compra dos números 131 e 135 de Chelsea Tenace, o que, atendendo a situação de sua conta, requer um levantamento a descoberto – fez uma pausa, parecendo fazer um cálculo – de, pelo menos, cento e setenta libras.

Correto, Hadlow. Vejo que compreendeu admiravelmente a nossa situação atual.

O gerente se permitiu um sorriso.

– Dadas as circunstâncias atuais, Sir Danvers, penso que podemos, de fato conceder esse empréstimo, se aceitarem juros de quatro por cento ao ano.

O coronel exitou de novo, até ver o meio sorriso de Becky. '

– O nosso banco oferece-nos juros de três e meio por cento – disse o coronel –, como de certo, tem conhecimento.

–. Mas eles não correm riscos – fez notar o Sr. Hadlow. – Além de não permitir estarem descobertos mais de cinquenta libras. No entanto –

acrescentou, antes de o coronel poder responder –, penso que, nesse caso particular, poderemos oferecer também três e meio por cento. Que acha?

O coronel não fez qualquer comentário antes de sondar a expressão no rosto de Becky. O seu sorriso se alargara.

– Penso que posso falar em nome de meus colegas, Hadlow, quando digo que consideramos sua proposta aceitável, bastante aceitável.

– Então vou começar a processar a papelada. Pode levar alguns dias, obviamente.

– Sem dúvida – disse o coronel. – E digo-lhe, Hadlow, que esperamos ter uma longa e lucrativa ligação com o seu banco.

O gerente conseguiu levantar-se e fazer uma reverência num só movimento, gesto que, pensou Becky, até mesmo Sir Henry Irving teria dificuldade em executar.

O Sr. Hadlow acompanhou então o coronel e seus jovens sócios à sala da frente.

– O velho Chubby Duckworth ainda está com vocês? – perguntou o coronel.

– Lorde Duckworth e, de fato, o presidente do nosso conselho de administração – murmurou o Sr. Hadlow com ar reverente.

– Um bom homem...estive com ele na África do Sul, nos Royal Rifles, quando vir Chubby no clube, mencionarei nossa reunião, se me permite.

– Isso seria muito gentil de sua parte, Sir Danvers.

Quando chegaram à porta, o gerente dispensou o empregado e ajudou, ele próprio, o coronel a vestir o sobretudo, depois entregou-lhe o chapéu e a bengala, antes de se despedir dos novos clientes.

– Não hesite em contatar-me sempre que necessário – foram as suas palavras finais ao fazer nova mesura. Ficou ali até os três desaparecerem.

Assim que chegaram à rua, o coronel dobrou a esquina rapidamente em passo de marcha, parando atrás da primeira árvore. Becky e Charlie correram atrás dele, não sabendo o que se passava.

– Sente-se bem, coronel? – perguntou Charlie, assim que o alcançaram.

– Estou Ótimo, Trumper – respondeu o coronel. – Ótimo. Mas preferia enfrentar um bando de saqueadores afegãos a passar por aquilo outra vez.

Mesmo assim, como me saí?

– Foi magnífico – disse Becky. – Garanto que, se tivesse tirado os sapatos e dito a Hadlow que os engraxasse, ele teria puxado o lenço e começado imediatamente a esfregar em pequenos círculos.

O coronel sorriu.

– Oh, bom. Então, correu tudo bem, hem?

– Perfeito – disse Becky. – Não podia ter feito melhor; vou esta tarde à

.John D. Wood deixar um depósito pelas duas lojas.

– Graças a Deus pelas suas instruções, senhorita Salmon – disse o coronel, impertigando-se. – Sabe uma coisa? A senhorita teria dado

um excelente oficial de dia.

Becky sorriu.

– Considero isso um grande elogio, coronel – disse Charlie, enquanto o coronel começava a descer a rua em passos largos, balançando o guarda-chuva.

– Mas posso perguntar-lhe uma coisa que me intrigou?

– Claro, Trumper, diga.

– Se é amigo do presidente do banco – disse Charlie acompanhando-lhe o passo –, por que não foi falar diretamente com ele?

O coronel parou subitamente.

– Meu caro Trumper – explicou – não se fala com um presidente de um banco quando se precisa de um empréstimo de apenas duzentas e cinquenta libras. No entanto, diga-se de passagem, tenho esperança de que não demorará muito até precisarmos o procurar. Neste momento, porém, há outras necessidades mais urgentes.

– Outras necessidades? – perguntou Charlie.

– Sim, Trumper. Preciso de um uísque, sabe? – disse o coronel, vendo uma taberna do outro lado da rua. – Agora e duplo.

– Com quantos meses você está? – perguntou Charlie quando, no dia seguinte, Becky lhe deu a notícia.

– Cerca de quatro. – Evitou olhá-lo diretamente nos olhos.

– Por que não me disse antes? – Ele parecia um pouco magoado quando virou a tabuleta de aberto para fechado e subiu as escadas.

– Tinha esperança de que não fosse necessário – respondeu Becky, seguindo-o até o apartamento.

– Escreveu a Trentham contando-lhe, claro?

– Não. Tenho pensado em fazê-lo, mas ainda não me predispus a escrever.

– Começou a arrumar a sala para não ter de o encarar.

– Tem pensado? – disse Charlie. – Há semanas já deveria ter dito ao filho da mãe. Ele deveria ser a primeira pessoa a saber. Afinal de contas, ele é responsável por essa maldita encrenca, se você me perdoa a expressão.

Não é assim tão fácil. Charlie.

Porque não, pelo amor de Deus?

– Significaria o fim da carreira dele, e Guy vive para o regimento, É como o seu coronel: seria injusto pedir-lhe que deixasse de ser soldado aos vinte e três anos.

– Ele não é como o coronel – disse Charlie. – Em todo caso, ainda é suficientemente novo para se estabelecer e trabalhar como todos nós.

– Ele está casado com o exército, Charlie. e não comigo. Por que temos de estragar a vida dos dois?

– Mas ele deve saber o que aconteceu e, pelo menos, ter a possibilidade de escolher.

– Ele não teria escolha, Charlie. Certamente você compreende isso.

Voltaria para casa no primeiro navio e casaria comigo. E um homem honrado.

– Um homem honrado, é? – disse Charlie. – Bem, se é assim tão honrado prometa-me uma coisa.

– O quê?

– Vai escrever para ele esta noite contando-lhe a verdade.

Becky hesitou durante algum tempo antes de dizer:

– Está bem, eu escrevo.

– Esta noite?

– Sim, esta noite.

– E devia também aproveitar para dizer aos pais dele.

– Não, não posso fazer isso, Charlie – disse ela, encarando-o pela primeira vez.

– Qual é a razão, agora? Medo de estragar carreiras outra vez?

– Não, mas, se eu fizesse, o pai insistiria em que Guy voltasse para casar comigo.

– E que mal há nisso?

– A mãe dele diria, então, que eu havia preparado uma armadilha para o filho, ou ainda pior...?!

– Pior?

– ...que nem sequer era filho dele.

– E quem acreditaria nela?

– Quem quisesse acreditar.

– Mas isso não é justo – disse Charlie.

– A vida não é justa, para usar palavras de meu pai. Eu tinha de crescer alguma vez, Charlie. Para você foi a Frente Ocidental.

– Então, o que nós vamos fazer agora?

– Nós? – disse Becky.

– Sim, nós. Ainda somos sócios, lembra-se?

– Para começar, tenho de arranjar outro lugar para morar; não seria justo para Daphne...

– Que bela amiga ela provou ser... – disse Charlie.

– Para nós dois – disse Becky, enquanto Charlie se levantou, meteu as mãos nos bolsos e começou a andar pela pequena sala, fazendo Becky recordar o tempo em que estavam juntos na escola.

– Suponho... – disse Charlie. Foi a sua vez de não a conseguir encarar.

– Supõe? Supõe o quê?

– Suponho que você não... – começou ele de novo.

– Eu não o quê?

– Aceitaria casar comigo?

Houve um longo silêncio até Becky, chocada, conseguir responder, perguntando, finalmente:

– E Daphne?

– Daphne? Certamente você não pensa que temos algum relacionamento desse tipo?! É verdade que tenho tido aulas

noturnas com ela, mas não do tipo que você imagina. Em todo caso, só houve um homem na vida de Daphne, e certamente não é Charlie Trumper, pela simples razão de que ela sempre soube que só houve uma mulher na minha.

– Mas...

– Eu a amo há tanto tempo, Becky.

– Oh, meu Deus! – exclamou Becky, colocando a cabeça nas mãos.

– Desculpe – disse Charlie. – Pensei que você soubesse. Daphne diz que as mulheres sabem sempre essas coisas.

– Não fazia ideia, Charlie, Tenho sido tão cega, além de idiota.

– Não olhei para outra mulher desde o dia em que voltei de Edimburgo.

Suponho que tinha esperança de que você me amasse um pouco – disse Charlie.

– Eu sempre o amarei um pouco, Charlie, mas infelizmente é por Guy que estou apaixonada.

– Felizardo. E pensar que eu a vi primeiro. Seu pai correu comigo da loja uma vez, quando me ouviu chama-la de Gorducha Gulosa às suas costas. –

Becky sorriu. – Está vendo, eu sempre consegui tudo que realmente queria na vida. Como Ó que a deixei escapar?

Becky não conseguia olhar para ele.

– Ele é um oficial, claro, e eu não. Isso talvez explique, – Charlie tinha parado de andar pelo quarto e estava à sua frente.

– Você é um general. Charlie.

– Mas não é a mesma coisa é?

CAPÍTULO 12

Chelsea Terrace 97

Londres SW3

20 de maio de 1920

Meu querido Guy

Esta é a carta mais difícil de escrever da minha vida. De fato não sei bem como começar. Passaram pouco mais de três meses desde que você partiu para a Índia, e aconteceu algo que acho que gostaria de saber imediatamente. Acabei de consultar o médico de Daphne, em Harley Sreet, e...

Becky parou, leu cuidadosamente as poucas frases que havia escrito, amarrotou a folha e a jogou no cesto de papéis que tinha aos pés. Levantou-se, espreguiçou-se e começou a passear pela sala, na esperança de encontrar uma desculpa para não continuar a tarefa. Era já meia-noite e meia, por isso podia ir para a cama, dizendo que estava muito cansada para continuar – só que Becky sabia que não ia conseguir dormir sem ter terminado a carta. Voltou para a secretária e tentou concentrar-se novamente, antes de reformular a primeira linha. Pegou a caneta.

Chelsea Terrace 97

Londres SW3

20 de maio de 1920

Meu caro Guy

Receio que esta carta constitua uma surpresa, especialmente depois de todas as conversas sem importância que tivemos há apenas um mês.

Tenho adiado escrever sobre coisas que lhe interessam, na esperança de que os meus recios fossem infundados. Infelizmente isso não aconteceu e agora as circunstâncias se impõem.

Depois de passar horas maravilhosas com você na noite antes de sua partida para a Índia, não menstruei no mês seguinte, mas não lhe comuniquei o problema imediatamente, na esperança de que...

“Oh, não”, pensou Becky, e rasgou a mais recente tentativa antes de jogar os pedaços no cesto de papéis. Foi a cozinha fazer um bule de chá.

Depois da segunda xícara, voltou relutante para a secretária e concentrou-se.

Chelsea Terrace 97

Londres SW3

20 de maio de 1920

Caro Guy

Espero que tudo esteja correndo bem na Índia e que você não esteja trabalhando muito. Sinto muitas saudades suas, nas com os exames à porta e Charlie se imaginando o próximo Sr. Selfridge, esses primeiros três meses desde que você partiu voaram num instante. De fato, tenho certeza de que ficará admirado por saber que seu antigo comandante, o Tenente-Coronel Sir Danvers Hamilton, tornou-se ..

– E, a propósito, estou grávida – disse Becky em voz alta, e rasgou a terceira tentativa. Voltou a colocar a tampa na caneta, decidindo que tinha de dar um passeio na praça. Tirou o casaco do cabide do vestíbulo, desceu as escadas correndo e saiu.

Andou sem destino de um lado para o outro da rua deserta, aparentemente sem ter noção da hora. Ficou satisfeita por ver que tabuletas indicando

“Vendido” apareciam nas vitrines dos números 131 e 135. Parou à porta da loja de antiguidades durante um momento, pôs as mãos em concha em torno dos olhos e observou através da vitrine. Para seu horror, viu que o Sr. Rutherford havia retirado absolutamente tudo, até mesmo o encanamento do gás e a lareira, que ela acreditava fixos à parede.

“Isso me ensina a examinar um contrato de venda na próxima vez.”

Continuou a olhar para o espaço vazio. enquanto um rato corria pelo assoalho.

– Talvez devêssemos abrir uma loja de animais disse em voz alta.

– Perdão, senhorita.

Becky voltou-se e viu um policial tentando girar a maçaneta do 133, para ter a certeza de que a loja estava fechada.

– Oh, boa-noite, senhor guarda – disse Becky timidamente, sentindo-se culpada, sem qualquer razão.

– São quase duas da manhã, senhorita.

– São? — perguntou Becky, olhando o relógio. – Oh, são mesmo. Que loucura! Sabe, eu moro no 97. – Sentindo que era necessária uma explicação, acrescentou: – Não conseguia dormir, por isso resolvi dar um passeio.

– É melhor entrar para a polícia, então. Eles gostariam muito da sua companhia na ronda noturna.

Becky riu.

– Não, obrigada, senhor guarda. Acho que eu vou voltar para casa e tentar dormir. Boa-noite.

– Boa-noite, senhorita – disse o policial levando a mão ao capacete numa meia continência, antes de verificar que a loja de antiguidades vazia também estava bem fechada.

Becky deu meia-volta e percorreu com ar determinado o Chelsea Terrace, abriu a porta do 97, subiu as escadas do apartamento, tirou o casaco e voltou imediatamente para a sua secretária. Hesitou apenas um momento antes de pegar a caneta e começar a escrever.

Dessa vez, as palavras fluíram sem esforço, porque agora ela sabia exatamente o que devia ser dito.

Chelsea Terrace 97

Londres SW3

20 de maio de 1920

Caro Guy

Tenho tentado pensar em duzentas maneiras diferentes de lhe comunicar o que aconteceu depois que você partiu para Índia e cheguei finalmente à conclusão de que a simples verdade faz algum sentido.

Estou, agora, grávida de quatorze semanas, esperando um filho seu, e essa ideia me enche de grande felicidade, mas, confesso, de mais do que simples apreensão. Felicidade, porque você é o único homem que jamais amei, apreensão por causa das implicações de tal notícia no seu futuro no regimento.

Devo dizer desde de já que não tenho qualquer desejo de prejudicar a sua carreira, obrigando-o a casar. Um compromisso apenas respeitado devido a um sentimento de culpa, que depois o obriga a passar o resto da vida participando de uma impostura, depois do que aconteceu entre nós apenas numa ocasião, é, com certeza inaceitável para qualquer um de nós.

De minha parte , não faço segredo da total devoção que lhe tenho, mas, se essa não for recíproca, não poderei concordar em sacrificar uma carreira tão promissora no altar da hipocrisia.

Mas, meu querido, não tenho a menor dúvida do meu total amor por você e do meu permanente interesse pelo seu futuro e bem estar, mesmo a ponto de negar seu envolvimento nesse assunto, se é isso que deseja que eu faça.

Guy, eu o adorarei sempre, e pode estar certo da minha grande lealdade, qualquer que seja a decisão a que você

chegue.

Com todo o meu amor

Becky.

Foi incapaz de controlar as lágrimas enquanto lia as suas palavras uma segunda vez. Quando dobrava a folha, a porta do quarto foi aberta e Daphne apareceu, semi-adormecida, na sua frente.

– Está bem, querida?

– Estou. Senti-me só um pouco agoniada – explicou Becky. – Decidi que precisava de um pouco de ar fresco. – Colocou a carta num envelope branco.

– Já que estou de pé disse Daphne –, quer uma xícara de chá?

– Não, obrigada, já bebi duas.

– Bem, eu quero. – Daphne desapareceu na cozinha. Becky pegou imediatamente a caneta e escreveu no envelope:

Capitão Guy Thentham, M.C.,

2º Batalhão dos Royal Fusiliers

Quartel Wellington

Poona

MDIA VIA AÉREA

Saiu do apartamento, colocou a carta na caixa do correio na esquina de Chelsea Terrace e regressou ao número 97 antes mesmo de a água para o chá ter fervido.

Embora Charlie recebesse ocasionalmente cana de Sal, do Canadá, para lhe comunicar a chegada do último sobrinho ou sobrinha, e Grace aparecesse de vez em quando, sempre que conseguia uma folga no hospital, a visita de Kitty era, de fato, muito rara. Mas, quando ela vinha ao apartamento, era sempre com o mesmo objetivo.

– Preciso de umas libras, Charlie, só para me aguentar – explicou Kitty.

sentando-se na única cadeira confortável, minutos depois de entrar na sala.

Charlie olhou a irmã. Embora ela só fosse dezoito meses mais velha do que ele, já parecia uma mulher de mais de trinta anos. Debaixo da camiseta larga já não havia sinal do corpo que havia atraído todos os olhares do East End e sem pintura, o rosto começava a ficar manchado e com rugas.

– Foi só uma libra na última vez – lembrou-lhe Charlie. E não foi há muito tempo.

– Mas meu companheiro foi embora Charlie, e estou outra vez sozinha, sem um teto, sem nada. Faça-me esse favor.

Ele continuou a olhar a irmã, grato por Becky não ter ainda regressado da aula da tarde, embora desconfiasse de que Kitty só aparecia quando tinha a certeza de que a caixa estava cheia e que Becky não estava por perto.

– Espere um momento – disse ele, após um longo silêncio. Saiu da sala e dirigiu-se à loja. Quando teve a certeza de que os empregados não estavam olhando, tirou duas libras e dez xelins do caixa. Voltou a subir resignadamente as escadas para o apartamento.

Kitty já estava à porta. Charlie entregou-lhe as quatro notas. Ela quase lhe arrancou o dinheiro da mão e enfiou as notas na bolsa, saindo sem dizer mais uma palavra.

Charlie desceu as escadas atrás dela e viu-a tirar um pêssigo do alto de uma pirâmide no canto da loja, dar-lhe uma mordida, sair para a calçada e seguir apressadamente rua abaixo.

Charlie teria de fazer o caixa nessa noite; ninguém deveria saber a quantia exata que lhe havia dado.

– Vai acabar tendo de comprar esse banco, Charlie Trumper – disse Becky, sentando-se ao seu lado.

– Não antes de ser dono de todas as lojas do quarteirão, minha bela – disse ele, voltando-se para ela. – E você? Quando nasce o bebê?

– Daqui a cerca de cinco semanas, pensa o médico.

– O apartamento está todo pronto?

– Sim, graças a Daphne ter deixado eu ficar.

– Tenho saudades dela – disse Charlie.

– Eu também, embora nunca a tenha visto tão feliz como desde que Percy foi desmobilizado dos Scots Guards.

– Aposto que em breve ficam noivos.

– Espero que não – disse Becky, olhando para o outro lado da rua.

Três tabuletas Trumper, todas em azul e dourado, brilhavam: a quitanda continuava a dar excelente lucro, e Bob Makins parecia ter crescido desde que regressara do Serviço Militar.

O açougue tinha perdido alguma freguesia depois de o Sr. Hendrick se ter aposentado, mas havia recuperado novamente desde que Charlie empregara Mike Parker para o substituir.

– Espero que ele seja melhor açougueiro do que dançarino – comentou Becky quando Charlie lhe deu a notícia de que havia contratado o sargento Parker.

Quanto à mercearia, a nova menina dos olhos de Charlie, havia prosperado desde o primeiro dia, embora, segundo os empregados, o patrão parecesse estar nas três lojas ao mesmo tempo.

– Toque de gênio – disse Charlie – transformar aquela loja de antiguidades em mercearia.

– Então, agora você se considera merceeiro, hem?

– Certamente não. Sou um simples vendedor de frutas e hortaliças e sempre serei.

– Gostaria de saber o que vai dizer às moças quando for dono de todo o bloco.

– Ainda e' cedo para isso. Então, como ficou o balanço das novas lojas?

– Ainda registram prejuízos.

– Mas ainda podem dar lucro e, certamente, cobrir as despesas. – A voz de Charlie elevou-se num protesto. – E a mercearia está preparada...?

– Não tão alto. Quero que o Sr. Hadlow e seus colegas no banco descubram que nos demos melhor do que inicialmente prevíamos.

– Você é uma mulher má, Rebecca Salmon, disso não há dúvida.

– Não vai dizer isso, Charlie Trumper, quando precisar que eu vá mendigar o seu empréstimo.

– Se é assim tão esperta, então explique por que não posso comprar a livraria – disse Charlie, apontando o número 141, onde uma luz era a única prova de que o prédio ainda estava habitado. – Que eu saiba, há semanas que aquele lugar não vê um cliente e, mesmo quando vê, é apenas porque alguém entrou para perguntar o caminho para a Brompton Road.

– Não faço ideia – disse Becky, rindo. – Já tive uma longa conversa com o Sr. Sneddles sobre a compra do prédio, mas ele simplesmente não está interessado. Sabe, desde que a mulher morreu, tomar conta da loja tomou-se a sua única razão para continuar.

– Mas continuar a fazer o quê? – perguntou Charlie. – A limpar o pó de livros velhos e a empilhar manuscritos antigos?

– Ele se contenta em ficar lendo William Blake e os seus amados poetas da guerra. A venda de alguns livros todos os meses é tudo quanto lhe basta para manter a loja aberta. Nem todo mundo quer ser milionário, sabe... como Daphne me diz constantemente.

– Talvez, então, por que não oferece cento e cinquenta guinéus ao Sr.

Sneddles pelo prédio e, depois, cobra-lhe um aluguel de, digamos, dez guinéus por ano? Desse modo, ele será automaticamente

NOSSO...

– Você é um homem difícil de se contentar, Charlie Trumper, mas, se e isso que quer, vou tentar.

– É isso que eu quero, Rebecca Salmon; por isso, mãos à obra.

– Farei o possível, embora talvez você não tenha notado que estou prestes a ter um bebê e, ao mesmo tempo, fazendo um bacharelato.

– Essa combinação não me parece muito certa. No entanto, ainda posso precisar de você para outro golpe.

– Outro golpe?

– A Fothergill.

– A loja da esquina.

– Nada menos – disse Charlie. – E sabe muito bem o que penso das lojas de esquina, senhorita Salmon.

– Certamente sei, senhor Trumper. Também sei que nada entende do negócio de arte, muito menos de leilões.

– Não muito, tenho de admitir – disse Charlie. – Mas, depois de algumas visitas à Bond Street, onde vi como se ganha a vida na Sotheby, seguidas de um pequeno passeio a St. James para observar os seus únicos verdadeiros concorrentes. cheguei à conclusão de que podemos dar alguma utilidade a esse seu curso.

Becky ergueu as sobrancelhas.

– Estou ansiosa para saber o que você planejou para o resto da minha vida.

– Quando acabar o seu curso – continuou Charlie, ignorando o comentário

– quero que se candidate num emprego na Sotheby ou na Christie, não me importa qual, onde possa passar três ou cinco anos aprendendo tudo que eles fazem. Assim que se sentir pronta para sair, poderá, então, pescar alguém que você ache que valha a pena empregar e voltar para tomar conta do número 1 de Chelsea Terrace e abrir um genuíno concorrente àquelas duas firmas.

– Ainda estou ouvindo, Charlie Trumper.

– Está vendo, Rebecca Salmon, você herdou de seu pai o tino para negócios. Espero que goste dessa palavra. Combinado com aquilo que você sempre amou e para o que tem um talento natural, como é que há de falhar?

– Obrigada pelo elogio, mas posso perguntar, ainda sobre esse assunto, onde é que o Sr. Fothergill se encaixa no seu plano?

– Não se encaixa.

– O que quer dizer?

– Ele tem perdido dinheiro sucessivamente ao longo dos últimos três anos

– disse Charlie. – Neste momento, o valor do prédio e a venda do seu melhor material cobririam o prejuízo, mas esse estado de coisas não pode durar muito mais. Por isso, agora sabe o que deve fazer.

– Certamente sei, senhor Trumper.

No final de setembro, até mesmo Becky começou a admitir que Guy não tinha qualquer intenção de responder à sua carta.

Em agosto, Daphne contara que encontrara a Sra. Trentham, em Goodwood. A mãe de Guy tinha-lhe dito que o filho não só estava feliz com o seu trabalho na Índia como tinha todas as razões para contar com um anúncio iminente de sua promoção a major. Daphne

só a custo conseguira manter a promessa de nada dizer sobre o estado de Becky.

– À medida que o dia do nascimento se aproximava, Charlie certificou-se de que Becky não fizesse esforço com as compras e até encarregou uma das moças do número 147 de a ajudar a manter o apartamento limpo, a ponto de Becky reclamar do excesso de cuidados e atenções.

No nono mês, Becky já não se dava ao trabalho de verificar a caixa do correio, à medida que a opinião de Daphne sobre o capitão Trentham adquiria mais credibilidade. Becky ficou surpresa ao descobrir quão depressa ele desaparecia da sua memória, apesar de ser o pai do filho que ela estava prestes a dar à luz.

Becky também se sentia embaraçada pelo fato de a maior parte das pessoas presumir que o filho era de Charlie, e o fato de ele se recusar a negá-lo, sempre que lhe perguntavam, não ajudava.

Entretanto, Charlie estava de olho em algumas lojas, cujos proprietários, pensava ele, estariam em breve dispostos a vender, mas Daphne não queria ouvir falar em negócios antes do nascimento da criança.

– Eu não quero Becky envolvida em nenhum dos seus negócios duvidosos antes de ter tido a criança e de ter acabado o curso. Entendido?

– Sim, minha senhora – disse Charlie, batendo os calcanhares. Não contou que, na semana anterior, a própria Becky havia fechado negócio com o Sr.

Sneddles, de modo que a livraria seria deles quando o velho morresse. Havia só uma cláusula no contrato que preocupava Charlie, porque ele não sabia bem como iria se ver livre de tantos livros.

- A Srta. Becky acabou de telefonar – segredou Bob no ouvido do patrão numa tarde, quando Charlie estava atendendo fregueses na loja. – Pede que vá lá imediatamente. Acha que o bebê vai nascer.
- Mas era só daqui a duas semanas – disse Charlie tirando o avental.
- Isso eu não sei, senhor Trumper, mas ela disse para ir depressa.
- Ela já mandou chamar a parteira? – perguntou Charlie, sem acabar de atender um freguês e pegando o casaco.
- Não faço ideia.
- Certo. tome conta da loja, porque não sei se voltarei hoje.

Charlie deixou a sorridente fila de fregueses e correu rua abaixo até o número 97, voou escadas acima, empurrou a porta e dirigiu-se diretamente ao quarto de Becky.

Sentou-se ao seu lado na cama e segurou-lhe a mão durante algum tempo, antes de qualquer um deles falar.

- Mandou chamar à parteira? – ele afinal perguntou.
- Evidentemente – disse uma voz atrás deles, enquanto uma mulher grande entrava no quarto. Vestia uma velha e apertada saia de gabardina castanha e trazia uma maleta de couro também castanha. Pelo peito ofegante, era óbvio que tinha tido dificuldade em subir as escadas.
- Sou a Sra. Westlake, do Hospital de St. Stephen – disse ela. – Espero ter chegado a tempo. – Becky fez que sim com a cabeça, enquanto a parteira voltava a sua atenção para Charlie. – Agora vá ferver água, depressa. – A voz soava como se não estivesse habituada a não ser obedecida. Sem dizer uma palavra, Charlie pulou da cama e saiu do quarto.

A Sra. Westlake colocou a maleta de enfermagem no chão e começou a medir o pulso a Becky.

– Qual é o intervalo entre as contrações? – perguntou ela.

– Vinte minutos – respondeu Becky.

– Excelente. Não vamos ter de esperar muito.

Charlie apareceu à porta com uma bacia de água quente.

– Mais alguma coisa que eu possa fazer?

– Claro que há. Preciso de todas as toalhas limpas que encontrar e não me importaria de beber uma xícara de chá.

Charlie saiu novamente do quarto, apressado.

– Os maridos são sempre um empecilho nessas ocasiões – disse a Sra.

Westlake. – É preciso mantê-los ocupados.

Becky lhe explicava sobre Charlie quando teve outra contração.

– Respire fundo e devagar, minha querida – encorajou a Sra. Westlake em voz mais meiga, enquanto Charlie voltava com três toalhas e uma chaleira de água quente.

Sem se voltar para ver quem era, a Sra. Westlake prosseguiu:

– Deixe as toalhas em cima da cômoda, derrame água na maior bacia que tiver e ponha de novo a chaleira no fogão, para eu ter mais água quente quando precisar.

Charlie desapareceu de novo sem uma palavra.

– Quem me dera conseguir que ele fizesse isso – disse Becky, com ar de admiração.

– Oh, não se preocupe, minha querida. Não consigo fazer nada com o meu marido, e temos sete filhos.

Alguns minutos depois, Charlie empurrou a porta com um pé e trouxe outra bacia de água fervendo até o lado da cama.

– Na mesa de cabeceira – disse a Sra. Westlake, apontando. – E não esqueça o meu chá. Depois disso, preciso de mais toalhas – acrescentou.

Becky deu um gemido alto.

– Aperte minha mão e continue respirando fundo – disse a parteira.

Charlie reapareceu pouco depois com outra chaleira de água e foram-lhe imediatamente dadas instruções para voltar a enchê-la.

Quando terminou essa tarefa, a Sra. Westlake disse:

– Pode esperar lá fora até eu chamar.

Charlie saiu do quarto, fechando suavemente a porta.

Pareceu-lhe fazer inúmeras xícaras de chá e carregar chaleiras de água sem fim, de trás para a frente, chegando sempre com a coisa errada na hora errada, até que finalmente foi posto para fora do quarto e ficou andando de um lado para o outro da cozinha, receando o pior. Então ouviu um pequeno choro.

Becky observava, da cama, enquanto a parteira segurava a criança por uma perna e lhe dava uma pequena palmada no traseiro.

– Gosto de fazer isso – disse a Sra. Westlake. – É bom saber que trouxemos alguma coisa nova ao mundo. – Embrulhou a criança numa toalha e deu-a à mãe.

– Um menino, infelizmente – disse a parteira. – Por isso, é pouco provável que o mundo avance. Da próxima vez, terá de ter uma menina – continuou ela, com um sorriso rasgado. – Se ele ainda for capaz, claro. – Apontou com o polegar para a porta fechada.

– Mas ele... – tentou Becky de novo.

– Não serve para nada, como todos os homens. – A Sra. Westlake abriu a porta do quarto à procura de Charlie. – Já acabou, Sr. Salmon. Pode parar de se esquivar e venha ver seu filho.

Charlie veio tão depressa que quase jogou a parteira no chão. Ficou aos pés da cama e olhou a figura minúscula nos braços de Becky.

– É feinho, não é?

– Bem, nós sabemos de quem é a culpa – disse a parteira. – Façamos votos para que este não acabe com o nariz quebrado. Em todo caso, como já expliquei à sua mulher, precisa agora de uma filha. A propósito, como vai se chamar este...?

– Daniel George – disse Becky sem hesitar. – O nome do meu pai – explicou, olhando para Charlie.

– E do meu – disse Charlie, indo até a cabeceira da cama e colocando um braço em volta de Becky.

– Bem, agora tenho de ir, Sra. Salmon. Mas voltarei amanhã bem cedo.

– Na realidade, é Sra. Trumper – disse Becky suavemente. — Salmon era o meu nome de solteira.

– Oh – disse a parteira, parecendo atrapalhada pela primeira vez. – Devem ter confundido os nomes na minha folha. Bem, até amanhã, Sra. Trumper –

disse ela, fechando a porta.

– Sra. Trumper? – perguntou Charlie.

– Custei para me dar conta, não acha, Sr. Trumper?

– É

DAPHANE

1918 – 1921

CAPÍTULO 13

Quando abri a carta, confesso que não me lembrei de imediato quem era Becky Salmon. Mas depois recordei-me que havia em St. Paul uma aluna com esse nome, extremamente esperta, um tanto gorda, que parecia ter sempre um fornecimento inesgotável de bolos de creme, que partilhava comigo. Se eu lembrava corretamente, a única coisa que lhe dei em troca foi um livro de arte que havia ganho como presente de Natal de uma tia de Cumberland.

De fato, quando cheguei ao sexto ano, já a garotinha precoce estava no quinto, apesar de haver uns bons dois anos de diferença entre nós.

Tendo lido a sua carta pela segunda vez, não conseguia imaginar porque razão ela queria falar comigo e concluí que a única maneira de descobrir era convidá-la para tomar chá no meu pequeno apartamento em Chelsea.

Quando voltei a ver Becky, mal a reconheci. Não só havia perdido bastante peso, como seria a modelo ideal para um daqueles anúncios da Pepsodent que apareciam na frente de todos os bondes – uma moça de rosto fresco com dentes perfeitos e brilhantes. Tive que admitir que senti até inveja.

Becky explicou-me que precisava de um quarto em Londres enquanto estivesse na universidade. Fiquei muito satisfeita em ajudar. Afinal de contas, mamãe havia afirmado claramente em várias ocasiões que discordava de eu morar sozinha num apartamento e que não conseguia imaginar porque motivo a residência de Londres da nossa família, na Lowndes Square, nº 26, não me servia. Eu estava ansiosa por dar a notícia à mamãe e ao papai de que encontrara a companhia adequada, como eles tantas vezes me haviam pedido.

– Mas quem é essa moça? – inquiriu minha mãe, quando fui passar o fim de semana em Harcourt Hall. – Alguém que nós conhecemos?

– Acho que não, mamãe– respondi eu. – Uma antiga colega de escola de St. Paul. Do tipo estudioso. –

– Sabichona? – intrometeu-se o meu pai na conversa.

– Sim, é isso, papai. Ela está no Bedford College estudando a história da Renascença ou qualquer coisa semelhante.

– Não sabia que as moças podiam entrar na universidade – disse meu pai. –

Deve ser parte dos planos daquele maldito galês para uma nova Inglaterra.

– Não fale de Lloyd George desse modo – repreendeu-o a minha mãe. –

Ele é, afinal de contas, o nosso primeiro-ministro.

– Pode ser seu, minha querida, mas, certamente, não é meu. A culpa é toda dessas feministas – acrescentou meu pai, numa de suas conclusões habituais.

– Querido, para vocês, tudo é culpa das feministas – lembrou-lhe minha mãe –, até mesmo a colheita do ano passado. Mas– prosseguia ela – voltando a essa moça, talvez possa ser uma influência benéfica para você, Daphne. De onde você disse que eram seus pais?

– Não disse – respondi. – Mas creio que o pai dela era comerciante no leste, e vou tomar chá com a mãe dela na próxima semana.

– Singapura, possivelmente? – disse papai. – Há muitos negócios lá, borracha, esse gênero de coisas.

– Não, não creio que fosse borracha, papai.

– Bem, seja o que for, convide-a para tomar chá uma tarde dessas– insistiu mamãe. – Ou para passar um fim de semana. Ela caça?

– Não, acho que não, mamãe, mas, certamente, eu a convidarei para tomar chá em breve; assim, vocês poderão inspecionar a vontade.

Confesso que me diverti também a ideia de ser convidada para tomar chá com a mãe de Becky, para que ela tivesse certeza de que eu era apropriada para a sua filha.

Afinal de contas, eu sabia que não era. Que me recordasse, nunca havia estado a leste de Aldwych antes, por isso achei a ideia de ir a Essex ainda mais emocionante do que ir para o exterior.

Felizmente, a viagem a Romford decorreu sem incidentes, principalmente porque Hoskins, o motorista de meu pai, conhecia a estrada. Ele era de um lugar chamado Dagenham que, informou, ficava ainda mais no interior da selva de Essex.

Não tinha ideia, até essa ocasião, de que existissem pessoas assim. Não eram criados, nem pertenciam a profissões liberais, nem eram membros da pequena nobreza, e não posso fingir que tivesse adorado Romford. No entanto, a Sra. Salmon e a irmã, Srta. Roach, não poderiam ter sido mais hospitaleiras.

A mãe de Becky era uma mulher prática, sensata e temente a Deus que também sabia servir um excelente lanche, por isso não foi uma viagem perdida de todo.

Becky mudou-se para o apartamento na semana seguinte, e eu fiquei horrorizada quando descobri o quanto ela trabalhava. Parecia passar o dia todo naquela Bedford, regressando a casa apenas para mordiscar um sanduíche, tomar um copo de leite e depois continuar a estudar até adormecer, muito depois de eu ter ido para a cama. Nunca consegui descobrir qual o objetivo de tudo aquilo.

Foi depois da visita idiota dela a John D. Wood que ouvi falar pela primeira vez de Charlie Trumper e de suas ambições. Toda aquela preocupação, simplesmente porque vendera o carrinho dele sem o consultar. Senti que era meu dever informá-la de que dois dos meus antepassados tinham sido decapitados por tentar roubar os cofres públicos, e um deles enviado para a Torre de Londres por traição; pelo menos, refleti, tinha um familiar que passara os seus últimos dias na vizinhança do East End.

Como sempre, Becky sabia que tinha razão.

– Mas são só cem libras – repetia continuamente.

– Que você não tem.

– Tenho quarenta e acho que é um investimento tão bom, que devia poder arranjar as outras sessenta sem grandes problemas. Afinal de contas, Charlie seria capaz de vender gelo aos esquimós.

– E como você pretende tomar conta da loja na ausência dele? – perguntei eu. – Entre duas aulas, talvez?

– Oh, não seja tão frívola, Daphne. Charlie vai tomar conta da loja assim que regressar da guerra. Afinal, não deve demorar muito.

– A guerra já acabou há algumas semanas – lembrei-lhe. – E não há o menor sinal do seu Charlie.

– Ele não é o meu Charlie – foi tudo o que ela disse.

Em todo caso, observei bem Becky durante os trinta dias seguintes, e foi fácil ver que ela não ia conseguir o dinheiro. Mas era muito orgulhosa para o admitir.

Decidi, assim, que havia chegado a hora de fazer outra visita a Flomford.

– Mas que prazer inesperado, senhorita Harcourt-Browne – assegurou me a mãe de Becky, quando cheguei, sem avisar, na sua pequena casa, na Belle Vue Road.

Devo dizer que, se ela possuísse um telefone, eu a teria informado de iria até lá. Como eu procurava determinada informação que apenas ela podia fornecer antes do prazo de trinta dias chegar ao fim – informação que não no evitaria a filha da humilhação, mas também lhe salvaria as finanças – não quis confiar no serviço dos Correios.

– Becky está com problemas? – foi a primeira reação da Sra. Salmon quando me viu a porta.

– Claro que não – tranquilizei-a. – Nunca vi uma mulher com tanta energia.

– É que me preocupo muito com ela, desde a morte do pai – explicou a Sra.

Salmon. Coxeou ligeiramente, enquanto me conduzia a uma sala de visitas que estava tão imaculadamente limpa como no dia que eu aceitara o seu amável convite para tomar chá. Havia um cesto de frutas sobre a mesa no centro da sala. Só rezei para que Sra. Salmon nunca aparecesse em minha casa sem avisar, com, pelo menos, um ano de antecedência.

– Em que posso ajuda-la? – perguntou a Sra. Salmon, depois de a Srta.

Roach ter sido enviada à cozinha para fazer chá.

– Estou pensando em fazer um pequeno investimento numa loja de frutas em Chelsea – disse-lhe eu. – A John D. Wood garante-me que é um bom negócio, apesar da atual falta de comida e dos problemas crescentes com os sindicatos, isto é, se conseguir arranjar um gerente de primeira classe.

O sorriso da Sra. Salmon deu lugar a uma expressão intrigada.

– Becky tem tecido louvores a alguém chamado Charlie Trumper, e o objetivo da minha visita é saber a sua opinião sobre esse cavalheiro.

– Cavalheiro é o que ele certamente não – disse a Sra. Salmon, sem hesitar.

– Um sujeito vulgar e sem instrução seria mais exato.

– Oh, que desilusão – disse eu. – Especialmente porque Becky me convenceu de que o seu falecido marido tinha muito boa opinião dele.

– Como vendedor de frutas e hortaliças, claro que sim. De fato, eu diria mesmo que o Sr. Salmon achava que o jovem Charlie acabaria por ser tão bom como o avô.

– E ele era muito bom? –

– Embora eu não me desse com esse tipo de gente – explicou a Sra. Salmon

–, ouvi dizer que ele era o melhor vendedor que Whitechapel jamais vira.

– Ótimo – disse eu. – Mas é honesto?

– Nunca ouvi dizer o contrário – admitiu a Sra. Salmon. – Deus sabe, está disposto a trabalhar 24 horas por dia; mas eu acho que ele não é o seu tipo, senhorita Harcourt-Browne. –

– Eu estava pensando em emprega-lo para tomar conta da loja, senhora Salmon, não em convidá-lo para o recinto real em Ascot. – Nesse momento, Srta. Roach reapareceu com uma bandeja de chá, fatias de torta e bombas cobertas de chantilly. Eram tão deliciosos, que fiquei muito mais tempo do que pretendia.

Na manhã seguinte, fui a John D. Wood para entregar o cheque das restantes noventa libras. Passei, então, pelo meu advogado e mandei-o preparar um contrato que, quando ficou pronto, eu não era capaz de entender.

Quando Becky descobriu o que eu fizera, impus condições difíceis, porque sabia que ela não aceitaria a minha interferência se eu não conseguisse provar que ganhava algo que valesse a pena com o negócio.

Assim que ficou convencida, Becky entregou-me imediatamente mais trinta libras para reduzir a dívida. Ela levou o negócio muito a sério porque, dentro de uma semana, havia roubado um empregado de Kensington para tomar conta da loja Trumper até o regresso de Charlie. Também continuou a trabalhar durante horas que eu nem sequer sabia que existiam. Nunca consegui que me explicasse a necessidade de se levantar antes do nascer do sol.

Depois de Becky ter entrado na sua nova rotina, convidei-a uma noite para ir à ópera, assistir La Bohème. Até então, ela não havia manifestado vontade de sair comigo, sobretudo depois de comprar a loja. Mas, nessa ocasião, implorei-lhe que viesse porque uma amiga minha havia desistido na última hora e eu precisava desesperadamente de mais uma moça.

– Mas eu não tenho o que vestir – disse ela, com ar infeliz.

– Escolha qualquer uma das minhas roupas – disse-lhe eu e levei-a para o meu quarto.

Vi que ela achou essa oferta quase irresistível. Uma hora depois, emergiu com um vestido turquesa comprido que me fez lembrar de como eu ficara originalmente no modelo.

– Quem são os outros convidados? – perguntou Becky.

– Algernon Fitzpatrick, o melhor amigo de Percy Wiltshire. Lembre-se dele, o homem que ainda não sabe que vai casar comigo?

– E quem mais? – –

– Guy Trentham. E capitão nos Royal Fusiliers, um regimento aceitável –

acrescentei. – Acabou de regressar da Frente Ocidental, onde se diz que fez uma boa guerra, com direito ao CM e tudo. Somos da mesma aldeia, em Berkshire, e crescemos juntos, embora confesse que não temos muito em comum. Muito bonito, mas com fama de ser conquistador, por isso, tome cuidado.

La Bohème foi um grande êxito, ainda que Guy não deixasse de olhar de soslaio para Becky durante todo o segundo ato e ela não manifestasse qualquer interesse por ele.

No entanto, para minha surpresa, quando voltamos, Becky não parou de falar no homem – o seu aspecto, a sua sofisticação, o seu encanto –, embora eu não deixasse de notar que ela não se referiu uma única vez ao seu caráter.

Consegui ir para a cama, mas não antes de assegurar a Becky, para a sua satisfação, que os sentimentos eram, sem dúvida, mútuos.

De fato, tornei-me, involuntariamente, a mensageira de Cupido para o romance em embrião. No dia seguinte, Guy pediu-me que convidasse a Srta.

Salmon para o acompanhara uma peça no West End. Becky aceitou, claro, mas eu já garantira a Guy que ela o faria.

Depois que foram a Haymarket, pareciam estar sempre juntos, e comecei a recear que a relação se tornasse mais séria, só podendo, como a minha ama dizia, acabar em lágrimas. Comecei a

arrependeu-me de os ter apresentado, uma vez que não havia dúvida de que ela estava loucamente apaixonada.

Apesar disso, algumas semanas de equilíbrio voltaram aos habitantes do nº

97. E, depois, Charlie foi desmobilizado.

Só fui formalmente apresentada a ele algum tempo após o seu regresso e, quando isso aconteceu, tive de admitir que não se fazem homens daqueles em Berkshire. A ocasião foi um jantar naquele horrível restaurantezinho italiano, um pouco acima do meu apartamento.

Para ser justa, a noite não pôde ser descrita como um êxito, em parte porque Guy não fez qualquer esforço para ser sociável, mas, principalmente, porque Becky não se preocupou em incluir Charlie na conversa. Fiquei quase falando sozinha e, quanto a Charlie, ele pareceu ser, à primeira vista, um tanto rude.

No caminho de volta ao apartamento, sugeri que deixássemos Becky e Guy sozinhos. Quando Charlie passou por sua loja, não resistiu a parar e explicar como havia alterado tudo desde que assumira. O seu entusiasmo teria convencido o investidor mais cínico, mas o que mais me impressionou foi o seu conhecimento de um negócio em que, até aquele momento, eu nunca havia pensado. Foi então que tomei a decisão de ajudar Charlie nas suas duas causas.

Não fiquei absolutamente surpresa ao descobrir o que ele sentia por Becky, mas ela estava tão apaixonada por Guy, que nem notava a existência de Charlie.

Foi durante um dos seus intermináveis monólogos sobre as virtudes de Becky que comecei a formar um plano para o futuro de Charlie. Estava determinada a que ele tivesse um tipo de educação diferente, talvez não formal, como a de Becky, mas não menos valiosa para o futuro que escolhera.

Garanti a Charlie que Guy depressa se aborreceria de Becky – uma vez que isso acontecia invariavelmente com as moças que haviam cruzado o seu caminho no passado. Acrescentei que devia ser paciente, e a maçã acabaria eventualmente por lhe cair no colo. Também lhe expliquei quem era Newton...

Supus que as lágrimas a que minha ama tantas vezes se referira poderiam, de fato, começar a rolar pouco depois de Becky ter sido convidada a passar um fim de semana em Ashurst, com os pais de Guy. Fiz-me convidada pelos Trenthams para tomar chá no domingo, para dar a Becky o apoio moral que pudesse precisar.

Cheguei pouco depois das três e quarenta, que eu sempre considerei uma hora adequada para tomar chá, e encontrei a Sra. Trentham rodeada de prata e louça, mas completamente só.

– Onde estão os pombinhos apaixonados? – perguntei, quando entrei na casa.

– Se se refere, nesse seu modo rude, Daphne, ao meu filho e à Srta. Salmon, eles já partiram para Londres.

– Juntos, suponho? – perguntei.

– Sim, embora eu não consiga imaginar o que o meu querido rapaz vê nela.

– A Sra. Trentham serviu-me uma xícara de chá. – Quanto a mim, achei-a extremamente vulgar.

– Talvez ele veja a sua inteligência e beleza – disse eu, enquanto o major entrava na sala. Sorri ao homem que conhecia desde criança e a quem tratava como tio. O único mistério a seu respeito, para mim, era como ele podia ter-se apaixonado por alguém como Ethel Hardcastle.

- Guy também foi embora?– perguntou ele.
- Sim, ele voltou para Londres coma Srta. Salmon – disse a Sra. Trentham pela segunda vez.
- Oh, que pena! Ela pareceu ser uma ótima moça.
- Do tipo provinciano – disse a Sra. Trentham.
- Tenho a impressão de que Guy gosta muito dela – disse eu, para sondar a reação.
- Deus nos livre! – disse a Sra. Trentham.
- Duvido de que Deus tenha muito a ver com isso– disse-lhe eu, aceitando o desafio.
- Então terei eu– disse a Sra. Trentham. – Não tenho qualquer intenção de deixar meu filho casar com a filha de um negociante do East End.
- Não vejo por que não? – interrompeu o major. – Afinal de contas, não foi isso que o seu avô foi?
- Gerald, francamente. O meu avô fundou e construiu um negócio altamente lucrativo em Yorkshire, não no East End.
- Então, creio que estamos discutindo só o local – disse o maior. –
Lembro-me bem de o seu pai me dizer, com algum orgulho, devo acrescentar, que o pai dele tinha começado a firma Hardcastle atrás de uma barraca, perto de Hudderslield.
- Gerald, tenho certeza de que ele exagerou.
- Nunca me pareceu o tipo de homem com tendência para exageros
–

respondeu o major. – Pelo contrário, era mais do tipo terra a terra. Astuto também, sempre achei.

– Então, isso deve ter sido há bastante tempo – disse a Sra. Trentham.

– Além disso, engraçado, desconfio de que ainda veremos os filhos de Rebecca Salmon muito melhor do que nós – acrescentou o major,

– Estamos todos sendo influenciados por aquele escritor socialista, Shaw e o seu horrível Pigmaleão, que parece ser uma peça sobre a Srta. Salmon.

– Não acho – disse-lhe eu. – Afinal, Becky vai deixar a Universidade de Londres com o grau de bacharel em Belas Artes, que é mais do que a minha família inteira conseguiu em onze séculos.

– Isso pode ser verdade – concordou a Sra. Trentham –, mas essas não são as qualificações que considero adequadas para ajudar a carreira militar de Guy, especialmente agora que o seu regimento foi destacado para a Índia.

Essa informação teve o efeito de um choque. Também tinha certeza de que Becky não sabia.

– E quando ele regressar – continuou a Sra. Trentham –, estarei a procura de alguém de boa família, dinheiro suficiente e até mesmo um pouco de inteligência para ser a sua esposa. Gerald pode não ter conseguido, devido a preconceitos mesquinhos, ser coronel do Regimento, mas não vou permitir que aconteça o mesmo a Guy, isso eu garanto.

– Eu simplesmente não era suficientemente bom – disse o major secamente. – Sir Danvers tinha melhores qualificações para o posto e, em todo caso, foi você quem não quis que eu fosse coronel.

– No entanto, acho que depois das notas de Guy, em Sandhurst...

– Ele conseguiu passar com notas acima da média – lembrou-lhe o major –, o que não pode ser considerado exatamente ganhar a espada de honra, minha querida.

– Mas foi-lhe atribuída a Cruz Militar no campo de batalha e a sua menção...

O major resmungou de um modo que sugeria ter pisado aquele chão várias vezes antes.

– Portanto – prosseguiu a Sra. Trentham –, tenho a maior confiança de que Guy será um dia coronel do Regimento e já tenho alguém em mente que o ajudará. Afinal de contas, as mulheres podem fazer ou destruir uma carreira, você sabe, Daphne.

– Nisso, pelo menos, estou plenamente de acordo, minha querida – murmurou o marido.

Voltei para Londres um tanto aliviada, pensando que, depois deste encontro, a relação de Becky com Guy deveria seguramente chegar ao fim.

Quanto mais eu via o maldito homem, menos confiança tinha nele.

Quando voltei ao apartamento nessa noite, encontrei Becky sentada no sofá, com os olhos vermelhos e tremendo.

– Ela me detesta! – foram as suas primeiras palavras.

– Ela ainda não lhe dá o devido valor, mas o major acha que você é Ótima.

– Isso é muito gentil da parte dele – disse Becky. – Ele me mostrou a propriedade...

– Minha querida, não se descrevem setecentos acres como uma propriedade. Uma fazenda, talvez, mas certamente não uma

propriedade.

– Acha que Guy vai deixar de sair comigo depois do que aconteceu em Ashurst?

Eu queria dizer que fazia votos de que sim, mas consegui frear a língua.

– Não, se tiver algum caráter – respondi diplomaticamente.

E, de fato, Guy veio vê-la na semana seguinte e, tanto quanto eu soube, nunca falou sobre a mãe ou sobre aquele desastroso fim de semana.

No entanto, eu acreditava que meu plano a longo prazo para Charlie e Becky progredia razoavelmente bem, até que, voltando de um fim de semana prolongado, encontrei um dos meus vestidos preferidos no chão da sala. Segui um rastro de roupas até chegar à porta de Becky, que abri lentamente, e encontrei, horrorizada, mais roupa minha ao lado da cama, juntamente com as de Guy. Eu tinha tido alguma esperança de que Becky tivesse percebido o salafrário que ele era, antes de ter permitido que chegasse aquele ponto.

Guy iniciou a viagem para a Índia no dia seguinte e, assim que ele partiu, Becky começou a contar a todos que estivessem dispostos a ouvi-la que estava noiva do sem-vergonha, embora não houvesse nenhum anel no dedo nem anúncio no jornal para confirmar a sua versão na história.

– Para mim, a palavra de Guy é suficiente – afirmou ela, deixando-nos simplesmente boquiabertos.

Cheguei à casa nessa noite e a encontrei dormindo na minha cama. Becky informou, pela manhã, que Charlie a havia posto lá, sem qualquer outra explicação.

No domingo seguinte, fiz-me novamente convidada para tomar chá com os Trenthams, e soube pela mãe de Guy que o filho lhe havia garantido que não tinha estado em contato com a Srta. Salmon desde a partida apressada dela de Ashurst, seis meses antes.

– Isso não é... – comecei, mas parei no meio da frase, quando me lembrei da promessa que fizera a Becky de não dizer à mãe de Guy que eles ainda se encontravam.

Algumas semanas mais tarde, Becky disse-me que sua menstruação não viera.

Jurei que guardaria segredo, mas não hesitei em informar Charlie nesse mesmo dia.

O pior era ele, quando a via, ter de fingir não saber que algo anormal estava ocorrendo.

– Juro que, se esse filho da mãe do Trentham estivesse na Inglaterra, o matava! – repetia Charlie constantemente, andando de um lado para o outro em volta da sala.

– Se ele estivesse na Inglaterra, eu sei de pelo menos três moças cujos pais fariam isso por você, e de bom grado – respondi.

– Então, o que posso fazer? – perguntou-me Charlie.

– Não muito – aconselhei. – Desconfio de que o tempo e quinze mil quilômetros poderão ser os seus melhores aliados.

O coronel também entrava na categoria dos que, se pudessem, fuzilariam Guy Trentham de bom grado, no seu caso por causa da honra do regimento. Ele até murmurou algo soturno sobre ir ver o major Trentham e pôr tudo em pratos limpos.

Eu podia ter-lhe dito que o problema não era o major. No entanto, não tinha certeza de que o coronel, mesmo com a sua experiência

de diferentes tipos de inimigos, alguma vez tivesse enfrentado alguém tão temível quanto a Sra.

Trentham.

Deve ter sido nessa ocasião que Percy Wiltshire foi finalmente desmobilizado dos Scots Guards. Ultimamente, tinha deixado de me preocupar quando a mãe dele me telefonava. Durante três anos terríveis, entre 1916 e 1919, supunha sempre que ela fosse dizer que Percy tinha sido morto na Frente Ocidental, como, antes dele, acontecera ao pai e ao irmão mais velho. SÓ anos depois contei à marquesa o quanto eu temia ouvir sua voz no outro extremo da linha quando ela telefonava.

Depois, subitamente, Percy pediu-me em casamento. Confesso que, a partir desse momento, fiquei tão preocupada com o nosso futuro juntos e com o ter de visitar tantos membros da sua família, que negligenciei minha atenção para com Becky, embora tivesse permitido que ela ficasse com o apartamento. Pouco depois, ela deu a luz Daniel. Só rezei para que conseguisse enfrentar o inevitável estigma.

Foi alguns meses após o batizado que decidi visitar o apartamento de surpresa, no regresso de um fim de semana no campo com a mãe de Percy.

Quando a porta se abriu, fui recebida por Charlie, com um Jornal debaixo do braço, enquanto Becky, sentada no sofá, parecia cerzir uma meia. Olhei para o chão e vi Daniel engatinhando em minha direção velozmente. Tomei-o nos braços antes de ele ter oportunidade de se lançar escada abaixo.

– Que bom vê-la –disse Becky, levantando-se de um salto. – Faz tanto tempo. Vou fazer um chá.

– Obrigada –disse eu. – Só vim ver se estarão disponíveis no dia... – Meus olhos pousaram num pequeno quadro a Óleo sobre a lareira.

– Que bonito –disse eu.

– Mas você deve tê-lo visto muitas vezes – disse Becky –, afinal de contas, estava na sala do Charlie.

– Não, nunca o vi antes– respondi, sem saber bem onde ela queria chegar.

CAPÍTULO 14

No dia em que o convite com tarja de ouro chegou à Lowndes Square, Daphne o colocou entre o que solicitava a sua presença no recinto real, em Ascot, e o de uniu festa no jardim do Palácio de Buckingham. No entanto, achou que esse convite, em especial, podia ficar exposto sobre ri lareira, muito depois de o de Ascot e o do palácio terem sidos jogados no cesto de papéis.

Embora Daphne tivesse passado uma semana em Paris escolhendo três vestidos para as três diferentes ocasiões, o mais bonito estava reservado para a cerimônia de fim de curso de Becky, que ela descrevia agora a Percy como “o grande acontecimento”.

O noivo – embora ainda não estivesse habituada a pensar em Percy como seu noivo – também admitiu que nunca fora convidado para uma cerimônia daquelas antes.

O brigadeiro Hartcourt-Browne sugeriu que Hoskins as conduzisse à Senate House no Rolls e admitiu ter alguma inveja de não ter sido convidado.

Quando o dia finalmente chegou, Percy levou Daphne para almoçar no Ritz e, depois de ler, pela milésima vez, a lista dos convidados e dos hinos que seriam cantados na cerimônia, concentraram a atenção nos pormenores da saída à tarde.

– Espero que não nos façam perguntas embaraçosas – disse Daphne. –

Porque certamente eu não saberei as respostas.

– Oh, tenho certeza de que não teremos esses problemas, velha amiga –

disse Percy. – Não que alguma vez tenha ido a uma reunião dessas. Nós, Wiltshires, não somos exatamente conhecidos por perturbar as autoridades com assuntos desse gênero – acrescentou ele, rindo, o que tantas vezes soava como tosse.

– Você precisa perder esse hábito, Percy. Se quiser rir, ria, se quiser tossir, tussa.

– Como quiser, velha amiga.

– E para de me chamar “velha amiga”. Só tenho vinte e três anos, e os meus pais puseram-me um nome perfeitamente aceitável.

– Como quiser, velha amiga – repetiu Percy.

– Você não ouviu o que eu disse? – Daphne olhou o relógio. – E agora acho que devemos ir andando, não é conveniente nos atrasarmos.

– Tem toda razão – respondeu ele e pediu ao garçom que trouxesse a conta.

– Sabe como chegar aonde vamos, Hoskins? – perguntou Daphne, quando ele lhe abriu a porta.

– Sim, Vossa Senhoria, tomei a liberdade de estudar o percurso quando Vossas Senhorias estiveram na Escócia o mês passado.

– Boa ideia, Hoskins – disse Percy. – Caso contrário, passaríamos o resto da tarde procurando.

Quando Hoskins ligou o motor, Daphne olhou para o homem que amava e não pôde deixar de pensar como tinha tido sorte com a sua

escolha. Na realidade, ela o tinha escolhido aos dezesseis anos e nunca duvidara de que ele seria o companheiro certo – mesmo que ele não o soubesse. Sempre considerara Percy maravilhoso, generoso, amável e meigo, e, se não exatamente belo, certamente distinto. Agradecia a Deus todas as noites por ele ter escapado àquela guerra horrível sem qualquer ferimento. Depois que Percy lhe dissera que ia para a França, alistado nos Scots Guards, Daphne passara três dos anos mais infelizes de sua vida. A partir desse momento, ela supunha que cada carta, cada mensagem, cada telefonema só podia vir informá-la da morte dele. Outros homens tentaram cortejá-la, mas falharam, enquanto Daphne esperava, como Penélope, que o seu companheiro escolhido regressasse. Ela só acreditou que ele ainda estava vivo quando o viu avançar pela prancha de desembarque em Dover. Daphne lembraria sempre com carinho suas primeiras palavras, quando a viu:

“Que surpresa vê-la aqui, velha amiga. Grande coincidência, hem”.

Percy nunca falava do exemplo que o pai dera, embora *The Times* tivesse dedicado meia página ao obituário do falecido marquês. Nele, descreviam sua ação no Mame, no decurso da qual havia destruído, sozinho, uma bateria alemã, como “uma das grandes VC da guerra”. Quando, um mês depois, o irmão de Percy foi morto em Ypres, ocorreu-lhe que muitas famílias partilhavam a mesma horrível experiência. Agora, Percy havia herdado o título: o décimo segundo marquês de Wiltshire. De décimo a décimo segundo em poucas semanas.

– Tem certeza de que estamos na direção certa? – perguntou Daphne, quando o Rolls entrou na Shaftsbury Avenue.

– Sim, Vossa Senhoria – respondeu Hoskins, que tinha obviamente de tratá-la pelo título, embora ela e Percy ainda não estivessem casados.

– Ele só está ajudando a se habituar à ideia, velha amiga – sugeriu Percy, antes de tossir novamente.

Daphne ficara encantada quando Percy lhe dissera que tinha decidido sair dos Scots Guards para tomar conta das propriedades da família. Por muito que o admirasse no uniforme azul-escuro com os seus quatro botões de bronze espaçados. botas com esperas e uma engraçada boina vermelha, branca e azul, ele queria casar com um agricultor e não com um soldado. Uma vida passada na Índia, África ou nas colônias não a atraía.

Quando viraram na Malet Street, viram um ajuntamento de pessoas subindo os degraus de pedra de um edifício monumental.

– Aquela deve ser a Senate House! – exclamou ela, como se tivesse deparado com uma pirâmide nunca descoberta.

– É sim, Vossa Senhoria – respondeu Hoskins.

– E lembre-se, Percy – começou Daphne.

– Sim, velha amiga?

– de não falar a não ser que falem com você. Não estamos exatamente em casa, e não quero que nenhum de nós faça papel de bobo. Onde estão o convite e os bilhetes especiais com lugar marcado?

– Eu sei que guardei em algum lugar. – Começou a procurar nos bolsos.

– Estão no bolso esquerdo de dentro do casaco, Vossa Senhoria – disse Hoskins, parando o carro.

– É verdade, claro que estão – disse Percy. – Obrigado, Hoskins.

– De nada, Vossa Senhoria – respondeu Hoskins.

– É só seguir a multidão – instruiu-o Daphne. – E assumo o ar de quem faz este tipo de coisa todas as semanas. –

Passaram por vários porteiros e arrumadeiras de uniforme antes de um empregado verificar os bilhetes, levando-os para a fila M.

– Nunca me sentei tão atrás no teatro – disse Daphne.

– Eu também; só uma vez tentei ficar tão longe, no teatro – admitiu Percy.

– E isso foi quando os alemães estavam no palco central.

Os dois permaneceram sentados em silêncio olhando para a frente, à espera de que algo acontecesse. O palco estava quase vazio, contendo apenas catorze cadeiras, duas das quais, colocadas ao centro, poderiam ser descritas como tronos.

As duas e cinquenta e cinco, dez homens e duas mulheres, todos eles vestidos com o que parecia a Daphne serem roupões compridos pretos com cachecóis roxos pendurados do pescoço, avançaram pelo palco lentamente em fila, antes de se sentar nos lugares que lhe estavam destinados. Às três horas, a atenção de Daphne foi desviada para a galeria, onde um toque de trombetas anunciou a chegada dos visitantes, e todos os presentes se ergueram quando o rei e a rainha entraram e ocuparam os seus lugares no centro do Senado. Todos, exceto o casal real, permaneceram de pé até o fim do Hino Nacional.

– Bertie está com muito bom aspecto – disse Percy ao voltar a sentar-se.

– Fique calado – disse Daphne. – Ninguém mais o conhece.

Um homem idoso com uma toga comprida preta, a única pessoa que ficou de pé, esperou que todos se sentassem antes de dar um passo

à frente, fez uma reverência ao casal real e dirigiu-se depois aos espectadores.

Depois de o vice-reitor, Sir Russel-Wells estar falando há algum tempo, Percy perguntou à noiva:

– Como é que esperam que uma pessoa entenda todo esse palavreado, quando se desistiu do latim no quarto ano?

– Eu só estudei latim um ano.

– Então não vai poder ajudar muito, velha amiga – admitiu Percy baixinho.

Uma das pessoas sentadas na fila à frente voltou-se e lançou-lhes um olhar feroz.

Durante todo o resto da cerimônia, Daphne e Percy fizeram o possível para ficar calados, embora Daphne tivesse, de tempos em tempos, de colocar uma mão firme no joelho de Percy, uma vez que ele se mexia continuamente na desconfortável cadeira plana de madeira.

– O rei está bem – murmurou Percy. – Tem uma boa almofada para se sentar.

Finalmente, chegou o momento por que esperavam.

O vice-reitor, que continuava a chamar os nomes da lista de honra, chegou finalmente à letra T. Disse, então:

– Bacharel em Belas Artes, Sra. Charlie Trumper, de Bedford Colley.

O aplauso quase duplicou, como sucedera quando a outra mulher subira os degraus para receber seu diploma. Becky fez uma reverência ao rei quando ele colocou o que o programa chamava um “capelo de púrpura” sobre a toga e lhe entregou um pergaminho.

Ela fez nova reverência e deu dois passos atrás, antes de voltar ao seu lugar.

– Eu não teria feito melhor – disse Percy, aplaudindo também. – E não há prêmio por adivinhar quem a ensaiou naquela pequena representação –

acrescentou ele.

Daphne corou, e permaneceram os dois sentados nos seus lugares durante algum tempo, para que os demais formandos recebessem os seus diplomas, antes de poder escapar para o jardim e tomar chá.

– Não os vejo em lugar nenhum – disse Percy, fazendo um pequeno círculo no meio da relva.

– Eu também não – disse Daphne –, mas continue a procurar. Têm de estar por aí.

– Boa-tarde, senhorita Harcourt-Browne.

Daphne voltou-se rapidamente.

– Oh, olá, senhora Salmon, que bom vê-la. E que chapéu encantador; e querida senhorita Roach. Percy, esta é a mãe de Becky, Sra. Salmon, e a tia, Srta. Roach. Meu noivo...

– Encantada por conhecê-lo, Vossa Senhoria – disse a Sra. Salmon, perguntando a si própria se alguém do Círculo de Senhoras de Romford acreditaria quando ela lhes contasse. –

– Deve estar muito orgulhosa de sua filha – disse Percy.

– Estou, sim, Vossa Senhoria – disse a Sra. Salmon, A Srta. Roach estava imóvel, como uma estátua, e não emitiu qualquer opinião.

– E onde está a nossa pequena universitária? – perguntou Daphne.

– Estou aqui – respondeu Becky. – E você, onde estava? – perguntou ela emergindo de um grupo de novos diplomados.

– À sua procura,

As duas se abraçaram.

– Viu minha mãe?

– Estava aqui neste momento – disse Daphne, olhando em volta.

– Foi buscar sanduíches, julgo eu – disse a Srta. Roach.

– Típico de mamãe – comentou Becky, rindo.

– Olá, Percy – disse Charlie. – Como vão as coisas?

– Ótimas – disse Percy, tossindo. – E parabéns, Becky – acrescentou, enquanto a Sra. Salmon regressara com uma travessa de sanduíches.

Se Becky herdou o bom senso da mãe, senhora Salmon – disse Daphne, escolhendo um sanduiche de pepino para Percy –, vai se desembaraçar bem na vida, porque desconfio de que já não vai haver muitos destes dentro de quinze minutos. – Tirou um de salmão defumado. – Estava nervosa quando subiu ao palco? – perguntou Daphne, voltando a atenção para Becky.

– Estava – respondeu Becky. – E, quando o rei me colocou o capelo na cabeça, as pernas quase cederam. Depois, para piorar as coisas, quando voltei ao lugar, vi que Charlie estava chorando.

– Não estava nada – protestou o marido.

Becky não disse mais nada e enfiou o braço no dele.

– Gostei daquele capelo roxo – disse Percy. – Penso que ficaria bem se usasse um no baile de caça do próximo ano. O que acha, velha

amiga?

– Tem de trabalhar muito até poder usar um, Percy.

Todos se voltaram para ver quem dera essa opinião.

Percy baixou a cabeça.

– Vossa Majestade tem muita razão, como sempre. Devo acrescentar que receio que, dados os meus antecedentes, seja pouco provável que alguma vez me seja atribuída tal distinção.

O rei sorriu e depois acrescentou:

– De fato, devo dizer que você parece estar um tanto longe do seu habitat.

– Uma amiga de Daphne está entre os diplomados. – explicou Percy.

– Daphne, minha querida, que bom vê-la – disse o rei. – E ainda não tive oportunidade de felicitar vocês pelo noivado.

– Recebi uma amável carta da rainha ainda ontem, Vossa Majestade.

Sentimo-nos honrados por poderem ir ambos ao casamento.

– Sim, estamos radiantes – disse Percy. – E permita-me que lhe apresente a Sra. Trumper, que foi quem acabou o curso. – Becky apertou a mão do rei pela segunda vez. – O marido, Sr. Charlie Trumper, e a mãe da Sra. Trumper, Sra.

Salmon, a tia, Srta. Roach.

O rei apertou a mão dos quatro antes de dizer:

– Muito bem, Sra. Trumper. Espero que faça bom uso do seu curso.

– Vou trabalhar na Sotheby, Majestade. Como aprendiz no departamento de Belas Artes.

– Ótimo. Então, só lhe posso desejar muito êxito, senhora Trumper. Ate o casamento, Percy, se não for antes. – Com um aceno de cabeça, o rei dirigiu-se a outro grupo.

– Um bom sujeito – disse Percy, – Muito simpático de sua parte ter vindo falar conosco.

– Eu não sabia que você o conhecia – começou Becky

– Bem – explicou Percy –, para ser sincero, o meu tetravô tentou matar o tetravô dele e, se tivesse conseguido, os nossos papéis hoje poderiam estar invertidos, apesar de ele ter sido sempre muito compreensivo a esse respeito.

– E o que aconteceu ao seu tetravô? – perguntou Charlie.

– Foi exilado – disse Percy. – E, devo acrescentar, com muita razão. Caso contrário, tentaria de novo.

– Meu Deus – disse Becky rindo.

– Que foi? – perguntou Charlie.

– Acabei de descobrir quem era o tetravô de Percy.

Daphne não teve oportunidade de tomar a ver Becky antes da cerimônia do casamento, pois as últimas semanas de preparativos pareciam estar totalmente preenchidas. No entanto, conseguiu saber o que se passava em Chelsea Terrace depois de encontrar o coronel e a mulher na recepção de Lady Denham, em Onslow Square. O coronel pôde informá-la, em voz baixa, de que Charlie estava começando a dever dinheiro ao banco – “ainda que tenha pago a todos os seus credores”.

Daphne sorriu quando se lembrou de que seu último pagamento tinha sido feito, como era típico de Charlie, alguns meses antes do devido.

– E acabei de saber que ele está de olho em mais uma loja – acrescentou o coronel.

– Dessa vez qual é?

– A padaria, o número 145.

– A profissão do pai de Becky – disse Daphne. – Eles têm certeza de conseguir comprar?

– Acho que sim, embora receie que desta vez Charlie tenha de pagar um pouco mais.

– Por quê?

– A padaria é ao lado da loja de frutas, e o Sr. Reynolds sabe que Charlie tem muita vontade de comprar. Mas Charlie tentou o Sr. Reynolds com a oferta de ficar como gerente, mais participação nos lucros.

– Hummm. Quanto tempo acha que dura esse acordo?

– O tempo que Charlie levar para dominar mais uma vez a profissão de padeiro.

– E Becky?

– Arranjou um emprego na Sotheby. Como balconista.

– Balconista? – disse Daphne elevando a voz. – Qual o interesse de todo aquele trabalho para completar o curso se vai acabar como balconista?

– Aparentemente, na Sotheby todos começam no balcão, quaisquer que sejam as suas qualificações. Becky explicou-me tudo – respondeu o coronel.

– Parece que sendo filho do presidente do conselho de administração tendo trabalhado numa galeria importante do West End durante vários anos, tendo um curso ou não tendo qualquer qualificações, sempre se começa pelo balcão da frente. Quando se demonstra algum valor, pode-se então ser promovido a um departamento especializado. Não muito diferente do Exército, de fato.

– Então, que departamento Becky tem em vista?

– Parece que quer trabalhar com um velhote chamado Pemberton, perito em pintura renascentista, e considerado um dos melhores.

– Aposto – disse Daphne – que ela só ficará algumas semanas no balcão.

– Charlie não partilha de sua fraca opinião – disse o coronel.

– Oh, quanto lhe dá ele?

O coronel sorriu.

– Dez dias, no máximo.

CAPÍTULO 15

Quando o correio da manhã chegava a Lowndes Square, Wentworth, o mordomo colocava as cartas numa bandeja de prata e as levava ao brigadeiro, no seu escritório, onde o patrão retirava as que lhe eram dirigidas antes de devolver a bandeja ao mordomo que, então, entregava as restantes às senhoras da casa.

No entanto, desde o anúncio do noivado da filha no The Times e o subsequente envio de quinhentos convites para o casamento, o brigadeiro se aborrecia com o demorado processo de seleção e dera instruções a Wentworth para que invertesse a ordem, de modo a que lhe fossem entregues apenas as cartas que lhe eram dirigidas.

Assim, foi numa manhã de segunda-feira, em junho de 1921, que Wentworth bateu à porta do quarto de Daphne, entrou quando autorizado e entregou-lhe um grande maço de cartas. Quando Daphne retirou as cartas que lhe eram dirigidas e à mãe, devolveu as poucas que ficaram a Wentworth, que fez uma pequena reverência e prosseguiu seu trajeto invertido.

Assim que Wentworth fechou a porta, Daphne pulou da cama, colocou a pilha de cartas na cômoda e foi para o banheiro. Um pouco depois de dez e meia, sentindo-se pronta para enfrentar as dificuldades do dia, voltou à cômoda e começou a abrir as cartas. Cartas aceitando ou lamentando não poder comparecer tinham de ser anotadas ou riscadas numa lista principal; a mãe poderia, então, calcular o número exato de convidados e começar a preparar um plano de lugares. As trinta e uma cartas dessa manhã específica eram constituídas por vinte e dois nas aceitações, incluindo uma princesa, um visconde, dois lordes, um embaixador e o querido coronel e Lady Hamilton.

Havia também quatro pedidos de desculpas, compreendendo dois casais que estariam no estrangeiro, um tio idoso que sofria de diabetes avançada e outro cuja filha tinha sido o suficientemente tola para escolher o mesmo dia que Daphne para se casar.

Tendo anotado e riscado os seus nomes na lista principal, Daphne voltou a atenção para as cinco cartas restantes.

Uma era da tia Agatha, de 87 anos, que vivia em Cumberland e tinha dito há algum tempo que não assistida ao casamento porque a viagem a Londres representaria demasiado esforço para ela. No

entanto, tia Agatha sugeria que talvez Daphne devesse levar Percy para a visitar assim que voltassem da lua de mel, uma vez que ela o queria conhecer.

– Evidentemente não poderei – disse Daphne em voz alta. – Quando voltar à Inglaterra, terei coisas mais importantes a fazer do que me preocupar com tias velhas. – Depois ela leu o P.S.:

E sua estada em Cumberland, minha querida, seria uma boa oportunidade para me aconselhar sobre o meu testamento, porque não sei bem a quem dar os quadros, especialmente o Canalleto, que eu acho que merece um bom lar.

Velha marota, pensou Daphne, sabendo bem que tia Agatha escrevia P.S.

idênticos a todos os familiares, por mais distantes que estivessem, garantindo, assim, raramente passar um fim de semana sozinha.

A segunda carta era de Michael Fishlock e Companhia, especialistas em recepções, e incluía o orçamento de um lanche para quinhentas pessoas.

Trezentos guinéus pareceram a Daphne uma quantia exorbitante, mas, sem pensar duas vezes, colocou o orçamento de lado, para consultar o pai mais tarde. Duas outras cartas dirigidas à mãe e que não diziam respeito a Daphne, foram também separadas.

Guardou a quinta, porque o envelope estava adornado com selos extremamente coloridos e com a coroa do rei colocada em forma oval no canto superior direito, sobre as palavras “Dez Annas”.

Abriu o envelope devagar e tirou várias folhas de papel de carta grosso, a primeira das quais timbrada com o brasão e a divisa dos Royal Fusiliers.

“Cara Daphne”, começava a carta. Olhou rapidamente a última folha para verificar a forma de despedida, que dizia: “O seu amigo, de sempre, Guy”

Regressando à primeira folha, olhou o endereço antes de começar a ler, apreensiva, as palavras de Guy.

Divisão dos Oficiais

Segundo Batalhão

Royal Fuziliers

Quartel de Wellington

Poona

Índia

15 de maio de 1921

Cara Daphne

Espero que me perdoe por invocar a nossa longa amizade de família , mas surgiu um problema de que, tenho certeza, você já tem conhecimento e, infelizmente, tenho de pedir sua ajuda e conselho.

Recebi há algum tempo de sua amiga Rebeca Salmon [...]

Daphne colocou as folhas de novo em cima da cômoda, para ler depois, desejando que a carta tivesse chegado alguns dias depois de ter partido para a lua de mel e não antes. Brincou com a lista dos convidados, mas chegou à conclusão de que teria de descobrir o que Guy queria dela.

[...] informando-me que estava grávida e que eu era o pai da criança.

Deixe-me assegurar desde já que nada poderia estar mais longe da verdade, uma vez que, na única ocasião em que passei a noite no seu apartamento, eu e Rebeca não tivemos nenhum contato físico. De fato, foi ela que insistiu para que jantássemos no número 97, Chelsa Terrace, nessa noite, apesar de eu ter reservado uma mesa no Ritz.

A medida que a noite avançava, tornou-se óbvio que ela que ela estava tentando embriagar-me e, de fato, quando pensei em ir embora, confesso que me senti um tanto tonto e sem saber se conseguiria chegar ao quartel em segurança.

Rebeca sugeriu imediatamente que eu passasse a noite lá, para me “curar”, utilizando as palavras dela. Naturalmente recusei, até ela me dizer que eu podia ficar em seu quarto, uma vez que você só deveria voltar do campo na tarde seguinte – fato confirmado mais tarde.

Então aceitei a amável proposta d Rebeca e, quando me deitei, adormeci imediata e profundamente, tendo acordado mais tarde com uma porta batendo e, horrorizado, com você a minha frente. Fiquei ainda mais chocado ao descobrir que Rebeca, sem eu saber, havia deitado ao meu lado.

Você naturalmente, embaraçada, foi logo embora. Sem dizer outra palavra, levantei-me, vesti-me e voltei ao quartel, tendo chegado ao meu quarto a uma e quinze, o mais tardar.

Ao chegar à estação de Waterloo mais tarde, nessa manhã, para começar a minha viagem para a Índia, fiquei, como você pode calcular, um tanto surpreso ao encontrar Rebeca à minha espera na plataforma. Passei apenas alguns momentos com ela, mas não lhe deixei dúvidas sobre o que pensava da armadilha que ela me preparara na noite anterior. Apertei-lhe depois a mão e subi para o trem com destino a Southampton, não esperando a voltar ter notícias dela.

O contato seguinte que tive com a Srta. Salmom foi alguns meses depois, quando recebi esta indesejada e obscena carta, pela qual preciso de sua ajuda.

Daphne virou a folha e parou para se ver ao espelho. Não estava interessada em saber o que Guy queria dela. Ele até esquecera em que quarto fora descoberto. No entanto, passados poucos segundos, seus olhos regressaram ao alto da página seguinte e ela recomeçou a ler.

Não seria necessária qualquer ação, se não fosse o fato de o tenente-coronel Sir Danvers Hamilkton ter decidido escrever ao meu comandante, coronel Forbes, informando a versão da Srta. Salmon, do que resultou eu ser chamado a me

defender perante uma comissão de inquérito especial composta por oficiais meus companheiros.

Naturalmente, contei-lhes exatamente o que se passava nessa noite, mas, devido a permanente influência do coronel Hamilton no regimento, alguns continuaram dispostos a não aceitar a minha versão dos acontecimentos. Felizmente, minha mãe pode escrever ao coronel Forbes algumas semanas mais tarde para lhe dizer que a Srta. Salmons e casara com o amante de muito tempo, Charlie Thrumper, que não negava que a criança nascida antes do casamento fosse dele. Se o coronel não tivesse aceitado a palavra da minha mãe, eu poderia ter sido forçado a me demitir imediatamente, mas, felizmente, essa injustiça foi evitada.

No entanto, minha mãe informou-me de sua intenção de visitar a Índia durante a sua lua de mel (pela qual eu dou meus sinceros parabéns). Deverá, quase certamente, encontrar-se com o coronel Forbes que, receio, poderá referir-se a esse assunto, uma vez que o seu nome já foi mencionado em relação a ele.

Peço-lhe, portanto, que não diga nada que possa prejudicar a minha carreira. De fato, se puder confirmar a minha história, todo esse triste assunto poderá finalmente ser esquecido.

Seu amigo, como sempre.

Guy

Daphne voltou a colocar a carta em cima da cômoda e começou a escovar o cabelo, enquanto pensava no que iria fazer em seguida. Não queria discutir o problema com a mãe ou com o pai, e certamente não queria envolver Percy no assunto. Também estava certa de que Becky não deveria tomar conhecimento da carta de Trentham até ter decidido exatamente que atitude tomar. Estava espantada por Guy, ao se distanciar da realidade, pensar que ela tivesse memória tão curta.

Pousou a escova de cabelo e olhou-se no espelho, antes de ler novamente a carta uma segunda e depois uma terceira vez. Acabou por guarda-la no envelope e tentou esquecer o seu conteúdo, mas por mais que as tentasse afastar do pensamento, as palavras de Guy continuaram a remoer-lhe a mente.

Aborrecia-a, sobretudo, que ele a imaginasse tão ingênua.

De repente, Daphne soube qual era a pessoa a quem devia pedir ajuda.

Pegou o telefone, e, depois de ter pedido à telefonista um número de Chelsea, ficou radiante ao saber que o coronel ainda estava em casa.

– Eu estava saindo para o meu clube, Daphne – disse-lhe ele. – Mas, diga-me, em que a posso ajudar.

– Preciso falar-lhe com urgência, mas não é algo que possa falar por telefone – explicou ela. ,

– Compreendo – disse o coronel, fazendo uma pausa antes de acrescentar:

– Se estiver livre, por que não vem almoçar comigo no clube? É só mudar a minha reserva para a sala das senhoras.

Daphne, grata, aceitou a oferta e, depois de verificar a maquilagem ao espelho, foi conduzida por Hoskins a Picadilly, chegando ao Clube Naval e Militar alguns minutos depois da uma. V

O coronel estava no vestíbulo à sua espera.

– Mas que agradável surpresa – disse Sir Danvers. – Não é todos os dias que almoço com uma bela jovem. Será ótimo para a minha reputação no clube.

Vou acenar a todos os brigadeiros e generais que encontrar.

O fato de Daphne não rir do pequeno gracejo do coronel provocou alteração imediata no seu comportamento. Conduziu sua convidada pelo braço para a sala de jantar das senhoras. Depois de o coronel escrever o pedido e de o entregar ao garçom, Daphne tirou a carta de Guy da bolsa e, sem mais palavras, entregou-a ao seu anfitrião.

O coronel fixou o monóculo no seu olho bom e começou a ler, levantando ocasionalmente a vista para Daphne, confirmando que ela não tocara a sopa que tinha sido colocada à sua frente.

– Aborrecido, isso – disse ele, colocando a carta no envelope e restituindo-a a Daphne.

– Concordo, mas que acha que eu devo fazer?

– Bem, uma coisa é certa, minha querida, você não pode discutir o conteúdo da carta com Charlie nem com Becky. Também não vejo como pode evitar dizer a Trentham que, se lhe perguntarem diretamente quem é o pai da criança, se sente obrigada a dizer a verdade. – Fez uma pausa e tomou uma colher de sopa. – Juro que não volto a falar com a Sra. Trentham enquanto for vivo – acrescentou, sem outra explicação.

Daphne ficou admirada com essa exclamação; até esse momento, não sabia que ele conhecia a mulher.

– Talvez devêssemos aplicar os nossos esforços combinados para preparar uma resposta adequada, minha querida? – sugeriu o coronel, depois de pensar mais um pouco. Interrompeu a frase para permitir que o prato do dia fosse servido.

– Se pudesse ajudar, eu ficaria eternamente grata – disse Daphne nervosa. –

Mas, primeiro, acho que devo dizer-lhe tudo o que sei.

O coronel assentiu com a cabeça.

– Como tenho certeza de que sabe, a culpa de os dois se conhecerem foi minha...

Quando Daphne chegou ao final da história, o prato do coronel estava limpo.

– Eu já sabia na maior parte – admitiu ele, levando um guardanapo aos lábios. – Mas ainda consegui obter mais um ou dois detalhes. Confesso que não fazia ideia de que Trentham fosse um malandro tão grande. Recordando o passado, eu devia ter insistido numa maior colaboração, antes de ter concordado em propor o seu nome para uma CM. – Levantou-se.

– Agora, se não se importa de se distrair um pouco sozinha lendo uma revista na sala, de café, vou ver se consigo fazer um rascunho.

– Desculpe vir perturba-lo – disse Daphne.

– Não seja boba. Sinto-me lisonjeado por me considerar digno de sua confiança. – O coronel levantou-se e dirigiu-se ao escritório.

Só reapareceu quase uma hora depois, quando Daphne já estava relendo os anúncios na Lady.

Deixou cair apressadamente a revista na mesa e sentou-se reta na cadeira.

O coronel entregou-lhe os resultados do seu esforço, que Daphne estudou durante alguns minutos antes de falar.

– Sabe Deus o que Guy faria se eu escrevesse uma carta dessas – disse ela, por fim.

– Demite-se, simplesmente, minha querida, é só isso. E não é sem tempo, quanto a mim – o coronel franziu a testa. – Já é tempo de Trentham sofrer as consequências dos seus atos, não esquecendo a responsabilidade que tem para com Becky e a criança.

– Mas agora que ela está casada e feliz, não é justo para Charlie – implorou Daphne.

– Tem visto Daniel ultimamente? – perguntou o coronel, baixando a voz.

– Vi há alguns meses, por quê?

– Então é melhor olhar outra vez, porque não há muitos Trumpers ou Salmons que tenham cabelo louro, nariz romano e olhos azuis. Receio que as réplicas mais óbvias se encontrem em Ashurst, Berkshire. Em todo caso, Becky e Charlie terão de contar a verdade à criança ou só terão problemas mais tarde.

Mande a carta – disse ele, batendo com os dedos na mesa –, esse é o meu conselho.

Quando regressou a casa, em Lowndes Square, Daphne foi diretamente para o quarto. Sentou-se à secretária e, fazendo uma pausa, começou a copiar as palavras do coronel.

Ao terminar a tarefa, Daphne voltou a ler o parágrafo do rascunho do coronel que tinha deliberadamente omitido e fez votos para que seus prognósticos sombrios não se concretizassem.

Depois de ter completado a sua própria versão, rasgou o esboço do coronel e mandou chamar Wentworth.

– É uma carta para o correio – foi tudo o que disse.

Os preparativos para o casamento tomaram-se tão agitados, que Daphne, depois de entregar a carta a Wentworth, se esqueceu completamente dos problemas de Guy Trentham. Escolher as damas de honra sem ofender metade da família, suportar infundáveis provas de vestidos que nunca começavam na hora marcada, estudar os lugares dos convidados, de modo a que os membros da família que não se falavam há anos não se sentassem à mesma mesa – ou no mesmo banco na igreja – e, finalmente, ter de aturar a futura sogra, a marquesa, que, tendo casado três das suas filhas, já tinha três opiniões a dar sobre todos os assuntos, fizeram-na sentir-se completamente exausta.

Quando faltava uma semana, Daphne sugeriu a Percy que fossem ao primeiro registro civil e acabassem com tudo o mais depressa possível – e, de preferência, sem perturbar mais ninguém.

– O que quiser, velha amiga – disse Percy, que ha muito tinha deixando de ouvir quem quer que fosse sobre o tema do casamento.

No dia 16 de julho de 1921, Daphne acordou às cinco e quarenta e três sentindo-se exausta, mas, quando saiu para a luz do sol em Lowndes Square à uma e quarenta e cinco, sentia-se entusiasmada e ansiosa para que a cerimônia se realizasse.

O pai ajudou-a a subir os degraus da carruagem aberta em que sua mãe e avó tinham viajado no dia do casamento. Um pequeno grupo de criados e pessoas desejando sorte aplaudiram a noiva quando ela iniciou a viagem para Westminster, enquanto outros acenavam da

calçada. Oficiais fizeram continência, jovens elegantes atiraram-lhe beijos e futuras noivas suspiravam quando ela passou.

Pelo braço do pai, Daphne entrou na igreja pela porta principal alguns minutos depois de o Big Ben ter batido duas horas e seguiu lentamente pela nave central ao som da marcha nupcial de Mendelssohn. Com uma pequena pausa antes de chegar ao lado de Percy, fez uma reverência ao rei e à rainha, sentados sozinhos nos seus bancos privativos ao lado do altar. Após todos aqueles mesa de espera, a cerimônia pareceu terminar em pouco tempo.

Quando o órgão tocou *Alegrai-vos, alegrai-vos* e o casal foi conduzido à sacristia para assinar o registro, a única reação de Daphne foi querer recomeçar a cerimônia toda de novo.

Embora tivesse treinado a assinatura em segredo várias vezes no seu papel de carta, em Lowndes Square, ela ainda hesitou antes de escrever as palavras

“Daphne Wiltshire”.

Mando e mulher saíram da igreja ao som atoador de um repique de sinos e foram a pé pelas avenidas de Westminster sob o sol brilhante da tarde. Quando chegaram à grande tenda que havia sido armada na relva, em Vincent Square, começaram a receber os convidados.

Como resultado da tentativa de falar com cada um deles, Daphne quase não conseguiu provar uma fatia do seu próprio bolo de noiva e, mal tinha dado uma mordida, a marquesa apareceu para anunciar que, se não comessem os discursos, eles podiam perder a esperança de embarcar naquela tarde.

Algemon Fitzpatrick elogiou as damas de honra e brindou à noiva e ao noivo.

Percy deu uma resposta espirituosa que foi bem recebida. Daphne foi levada ao número 45 de Vincent Square, a casa de um tio

distante, para trocar de roupa.

Mais uma vez a multidão se juntou na calçada para atirar arroz e pétalas de rosas, enquanto Hoskins aguardava para levar os recém-casados a Southampton.

– Bem, agora você tem de me aturar o resto da vida, Percy Wiltshire
–

disse Daphne ao marido.

– Isso, desconfio eu, foi planejado por nossas mães antes mesmo de nos conhecermos – disse Percy. – Um desperdício, de fato.

– Desperdício?

– Sim. Eu poderia ter feito que elas parassem de conspirar há anos, se simplesmente lhes dissesse que nunca haveria de casar com ninguém senão com você.

Daphne estava pensando seriamente na lua de mel pela primeira vez, quando Hoskins parou o Rolls no porto, umas duas horas antes de o Maurîtânia partir.

Com o auxílio de vários carregadores, Hoskins tirou duas malas do bagageiro do carro – catorze tinham sido trazidas no dia anterior – enquanto Daphne e Percy se dirigiam à prancha de embarque onde o comissário de bordo os aguardava.

Justamente quando o comissário avançava para cumprimentar o marquês e sua esposa, alguém da multidão gritou:

– Boa-sorte, Vossa Senhoria. Queria dizer, em meu nome e no da patroa, que a marquesa esta muito bonita.

Viraram-se os dois já rindo para ver Charlie e Becky, ainda com as roupas do casamento, no meio da multidão.

O comissário de bordo conduziu-os pela prancha ao camarote particular Nelson, onde encontraram outra garrafa de champanha à espera de ser aberta.

– Como conseguiram chegar aqui antes de nós? –< perguntou Daphne.

– Bem – disse Charlie com um sotaque cokney cerrado –, podemos não ter um Rolls-Royce, minha senhora, mas ainda conseguimos ultrapassar Hoskins no nosso carrinho no outro lado de Winchester, não conseguimos?

Todos riram, exceto Becky, que não conseguia tirar os olhos do pequeno broche de diamantes na lapela da roupa de Daphne.

A sirene de nevoeiro soou três vezes, e o comissário de bordo sugeriu que os Trumpers saíssem do navio, uma vez que não pareciam ter a intenção de acompanhar os Wiltshires a Nova York.

– Até para o ano – gritou Charlie, voltando-se para lhes acenar da prancha de embarque.

– Até lá teremos dado a volta ao mundo, velha amiga– murmurou Percy para a mulher.

Daphne acenou. – Sim, e até regressarmos, sabe Deus o que aqueles dois farão.

CORONEL
HAMILTON

1920 - 1922

CAPÍTULO 16

Tenho normalmente boa memória para rostos e, assim que vi o homem pesando batatas, soube imediatamente que o conhecia. Depois, li a tabuleta sobre a porta da loja. Claro, Trumper, Cabo C. Não, ele havia acabado como sargento, se bem me lembro. E como se chamava o amigo, aquele que tinha obtido a MM? Ah, sim, Prescott, Soldado T. – Explicação da morte não totalmente satisfatória. E engraçado, alguns detalhes a mente considera dignos de registro.

Quando voltei a casa para o almoço, disse à minha esposa que tinha voltado a ver o sargento Trumper, mas ela não manifestou grande interesse, até lhe entregar as frutas e a verdura. Foi, então, que ela me perguntou onde as havia comprado.

– Loja Trumper – disse-lhe.

Ela assentiu com a cabeça, tomando nota do nome sem mais explicações.

No dia seguinte, dei as devidas instruções ao secretário do regimento para que enviasse dois convites a Trumper para o jantar e o baile anual, depois não voltei a pensar nele até ver os dois no baile. Digo "os dois" porque Trumper estava acompanhado por uma moça extremamente atraente. No entanto, durante a maior parte da noite, ele pareceu ignorá-la, preferindo alguém cujo nome não guardei, uma jovem que devo acrescentar, tinha estado anteriormente sentada a pouca distância de mim, na mesa do alto. Quando o adjunto convidou Elizabeth para dançar, aproveitei a oportunidade. Atravessei a pista de dança, consciente de ter os olhos de metade do batalhão fixos em mim, fiz uma reverência à dama em questão e pedi-lho que me concedesse a honra. Seu nome, descobri, era Srta. Salmon, e dançava como mulher de oficial. Também era esperta e alegre.

Eu não consegui imaginar o que Trumper pensava fazer, mas, se eu tivesse alguma coisa a ver com isso, diria a ele o que deveria fazer.

Quando a dança acabou, levei a Srta. Salmon para conhecer Elizabeth, que pareceu ficar igualmente encantada. Mais tarde, minha esposa disse-me que tinha sabido que ela estava noiva de um capitão Trentham do regimento, que estava agora na Índia. Trentham, Trentham... lembrei-me de que havia um jovem oficial no batalhão com esse nome obtivera uma CM no Maine, mas havia mais alguma coisa sobre ele de que não me lembrava, Pobre moça, pensei, porque eu havia imposto o mesmo sofrimento a Elizabeth quando fora deslocado para o Afeganistão, em 1882. Tiraram-me uma vista, os malditos afegãos, e, ao mesmo tempo, quase perdi a única mulher que amei. Mesmo assim, não é de bom tom casar antes se ser capitão ou depois de ser maior.

No caminho para casa, Elizabeth avisou-me que havia convidado a Srta.

Salmon e Trumper para virem a Gilston Road na manhã seguinte.

– Por quê? – perguntei.

– Parece que querem fazer uma proposta a você.

No dia seguinte, chegaram a nossa pequena casa na Tregunter Road antes mesmo de o relógio ter acabado de bater onze horas, e instalei-os na sala de estar antes de perguntar a Trumper:

– Então, o que se passa, sargento?

Ele não fez qualquer tentativa de responder. o porta-voz de ambos era a Srta. Salmon. Sem desperdiçar uma palavra, ela começou a expor suas razões,–

muito convincentes, no sentido de que eu entrasse para o seu pequeno negócio, em capacidade não executiva, com um salário de

cem libras por ano. Embora eu não achasse que a proposta fizesse o meu estilo, fiquei comovido pela sua confiança em mim e prometi que pensaria bem na proposta. Na realidade, disselhes que em breve lhes comunicaria a minha decisão.

Elizabeth concordou em absoluto com a minha opinião, mas achou que eu devia, pelo menos, fazer por mim mesmo um pouco de reconhecimento de campo, antes de recusar a oferta.

Durante a semana seguinte, garanti a minha presença perto do número 147

do Chelsea Terrace todos os dias úteis, sentava-me muitas vezes no banco em frente à loja, de onde podia levar a cabo as minhas observações sem ser visto.

Por razões óbvias, escolhia horas diferentes para fazer as observações. Por vezes, aparecia logo de manhã, outras durante a hora mais movimentada, depois outra vez mais tarde.

Numa ocasião, até os vi fecharem a loja no fim do dia, tendo descoberto que o sargento Trumper não se preocupava muito em olhar o relógio: o número 147 era a última loja do quarteirão a fechar as portas ao público. Não me importo de confessar que, tanto a Srta. Salmon como Trumper, me causaram impressão favorável. Um casal raro, disse a Elizabeth após a minha última visita.

Eu tinha sido sondado algumas semanas antes pelo Imperial War Museum com um convite para me tornar membro do conselho de administração, mas, para ser franco, a oferta de Trumper fora a única que recebera desde que havia pendurado as esporas no ano anterior. Uma vez que o conservador não mencionara qualquer remuneração, presumi que não houvesse nenhuma e, pelos documentos recentes do conselho, que me tinham sido enviados para conhecimento, as suas tarefas não me ocupariam mais de cerca de uma hora por semana.

Depois de pensar maduramente, de conversar com a Srta. Daphne Harcourt-Browne e de ouvir palavras encorajadoras por parte de Elizabeth –

que não gostava muito de ter-me em casa o tempo todo – deixei um bilhete para a Srta. Salmon informando-os de que eu era o homem que procuravam.

Na manhã seguinte, descobri exatamente no que estava entrando quando a dama acima indicada reapareceu na Tregunter Road, para me dar instruções sobre o meu primeiro dia de trabalho. E o fez muito bem, tão minuciosa como qualquer dos oficiais que tive sob o meu comando, isso pode dizer.

Becky – pediu-me que parasse de a chamar de “Srta. Salmon”, agora que éramos “sócios” – disse que devia considerar a nossa primeira visita à Child de Fleet Street como um ensaio, pois o peixe que ela realmente queria pegar só estaria na linha na semana seguinte. Era então que deveríamos “puxar para valer”. Ela utilizava expressões que eu as vezes não entendia bem.

Posso garantir que estava muito nervoso na manhã da nossa reunião com aquele primeiro banco e, para ser sincero, quase saí da linha de frente antes de ser dada ordem para disparar. Não fosse ver aqueles dois jovens ansiosos à minha espera na porta do banco, garanto que teria desistido de toda a campanha.

Bem, apesar da minha apreensão, saímos do banco, menos de uma hora depois, tendo levado a cabo, com êxito, a nossa primeira investida, e penso que posso seguramente dizer, com toda a sinceridade, que não descuidei da defensiva.

Não que tivesse uma opinião muito elevada sobre Hadlow, que me parecia um sujeito estranho, mas então os Bufts nunca foram o que se poderá descrever como um regimento de primeira classe. Mais exatamente, o maldito homem nunca tinha visto o branco dos olhos deles, o que, na minha opinião, distingue sempre um homem.

A partir desse momento, mantive-me atento as atividades da loja Trumper, insistindo numa reunião semanal in loco, de modo a manter-me atualizado sobre o que se passava. Até me senti capaz de dar ocasionalmente alguns conselhos e palavras de apoio. Ninguém gosta de receber remuneração sem nada fazer. De início, tudo parecia ir de vento em popa. Depois, no fim de junho de 1920, Trumper solicitou uma reunião particular. Eu sabia que ele tinha em vista uma outra loja no Chelsea Terrace, e a conta bancária estava no limite, por isso supus que quisesse discutir o assunto comigo.

Concordei em visitar Trumper no seu apartamento, uma vez que ele nunca parecia ficar à vontade quando o convidava para ir ao meu clube ou à Tregunter Road.

Quando cheguei nessa noite, vi que ele estava nervoso, e supus que algo relacionado com uma das nossas três lojas o estivesse perturbando, mas ele me assegurou de que não era esse o caso.

– Bem, desembuche, Trumper.

– Para ser franco, coronel, não é fácil – respondeu ele, por isso permaneci calado, na esperança de que isso pudesse ajudá-lo a descontraí-lo e o fizesse desabafar.

– É Becky, coronel – disse, finalmente.

– Moça de primeira – garanti-lhe eu.

– E, sim, coronel. Mas receio que esteja grávida.

Confesso que tinha sabido essa notícia alguns dias antes pela própria Becky mas, como lhe tinha dado a minha palavra de que não contaria a ninguém, incluindo Charlie, fingi surpresa. Embora compreendesse que os tempos tivessem mudado, eu sabia que Becky tinha tido uma educação severa e, em todo caso, nunca pensara que ela fosse esse tipo de moça, se compreendem o que eu quero dizer.

- Claro, vai querer saber quem é o pai – acrescentou Charlie.
- Calculei... – comecei, mas Charlie balançou imediatamente a cabeça.
- Eu não – disse ele. – Quem me dera que fosse. Então, pelo menos, podia casar com ela e não teria de me preocupar com o problema.
- Então, quem é o culpado? – perguntei.

Hesitou antes de dizer:

- Guy Trentham, coronel.
- O capitão Trentham? Mas ele está na Índia, se bem me lembro.
- Exatamente, coronel. E tive imenso trabalho para convencer Becky a escrever-lhe para contar o que aconteceu; ela diz que só arruinaria a carreira dele.
- Mas não lhe contar pode arruinar toda a vida dela – sugeri eu, de mau humor. imagine-se o estigma de ser mãe solteira, para não falar em criar um filho ilegítimo. – Em todo caso, Trentham certamente acabará descobrindo, você sabe.
- Ele pode nunca saber a verdade pela boca de Becky, e eu certamente não tenho o tipo de influência que o possa obrigar a cumprir o seu dever.
- Sabe mais alguma coisa sobre Trentham que eu deveria saber, Trumper?
- Não, coronel.

Trumper respondeu um pouco demasiado depressa para eu ficar totalmente convencido.

– Então, deixe o problema de Trentham comigo – disse-lhe eu. –

Entretanto, continue a tomar conta das lojas. Mas diga-me assim que todos souberem, para eu não ter de fingir que não sei de nada.

– Levantei-me para sair.

– O mundo inteiro saberá dentro em pouco – disse Charlie.

Eu tinha dito “deixe o problema comigo” sem ter a mínima ideia do que fazer, mas, quando regresssei a casa nessa noite, discuti o assunto com Elizabeth. Ela me aconselhou a ter uma conversa com Daphne que, tinha certeza, devia saber bastante mais sobre o que se passava do que Charlie. Desconfiei de que ela estava com razão.

Eu e Elizabeth convidamos Daphne para tomar chá na Tregunter Road alguns dias mais tarde. Ela confirmou tudo quanto Charlie dissera e pôde também completar algumas peças do puzzle, que faltavam.

Na opinião de Daphne, Trentham tinha sido o primeiro romance sério de Becky e, certamente, tanto quanto ela soubesse, Becky não havia dormido com nenhum outro homem antes de se conhecerem, e apenas uma vez com Trentham. O capitão Trentham, garantiu-nos ela, não era merecedor da mesma reputação sem mácula.

O resto das suas informações não era um bom augúrio para uma solução simples, uma vez que soube que não podia confiar na mãe de Guy para que insistisse em que o filho cumprisse o seu dever. Pelo contrário, Daphne sabia que a mulher já estava preparando as coisas de modo a garantir que ninguém acreditasse que Trentham pudesse ser de algum modo irresponsável.

– Mas, e o pai de Trentham? – perguntei. – Acha que eu devia falar com ele? Embora estivéssemos no mesmo regimento, nunca estivemos no mesmo batalhão, você sabe.

– Ele é o único membro da família de quem realmente gosto – admitiu Daphne. – E o deputado por Berkshire West, um liberal.

– Então será por aí que vou estabelecer contato com ele – respondi.
– Não suporto sua tendência a política, mas isso não o impedirá de saber distinguir entre o que está certo e o que está errado.

Outra carta enviada em papel do clube produziu uma resposta imediata do major, convidando-me a tomar uma bebida em Chester Square, na segunda-feira seguinte.

Cheguei pontualmente as seis e fui levado para uma sala onde me recebeu uma senhora bastante encantadora que se apresentou como Sra. Trentham. Ela não era nada do que estava à espera depois da descrição de Daphne; na realidade, era uma mulher muito bonita. Apresentou imensas desculpas: o marido tinha sido retido na Câmara dos Comuns para uma votação, o que, até mesmo eu sabia, significava que ele não poderia sair do Palácio de Westminster sem incorrer na pena de morte. Tomei imediatamente a decisão – errada, vejo agora – de que esse assunto não podia mais ser adiado e que teria de transmitir minha mensagem ao major por intermédio de sua mulher.

– De fato, isto é tudo um tanto embaraçoso – comecei.

– Pode falar à vontade, coronel. Garanto-lhe que meu marido tem absoluta confiança em mim. Não temos segredos um para o outro.

– Bem, para ser franco, Sra. Trentham, o assunto que desejo abordar diz respeito ao seu filho Guy.

– Imaginei – foi tudo o que ela disse.

– E a noiva, Srta. Salmon.

– Ela não é, e nunca foi, noiva dele – disse a Sra. Trentham, em tom subitamente cortante.

– Mas foi-me dado compreender...

– Que meu filho fez promessas à Srta. Salmon? Posso garantir, coronel, que nada poderia estar mais longe da verdade.

Ligeiramente surpreso, fui incapaz de improvisar um modo diplomático de comunicar a senhora o verdadeiro objetivo por trás do meu desejo de ver o marido.

Por isso, disse simplesmente:

– Quer tenham ou não sido feitas promessas, penso que seu marido deve tomar conhecimento de que a Srta. Salmon está esperando um filho.

– E o que tem isso a ver conosco? – disse a Sra. Trentham olhando-me diretamente e não manifestando qualquer receio nos olhos.

– Simplesmente que o seu filho é, sem sombra de dúvida, o pai.

– Só temos a palavra dela, coronel.

– Essas palavras, minha senhora, são indignas de quem as proferiu – disselhe eu. – Sei que a Srta. Salmon é uma moça decente e honesta. E, em todo caso, se não fosse o seu filho, quem poderia ser?

– Só Deus sabe – disse a Sra. Trentham. – Qualquer homem, creio eu a julgar pela sua reputação. Afinal de contas, o pai dela era um imigrante.

– O pai do rei também o era, minha senhora – lembrei-lhe eu. – Mas, mesmo assim, ele saberia como se comportar se se visse confrontado com a mesma situação.

– Não sei o que dizer, coronel.

– Quero dizer, minha senhora, que seu filho deve se casar coma Srta.

Salmon ou, pelo menos, demitir-se do regimento e tomar as devidas providências para garantir o sustento da criança.

– Parece que tenho de repetir, coronel, que esse triste estado de coisas não tem nada a ver com meu filho. Posso garantir-lhe que Guy deixou de sair com essa moça alguns meses antes de partir para a Índia.

– Eu sei que isso não aconteceu, minha senhora, porque...

– Sabe, coronel? Então posso perguntar o que esse assunto tem a ver com o senhor?

– Simplesmente a Srta. Salmon e o Sr. Trumper são meus sócios – expliquei.

– Compreendo – disse ela. – Então desconfio de que não deve procurar muito longe para descobrir quem é o verdadeiro pai.

– Minha senhora, essa insinuação é desnecessária. Charlie Trumper não é...

– Não vejo razão para continuarmos essa conversa, coronel – disse a Sra.

Trentham, levantando-se da cadeira e dirigindo-se à porta, sem sequer olhar na minha direção.

– Devo avisá-lo, coronel, de que, se eu ouvir essa calúnia repetida em algum lugar, não hesitarei em dar instruções a um advogado para proceder de modo a defender a boa reputação de meu filho.

Embora abalado, segui-a até o vestíbulo, decido a não permitir que o assunto ficasse por ali. Achava, agora, que o major era a minha

única esperança. Quando a Sra. Trentham abriu a porta da frente para eu sair, disselhe com firmeza:

– Posso supor, minha senhora, que irá relatar fielmente essa conversa ao seu Marido!?

– Não pode supor nada, coronel foram as suas últimas palavras, quando me bateu a porta na cara.

A última ocasião em que recebera tal tratamento de uma senhora tinha sido em Rangoon, e devo dizer que a moça em causa tinha muito mais razão para se sentir ofendida.

Quando repetia conversa a Elizabeth –tão exatamente quanto me recordava

– ela me fez notar, em seu jeito, claro e conciso, que eu só tinha três escolhas. A primeira era escrever diretamente ao capitão Trentham, exigindo que ele cumprisse o seu dever, a segunda seria informar o seu comandante de tudo quanto eu sabia.

– E a terceira? – perguntei.

– Nunca voltar a falar no assunto.

Pensei muito nas suas palavras e escolhi a segunda opção, escrevendo a Ralph Forbes, um excelente sujeito que me tinha sucedido como coronel, para informá-lo dos fatos tal como eu os conhecia. Escolhi cuidadosamente as palavras, sabendo que, se a Sra. Trentham cumprisse a sua ameaça, qualquer ação judicial só prejudicaria o bom nome do regimento, podendo mesmo cobri-lo de ridículo. No entanto, ao mesmo tempo, protegia paternalmente Becky, que, agora, se desdobrava: tentava preparar-se para os exames e também era secretária e contadora de uma pequena e próspera firma, enquanto todos que passavam por ela na rua deviam saber que era só uma questão de semanas até ela dar à luz.

– A medida que essas semanas passavam, preocupou-me o fato de nada parecer acontecer com Trentham, apesar de ter recebido uma resposta de Forbes garantindo-me que havia nomeado uma comissão de inquérito. Quando perguntei a Daphne e Charlie, nenhum deles pareceu estar mais bem informado do que eu.

Foi no meio de outubro desse ano que Daniel–George nasceu, e fiquei sensibilizado por Becky me convidar para ser padrinho, junto com Bob Makins e Daphne. Fiquei ainda mais satisfeito quando Becky me comunicou que ela e Charlie se casariam na semana seguinte. Isso não calaria as más-línguas, mas, pelo menos, a criança seria legítima aos olhos da lei.

Eu e Elizabeth, juntamente com Daphne, Percy, a Sra. Salmon, a Srta.

Roach e Bob Makins assistimos a simples cerimônia de casamento no Registro Civil de Chelsea, seguida de uma alegre reunião no apartamento de Charlie, sobre a loja.

Comecei a pensar que tudo se havia resolvido da melhor maneira até que, alguns meses depois, Daphne me telefonou, pedindo para falar comigo com urgência. Levei-a para almoçar no clube, onde ela me mostrou uma carta que havia recebido naquela manhã do capitão Trentham. Quando a li, vi que a Sra.

Trentham tinha sabido da minha carta a Forbes, avisando-o das consequências de uma ação por quebra de promessa, e assumido o assunto imediatamente.

Senti que era hora de o filho saber que iria sofrer as consequências dos seus atos. Deixei a minha convidada tomando café, dirigi-me ao escritório e, com o auxílio de um brandy, comecei a escrever uma carta bem dura. Achei que o meu esforço final cobria todos os pontos necessários de modo tão diplomático e realista quanto possível, dadas as circunstâncias. Daphne agradeceu-me e prometeu que iria enviar a carta a Trentham tal e qual eu a escrevera.

Não tornei a conversar com ela até nos encontrarmos no seu casamento, um mês depois, e essa não era exatamente a ocasião adequada para falar sobre o capitão Trentham.

Depois da cerimônia, fui até Vincent Square, onde se realizou a recepção.

Mantive-me alento para não me encontrar com a Sra. Trentham, que, calculei, deveria ter sido convidada. Não tinha qualquer vontade de conversar novamente com essa senhora.

Gostei imensamente, contudo, de encontrar Charlie e Becky na grande tenda que havia sido montada especialmente para a ocasião. Nunca a tinha visto com aspecto mais radiante, e Charlie podia ser quase descrito como distinto na sua casaca, lenço cinzento e chapéu alto. O belo relógio que saía do colete tinha sido um presente de casamento de Becky, que o herdara do pai, explicou ela, embora o resto da roupa, disse Charlie, tivesse de ser devolvido à Moss. Bros, logo na manhã do dia seguinte.

– Não é o momento, Charlie – sugeri eu – de comprar sua própria casaca?

Afinal de contas, deverá haver mais ocasiões destas no futuro.

– Claro que não – respondeu ele. – Seria um desperdício de dinheiro.

– Posso perguntar por quê? Certamente, o custo de uma...

– Porque é minha intenção comprar uma alfaiataria – interrompeu ele. –

Tenho o número 143 em vista há algum tempo, e soube pelo Sr. Crowther que poderá ser posto a venda a qualquer momento.

Eu não conseguia contestar essa lógica, embora a sua pergunta seguinte me tivesse desconcertado completamente.

– Já ouviu falar no Marechal Field, coronel?

– Ele estava no regimento? – perguntei, rebuscando a memória.

– Não, não estava – respondeu Charlie com um sorriso. – O Marechal Field é um armazém, em Chicago, onde se pode comprar tudo de que se possa precisar para o resto da vida. Tem seiscentos mil metros quadrados debaixo de um só teto.

Eu não conseguia imaginar uma ideia pior, mas não tentei interromper o discurso entusiasmado do rapaz.

– O prédio ocupa um quarteirão inteiro – informou-me. – Consegue imaginar uma loja com vinte e oito entradas? De acordo com o anúncio, não há nada que não se possa comprar, de um automóvel a uma maçã, e há vinte e quatro variedades de cada produto. Revolucionaram a venda a varejo nos Estados Unidos sendo a primeira loja a dar facilidades de crédito na integra.

Também dizem que, se não tiverem o que se quer, arranjam dentro de uma semana. O lema dele é “Atender o freguês”.

– Está sugerindo comprarmos o Marechal Field ou trocá-lo pelo número 147 de Chelsea Terrace? – perguntei ingenuamente.

– Não já, coronel. Mas, se um dia eu conseguisse ter todas as lojas do Chelsea Terrace, então poderíamos fazer o mesmo em Londres, e talvez mesmo roubar a primeira frase do anúncio deles.

Eu sabia que estava caindo numa armadilha, por isso perguntei que frase era essa.

– O maior armazém do mundo – respondeu Charlie.

– E o que você pensa de tudo isso? – perguntei, virando-me para Becky.

– No caso de Charlie – respondeu ela –, teria de ser o maior carrinho do mundo.

CAPÍTULO 17

A primeira assembleia geral anual da firma Trumper realizou-se na sala do número 147 de Chelsea Terrace. O coronel, Charlie e Becky sentaram-se em redor de uma mesa desmontável, não sabendo exatamente como dar início à sessão, até o coronel iniciar os trabalhos.

– Eu sei que somos apenas três, mas, mesmo assim, acho que nossas reuniões devem ser conduzidas de modo profissional. – Charlie ergueu as sobrancelhas, mas não fez qualquer tentativa de interromper o discurso do coronel. – Tomei, portanto, a liberdade – começou ele – de preparar uma pauta.

Caso contrário, podemos facilmente esquecer de tratar de assuntos bastante importantes. – O coronel prosseguiu, entregando aos seus dois colegas uma folha de papel com cinco pontos escritos à mão. – Desse modo, o primeiro ponto a ser discutido intitula-se “relatório financeiro” e começarei por pedir a Becky que nos dê a sua opinião sobre a situação fiscal atual.

Becky havia escrito cuidadosamente o seu relatório, palavra por palavra, tendo, no mês anterior, comprado dois livros grandes com capa de couro, um vermelho, outro azul, da papelaria do 137 e levantado, durante a última semana.

apenas alguns minutos depois de Charlie ter partido para Covent Garden, para ter a certeza de poder responder a quaisquer perguntas que lhe pudessem ser feitas.

Abriu o livro vermelho e começou a ler devagar, consultando ocasionalmente o livro azul, que era do mesmo tamanho e tinha o mesmo ar imponente.

Este último tinha apenas a palavra "Contas" inscrita em dourado na capa

– No ano terminado em 31 de dezembro de 1921 – tivemos um movimento nas sete lojas de mil, trezentas e doze libras e quatro xelins, do qual obtivemos um lucro de duzentas e dezenove libras e onze xelins, representando dezessete por cento sobre o movimento. A nossa dívida com o banco é, neste momento, de setecentas e setenta e uma libras, incluindo os impostos anuais, mas o valor das sete lojas permanece nos livros como mil duzentas e noventa libras, que é o preço exato que pagamos por elas.

Isso, portanto, não traduz o seu valor de mercado.

– Fiz uma decomposição dos números de cada uma das lojas para sua análise – disse Becky, entregando cópias do seu trabalho a Charlie e ao coronel, que o analisaram cuidadosamente durante alguns minutos.

– Estou vendo que a mercearia ainda é a nossa primeira fonte de rendimento – disse o coronel, à medida que o seu monóculo percorria a coluna de ganhos e perdas. – As ferragens estão começando a cobrir as despesas, e a alfaiataria está comendo os lucros.

– Está – disse Charlie. – Encontrei um bom limão quando a comprei.

– Limão? – perguntou o coronel perplexo.

– Azarão – disse Becky sem levantar os olhos do livros.

– Infelizmente, foi – disse Charlie. – Paguei uma fortuna pelo prédio, outra pelo estoque, e acabei com pessoal que não estava

devidamente treinado. Mas as coisas melhoraram desde que o major Amold tomou conta.

O coronel sorriu ao lembrar-se de que a nomeação de um de seus antigos oficiais tinha sido um êxito imediato. Tom Amold tinha voltado à Savile Road pouco depois da guerra, tendo encontrado o seu antigo emprego como subgerente da Hawkes, ocupado por alguém que fora desmobilizado alguns meses antes; os patrões acreditaram que ele se contentaria com o cargo de ajudante sênior, mas não se contentou. Quando o coronel lhe disse que talvez houvesse uma vaga para ele na firma Trumper, Arnold não perdeu a oportunidade.

– Devo dizer – disse Becky, examinando os números – que as pessoas parecem ter uma atitude moral completamente diferente, quando se trata de pagar ao alfaiate, da que alguma vez pensariam em aplicar a qualquer outra loja.

Olhem só a coluna dos devedores.

– De acordo – disse Charlie. – E receio que não faremos grandes progressos até o major Amold conseguir encontrar substitutos, para, pelo menos, três empregados. Não estou esperando lucro nos próximos seis meses, embora tenha a esperança de que comece a cobrir as despesas no fim do terceiro trimestre.

– Bom – disse o coronel. – E a loja de ferragens? Estou vendo que o número 120 teve lucro razoável no ano passado; então, por que motivo caíram tanto este ano?

– Infelizmente, a explicação é simples – disse Becky. O dinheiro foi roubado.

– Roubado?

– Receio que sim – respondeu Charlie. – Becky começou a notar em outubro do ano passado, que as receitas semanais estavam

diminuindo, primeiro um pouco, depois, a quantia foi aumentando.

– Já foi descoberto o culpado?

– Sim, foi simples. Mudamos Bob Makins da mercearia quando um dos empregados da loja de ferragens estava de férias, e ele descobriu logo o melão.

– Para com isso, Charlie – disse Becky. – Desculpe, coronel, o ladrão.

– Acontece que o gerente, Reg Larkins, é jogador – continuou Charlie – e estava utilizando o nosso dinheiro para cobrir as dívidas. Quanto maiores eram as dívidas, mais ele precisava roubar.

– Despediu Larkins, claro – disse o coronel.

– No mesmo dia – disse Charlie. – Ele ficou nervoso na ocasião e tentou negar que tivesse tirado um único penny. Mas não disse nada nas últimas três semanas e até já começamos a ter novamente um pequeno lucro. Ainda estou procurando outro gerente para ocupar o lugar o mais depressa possível. Tenho em vista um jovem que trabalha na Cudson, na Charing Cross Road.

– Ótimo – disse o coronel. – Isso encerra os problemas do ano passado, Charlie; por isso, agora, você pode nos assustar com seus planos para o futuro.

Charlie abriu a elegante pasta nova de couro que Becky lhe dera no dia 20

de janeiro e tirou o último relatório da J. D. Wood. Pigarreou de modo teatral, e Becky teve de tapar a boca para não dar uma gargalhada.

– O Sr. Crowther – começou Charlie – preparou um estudo completo sobre todos os prédios em Chelsea Terrace.

– Pelo qual, a propósito, nos cobrou dez guinéus – disse Becky, verificando o livro da contas.

– Não tenho nada contra, se acabar por ser um bom investimento – disse o coronel.

– Já é – falou Charlie. Distribuiu cópias do relatório de Crowther. – Como ambos já sabem, existem trinta e seis lojas no Chelsea Terrace, sete das quais são nossas. Na opinião de Crowther, durante o próximo ano poderão ser postas à venda mais cinco. No entanto, como ele diz, todos os comerciantes de Chelsea Terrace sabem bem que eu quero comprar, o que propriamente não ajuda a manter o preço baixo.

– Suponho que isso propriamente tivesse de acontecer mais cedo ou mais tarde.

– De acordo, coronel – disse Charlie –, mas, mesmo assim, é muito mais cedo do que eu esperava. De fato, Syd Wrexall, o presidente da Comissão das Lojas, está ficando bastante cauteloso conosco.

– Por que o Sr. Wrexall em particular? – perguntou o coronel.

– Ele é o dono do Mosqueteiro, na outra esquina do Chelsea Terrace.
E

começou a dizer aos fregueses que o meu objetivo a longo prazo é comprar todos os prédios do quarteirão e escorraçar os pequenos comerciantes.

– Tem certa razão.

– Talvez, mas nunca esperei que ele formasse uma cooperativa com o único objetivo de impedir que eu compre determinados prédios. Eu tinha certa esperança de comprar o Mosqueteiro, mas, sempre que o assunto vem à baila, ele se limita a dizer “Por cima do meu cadáver”.

- Isso é um golpe duro – disse o coronel.
- Não, não e'– disse Charlie. – Ninguém pode esperar viver toda a vida sem enfrentar um momento de crise. O segredo será descobrir o momento de crise de Wrexall e, depois, avançar depressa. Mas significa, de fato, que, por enquanto, vou ter de pagar acima do preço se um comerciante decidir que chegou a hora de vender.
- Nesse caso, suponho que não há muito a fazer – disse o coronel.
- Exceto descobrir-lhes o blefe – disse Charlie.
- Descobrir o blefe? Não sei bem se estou compreendendo.
- Bem, vieram recentemente nos procurar duas lojas interessadas em se desfazer de seus prédios, e eu as recusei imediatamente.
- Por quê?
- Simplesmente porque pediam preços exorbitantes; isso sem falar em Becky me chateando o juízo sobre o nosso saldo a descoberto.
- E eles reviram a sua posição?
- Sim e não – disse Charlie. – Uma já voltou com um pedido mais realista, e a outra ainda mantém o preço original.
- Quem?
- A Cuthbert, no número 101, a loja de bebidas. Mas não há necessidade de fazer qualquer coisa nesse sentido, porque o Sr. Crowther diz que o Sr.

Cuthbert tem procurado vários imóveis em Pimlico, e manter-nos –á informados de quaisquer progressos nesse assunto. Então, poderemos fazer uma oferta sensata, no momento em que Cuthbert se comprometer.

– Bom trabalho de Crowther. A propósito, onde você obtém todas as suas informações? – perguntou o coronel.

Com o Sr. Bales, da papelaria, e o próprio Syd Wrexall.

– Mas eu pensei que você havia dito que Wrexall não estava ajudando muito.

– Não está – disse Charlie –, mas ainda dá a sua opinião sobre qualquer assunto pelo preço de uma caneca, por isso Bob Makins tornou-se freguês assíduo e aprendeu a não se queixar de a caneca não estar bem cheia.

Eu consigo até cópias das atas da Comissão das Lojas antes deles.

O coronel riu.

– E quanto aos leiloeiros no número 1? Ainda estamos de olho neles?

– Evidentemente, coronel. O Sr. Fothergill, o proprietário, teve outro ano mau, continuando a afundar cada vez mais em dívidas. Ele ainda consegue manter-se à tona, mas acho que, finalmente, sucumbirá, durante o próximo ano, o mais tardar no ano seguinte, e eu estarei no cais, pronto para lhe atirar uma boia. Especialmente se Becky achar que está pronta para sair da Sotheby nessa época.

– Ainda estou aprendendo muito – confessou Becky. – Gostaria de ficar lá enquanto puder. Completei um ano nos Velhos Mestres – acrescentou – e estou tentando ser transferida para os Modernos ou Impressionistas, como começaram a chamar esse departamento. Compreenda, acho que ainda preciso adquirir tanta experiência quanto possível até eles descobrirem o que estou fazendo. Vou a todos os leilões que posso, de pratas a livros antigos, mas ficaria mais descansada se deixássemos o número 1 para o mais tarde possível.

– Mas se Fothergill se afundar pela terceira vez, Becky, você será nossa tábua de salvação. Senão, o que aconteceria se a loja fosse posta à venda de repente?

– Acho que me aguentaria, suponho. Já tenho em vista o homem que poderia ser o nosso gerente, Simon Matthews. Ele trabalha na Sotheby há doze anos e está aborrecido por ter sido muitas vezes pretendo. Há também um aprendiz jovem e inteligente que está lá há três anos, e que eu creio que será o melhor da nova geração de leiloeiros. Ele só tem menos dois anos do que o filho do presidente do conselho de administração, por isso acho que viria, de boa vontade, trabalhar conosco.

– Por outro lado, pode ser necessário que Becky fique na Sotheby tanto tempo quanto possível – disse Charlie. – Porque o Sr. Crowther identificou outro problema que teremos de enfrentar num futuro próximo.

– Nomeadamente?

– Na página nove deste relatório, Crowther chama a atenção para o fato de os números 25 a 99, um bloco de trinta e oito apartamentos no meio de Chelsea Terrace, num dos quais Daphne e Becky moram até há alguns anos, poder ser posto à venda dentro em breve. Eles são atualmente propriedade de um fundo de caridade que não está satisfeito com os lucros do seu investimento, e Crowther diz que estão pensando em se desfazer deles. Agora, recordando o nosso plano a longo prazo, talvez fosse sensato comprar o bloco o mais depressa possível, em vez de nos arriscarmos a esperar durante anos, quando teríamos de pagar um preço bem mais elevado ou, pior ainda, nunca conseguir comprá-lo.

– Trinta e oito apartamentos – disse o coronel. – Hum, quanto Crowther pensa que custarão?

– O seu cálculo é de cerca de duas mil libras; atualmente, eles dão um rendimento de apenas duzentas e dez libras por ano e, com

obras e manutenção, provavelmente nem sequer dão lucro. Se o prédio for posto à venda e nós tivermos possibilidade de o comprar, Crowthcr aconselha que, no futuro, só façamos contratos de arrendamento por dez anos e tentemos alugar os apartamentos vazios a pessoal de embaixadas ou visitantes estrangeiros, que não se importam de se mudar de repente.

– Então, o lucro das lojas acabaria por pagar os apartamentos – disse Becky.

– Infelizmente, é isso – disse Charlie. – Mas, com um pouco de sorte, só levaria dois anos, três no máximo, até eu conseguir que dessem lucro. De qualquer modo, se a associação de caridade estiver envolvida, os papéis poderão demorar esse tempo.

– No entanto, lembrando o nosso limite atual de crédito, uma exigência dessas aos nossos recursos pode bem exigir outro almoço com Hadlow – disse o coronel. – Mesmo assim, estou vendo que, se quisermos ficar com os apartamentos, não tenho outra possibilidade. Talvez até tenha oportunidade de encontrar Chubby Duckworth no clube e de lhe dar uma palavrinha. – O

coronel fez uma pausa. – Para fazer justiça a Hadlow, ele também teve algumas boas ideias, que eu acho que merecem que nos debruçemos sobre elas, e, por isso, incluí-as na pauta.

Becky parou de escrever e ergueu os olhos.

– Começo dizendo que Hadlow está extremamente satisfeito com a evolução dos nossos números nos dois primeiros anos, mas, mesmo assim, ele acha que, devido à situação da nossa dívida e também por motivos fiscais, deveríamos deixar de ser uma sociedade e formar uma empresa.

– Por quê? – perguntou Charlie. – Que vantagens teria?

– É a nova lei de finanças que acabou de ser aprovada – explicou Becky. –

Á alteração das leis fiscais pode bem ser utilizada em nosso proveito porque, neste momento, funcionamos como sete negócios diferentes e pagamos impostos dessa forma; se puséssemos todas as nossa lojas numa só empresa, poderíamos deduzir o prejuízo... digamos, da alfaiataria e da loja de ferragens, dos lucros da mercearia e do açougue, e reduzir, assim, os impostos. Poderia ser particularmente proveitoso num ano difícil.

– Isso, para mim, faz sentido – disse Charlie. – Por isso, vamos tocar essa ideia.

– Bem, não é assim tão simples – disse o coronel, colocando o monóculo no seu olho bom. – Para começar, ao nos transformar numa empresa, o Sr.

Hadlow aconselha-nos a nomear diretores novos para cobrir as áreas em que temos atualmente pouca ou nenhuma experiência profissional.

– Por que razão Hadlow acha que devíamos fazer isso? – perguntou Charlie secamente. – Nunca precisamos que ninguém interferisse nos nossos negócios antes.

– Porque estamos crescendo depressa, Charlie. Podemos precisar, no futuro, dos conselhos de outras pessoas que possuem conhecimentos que nós simplesmente não temos. A compra dos apartamentos é um bom exemplo.

– Mas, para isso, temos o Sr. Crowther.

– E ele talvez sentisse maior dedicação à nossa causa se estivesse no conselho de administração. – Charlie franziu o sobrolho. – Eu compreendo como você se sente – continuou o coronel. – É o dono, e acha que não precisa de gente de fora que lhe diga como gerir as

lojas Trumper. Bem, mesmo que formássemos uma empresa, você continuaria ser o dono, porque todas as ações estariam em seu nome e no de Becky, e os bens ficariam totalmente sob o seu controle. Mas você teria a vantagem de ter diretores não executivos a quem pedir conselho.

– E que gastariam o nosso dinheiro e iriam contra as nossas decisões –

disse Charlie. – Eu não gosto nada da ideia de ter gente de fora dizendo o que fazer.

– Não funcionaria necessariamente desse modo – disse Becky.

– Não estou convencido de que dê resultado.

– Charlie, eu queria que você se visse e ouvisse. Está ficando reacionário, oposto ao progresso.

– Talvez devêssemos fazer uma votação – disse o coronel, tentando acalmar os ânimos. – Só para ver a quantas andamos.

– Votar? O quê? Por quê? A loja é minha.

Becky olhou para cima.

– É de nós dois, Charlie, e o coronel já ganhou e muito bem o direito de dar a sua opinião.

– Eu sei, Charlie, mas Becky tem razão. Se quiser atingir os seus objetivos a longo prazo, não há dúvida de que vai precisar da ajuda de pessoas de fora.

Não é possível alcançar um sonho desses sozinho.

– Com interferência de estranhos, é?

– Pense neles como colaboradores conhecidos – disse o coronel.

– Então, o que vamos votar? – perguntou Charlie, um tanto melindrado.

– Bem – começou Becky –, alguém deve propor uma moção no sentido de que nos tornemos uma empresa. Se essa for aprovada, podíamos, então, convidar o coronel para presidente do Conselho de Administração que, por seu lado, poderá nomeá-lo diretor-geral e a mim secretária. Acho que o Sr.

Crowther poderia ser convidado para a administração, juntamente com um representante do banco.

– Estou vendo que já pensou muito no assunto – disse Charlie.

– Essa era a minha parte no negócio, se lembra corretamente do nosso acordo original, Sr. Trumper – respondeu Becky.

– Não somos o Marechal Field, você sabe.

– Ainda não – disse o coronel com um sorriso. – Lembra-se de que foi você, Charlie, quem nos ensinou a pensar assim.

– Eu sabia que a culpa acabaria sendo minha.

– Então, eu proponho uma moção para que formemos uma empresa – disse Becky. Os que são a favor...?

Becky e o coronel levaram as mãos ao ar e, alguns segundos mais tarde, Charlie, relutante, levantou a sua e acrescentou:

– E agora?

– A minha segunda proposta – disse Becky – é que o coronel Sir Danvers Hamilton seja o nosso primeiro presidente.

Dessa vez, a mão de Charlie ergueu-se de imediato.

– Obrigado – disse o coronel. – E o meu primeiro ato como presidente é nomear o Sr. Trumper diretor-geral e a Sra. Trumper secretária da empresa. E, com a sua autorização, convidarei o Sr. Crowther e acho que também o Sr.

Hadlow, para que façam parte da Administração.

– Concordo – disse Becky, que escrevia furiosamente no livro de atas, tentando acompanhar.

– Mais algum assunto? – perguntou o coronel.

– Posso sugerir, Sr. Presidente – disse Becky (o coronel não pôde conter um sorriso) – que marquemos a data para a nossa primeira reunião mensal de todo o conselho de administração?

– Qualquer dia serve para mim – disse Charlie. – Porque, uma coisa é certa, não será possível tê-los todos à volta desta mesa ao mesmo tempo, a não ser, claro, que tencione fazer as reuniões às quatro e meia da manhã. Pelo menos, ficaríamos sabendo quais são os verdadeiros trabalhadores.

O coronel riu.

– Bem, isso é outra maneira de garantir que todas as suas moções sejam aprovadas sem nós sabermos, Charlie. Mas devo avisá-lo de que um não constitui quorum.

– Quorum?

– O numero mínimo de pessoas necessário para aprovar uma moção.

– Isso costumava ser só eu – disse Charlie com tristeza.

– Isso, talvez fosse verdade para o Sr. Marks, antes de se juntar ao Sr.

Spencer – disse o coronel – por isso, vamos marcar a nossa próxima reunião: de hoje a um mês.

Becky e Charlie acenaram com a cabeça, concordando.

– Agora, se não há mais nada a tratar, dou a reunião por encenada.

– Há – disse Becky –, mas acho que essa informação não deve constar da ata.

Becky estendeu o braço e pegou a mão de Charlie.

– Vem em “despesas diversas” – disse ela. – É que vou ter outro bebe.

Dessa vez, Charlie ficou sem fala. Foi o coronel quem perguntou se não havia uma garrafa de champanha à mão.

– Não, não há – disse Becky. – Charlie não me deixa comprar nada na loja de bebida até sermos os donos.

– Muito compreensivelmente – disse o coronel. – Então teremos de ir até a minha casa – acrescentou, levantando-se da sua cadeira e pegando o guarda-chuva. – Assim, Elizabeth poderá festejar conosco. Declaro encerrada a reunião.

Alguns minutos depois, saíram os três de Chelsea Terrace, precisamente quando o carteiro estava entrando na loja. Ao ver Becky, entregou-lhe uma carta.

– Só pode ser de Daphne, com tantos selos – comentou ela, abrindo o envelope e começando a ler o seu conteúdo.

– Então, o que ela tem feito? – perguntou Charlie, enquanto se dirigiam à Tregunter Road.

– Já percorreu a América e a China e, que eu saiba, a Índia e a próxima etapa – informou Becky. – Também engordou três quilos e

conheceu um Sr.

Calvin Coolidge, quem quer que ele seja.

– O vice-presidente dos Estados Unidos – disse Charlie

– É? E esperam estar de volta em agosto, por isso já não vai demorar muito até sabermos tudo em primeira mão. – Becky olhou em volta, descobrindo que apenas o coronel ainda estava a seu lado.

– Onde está Charlie?

– Voltaram-se ambos e o viram olhando uma pequena casa com a tabuleta

“Vende-se” pregada na parede.

Foram até junto dele.

– Que acham? – perguntou ele continuando a olhar o prédio.

– Desconfio, minha querida, de que Charlie está perguntando a sua opinião sobre a casa.

Becky olhou a pequena casa de três andares, com a frente coberta por uma trepadeira.

– É maravilhosa, absolutamente maravilhosa.

– É melhor do que isso – disse Charlie, enfiando os polegares no bolso do colete. – É nossa, e também ideal para um homem com mulher e três filhos que é diretor-geral de uma empresa em expansão em Chelsea.

– Mas nós não temos um segundo filho ainda, quanto mais um terceiro.

– Só estou fazendo planos disse Charlie. – Uma coisa que você me ensinou.

– Mas temos dinheiro para ela?

– Não, claro que não temos – disse ele. – Mas tenho confiança de que o valor das casas vai subir nesta zona, assim que as pessoas virem que há um armazém perto, aonde podem ir a pé. Em todo o caso, agora é tarde, porque deixei um depósito esta manhã. – Enfiou a mão no bolso do casaco e tirou uma chave.

– Mas por que você não me consultou? – perguntou Becky.

– Porque eu sabia que você só ia dizer que não tínhamos dinheiro, como disse com a segunda, terceira, quarta, quinta loja e seguintes.

Dirigiu-se à porta, com Becky ainda um metro atrás dele.

– Mas...

– Deixo os dois conversando – disse o coronel. – Venham a minha casa beber uma taça de champanha assim que acabarem de ver a nova casa.

O coronel prosseguiu pela Tregunter Road abaixo, balançando o guarda-chuva ao sol da manhã, satisfeito consigo próprio e com o mundo, chegando a casa precisamente na hora do primeiro uísque do dia.

Comunicou as notícias a Elizabeth, que fez mais perguntas sobre o bebê e sobre a casa do que sobre a situação atual das contas da empresa ou da nomeação do marido para presidente. Tendo respondido o melhor que pôde, o enroitel pediu no seu criado que colocasse uma garrafa de champanha num balde de gelo. Dirigiu-se depois ao escritório para dar uma vista de olhos na correspondência enquanto esperava a chegada dos Trumbers.

Havia três cartas sobre a secretária: uma conta do alfaiate – o que o fez lembrar as restrições de Becky nesse assunto –, um convite para o Ashburn Shield ater lugar em Bisley, um acontecimento anual que

ele sempre apreciara, e uma carta de Daphne, que ele esperava que simplesmente repetisse as notícias que Becky já lhe dera.

O envelope tinha o timbre de Delhi. O coronel abriu-a com expectativa.

Daphne repetia quanto estava gostando da viagem, mas não mencionava o problema do peso. Em seguida, porém, dizia que tinha algumas notícias perturbadoras sobre Guy Trentham. Escrevia que, quando estiveram em Poona, Percy o havia encontrado uma noite no clube dos oficiais vestido à paisana.

Perdera tanto peso, que o marido mal o reconheceria. Ele informara a Percy de que havia sido forçado a se demitir e de que uma única pessoa era culpada de sua queda: um sargento que mentido sobre ele no passado e que se havia associado a conhecidos criminosos. Guy a firmava que tinha mesmo surpreendido o homem roubando. Quando regressasse à Inglaterra, Trentham tencionava...

A campainha da porta tocou.

– Importa-se de abrir, Danvers? – disse Elizabeth, inclinando-se sobre o corrimão. – Eu estou aqui em cima armando as flores.

O coronel ainda estava furioso quando abriu a porta e viu Charlie e Becky à espera. Ele deve ter parecido surpreso, porque Becky teve de dizer:

– Champanha, presidente. Ou já se esqueceu do meu estado?

– Ah, sim, desculpem. A minha mente estava longe. – O coronel guardou a carta de Daphne no bolso do casaco. – O champanha já deve estar na temperatura certa – acrescentou, conduzindo os convidados para a sala.

– Chegaram dois Trumpers e um quarto – gritou escadas acima, para a mulher.

CAPÍTULO 18

O coronel achava muita graça vendo Charlie passar tanto tempo correndo de loja em loja, tentando manter todos os empregados sob controle, e, ao mesmo tempo, concentrar as suas energias na loja que não estivesse dando lucro. Mas, quaisquer que fossem os problemas que se lhe deparassem, o coronel sabia que Charlie não conseguia resistir a passar um pouco de tempo na loja de frutas, que era a menina de seus olhos. Sem casaco, mangas arregaçadas e sotaque cockney bem cerrado, Bob Makins deixava Charlie fingir, uma hora por dia, que estava de novo na esquina da Whitechapel Road vendendo seus produtos no carrinho de seu avô.

– Duzentos e cinquenta gramas de tomate, um pouco de feijão verde e o seu habitual meio quilo de cenouras, senhora Symonds, se bem lembro.

– Muito obrigada, senhor Trumper. E como está a Sra. Trumper?

– Nunca esteve melhor.

– E quando nasce o bebê?

– O médico pensa que dentro de cerca de três meses.

– Não o vejo trabalhar tanto na loja, hoje em dia.

– Só quando há fregueses importantes, minha querida – disse Charlie. –

Afinal de contas, a senhora foi uma das minhas primeiras freguesas.

– Fui realmente. Então, já assinou a escritura de compra dos apartamentos, senhor Trumper?

Charlie olhou a Sra. Symonds enquanto lhe deu o troco, incapaz de Disfarçar a surpresa.

- Os apartamentos?
- Sim, o senhor sabe, os números 25 a 99.
- Por que pergunta, senhora Symonds?
- Porque o senhor não é a única pessoa a manifestar interesse neles.
- Como é que sabe?
- Eu sei porque, no domingo de manhã, vi um jovem com um molho de chaves à porta do prédio, à espera de um cliente.

Charlie lembrou-se de que os Symonds moravam numa casa em frente à porta principal dos apartamentos.

- E os conheceu?
- Não. Vi um carro parar, mas, nessa hora, meu marido achou que o café da manhã era mais importante do que a minha bisbilhotice, por isso não vi quem saiu.

Charlie continuou olhando a Sra. Symonds quando ela pegou a bolsa, acenou um adeus alegre e saiu da loja.

Apesar da bomba da Sra. Symonds e dos esforços de Syd Wrexall para o impedir, Charlie continuou planejando a sua próxima aquisição. Pela combinação da diligência do major Amold com as informações do Sr. Crowther e os empréstimos do Sr. Hadlow, no fim de julho, Charlie havia comprado mais duas lojas no Terrace – o número 133, roupa de senhoras, e o número 101, bebidas. Na reunião de agosto, Becky recomendou que o major Arnold fosse promovido a subdiretor-geral da empresa, com a incumbência de se manter atento a tudo que se passava em Chelsea Terrace.

Charlie precisava desesperadamente, há algum tempo, de um par extra de olhos e ouvidos e, com Becky ainda trabalhando na Sotheby durante o dia, Arnold tinha começado a desempenhar perfeitamente esse papel. O coronel, encantado, pediu a Becky que anotasse em ata a confirmação da nomeação do major. A reunião mensal continuou sem problemas até que o coronel perguntou

:

– Mais algum assunto?

– Sim – disse Charlie. – Que se passa com os apartamentos?

– Fiz uma proposta de duas mil libras, conforme me foi dito – disse Crowther. – O agente disse que aconselharia seus clientes no sentido de aceitar a oferta, mas até agora não consegui fechar o negócio.

– Por quê? – perguntou Charlie.

– Porque Savill me telefonou essa manhã para me comunicar que tinham recebido outra oferta muito maior do que eu antecipara para esse prédio específico. Eles pensaram que eu talvez desejasse alertar o conselho de administração para essa situação.

– Quanto a isso, tinham razão – disse Charlie. Mas de quanto é a outra oferta? É isso que eu quero saber.

– Duas mil e quinhentas libras – disse Crowther,

Passaram-se alguns minutos antes que alguém na sala desse alguma opinião.

– Como podem eles esperar ter lucro desse tipo de investimento? – perguntou finalmente Hadlow.

– Não podem – disse Crowther.

– Ofereça-lhes três mil libras.

– Que disse? – perguntou o presidente enquanto todos se voltaram para olhar Charlie.

– Mas, Charlie, nós concordamos que duas mil eram um preço suficientemente alto há apenas algumas semanas – fez notar Becky.

– Como é que os apartamentos podem, de repente, valer tanto dinheiro mais?

– Eles valem o que alguém quer pagar por eles – respondeu Charlie.
–

Assim, não temos qualquer opção.

– Mas, Sr. Trumper... – começou Hadlow.

– Se comprarmos o resto do quarteirão, mas não conseguimos pôr a mão nesses apartamentos, tudo aquilo para que tenho trabalhado irá por água abaixo.

Não vou arriscar isso por três mil libras... ou, como eu vejo as coisas, quinhentas.

– Sim, mas será que podemos dispor de quantia tão elevada neste momento? – perguntou o coronel.

– Cinco das lojas estão dando lucro – disse Becky, verificando a sua lista. –

Duas cobrem as despesas, e apenas uma está, de fato, dando prejuízo constante.

– Temos de ter coragem para seguir em frente – disse Charlie. –

Compramos os apartamentos, derrubamos os prédios e depois podemos construir meia dúzia de lojas em seu lugar. Estaremos

tendo lucro num abrir e fechar de olhos.

Crowther concedeu-lhes um minuto para compreender a estratégia de Charlie, depois perguntou:

Então, quais são as instruções da Administração?

Proponho que lhes ofereçamos três mil libras – disse o coronel. – Como disse o Diretor-geral, temos de pensar a longo prazo, mas apenas se o banco achar que nos pode apoiar; o que tem a dizer senhor Hadlow?

Neste momento, podem gastar três mil libras – disse o gerente do banco, verificando os números. – Mas isso atinge o limite de seu crédito.

Também significa que não poderão pensar em comprar mais lojas durante algum tempo.

– Não temos outra escolha – disse Charlie, olhando diretamente para Crowther. – Alguém está interessado nos apartamentos e, nessa altura, não podemos permitir que um concorrente ponha as mãos neles.

– Bem, se são essas as instruções da administração, tentarei fechar o negócio hoje, por três mil libras.

– Creio que é isso exatamente que a Administração gostaria que fizesse –

confirmou o presidente, passando a vista em redor da mesa, – Bem, se não há outro assunto, declaro a reunião encerrada.

Depois de terminada a reunião, o coronel chamou Crowther e Hadlow de parte:

– Não gostei nada desse assunto dos apartamentos, Uma oferta surgida não se sabe de onde precisa de ser mais bem explicada.

– Concordo – disse Crowther. – O meu instinto diz que é Syd Wrexall e a sua comissão das lojas tentando impedir que Charlie tome conta de todo o quarteirão antes que seja tarde.

– Não – disse Charlie, juntando-se a eles. – Não pode ser Syd, porque ele não tem carro – acrescentou misteriosamente. – Em todo Caso, Wrexall e os seus amigos teriam atingido o seu limite muito antes das duas mil e quinhentas libras.

– Pensa, então, que é alguém de fora – perguntou Hadlow – com planos próprios para urbanizar Chelsea Terrace?

– É mais provável que seja um investidor que descobriu o seu plano a longo prazo e não se importa de esperar até não termos outra solução exceto pagar uma fortuna – disse Crowther.

– Não sei quem é nem o que é – disse Charlie. – A única coisa que sei é que tomamos a decisão certa em oferecer mais do que eles.

– De acordo – disse o coronel. – E, Crowther, informe-me assim que fechar o negócio. Agora preciso ir. Vou levar uma senhora muito especial para almoçar no meu clube.

– Alguém conhecido? – perguntou Charlie.

– Daphne Wiltshire.

– Dê-lhe saudades minhas – disse Becky. – Diga-lhe que teremos ambos muito prazer em jantar com eles na próxima quarta-feira.

O coronel tirou o chapéu ao despedir-se de Becky e deixou os seus quatro colegas discutindo as diferentes teorias sobre quem mais poderia estar interessado nos apartamentos.

Porque a reunião do conselho de administração tinha demorado mais tempo do que imaginara, o coronel só conseguiu beber uma dose de uísque antes de Daphne ser conduzida até ele na sala das senhoras. Ela havia, de fato, engordado um pouco, mas ele não achou que lhe ficasse mal.

Mandou o empregado trazer um gim-tônica para a sua convidada, enquanto ela tagarelava sobre a alegria da América e o calor da África, mas ele desconfiou de que era sobre outro continente que Daphne queria, de fato, conversar.

– E a Índia? – acabou ele perguntando.

– Nada bem, infelizmente – disse Daphne, antes de fazer uma pausa para beber um gole do gim-tônica.

– É estranho, eu sempre achei os nativos muito simpáticos – disse o coronel.

– O problema não foi com relação aos nativos – respondeu Daphne.

– Trentham?

– Sim.

– Ele não tinha recebido a sua carta?

– Tinha, sim, mas os acontecimentos já a haviam ultrapassado, coronel.

Quem me dera ter seguido o seu conselho e copiado a sua carta tintim por tintim, avisando-o de que, se alguma vez me perguntassem diretamente, eu teria de dizer que Trentham era o pai de Daniel.

– Por quê? O que a fez mudar de ideia?

Daphne acabou o copo num gole.

– Desculpe, coronel, mas estava precisando. Bem, quando Percy chegou a Poona, a primeira coisa que Ralph Forbes, o comandante do Regimento, lhe disse, foi que Trentham se havia demitido.

– Sim, você contou isso na sua carta. – O coronel pousou a faca e o garfo. –

O que eu quero saber é, por quê?

– Um problema qualquer com a mulher do adjunto, descobriu Percy depois, mas ninguém queria entrar em detalhes. Evidentemente o assunto é tabu, não é o tipo de coisa que se gosta de discutir na divisão dos oficiais.

– O filho da mãe. Se eu...

– Concordo absolutamente, coronel, mas devo avisá-lo que o pior não é isso.

O coronel mandou vir outro gim-tônica para a sua convidada e um uísque puro ele, antes de Daphne prosseguir.

Quando visitei a Ashurst semana passada, o major Trentham mostrou-me a carta que Guy tinha escrito à mãe, explicando a razão pela qual tivera que se demitir dos Fusiliers. Afirmava que isso acontecera porque o senhor havia escrito ao coronel Forbes, informando-o de que Guy fora responsável por engravidar uma “prostituta de Whitechapel”. Eu vi as palavras exatas.

O rosto do coronel estava corado de raiva.

– Embora o tempo tivesse demonstrado conclusivamente que Trumper era o pai da criança. – Em todo o caso, essa é a história que Trentham anda espalhando.

– O homem não tem moral nenhuma?

– Nenhuma, parece – disse Daphne. – E a carta prossegue, sugerindo que Charlie Trumper o contratou como empregado para garantir que o coronel se mantenha calado. “Trinta moedas de prata”, foi a expressão exata que ele usou.

– Ele merece ser chicoteado.

– Até o major Trentham acrescentaria “Apoiado”. Mas o meu maior receio não é pelo senhor nem por Becky, mas pelo próprio Charlie.

– Que quer dizer com isso?

– Antes de partirmos da Índia, Trentham avisou Percy, quando estiveram sozinhos no Overseas Club, que Trumper se arrependeria pelo resto da vida.

– Mas por que culpar Trumper?

– Percy fez a mesma pergunta, e Guy informou-o de que era óbvio que Trumper o havia influenciado, simplesmente para ajustar contas antigas.

– Mas isso não é verdade.

Percy explicou-lhe, mas ele não quis ouvir.

– E, em todo caso, que queria ele dizer com “ajustar contas antigas”?

– Não tenho a menor ideia, exceto que, mais tarde, nessa noite, Guy fez-me muitas perguntas sobre um quadro da Virgem Maria e o Menino.

– Não é aquele que está na sala de Charlie?

– É, e, quando finalmente admiti que o tinha visto, ele parou de falar no assunto.

- O homem deve ter enlouquecido.
- Pareceu-me bastante bem de juízo – disse Daphne.
- Bem, pelo menos demos graças por ele estar na Índia; assim, temos tempo para pensar no que fazer.
- Receio que não tenhamos muito tempo – disse Daphne.
- Como assim?
- O major Trentham disse-me que Guy deve regressar durante o próximo mês.

Após o almoço com Daphne, o coronel regressou a Tregunter Road.

Estava furioso quando o mordomo lhe abriu a porta, mas continuava sem saber o que podia fazer. O mordomo informou-o de que um Sr. Crowther o aguardava no escritório.

- Crowther? Que quererá ele? – resmungou o coronel para si próprio antes de endireitar um quadro da Ilha de Skye que estava pendurado na parede do vestíbulo e de ir para o escritório.
- Boa-tarde, Sr. Presidente – disse Crowther, erguendo-se da cadeira do coronel. – Pediu-me que o informasse assim que eu tivesse notícias sobre os apartamentos.
- Ah, sim, é verdade – disse o coronel. – Fechou o negócio?
- Não, Sr. Presidente. Fiz uma oferta de três mil libras à Savill, de acordo com as instruções, mas recebi um chamado deles uma hora mais tarde informando-me de que os outros tinham subido a oferta para quatro mil.
- Quatro mil – disse o coronel, incrédulo. – Mas quem...?

– Eu disse que nos era impossível igualar essa quantia, e até perguntei discretamente quem era o cliente deles. Informaram-me de que não havia motivo para manter segredo sobre quem representavam. Achei que devia comunicar-lhe imediatamente, Sr. Presidente, uma vez que o nome da Sra.

Gerald Trentham não me diz absolutamente nada.

CHARLIE
TRUMPER

1919 - 1925

CAPÍTULO 19

Sentado sozinho naquele banco no Chelsea Terrace olhando para uma loja com o nome “Trumper” pintado no toldo, mil perguntas me percorreram a mente. Depois, vi a Gorducha Gulosa – ou, para ser exato, pensei que devia ser ela porque, se era, durante a minha ausência, havia se transformado numa mulher. O que acontecera ao peito liso, às pernas fininhas, para não falar no rosto cheio de espinhas? Se não fossem os flamejantes olhos castanhos, eu teria ficado em dúvida.

Entrou diretamente na loja e falou com o homem que agia como se fosse o gerente, Vi-o balançar a cabeça; ela se virou, então, para as duas moças atrás do balcão, que reagiram do mesmo modo. Sacudiu os ombros, antes de se dirigir à caixa registradora, puxando a gaveta e começando a verificar o movimento do dia.

Eu havia estado observando o gerente nas suas tarefas durante mais de uma hora antes de Becky chegar e, devo dizer com toda a justiça, que ele era bastante bom, embora eu já tivesse reparado em várias pequenas coisas que podiam ter sido feitas para aumentar as vendas, uma das quais seria mudar o balcão para o fundo da loja e colocar alguns dos produtos em caixas na calçada, para que os fregueses fossem tentados a comprar. “Tem de se fazer publicidade da mercadoria, sem ficar esperando que as pessoas a vejam”, vovô costumava dizer. No entanto, fiquei pacientemente sentado no banco até os empregados começarem a tirar as coisas das prateleiras, antes de fechar a loja.

Alguns minutos depois, Becky saiu para a calçada e olhou de um lado para o outro da rua, como se estivesse à espera de alguém. Então, o jovem, que tinha agora na mão um cadeado e uma chave, aproximou-se dela e balançou a cabeça na minha direção. Becky olhou para o banco, pela primeira vez.

Quando ela me viu, pus-me de pé e atravessei a rua. Durante algum tempo, nenhum de nós falou. Eu tinha vontade de a abraçar, mas acabamos por apertar as mãos, um tanto formalmente, antes de eu perguntar:

– Então, o que aconteceu?

– Não consegui encontrar ninguém que me fornecesse gratuitamente bolos de creme – disse-me ela, antes de explicar por que tinha vendido a padaria e que agora éramos donos do número 147 de Chelsea Terrace.

Depois de os empregados saírem, ela me mostrou o apartamento. Eu não conseguia acreditar no que via – um banheiro com privada, uma cozinha com louças e talheres, uma sala com cadeiras e uma mesa, e um quarto, para não falar da cama, que não tinha o aspecto de se desconjuntar quando nos sentássemos nela.

Desejei novamente abraçá-la, mas limitei-me a perguntar se ela podia ficar comigo, uma vez que tinha centenas de perguntas a fazer-lhe.

– Desculpe, esta noite não – disse ela, quando eu abri a minha mala e comecei a desfazê-la. – Vou a um conceito com um amigo. – Depois de fazer um comentário sobre o quadro de Tommy, ela sorriu e foi embora... De repente, eu estava novamente sozinho.

Tirei o casaco, arregacei as mangas e fui a loja e, durante várias horas, mudei coisas de um lado para o outro, até tudo ficar exatamente como eu queria. Quando acabei de arrumar a última caixa, estava tão exausto que quase me deixei cair na cama sem trocar de roupa para dormir. Não fechei as cortinas para ter a certeza de acordar as quatro. Vesti-me depressa na manhã seguinte, excitado pela ideia de voltar ao mercado que há dois anos não via. Cheguei poucos minutos antes de Bob Makins que, descobri rapidamente, conhecia bem o local sem, na realidade, saber comprar bem. Vi que levaria alguns dias para saber que comerciantes eram

abastecidos pelos agricultores de maior confiança, quem detinha os verdadeiros contatos com as docas e o porto, quem tinha sempre o melhor preço e, o mais importante, quem nos forneceria quando houvesse grande escassez de algum produto. Nenhum desses problemas parecia preocupar Bob, que passeava pelo mercado num círculo ininterrupto e pouco exigente, pegando a sua mercadoria.

Adorei a loja desde o momento em que abrimos nessa primeira manhã.

Levei algum tempo para habituar-me a que Bob e as moças me tratassem por

“senhor”, mas eles também levaram quase o mesmo tempo para habituarem-se a nova arrumação e a por as caixas na calçada antes de os fregueses acordarem.

No entanto, até mesmo Becky concordou que tinha sido um toque de inspiração colocar a nossa mercadoria bem no nariz dos fregueses potenciais, embora não soubesse bem como as autoridades locais reagiriam.

– Chelsea nunca ouviu falar em vendedores ambulantes?– perguntei-lhe.

Em um mês, eu sabia o nome de todos os fregueses habituais que faziam compras na loja e, em dois, conhecia as suas preferências, aquilo de que não gostavam, as suas paixões e até o capricho ocasional que cada um deles pensava ser exclusivamente seu. Depois de os empregados saírem, ao fim de cada dia, eu atravessava frequentemente a rua e sentava-me no banco em frente observando o movimento de Chelsea Terrace nº 10. Não levei muito tempo para compreender que uma maçã era uma maçã, independentemente de quem a trincasse, e que Chelsea Terrace não era diferente de Whitechapel no que dizia respeito a compreender as necessidades dos fregueses: acho que esse deve ter sido o momento em que pensei em ter uma segunda loja. Porque não? A

loja Trumper era a única em Chelsea Terrace em que havia, regularmente, fila até a rua.

Becky, entretanto, prosseguia os estudos na universidade e continuava a tentar apresentar-me ao cavalheiro seu amigo. Verdade seja dita, eu estava tentando evitar Trentham, uma vez que não tinha qualquer vontade de contatar o homem que acreditava ter matado Tommy.

Acabei por esgotar as desculpas e concordei em jantar com eles.

Quando Becky entrou no restaurante com Daphne e Trentham, desejei nunca ter concordado em passar a noite com eles. O sentimento deve ter sido mútuo, pois no rosto de Trentham transparecia o mesmo ódio que eu sentia por ele, embora a amiga de Becky, Daphne, tentasse ser simpática. Ela era uma moça bonita, e não me surpreenderia que muitos homens gostassem da sua gargalhada alegre. Mas louras de olhos azuis e cabelo encaracolado nunca foram o meu tipo. Para manter as aparências, fingi que eu e Trentham nunca nos tínhamos visto antes.

Passei uma das noites mais infelizes da minha vida, querendo contar a Becky tudo sobre o filho da mãe, mas consciente, quando os vi juntos, de que nada que eu dissesse teria alguma influência nela. Não ajudou nada quando Becky me lançou um olhar mal-humorado sem qualquer motivo. Limitei-me a baixar a cabeça e a comer mais ervilhas.

,A companheira de Becky, Daphne Harcourt-Browne, continuou a fazer o possível, mas nem mesmo Charlie Chaplin teria conseguido fazer um de nós três sorrir.

Pouco depois da onze, pedi a conta, e, um minuto mais tarde, saímos todos do restaurante. Deixei Becky e Trentham irem na frente, na esperança de conseguir escapar, mas Daphne colou em mim, dizendo que queria saber que alterações eu havia feito na loja.

Pela sua primeira pergunta quando abri a porta, vi que ela havia percebido tudo.

– Está apaixonado por Becky, não está? – perguntou ela diretamente.

– Estou – respondi sem tentar disfarçar e revelei-lhe os meus sentimentos de um modo que nunca teria feito a alguém que conhecesse bem.

A sua segunda pergunta surpreendeu-me ainda mais.

– E há quanto tempo conhece Guy Trentham?

Enquanto subimos as escadas para o meu pequeno apartamento, contei-lhe que tínhamos estado juntos na Frente Ocidental, mas, devido à diferença de posto, os nossos caminhos raramente se haviam cruzado.

– Então, por que é que o detesta tanto? – perguntou Daphne, depois de se sentar à minha frente.

Hesitei de novo, mas, num assomo de raiva incontrolada, contei-lhe o que acontecera a Tommy e a mim quando estávamos tentando alcançar a segurança das nossas linhas, e como estava convencido de que Guy Trentham havia matado o meu melhor amigo.

Quando acabei, ficamos em silêncio durante algum tempo, antes de eu acrescentar:

– Becky nunca deve saber o que eu lhe disse, porque não tenho provas.

Ela fez um sinal de assentimento com a cabeça e falou-me sobre o único homem de sua vida, como se trocasse um segredo por outro para cimentar a nossa amizade. Seu amor pelo homem era tão transparente que não pude deixar de me comover. E quando Daphne

foi embora, por volta da meia-noite, ela prometeu que faria tudo ao seu alcance para apressar o fenecimento de Guy Trentham. Lembrome de ela usara palavra fenecimento, porque tive de perguntar o que significava. Disse-me, e recebi, assim, a minha primeira aula com a advertência de que Becky levava vantagem sobre mim, uma vez que não desperdiçara os últimos dez anos.

A minha segunda lição foi descobrir por que motivo Becky me olhara zangada tantas vezes durante o jantar. Eu podia ter protestado pelo seu atrevimento, mas reconheci que ela tinha razão.

Estive com Daphne muitas vezes durante os meses seguintes, sem Becky saber qual era a nossa verdadeira relação. Ela me ensinou muito sobre o mundo dos meus fregueses e até me levou a lojas de roupas, cinemas e teatros do West End que não tinham dançarinas no palco, mas de que gostei, mesmo assim. Só empaquei quando ela tentou que eu deixasse de passar as tardes de sábado vendo a West Ham, para assistir a uma equipe de rúgbi chamada Quins. No entanto, foi quando me levou à National Gallery com os seus cinco mil quadros, que teve início uma paixão que se tornaria tão dispendiosa quanto uma mulher. Foi apenas uns meses antes de eu a arrastar para ver as últimas exposições: Renoir, Manet e até mesmo um jovem espanhol chamado Picasso que começava a atrair as atenções da sociedade londrina. Comecei a ter esperança de que Becky reparasse na mudança em mim, mas os seus olhos nunca se afastavam do capitão Trentham.

Devido a insistência de Daphne, comecei a ler dois jornais diários. Ela escolheu o *Daile Express* e *News Chroniche* e, ocasionalmente, quando me convidava para Lowndes Square, eu até lia uma das suas revistas, *Punch* ou *Strand*.

Comecei a descobrir quem era quem e quem fazia o quê, e a quem. Até fui pela primeira vez à Sotheby e vi um *Constable* ser leiloadado pelo preço recorde de novecentos guinéus. Era mais dinheiro do que valiam a loja Trumper e todo o seu conteúdo juntos.

Confesso que nem aquela magnífica paisagem, nem qualquer outro quadro que encontrei numa galeria de arte ou num leiloeiro se podiam comparar como meu orgulho no quadro de Tommy da Virgem Maria e o Menino que estava pendurado sobre a minha cama.

Quando, em janeiro de 1920, Becky apresentou a contabilidade do primeiro ano, comecei a ter consciência de que a minha ambição de ter uma segunda loja já não era necessariamente um sonho. Depois, de repente, dois locais foram postos à venda no mesmo mês. Disse imediatamente a Becky que ela tinha de arranjar o dinheiro para os comprar.

Daphne avisou-me mais tarde, em segredo, de que Becky estava tendo dificuldades em conseguir o dinheiro necessário, e eu, embora nada dissesse, esperava que ela me confessasse que não era mesmo possível, sobretudo porque sua mente parecia estar quase completamente ocupada com Trentham e com o fato de ele estar prestes a ser deslocado para a Índia. Quando Becky anunciou, no dia em que ele partiu, que tinham ficado oficialmente noivos, eu podia ter cortado o pescoço dele – e depois o meu –, mas Daphne garantiu-me que havia várias jovens em Londres que tinham, em vários momentos, tido a ilusão de que iam casar em breve com Guy Trentham. No entanto, Becky tinha tanta certeza das intenções de Trentham, que eu não sabia em qual das duas acreditar.

Na semana seguinte, o meu antigo comandante apareceu na loja com uma lista de compras da mulher. Nunca me esquecerei do momento em que ele tirou um porta moedas do bolso do casaco à procura de troco. Até então, nunca me havia ocorrido que um coronel pudesse, de fato, viver no mundo real. No entanto, antes de ir embora, ele prometeu reservar-me dois bilhetes de dez xelins para o baile do regimento e cumpriu a palavra.

A minha euforia – outra palavra Harcourt-Browne – de ter encontrado outra vez o coronel durou cerca de vinte e quatro horas.

Depois, Daphne disse-me que Becky estava grávida. A minha primeira reação foi desejar ter morto Trentham na Frente Ocidental, em vez de ajudar a salvar a vida do imbecil.

Presumi que ele iria regressar imediatamente da Índia para casar com ela antes de a criança nascer. Detestei a ideia de ele voltar às nossas vidas, mas tive de concordar com o coronel em que era a única coisa que um cavalheiro poderia fazer; caso contrário, Becky seria marginalizada para o resto da vida.

Foi nessa ocasião que Daphne explicou que, se quiséssemos arranjar dinheiro nos bancos, então precisávamos decididamente de um testa de ferro. O

sexo de Becky militava – outra das palavras de Daphne – agora contra ela, embora ela fosse suficientemente amável para não mencionar que o meu sotaque “militava” contra mim.

No regresso a casa depois do baile do regimento, Becky informou Daphne de que havia decidido que o coronel era o homem Óbvio para nos representar quando tivéssemos de ir de chapéu na mão pedir um empréstimo a um dos bancos. Eu não estava muito otimista, mas Becky insistiu, depois da conversa com a mulher do coronel, em que pelo menos fossemos visitá-lo e expor o nosso caso.

Concordei e, para minha surpresa, recebi uma carta dez dias depois, dizendo que ele era o nosso homem.

Alguns dias depois, Becky admitiu que fosse ter um filho. A partir desse momento, o meu maior interesse foi descobrir que notícias Becky tinha das intenções de Trentham. Fiquei horrorizado quando descobri que ela nem sequer havia escrito dando-lhe a notícia, embora estivesse grávida de quase quatro meses. Fiz com que ela jurasse que enviaria uma carta naquela mesma noite, mesmo que ela se recusasse a ameaça-lo com uma ação por quebra de

compromisso. No dia seguinte, Daphne assegurou-me que tinha visto, pela janela da cozinha, Becky pôr a carta no correio.

Marquei um encontro com o coronel e informei-o do estado de Becky antes de todos saberem. Ele disse algo misterioso como "Deixe Trentham comigo".

Seis semanas depois, Becky disse-me que ainda não tinha tido notícias dele, e eu pressenti, pela primeira vez, que os seus sentimentos por ele estavam morrendo.

Eu até a havia pedido em casamento, mas ela não levou o meu pedido a sério, embora eu nunca tivesse sido mais sincero em toda a minha vida. Fiquei acordado durante a noite, tentando imaginar o que poderia fazer para que ela sentisse que eu a merecia.

A medida que as semanas passavam, eu e Daphne começamos a tomar cada vez mais conta de Becky, que se parecia cada vez mais com uma baleia.

Continuava sem notícias da Índia, mas, muito antes do bebê nascer, havia deixado de falar nele.

Logo na primeira vez que vi Daniel tive vontade de ser o seu pai e fiquei muito feliz quando Becky disse que esperava que eu ainda a amasse.

Esperava que a amasse!

Casamo-nos uma semana depois, e o coronel, Bob Makins e Daphne concordaram em ser padrinhos.

No verão seguinte, Daphne e Percy casaram também, não no registro civil de Chelsea, mas na Igreja de St. Margaret, Westminster. Tentei vera Sra.

Trentham, só para saber como ela era, mas, depois, lembrei-me de que Percy me havia dito que ela não tinha sido convidada.

Daniel cresceu rapidamente, e fiquei emocionado por uma das primeiras palavras que ele repetia frequentemente ser papai. Apesar disso, perguntava a mim próprio dentro de quanto tempo teríamos que contar a verdade a ele.

“Bastardo” é uma palavra muito cruel para que uma criança tenha de viver com ela.

– Não temos de nos preocupar com isso durante algum tempo – insistia Becky, mas isso não impedia que eu receasse o que acabaria por acontecer se nos mantivéssemos silenciosos sobre o assunto durante muito tempo. Afinal de contas, algumas pessoas do Terrace já conheciam a verdade.

Sal escreveu de Toronto para me dar os parabéns e para me informar de que não ia ter mais filhos. Duas gêmeas – Maureen e Babs – e dois meninos –

David e Rex – pareciam ser suficientes, mesmo para uma boa católica. O

marido, escreveu ela, tinha sido promovido a vendedor da E. P. Taylor, por isso, parecia que a vida deles ia bem. Nas suas cartas, ela não falava da Inglaterra, nem de qualquer desejo de voltar ao país onde nascera. Como as suas recordações deviam ser de três pessoas dormindo numa cama, um pai bêbado e nunca haver comida suficiente para repetir, eu não a podia levar a mal.

Ela me repreendia seguidamente por permitir que Grace fosse melhor correspondente do que eu. Eu não podia utilizar o trabalho como desculpa, acrescentava, uma vez que ser chefe de enfermaria num hospital-escola deixava à minha irmã ainda menos tempo do que eu tinha. Depois de Becky ter lido a carta e concordado com um aceno da cabeça, fiz um esforço maior nos meses seguintes.

Kitty fazia visitas periódicas a Chelsea Terrace, mas unicamente com o objetivo de me sugar mais dinheiro, tendo exigências cada vez maiores. No entanto, ela se certificava sempre de que Becky não estava por perto quando aparecia. As quantias que exigia, embora exorbitantes, eram sempre possíveis.

Supliquei a Kitty que arranjasse um emprego, até lhe ofereci um, mas ela explicou simplesmente que ela e o trabalho não se davam bem. As nossas conversas raramente duravam mais de alguns minutos, porque, assim que eu lhe entregava o dinheiro, ela ia embora imediatamente. Compreendi que, a cada loja que abria, seria cada vez mais difícil convencer Kitty de que ela devia tomar juízo e, quando eu e Becky nos mudamos para a nova casa na Gilston Road, suas visitas só se tornaram mais frequentes.

Apesar dos esforços de Syd Wrexall para impedir a minha ambição de comprar todas as lojas postas à venda no Terrace – consegui ficar com sete, antes de encontrar um verdadeiro obstáculo –, eu agora estava de olho nos números 25 a 99, um bloco de apartamentos que tencionava comprar sem Wrexall descobrir, para não falar no meu desejo de por as mãos no número 1 de Chelsea Terrace, que, dada a sua localização na rua, continuava a ser crucial para o meu plano a longo prazo de possuir todo o quarteirão.

Durante 1922, tudo parecia correr bem e comecei a desejar que Daphne voltasse da lua de mel para lhe contar exatamente o que eu fizera durante a sua ausência.

Na semana após o seu regresso, Daphne convidou-nos para jantar na sua nova casa, em Eaton Square. Eu estava ansioso por ouvir as suas notícias, sabendo que ela ficaria impressionada ao saber que agora tínhamos nove lojas, uma casa nova na Gilston Road e, a qualquer momento, iríamos acrescentar um bloco de apartamentos ao patrimônio Trumper. Sabia que pergunta ela me faria assim que eu entrasse na sua casa, por isso tinha a resposta pronta: “Vai

custar mais dez anos para ser dono de todo o quarteirão, desde que possa garantir que não haverá inundações, peste ou guerra”.

Imediatamente antes de eu e Becky partirmos para o jantar de reencontro, um envelope foi enfiado pela abertura para o correio na porta de Gilston Road, número 11.

Mesmo com ela ainda no tapete, reconheci logo a letra. Abri-a e comecei a ler as palavras do coronel. Quando acabei, senti-me subitamente mal e me perguntei por que razão quereria ele se demitir.

CAPÍTULO 20

Charlie ficou parado no vestíbulo, sozinho, e decidiu não mencionar a carta do coronel a Becky antes de voltarem a casa, após o jantar com Daphne.

Há tanto tempo Becky aguardava ansiosamente a ocasião, e ele receava que a demissão inexplicada do coronel estragasse o resto da noite.

– Sente-se bem, querido? – perguntou Becky do alto da escada. – Está pálido...

– Estou ótimo – disse Charlie, enfiando, nervoso, a carta no bolso interno do casaco. – Vamos, senão nos atrasamos. – Charlie reparou que ela usava vestido cor-de-rosa com um laço na frente. Lembrou-se de ter ajudado a escolhê-lo. – Está deslumbrante – disse-lhe. – Daphne vai ficar verde de inveja desse vestido.

– Você também não está nada mal.

– Quando visto uma casaca sinto-me sempre um garçom do Ritz – admitiu Charlie, enquanto Becky lhe endireitava a gravata branca.

– Como é que você sabe, se nunca foi ao Ritz? – perguntou ela, rindo

– Pelo menos, desta vez a roupa veio da minha própria loja – respondeu Charlie, enquanto abria a porta da frente para a mulher sair.

– Ah, mas já pagou a conta?

No caminho para Eaton Square, Charlie teve dificuldade em se concentrar na conversa da mulher, tentando imaginar por que motivo queria o coronel demitir-se, exatamente quando tudo ia tão bem.

– Então o que você acha? – perguntou Becky.

– O que você achar melhor – começou Charlie.

– Você não ouviu uma única palavra do que eu disse desde que saímos de casa, Charlie Trumper. E pensar que estamos casados há menos de dois anos.

– Desculpe – disse Charlie, estacionando o pequeno Austin Seven atrás do Silver Ghost que estava em frente ao número 14 de Eaton Square. – Não me incomodaria de morar aqui acrescentou Charlie, abrindo a porta do carro para Becky.

– Ainda não sugeriu Becky.

– Por que não?

– Tenho a sensação de que o Sr. Hadlow não autorizaria o empréstimo necessário.

Um mordomo abriu-lhes a porta, quando ainda estavam no penúltimo degrau:

– Também não me importava de ter um mordomo – disse Charlie.

– Comporte-se – disse Becky.

– Com certeza – disse ele. – Ficarei no meu lugar.

O mordomo conduziu-os à sala, onde encontraram Daphne tomando um martini seco.

– Meus queridos – disse ela.

Becky correu para ela e a abraçou, não sem alguma dificuldade.

– Por que você não me disse? – perguntou Becky.

– É o meu pequeno segredo. – Daphne acariciou a barriga. – Mesmo assim, você está mais adiantada do que eu como sempre.

– Não muito – disse Becky. – Para quando o seu está previsto?

– O Dr. Gould prevê para janeiro. Clarence, se for menino, Clarissa, se for menina.

Os convidados riram.

– Não se atrevam a rir. São os nomes dos antepassados de Percy mais famosos – disse-lhes ela, no momento em que o marido entrou na sala.

– É verdade – confirmou Percy. – Embora... raios me partam se lembro o que eles fizeram.

– É bom ter vocês de volta – disse Charlie, apertando-lhe a mão.

– Obrigado, Charlie – disse Percy, depois beijou Becky em ambas as faces

-- Eu também estou muito contente por voltar a ver você. – Um criado deu-lhe um uísque com soda. – Agora, Becky, conte-me tudo o que tem feito, e não se esqueça de nenhum detalhe.

Sentaram-se no sofá, enquanto Daphne foi para junto de Charlie, que andava lentamente num círculo à volta da sala, examinando os enormes retratos pendurados em todas as paredes.

– Os antepassados de Percy – disse Daphne. – Todos pintados por artistas de segunda. Trocaria todos eles por aquele quadro da Virgem Maria que você tem na sala.

– Este você não trocaria – disse Charlie parando em frente da segunda Marquesa de Wiltshire.

– Ah, sim, o Holbein – disse Daphne. – Tem razão. Mas, desde então, receio que tenha sido só decadência.

– Eu não saberia dizer, Vossa Senhoria – disse Charlie com um sorriso.

– Compreenda, os meus antepassados não gostavam muito de retratos.

Pensando bem, não creio que muitos vendedores ambulantes do East End tivessem feito muitas encomendas a Holbein. Daphne riu.

– Isso me faz lembrar... Charlie, o que aconteceu com seu sotaque cockney?

– De que estava à espera, marquesa, meio quilo de tomates e meia toranja ou apenas ir a uma festa?

– Assim está melhor. Não pode permitir que algumas aulas noturnas lhe subam à cabeça.

– Chiii – disse Charlie, olhando a mulher, sentada no sofá. – Becky ainda não sabe e eu não vou dizer nada até...

– Estou vendo – disse Daphne. – E prometo-lhe que de mim ela não vai saber nada. Nem sequer contei a Percy. – Olhou para Becky, que

ainda estava conversando com o marido. – A propósito, quanto tempo...?

– Segundo meu cálculo, dez anos – disse Charlie, dando a resposta que tinha preparado.

– Oh, eu pensei que essas coisas geralmente levavam nove meses – disse Daphne. – A não ser que se trate de um elefante.

Charlie sorriu reconhecendo o seu erro.

– Julgo que mais dois meses. Tommy, se for menino, e Debbie, se for menina. Por isso, com um pouco de sorte, esperemos que o que Becky tiver seja o companheiro ideal para Clarence ou Clarissa.

– Uma boa ideia, mas, pelo rumo que o mundo está tomando – disse Daphne –, não me surpreenderia que o meu acabe sendo caixeiro numa loja.

Apesar de Daphne o bombardear com perguntas, Charlie não conseguiu tirar os olhos do Holbein. Daphne conseguiu convencê-lo a afastar-se, dizendo:

– Venha, Charlie, vamos comer qualquer coisa. Agora parece que estou sempre com fome.

Percy e Becky levantaram-se e seguiram Daphne e Charlie em direção à sala de jantar.

Daphne conduziu seus convidados por um longo corredor, para outra sala que era exatamente do mesmo tamanho e proporção que aquela onde tinham estado.

Os seis quadros em tamanho natural que estavam nas paredes eram todos de Reynolds.

– E, aqui, apenas a feia e da família – garantiu-lhes Percy, sentando-se a um extremo da mesa e indicando uma dama esguia e cinzenta pendurada na parede atrás dele. E teria sido muito difícil apanhar um Wiltshire, se não tivesse vindo acompanhada de um dote extremamente bom.

Sentaram-se à mesa que havia sido posta para quatro, mas onde se poderiam sentar oito à vontade, e começaram a saborear um jantar com quatro pratos que teria sido mais do que suficiente para dezesseis. Criados de libre estavam atrás de cada uma das cadeiras, para assegurar que o menor desejo fosse satisfeito.

– Todas as boas casas devem ter um – murmurou Charlie para a mulher, no outro lado da mesa.

A conversa ao jantar deu oportunidade aos quatro de se atualizar sobre tudo o que acontecera no ano anterior. Depois de o segundo café ter sido servido, Daphne e Becky deixaram os dois homens fumando charuto, e Charlie não pôde deixar de pensar que era como se os Wiltshires nunca tivessem estado fora.

– Ainda bem que as garotas nos deixaram sozinhos – disse Percy – pois acho que há um assunto desagradável sobre o qual devemos falar.

Charlie fumava o seu primeiro charuto, indagando-se como seria sofrer assim todos os dias.

– Quando eu e Daphne estivemos na Índia – prosseguiu Percy –

encontramos aquele patife do Trentham. – Charlie tossiu quando o fumo entrou pelo canal errado e começou a prestar mais atenção à medida que o seu anfitrião lhe relatou a conversa que tinha tido com Trentham. – A ameaça de que ele o pegaria... acontecesse o que acontecesse, podia ser só fanfarronice, claro – disse Percy –, mas Daphne acha que é melhor você saber exatamente o que se passa.

– Mas que posso eu fazer? – Charlie bateu uma longa coluna de cinza num cinzeiro prata que tinha sido colocado à sua frente a tempo.

– Não muito, creio – disse Percy. – Exceto lembrar-se de que um homem prevenido vale por dois. Ele deve regressar a Inglaterra a qualquer momento, e a mãe dele diz a todos que ainda perguntam, que foi oferecido a Guy um lugar tão bom na City, que ele sacrificou de bom grado a sua carreira. Acho que ninguém acredita nela e, de qualquer modo, a maior parte das pessoas decentes pensa que a City é o lugar certo para gente como Trentham.

– Acha que devo contar a Becky?

– Não, não acho – disse Percy. – De fato, eu nunca contei a Daphne o meu segundo encontro com Trentham no Overseas Club. Por isso, por que razão vamos perturbar Becky com pormenores? Pelo que ouvi esta noite, ela já tem coisas suficientes com que se preocupar.

– Para não falar no fato de estar prestes a dar à luz.

– Exatamente – disse Percy. – Por isso, vamos deixar as coisas como estão, por enquanto. Agora, podemos nos reunir com as senhoras?

Bebendo um brandy em outra sala guarnecida com antepassados, incluindo um pequeno retrato a óleo do belo príncipe Carlos, Becky escutou Daphne descrever os americanos, que ela adorava, mas achava que nunca lhes deveria ter sido dada a independência; os africanos, que ela considerava amorosos, mas a quem devia ser dada a independência assim que fosse conveniente; e os indianos, que, segundo ela, estavam ansiosos por se tornar independentes, de acordo com o homenzinho que chegava continuamente à Government House embrulhado numa toalha de mesa.

– Refere-se a Ghandi? – perguntou Charlie fumando o seu charuto com mais convicção. – Eu o acho uma figura impressionante.

Durante o caminho de regresso a Gilston Road, Becky tagarelou alegremente, contando todos os mexericos que tinha ouvido de Daphne.

Tomou-se óbvio para Charlie que as duas não haviam tocado no assunto Trentham ou na ameaça que ele atualmente constituía.

Charlie teve uma noite agitada, em parte por ter comido e bebido demais, mas, sobretudo, porque a sua mente vagueava entre os motivos pelos quais o coronel queria demitir-se e o problema que teria de ser enfrentado com o regresso iminente de Trentham.

Às quatro horas da manhã, levantou-se e vestiu a roupa mais velha que tinha antes de partir para o mercado, algo que ainda tentava fazer pelo menos uma vez por semana, convencido de que não havia ninguém na loja Trumper que conhecesse o mercado tão bem quanto ele, até que, bastante recentemente.

Um comerciante chamado Ned Denning conseguiu lhe vender algumas caixas de abacates demasiado maduros, tendo, no dia seguinte, obrigado Charlie a comprar uma caixa de laranjas que ele não queria. Charlie decidiu levantar-se muito cedo no terceiro dia para ver se tirava o homem do emprego de uma vez por todas.

Na segunda-feira seguinte, Ned Denning foi trabalhar para a empresa Trumper, como o primeiro gerente da mercearia.

Charlie teve uma boa manhã, abastecendo-se para os números 131 e 147, e Bob Makins chegou uma hora depois para conduzir Ned e ele de regresso a Chelsea Terrace na camioneta recentemente adquirida. Quando chegaram à loja, Charlie ajudou a descarregar e a dispor a mercadoria, antes de regressar a casa para o café da manhã, alguns minutos depois das sete. Achou que ainda era um pouco cedo para telefonar ao coronel.

A cozinheira fez-lhe ovos com bacon para o desjejum, que tomou com Daniel e a ama. Becky não comeu com eles, pois ainda não se

recompusera totalmente dos efeitos do jantar de Daphne.

Charlie passou a maior parte da refeição tentando responder com satisfação à série infindável de perguntas soltas de Daniel, até que a ama pegou a criança contrafeita e a levou de novo para cima, para o quarto dos brinquedos.

Charlie levantou a tampa do relógio para ver as horas. Embora ainda faltassem alguns minutos para as oito, ele achou que não podia esperar mais tempo, por isso foi até o vestíbulo, pegou o telefone, tirou o escutador do gancho e pediu à telefonista que ligasse para a Flaxman, 172. Alguns minutos depois, a ligação foi feita.

– Posso falar com o coronel?

– Um momento, senhor Trumper – foi a resposta. Charlie achou graça; nunca conseguiria disfarçar o seu sotaque ao telefone.

– Bom-dia, Charlie – ouviu outro sotaque que também era imediatamente reconhecível.

– Gostaria de saber se posso ir falar com o senhor, coronel? -

perguntou Charlie.

– Certamente – disse o coronel. – Mas pode vir depois das dez, amigo? A essa hora Elizabeth já terá saído para visitar a irmã, em Camden Hill.

– Estarei aí às dez em ponto – prometeu Charlie. Depois de ter posto o telefone de novo no gancho, decidiu ocupar as duas horas dando uma volta completa pelas lojas. Pela segunda vez nessa manhã e ainda antes de Becky se levantar, ele se dirigiu a Chelsea Terrace.

Charlie foi buscar o major Arnold na loja de ferragens, antes de verificar as nove lojas. Quando passou pelo bloco de apartamentos,

começou a explicar pormenorizadamente ao seu subdiretor os seus planos para substituir o prédio por seis novas lojas.

Depois de saírem do número 129, Charlie confidenciou a Arnold que estava preocupado com a loja de bebidas, que acreditava não estar rendendo o suficiente. Isso sucedia apesar de poder agora tirar partido do novo serviço de entregas que havia sido introduzido, a princípio, apenas para a frutaria. Charlie tinha orgulho de a sua ser uma das primeiras lojas de Londres a aceitar encomendas pelo telefone, entregando a mercadoria no mesmo dia aos fregueses que tinham conta. Fora outra ideia que ele havia copiado dos americanos e, quanto mais lia sobre os seus colegas nos Estados Unidos, mais vontade tinha de visitar aquele país e ver pessoalmente como as coisas funcionavam.

Recordava-se ainda do seu primeiro serviço de entregas, quando havia utilizado o carrinho do avô como transporte e Kitty como encarregada das entregas. Agora ele tinha uma elegante camioneta azul de três cavalos com as palavras "Trumper, o comerciante honesto, fundado em 1823" escritas em letras douradas em ambos os lados.

Parou na esquina de Chelsea Terrace, olhou para a loja que sempre dominaria Chelsea com a sua enorme janela arredondada e a grande porta dupla. Ele sabia que devia estar quase na época certa para oferecer ao Sr.

Fothergill um cheque substancial para cobrir as dívidas do leiloeiro; um antigo empregado do número 1 havia garantido recentemente a Charlie que devia mais de duas mil libras ao banco.

Charlie entrou no número 1 para pagar uma conta muito menor e perguntou à moça atrás do balcão se já tinham acabado de colocar uma nova moldura na Virgem Maria e o Menino, que devia estar pronta em três semanas.

Ele não protestou contra a demora, uma vez que lhe dava mais uma desculpa para percorrer com os olhos a loja. O papel estava descolando da parede na recepção, e só havia uma empregada no balcão, o que sugeriu a Charlie que os salários semanais não deveriam estar sendo pagos.

O Sr. Fothergill apareceu com o quadro na sua nova moldura dourada e entregou a pequena moldura a óleo a Charlie.

– Obrigado – disse Charlie, e examinou novamente as pinceladas vermelhas e azuis que formavam a pintura, sentindo como tinha tido saudades dela.

– Quanto é que isto valerá? – perguntou ele casualmente a Fothergill quando lhe entregou uma nota de dez xelins.

– Algumas libras, no máximo – disse o perito levando a mão ao laço

– Afinal de contas, encontraram-se, por toda a Europa, inúmeros exemplos sobre o assunto, da autoria de artistas desconhecidos.

– Talvez – disse Charlie, olhando o relógio e enfiando o recibo no bolso.

Tinha tempo suficiente para um passeio descontraído por Princess Gardens até a casa do coronel, esperando chegar alguns minutos antes da dez.

Desejou um bom dia ao Sr. Fothergill e saiu.

Embora ainda fosse cedo, as calçadas de Chelsea estavam já apinhadas de gente, e Charlie tirou o chapéu a vários fregueses conhecidos.

– Bom-dia, senhor Trumper.

– Bom-dia, senhora Symonds – disse Charlie enquanto atravessava a rua para encurtar caminho pelo jardim.

Começou a tentar compor mentalmente o que diria ao coronel quando descobrisse a razão pela qual o presidente achara necessário apresentar seu pedido de demissão. Qualquer que fosse o motivo, Charlie estava decidido a não perder o velho soldado. Fechou o portão do parque e começou a andar ao longo do atalho.

Deu passagem a uma senhora empurrando um carrinho de bebê e fez, por brincadeira, continência a um velho soldado sentado num banco enrolando um cigarro. Depois de atravessar um pequeno canteiro de relva, entrou na Gilston Road, fechando o portão.

Charlie continuou a andar em direção à Tregunter Road e começou a apressar o passo. Sorriu quando passou em frente à sua casinha, esquecendo-se completamente de que tinha o quadro debaixo do braço, ainda preocupado com o motivo da demissão do coronel.

Charlie voltou-se imediatamente quando ouviu um grito e uma porta bater atrás de si, mais por reflexo do que devido a um genuíno desejo de ver o que se passava. Estancou imediatamente quando viu uma figura desgrenhada sair para a calçada e depois começar a correr na sua direção.

Charlie pareceu ficar hipnotizado à medida que a figura de vagabundo se aproximava cada vez mais, até o homem parar subitamente a um pouco mais de um metro à sua frente. Durante alguns segundos, os dois homens ficaram olhando um para o outro sem dizer palavra. Se era vagabundo ou cavalheiro, não era possível saber pelo rosto meio obscurecido pela barba por fazer. E, depois, ao reconhecimento seguiu-se rapidamente a incredulidade.

Charlie não podia acreditar que a figura desmazelada, com a barba por fazer, que estava na sua frente com um velho sobretudo do Exército e um chapéu amarrotado fosse o mesmo homem que ele

vira pela primeira vez numa estação de Edimburgo quase cinco anos antes.

A recordação de Charlie desse momento seria a dos três círculos limpos nas duas dragonas do sobretudo de Trentham, das quais as três riscas de capitão deviam ter sido recentemente retiradas.

Trentham baixou os olhos ao fitar o quadro durante um segundo e, depois, subitamente, sem aviso, pulou sobre Charlie, pegando-o de surpresa, e arrancou-lhe o embrulho. Virou-se e começou a correr rua abaixo, na direção de que tinha vindo. Charlie partiu imediatamente em perseguição e começou rapidamente a ganhar terreno sobre o atacante, a quem o sobretudo pesado atrapalhava e que, ao mesmo tempo, tinha de segurar o quadro.

Charlie estava a menos de um metro do seu alvo e prestes a atirar-se à cintura de Trentham quando ouviu um segundo grito. Hesitou por um momento quando compreendeu que o grito de desespero tinha vindo da sua própria casa.

Viu logo que não havia outra opção exceto deixar Trentham fugir com o quadro. enquanto mudava de direção e subia as escadas do número 17.

Irrompeu na sala e encontrou a cozinheira e a ama debruçadas sobre Becky, deitada no sofá, gritando de dor.

Os olhos de Becky iluminaram-se quando viu Charlie.

– O bebê vai nascer – foi tudo o que disse.

– Levante-a com cuidado – disse Charlie a cozinheira – e ajude-me a leva-la para o carro.

Os dois transportaram Becky para fora de casa e pela calçada, enquanto a ama corria à sua frente para abrir a porta do carro, a fim de que a pudessem colocar no banco de trás. Charlie olhou a

mulher. O rosto dela havia perdido a cor, e os olhos estavam vidrados. Pareceu perder os sentidos quando ele fechou a porta do carro.

Charlie pulou para a frente do carro e gritou para a cozinheira, que já estava girando a manivela para pôr o motor trabalhando.

– Telefone à minha irmã no Guy’s Hospital e diga-lhe que estamos indo. E

diga-lhe que se preparem para uma emergência.

O motor cuspiu e começou a trabalhar, a cozinheira pulou para o lado, e Charlie conduziu o carro para o meio da estrada, tentando manter um ritmo seguro à medida que evitava pedestres, bicicletas, bondes, cavalos e outros carros, enquanto fazia as mudanças na sua viagem para o sul, em direção ao Tamisa.

Virava a cabeça de poucos em poucos minutos a fim de observar a mulher, não tendo sequer a certeza de que ela estivesse viva.

– Que vivam os dois – gritou ele com toda força.

Prosseguiu pelo Embankment abaixo o mais depressa que pôde, tocando a buzina e gritando varias vezes para as pessoas que atravessavam ocasionalmente a rua, desconhecendo o seu drama. Quando atravessava a Soulhwark Bridge, ouviu Becky gemer pela primeira vez.

– Estamos quase chegando, minha querida – prometeu ele –
Aguente mais um pouco.

Depois de passar a ponte, virou na primeira rua a esquerda e manteve a velocidade até que viu os grandes portões de ferro do Guy’s Hospital. Quando entrou no pátio e deu a volta ao canteiro circular, viu Grace e dois homens de batas brancas compridas à

espera, com uma maca ao lado. Charlie parou o carro quase em cima dos seus pés.

Os dois homens ergueram Becky suavemente e a colocaram na maca antes de a levar rapidamente rampa acima e portas adentro. Charlie saltou do carro e seguiu ao lado da maca segurando a mão de Becky, enquanto subiam um lance de escadas, com Grace correndo a seu lado e explicando que o Dr. Armitage, o chefe da obstetrícia do hospital, estava à espera deles numa sala de operações no primeiro andar.

Quando Charlie chegou à porta da sala de operações, Becky já estava lá dentro. Deixaram-no sozinho no corredor. Começou a andar de um lado para o outro, alheio aos que se movimentavam a sua volta, atarefados com o seu trabalho.

Grace veio vê-lo alguns minutos depois para o tranquilizar, dizendo-lhe que o Dr. Armitage tinha tudo sob controle e que Becky não podia estar em melhores mãos. Apertou a mão do irmão, depois desapareceu novamente na sala de operações. Charlie continuou a andar de um lado para o outro, pensando apenas na mulher e no primeiro filho de ambos, a visão de Trentham não sendo mais que uma mancha nebulosa. Ele rezava por um menino, Tommy, que fosse um irmão para Daniel e, talvez, um dia tomasse conta das lojas Trumper.

“Queira Deus que Becky não tenha muitas dores quando der a luz.”

Andava de um lado para o outro do comprido corredor de paredes verdes, murmurando, novamente consciente de quanto a amava. '

Passou-se uma hora até que o homem alto e forte abriu as portas, seguido por Grace. Charlie voltou-se para eles, mas o cirurgião tinha uma máscara no rosto, Charlie não pôde saber como a operação tinha corrido. O Dr. Armitage tirou a máscara: a expressão do seu rosto respondeu à oração muda de Charlie.

– Consegui salvar a vida de sua mulher – disse ele -, mas, lamento, senhor Trumper, nada consegui fazer pela sua filha, que já nasceu morta.

Durante vários dias após a operação, Becky não saiu do seu quarto no hospital.

Grace disse depois a Charlie que, embora o Dr. Armitage tivesse salvo a vida de sua mulher, ela poderia levar semanas para se recompor, especialmente desde de que lhe fora explicado que não poderia ter outro filho sem correr risco de vida.

Charlie visitava-a todos os dias, de manhã e à noite mas passaram-se mais de duas semanas até ela poder contar que Guy Trentham tinha forçado a entrada na casa deles e havia ameaçado matá-la se ela não dissesse onde estava o quadro.

– Mas por quê? Não consigo compreender por quê!

– O quadro já apareceu?

– Até agora não há sinal dele – respondeu, no momento em que Daphne entrou com uma enorme cesta de frutas. Beijou Becky no rosto antes de confirmar que as frutas tinham sido compradas na loja Trumper nessa manhã.

Becky conseguiu sorrir enquanto trincava um pêssigo. Daphne sentou-se nos pés da cama e começou imediatamente a contar as últimas novidades.

Disse-lhes, depois de uma de suas visitas periódicas aos Trenthams que Guy havia desaparecido e ido para a Austrália, e que a mãe afirmava que ele nunca tinha posto os pés na Inglaterra, e que viajara diretamente da Índia para Sydney.

– Passando pela Gilston Road – disse Charlie.

– Não é o que a polícia pensa – disse Daphne. Estão convencidos de que ele saiu da Inglaterra em 1920 e não têm qualquer prova de que tenha voltado.

– Bem, nós certamente nada vamos esclarecer – disse Charlie, segurando a mão da mulher.

– Por que não? – perguntou Daphne.

– Porque até considero a Austrália suficientemente longe para Trentham ter de se aguentar sozinho; em todo caso, não ganhamos nada em persegui-lo agora. Se os australianos lhe derem corda o suficiente, tenho certeza de que acabará se enforcando.

– Mas por que a Austrália?

– A Sra. Trentham anda dizendo a todos que a queiram escutar que ofereceram a Guy sociedade num corretor de gado... um cargo muito bom para ser recusado, mesmo que tenha significado renunciar à sua carreira militar. O

vigário é a única pessoa que eu sei que acredita nessa história.

Mas nem mesmo Daphne sabia dizer por que razão Trentham estava tão interessado no pequeno quadro a óleo.

O coronel e Elizabeth também visitaram Becky várias vezes e, como ele falava constantemente do futuro da empresa e não se referiu uma única vez à sua carta de demissão, Charlie não lhe falou sobre o assunto.

Foi Crowther quem esclareceu Charlie sobre quem havia comprado os apartamentos.

Seis semanas mais tarde, Charlie levou a mulher no carro para Gilston Road – a uma velocidade mais calma –, tendo o Dr. Armitage sugerido que ela tivesse um mês de descanso antes de voltar ao

trabalho. Charlie prometeu ao cirurgião que não permitiria que Becky mexesse uma palha até achar que ela se havia restabelecido completamente.

Na manhã em que Becky regressou a casa, Charlie deixou-a recostada na cama com um livro e voltou para Chelsea Terrace, onde se dirigiu diretamente à joalheria que comprara durante a ausência da mulher.

Charlie demorou algum tempo escolhendo um colar de pérolas, uma pulseira de ouro e um relógio, que depois mandou enviar a Grace, à chefe da enfermaria e à enfermeira que havia tomado conta de Becky durante a sua estada no hospital. A sua parada seguinte foi na mercearia, onde pediu a Bob que preparasse uma cesta com a melhor fruta, enquanto escolheu pessoalmente uma garrafa de vinho de reserva do nº 101 para o acompanhar.

– Mande-os ao Dr. Armitage, em Cadogan Square, nº 7, Londres SW1, com os meus cumprimentos – acrescentou.

– É para já – disse Bob. – Mais alguma coisa?

– Sim, quero que faça uma encomenda igual todas as segundas-feiras durante o resto da vida dele.

Foi cerca de um mês depois, em novembro de 1922, que Charlie soube dos problemas que Arnold tinha com a simples tarefa de substituir uma empregada.

De fato, selecionar empregados tomara-se uma das maiores dores de cabeças de Arnold, ultimamente, porque, para cada vaga que surgia, havia entre cinquenta a cem pessoas que se candidatavam a preenchê-la. Arnold organizava depois uma pequena lista, uma vez que Charlie insistia em entrevistar os candidatos definitivos, antes de empregar alguém.

Nessa manhã, Arnold já havia considerado algumas moças para o cargo de vendedora da loja de flores, depois que uma das mais antigas empregadas da firma se aposentara.

– Embora já tenha uma lista de apenas três para o cargo – disse Arnold –, achei que você estaria interessado numa das candidatas que rejeitei. Ela não parecia ter as qualificações necessárias para esse trabalho específico. No entanto...

Charlie olhou para a folha de papel que Arnold lhe deu.

– Joan Moore. Por que haveria eu...? – começou Charlie, enquanto os seus olhos percorriam a ficha de identificação.

– Ah, sim. Você é muito observador, Tom. – Leu mais algumas linhas.

– Mas eu não preciso de uma... bem, por outro lado, talvez precise.
–

Ergueu os olhos. – Marque um encontro com a Srta. Moore durante a próxima semana.

Na quinta-feira seguinte, Charlie entrevistou Joan Moore durante mais de uma hora na sua casa, em Gilston Road, e a sua primeira impressão foi de uma moça alegre, com boas maneiras, ainda que um tanto imatura.

No entanto, antes de lhe oferecer o emprego como criada particular da Sra.

Trumper, ele ainda tinha algumas perguntas que queria ver respondidas.

– Candidatou-se a esse emprego porque sabia da relação entre minha mulher e a sua antiga patroa? – perguntou Charlie.

A moça olhou-o diretamente nos olhos:

- Sim, senhor, foi isso.
- E foi despedida pela sua antiga patroa?
- Não exatamente, mas, quando fui embora, ela se recusou a dar um referências.
- Que razão ela alegou para isso?
- Eu estava namorando um criado sem informar o mordomo, que toma conta da casa.
- E ainda namora o criado?

A moça hesitou.

- Namoro sim, senhor – disse ela. – O senhor compreende, esperamos casar assim que tivermos poupado o suficiente.
- Bom – disse Charlie. – Então, apresente-se ao serviço na próxima segunda-feira de manhã. O Sr. Arnold tratará de tudo.

Quando Charlie lhe disse que havia contratado uma criada de quarto para ela, Becky, a princípio, riu, depois perguntou:

- E para que eu quero uma dessas?

Charlie disse-lhe exatamente por que ela queria “uma dessas”. E quando acabou, tudo o que Becky disse foi:

- Você é um safado, Charlie!

Foi na reunião do conselho de administração de fevereiro de 1924 que Crowther informou os colegas de que o nº 1 de Chelsea Terrace poderia ser posto à venda mais cedo do que fora imaginado.

- Por quê? – perguntou Charlie, com alguma ansiedade.
- A sua previsão de que Fothergill iria à falência dentro de dois anos está parecendo profética.
- Então, quanto é que ele quer?
- Não é tão simples assim.
- Por que não?
- Porque ele decidiu leiloar o prédio, ele próprio.
- Leiloá-lo? – perguntou Becky.
- Sim – disse Crowther. – Desse modo, não terá de pagar comissão a um agente.
- Estou entendendo. Então, quanto pensa que o prédio alcançará? – perguntou o coronel.
- Não é fácil responder a essa pergunta – respondeu Crowther. – É quatro vezes o tamanho de qualquer outra loja no Terrace, tem cinco andares e ainda é maior do que o bar de Syd Wrexall, na outra esquina. Também tem a maior fachada de qualquer loja de Chelsea e uma estrada dupla na esquina que dá para a Fulham Road. Por todas essas razões, não é simples calcular o seu valor
- Mesmo assim seria possível calcular uma quantia? – perguntou o presidente
- Se me obrigasse, eu diria algo em torno de dois mil, mas pode chegar a três, se mais alguém manifestar interesse.
- E o estoque? – perguntou Becky. – Sabe o que vai acontecer?
- Sim, vai ser vendido juntamente com o prédio.

- E quanto vale? – perguntou Charlie. – Aproximadamente?
 - Isso é mais com o departamento da Sra. Trumper do que com o meu, acho eu – disse Crowther.
 - Já não é tão bom – disse Becky. – Muitas das melhores obras de Fothergill já passaram pela Sotheby, e desconfio de que a Christie também já viu uma quantidade idêntica neste último ano. No entanto, penso que o que resta deverá alcançar cerca de mil libras em leilão.
 - Então, o valor do prédio e do estoque juntos parece ser cerca de três mil libras – sugeriu Hadlow.
 - Mas o nº 1 será vendido por muito mais do que isso – disse Charlie.
 - Por quê? – inquiriu Hadlow.
 - Porque a Sra. Trentham estará entre os licitantes.
 - Como pode ter tanta certeza? – perguntou o presidente.
 - Porque a nossa criada de quarto namora o criado dela.
- O resto do conselho de administração riu, mas tudo o que o presidente disse foi:
- Outra vez, não. Primeiro os apartamentos, agora isso. Quando irá acabar?
 - Desconfio que só depois de ela estar morta e enterrada – disse Charlie.
 - Talvez nem mesmo então – disse Becky.
 - Se se refere ao filho – disse o coronel –, duvido de que ele cause muitos problemas a dezoito mil quilômetros de distância. Mas,

quanto à mãe, o inferno não conhece ira igual – disse ele de mau humor.

– Mal citado – disse Charlie.

– O quê? – perguntou o presidente.

– Perdoe-me, coronel, mas as palavras são: “O céu não conhece ira como a do amor em ódio transformado, nem o Inferno uma fúria como a de uma mulher desprezada.”

O coronel continuou de boca aberta, mas ficou sem fala.

– No entanto – prosseguiu Charlie –, o importante é saber qual o limite da licitação pelo nº 1 que a administração me permite?

– Eu creio que, dadas as circunstâncias, talvez seja necessário ir até cinco mil – disse Becky.

– Mais. não – disse Hadlow, estudando o balancete à sua frente

– Talvez um acima? – sugeriu Becky.

– Desculpe, mas não compreendo – disse Hadlow. – Que significa “um acima”?

– Os lances nunca vão até a quantia exata que se calcula, senhor Hadlow.

A maior parte das pessoas que vai a um leilão tem geralmente um número em mente que termina sempre em números redondos, por isso, se se for um acima desse número, muitas vezes, consegue-se ficar com tudo.

Até mesmo Charlie acenou com a cabeça, enquanto Hadlow disse, com admiração:

– Então, concordo com um acima.

– Posso sugerir – disse o coronel – que seja a Sra. Trumper a fazer a licitação, porque com a sua experiência...

– Isso é muito gentil de sua parte, coronel, mas, mesmo assim, preciso do auxílio de meu marido – disse Becky com um sorriso. – E, na realidade, bem vistas as coisas, de toda a administração. Compreenda, eu fiz um plano. –

Prosseguiu, contando aos colegas o que tinha em mente.

– Vai ser divertido – disse o coronel quando ela terminou. – Mas poderei assistir?

– Oh, sim – respondeu Becky. – Devem estar todos presentes e, com exceção de mim e Charlie, devem estar todos sentados em silêncio, na fila imediatamente atrás da Sra. Trentham, alguns minutos antes do leilão começar.

– Raio de mulher – disse o coronel, antes de acrescentar apressadamente –, peço desculpas.

– É verdade. Porém, mais importante do que tudo, não nos devemos esquecer de ela também é amadora – acrescentou Becky.

– Qual é a importância dessa afirmação? – perguntou Hadlow.

– Por vezes, os amadores deixam-se entusiasmar pela ocasião e, quando isso acontece, os profissionais não têm qualquer oportunidade, porque o amador acaba muitas vezes por fazer um lance demasiado alto. Temos de nos lembrar de que esse talvez seja o primeiro leilão de que a Sra. Trentham faz uma licitação ou, mesmo, a que assiste e, como ela quer o prédio tanto quanto nós e tem a vantagem de ter maiores recursos, teremos de ganhar pela astúcia. –

Ninguém pareceu discordar dessa afirmação.

Depois da reunião do conselho de administração, Becky reviu com Charlie em maiores detalhes, o seu plano para o leilão, e até o fez assistir a um leilão na Sotherby uma manhã, com instruções para licitar três peças de prata holandesa.

Seguiu as instruções da mulher e acabou com um pote de mostarda georgiano que nunca pretendeu comparar.

– É a melhor maneira de aprender – garantiu-lhe Becky. – Dê graças por não ter licitado um Rembrandt.

Ao jantar, nessa noite, ela continuou a explicar a Charlie as sutilezas dos leilões, em muito mais pormenores do que tinha feito com a administração.

Charlie ficou sabendo que havia sinais diferentes que podia fazer ao leiloeiro, de modo a que os rivais não soubessem que estava ainda licitando e, ao mesmo tempo, podia descobrir quem estava licitando contra ele.

– Mas a Sra. Trentham certamente vai ver você – disse Charlie, depois de ter coitado uma fatia de pão para a mulher. – Afinal de contas, nessa altura, só estarão vocês duas licitando.

– Não, se você já a tiver transtornado antes de eu entrar na luta – disse Becky.

– Mas a administração concordou que você...

– Que eu podia fazer um lance acima de cinco mil.

– Mas...

– Não há mas nem meio mas, Charlie – disse Becky, servindo mais ensopadinho de vitela ao marido. – No dia do leilão, quero você bem vestido, com o seu melhor terno e sentado na sétima fila, com ar

satisfeito. Então, vai licitar ostentadamente até um acima de três mil libras. Quando a Sra.

Trentham fizer a licitação seguinte, como sem dúvida fará, você se levanta e sai da sala, com ar derrotado, enquanto eu prossigo a licitação na sua ausência.

– Nada mau – disse Charlie, espetando o garfo em algumas ervilhas.

– Mas, certamente, a Sra. Trentham vai descobrir exatamente as suas intenções.

– Não vai – disse Becky – porque terei combinado um código com o leiloeiro que ela nunca conseguirá ver, quanto mais decifrar.

– Mas será que eu vou compreender?

– Vai, sim – disse Becky –, porque vai saber exatamente o que eu estou fazendo quando usar a manobra dos óculos.

– A manobra dos óculos? Mas você nem sequer usa óculos.

– Usarei no dia do leilão e, quando os puser, você saberá que estou licitando. Se os tirar, é porque parei de licitar. Assim, quando sair da sala, tudo o que o leiloeiro vai ver ao olhar na minha direção, é que ainda estou de óculos

. A Sra. Trentham pensará que você foi embora e ficará, penso eu, bastante satisfeita por deixar outra pessoa licitar, desde que esteja confiante que não seja em seu nome.

– Você é uma joia, senhora Trumper– disse Charlie, erguendo-se para tirar a mesa. – Mas se ela perceber você falando com o leiloeiro ou, pior ainda descobrir o seu código, mesmo antes de o Sr. Fothergill chamar o primeiro lance?

– Não consegue – disse Becky. – Combinarei o código com Fothergill apenas uns minutos antes de o leilão começar. Em todo o caso, será nesse momento que você fará a sua entrada em estilo e alguns segundos apenas depois de os outros membros da administração se terem sentados atrás da Sra.

Trentham; por isso. com um pouco de sorte, ela estará tão distraída com tudo que se passa a sua volta que nem sequer reparara em mim.

– Casei corri uma mulher muito esperta – disse Charlie.

– Você nunca o admitiu quando estávamos na escola primária da Jubilee Street.

Na manhã do leilão, Charlie confessou durante o café que estava muito nervoso, apesar de Becky parecer extraordinariamente calma, especialmente depois de Joan haver informado a patroa de que o criado tinha ouvido da cozinheira que a Sra. Trentham tinha posto um limite de quatro mil libras a sua licitação.

– Gostaria de saber... – disse Charlie.

– Se ela disse isso à cozinheira para nos confundir? – disse Becky.

– É possível. Afinal de contas, ela é tão manhosa como você. Mas desde que compramos o nosso plano... e lembre-se de que todo mundo, ate mesmo a Sra. Trentham, tem um limite... ainda poderemos ganhar.

O leilão estava anunciado para começar às dez da manha. Vinte minutos antes da hora marcada para o início da licitação, a Sra. Trentham entrou na sala e avançou pelo corredor do centro com ar imponente. Sentou-se no meio da terceira fila e colocou a bolsa numa cadeira e um catálogo na outra, para ter certeza de que ninguém se sentaria ao seu lado. O coronel e os seus dois colegas entraram na sala quase cheia às nove e cinquenta e, conforme lhes

fora dito, sentaram-se nas cadeiras imediatamente atrás de sua adversária. Sra.

Trentham não pareceu mostrar interesse pela sua presença. Cinco minutos depois. Charlie entrou. Avançou pelo corredor do meio, tirou o chapéu para uma senhora que reconheceu, apertou a mão de um dos seus fregueses habituais e sentou e finalmente na sétima fila. Continuou a conversar em voz alta como vizinho do lado sobre campeonato de críquete na Austrália, explicando mais uma vez que não era da família do grande jogador australiano com o mesmo nome. O ponteiro dos minutos do relógio atrás do banco do leiloeiro movia-se lentamente em direção à hora marcada.

Embora a sala não fosse muito maior do que o vestíbulo de Daphne, em Eaton Square, tinham conseguido enfiar lá dentro mais de cem cadeiras de diferentes formas e tamanhos. As paredes estavam cobertas com um tecido verde-desbotado que exibia ainda marcas de ganchos onde, no passado, deviam ter estado pendurados quadros, e o carpete estava tão gasto, que Charlie conseguia ver o soalho em alguns lugares. Começou a pensar que o custo de colocar o nº 1 no nível que ele exigia para todas as lojas Trumper ia ser maior do que de início supusera.

Olhando em volta, ele calculou que havia, agora, mais de setenta pessoas sentadas e se perguntou quantos não tinham qualquer interesse em licitar, mas tinham vindo simplesmente para ver a disputa entre os Trumbers e a Sra.

Trentham.

Syd Wrexall, como representante da Comissão das Lojas, estava na fila da frente, os braços cruzados, tentando manter um ar composto e ocupando quase duas cadeiras com seu corpanzil. Charlie desconfiava de que ele não iria além do segundo ou do terceiro lance. Viu imediatamente a Sra. Trentham sentada na terceira fila, o olhar fixo no relógio.

Então, quando faltavam dois minutos, Becky entrou discretamente.

Charlie estava sentado na ponta da cadeira, determinado a seguir as instruções à risca. Levantou-se do seu lugar e dirigiu-se com ar decidido à saída. Dessa vez, a Sra. Trentham olhou em volta para observar o que Charlie estava fazendo. Ele tirou outra nota de venda do fundo da sala de modo inocente, depois regressou ao seu lugar em passo calmo, parando para conversar com outro comerciante que tirara obviamente uma hora de folga para presenciar os acontecimentos.

Quando Charlie voltou ao seu lugar, não olhou na direção da mulher, que ele sabia que devia estar escondida no fundo da sala. Nem olhou para a Sra.

Trentham, embora sentisse os olhos dela fixos nele.

Quando o relógio marcou dez horas, o Sr. Fothergill – um homem alto e magro, com uma flor na lapela e sem um único cabelo dos seus caracóis brancos fora do lugar – subiu os quatro degraus do estrado de madeira circular.

Charlie achou-o com um aspecto imponente, ao domina-los do alto.

Assim que se compôs, colocou a mão na beira do banco, sorriu para o público que enchia a sala, pegou o martelo e disse:

– Bom dia, minhas senhoras e meus senhores. – Um silêncio invadiu a sala. – Esta é a venda de um prédio conhecido como o nº 1 de Chelsea Terrace, com os seus mobiliário e estoque, que têm estado expostos ao público nas últimas duas semanas. Quem licitar mais deverá fazer um depósito de dez por cento imediatamente após o leilão, e finalizar a transação dentro de noventa dias. Essas são as condições que constam da nota de venda, e repito-as apenas para que não haja equívocos.

O Sr. Fothergill pigarreou, e Charlie sentia o coração bater cada vez mais forte. Viu o coronel fechar o punho quando Becky tirou os Óculos da bolsa e os colocou no colo.

– O lance de abertura é de mil libras – Fothergill disse ao público silencioso, grande parte do qual estava de pé num lado da sala ou encostada à parede, pois não havia mais cadeiras vagas Charlie mantinha os olhos fixos no leiloeiro. O Sr. Fothergill sorriu na direção do Sr. Wrexall, cujos braços continuavam cruzados numa atitude de determinação.

– Quem dá mais que mil?

– Mil e quinhentos – disse Charlie, em tom um pouco alto demais. Os que não estavam envolvidos na trama se voltaram para ver quem tinha feito o lance.

Alguns se voltaram depois para os seus vizinhos e começaram a cochichar alto.

– Mil e quinhentos – disse o leiloeiro. – Quem dá dois mil? – O Sr. Wrexall descruzou os braços e levantou a mão, como uma criança na escola, decidida a mostrar que sabia a resposta de uma pergunta do professor.

– Dois mil e quinhentos – disse Charlie, mesmo antes de Wrexall ter baixado a mão.

– Dois mil e quinhentos no meio da sala. Quem dá três mil?

A mão do Sr. Wrexall levantou-se uns centímetros do joelho, depois baixou. Uma ruga funda formou-se-lhe na testa.

– Quem dá três mil? – perguntou o Sr. Fothergill pela segunda vez.

Charlie não acreditava na sua sorte. Ia conseguir o nº 1 por dois mil e quinhentos. Cada segundo parecia um minuto, enquanto esperava

que o martelo baixasse.

– Ouvi alguém na sala dar três mil? – perguntou o Sr. Fothergill, parecendo um pouco decepcionado.

– Então, estou oferecendo o nº 1 do Chelsea Terrace por duas mil e quinhentas libras uma. . . – Charlie conteve a respiração. – Duas. – O leiloeiro começou a erguer o martelo...

– três mil libras – anunciou o Sr. Fothergill com um audível suspiro de alívio, enquanto a mão enluvada da Sra. Trentham voltava para o seu colo.

-- Três mil e quinhentas – disse Charlie, e o Sr. Fothergill sorriu na sua direção mas, assim que olhou de novo para a Sra. Trentham, ela acenou com a cabeça, concordando com a pergunta do leiloeiro sobre quatro mil libras.

Charlie deixou passar um minuto ou dois antes de se levantar, endireitar a gravata, e, com ar sisudo, passar pelo meio da sala e sair para a rua. Não viu Becky pôr os óculos, nem o olhar de triunfo que perpassou o rosto da Sra.

Trentham.

– Alguém dá quatro mil e quinhentas libras? – perguntou o leiloeiro C.

apenas com um olhar para onde Becky estava sentada, disse:

– Dá.

Fothergill voltou-se para a Sra. Trentham e perguntou:

– Cinco mil libras, minha senhora? – Os olhos dela percorreram rapidamente a sala, mas tomou-se óbvio a todos que ela não conseguia saber de onde tinha vindo a última licitação. Os

murmúrios transformaram-se em conversa, enquanto todos na sala de leilões iniciavam o jogo de procurar o licitante. Apenas Becky, segura na sua cadeira da última fila, não moveu um músculo.

– Então, é cinco mil e quinhentas uma vez – disse o Sr. Fothergill. – Cinco mil e quinhentas, duas – Becky apertou os lábios para não sorrir. – e pela terceira e última vez – disse ele, erguendo o martelo.

– Seis mil – disse a Sra. Trentham com voz clara, acenando a mão ao mesmo tempo. Um murmúrio de admiração percorreu a sala. Becky tirou os óculos com um suspiro, compreendendo que o plano, tão cuidadosamente preparado, havia falhado, embora a Sra. Trentham fosse obrigada a pagar o triplo do preço que qualquer loja no Terrace havia alcançado até então.

Os olhos do leiloeiro voltaram até o fundo da sala, mas os óculos estavam agora bem seguros na mão de Becky, por isso ele transferiu o seu olhar novamente para a Sra. Trentham, sentada de costas bem retas, com um sorriso de satisfação no rosto.

– Seis mil uma vez – disse o leiloeiro, os seus olhos percorrendo a sala.

– Seis mil duas e, se não há mais lances, seis mil três. – O martelo foi novamente erguido.

– Sete mil libras – disse uma voz vinda do fundo da sala. Todos se voltaram para ver que Charlie havia regressado e estava agora no corredor, com a mão direita no ar.

O coronel olhou em volta e, quando viu quem era o novo licitante, começou a transpirar, algo que não gostava de fazer em público. Tirou um lenço no Bolso superior e limpou a testa.

– Tenho um lance de sete mil libras – disse um surpreso Sr. Fothergill.

– Oito mil – disse a Sra. Trentham, olhando diretamente para Charlie com ar beligerante.

– Nove mil – replicou Charlie em voz alta.

A conversa na sala tomou-se rapidamente um burburinho. Becky teve vontade de se levantar e empurrar o marido de novo para a rua.

– Silêncio, por favor – disse Fothergill. – Silêncio! – pediu ele, quase gritando. O coronel ainda enxugava a testa. A boca do Sr. Crowther estava suficientemente aberta para apanhar qualquer mosca que passasse, e a cabeça do Sr. Hadlow estava firmemente enterrada nas mãos.

– Dez mil – disse a Sra. Trentham que, Becky via, estava, como Charlie, totalmente descontrolada.

O leiloeiro perguntou:

– Alguém dá onze mil?

Charlie tinha um ar preocupado no rosto, mas simplesmente franziu a testa, balançou a cabeça e meteu as mãos de novo no bolso.

Becky sorriu de alívio, e, afastando as mãos, voltou a pôr os óculos com nervosismo.

– Onze mil – disse o Sr. Fothergill, olhando para Becky, enquanto se estabeleceu novamente um pandemônio quando ela se levantou para protestar, tendo tirado rapidamente os óculos. Charlie parecia completamente confundido.

Os olhos da Sra. Trentham pousaram agora em Becky, que ela tinha finalmente localizado. Com um sorriso de satisfação, a Sra. Trentham afirmou:

– Doze mil libras.

O leiloeiro olhou para Becky, que tinha colocado os óculos na bolsa e apertado fecho. Olhou para Charlie, cujas mãos permaneciam firmes nos bolsos.

– A licitação está em doze mil libras. Alguém dá mais? – perguntou o leiloeiro. Mais uma vez os seus olhos foram de Becky para Charlie, antes de regressar à Sra. Trentham. – Então, doze mil uma vez – olhou mais uma vez em redor – duas e três. – O martelo desceu com uma pancada. – O prédio é vendido por doze mil libras à Sra. Gerald Trentham.

Becky correu para a porta, mas Charlie já estava lá fora, na calçada.

– Qual era o seu plano, Charlie? – perguntou ela, ainda antes de chegar junto dele.

– Eu sabia que ela iria licitar até dez mil libras – replicou Charlie –, porque essa é a quantia que ainda tem no banco.

– Mas como você pode saber isso?

– O criado da Sra. Trentham deu-me essa informação esta manhã. A propósito, ele vem trabalhar para nós, como mordomo.

Nesse momento, o presidente saiu para a calçada.

– Devo dizer, Rebecca, que o seu plano foi brilhante. Enganou-me completamente.

– A mim também – disse Charlie.

– Você correu enorme risco, Charlie Trumper – disse Becky, não tencionando deixar o marido em paz tão facilmente.

– Talvez, mas pelo menos eu sabia qual era o limite dela. Mas não fazia ideia de qual era o seu plano.

– Foi um erro genuíno – disse Becky. – Quando voltei a pôr os óculos... De que está rindo, Charlie Trumper?

– Demos graças pelos genuínos amadores.

– Que quer dizer com isso?

– A Sra. Trentham pensou que você estava realmente licitando e foi enganada, por isso deu um lance grande demais. De fato, ela não foi a única que se deixou levar pela ocasião. Até começo a ter pena...

– Da Sra. Trentham?

– Claro que não – disse Charlie. – Do Sr. Fothergill. Ele vai passar noventa dias no céu, antes de baixar à terra com um violento baque.

SRA.
TRENTHAN

1919 - 1927

CAPÍTULO 22

Não acredito que alguém me pudesse descrever como esnobe. Acredito, porém, que a máxima “Um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar” se aplica igualmente bem aos seres humanos.

Nasci em Yorkshire, no auge do império vitoriano, e posso dizer com segurança que, durante esse período, minha família desempenhou papel considerável na história da nossa ilha.

Meu pai, Sir Raymond Hardcastle, não só foi inventor e industrial de grande imaginação e habilidade, como também construiu uma das companhias mais prósperas do país. Ao mesmo tempo, ele tratava os seus empregados como se fizessem parte da família, e, de fato, esse exemplo dado por ele, sempre que lidava com os menos afortunados, tem sido a referência pela qual tenho tentado conduzir minha vida.

Não tenho irmãos; apenas uma irmã mais velha, Amy. Embora houvesse apenas alguns anos entre nós, não posso fingir que fôssemos particularmente amigas, talvez porque eu fosse uma criança extrovertida e viva, enquanto ela era tímida e reservada, a ponto de se retrair, particularmente quando estava em contato com membros do sexo oposto. Eu e meu pai tentamos arranjar-lhe um marido adequado, mas essa acabou sendo uma tarefa impossível, e até ele desistiu quando Amy completou quarenta anos. Em vez disso, ela ocupava utilmente o tempo, desde a morte prematura de minha mãe, tomando conta de meu amado pai na sua velhice – esse arranjo, devo acrescentar, servia-nos a ambas admiravelmente.

Eu, por outro lado, não tive qualquer problema em arranjar marido. Se me lembro corretamente, Gerald foi o quarto ou mesmo o quinto pretendente que levou um joelho no chão para pedir a minha mão em casamento. Eu e Gerald nos encontramos pela primeira vez quando fui convidada para a casa de campo de Lorde e Lady Fanshaw em Norfolk. Os Fanshaws eram velhos amigos de meu pai e

eu saia como seu filho mais novo, Anthony, há algum tempo. Mas fui avisada de que ele não iria herdar a terra ou o título do pai, por isso pareceu-me que havia pouco interesse em deixar que o jovem acalentasse qualquer esperança de uma relação duradoura.

Se me lembro, meu pai não ficou muito satisfeito com o meu comportamento e até me repreendeu, mas, como tentei explicar-lhe, embora Gerald não fosse o mais belo dos meus pretendentes, ele tinha a grande vantagem de ser oriundo de uma família que cultivava terrenos que abrangiam três municípios, para não falar numa propriedade em Aberdeen.

Casamos na igreja de St. Mary, Great Ashton, em julho de 1895, e o nosso primeiro filho, Guy, foi concebido um ano depois; é bom que decorra um período de tempo razoável antes de o primeiro filho vir ao mundo, para que não haja, assim, motivo para mexericos.

Meu pai sempre tratou a mim e a minha irmã do mesmo modo, embora me fosse muitas vezes dado a acreditar que eu era a sua preferida. Se não fosse o seu senso de justiça, certamente me teria deixado tudo, porque ele simplesmente adorava Guy, mas, de fato, Amy, quando meu pai falecer, herdará metade da sua grande fortuna. Deus sabe o que ela fará com tamanha fortuna, uma vez que seus únicos interesses na vida são a jardinagem, o crochê e uma visita ocasional ao festival de Scarborough.

Mas, voltando a Guy, durante sua infância, todos comentavam que bonita criança ele era e, embora eu nunca tivesse permitido que ele se estragasse, considerava ser meu dever garantir que tivesse o tipo de princípio de vida que o preparasse para o papel que eu tinha a certeza de que ele viria desempenhar.

Com isso em mente, mesmo antes de ele ser batizado, matriculei-o na Escola Preparatória Asgarth, depois Harrow, e, a partir daí, presumi que ele iria para a Academia Militar Real. O avô não mediu

despesas para a sua educação e, de fato, no caso de seu neto mais velho, foi generosíssimo.

Cinco anos mais tarde, dei à luz um segundo filho, Nigel, que nasceu um tanto prematuramente, o que pode ser o motivo pelo qual ele teve desenvolvimento mais lento do que o do irmão mais velho. Guy, entretanto, teve vários professores particulares, alguns dos quais o acharam talvez um pouco turbulento demais. Afinal de contas, que criança não põe sapos na banheira ou não corta cadarços ao meio?

Aos nove anos, Guy foi para Asgarth e depois para Harrow. O reverendo e Anthony Wood foi o seu diretor, e eu lhe lembrei que Guy era a sétima geração de Trenthams a frequentar aquela escola.

Em Harrow, Guy distinguiu-se tanto na força de cadetes – tornando-se sargento-mor de companhia no último ano – como no ringue de boxe, onde vencia todos os adversários, com exceção do jogo contra Radley, em que defrontou um nigeriano, que, soube depois, tinha mais de vinte anos.

Entristeceu-me o fato de Guy, no seu último período escolar, não ter sido nomeado prefeito. Segundo compreendi, ele tinha estado envolvido em tantas outras atividades que isso foi considerado não ser seu interesse primordial.

Embora eu tivesse a esperança de que os resultados dos exames fossem um pouco mais satisfatórios, sempre achei que ele era uma daquelas crianças que podem ser descritas como possuindo inteligência inata, em vez de acadêmica.

Apesar do relatório um tanto preconceituoso do prefeito, sugerindo que algumas notas de Guy nos exames finais tinham constituído surpresa para ele, meu filho ainda conseguiu entrar em Sandhurst.

Nessa Academia, Guy demonstrou ser um cadete de primeira e arranhou tempo para continuar o boxe, tornando-se campeão dos pesos médios. Dois anos mais tarde, em julho de 1916, ele se

formou com menção de honra, antes de entrar para o antigo regimento do pai.

Gerald, devo acrescentar, tinha saído dos Fusiliers quando da morte do pai, tendo regressado a Berkshire para tomar conta das propriedades da família. Ele era coronel quando se viu obrigado a reformar-se, e muitos o consideravam o sucessor natural do comandante do regimento. No fim, foi preferido em favor de alguém que nem sequer estava no primeiro batalhão, um certo Danvers Hamilton. Embora eu nunca tenha conhecido o cavalheiro em questão, vários oficiais exprimiram a opinião de que a sua nomeação tinha sido uma caricatura da justiça. Eu tinha toda confiança de que Guy resgatasse a honra da família e se tornasse um dia comandante do regimento.

Embora Gerald não estivesse diretamente envolvido na Grande Guerra, serviu, no entanto, o seu país durante aqueles anos árduos, permitindo que o seu nome fosse indicado como candidato parlamentar por Berkshire West, um distrito eleitoral que, em meados do século passado, o seu avô tinha representado pelos Liberais, sob Palmerston. Foi reeleito sem oposição em três eleições e trabalhou diligentemente para o partido na bancada parlamentar, tendo tornado claro que não tinha qualquer desejo de exercer um cargo executivo.

Depois de ter sido atribuída a Guy uma comissão, ele foi enviado para Aldershot como segundo-tenente, tendo continuado o seu treino, como preparação para se juntar ao seu regimento na Frente Ocidental. Ao receber a sua segunda estrela em menos de um ano, foi transferido para Edimburgo e destacado para o quinto batalhão, algumas semanas antes de ter sido enviado para a França.

Nigel, entretanto, acabara de entrar para Harrow e estava tentando seguir os passos do irmão – sem ter, porém, o mesmo talento Óbvio. De fato, durante uma daquelas intermináveis férias que dão as crianças hoje em dia, ele se queixou de que o atormentavam, Disse-

lhe que se dedicasse ao trabalho e se lembrasse de que estávamos em guerra. Também lhe fiz notar que não me lembrava de Guy se queixar de uma coisa dessas.

Observei bem os meus dois filhos durante o longo verão de 1917 e não posso fingir que Guy tivesse achado Nigel uma boa companhia quando veio passar férias em casa; na realidade, ele mal o tolerava. Insisti com Nigel que se empenhasse em conseguir granjear o respeito do irmão mais velho, mas isso só teve como resultado Nigel ir esconder-se no jardim durante horas a fio.

Durante as suas férias nesse verão, aconselhei Guy a visitar seu avô em Yorkshire e até encontrei, para lhe oferecer, uma primeira edição de *Song of Innocence* que, eu sabia, meu pai há muito desejava ter em sua biblioteca. Guy voltou uma semana mais tarde e confirmou que arranjar um William Blake que o velho não possuía o havia, de fato, deixado de bom humor.

Naturalmente, como qualquer mãe, durante aquele período inspirador da nossa história, ansiei por que Guy fosse visto comportando-se bem face ao inimigo e, eventualmente, se Deus quisesse, voltasse para casa são e salvo. De fato, posso dizer com segurança que mãe alguma, por mais orgulhosa que fosse, podia exigir mais de um filho.

Guy foi promovido muito novo a capitão e, após a segunda batalha do Maine, foi-lhe atribuída a Cruz Militar. Os que leram a citação acharam que ele tinha pouca sorte em não ter sido proposto para a V.C. Resisti à tentação de lhes dizer qualquer recomendação teria de ser assinada pelo seu comandante no campo, e, como esse era um certo Danvers Hamilton, a injustiça era facilmente explicada. Pouco depois de Armistício ter sido assinado, Guy voltou para casa afim de prestar serviço no quartel do regimento em Hounslow. Enquanto ele esteve de férias, pedi a Spinks que gravasse em ambas as C.M., a de gala e a miniatura, as iniciais G,T.F. Entretanto, o seu irmão Nigel foi,

após alguma influência de Gerald, finalmente aceito na Academia Militar Real.

Enquanto Guy esteve em Londres, tenho certeza de que fez algumas loucuras – que jovem da sua idade não as faz? –, mas ele compreendia bem que o casamento antes dos trinta anos só prejudica a oportunidade de promoção.

Embora trouxesse várias jovens a Ashurst para o fim de semana, eu sabia que nenhuma era a sério e, em todo caso, eu já tinha em vista uma moça da aldeia mais próxima, conhecida de longa data. Apesar de não ter título, sua família remontava à conquista normanda. Mais importante, eles podiam andar na sua própria terra desde Ashurst até Hastings.

Foi, por conseguinte, um choque particularmente desagradável para mim quando Guy apareceu no fim de semana acompanhado de uma moça chamada Rebecca Salmon que, tive dificuldade em acreditar, morava na ocasião com a filha dos Harcourt-Browne.

Conforme já deixei bem claro, eu não sou esnobe. Mas a Srta. Salmon é o tipo de pessoa que consegue sempre provocar o que há de pior para mim. Não me compreendam mal. Não tenho nada contra uma pessoa apenas porque ela quer ser instruída. De fato, sou basicamente a favor dessas coisas – em doses sensatas –, mas, ao mesmo tempo, isso não permite supor que se tem automaticamente direito a um lugar na sociedade. Compreendam, não suporto as pessoas que fingem ser algo que obviamente não são e pressenti, mesmo antes de conhecer a Srta. Salmon, que ela vinha a Ashurst com um único objetivo em mente.

Todos nós sabíamos que Guy tinha uma paixão enquanto estava em Londres – afinal de contas, a Srta. Salmon era esse tipo de moça. De fato, quando, no fim de semana seguinte, estive alguns momentos a sós com Guy, consegui alertá-lo para que nunca

permitisse que a Srta. Salmon o agarrasse; ele devia compreender que era um ótimo partido para uma moça com os antecedentes dela.

Guy riu da sugestão e garantiu-me que não tinha quaisquer planos a longo prazo para a filha do padeiro. Em todo caso, lembrou-me, ele devia partir em breve para prestar serviço com o regimento em Poona, por isso, o casamento estava fora de questão. Ele deve ter sentido, porém, que os meus receios não tinham sido completamente afastados porque, depois de pensar um pouco, acrescentou:

– Talvez esteja interessada em saber, mãe, que a Srta. Salmon está saindo atualmente com um sargento do regimento, com quem tem um compromisso.

Na realidade, duas semanas depois, Guy apareceu em Ashurst com a Srta.

Victoria Barkeley, uma escolha muito mais apropriada, cuja mãe eu conhecia há muito tempo; de fato, se ela não tivesse mais quatro irmãs e um arcediogo pobre por pai, ela talvez servisse admiravelmente.

Devo dizer, com toda justiça, que, depois daquela única e desagradável ocasião, Guy nunca mais voltou a mencionar o nome de Rebecca Salmon na minha presença e, como partiu para a Índia alguns meses mais tarde, supus que não voltaria a ouvir falar na maldita mulher.

Nigel, quando saiu de Sandhurst, não seguiu as pegadas de Guy, ingressando no regimento, uma vez que se tornou perfeitamente claro, durante os seus dois anos na academia, que não era feito para ser soldado. No entanto, Gerald conseguiu arranjar-lhe um lugar numa firma de corretores da bolsa na City, de que um de seus primos era sócio. Tenho de admitir que as notícias que me chegavam de vez em quando não eram encorajadoras, mas, quando mencionei ao primo de Gerald que precisaria, eventualmente, de alguém que

gerisse a carteira de ações do avô, Nigel começou a subir lentamente na firma.

Deve ter sido cerca de seis meses mais tarde que o tenente-coronel Sir Danvers Hamilton deixou um bilhete a Gerald na caixa do correio do nº 19 de Chester Square.

Assim que Gerald me disse que Hamilton queria ter uma palavra em particular com ele, pressenti problemas. Ao longo dos anos, havia contatado muitos oficiais colegas de Gerald, por isso sabia exatamente como lidar com eles. Gerald, por outro lado, é bastante ingênuo quando se trata de assuntos pessoais, dando geralmente à outra pessoa o benefício da dúvida. Verifiquei imediatamente os compromissos de meu marido na Câmara dos Comuns para a semana seguinte e marquei a visita de Sir Danvers para segunda-feira às seis, sabendo perfeitamente que, devido aos seus compromissos, Gerald teria de cancelar o encontro à última hora.

Gerald telefonou depois das cinco do dia em causa, para dizer que não conseguiria liberar-se e sugeriu que o coronel fosse à Câmara dos Comuns. Eu disse que ia ver o que podia fazer. Uma hora mais tarde, Sir Danvers chegou a Chester Square. Depois de ter pedido desculpas e explicado a ausência do meu marido, consegui convencê-lo de que podia falar comigo e eu transmitiria o assunto a Gerald.

Quando o coronel me informou que a Srta. Salmon ia ter uma criança, perguntei naturalmente que interesse isso tinha para mim ou para Gerald. Ele hesitou apenas um momento, antes de sugerir que Guy era o pai. Compreendi imediatamente que, se tal calúnia se espalhasse no exterior, poderia até chegar aos ouvidos dos seus colegas oficiais em Poona, e que isso poderia causar imenso dano às oportunidades de promoção de meu filho. Afastei qualquer sugestão desse tipo como ridícula, juntamente com o coronel, no mesmo fôlego.

Foi durante um jogo de bridge em casa de Celia Littlechild, algumas semanas depois, que ela deixou escapar que havia contratado um detetive particular chamado Harris para vigiar seu primeiro marido, quando se convencera de que ele lhe era infiel. Fiquei incapaz de me concentrar no jogo, para grande aborrecimento da minha parceira.

Quando voltei a casa, procurei o nome na lista telefônica de Londres. Lá estava ele; "Max Harris, detetive particular – ex-Scotland Yard, resolve todos os problemas". Depois de olhar durante alguns minutos para o telefone, acabei por levantar o escutador e pedi a telefonista que me ligasse para Paddington 3720. Aguardei durante alguns momentos.

– Harris – disse uma voz seca, sem mais explicações.

– E da agência de detetives? – perguntei, quase voltando o aparelho novamente no gancho antes de dar oportunidade ao homem para responder.

– É sim, minha senhora – disse a voz, num tom um pouco mais entusiástico.

– Acho que preciso da sua ajuda... para uma amiga, compreende – disse eu, sentindo-se um tanto embaraçada.

– Uma amiga – disse a voz. – Sim, com certeza. Então, talvez nos devêssemos encontrar.

– Mas não no seu escritório – insisti.

– Compreendo perfeitamente, minha senhora. O St. Agnes Hotel, Bury Street, South Kensington, quatro horas amanhã à tarde, está bem?

– Está – disse eu e desliguei o telefone, lembrando-me subitamente de que ele não sabia o meu nome, e eu não sabia como ele era.

Quando, no dia seguinte, cheguei ao St. Agnes, um lugarzinho horrível numa transversal a Brompton Road, dei várias vezes a volta ao quarteirão, antes de finalmente entrar no vestíbulo. Um homem de cerca de trinta anos, talvez trinta e cinco, estava encostado ao balcão da recepção. Endireitou-se quando me viu.

– Está a procura do Sr. Harris, por acaso? – perguntou ele.

Assenti com a cabeça, e ele me conduziu para o salão de chá e para uma mesa num canto, ao fundo. Depois de ele se sentar na cadeira a minha frente, comecei a estudá-lo com mais cuidado. Devia ter cerca de um metro e setenta e cinco, era forte, com cabelo castanho-escuro e um bigode ainda mais escuro.

Vestia um casaco de xadrez, uma camisa creme e uma gravata estreita amarela.

Comecei a explicar por que motivo podia precisar dos seus serviços, mas me distrai quando ele começou a estalar os nós dos dedos, um a um, primeiro a mão esquerda e depois a direita.

Tive vontade de levantar e ir embora, e teria feito exatamente isso se acreditasse por um instante que seria fácil encontrar alguém menos desprezível para fazer o trabalho.

Também foi preciso bastante tempo para convencer Harris de que não estava a procura de um divórcio. Naquele primeiro encontro, expliquei-lhe tanto do meu dilema quanto me foi possível. Fiquei chocada quando ele exigiu a exorbitante quantia de cinco xelins por hora simplesmente para iniciar a investigação. No entanto, achei que não tinha outra escolha. Concordei que ele começasse no dia seguinte e que nos encontrássemos novamente uma semana depois.

O primeiro relatório do Sr. Harris informou-me de que, segundo a opinião dos que passavam a maior parte do dia num bar da Chelsea Road chamado Mosqueteiro, Charlie Trumper era o pai do filho de Rebecca Salmon e, na realidade, quando lhe perguntavam

diretamente ele não tentava negar. Como para confirmar o fato, poucos dias depois do nascimento da criança, ele e a Srta. Salmon casaram-se discretamente, no registro civil.

O Sr. Harris não teve qualquer problema em obter uma cópia da certidão de nascimento da criança, confirmando que Daniel George Trumper era filho de Rebecca Salmon e de Charles Trumper, do nº 147 de Chelsea Terrace. Também reparei que a criança tinha o nome dos dois avôs. Na minha carta seguinte para Guy, enviei uma cópia da certidão de nascimento, junto com uma ou outra informação que Harris me havia fornecido, tais como pormenores do casamento e a nomeação do coronel Hamilton como presidente do conselho de administração da empresa Trumper. Confesso que julguei que o assunto estava encerrado.

No entanto, duas semanas depois, recebi uma carta de Guy: suponho que deve ter cruzado com a minha no correio. Ele explicava que Sir Danvers havia contactado seu comandante, o coronel Forbes e, devido a insistência de Forbes de que talvez viesse a haver um processo por quebra de compromisso, Guy tivera de comparecer perante um grupo dos seus colegas oficiais, para explicar a relação entre ele e a Srta. Salmon.

Sentei-me imediatamente a fim de escrever uma longa carta ao coronel Forbes.

Guy não estava obviamente em posição de apresentar todas as provas que eu havia obtido. Juntei outra cópia da certidão de nascimento, para que não houvesse qualquer dúvida de que o meu filho não podia ter estado envolvido com a Srta. Salmon de qualquer forma. Acrescentei – sem preconceito – que o coronel Hamilton trabalhava agora como presidente do conselho de administração da empresa Trumper, cargo de que certamente auferia uma remuneração. As longas folhas informativas que o Sr. Harris me enviava agora semanalmente estavam, tive de admitir, sendo bastante valiosas.

Durante algum tempo, as coisas voltaram ao normal. Gerald estava ocupado com os seus deveres parlamentares, enquanto eu me concentrei em nada mais exigente do que a nomeação de um novo mordomo para o vigário e o meu círculo de bridge.

O problema, porém, era maior do que imaginara, pois descobri, por acaso, que não estávamos incluídos na lista de convidados do casamento de Daphne Harcourt-Browne com o marquês de Wiltshire. E certo que Percy nunca teria sido o décimo segundo marques se o pai e o irmão não tivessem sacrificado as suas vidas na Frente Ocidental. No entanto, soube, por intermédio de outros que assistiram à cerimônia, que o coronel Hamilton, assim como os Trumpers, foram vistos em St. Margaret's e, depois, na recepção.

Durante esse período, o Sr. Harris continuou a fornecer-me informações sobre a vida dos Trumpers e sobre o seu império comercial em crescimento.

Confesso que não tinha o mínimo interesse em qualquer das suas transações comerciais, um mundo que me era totalmente estranho, mas não o impedi que fosse além das instruções que lhe dera, uma vez que me dava uma visão útil sobre os adversários de Guy.

Alguns meses mais tarde, recebi uma carta do coronel Forbes, acusando o recebimento da minha, mas, além disso, não tive mais notícias sobre as informações falsas a respeito de Guy. Supus, portanto, que tudo estaria bem de novo e que as mentiras do coronel Hamilton teriam sido tratadas com o desprezo que mereciam.

Mas numa manhã de junho do ano seguinte, Gerald foi chamado ao Ministério da Guerra para o que ele pensou serem instruções parlamentares de rotina.

Quando meu marido regressou inesperadamente a Chester Square nessa tarde, obrigou-me a sentar e a beber uma generosa dose de uísque antes de explicar que tinha notícias desagradáveis a

comunicar. Raramente o tinha visto com ar tão sombrio, e sentei-me em silêncio, perguntando a mim própria o que poderia ser tão importante para o fazer regressar a casa durante o dia.

– Guy renunciou a carreira – anunciou Gerald sucintamente. –Vai voltar ã Inglaterra assim que a papelada estiver pronta.

– Por quê? – perguntei, absolutamente espantada.

– Não me disseram o motivo – respondeu Gerald. – Chamaram-me ao Ministério da Guerra essa manhã, e falei com Billy Cuthbert, um Fusilier. Ele me informou particularmente de que, se Guy não tivesse renunciado, seria certamente demitido.

Durante o tempo em que esperei o regresso de Guy à Inglaterra, estudei todas as informações que o Sr. Harris me fornecia sobre o império Trumper, em rápido crescimento, por mais diminutas e insignificantes parecessem. No meio das muitas folhas de material que o detetive me enviou, sem dúvida para justificar os seus exorbitantes honorários, encontrei um ponto que desconfiei ser quase tão importante para os Trumpers como a reputação de meu filho era para mim.

Procurei eu mesma todas as informações necessárias e, tendo examinado o prédio num domingo de manhã, telefonei a Savill na segunda-feira e fiz uma oferta de duas mil e quinhentas libras pelo prédio em causa. O agente telefonou mais tarde nessa semana para dizer que alguém – que eu vi que tinha de ser da parte dos Trumper – havia oferecido três mil.

– Então, ofereça quatro mil – disse eu, antes de desligar.

– Os agentes imobiliários confirmaram nessa tarde que eu era proprietária de um prédio nos nº 25 a 99 de Chelsea Terrace, um bloco de trinta e oito apartamentos.

O representante dos Trumbers, garantiram-me, seria imediatamente informado de quem seria a sua vizinha ao lado.

CAPÍTULO 23

Guy Trentham apareceu à porta do nº 19 de Chester Square numa tarde fria de setembro de 1922, pouco depois de Gibson ter arrumado a mesa do chá.

Sua mãe nunca se esquecerá dessa ocasião, porque, quando Guy entrou na sala, ele mal o reconheceu. A Sra. Trentham estava escrevendo uma carta quando Gibson anunciou. "O capitão Trentham."

Ela se voltou e viu o filho entrar na sala e dirigir-se imediatamente à lareira, onde ficou de pernas abertas, com as costas para as brasas. Os seus olhos vidrados olhavam em frente, mas ele não disse uma palavra, A Sra.

Trentham ficou grata por o marido estar num debate na Câmara dos Comuns nessa tarde e não dever voltar antes das dez da noite.

Era óbvio que Guy não se barbeava há vários dias. Também poderia bem ter usado um pente, enquanto o terno que usava mal podia ser reconhecido como o que tinha sido feito por Gieves três anos antes. A figura em desalinho permaneceu com as costas para a lareira, o corpo tremendo visivelmente quando virou o rosto para a mãe. Pela primeira vez, a Sra. Trentham reparou que o filho tinha um embrulho de papel pardo de baixo do braço.

Embora não estivesse frio, a Sra. Trentham tremeu também. Continuou à secretária, não sentindo qualquer desejo de abraçar o filho mais velho ou ser a primeira a quebrar o silêncio.

– Que lhe disseram, mãe? – disse Guy finalmente, com voz trêmula e incerta.

– Nada de muito concreto. – Ela ergueu os olhos para ele, com ar de interrogação. – Exceto que você renunciou à sua carreira militar e que, se não o tivesse feito, seria demitido.

– Até aí, é verdade – admitiu ele, largando finalmente o embrulho sobre a mesa a seu lado. – Mas só porque eles conspiraram contra mim.

– Eles?

– Sim, o coronel Hamilton, Trumper e a tal moça.

– O coronel Forbes preferiu a palavra da Srta. Salmon mesmo depois de eu lhe ter escrito? – perguntou a Sra. Trentham com voz gelada.

– Sim, sim, preferiu. Afinal de contas, o coronel Hamilton ainda tem muitos amigos no regimento, e alguns deles fizeram com muito prazer o que eles lhes pediu, uma vez que isso significava eliminar um rival.

Ela o observou por um momento, enquanto ele se apoiava nervosamente ora num pé, ora noutro.

– Mas eu pensei que o assunto havia sido resolvido. Afinal, a certidão de nascimento...

– Isso teria acontecido se fosse assinada por Charlie Trumper e Rebecca Salmon, mas a certidão tinha uma única assinatura... a dela. Para piorar as coisas, o coronel Hamilton aconselhou a Srta. Salmon a ameaçar-me com uma ação por quebra de compromisso, indicando-me como pai da criança. Se ela o fizesse, obviamente, apesar de eu estar inocente de qualquer acusação que me fosse feita, o bom nome do regimento sofreria irremediavelmente. Achei, portanto, que não tinha outra opção senão proceder honradamente e renunciar.

– Sua voz tomou-se ainda mais amarga. – E tudo porque Trumper receava que a verdade aparecesse.

– De que está falando, Guy?

Ele evitou o olhar direto da mãe enquanto foi da lareira até o armário das bebidas, onde se serviu de uma boa dose de uísque. Não tocou no sifão da soda e deu um longo gole. A mãe aguardou em silêncio que ele prosseguisse.

– Depois da segunda batalha do Mame, o coronel Hamilton mandou-me fazer investigações sobre a covardia de Trumper no campo de batalha – disse Guy, voltado para a lareira. – Muitos pensaram que ele devia ser levado a Conselho de Guerra, mas a outra testemunha, um soldado, Prescott, tinha sido morto por uma bala perdida, a apenas alguns metros da segurança das nossas trincheiras. Eu, tolo, tinha conduzido Prescott e Trumper de regresso às nossas linhas e, quando Prescott caiu, olhei para trás e vi um sorriso na cara de Trumper. Tudo quanto ele disse foi: “Azar, capitão, agora já não há testemunhas, não é?”

– Você contou isso a alguém na ocasião?

Guy voltou ao armário das bebidas e encheu novamente o copo.

– A quem poderia eu dizer, sem Prescott para me apoiar? O mínimo que eu pude fazer foi que lhe fosse atribuída uma Medalha Militar póstuma. Mesmo que isso significasse que Trumper se livraria. Mais tarde, descobri que Trumper nem sequer quis confirmar no campo de batalha o que quase impediu que me fosse atribuída a CM.

– E, agora, que ele conseguiu forçá-lo a renunciar à sua carreira, só pode ser a sua palavra contra a dele.

– Isso se Trumper não tivesse cometido um erro estúpido, que poderá causar a sua desgraça.

– De que você está falando?

– Bom – continuou Guy, ligeiramente mais calmo –, no meio da batalha, eu fui em socorro dos dois homens em causa. Encontrei-os escondidos numa igreja que tinha sido bombardeada. Tomei a decisão de ficar ali até a noite, tencionando, então, conduzi-los de novo à segurança das nossas trincheiras.

Enquanto esperávamos que o sol se pusesse e Trumper pensava que eu estava dormindo, vi-o tirar um quadro magnífico da Virgem Maria do altar.

Continuei a observá-lo enquanto ele colocava a pintura na mochila. Eu não disse nada, porque compreendi que essa era a prova do seu fingimento de que precisava; afinal de contas, o quadro poderia sempre ser devolvido à igreja mais tarde.

Assim que voltamos às nossas linhas, mandei revistar imediatamente as coisas de Trumper, para o mandar prender por roubo. Mas, para minha surpresa, o quadro não apareceu.

– Então, de que lhe serve isso agora?

– Porque o quadro reapareceu posteriormente.

– Reapareceu?

– Sim – disse Guy, erguendo a voz. – Daphne Harcourt-Browne disse-me que tinha visto o quadro na sala dos Trumper e até foi capaz de me fazer uma descrição pormenorizada dele. Não havia qualquer dúvida na minha mente de que esse era o mesmo quadro da Virgem Maria e do Menino que tinha sido roubado da igreja.

– Mas nada se pode fazer enquanto o quadro estiver pendurado na sala dele.

– Não está mais. Que é o motivo pelo o qual eu estou assim disfarçado.

– Pare de falar por enigmas – disse a mãe. – Explique-se convenientemente, Guy.

– Essa manhã fui à casa dos Trumper e disse à governanta que tinha estado na Frente Ocidental com o patrão dela.

– Isso foi sensato, Guy?

– Eu lhe disse que me chamava Fowler, cabo Denis Fowler e vinha tentando contato com Charlie há muito tempo. Eu sabia que ele não estava em casa porque o tinha visto entrar numa das suas lojas do Chelsea Terrace poucos minutos antes. A criada, que olhou para mim desconfiada, perguntou se eu podia aguardar no vestíbulo enquanto ela ia lá em cima dizer à Sra. Trumper que eu estava lá. Isso me deu tempo suficiente para me esgueirar para a sala e tirar o quadro de onde Daphne me dissera que estava. Saí da casa muito antes de eles poderem imaginar o que eu queria.

– Mas, certamente, eles vão apresentar queixa do roubo à polícia e você será preso.

– Nada disso vai acontecer – disse Guy, pegando o embrulho de papel pardo que estava em cima da mesa e começando a desembulhá-lo. – A última coisa em que Trumper vai querer que a polícia ponha as mãos é isto. – Entregou o quadro à mãe.

A Sra. Trentham olhou para a pequena pintura a óleo.

– A partir de agora, pode deixar o Sr. Trumper comigo – disse ela, sem mais explicações. Guy sorriu pela primeira vez desde que havia entrado em casa. – No entanto – prosseguiu ela –, temos de nos concentrar no problema mais imediato que é o que vamos fazer sobre o seu futuro. Ainda tenho certeza de que podemos arranjar um emprego na City. Já falei com...

– Isso não vai dar resultado, mãe, e você sabe. De momento, não há futuro para mim na Inglaterra. Ou, pelo menos, até o meu nome ser reabilitado. Em todo caso, não quero ficar em Londres, tendo que explicar ao seu círculo de bridge por que razão já não estou no regimento nem na Índia. Não, tenho de ir para o exterior até as coisas ficarem um pouco mais calmas.

– Nesse caso, preciso de mais algum tempo para pensar – replicou a mãe de Guy. – Entretanto, vá tomar banho e fazer a barba, e aproveite para procurar uma roupa; eu resolvo o que vamos fazer.

Assim que Guy saiu da sala, a Sra. Trentham regressou à secretária e fechou o pequeno quadro na última gaveta do lado esquerdo. Colocou a chave na bolsa, depois começou a concentrar-se no problema mais imediato: o que devia ser feito para proteger o nome Trentham.

Enquanto olhava através da janela, começou a formar-se um plano na sua mente que, embora exigisse que ela utilizasse ainda mais seus minguantes recursos, pelo menos dar-lhe-ia o espaço de que ela necessitava para desmascarar Trumper como ladrão e, ao mesmo tempo, resgatar a reputação de seu filho.

A Sra. Trentham calculou que tivesse cerca de quinze mil das vinte mil libras em dinheiro que seu pai lhe dera como dote no dia em que casara.

“Sempre a mão em caso de alguma emergência imprevista” dissera-lhe ele profeticamente.

A Sra. Trentham tirou uma folha de papel da gaveta e começou a fazer anotações. Ela sabia que, depois que o filho de Chester Square nessa noite, poderia não voltar a vê-lo durante bastante tempo. Quarenta minutos depois examinou as suas notas:

L50 (dinheiro)

Sydney

Max Haris

Sobretudo

L5.000 (cheque)

Bentley

Quadro

Polícia

Seus pensamentos foram interrompidos pelo regresso de Guy, parecendo-se mais com o filho que ela recordava. Um blazer e as calças de cavalaria tinham substituído o terno amarrotado, o rosto, embora pálido, estava, pelo menos barbeado. A Sra. Trentham dobrou o pedaço de papel, tendo finalmente decidido exatamente que atitudes tomar.

– Agora, sente-se e escute com atenção – disse,

Guy Trentham deixou Chester Square alguns minutos depois das nove horas, uma hora antes de o pai regressar da Câmara dos Comuns. Tinha cinquenta e três libras em dinheiro, juntamente com um cheque de cinco mil libras no bolso interno. Concordara em escrever ao pai assim que chegasse a Sydney, explicando a razão pela qual tinha ido diretamente para a Austrália. A mãe havia prometido que, enquanto ele estivesse longe, faria tudo que estivesse ao seu alcance para reabilitar seu nome, para que ele pudesse regressar a Inglaterra inocente de suspeita e ocupar o seu lugar como chefe da família. Aos dois únicos criados que tinham visto o capitão Trentham nessa noite a patroa deu instruções para que não mencionassem a ninguém especialmente ao marido, sob pena de serem despedidos. última tarefa da Sra. Trentham antes do marido regressar a casa nessa noite foi telefonar a polícia local. O guarda Wrigley anotou a notificação do roubo.

Durante as várias semanas de espera que a carta do filho chegasse a Sra.

Trentham não ficou ociosa. No dia a seguir ao da partida de Guy para a Austrália, fez uma de suas visitas periódicas ao St. Agnes Hotel, com um embrulho feito de novo debaixo do braço. Entregou-o

ao Sr. Hams antes de lhe dar uma série de instruções pormenorizadas.

Dois dias mais tarde, o detetive informou-a de que o quadro da Virgem Maria e o Menino tinha sido deixado na Bentley, a loja de penhores, e não poderia ser vendido dentro de pelo menos cinco anos, quando a data do recibo expiraria, Entregou uma fotografia do quadro e um recibo para provar. A Sra.

Trentham colocou a fotografia na bolsa, mas não se deu ao trabalho de perguntar a Harris o que acontecera às cinco libras que recebera pelo quadro.

– Bom – disse ela, colocando a bolsa a seu lado, na cadeira. – De fato, muitíssimo satisfatório.

– Então, gostaria que indicasse ao homem certo da Scotland Yard a direção da Bentley? – perguntou Harris.

– Certamente não – disse a Sra. Trentham. – Preciso que faça um pouco de investigação sobre o quadro antes de mais alguém pôr os olhos nele, e, então, se a minha informação estiver correta, a próxima ocasião em que o quadro for visto em público será no leilão da Sotheby.

CAPÍTULO 24

– Bom-dia, minha senhora. Peço desculpas por incomoda-la.

– Não é incômodo nenhum disse a Sra. Trentham ao policial que Gibson havia anunciado como inspetor Richards.

– De fato, não era a senhora que eu tinha esperança de ver, senhora Trentham – explicou o inspetor. – Lira o seu filho, o capitão Guy Trentham.

– Então, tem uma viagem muito longa pela frente, inspetor.

– Não sei se a estou compreendendo, minha senhora.

– O meu filho – disse a Sra. Trentham – está tomando conta dos interesses da família na Austrália, onde é sócio de uma grande firma de negociantes de gado.

Richards foi incapaz de disfarçar a sua surpresa:

– E há quanto tempo ele está lá?

– Há bastante tempo, inspetor.

– Pode ser mais precisa?

– O capitão Trentham deixou a Inglaterra para ir para a Índia em fevereiro de 1920, com o regimento. Foi-lhe atribuída a CM na segunda batalha do Mame, sabe. – Ela indicou a lareira com a cabeça. O inspetor pareceu convenientemente impressionado. – Evidentemente – prosseguiu a Sra.

Trentham – nunca foi sua intenção ficar no exército, uma vez que sempre planejamos que ele passaria um tempo nas colônias antes de regressar para gerir as nossas propriedades em Berkshire.

– Mas ele voltou à Inglaterra antes de ocupar o seu cargo na Austrália?

– Infelizmente, não, inspetor – disse a Sra. Trentham. – Assim que se demitiu do posto do regimento, viajou diretamente para a Austrália a fim de assumir as suas novas responsabilidades. Meu marido, que, como tenho a certeza de que sabe, é o deputado por Berkshire West, poderá confirmar-lhe as datas.

– Não penso que seja necessário incomodá-lo nesta ocasião, minha senhora.

– E por que razão desejava ver meu filho?

– Estamos fazendo investigações sobre o roubo de um quadro, em Chelsea.

A Sra. Trentham não fez nenhum comentário, por isso o detetive prosseguiu.

– Alguém que corresponde à descrição de seu filho foi visto na vizinhança, vestindo um sobretudo velho. Tínhamos esperança que ele nos pudesse ajudar nas nossas investigações.

– E quando esse crime foi cometido?

– Em setembro último, minha senhora, e como o quadro ainda não foi recuperado, ainda estamos investigando o caso... – a Sra. Trentham manteve a cabeça ligeiramente inclinada ao ter conhecimento dessa informação e continuou escutando com atenção. – Mas parece que o dono não vai entrar com uma ação, por isso creio que esse processo deverá ser arquivado em breve. Este é o seu filho?

– É, sim, inspetor.

– Não se parece muito com a descrição que nos deram – disse o policial com ar ligeiramente perplexo. – Em todo caso, como a senhora disse, ele estaria na Austrália nessa ocasião. Um álibi de ferro. – O inspetor deu um sorriso insinuante, mas a expressão da Sra. Trentham não se alterou.

– Não está sugerindo que meu filho tenha estado, de algum modo, envolvido no roubo, esta? – perguntou ela friamente.

– Certamente não, minha senhora. E só que encontramos um sobretudo que a Gieves, a alfaiataria da Savile Row, confirmou ter feito para um capitão Trentham. Encontramos um velho soldado com ele que...

– Então, devem ter encontrado também o ladrão – disse a Sra. Trentham com desdém.

– Não, minha senhora. Compreenda, o cavalheiro em questão só tem uma perna.

A Sra. Trentham continuou a não manifestar qualquer interesse.

– Então, sugiro que telefone ao quartel de Chelsea – replicou ela –, pois tenho a certeza de que poderão elucidá-lo melhor sobre o assunto.

– Mas eu sou do quartel de Chelsea – respondeu o inspetor, parecendo ainda mais intrigado.

A Sra. Trentham levantou-se do sofá e dirigiu-se lentamente à secretária.

abriu uma gaveta e retirou uma folha de papel. Entregou-a ao inspetor. O rosto dele começou a corar à medida que ele tomava conhecimento de seu conteúdo.

Quando acabou de ler o documento, devolveu o papel.

– Peço imensas desculpas, minha senhora. Não sabia que tinha dado parte do roubo do sobretudo no mesmo dia. Vou dar uma palavra ao guarda Wrigleey assim que voltar para o quartel. – A Sra. Trentham não manifestou qualquer reação ao embaraço do policial. – Bem, não tomarei mais seu tempo – disse ele.

– Eu sei o caminho.

A Sra. Trentham esperou até ouvir a porta ser fechada atrás dele, antes de pegar no telefone e pedir um número de Paddington.

Fez apenas um pedido ao detetive antes de desligar o aparelho.

A Sra. Trentham soube que Guy deveria ter chegado em segurança a Austrália quando o cheque foi descontado por Coutts & Companhia por intermédio de um banco em Sidney. A prometida carta para o pai chegou seis semanas depois. Quando Gerald lhe comunicou o conteúdo da carta, explicando que Guy estava trabalhando com uma empresa de negociantes de gado, ela se fingiu surpresa pelo procedimento tão pouco característico do filho, mas o marido não pareceu manifestar muito interesse pelo assunto.

Durante os meses seguintes, os relatórios de Harris continuaram a mostrar que a empresa Trumper, recentemente constituída, estava cada vez mais forte, mais um sorriso ainda somava aos lábios da Sra. Trentham quando se lembrava que, por quatro mil libras, havia imobilizado Charlie Trumper.

O mesmo sorriso só regressou ao rosto da Sra. Trentham quando recebeu uma carta da Savill, algum tempo depois, oferecendo-lhe a oportunidade de repetir para Rebecca Trumper a mesma intensa frustração que tinha conseguido, no passado, para Charlie Trumper, mesmo que, dessa vez, o custo pudesse ser um pouco mais elevado. Verificou a sua conta bancária, satisfeita de que seria mais do que adequada ao objetivo que tinha em mente.

Ao longo dos anos, a Savill tinha mantido a Sra. Trentham informada de todas as lojas que haviam sido postas à venda em Chelsea Terrace, mas ela não fez qualquer tentativa para impedir que Trumper as comprasse, calculando que o fato de ela ser proprietária dos apartamentos seria suficiente para arruinar quaisquer planos a longo prazo que ele tivesse para todo Terrace. Quando porem, lhes foram enviados pormenores do nº 1 de Chelsea Terrace, ela compreendeu que, nesse caso, as circunstâncias eram completamente diferentes. Não só o nº 1 era uma loja de esquina, dando para a Fulham Road, e o maior prédio do bloco, como era também um estabelecido, ainda que em decadência, negociante e leiloeiro de arte. Era óbvio; a saída óbvia para todos aqueles anos de

preparação que a Sra. Trumper havia adquirido no Bedford College e, mais recentemente, na Sotheby.

Uma carta acompanhando o prospecto de venda perguntava se a Sra.

Trentham gostaria de ser representada no leilão que o Sr. Fothergill, o atual proprietário, se propunha conduzir ele próprio.

Ela respondeu no mesmo dia, agradecendo à Savill, mas explicando que preferia fazer ela própria a sua licitação e ficaria agradecida se lhes pudessem dar uma estimativa da quantia pela qual deveria o prédio ser arrematado.

A resposta da Savill conteve vários ses e mas, uma vez que tinha uma visão única do prédio. Também informaram que não possuíam conhecimentos que lhes permitissem uma opinião sobre o valor do estoque. No entanto, fazendo uma estimativa por alto, eles calculavam cerca de quatro mil libras.

Durante as duas ,semanas seguintes, a Sra. Trentham era vista regularmente sentada na última fila da Christie, observando silenciosamente os vários leilões que se realizavam. Nunca acenava com a cabeça ou erguia a mão.

Queria ter a certeza de que, quando chegasse a hora de licitar, ela estaria completamente familiarizada com o protocolo de tais ocasiões.

Na manhã da venda do nº 1 do Chelsea Terrace, a Sra. Trentham entrou na loja de leilões com um vestido comprido vermelho-escuro que varria o chão.

Escolheu um lugar na terceira fila e sentou-se uns vinte minutos antes da hora indicada para o início da licitação. Os olhos não ficaram parados, enquanto observava os diferentes atores entrarem na sala e ocuparem os seus lugares. Sr.

Wrexall chegou alguns minutos depois dela e sentou-se no meio da fila da frente.

Tinha um ar sério, mas determinado. Ele era exatamente como o Sr. Harris o havia descrito, entre os quarenta e os cinquenta anos, forte e quase careca. Por ser tão gordo, parecia bastante mais velho do que era, achou ela. Tinha a pele morena e, quando abaixava a cabeça, apareciam-lhe mais alguns queixos. Foi, então, que a Sra. Trentham decidiu que, se não conseguisse ficar com o n° 1 do Chelsea Terrace, poderia ser vantajoso ter um encontro com o Sr. Wrexall.

Às nove e cinquenta em ponto, o coronel Hamilton conduziu os colegas pelo corredor do meio e ocupou os lugares vagos imediatamente atrás da Sra.

Trentham. Embora ela tivesse olhado para o coronel, esse não fez qualquer esforço para a cumprimentar. Às nove e cinquenta, ainda não havia sinal do Sr.

ou da Sra. Trumper.

A Savill tinha avisado à Sra. Trentham de que Trumper talvez se fizesse representar por um agente externo, mas, por tudo o que lhe fora dito sobre o homem ao longo dos anos, ela não acreditava que ele permitisse que outra pessoa licitasse por ele. Não ficou decepcionada, portanto, quando, com o relógio atrás da bancada do leiloeiro indicando cinco minutos para a hora marcada, ele entrou. Embora fosse alguns anos mais velho do que era quando a fotografia que ela tinha na mão fora tirada, ela não teve qualquer dúvida de que era Charlie Trumper. Vestia um terno elegante, de bom corte, que ajudava a disfarçar o fato de começar a ter um problema de peso. Um sorriso raramente lhe deixava os lábios, embora ela tivesse planos para o apagar. Ele parecia querer que todos soubessem que havia chegado, uma vez que apertou a mão e conversou com várias pessoas antes de se sentar num lugar

reservado, cerca de quatro filas atrás dela. A Sra. Trentham virou um pouco a cadeira, para poder observar tanto Trumper como o leiloeiro, sem ter olhar continuamente em volta.

De repente, o Sr. Trumper levantou-se e dirigiu-se ao fundo da sala, onde tirou um prospecto de venda da mesa ii entrada antes de regressar ao seu lugar reservado. A Sra. Trentham desconfiou de que tudo isso tinha sido encenado por alguma razão especial. Seus olhos percorreram cada uma das filas e, embora não tivesse visto nada estranho, ela se sentiu, mesmo assim, pouco à vontade.

Quando o Sr. Fothergill subiu os degraus da bancada de leiloeiro, a sala já estava cheia. No entanto, apesar de quase todos os lugares estarem ocupados, a Sra. Trentham ainda não conseguia ver se a Sra. Trumper estava sentada no meio da vasta assembleia.

Desde o momento que o Sr. Fothergill pediu a primeira licitação, o leilão não prosseguiu como a Sra. Trentham havia imaginado ou, mesmo, planejado.

A experiência que havia adquirido na Christie durante o mês anterior não a podia ter preparado para o desfecho final: Sr. Fothergill anunciando seis minutos depois, “Vendido por doze mil libras à Sra. Trentham”.

Ela estava zangada por ter dado espetáculo em público, mesmo tendo conseguido ficar com uma loja de arte e desfechado um golpe satisfatório em Rebecca Trumper. É certo que tinha sido feito a um custo considerável, e, agora ela nem sequer tinha certeza de ter dinheiro suficiente na sua conta especial para cobrir a quantia total que se comprometera a pagar.

Depois de pensar muito durante oitenta dias, durante os quais ela considerara em procurar o marido ou mesmo o pai para lhes pedir que cobrissem a diferença, a Sra. Trentham decidiu, finalmente, sacrificar o depósito de mil e duzentas libras, recuar e lambe as

feridas. A alternativa era admitir ao marido exatamente o que acontecera no nº 1 do Chelsea Terrace nesse dia.

Havia uma compensação, porém. Já não precisaria utilizar a Sotheby quando chegasse a hora de vender o quadro roubado.

À medida que os meses passavam, a Sra. Trentham recebia regularmente cartas do filho, primeiro de Sydney, mais tarde de Melbourne, informando-a dos seus progressos. Muitas vezes, elas lhe pediam que enviasse mais dinheiro.

Quanto mais a sociedade crescia, explicou Guy, mais ele precisava de capital extra para manter a sua parte. Ao todo, seis mil libras atravessaram o oceano Pacífico com destino a um banco em Sydney durante um período de mais de quatro anos, nenhuma das quais a Sra. Trentham sentiu relutância em dar, uma vez que Guy parecia estar tendo muito êxito na sua nova profissão.

Ela também tinha esperança de que, assim que desmascarasse Charlie Trumper, mostrando o bandido e mentiroso que ele era, seu filho poderia regressar a Londres com a reputação inocentada de suspeitas, mesmo aos olhos do pai.

Mas, de súbito, exatamente quando a Sra. Trentham havia começado a acreditar que talvez fosse a hora certa para pôr em prática a etapa seguinte do seu plano, chegou um telegrama de Melbourne. O endereço de onde a missiva tinha sido enviada não deixou qualquer escolha a Trentham, exceto partir para a distante cidade sem demora.

Quando à noite, ao jantar, ela informou a Gerald de que tencionava partir o mais depressa possível, a notícia foi recebida com delicada indiferença. Isso não constituiu surpresa alguma, uma vez que o nome de Guy raramente surgia nos lábios do marido, desde o dia em que ele estivera no Ministério da Guerra havia mais de quatro anos. De fato, o único vestígio que restava da existência do filho mais velho em Ashurst Hall ou Chester Square era uma fotografia dele,

que estava na mesa de cabeceira do quarto dela, além da CM que Gerald permitira que ficasse em cima da lareira.

Para Gerald, só tinham um filho, Nigel.

Gerald Trentham sabia bem que a mulher dizia a todos os amigos, tanto dele como dela, que Guy era, com êxito, sócio numa importante empresa de negociantes de gado que tinha escritórios em toda a Austrália. No entanto, há muito que ele deixara de acreditar nessas histórias e, ultimamente, até já não as ouvia. Quando ocasionalmente um envelope, na letra bem familiar, era enfiado na caixa do correio em Chester Square, Gerald Trentham não fazia qualquer pergunta sobre os progressos do filho.

O próximo navio a partir para a Austrália era o SS Orontes, que devia largar de Southampton na segunda-feira seguinte. A Sra. Trentham enviou um telegrama para um endereço em Melbourne, informando-os da data prevista de chegada.

A viagem de cinco semanas ao longo de dois oceanos pareceu à Sra.

Trentham interminável, especialmente porque ela preferiu ficar no camarote a maior parte do tempo, não tendo o menor desejo de travar conhecimento com alguém a bordo ou, pior ainda, encontrar alguém que a conhecesse. Declinou vários convites para jantar na mesa do comandante.

Quando o navio atracou em Sydney, a Sra. Trentham só permaneceu uma noite na cidade, antes de viajar para Melbourne. Ao chegar à estação da Spencer Street, pegou um taxi diretamente para o Royal Victoria Hospital, onde a enfermeira-chefe a informou secamente de que seu filho só tinha uma semana de vida.

Permitiram-lhe vê-lo imediatamente, e um policial acompanhou-a a ala especial de isolamento. Ela ficou à sua cabeceira, olhando, incrédula, para um rosto que mal reconhecia. O cabelo de Guy era tão escasso e branco, e as rugas do seu rosto tão profundas, que a

Sra. Trentham achou que bem podia estar junto ao leito de morte do marido.

Um médico disse-lhe que um estado desse tipo não era invulgar quando o veredito era proferido e a pessoa em causa compreendia que não havia esperança de que a sentença fosse suspensa. Depois de ficar aos pés da cama durante quase uma hora, ela foi embora sem ser capaz de fazer que o filho dissesse uma só palavra. Em momento algum permitiu que o pessoal do hospital soubesse quais eram os seus verdadeiros sentimentos.

Nessa noite, a Sra. Trentham arranhou alojamento num clube sossegado nos arredores de Melbourne. Só fez uma pergunta ao jovem proprietário inglês, um Sr. Sinclair-Smith; antes de ir para o quarto.

Na manhã seguinte, apresentou-se no escritório da mais antiga firma de advogados de Melbourne, Asgarth, Jenkins & Companhia. Um jovem que ela considerou muito pouco respeitoso perguntou:

– Qual é o seu problema?

– Quero falar com o mais antigo sócio da firma – respondeu a Sra.

Trentham.

– Então, terá de aguardar na sala de espera – disse-lhe ele. A Sra. Trentham ficou sozinha durante algum tempo, até que o Sr. Asgarth a pôde receber.

O sócio mais antigo, um homem idoso que, pela roupa, mais parecia ter o escritório nos Inn Fields de Lincoln do que na Victoria Street, em Melbourne, escutou em silêncio a sua triste história e concordou em tratar de todos os problemas que pudessem surgir com o espólio de Guy. Com esse objetivo, ele prometeu submeter imediatamente um pedido de autorização para que o corpo fosse trasladado para Inglaterra.

A Sra. Trentham visitou o filho no hospital todos os dias da semana antes de ele morrer. Embora pouco tivessem conversado, ela soube de um problema que teria de ser resolvido antes de voltar para a Inglaterra. Na quarta-feira à tarde, a Sra. Trentham dirigiu-se novamente ao escritório de Asgarth, Jenkins & Companhia para se aconselhar com o sócio mais antigo sobre o que se podia fazer quanto à sua última descoberta. O idoso advogado indicou uma cadeira à cliente, antes de ouvir atentamente a sua revelação. Tomou ocasionalmente notas num bloco à sua frente. Quando a Sra. Trentham terminou, ele só emitiu opinião após bastante tempo.

– Terá de haver uma alteração de nome – sugeriu ele – se não quer que ninguém descubra o que tem em mente.

– E temos de ter também a certeza de que não haverá, no futuro, possibilidade de descobrir que foi o pai dela – disse a Sra. Trentham.

O velho advogado franziu a testa.

– Isso vai exigir que confie bastante na... – verificou o nome rabiscado à sua frente – Srta. Benson.

– Pague à Srta. Benson o que for necessário para garantir o seu silêncio –

disse a Sra. Trentham. – A firma Coutts em Londres tratará de todos os pormenores financeiros.

O sócio mais antigo fez um sinal de concordância com a cabeça e, tendo ficado à secretária até quase meia-noite nos dias seguintes, conseguiu terminar toda a papelada necessária para cumprir as exigências da sua cliente algumas horas apenas antes de a Sra. Trentham partir para Londres.

Guy Trentham foi declarado morto pelo médico de serviço às seis horas e três minutos da manhã de 23 de abril de 1927 e, no dia seguinte, a Sra.

Trentham iniciou a sua triste viagem de regresso à Inglaterra, acompanhada pelo caixão.

Sentia-se satisfeita pelo fato de apenas duas pessoas naquele continente saberem tanto quanto ela, uma delas, um cavalheiro idoso a apenas alguns meses da aposentadoria, e a outra, uma mulher que podia agora viver o resto da vida num estilo que nunca teria achado possível alguns dias antes.

A Sra. Trentham enviou um telegrama ao marido com o mínimo de informação que considerou necessária antes de partir para Southampton tão silenciosa e anônima como viera. Assim que pisou o solo inglês, a Sra.

Trentham foi conduzida diretamente para Chester Square. Forneceu ao marido pormenores da tragédia, e ele concordou, com relutância, que colocassem um anúncio no The Times no dia seguinte. Dizia:

“Comunica-se a trágica morte do capitão Guy Trentham, CM, vítima de tuberculose, após prolongada doença. O funeral será realizado em St. Mary’s, Ashurst, Berkshire, na terça-feira. 8 de junho de 1927.”

O vigário local presidiu a cerimônia pelo querido ente falecido. A sua morte, garantiu ele aos fiéis, constituía uma tragédia para todos que o conheciam.

Guy Trentham foi enterrado numa campa inicialmente destinada ao pai. O

major e a Sra. Trentham – familiares. amigos da família, paroquianos e criados deixaram o cemitério de cabeça baixa.

Nos dias que se seguiram. a Sra. Trentham recebeu mais de cem cartas de condolências, algumas das quais lembravam que ela tinha pelo menos a consolação de ter um outro filho para ocupar o lugar de Guy.

No dia seguinte, a fotografia de Nigel substituiu a do irmão mais velho na mesa de cabeceira.

CHARLIE

1926 - 1945

CAPÍTULO 25

Eu estava descendo o Chelsea Terrace com Tom Arnold na nossa volta habitual da segunda-feira de manhã quando ele, pela primeira vez, deu uma opinião.

– Não vai acontecer– disse eu.

– O senhor pode ter razão, mas, neste momento, muitos comerciantes estão entrando em pânico.

– Cambada de covardes – disse-lhe eu. – Com quase já meio milhão de desempregados, só meia dúzia faria o disparate de pensar numa greve geral.

– Talvez, mas, mesmo assim, a Comissão das Lojas está aconselhando os seus membros a cobrir as vitrines com tábuas.

– Syd Wrexall aconselharia os seus membros a cobrir as vitrines se um cachorro pequinês levantasse a perna na porta da frente do Mosqueteiro. E nem sequer seria preciso que o cão miasse.

Um sorriso perpassou os lábios de Tom.

– Então, está preparado para a luta, senhor Trumper?

– Pode ter certeza, Nisso, apoio Churchill até o fim. – Parou para verificar a vitrine de chapéus e lenços – Quantas pessoas empregamos neste momento?

– Setenta e uma.

– E quantas você acha que estão pensando em fazer greve?

– Meia dúzia, dez no máximo, acho eu, e só os que são sócios do Sindicato dos Trabalhadores do Comércio. Mas podia ainda haver o problema de alguns dos nossos empregados terem dificuldade em chegar ao trabalho devido a paralisação dos transportes públicos.

– Então, de-me o nome de todos de que você não tem certeza até a noite, e eu falarei com eles durante a semana. Pelo menos assim, poderei talvez convencer alguns sobre o seu futuro a longo prazo com a empresa.

– E qual será o futuro a longo prazo da empresa, se a greve for avante?

– Quando é que você vai se convencer, Tom, de que não vai acontecer nada que possa afetar a empresa Trumper?

– Syd Wrexall pensa...

– Garanto-lhe que isso é uma coisa que ele não faz.

– Pensa que pelo menos três lojas serão postas à venda durante o próximo mês e, se houver uma greve geral, poderá haver muitas mais. Os mineiros estão convencendo...

– Não estão convencendo Charlie Trumper – disse-lhe eu. – Por isso, avise-me assim que souber de alguém que queira vender, porque ainda quero comprar.

– Enquanto todos querem vender?

– É exatamente quando se deve comprar – respondi. – A boa hora de se subir num bonde é quando todos estão descendo. Por isso, quero os nomes, Tom. Agora, vou até o banco. – Afastei-me na direção de Knightsbridge.

Na privacidade do seu novo escritório na Brompton Road, Hadlow informou-me de que a empresa Trumper tinha agora depositadas um pouco mais de doze mil libras: um apoio razoável, considerava ele, se houvesse uma greve geral.

– O senhor, também – disse eu, exasperado. – Nunca haverá greve. Mesmo que haja, creio que acabará em poucos dias.

– Como a última guerra? – perguntou Hadlow, olhando-me por cima dos Óculos de meia-lua.– Eu sou, por natureza, um homem cauteloso, senhor Trumper.

– Bem, eu não sou – disse eu, interrompendo-o. – Por isso, prepare-se para ver esse dinheiro ser bem utilizado.

– Já destinei cerca de metade dessa quantia para o caso de a Sra. Trentham não ficar com o nº 1 – lembrou-me ele – Ela ainda tem – virou-se para verificar o calendário na parede – cinquenta e dois dias.

– Então, creio que é o momento de nos mantermos calmos.

– Se o mercado cair, talvez não seja sensato arriscar tudo. Não acha, senhor Trumper?

– Não, não acho, mas é por isso que eu... – comecei, mal conseguindo controlar-me para não dizer realmente o que pensava.

– É, de fato – respondeu Hadlow, fazendo-me sentir ainda mais embaraçado. – E essa é a razão pela qual o apoiei tanto até agora – acrescentou ele com ar magnânimo.

– A medida que os dias passavam, tive de admitir que uma greve geral parecia cada vez mais provável. O clima de incerteza e de falta de confiança no futuro significou que primeiro uma loja e depois outra fossem postas a venda.

Comprei as primeiras duas a preços Ótimos, com a condição de o pagamento ser imediato, e, graças à rapidez com que Crowther terminou a papelada e Hadlow liberou o dinheiro, até consegui acrescentar a sapataria, seguida da farmácia.

Quando a greve geral finalmente começou – na terça-feira, 4 de maio de 1926, eu e o coronel estávamos na rua ao romper do dia. Verificamos todas as nossas lojas de norte a sul. Todos os membros

da comissão de Syd Wrexall já tinham colocado tábuas nas lojas, o que eu considerei significar cedência aos grevistas. Concordei, porém, com o plano do coronel para a Operação Cadeado, que, a um sinal meu, permitia que Tom Arnold tivesse todas as treze lojas fechadas a cadeado em três minutos. No sábado anterior tinha visto Tom fazer vários exercícios de treino, como ele chamou, para divertimento dos transeuntes.

Embora na primeira manhã de greve o tempo estivesse bom e as ruas cheias de gente, a única concessão que fiz à multidão em movimento foi não colocar os produtos na calçada do 147 e do 131.

– As oito, Tom Arnold informou-me que apenas cinco funcionários não tinham vindo trabalhar, apesar de enormes engarrafamentos que obrigava os transportes públicos ficarem parados durante horas seguidas, e um deles estava mesmo doente.

Quando eu e o coronel andávamos de um lado para o outro de Chelsea Terrace, fomos insultados de vez em quando, mas eu não sentia que houvesse um verdadeiro clima de violência e, bem vistas as coisas, a maior parte das pessoas estava genuinamente bem-humorada. Alguns rapazes até jogaram futebol na rua.

O primeiro sinal de verdadeira agitação aconteceu na segunda manhã, quando um tijolo foi atirado na vitrine do nº 5, ourivesaria e relojoaria. Vi dois dos três jovens baderneiros tirar o que puderam da vitrine principal antes de fugir Terrace abaixo.

A multidão tornou-se agitada e começou a gritar slogans, por isso fiz sinal a Tom Arnold, que estava a cerca de cinquenta metros acima, e ele soprou imediatamente seis vezes no apito. Dentro dos três minutos que o coronel estipulara, todas as lojas foram fechadas. Mantive-me firme enquanto a polícia interveio e várias pessoas foram presas. Embora ainda houvesse muita excitação no ar, dentro de uma hora pude dar ordem a Tom para que reabrisse as lojas e continuasse a servir os fregueses como se nada tivesse acontecido.

Passadas três horas, ferramentas tinham substituído a vitrine nº 5 – não era manhã para comprar joias.

Na quinta-feira, apenas três pessoas não vieram trabalhar, mas contei mais quatro lojas no Terrace que tinham sido tapadas com tabuas. As ruas pareciam muito mais calmas. Durante um café da manhã rápido, soube por Becky que não haveria The Times nessa manhã porque os tipógrafos estavam em greve, mas, em desafio, o governo havia publicado o seu próprio jornal, a British Gazette, uma criação do Sr. Churchill, que informou seus leitores de que os trabalhadores das estradas de ferro e dos transportes estavam agora voltando ao trabalho em massa. Apesar disso, Norman Cosgrave, o peixeiro do nº 11, disse-me que estava farto de tudo aquilo e perguntou quanto é que eu estava disposto a oferecer-lhe pelo seu negócio. Tendo concordado num preço de manhã, fomos até o banco nessa mesma tarde para fechar o negócio. Uma chamada telefônica assegurou que Crowther tivesse mandado datilografar os documentos necessários e Hadlow já havia preenchido um cheque quando chegamos, por isso, tudo o que foi exigido de mim foi uma assinatura.

Quando regressei a Chelsea Terrace, encarreguei Tom Arnold de tomar conta da peixaria até ele encontrar o gerente certo para substituir Cosgrave. Não lhe disse nada na ocasião, mas só semanas depois de Tom ter entregue o cargo a um rapaz de Billingsgate é que ele conseguiu livrar-se do cheiro persistente.

A greve geral terminou oficialmente na nona manhã, e no último dia do mês eu já havia correndo detrás para a frente, a caminho do banco, mas, pelo menos, todas as minhas aquisições tinham sido a um preço que permitia a Hadlow sorrir, mesmo quando me avisava de que os fundos estavam baixando.

Na reunião seguinte do nosso conselho de administração, pude também informar que o grupo Trumper possuía agora vinte lojas em Chelsea Terrace, que era mais do que os membros da Comissão das

Lojas todos juntos. No entanto, Hadlow exprimiu a opinião perante o conselho de que, agora, devíamos ter um longo período de consolidação se quiséssemos que as lojas que havíamos adquirido recentemente tivessem a mesma qualidade e nível das treze originais. Fiz apenas uma outra proposta significativa na reunião, que recebeu a concordância unânime dos meus colegas – que Tom fosse convidado a entrar para a administração.

Eu ainda não conseguia resistir a passar de vez em quando algum tempo sentado no banco em frente ao nº 147, vendo a transformação de Chelsea Terrace, ali, diante de meus olhos. Pela primeira vez, conseguia diferenciar entre as lojas que me pertenciam e as que tinha de comprar, e que incluíam catorze, que eram propriedade dos membros da comissão de Wrexall – não esquecendo do prestigioso nº 1 ou o Mosqueteiro.

Tinham-se passado setenta e dois dias desde o leilão, e o Sr. Fothergill, embora ainda comprasse frutas e hortaliças no nº 147, nunca me dissesse uma palavra sobre se a Sra. Trentham havia honrado o contrato. Jean Moore informou a minha mulher que a sua antiga patroa recebera recentemente a visita do Sr. Fothergill e, embora a cozinheira não tivesse conseguido ouvir toda a conversa tinha percebido, decididamente, vozes alteradas.

Quando Daphne me visitou na loja na semana seguinte, perguntei se ela sabia o que a Sra. Trentham estava tramando.

– Deixe de se preocupar com a maldita mulher – foi tudo o que Daphne disse sobre o assunto. – Em todo caso e acrescentou –, os noventa dias estão expirando e, com toda franqueza, você devia estar mais preocupado com a sua parte do que com os problemas financeiros da Sra. Trentham.

– Estou de acordo. Mas mesmo assim não terei terminado o trabalho antes do próximo ano – disse eu, tendo escolhido doze ameixas perfeitas para ela antes de colocar na balança.

– Está sempre com tanta pressa, Charlie. Por que é que as coisas têm de estar sempre terminadas numa determinada data?

– Porque é isso que me dá força para continuar.

– Mas Becky ficará igualmente bem impressionada com a sua façanha se terminar um ano mais tarde.

– Não seria a mesma coisa – disse-lhe eu. – Tenho de trabalhar mais.

– O dia só tem um determinado número de horas – lembrou-me Daphne. –

Mesmo para você.

– Bem, isso é uma coisa que não me podem culpar.

Daphne riu:

– Como vai a tese de Becky sobre Luini?

– Acabou o malfadado trabalho. Vai começar a rever o último rascunho de trinta mil palavras, por isso leva boa vantagem em relação a mim. Mas com greve geral e a compra de todos os novos prédios, para não falar na Sra.

Trentham, ainda nem sequer tive tempo de levar Daniel para ver a West Ham esta época. – Charlie começou a embalar a encomenda dela num saco grande de papel.

– Becky já descobriu o que está fazendo?

– Não, eu só desapareço completamente quando ela está trabalhando até tarde na Sotherby ou catalogando uma coleção importante. Ela ainda não reparou que eu me levanto todas as manhãs às quatro e meia, que é quando trabalho a sério. Entregou-lhe o saco de ameixas e sete xelins e dez pence de troco.

– Você é igual o Trollope, não é? – disse Daphne. – A propósito, ainda não contei a Percy o nosso segredo, mas estou ansiosa por ver a expressão do rosto deles quando...

– Chii, nem uma palavra.

Quando se tenta obter algo durante muito tempo, è estranho como o prêmio final vem muitas vezes às mãos quando menos esperamos.

Eu estava atendendo fregueses no nº147 nessa manhã. Bob Makins ficava sempre aborrecido ao ver-me arregaçar as mangas, mas eu gosto muito de conversar com os meus fregueses antigos, e, ultimamente, era a única oportunidade que tinha de tomar conhecimento dos mexericos, assim como de ter uma ideia do que os fregueses pensavam das minhas outras lojas, No entanto, confesso que, quando cheguei a atender o Sr. Fothergill, a fila ia até a mercearia, que, eu sabia, Bob ainda considerava uma concorrente.

– Bom-dia – disse eu, quando o Sr. Fothergill chegou a frente da fila.

– O que posso oferecer hoje, senhor Fothergill? Tenho umas belas...

– Será que podemos dar uma palavra em particular, senhor Trumper?

Fiquei tão surpreso que não respondi imediatamente. Sabia que a Sra.

Trentham ainda tinha nove dias para ultimar o contrato, e eu pensara que não iria ouvir nada sobre o assunto até lá. Afinal de contas, ela devia ter os seus Hadlows e Crowthers para tratar dos papéis.

– Receio que o depósito seja o único lugar disponível neste momento. –

preveni-o. Despi o jaleco verde, desenrolei as mangas e tornei a vestir o casaco.

– O senhor sabe, o meu gerente mora agora no apartamento de cima –

expliquei, conduzindo o leiloeiro para os fundos da loja.

Ofereci-lhe assento numa caixa de laranjas virada ao contrário e coloquei outra caixa na sua frente. Um ambiente estranho, pensei eu. Para discutir o melhor negócio da minha vida. Tentei ficar calmo.

– Irei diretamente ao assunto – disse Fothergill. – A Sra. Trentham há semanas não me procura e ultimamente se recusa a atender as minhas chamadas.

Ainda por cima, a Savill disse-me claramente que não tem quaisquer instruções para completar a transação em seu nome. Disseram até que foram informados de que ela já não está interessada no prédio.

– Mesmo assim o senhor recebeu mil e duzentas libras de depósito – lembrei-lhe, tentando evitar um sorriso.

– Não o nego – respondeu o Sr. Fothergill. – Mas, desde então, assumi outros compromissos e, com a greve geral...

– Tempos difíceis. concordo – disse-lhe eu. Senti as palmas das mãos transpirando.

– Mas o senhor nunca escondeu o seu desejo de ser dono do nº 1.

– É verdade, mas, desde o leilão, tenho comprado vários outros prédios com o dinheiro que havia reservado originalmente para a sua loja.

–Eu sei, senhor Trumper. Mas, agora, estou disposto a acordar um preço muito mais razoável...

– E três mil e quinhentas libras era o que eu estava disposto a licitar, como, sem dúvida, se recorda.

– Doze mil foi o seu último lance, se bem me lembro.

– Uma questão de tática, senhor Fothergill, nada mais do que tática. Eu não tinha qualquer intenção de pagar doze mil, como, tenho certeza, o senhor sabe perfeitamente.

–Mas a sua esposa licitou cinco mil e quinhentas libras, mesmo esquecendo a sua licitação posterior de catorze mil.

– Não posso negá-lo – disse-lhe eu, voltando ao meu sotaque cockney. –

mas, se o senhor fosse casado, Sr. Fothergill, saberia porque razão nós, no East End, nos referimos sempre a elas como carga de trabalhos.

– Eu venderia o prédio por sete mil – disse ele. – Mas só ao senhor.

– O senhor venderia o prédio por cinco mil – repliquei – a quem aparecesse com o dinheiro.

– Nunca – disse Fothergill.

– Aposto que seria dentro de nove dias, mas digo-lhe o que vai fazer –

acrescentei, inclinando-se para a frente e quase caindo da caixa. – Honrarei o compromisso de minha mulher de cinco mil e quinhentas libras que confesso foi o limite que o conselho de administração nos autorizou, mas apenas se tiver toda a papelada pronta para eu assinar antes da meia-noite. – O Sr. Fothergill abriu a boca com indignação. – Certamente – acrescentei eu antes de ele conseguir protestar –, não deve ser grande problema para o senhor. Afinal de contas o contrato está em cima da sua secretária há oitenta e um

dias. Tudo o que tem a fazer é alterar o nome e tirar um zero, Agora, se me desculpa, tenho de voltar para os meus fregueses.

– Nunca tinha sido tratado de modo tão arrogante –disse o Sr. Fothergill pondo,-se de pé num salto. Voltou-se e saiu, deixando-me sentado sozinho no armazém.

–Nunca me consideraria um cavalheiro – disse eu para o caixote de laranjas voltado – um cabeça dura, talvez.

Depois de ler mais um capítulo de Através do Espelho para Daniel e de ter aguardado que ele adormecesse, desci para jantar com Becky. Enquanto ela me servia a sopa, contei-lhe os pormenores da minha conversa com Fothergill.

– É pena – foi a sua reação imediata – Preferia que ele tivesse – vindo falar comigo primeiro. Agora, talvez nunca consigamos o nº 1. – Uma opinião que ela repetiu antes de se deitar. Apaguei a luz do meu lado, pensando que talvez Becky tivesse razão. Estava começando a ficar com sono quando a campainha da porta da frente soou.

– Já passa das onze e meia– disse Becky sonolenta. – Quem poderá ser?

– Um homem que cumpre prazos?– Sugeri, voltando a acender a luz. Saltei da cama, vesti o roupão e desci as escadas para abrir a porta.
–

– Venha até o meu escritório, peregrino – disse eu depois de ter cumprimentado o Sr. Fothergill.

– Obrigado, Charles – respondeu ele. Tive de me conter para não rir, quando tirei um exemplar de Matemática – Parte II da secretária, para conseguir chegar a gaveta onde estavam os cheques da empresa.

– Cinco mil e quinhentas, se bem me lembro – disse eu, desatarraxando a tampa da caneta, e olhei para o relógio em cima da lareira. As onze e trinta e sete, entreguei o contrato completo e definitivo ao Sr. Fothergill. em troca do prédio nº 1, Chelsea Terrace.

Apertamos as mãos para firmar o acordo e acompanhei o antigo leiloeiro, à porta. Quando voltei a subir as escadas e regressei ao quarto, vi, surpreso, que Becky estava sentada a sua secretária.

– O que está fazendo? – perguntei.

– Redigindo o meu pedido de demissão à Sotheby's.

Tom Arnold começou a passar o nº 1 mais do que a pente fino, como preparação para que Becky viesse trabalhar conosco um mês mais tarde como diretora-geral dos Trumper Leiloeiros e Especialistas em Arte, Ele compreendeu que eu considerava que a nossa nova aquisição devia tornar-se o navio-almirante de todo o império Trumper, mesmo se, para desalento de Hadlow os custos começassem a lembrar um navio de combate.

Becky deixou a Sotheby's na sexta-feira, dezesseis de julho de 1926.

Entrou na loja Trumper, nascida Fothergill, na manhã seguinte as sete horas, para se encarregar da remodelação do prédio, ao mesmo tempo liberando Tom para voltar às suas tarefas usuais. Começou imediatamente a transformar o porão do nº 1 num depósito, com a recepção principal no térreo e a sala de leilões no primeiro andar.

Becky e sua equipe de especialistas ficariam instalados no segundo e terceiro andares, enquanto o andar superior, que tinha sido o apartamento do Sr.

Fothergill, abrigaria os escritórios da administração da empresa e a sala de reuniões do conselho de administração.

O conselho completo reuniu-se pela primeira vez no nº 1 de Chelsea Terrace em dezessete de novembro de 1926.

Três meses depois de ter deixado a Sotheby's, Becky havia roubado sete dos onze empregados que queria que viessem trabalhar com ela e tirou outros quatro de Bonham's e Philips. Na primeira reunião do conselho de administração, ele nos avisou que levaria cerca de três anos para pagar as dívidas contraídas com a compra e remodelação do nº 1, e poderia levar mais três até ter a certeza de fazer uma boa contribuição para os lucros do grupo,

– Não é como a minha primeira loja – informei ao conselho de administração. – Em três semanas estava dando lucro, Sr. Presidente.

– Pare com esse ar de satisfação com você mesmo, Charlie Trumper, e tente lembrar-se de que não estou vendendo batatas – disse minha mulher.

– Oh, isso eu não sei – respondi, e no dia 21 de outubro 1926, para comemorar nosso sexto aniversário de casamento, lhe ofereci um Óleo de Van Gogh intitulado Os Comedores de Batatas.

O Sr. Reed, da Galeria Lefevre, que tinha sido amigo pessoal do pintor, disse-me que era quase tão bom como o que estava no Rliks Museum.

Tive de concordar, ainda que o preço pedido fosse um tanto exorbitante, mas, depois de alguma discussão, fechamos em seiscentos guinéus.

Durante algum tempo, tudo parecia calmo na frente de batalha com relação à Sra. Trentham. Esse estado de coisas preocupava-me, porque calculei que ela devia estar tramando algo. Sempre que uma loja era posta à venda, eu ficava à espera de que ela licitasse contra mim, e se havia algum problema no Terrace, perguntava a mim próprio se ela não estaria por trás. Becky concordou com Daphne

que eu estava ficando paranoico, quando Arnold me disse que estava bebendo no bar e ouviu Wrexall receber uma chamada da Sra. Trentham. Não foi possível a Arnold relatar algo importante porque Syd tinha ido atender à chamada da sala dos fundos. Depois disso, minha mulher estava disposta a admitir que era óbvio que a passagem do tempo não havia diminuído o desejo de vingança da Sra. Trentham.

Foi em março de 1927 que Joan nos informou que sua antiga patroa haviam passado dois dias fazendo malas antes de ser conduzida a Southampton, onde embarcou num navio para a Austrália. Daphne pôde confirmar essa informação quando veio jantar em Gilston Road na semana seguinte.

– Podemos, assim, presumir, queridos, que ela foi visitar aquele seu filho horroroso.

– Até agora ela sempre esteve ansiosa por fornecer extensos relatórios sobre o progresso do canalha a quem quisesse ouvir, por isso, por que motivo não disse o que vai fazer dessa vez?

– Não tenho a menor ideia – respondeu Daphne.

–Acha que é possível que Guy esteja planejando regressar à Inglaterra, agora que as coisas acalmaram um pouco?

– Duvido. – Daphne franziu a testa. – Senão, o navio estaria navegando na direção oposta, não estaria? Em todo caso, a julgar pelos sentimentos do pai dele, se Guy se atrever a aparecer em Ashurst Hall, não vai ser tratado exatamente como o filho pródigo.

-Há qualquer coisa que não vai bem – disse-lhe eu. – Esse véu de mistério de que a Sra. Trentham se tem rodeado ultimamente exige uma explicação.

Três meses mais tarde, em junho de 1927, o coronel me chamou a atenção para o anúncio da morte de Guy Trentham no The Times.

– Que maneira horrível de morrer! – foi o seu único comentário.

Daphne foi ao funeral na igreja da paróquia de Ashurst – porque, como explicou mais tarde, queria ver o caixão baixar à cova antes de estar finalmente convencida de que Guy Trentham já não se encontrava entre nós.

Percy informou-me mais tarde que teve dificuldades de impedir que ela se juntasse aos coveiros quando eles encheram a cova com bons torrões ingleses.

No entanto, Daphne disse-nos que continuava cética quanto à causa da morte, apesar de não existir qualquer evidência em contrário.

– Pelo menos, não teremos mais problemas vindos daquelas bandas –

foram as últimas palavras de Percy sobre o assunto.

Franzi a testa.

– Vão ter de enterrar a Sra. Trentham a seu lado antes de eu acreditar nisso.

CAPÍTULO 26

Em 1929, os Trumbers mudaram-se para uma casa maior, em Little Boltons. Daphne assegurou-lhes que, embora fossem os “Little”, era um passo na direção certa. Olhando para Becky, acrescentou:

– No entanto, ainda está muito longe de Eaton Square, queridos.

A festa de inauguração da casa teve um duplo significado para Becky, porque, no dia seguinte, ela receberia o grau de mestre em Belas Artes. Quando Percy, para implicar, lhe lembrou o tempo que demorara para terminar a tese sobre o seu amante não

correspondido, Bernardino Luini, ela indicou o marido como cúmplice.

Charlie não fez nenhuma tentativa para se defender, limitou-se a servir outro brandy a Percy, antes de cortar a ponta de um charuto.

– Hoskins nos levará à cerimônia – disse Daphne –, por isso, nos encontramos lá, isto é, supondo que dessa vez eles sejam suficientemente simpáticos para nos deixar nas primeiras trinta filas.

Charlie ficou satisfeito ao ver que Daphne e Percy ficaram sentados apenas uma fila atrás deles, por isso, dessa vez, estavam suficientemente perto do palco para acompanhar toda a cerimônia.

– Quem são aqueles? – perguntou Daniel, quando catorze solenes cavalheiros idosos entraram no palco com longas togas pretas e capelos roxos e se sentaram nas cadeiras vazias.

– O senado – explicou Becky ao filho de oito anos, – Eles indicam a quem deverão ser atribuídos os graus. Mas não faça tantas perguntas, Daniel, porque incomoda as pessoas à nossa volta.

Então, o vice-reitor levantou-se para entregar os pergaminhos.

– Vamos ter de esperar que acabem todos os bacharéis antes de chegar a minha vez – disse Becky.

– Não seja tão pretenciosa, querida – disse Daphne. – Alguns de nós ainda se lembra de quando você achava que receber um diploma de curso era a coisa mais importante da sua vida.

– Por que é que papai não tem curso? – perguntou Daniel, apanhando o programa de Becky no chão. – Ele é tão sabido como você, mamãe.

– É verdade – disse Becky. – Mas o papai dele não o obrigou a frequentar a escola tanto tempo como o meu.

Charlie inclinou-se para a frente.

– Mas o avô dele, em vez disso, ensinou-o a vender frutas e hortaliças, para que soubesse fazer uma coisa útil o resto da vida.

Daniel ficou silencioso durante um momento, medindo o valor dessas duas opiniões opostas.

– A cerimônia vai levar muito tempo, se continuar nesse ritmo – murmurou Becky quando, meia hora depois, só tinham chegado à letra “P”.

– Nós podemos esperar – murmurou Daphne em tom alegre. – Eu e Percy não temos muitos planos até Goodwood.

– Oh, olhe, mamãe – disse Daniel. – Encontrei outro Arnold, outro Moore e outro Trumper na lista.

– São todos nomes bastante comuns – disse Becky não se preocupando em olhar para o programa enquanto colocava Daniel na beira da sua cadeira.

– Como será ele? – perguntou Daniel. – Os Trumper são todos parecidos, mamãe?

– Não, bobo, eles vêm em todas as formas e feitios.

– Mas ele tem a mesma inicial que o papai – disse Daniel em voz suficientemente alta para que todos nas três filas à sua frente sentissem que estavam incluídos na conversa.

– Chii – disse Becky, quando algumas pessoas se voltaram para olhar na sua direção.

– Bacharel – disse o vice-reitor. – Matemática, segunda classe, Charles George Trumper.

– E até se parece com seu pai – disse Charlie, levantando-se do seu lugar e dirigindo-se ao vice-reitor para receber o seu diploma.

Os aplausos aumentaram quando os espectadores repararam na idade desse bacharel. Becky ficou boquiaberta, incrédula. Percy limpou os óculos, enquanto Daphne não manifestou qualquer surpresa.

– Há quanto tempo você sabia? – perguntou Becky por entre os dentes cerrados.

– Ele se matriculou no Birkbeck College no dia seguinte ao da sua formatura.

– Mas onde é que ele arranjou tempo?

– Levou quase oito anos e muitas madrugadas, enquanto você dormia.

No final do seu segundo ano, as previsões financeiras de Becky para o nº I começaram a parecer um pouco demasiado otimistas. À medida que cada mês passava, o saldo a descoberto parecia permanecer constante, e só no vigésimo sétimo mês é que ela começou a diminuir a dívida.

Ela se queixou à administração de que, embora o diretor ajudasse constantemente com o movimento, ele não estava, de fato, contribuindo para os lucros, porque presumia sempre que podia comprar os artigos mais procurados a preços mais baixos.

– Mas nós estamos, ao mesmo tempo, investindo numa importante coleção de arte, senhora Trumper – lembrou-lhe ele.

– E poupando muito em impostos, fazendo também um bom investimento

– fez notar Hadlow. – Pode ser útil mais tarde, como garantia.

– Talvez, mas, não ajuda nada a minha folha de balanço, Sr. Presidente, se o diretor está sempre desaparecendo com o meu estoque mais vendável, e ainda ajuda menos que ele tenha decifrado o código de leilão, de modo que sabe sempre qual é o nosso preço de reserva.

– Tem de se considerar como parte da empresa e não como indivíduo, senhora Trumper – disse Charlie com um sorriso, acrescentando: – Embora confesse que talvez fosse mais barato se tivéssemos deixado ficar na Sotheby's.

– Isso não é para ser escrito em ata – disse o presidente com ar severo.

– A propósito, o que é esse código de leilão?

– Uma série de letras de uma determinada palavra ou palavras que indicam números; por exemplo, Charlie seria C-1, H-2, A-3, mas se uma das letras se repetir, então, deve se ignorada. Assim, uma vez descobertas as duas palavras que estão sendo substituídas pelos números de um a zero e se tem acesso ao nosso catálogo principal, sabe-se sempre o preço de reserva estabelecido para cada um dos quadros.

– Então, por que razão não alterar as palavras de tempos em tempos?

– Porque, uma vez que se conheça o código, pode-se sempre decifrar as palavras novas. Em todo caso, são precisas horas de treino para se olhar para o Q, N HH e saber imediatamente que são...

– Mil e trezentas libras – disse Charlie, com um sorriso de satisfação.

Enquanto Becky tentava fazer progredir o nº I, Charlie havia comprado mais quatro lojas, incluindo o barbeiro e a papelaria, sem

qualquer interferência da Sra. Trentham. Como ele disse aos colegas:

– Acho que ela já não tem dinheiro para nos fazer concorrência.

– Até o pai morrer – lembrou Becky. – Quando herdar aquela fortuna, ela pode, se quiser, desafiar o Sr. Selfidge e não há nada que Charlie possa fazer.

Charlie concordou, mas garantiu ao conselho de administração que tinha planos para pôr as mãos no resto do quarteirão muito antes disso.

– Não há razão para pensar que o homem não tem uns bons anos de vida à

sua frente.

– O que lhe faz lembrar – disse o coronel – que faço sessenta e cinco anos em maio próximo, e acho que é a hora certa para deixar de ser presidente.

Charlie e Becky ficaram espantados com este anúncio súbito, uma vez que nenhum deles tinha pensado por um instante no afastamento do coronel.

– Não poderia ficar pelo menos até os setenta? – perguntou Charlie.

– Não, Charlie, embora seja amável de sua parte sugerir-lo. Compreenda, prometi a Elizabeth que passaremos nossos últimos anos na nossa querida ilha de Skye. Em todo caso, é hora de você passar a ser o presidente do conselho de administração.

O coronel aposentou-se oficialmente em maio. Charlie deu uma festa em sua homenagem, no Savoy, para a qual convidou todos os empregados com seus maridos ou mulheres. Encomendou um jantar

de cinco pratos com três vinhos, para uma noite que, ele esperava, o coronel nunca esquecesse.

Quando a refeição terminou, Charlie levantou-se para brindar ao primeiro presidente do conselho de administração da empresa Trumper, antes de lhe oferecer um carrinho de prata com uma garrafa de Glenlivet, a marca de uísque preferida do coronel. Os empregados exigiram que o presidente que se afastava respondesse.

O coronel levantou-se, reto como uma vareta de espingarda, e começou por agradecer a todos os seus votos de felicidades. Prosseguiu, recordando aos presentes que quando se tinha unido ao Sr. Trumper e a Srta. Salmon, em 1920, só tinham uma loja em Chelsea Terrace, o nº 147. Vendia frutas e hortaliças, e tinham-na comprado pela soma principesca de cem libras. Charlie podia ver, passando o olhar pelas mesas, que muitos dos empregados mais novos – e Daniel, que vestia calças compridas pela primeira vez – simplesmente não acreditavam no velho soldado.

– Agora – continuou o coronel –, temos vinte e quatro lojas e cento e sessenta empregados. Disse à minha mulher, naquela ocasião, que ainda veria Charlie... – uma onda de riso perpassou a sala – o Sr. Trumper, ser dono de todo o quarteirão e construir o maior carrinho do mundo. Agora, estou convencido de que hei de ver. – Virando-se para Charlie, ergueu o copo disse:

– E desejo-lhe sorte.

Eles aplaudiram quando voltou a ocupar o seu lugar como presidente do conselho de administração pela última vez.

Charlie levantou-se para agradecer.

– Sr. Presidente – começou ele –, é preciso que ninguém nesta sala tenha qualquer dúvida de que eu e Becky não poderíamos ter constituído a empresa Trumper, como ela e hoje, sem o seu apoio. De fato, verdade seja dita, provavelmente, não poderíamos sequer

ter comprado as lojas 2 e 3. Sinto-me orgulhoso de sucedê-lo como segundo presidente do conselho de administração e, sempre que tomar uma decisão de alguma importância, imaginarei que estará olhando-me por cima do ombro. A última proposta que me fez, como presidente do conselho de administração, entrará em vigor amanhã. Tom Arnold será diretor-geral e Bob Makins entrará para o conselho de administração. Porque será sempre política da empresa Trumper promover internamente.

– Vocês são a nova geração— disse Charlie olhando seus empregados na sala de baile –, e esta é a primeira ocasião em que estamos todos juntos debaixo do mesmo teto. Por isso, vamos marcar uma data que trabalharemos todos debaixo do mesmo teto, a Trumper de Chelsea Terrace. Eu proponho 1940.

Todos os empregados se levantaram ao mesmo tempo, gritaram – 1940 – e aplaudiram o seu novo presidente de administração. Quando Charlie se sentou, o maestro levantou a batuta para indicar que a dança iria começar.

O coronel levantou-se e convidou Becky para dançar com ele a primeira valsa. Ele a acompanhou a uma pista de dança vazia.

– Lembra-se da primeira vez que me convidou para dançar? – perguntou Becky.

– Certamente me lembro – disse o coronel. – E para citar o Sr. Hardy:

“E em que grande confusão você me meteu outra vez”.

– A culpa é dele – disse Becky, enquanto Charlie deslizava, conduzindo Elizabeth Hamilton pela pista de dança.

O coronel sorriu.

– Que discurso será feito quando Charlie se aposentar? – Disse ele a ele a Becky, pensativo. – E não consigo imaginar quem ousará sucedê-lo.

– Uma mulher, talvez?

CAPÍTULO 27

O jubileu de prata do rei George V e da Rainha Mary, em 1935, foi celebrado por todos nas lojas Trumper. Houve cartazes e fotografias em cores do casal real em todas as vitrines e Tom Arnold organizou um concurso para ver qual das lojas apresentaria a vitrine mais imaginativa para celebrar a ocasião.

Charlie tomou conta do número 147, que ainda considerava o seu feudo pessoal e, com a ajuda da filha de Bob Makins, que estava no primeiro ano da Escola de Arte de Chelsea, produziu um modelo do rei e da rainha feito de todas as frutas e hortaliças provenientes do império britânico. Ficou lívido quando os Juízes – o coronel, o marquês e a marquesa de Wiltshire – atribuíram o segundo lugar ao número 147, atrás da floricultura, que fazia grande negócio vendendo ramos de crisântemos vermelhos, brancos e azuis; o que os fizera ganhar o primeiro lugar fora um enorme mapa do mundo feito inteiramente de flores, com o império britânico em rosas vermelhas.

Charlie deu o dia de folga a todos os empregados e acompanhou Becky e Daniel à esplanada às quatro e meia da manhã, a fim de conseguir um bom ponto de observação para ver o rei e a rainha ir do Palácio de Buckingham à Catedral de S. Paulo, onde seria celebrada uma missa de ação de graças.

Quando chegaram à esplanada, descobriram que milhares de pessoas já cobriam toda a calçada com sacos de dormir, cobertores e até barracas, tendo alguns até tomado o desjejum, sem abrir mão do espaço que ocupavam.

As horas de espera passaram rapidamente, enquanto Charlie travava amizade com visitantes vindos de todo o império. Quando o desfile finalmente começou, Daniel ficou sem fala, de alegria, ao ver os diferentes soldados da Índia, África, Austrália, do Canadá e de trinta e seis outras nações passarem por ele marchando. Quando o rei e a rainha passaram na carruagem real, Charlie pôs-se em sentido e tirou o chapéu, um gesto que repetiu quando os Royal Fusiliers desfilaram tocando o hino do regimento. Quando desapareceram todos, ele pensou com inveja em Daphne e Percy, que tinham sido convidados para assistir à missa na Catedral de S. Paulo.

Depois de o rei e a rainha terem regressado ao Palácio de Buckingham –

hora do almoço, como Daniel explicou aos que estavam à sua volta – os Trumpers iniciaram o regresso a casa. No caminho, passaram por Chelsea Terrace, onde Daniel viu o enorme “2º lugar” na vitrine do nº 147.

– Para que é aquilo ali, pai? – perguntou ele de imediato.

A mãe teve imenso prazer em explicar ao filho como funcionara o concurso.

– Em que lugar você ficou, mamãe?

– Décimo sétimo em vinte e seis – disse Charlie. – E só porque os três juízes são amigos há muito tempo.

Dez meses depois, o rei morreu.

Charlie tinha esperança de que, com a ascensão de Eduardo VIII, se iniciasse uma nova era, e decidiu que já era mais do que tempo de fazer uma peregrinação à América.

Informou o conselho de administração dos seus planos de viagem na reunião seguinte.

– Alguns problemas importantes com que tenha de me preocupar enquanto estiver fora? – perguntou o presidente ao seu diretor-geral.

– Ainda não encontrei um gerente para a joalheria e algumas empregadas para a loja de roupa de senhoras – respondeu Arnold. – Tudo o mais está bastante calmo neste momento.

Confiante de que Tom Arnold e o conselho de administração tomariam bem conta de tudo durante o mês em que tencionava estar fora, Charlie ficou finalmente convencido de que devia ir, quando leu a notícia sobre a preparação do lançamento à água do Queen Mary. Reservou um camarote para dois na sua viagem inaugural.

Becky passou cinco dias maravilhosos no Queen durante a viagem de ida e ficou muito satisfeita ao ver que o marido começou a descontrair-se quando compreendeu que não havia maneira de contactar Tom Arnold, ou, mesmo Daniel, que estava em adaptação ao seu primeiro colégio interno. Na verdade, Charlie, assim que aceitou o fato de que não podia incomodar ninguém, pareceu divertir-se bastante, descobrindo as diversas atividades que o navio proporcionava a um homem de meia-idade, com um pouco de peso a mais e em má forma.

O grande Queen entrou no porto de Nova Iorque numa segunda-feira de manhã, sendo recebido por uma multidão; Charlie não pôde deixar de imaginar como deveria ter sido diferente para os Pilgrim Fathers, chegando no Mayflower sem qualquer comissão de recepção e sem saber o que esperar dos indígenas. Na realidade, Charlie também não tinha bem certeza acerca do que esperar dos nativos.

A conselho de Daphne, Charlie tinha feito uma reserva no Hotel Waldorf Astoria, mas, assim que ele e Becky desfizeram as malas, deixaram de ter necessidade de ficar descansando. Levantou-se na manhã seguinte às quatro e meia e, ao folhear o New York Times, viu o nome da Sra. Wallis Simpson pela primeira vez. Assim que leu os jornais, Charlie saiu do Waldorf Astoria e foi passear pela Quinta Avenida, estudando as diferentes vitrines. Sentiu-se rapidamente seduzido, ao ver como os habitantes de Manhattan eram imaginativos e originais, em comparação com os seus colegas de Oxford Street.

Assim que as lojas abriram, às nove horas, ele pôde explorar tudo detalhadamente. Dessa vez, andou de um lado para o outro dos corredores das lojas elegantes que se situavam na maior parte das esquinas. Verificava os estoques, observava os empregados e até seguiu alguns clientes para ver o que eles compravam. No fim desses primeiros dois dias em Nova Iorque, regressou exausto ao hotel, à noite.

Só na terceira manhã é que Charlie, tendo completado a Quinta Avenida e a Madison, passou para a Lexington, onde descobriu o Bloomingdale's e, a partir desse momento, Becky compreendeu que havia perdido o marido durante o resto de sua estada em Nova Iorque.

Ao longo das duas primeiras horas, Charlie não fez mais nada senão andar acima e abaixo nas escadas rolantes, até conhecer bem a disposição do prédio.

Começou depois a estudar cada um dos andares seção por seção, fazendo inúmeras anotações. No térreo vendiam perfumes, bijuterias, joias; no primeiro andar, lenços, chapéus, luvas, artigos de papelaria; no segundo andar estavam as roupas de homem e, no terceiro, roupas de senhoras; no quarto andar, artigos domésticos e por aí adiante, até descobrir que os escritórios da empresa eram no

décimo segundo andar, discretamente escondidos atrás de um aviso que dizia:

“Proibida a entrada”. Charlie gostaria de conhecer a disposição desse andar, mas não tinha jeito de descobrir.

No quarto dia, fez um estudo cuidadoso de como cada um dos balcões estava colocado e começou a desenhar a sua disposição individual. Quando subia a escada rolante para o terceiro andar nessa manhã, encontrou dois jovens atléticos barrando-lhe o caminho. Charlie nada pôde fazer, exceto recuar um passo na escada rolante.

– Algo errado?

– Não temos certeza – disse um dos brutamontes. – Nós somos da segurança da loja e agradeceríamos se o senhor nos acompanhasse, se não se importar.

– Com todo o prazer – disse Charlie, incapaz de adivinhar qual era o problema deles.

Foi levado num elevador para o único andar que ainda não tivera oportunidade de conhecer e conduzido ao longo de um corredor comprido, por uma porta sem qualquer indicação, para uma sala vazia. Não havia quadros na parede, nem carpete no chão, e a única mobília consistia em três cadeiras de madeira e uma mesa. Deixaram-no só. Momentos mais tarde, entraram dois homens mais velhos.

– Pode responder a algumas perguntas? – perguntou o mais alto.

– Com certeza – disse Charlie, intrigado com a maneira estranha como estava sendo tratado.

– De onde é o senhor? – perguntou o primeiro.

– Inglaterra.

– E como veio para cá? – perguntou o segundo.

– Na viagem inaugural do Queen Mary. – Ele viu que ambos manifestaram sinais de nervosismo quando receberam essa informação.

– Então, por que razão o senhor anda por toda a loja há dois dias, tomando notas e sem tentar comprar um único artigo?

Charlie caiu na gargalhada.

– Porque sou dono de vinte e seis lojas em Londres – explicou ele. – Estava simplesmente comparando o modo como os senhores fazem as coisas na América e a maneira como eu dirijo o meu negócio na Inglaterra.

Os dois homens começaram a murmurar um para o outro, com nervosismo.

– Posso perguntar-lhe como se chama?

– Trumper, Charlie Trumper.

Um dos homens levantou-se e saiu. Charlie teve a sensação clara de que eles não acreditavam na sua história. O homem que permaneceu sentado a sua frente não deu qualquer opinião, por isso ficaram os dois em silêncio durante alguns minutos, até que a porta se abriu e por ela entrou um cavalheiro alto elegantemente vestido com um terno castanho-escuro, sapatos castanhos e um lenço dourado no pescoço. Quase correu, de braços estendidos, para abraçar Charlie.

– Tenho de lhe pedir desculpas, senhor Trumper – foram as suas primeiras palavras. – Não fazia ideia de que estivesse em Nova

Iorque, muito menos na loja. O meu nome é John Bloomingdale, e esta pequena loja que tem estudado é minha.

– Tenho estudado, sim – disse Charlie.

Antes que pudesse dizer outra palavra, o Sr. Bloomingdale acrescentou:

– Isso é mais do que justo, porque eu também estive estudando o seu famoso carrinho em Chelsea Terrace e trouxe de lá algumas ótimas ideias.

– Das lojas Trumper – disse Charlie, incrédulo.

– Oh, claro. Não viu a bandeira da América na nossa vitrine da frente, com todos os quarenta e oito estados representados por flores de cores diferentes?

– Sim, vi – começou Charlie –, mas...

– Copiado da Sra. Trumper quando eu e minha mulher fizemos uma viagem para assistir ao Jubileu de Prata. Por isso, considere-me ao seu dispor.

Os dois seguranças agora sorriam.

Nessa noite, Becky e Charlie jantaram com Bloomingdales na sua casa de pedra clara na esquina das Avenidas Sessenta e Seis e Madison, e John Bloomingdale respondeu às muitas perguntas de Charlie até de madrugada.

No dia seguinte, Charlie foi levado em visita oficial à pequena loja guiado pelo proprietário, enquanto Patty Bloomingdale levou Becky para conhecer o Metropolitan Museum of Art e o Frick, fazendo inúmeras perguntas sobre a Sra. Simpson, as quais Becky foi incapaz de responder, uma vez que nunca tinha ouvido falar na senhora antes de pôr os pés na América.

Os Trumbers tiveram pena de se despedir dos Bloomingdales antes de prosseguir viagem, por trem, para Chicago, onde tinham reserva no Stevens.

Quando chegaram a cidade, viram que seu quarto havia sido transformado numa suíte, e o Sr. Joseph Field, do Marechal Field, deixara um bilhete manuscrito manifestando a esperança de que pudessem jantar com ele e a mulher na noite seguinte. Durante o jantar em casa dos Fields, na Lake Shore Drive, Charlie lembrou ao Sr. Field do anúncio descrevendo a sua loja como uma das maiores do mundo, e avisou-o de que o Chelsea Terrace tinha mais dois metros de comprimento.

– Ah, mas não vão deixa-lo construir vinte e um andares, senhor Trumber?

– Vinte e dois – contrapôs Charlie, não fazendo a mínima ideia de que a Câmara de Londres poderia autorizar.

No dia seguinte, Charlie aumentou os seus crescentes conhecimentos sobre grandes armazéns ao ver o Marechal Field por dentro. Admirou particularmente a política de pessoal, como uma equipe, todas as vendedoras vestidas com elegantes tailleurs verdes com um “MF” dourado na lapela e todos os responsáveis de setor com ternos cinzentos, enquanto os gerentes vestiam blazers azul-marinho trespassados.

– Assim, é fácil os clientes reconhecerem um empregado quando precisam da ajuda de alguém. Especialmente quando a loja está cheia – explicou o Sr.

Field.

Enquanto Charlie se concentrava no funcionamento do Marechal Field, Becky passava inúmeras horas no Chicago Art Institute, e admirou particularmente RS Obras de Wyeth e Remington, que, segundo sua opinião, deveriam fazer exposição em Londres. Voltaria

a Inglaterra com um exemplar de cada artista guardado em malas recém adquiridas, mas o público inglês só anos depois é que viu o quadro a óleo ou a escultura, porque, depois de retirados das malas, Charlie não os deixou sair de casa.

No fim do mês estavam ambos exaustos e certos de uma coisa: queriam voltar muitas vezes a América, embora receassem que nunca poderiam retribuir a hospitalidade com que tinham sido recebidos, se os Fields ou Bloomingdales alguma vez decidissem aparecerem Chelsea Terrace. No entanto, Joseph Field pediu um pequeno favor a Charlie, que prometeu tratar pessoalmente assim que voltasse a Londres.

Os rumores da ligação do rei com a Sra. Simpson que Charlie tinha visto descrita em detalhes pela imprensa americana estavam agora começando a chegar aos ouvidos dos ingleses, e Charlie ficou triste quando o rei achou necessário, por fim, anunciar a sua abdicação. A responsabilidade inesperada foi subitamente colocada nos ombros mal preparados do Duque de York, que se tomou o rei George VI.

A outra notícia que Charlie seguia rias primeiras páginas dos jornais em a subida ao poder de Adolf Hitler na Alemanha nazista. Ele nunca conseguiu compreender por que razão o primeiro-ministro, Sr. Chamberlain, não usava um pouco de senso comum e dava um murro no nariz do homem.

– Neville Chamberlain não é um vendedor ambulante do East End –

explicou Becky ao marido, durante o café da manhã. – É o primeiro-ministro.

– É pena – disse Charlie. – Porque isso é exatamente o que aconteceria a Herr Hitler se se atrevesse a aparecer em Whitechapel.

Tom Arnold não ,tinha muito a contar a Charlie quando este regressou, mas depressa viu o efeito que a visita a América tinha tido no seu presidente, pelas infindáveis ordens e ideias que lhe

eram disparadas de todas as direções durante os dias que se seguiram.

– A Comissão das Lojas – Arnold avisou o presidente na sua reunião de segunda-feira de manhã, depois de Charlie ter terminado, mais uma vez, de enumerar as virtudes da América – está agora falando sério do efeito que uma guerra com a Alemanha teria no comércio.

– Esses tinham de falar nisso – disse Charlie, sentando-se atrás da secretária. – Tranquilizadores. Em todo o caso, a Alemanha não vai declarar guerra a qualquer dos aliados da Grã-Bretanha, eles não se atreveriam. Afinal de contas, não podem ter esquecido a surra que lhes demos da última vez.

Então, que outros problemas temos nós?

– Em nível mais mundano – respondeu Tom do outro lado da secretária. –

Ainda não encontrei a pessoa certa para tomar conta da joalheria desde que Jack Slades se aposentou.

– Então comece a pôr anuncio nas revistas da especialidade e me informe se aparecer alguém adequado. Mais alguma coisa?

– Sim. um tal Sr. Schubert quer falar com você.

– E o que ele quer?

– É um refugiado judeu da Alemanha, mas recusou-se a dizer o que queria.

– Então, quando voltar ai procurar, marque uma reunião com ele.

– Está agora mesmo na sala de espera do seu gabinete.

– Na sala de espera? – perguntou Charlie, incrédulo.

- Sim. Ele aparece todas as manhãs e senta-se ali em silêncio.
- Mas não lhe explicou que eu estava na América?
- Sim, expliquei – disse Tom. – Mas isso não pareceu fazer diferença nenhuma.
- O sofrimento é o emblema da minha tribo – murmurou Charlie. – Mande entrar o homem.

Uma figura baixa, curvada, de aspecto cansado, que Charlie desconfiou não ser muito mais velho do que ele, entrou no escritório e esperou que lhe fosse oferecida uma cadeira. Charlie levantou-se de detrás da secretária e conduziu o visitante a uma poltrona perto da lareira, antes de perguntar em que o podia ajudar.

O Sr. Schubert passou algum tempo explicando a Charlie como havia fugido de Hamburgo com a mulher e as duas filhas, depois de tantos dos seus amigos terem sido enviados para campos de concentração, nunca mais se tendo ouvido falar deles.

Charlie contou o relato das experiências do Sr. Schubert nas mãos dos nazistas, sem dizer uma palavra. A fuga do homem e a descrição do que se passava na Alemanha podiam ter saído diretamente de um romance de John Buchan e eram mais vividas do que qualquer notícia de jornal dos últimos meses.

– Em que posso ajudar? – perguntou Charlie, quando o Sr. Schubert pareceu terminar a sua triste história.

O refugiado sorriu pela primeira vez, mostrando dois dentes de ouro.

Pegou uma pequena pasta ao seu lado, colocou-a na secretária de Charlie e depois abriu-a lentamente. Charlie olhou para a mais bela coleção de pedras preciosas que jamais vira, diamantes e ametistas, algumas delas encastoadas em magníficas joias. O seu visitante retirou depois o que provou ser apenas um pequeno tabuleiro, para

mostrar pedras soltas, mais rubis, topázios, diamantes pérolas e jade, preenchendo completamente a caixa funda.

– Isso é apenas uma pequena amostra do que tive de deixar lá, num negócio que foi construído pelo meu pai e o seu pai antes dele. Agora tenho de vender tudo o que sobrou para que a minha família não passe fome.

– Está no negócio de joias?

– Vinte e seis anos – respondeu o Sr. Schubert. – A vida toda.

– E quanto espera obter por isto tudo? – Charlie apontou para a pasta aberta.

– Três mil libras – disse o Sr. Schubert sem hesitação. – Isso é muito inferior ao seu valor, mas já que não tenho tempo para regatear.

Charlie abriu a gaveta do lado direito, tirou o livro de cheques e escreveu as palavras: “Pague a ordem do Sr. Schubert três mil libras”.

– Mas o senhor não verificou o seu valor – disse o Sr. Schubert.

– Não é necessário – disse Charlie levantando-se da cadeira. – Porque o senhor vai vendê-las, como novo gerente da minha joalheria. O que significa que vai ter de me explicar pessoalmente se elas não se venderem pelo preço que diz que valem. Assim que tiver pago o adiantamento, discutiremos a sua comissão.

Um sorriso percorreu o rosto do Sr. Schubert.

– Há bons professores no East End, senhor Trumper.

– Há muitos de vocês lá para nos manter atentos – replicou Charlie com um sorriso – E, não se esqueça, o meu sogro também era.

Ben Schubert pôs-se de pé e abraçou o seu novo patrão.

O que Charlie não antecipara foi quantos refugiados judeus iriam procurar a Joalheria Trumper, fechando negócios com o Sr. Schubert. Assegurando que Charlie nunca mais teria de se preocupar com o ramo de joalheria de sua empresa.

Deve ter sido cerca de uma semana mais tarde que Tom Arnold entrou sem bater no escritório do presidente. Charlie viu que o seu diretor-geral estava bastante agitado, por isso perguntou apenas:

– Qual é o problema, Tom?

– Um roubo na loja.

– Onde?

– Número 133... roupa de senhora.

– O que roubaram?

– Dois pares de sapatos e uma saia.

– Então faça o que está estipulado nas normas da empresa. A primeira coisa é chamar a polícia.

– Não é assim tão fácil.

– Claro que é assim tão fácil. Um ladrão e um ladrão.

– Mas ela diz que...

– Que a mãe tem noventa anos e está morrendo de câncer, para não falar no fato de todos os filhos serem aleijados?

– Não, que é sua irmã.

Charlie recostou-se na cadeira durante um momento e depois suspirou pesadamente:

– O que você fez?

– Nada ainda. Disse ao gerente que a segurasse durante algum tempo enquanto eu falava com você.

– Então, vamos até lá – disse Charlie. Levantou-se e dirigiu-se a porta.

Nenhum dos homens falou até chegarem ao número 133, onde um gerente agitado os aguardava.

– Desculpe, Presidente – foram as primeiras palavras de Jim Grey.

– Não tem do que me pedir desculpa, Jim – disse Charlie ao ser conduzido a uma sala dos fundos, onde encontraram Kitty sentada a uma mesa, segurando uma caixa de pó de arroz na mão e verificando o batom num espelho de mão.

Assim que viu Charlie, fechou a caixa de pó de arroz e deixou-a cair na bolsa.

Na mesa à sua frente estavam dois pares de modernos sapatos de couro e tuna saia de pregas roxa. Era óbvio que Kitty ainda gostava do melhor, uma vez que sua escolha era toda de artigos caros. Sorriu para o irmão. O batom não ajudou.

– Agora que o grande chefe em pessoa chegou, vai saber exatamente quem sou – disse Kitty, olhando arrogantemente para Jim Grey.

– É uma ladra – disse Charlie. – Isso que você é.

– Vamos lá, Charlie, você tem dinheiro suficiente. – A sua voz não mostrou qualquer sinal de remorso.

– Não é esse o ponto, Kitty. Se eu...

– Se me levar à polícia dizendo que sou uma ladra, a imprensa vai adorar.

Você não se atreveria a mandar me prender, Charlie, sabe muito bem.

– Desta vez, talvez não – disse Charlie –, mas é a última, garanto-lhe.

Virou-se para o gerente e acrescentou:

– Se esta senhora tentar mais alguma vez sair sem pagar qualquer coisa, chame a polícia e faça que seja acusada, sem qualquer referência a mim. Estou sendo claro, Grey?

– Sim, senhor.

– Sim, senhor, não senhor. Não se preocupe, Charlie, não voltarei a incomodá-lo.

Charlie não pareceu convencido.

– Vou para o Canadá na semana que vem, onde parece que há, ao menos, um membro da família que se preocupa comigo.

Charlie ia protestar, quando Kitty pegou a saia e os dois pares de sapatos e os guardou na bolsa. Passou pelos três homens e saiu.

– Um momento – disse Tom Arnold.

– Vá para o inferno – disse Kitty por cima do ombro, atravessando a loja.

Tom virou-se para o presidente, que ficou olhando a irmã enquanto ela saiu para a calçada sem sequer olhar para trás.

– Não se preocupe, Tom. Por esse preço, é barato.

Em 30 de setembro de 1938, o primeiro-ministro voltou de Munique, onde tinha tido conversações com o chanceler alemão. Charlie não ficou convencido com o documento – paz no nosso tempo, paz com honra – que Chamberlain acenava constantemente perante as câmaras, porque, depois de ouvir a descrição, em primeira mão, de Ben Schubert do que estava acontecendo no Terceiro Reich, ele ficara convencido de que a guerra com a Alemanha era inevitável. A mobilização dos homens com mais de vinte anos já havia sido debatida no Parlamento e, com Daniel no último ano em St. Paul aguardando o exame de admissão à universidade, Charlie não suportava a ideia de perder um filho em outra guerra com os alemães. Quando, algumas semanas depois, Daniel obteve uma bolsa para o Trinity College, em Cambridge, os receios aumentaram.

Hitler invadiu a Polônia no dia 1º de setembro de 1939, e Charlie compreendeu que as histórias de Ben Schubert não tinham sido exageros. Dois dias depois, a Grã-Bretanha estava em guerra.

Durante as primeiras semanas após a declaração das hostilidades houve uma calma, quase um anticlímax, e, se não fosse o número crescente de homens de uniforme que passavam marchando por Chelsea Terrace e uma queda das vendas, seria compreensível que Charlie não soubesse que a Grã-

Bretanha estava em guerra.

Durante essa época, apenas o restaurante foi posto à venda. Charlie ofereceu um preço justo ao Sr. Seallini, que aceitou sem hesitar antes de voltar para Florença, sua terra natal.

Ele teve mais sorte do que alguns, que foram presos sem outra razão a não ser ter um nome alemão ou italiano. Charlie fechou imediatamente o restaurante, porque não sabia bem o que fazer com o prédio – comer fora não era uma das principais prioridades para os londrinos em 1940. Depois de ter sido feita a escritura do restaurante Seallini, apenas a loja de livros antigos e a associação

presidida pelo Sr. Wrexall permaneciam nas mãos de outros comerciantes; mas o grande significado do grande bloco de apartamentos vagos, propriedade da Sra. Trentham, tomou-se mais óbvio para todos a cada dia que passava.

No dia 7 de setembro de 1940, a falsa calma terminou quando a Luftwaffe levou a cabo o seu bombardeamento maciço sobre a capital. Depois disso, os habitantes de Londres começaram a emigrar em massa para o campo. Charlie ainda se recusava a ceder e ordenou mesmo que fossem colocadas tabuletas dizendo "Funcionamento normal" em todas as suas vitrines. De fato, as únicas concessões que fez a Herr Hitler foi transferir o quarto de dormir para o porão e trocar todas as cortinas por pesados tecidos pretos.

Dois meses mais tarde, Charlie foi acordado no meio da noite por um policial de serviço que lhe comunicou que a primeira bomba havia caído no Chelsea Terrace. Correu o caminho todo de Little Boltons à Tregunter Road, de roupão e chinelos, para verificar os danos.

– Morreu alguém? – perguntou, enquanto corria.

– Não que eu saiba – respondeu o policial tentando acompanhá-lo.

– Em que loja caiu a bomba?

– Não sei, senhor Trumper. Tudo o que eu sei é que parece que todo Chelsea Terrace está em chamas.

Quando virou a esquina da Fulham Road, Charlie foi confrontado com as chamas vivas e a fumaça escura que subiam ao céu. A bomba havia caído no meio dos apartamentos da Sra. Trentham, demolindo-os totalmente, quebrando três vitrines de Charlie e danificando o telhado da loja de chapéus e lenços.

Quando os bombeiros finalmente saíram de Chelsea Terrace, tudo o que restava era um arcabouço fumegante no meio do bloco. À medida que as semanas passavam, Charlie adquiriu consciência do óbvio – a Sra. Trentham não tinha qualquer intenção de fazer o que quer que fosse sobre o monte de lixo que agora dominava o centro de Chelsea Terrace.

Em maio de 1940, Churchill sucedeu Chamberlain como primeiro-ministro, o que deu a Charlie um pouco de mais confiança no futuro. Até falou a Becky em se alistar de novo.

– Tem-se visto ao espelho ultimamente? – perguntou a mulher, rindo.

– Eu poderia ficar novamente em forma, eu sei que poderia – disse Charlie, encolhendo o estômago. – Em todo caso, não precisam de tropas para a linha de frente.

– Pode fazer um trabalho mais valioso mantendo as lojas abertas e abastecidas para o público.

– Arnold podia fazer isso tão bem quanto eu – disse Charlie. – Além disso, ele tem mais quinze anos do que eu.

No entanto, Charlie chegou relutante à conclusão de que Becky tinha razão, quando Daphne apareceu para lhes dizer que Percy havia se alistado no antigo regimento.

– Graças a Deus que lhe disseram que é demasiado velho para ir para o exterior dessa vez – disse-lhes ela. – Por isso, deram-lhe um trabalho na secretaria no Ministério da Guerra.

Na tarde seguinte, quando Charlie estava verificando as reparações necessárias depois de uma noite de bombardeios, Tom Arnold avisou-o de que a comissão de Syd Wrexall tinha começado a falar sobre vender as onze lojas restantes, assim como o próprio Mosqueteiro.

– Não há pressa em fazer algo sobre elas – disse Charlie. – Dentro de um ano, eles até oferecem as lojas.

– Mas, então, a Sra. Trentham as pode ter comprado por uma ninharia.

– Não, enquanto houver guerra, ela não compra. Em todo caso, a maldita da mulher sabe muito bem que eu posso fazer enquanto aquela malfadada cratera estiver no meio do Chelsea Terrace.

– Oh, que droga – disse Tom, quando o apito da sirene começou.

– Vai começar outra vez.

– Vai, sim – disse Charlie, levantando os olhos para o céu. – É sim melhor levar todo o pessoal para o porão... rápido.

Charlie correu para a rua e viu o homem da Patrulha de Bombardeios seguindo de bicicleta no meio da rua, gritando instruções para que todos se dirigissem ao metrô o mais depressa possível. Tom Arnold havia treinado seus gerentes para que, em cinco minutos, fechassem as lojas e tivessem todo o pessoal e clientes em segurança no porão com lanternas e um pequeno fornecimento de comida. Lembrava sempre a Charlie a greve geral. Enquanto estavam sentados no grande depósito debaixo do número 1, à espera do toque de cessar do ataque aéreo, Charlie olhou em volta do grupo de londrinos como ele e teve consciência de quantos dos seus melhores jovens já tinham saído das lojas Trumper para se alistar; ele tinha agora menos de dois terços do pessoal permanente, na maioria mulheres.

Algumas embalavam crianças nos braços, outras tentavam dormir. Dois frequentadores habituais continuavam a jogar xadrez, como se a guerra não fosse mais do que um ligeiro incômodo. Duas moças ensaiavam o último passo de dança no pequeno espaço desocupado no centro do porão, enquanto outros simplesmente dormiam.

Todos conseguiram ouvir as bombas caindo à sua volta, e Becky disse a Charlie que tinha a certeza de que uma havia caído perto.

– No bar de Syd Wrexall, talvez? – disse Charlie, tentando disfarçar um sorriso. – E castigo por encher mal os copos. – A sirene de fim de alarme soou, finalmente, e eles regressaram ao ar da noite cheio de pó e cinzas.

– Tinha razão sobre o bar de Syd Wrexall – disse Becky, olhando para a esquina do quarteirão, mas os olhos de Charlie não estavam fixos no Mosqueteiro.

Os olhos de Becky voltaram-se para onde Charlie estava olhando. Uma bomba havia caído sobre a sua loja de frutas.

– Os filhos da mãe – disse ele. – Desta vez foram longe demais. É agora que me alisto.

– E de que adianta isso?

– Não sei – disse Charlie –, mas, pelo menos, vou sentir que estou envolvido nesta guerra e não me limito apenas a observar.

– E as lojas? Quem vai tomar conta delas?

– Arnold toma conta delas enquanto eu estiver fora.

– Mas, e eu e Daniel? Tom vai tomar conta de nós enquanto você estiver fora? – perguntou ela, levantando a voz.

Charlie ficou silencioso por um momento, pensando no apelo de Becky.

– Daniel é suficientemente crescido para tomar conta de si próprio, e você vai estar muito ocupada fazendo com que a empresa Trumper se aguarde. Por isso, não diga mais nada, Becky, porque eu já decidi.

Depois disso, nada que a mulher pudesse dizer ou fazer conseguiu dissuadi-lo de se alistar. Para sua surpresa, os Fusiliers mostraram-se muito satisfeitos em aceitar o velho sargento de volta às suas fileiras e enviaram-no imediatamente para um campo de treinamento perto de Cardiff.

Com Tom lançando-lhe um olhar ansioso, Charlie beijou a mulher e abraçou o filho, depois apertou a mão do seu diretor-geral antes de acenar adeus aos três.

Ao viajar para Cardiff repleto de jovens de cara fresca, cheios de entusiasmo, pouco mais velhos do que Daniel – a maior parte dos quais insistiu em o tratar por senhor –, Charlie sentiu-se velho. Um caminhão meio danificado esperava os novos recrutas na estação e levou-os em segurança para o quartel.

– É bom tê-lo de volta. Trumper – disse uma voz, quando ele pisou o campo de exercícios pela primeira vez em mais de vinte anos.

– Stan Russell. Deus do céu, agora é o sargento-mor da companhia? Era apenas um segundo-cabo quando...

– Sou, sim – disse Stan. A sua voz tomou-se um murmúrio. – E vou fazer com que você receba o mesmo tratamento que os outros, companheiro.

– Não, é melhor não fazer isso, Stan. Eu preciso do pior tratamento – disse Charlie, colocando as mãos no estômago.

– Embora os oficiais subalternos mais antigos dispensassem a Charlie um tratamento mais suave do que aos recrutas, a primeira semana de treino constituiu ainda uma dolorosa recordação de como ela havia feito tão pouco exercício nos últimos vinte anos. Quando sentiu fome, descobriu rapidamente que o que o Exército oferecia não podia ser descrito exatamente como apetitoso, e tentar dormir todas as noites numa cama de molas impiedosas seguras por um

colchão de crina de cavalo de cinco centímetros fê-lo ficar muito pouco satisfeito com Herr Hitler.

No fim da segunda semana, Charlie foi promovido a cabo e disseram-lhe que, se quisesse ficar em Cardiff, como instrutor, dar-lhe-iam imediatamente uma comissão, com o posto de capitão.

– Estão à espera dos alemães em Cardiff? – perguntou Charlie. – Não fazia ideia de que eles jogavam rúgbi.

Suas palavras sobre o assunto foram transmitidas ao comandante, por isso Charlie continuou como cabo, terminando o seu treinamento básico Na oitava semana, tinha sido promovido a sargento e foi-lhe dado o seu próprio pelotão para pôr em forma, pronto para seguir para onde fosse enviado a partir desse momento, não houve uma única competição, do tiro ao boxe, que os seus homens fossem autorizados a perder, e os "Soldados de Trumper " foram o exemplo para o resto do batalhão durante as restantes quatro semanas.

Apenas a dez dias do término do treinamento, Stan Russell informou Charlie de que o batalhão estava destinado à África, onde se juntaria a Wavell, no deserto. Charlie ficou encantado com a notícia, uma vez que há muito admirava a reputação do poeta general.

O sargento Trumper passou a maior parte da última semana ajudando os seus rapazes a escrever cartas às famílias e às namoradas. Ele próprio só tencionava escrever no último momento. A uma semana da partida, admitiu a Stan que não se sentia preparado para enfrentar os alemães em algo mais do que uma batalha verbal.

Estava em meio de uma demonstração de Bren ao pelotão, explicando como se armava o cão e se recarregava, quando um tenente afogueado apareceu correndo.

– Trumper...

- Tenente – disse Charlie, pondo-se em sentido de um salto.
- O comandante quer falar-lhe imediatamente.
- Sim, meu tenente. – Deu instruções ao seu cabo para que prosseguisse com a aula e depois foi correndo atrás do tenente.
- Por que vamos tão depressa? – perguntou Charlie.
- Porque o comandante, quando veio à minha procura, veio correndo.
- Então tem de ser, pelo menos, alta traição – disse Charlie.
- Só Deus sabe o que é, sargento, mas vai já saber – disse o tenente, quando chegaram a porta do comandante. O tenente, seguido de perto por Charlie, entrou no gabinete sem bater.
- Sargento Trumper, 7312087, apresentando...
- Pode deixar essa formalidade, Trumper – disse o coronel, enquanto Charlie via o comandante andar de um lado para o outro, batendo no lado do corpo com um bastão. – O meu carro está à sua espera no portão. Vai imediatamente para Londres.
- Londres, meu comandante?
- Sim, Trumper, Londres. O Sr. Churchill acabou de telefonar. Quer falar com você o mais depressa possível.

CAPÍTULO 28

O motorista do coronel fez tudo o que estava ao seu alcance para pôr o sargento Trumper em Londres o mais depressa possível. Pisou o acelerador, atingindo mais de oitenta. No entanto, como tinham de parar constantemente no caminho devido a trens de tropas, caminhões de transportes e até, uma vez, tanques Warrior, a tarefa foi difícil. Quando Charlie chegou finalmente a Chiswick, rios

arredores de Londres, tiveram de enfrentar um blackout, seguido de um ataque aéreo, seguido da sirene do fim do alarme, seguida de inúmeros bloqueios de estrada até Downing Street.

Apesar de ter cinco horas para imaginar o motivo pelo qual o Sr. Churchill queria falar com ele. quando o carro parou à porta do número 10, Charlie não estava mais peito de nenhuma conclusão do que estivera quando saíra do quartel, em Cardiff, nessa tarde, algumas horas antes.

Quando explicou quem era ao policial que estava à porta, esse verificou no placar e depois deu uma pancada seca na aldraba de bronze, antes de convidar o sargento Trumper a entrar para o vestíbulo. A primeira reação de Charlie, ao estar dentro do número 10, foi de surpresa, ao descobrir como a casa era pequena, comparada com a casa de Daphne, em Eaton Square.

Uma jovem oficial veio cumprimentar o sargento de meia-idade, antes de o levar para a antessala.

– O primeiro-ministro está com o embaixador americano, neste momento –

explicou ela. – Mas ele acha que a reunião com o Sr Kennedy não irá demorar muito mais tempo.

– Obrigado – disse Charlie.

– É servido de uma xícara de chá?–

– Não, obrigado. – Charlie estava demasiado nervoso para pensar em chá.

Quando ela fechou a porta, tirou um exemplar de Lilliput de uma mesinha e o folheou, não tentando, porém, concentrar-se nas palavras.

Depois de ter folheado todas as revistas que estavam em cima da mesa – e havia ainda mais revistas antigas no número 10 do que no seu dentista –

começou a interessar-se pelos quadros na parede. Wellington, Palmerstone e Disraeli: todos retratos de qualidade inferior, que Becky não se daria ao trabalho de pôr a venda no número 1. Becky. Deus do céu, pensou ele, ela nem sequer sabe que estou em Londres. Olhou para o telefone na estante, com a consciência de que não podia telefonar-lhe do número 10. Frustrado, começou a andar em volta da sala, sentindo-se como um doente à espera de que o médico lhe dissesse se o diagnóstico era fatal. De repente, a porta abriu-se e a oficial reapareceu.

– O primeiro-ministro vai recebê-lo agora, senhor Trumper – disse ela, e conduziu-o por uma sala estreita, passando por fotografias emolduradas de antigos primeiros ministros. Quando chegou junto de Churchill, encontrou-se no patamar, em frente a um homem de um metro e setenta e cinco de altura, com as mãos nos quadris, pernas afastadas, olhando-o com ar de desafio.

– Trumper – disse Churchill, estendendo a mão. – Obrigado por ter vindo, sem aviso. Espero não o ter afastado de alguma coisa importante.

Apenas uma lição de Bren, pensou Charlie, mas decidiu não mencionar o fato enquanto seguia a figura de andar arrastado para o seu escritório. Churchill indicou ao seu convidado uma poltrona perto de uma lareira acesa; Charlie olhou para a madeira ardendo e lembrou-se das críticas do primeiro-ministro sobre o desperdício de carvão.

– Deve estar se perguntando o que tudo isso significa – disse o primeiro-ministro, acendendo um charuto e abrindo um dossiê que tinha em cima do joelho. Começou a ler.

– Estou, sim, Sr. Primeiro-Ministro – disse Charlie, mas a sua resposta não provocou qualquer reação. Churchill continuou a ler os abundantes apontamentos à sua frente.

– Vejo que temos algo em comum.

– Temos, Sr. Primeiro-Ministro?

– Lutamos ambos na Grande Guerra.

– A guerra para acabar com todas as guerras.

– Sim, estava outra vez errado, não estava? – disse Churchill. – Mas ele era afinal, um político. – O primeiro-ministro riu antes de continuar a ler o dossiê.

Subitamente, levantou os olhos. – No entanto, nós dois temos um papel muito mais importante a desempenhar nesta guerra, Trumper, e não posso desperdiçar o seu tempo dando aulas sobre a Bren a recrutas, em Cardiff.

O maldito homem sabia tudo, pensou Charlie.

– Quando uma nação está em guerra, Trumper – disse o primeiro-ministro, fechando o dossiê –, as pessoas imaginam que a vitória está garantida se tivermos mais tropas e melhor equipamento do que o inimigo. Mas as batalhas podem ser ganhas ou perdidas devido a algo sobre o qual os generais no campo não têm qualquer controle. Um dente que impede que as rodas girem bem.

Ainda hoje tive de montar um novo departamento no Ministério da Guerra para tratar da decifração de códigos. Roubei os dois melhores professores de Cambridge, juntamente com os seus assistentes, para ajudar a resolver esse problema. Dentes preciosos, Trumper.

– Sim, Sr. Primeiro-Ministro – disse Charlie, sem fazer qualquer ideia sobre o que o velho estava falando.

– E tenho um problema com outros desses dentes, Trumper, e os meus conselheiros dizem que você é o melhor homem para encontrar uma solução.

– Obrigado, Sr. Primeiro-Ministro.

– Comida, Trumper, e, mais importante, a sua distribuição. Lorde Woolton, o ministro, diz-me que os fornecimentos estão desaparecendo rapidamente.

Nem sequer conseguimos que sejam enviadas da Irlanda batatas suficientes. Por isso, um dos seus maiores problemas neste momento é manter a barriga da nação cheia, enquanto se combate em território inimigo e, ao mesmo tempo, manter abertas as vias de fornecimento. O ministro diz-me que quando os alimentos chegam aos portos, por vezes levam semanas para serem retirados e, às vezes, até vão parar no lugar errado.

– Além disso – continuou o primeiro-ministro –, os nossos agricultores estão se queixando de que não podem fazer bem o seu trabalho porque estamos recrutando os seus melhores homens para as Forças Armadas, e não recebem nenhum apoio do governo em troca. – Fez uma pausa durante um momento para voltar a acender o charuto. – Por isso, estou à procura de um homem que tem passado a vida comprando, vendendo e distribuindo comida, alguém que tem vivido no mercado e é respeitado, tanto pelos agricultores como pelos fornecedores. Resumindo, Trumper, preciso de você. Quero que vá trabalhar com Woolton, como seu braço direito, e garantir que os fornecimentos cheguem até nós e, depois, que sejam distribuídos aos locais certos. Não consigo imaginar um trabalho mais importante. Espero que aceite o desafio.

A vontade de começar deve ter sido patente nos olhos de Charlie, porque o primeiro-ministro nem se preocupou em esperar resposta.

– Bem, vejo que sabe qual é a ideia básica. Gostaria que se apresentasse ao ministro da agricultura amanhã de manhã, às oito horas. Um carro irá busca-lo em casa às sete e quarenta e cinco.

– Obrigado, Sr. Primeiro-Ministro – disse Charlie, não se dando ao trabalho de explicar ao primeiro-ministro que, se o carro aparecesse às sete e quarenta e cinco, o motorista estaria atrasado mais de três horas.

– E, Trumper, vou nomeá-lo brigadeiro... para que tenha alguma autoridade.

– Prefiro continuar a ser simplesmente Charlie Trumper.

– Por quê?

– Posso, a qualquer momento, ter necessidade de ser malcriado com um general.

O primeiro-ministro tirou o charuto da boca e explodiu numa gargalhada, antes de acompanhar o visitante até a porta.

– E, Trumper – disse ele, colocando uma mão no ombro de Charlie –, se alguma vez precisar, não hesite em me contatar diretamente, se achar que é importante. De noite ou de dia, eu não me preocupo em dormir.

– Obrigado, Sr. Primeiro-Ministro – disse Charlie, descendo as escadas.

– Boa sorte, Trumper, e veja se dá de comer à população.

O oficial acompanhou Charlie ao carro e fez-lhe continência quando ele se sentou no banco da frente, o que surpreendeu Charlie, porque ainda estava vestido de sargento.

Pedi ao motorista que o levasse a Little Boltons, passando pelo Chelsea Terrace. Enquanto seguiam lentamente pelas ruas do West End, entristeceu-o ver locais familiares tão danificados pela Luftwaffe, embora compreendesse que ninguém em Londres estava a salvo dos impiedosos bombardeios aéreos dos alemães.

Quando chegou a casa, Becky abriu a porta da frente e o abraçou.

- O que queria o Sr. Churchill? – foi a sua primeira pergunta.
- Como é que você sabia que eu fui falar com o primeiro-ministro?
- Ligaram do número 10 para aqui primeiro, perguntando como podiam entrar em contato com você. Então, o que ele queria?
- Alguém para entregar regularmente frutas e hortaliças.

Charlie gostou de seu novo patrão assim que o conheceu. Embora James Woolton tivesse vindo para o Ministério da Agricultura com fama de ser um brilhante homem de negócios, admitiu que não era um perito na área específica de Charlie, mas disse que o seu departamento estava ali para dar a Charlie toda a assistência de que necessitasse.

Foram dados a Charlie um gabinete espaçoso no mesmo corredor que o ministro e 14 funcionários, sob o comando de um jovem assistente pessoal chamado Arthur Selwyn, que havia saído há pouco de Oxford.

Charlie depressa soube que Selwyn tinha a mente penetrante como uma navalha e, embora não tivesse qualquer experiência do mundo de Charlie, só era preciso falar com ele uma vez.

A Marinha forneceu a Charlie uma secretária particular chamada Jessica Allen, que parecia disposta a trabalhar as mesmas horas que ele. Charlie se perguntava por que motivo uma moça tão bonita e inteligente não parecia ter qualquer vida social, até examinar mais

atentamente o seu dossiê e descobrir que o noivo dela fora morto na praia de Dunquerque.

Charlie voltou rapidamente à sua velha rotina e chegava ao escritório às quatro e meia, antes mesmo de as empregadas da limpeza acordarem, o que lhe permitia ler papéis até as oito, sem receio de ser perturbado.

Devido à natureza especial de sua tarefa e do apoio óbvio do ministro, as portas abriam-se sempre que ele aparecia. Dentro de um mês, a maior parte do pessoal estava chegando às cinco, embora Selwyn fosse o único com energia suficiente para ficar com ele noite adentro.

Durante o primeiro mês, Charlie limitou-se a ler relatórios e a escutar a avaliação pormenorizada que Selwyn fazia dos problemas que tinham enfrentado durante quase um ano, indo ocasionalmente falar com o ministro para esclarecer um ponto ou outro.

Durante o segundo mês, Charlie decidiu visitar todos os portos do reino, para descobrir o que estava atrasando a distribuição dos alimentos, alimentos esses que eram às vezes deixados simplesmente apodrecendo durante dias a fio nos armazéns das docas ao longo do país. Quando chegou a Liverpool, descobriu rapidamente que, para efeitos de deslocamento, os mantimentos não tinham prioridade sobre os tanques ou sobre os homens, por isso ele pediu que o seu ministério operasse uma frota de veículos próprios, com o único objetivo de distribuir alimentos em todo o país.

Woolton conseguiu arranjar sessenta e dois caminhões, a maior parte dos quais, admitiu ele, provenientes dos excedentes de guerra.

– Não muito diferentes de mim – admitiu Charlie. No entanto, o ministro não conseguiu homens disponíveis para os conduzir. Se não há homens, Sr.

Ministro, preciso de duzentas mulheres – sugeriu Charlie e, apesar das piadas suaves dos caricaturistas sobre mulheres guiando, um mês depois os alimentos começaram a sair das docas logo após a sua chegada.

Os próprios estivadores reagiram bem às motoristas, enquanto os líderes dos sindicatos nunca descobriram que Charlie tinha um sotaque quando falava com eles e outro quando no ministério.

Quando Charlie começou a resolver o problema da distribuição, surgiram dois outros problemas. Por um lado, os agricultores queixavam-se de que não podiam produzir comida suficiente no país porque as Forças Armadas estavam tirando os seus melhores homens; por outro lado, Charlie descobriu que não estava recebendo fornecimentos suficientes vindos do exterior devido ao êxito da campanha dos submarinos alemães.

Ele sugeriu duas soluções a Woolton.

– O Sr. Ministro deu-me mulheres para os caminhões; agora tem de me dar outras para o campo – disse-lhe Charlie. – Desta vez, preciso de cinco mil, porque é o que os agricultores dizem que lhes falta.

No dia seguinte, Woolton foi entrevistado na BBC e fez um apelo especial ao país no sentido de conseguir mulheres para o campo. Candidataram-se quinhentas nas primeiras vinte e quatro horas, e o ministro tinha as cinco mil que Charlie pedira ao fim de dez semanas. Charlie permitiu que as candidaturas continuassem a ser aceites até ter sete mil, e pôde ver claramente um sorriso no rosto do presidente do Sindicato Nacional dos Agricultores.

Quanto ao segundo problema da falta de fornecimento, Charlie aconselhou Woolton a comprar arroz como substituto alimentar devido às dificuldades que o país estava enfrentando com a falta de batata.

– Mas onde vai encontrar essa mercadoria? – perguntou Woolton. – A China e o Extremo Oriente implicam viagens demasiado perigosas para podermos sequer pensar neles.

– Eu sei – disse Charlie –, mas conheço um fornecedor no Egito que poderia mandar um milhão de toneladas por mês.

– Podemos confiar nele?

– Claro que não – disse Charlie. – Mas o irmão dele ainda trabalha no East End e, se o prendermos durante alguns meses, desconfio de que poderíamos chegar a um acordo com a família.

– Se a imprensa descobrir o seu esquema, faz-me em pedaços.

– Eu não vou dizer nada, Sr. Ministro.

No dia seguinte, Eli Calil viu-se na Prisão de Brixton, enquanto Charlie voava para o Cairo, a fim de fechar negócio com o seu irmão para um milhão de toneladas de arroz por mês, arroz esse que tinha sido destinado aos italianos.

Charlie concordou com Nassim Calil em que os pagamentos poderiam ser feitos metade em libras esterlinas e metade em piastras e, desde que os fornecimentos chegassem sempre a tempo, não apareceria, no Cairo, qualquer papelada sobre o dinheiro. Se isso não acontecesse, o governo de Calil seria informado de todos os pormenores da transação.

– É justo, Charlie; você sempre foi. E o meu irmão Eli? – perguntou Nassim Calil.

– Será libertado quando a guerra acabar, mas só se todos os fornecimentos forem entregues nos prazos.

– Também é muito gentil da sua parte – disse Nassim. – Uns aninhos na cadeia não farão mal a Eli. Afinal de contas, ele é um dos

poucos membros da família que ainda não esteve preso.

Charlie tentava passar pelo menos algumas horas com Tom Arnold, para se manter atualizado sobre o que se passava em Chelsea Terrace. Tom teve de lhe relatar que a empresa Trumper estava agora perdendo dinheiro constantemente e que ele tivera de fechar cinco lojas e tapar outras quatro com tábuas; isso entristeceu Charlie porque Syd Wrexall havia-lhe escrito recentemente oferecendo-lhe todo o seu grupo de lojas por apenas seis mil libras, uma quantia que, dizia Wrexall, Charlie lhe oferecera uma vez. Tudo o que Charlie tinha de fazer, Wrexall lembrava Arnold na carta, era assinar o cheque.

Charlie estudou o contrato que Wrexall enviara e disse:

– Eu fiz essa oferta muito antes do início da guerra. Devolva todos os documentos. Tenho certeza de que ele há de vender essas lojas por cerca de quatro mil daqui a um ano. Mas tente mantê-lo feliz, Tom.

– Isso talvez seja um pouco difícil – replicou Tom. – Desde que a bomba caiu no Mosqueteiro, Syd foi morar em Cheshire. Agora é dono de um bar num lugar chamado Hatherton.

– Ainda melhor – disse Charlie. – Nunca voltaremos a vê-lo. Agora estou ainda mais convencido de que, dentro de um ano, ele estará pronto para fechar negócio, por isso, por enquanto, ignore a carta; afinal de contas, não se pode ter confiança nos correios hoje em dia.

Charlie teve de deixar Tom e ir até Southampton, onde o primeiro carregamento de arroz de Calil havia chegado. As moças dos caminhões tinham ido buscar os sacos, mas o gerente do porto recusava deixá-las seguir, sem que os documentos estivessem devidamente assinados. Foi uma viagem que Charlie teria dispensado e que não tencionava fazer todos os meses.

Quando chegou às docas, depressa descobriu que não havia qualquer problema com o sindicato, que estava disposto a descarregar tudo, ou com as moças, que estavam sentadas no paralamas dos caminhões à espera da mercadoria.

Enquanto bebiam uma cerveja no bar local, Alf Redwood, o chefe dos estivadores, avisou Charlie de que o Sr. Simkins, o diretor da Administração das Docas e Portos, era fanático com papéis e queria tudo feito de acordo com as normas.

– Quer? – disse Charlie. – Então terei de me submeter às normas? – Depois de pagar a sua rodada, dirigiu-se ao bloco da Administração, onde pediu para falar com o Sr. Simkins.

– Ele está bastante ocupado no momento – disse uma recepcionista, não se dando ao trabalho de levantar os olhos enquanto envernizava as unhas.

Charlie passou por ela e entrou diretamente no gabinete de Simkins, onde encontrou um homem magro quase calvo, sentado sozinho atrás de uma secretária muito grande, molhando um biscoito numa xícara de chá.

– Charlie Trumper. E estou aqui para saber por que razão não deixa sair o meu arroz.

– Eu não tenho a autorização necessária – disse Simkins, tentando recuperar o biscoito, que agora flutuava no chá. – Não vieram documentos do Cairo, e os seus impressos de Londres são inadequados, bastante inadequados mesmo. – Dirigiu um sorriso de satisfação a Charlie.

– Mas posso levar dias para preparar a papelada necessária.

– Esse problema não é meu.

– Mas estamos em guerra, homem.

– Mais motivos para obedecer às regras. Tenho certeza de que os alemães as cumprem – disse Charlie. – Tenho um milhão de toneladas de arroz transitando por este porto todos os meses e quero distribuí-lo até o último grão o mais depressa possível. Estou sendo claro?

– Certamente, senhor Trumper, mas ainda preciso que os documentos sejam corretamente preenchidos antes de o senhor ter o seu arroz.

– Ordeno-lhe que deixe seguir o arroz imediatamente – disse Charlie, gritando pela primeira vez.

– Não precisa levantar a voz, senhor Trumper, porque já lhe expliquei que não tenho poder para fazer o que quer que seja. Aqui é a Administração das Docas e Portos e não depende, como tenho a certeza de que sabe, do Ministério da Agricultura. Se fosse o senhor, voltaria para Londres e faria um esforço maior para que os impressos corretos fossem devidamente preenchidos.

Charlie achou que era demasiado velho para bater no homem, por isso limitou-se a pegar no telefone que estava sobre a secretária de Simkins e pediu um número.

– O que está fazendo? – perguntou Simkins. – Esse telefone é meu... o senhor não tem autorização para utilizar o meu telefone.

Charlie continuou agarrado ao telefone e virou as costas a Simkins.

Quando ouviu a voz no outro extremo da linha, disse:

– Fala Charlie Trumper. Pode me ligar com o primeiro-ministro?

As faces de Simkins primeiro ficaram vermelhas e depois brancas, à medida que o sangue se esvaia de seu rosto.

– Não há necessidade... – começou ele.

– Bom-dia, Sr. Primeiro-Ministro – disse Charlie. – Estou em Southampton. O assunto do arroz de que lhe falei ontem a noite. Há alguns problemas aqui. Parece que não consigo...

Simkins agora agitava as mãos como um policial de trânsito, numa tentativa de atrair a atenção de Charlie, ao mesmo tempo que acenava energicamente com a cabeça para cima e para baixo.

– Tenho um milhão de toneladas chegando todos os meses, Sr. Primeiro-Ministro, e as moças estão sentadas nos seus...

– Está bem – murmurou Simkins, começando a andar em volta de Charlie.

– Está bem, garanto-lhe.

– Deseja falar com o homem responsável, Sr. Primeiro-Ministro?

– Não, não – disse Simkins. – Isso não será necessário. Tenho todos os impressos, todos os impressos de que preciso, todos os impressos.

– Eu lhe digo, Sr. Primeiro-Ministro – disse Charlie, fazendo uma pausa. –

Regresso a Londres esta tarde. Sim, Sr. Primeiro-Ministro, informarei assim que regressar. Adeus, Sr. Primeiro-Ministro.

– Adeus – disse Becky quando pousou o telefone. – E, sem dúvida, vai me explicar que conversa é essa, quando chegar em casa esta noite.

O ministro caiu na gargalhada quando Charlie repetiu a história para ele e para Jessica Allen mais tarde, nessa noite.

– Sabe, o Primeiro-Ministro não se importaria nada de falar com o homem, se você quisesse – disse Woolton.

– Se ele o tivesse feito, Simkins teria tido um ataque de coração riu-se Charlie. – E o meu arroz, para não falar nas minhas motoristas, ficariam eternamente naquele porto. Em todo caso, com a falta de comida que há, eu não iria querer que o imbecil do homem desperdiçasse mais um biscoito.

Charlie estava em Carlisle assistindo a uma conferência de agricultura quando recebeu uma chamada urgente de Londres.

– Quem é? – perguntou ele, tentando concentrar-se num delegado que explicava os problemas relacionados com o aumento da produção de nabos.

– A Marquesa de Wiltshire – murmurou Arthur Selwyn.

– Então eu atendo – disse Charlie, e deixou a sala de conferências, regressando ao quarto, onde pediu ao telefonista do hotel que transferisse a ligação.

– Daphne, que posso fazer por fazer por você, meu amor?

– Não, querido, é o que eu posso fazer por você, como de costume. Leu o The Times esta manhã?

– Dei uma vista d'olhos pelos cabeçalhos. Por quê? – perguntou Charlie.

– Então é melhor ler o necrológio com mais atenção. Em especial, a última linha de uma das notícias. Não vou fazer você perder mais tempo, querido, pois o primeiro-ministro está sempre lembrando-nos o papel importante que você está desempenhando na guerra.

Charlie riu, enquanto a linha caiu.

– Precisa de alguma coisa? – perguntou Selwyn.

– Sim, Arthur, preciso de um exemplar do The Times de hoje.

Quando Selwyn voltou com um exemplar do jornal da manhã, Charlie folheou-o rapidamente até chegar à necrologia. Almirante Sir Alexander Dexter, um comandante da I Grande Guerra de excepcional talento tático; J. T.

Macpherson, o aeróstata e autor, e Sir Raymond Hardcastle, o industrial.

Charlie passou os olhos pelos pormenores da carreira de Sir Raymond: nascido e educado em Yorkshire, construiu a firma de engenharia do pai na virada do século. Nos anos 20, a firma Hardcastle havia se transformado, de uma empresa pequena, numa das grandes forças industriais do norte da Inglaterra.

Em 1937, Hardcastle vendeu as suas ações a John Brown e Companhia por setecentas e oitenta mil libras. Mas Daphne tinha razão – a última linha era a única e realmente dizia respeito a Charlie.

Sir Raymond, cuja mulher morreu em 1914, deixa duas filhas, a Srta. Amy Hardcastle e a Sra. Gerald Trentham.

Charlie pegou o telefone que estava em cima da secretária a seu lado e pediu uma ligação para um número em Chelsea. Minutos mais tarde, Tom Arnold atendeu.

– Onde você disse que podíamos encontrar Wrexall? – foi a única pergunta que Charlie fez.

– Conforme expliquei na última vez que perguntou, presidente, ele tem agora um bar em Cheshire, o Caçador Furtivo, numa aldeia chamada Hatherton.

Charlie agradeceu ao seu diretor-geral e desligou o aparelho sem dizer mais nada.

– Posso ajudar em alguma coisa? – perguntou Selwyn.

– Qual o meu problema para o resto do dia, Arthur?

– Bem, eles ainda não acabaram com os nabos; depois. Há mais sessões para assistir toda a tarde. À noite, deverá fazer um brinde à saúde do governo no jantar da conferência, antes de atribuir os prêmios anuais dos laticínios amanhã de manhã.

– Então, reze para eu voltar antes do jantar – disse Charlie. Levantou-se e pegou o sobretudo.

– Não quer que vá junto? – perguntou Selwyn, tentando acompanhar o passo do patrão.

– Não, obrigado, Arthur. É um assunto pessoal. Se eu não voltar a tempo, arranje uma desculpa.

Charlie correu escadas abaixo, para o pátio. O motorista dormitava pacificamente atrás do volante.

Charlie pulou para o carro, e a porta, batendo, acordou-o.

– Leve-me a Hatherton.

– Hatherton?

– Sim, Hatherton. Siga para sul ao sair de Carlisle e, depois, devo poder indicar-lhe a direção certa.

Charlie abriu o mapa de estradas, virou a última página e começou a percorrer os agás com o dedo. Havia cinco Hathertons, mas, felizmente, só um em Cheshire. As únicas outras palavras que Charlie disse em toda a viagem foram “Mais depressa”, que repetiu várias vezes. Passaram por Lancaster Preston e Warrington antes de parar à porta do Caçador Furtivo, meia hora antes de o bar fechar à tarde.

Os olhos de Syd Wrexall quase saltaram das órbitas quando Charlie entrou pela porta da frente.

– Um ovo escocês e meio litro de sua melhor cerveja, e bem servida.
–

disse Charlie com um sorriso, colocando a pasta a seu lado.

– Imagine... vê-lo por estes lados, senhor Trumper – disse Syd, depois de gritar por cima do ombro: – Hilda, um ovo escocês e venha ver quem está aqui.

– Eu ia a caminho de uma conferência de agricultores em Carlisle – explicou Charlie. – Pensei em parar para tomar um copo de cerveja e comer qualquer coisa com um velho amigo.

– Isso é muito simpático da sua parte – disse Syd colocando a caneca de cerveja à sua frente, no balcão. – Claro, lemos muito coisa sobre você nos jornais hoje em dia, e todo o trabalho que está fazendo com Lorde Woolton para o esforço de guerra. Está se tornando uma celebridade.

– O trabalho que o primeiro-ministro me deu é fascinante – disse Charlie. –

Só espero estar fazendo algum bem – acrescentou, com esperança de soar suficientemente petulante.

– E as suas lojas, Charlie? Quem está tomando conta delas com você longe tanto tempo?

– Arnold está na base, fazendo o melhor que pode, dadas as circunstâncias, mas infelizmente tenho quatro ou cinco fechadas, para não falar nas que já estavam danificadas. Deixe-me dizer-lhe, Syd, em confiança... – Charlie baixou a voz – se as coisas não começam a melhorar dentro em pouco, vou ter de procurar

comprador. – A mulher de Wrexall apareceu, alvoroçada, com um prato de comida.

– Ola, senhora Wrexall – disse Charlie, quando ela colocou um ovo escocês e um prato de salada à sua frente. – É bom vê-la de novo. Posso oferecer-lhe urna bebida e ao seu marido?

– Pode sim, Charlie. Você trata disso, Hilda? – disse ele, inclinándose sobre o bar com ar conspiratório. – Suponho que não saiba de ninguém interessado em comprar as lojas da comissão e, agora, o bar?

– Não, não sei – disse Charlie. – Se bem me lembro, Syd, você pedia muito dinheiro pelo Mosqueteiro, que agora não é mais do que um local bombardeado. Para não falar no estado das poucas lojas que a comissão ainda tem, cobertas de tábuas...

– Eu desci até os seis mil, que, achava, era o que tínhamos combinado, mas Arnold disse-me que você não estava mais interessado – disse Syd, enquanto a mulher colocava duas canecas em cima do balcão, antes de ir servir outro freguês.

– Ele disse isso? – perguntou Charlie, tentando parecer surpreso.

– Oh, sim, disse – retrucou Wrexall; – Eu aceitei sua oferta de seis mil, até mandei o contrato assinado para a sua aprovação, mas ele se limitou a devolver os documentos sem sequer dizer uma palavra.

– Não acredito – disse Charlie. – Depois de eu ter dado a minha palavra, Syd. Por que você não me procurou diretamente?

– Não é assim tão fácil hoje em dia – disse Wrexall –, com a sua posição importante, não pensei que estivesse disponível para pessoas como eu.

– Arnold não tinha o direito de fazer isso – disse Charlie. – Ele obviamente não compreendeu como a nossa amizade vem de longa

data. Peço desculpa, Syd, e lembre-se de que para você estou sempre disponível. Ainda tem o contrato, por acaso?

– Claro que sim – disse Wrexall. – E ele prova que eu só tenho uma palavra. – Desapareceu, deixando Charlie comendo uma garfada do ovo escocês e tomando lentamente, um gole de cerveja.

O taberneiro voltou alguns minutos depois e colocou alguns documentos em cima do balcão.

– Aqui está, Charlie... tão verdade como eu estar aqui.

Charlie examinou o contrato que Arnold lhe havia mostrado uns dezoito meses antes. Já continha a assinatura – Sydney Wrexall – com os números –

seis mil – escritos após as palavras – para a consideração de...

– Só faltava a data e a sua assinatura – disse Syd. – Nunca pensei que você me fizesse uma coisa dessas, depois de tantos anos.

– Como você sabe, Syd, eu sou um homem de palavra. Só lamento que o meu diretor-geral não estivesse bem a par do nosso acordo.

Charlie retirou uma carteira do bolso, tirou um livro de cheques, escreveu as palavras – Syd Wrexall – na linha de cima e – seis mil libras – na linha seguinte, antes de assinar com – um floreio.

– Você é um cavalheiro, Charlie, eu sempre disse isso. Não é, Hilda?

A Sra. Wrexall acenou entusiasticamente com a cabeça enquanto Charlie sorriu, pegou o contrato, colocou todos os papéis dentro da pasta e, depois, apertou a mão do taberneiro e da mulher.

– Quanto é? – perguntou ele, depois de ter bebido o último gole de sua cerveja.

– É por conta da casa – disse Wrexall.

– Mas, Syd...

– Não, eu insisto, nem pensar em tratar um velho amigo como freguês, Charlie. É por conta da casa – repetiu ele, enquanto o telefone tocava, e Hilda Wrexall foi atendê-lo.

– Bem, tenho de ir embora – disse Charlie. – Senão, chegarei tarde à conferência, e tenho de fazer outro discurso esta noite. Foi bom fazer negócio com você, Syd. – Tinha acabado de chegar à porta do bar quando a Sra.

Wrexall veio até o balcão.

– Uma senhora ao telefone, querendo falar com você, Syd, Chamada interurbana. Diz que é a Sra. Trentham.

À medida que os meses passavam, Charlie tomava-se mestre na sua tarefa.

Nenhum administrador de porto podia ter certeza de quando ele iria Nacional dos Agricultores quase ronronava sempre que o nome de Charlie surgia em conversa.

Nunca precisou telefonar ao primeiro-ministro, embora o Sr. Churchill lhe tivesse telefonado uma ocasião. Eram quatro e quarenta e cinco da manhã quando Charlie levantou o fone do aparelho que estava em cima da secretária.

– Bom-dia – disse ele.

– Trumper?

– Sim, quem fala?

– Churchill.

– Bom-dia, Sr. Primeiro-Ministro. Em que lhe posso ser útil?

– Nada. Estava só conferindo se era verdade o que dizem sobre você. A propósito, obrigado. – E desligou o telefone.

Charlie até conseguia almoçar com Daniel de vez em quando. O rapaz agora estava ligado ao Ministério da Guerra, mas nunca falava sobre o trabalho em que estava envolvido. Depois de ele ter sido promovido a capitão, a única preocupação de Charlie era qual seria a reação de Becky se alguma vez o visse fardado.

Quando Charlie visitou Tom Arnold no final do mês, soube que o Sr.

Hadlow se aposentara, e o seu substituto na gerência do banco, um Sr. Paul Merrick, não estava sendo tão acessível.

– Diz que o nosso saldo a descoberto está atingindo limites inaceitáveis e que talvez seja o momento de fazermos algo a esse respeito – explicou Tom.

– Ele diz isso? – disse Charlie. – Então é óbvio que tenho de ir falar com o Sr. Merrick e dizer-lhe umas verdades.

Embora a empresa Trumper fosse agora dona de todas as lojas no Chelsea Terrace, com exceção da livraria, Charlie ainda tinha o problema da Sra.

Trentham e dos seus apartamentos bombardeados, para não falar na preocupação adicional de Herr Hitler e a guerra: ele os colocava mais ou menos na mesma categoria e quase sempre nessa ordem.

A guerra com Herr Hitler começou a dar um passo na direção certa nos finais de 1942, com a vitória do Oitavo Exército Inglês em El Alamein. Charlie estava confiante de que Churchill tinha razão quando declarou que a maré havia virado, à medida que a África, seguida da Itália, França e finalmente Alemanha foram invadidas.

Mas, nessa altura, foi o Sr. Merrick que insistiu em falar com Charlie.

Quando Charlie entrou no gabinete do Dr. Merrick pela primeira vez, ficou surpreso ao ver que o sucessor do Sr. Hadlow era tão jovem. Também levou alguns minutos para se acostumar a um gerente bancário que não usava colete e gravata preta. Paul Merrick era um pouco mais alto do que Charlie e tão forte como ele, exceto no sorriso. Charlie depressa descobriu que o Sr. Merrick não perdia tempo falando de ninharias.

– Sr. Trumper, certamente tem conhecimento de que a conta de sua empresa tem um saldo a descoberto de cerca de quarenta e sete mil libras, e o seu rendimento atual nem sequer cobre...

– Mas os imóveis devem valer quatro ou cinco vezes essa quantia.

– Se conseguir encontrar alguém que os queira comprar.

– Mas eu não quero vender.

– Pode não ter outra opção, Sr. Trumper, se o banco decidir penhorar.

– Então vou ter de mudar de banco? – disse Charlie.

– Obviamente, o senhor não tem tido tempo de ler as atas das reuniões do seu próprio conselho de administração, porque, na sua última reunião, seu diretor-geral, Sr. Arnold, relatou que tinha ido a seis bancos no último mês e nenhum deles havia manifestado o menor interesse em ficar com a conta da empresa Trumper.

Merrick esperou uma resposta do cliente, mas, como Charlie permaneceu em silêncio, prosseguiu:

– Nessa reunião, o Sr. Crowther também explicou ao conselho de administração que o problema que agora enfrentam tem sido causado pelo fato de os preços dos imóveis serem agora os mais baixos desde os anos 30.

- Mas, quando a guerra acabar, isso mudará de um dia para o outro.
- É possível, mas poderá levar vários anos, e o senhor poderá abrir falência muito antes disso...
- Doze meses é o que eu penso.
- especialmente se continuar a passar cheques de seis mil libras por prédios que valem cerca da metade.
- Mas se eu não tivesse...
- Talvez não estivesse numa posição tão precária.

Charlie ficou silencioso durante algum tempo.

- Então, que quer que eu faça? – perguntou, finalmente.
- Quero que transfira para o banco todos os prédios e estoques da sua empresa, como garantia pelo saldo a descoberto. Já preparei os papéis necessários.

Merrick passou-lhe um documento que estava no centro da secretária – Se assinar– disse ele, indicando uma linha no final da folha, marcada com duas cruces a lápis –, eu poderia dar-lhe dar-lhe crédito por mais doze meses.

- E se recusar?
- Não terei outra escolha senão declará-lo insolvente dentro de vinte e oito dias. '

Charlie observou o documento e viu que Becky já havia assinado na linha acima da sua. Os dois homens ficaram calados durante algum tempo, enquanto Charlie pesava as alternativas. Então, sem fazer qualquer comentário, Charlie tirou a caneta, rabiscou uma assinatura entre as duas cruces a lápis, devolveu o documento, voltou-se e saiu do gabinete sem dizer outra palavra.

A rendição da Alemanha foi assinada pelo general Iodl e aceita em nome dos Aliados pelo general Bedell Smith, em Reims, no dia 7 de maio de 1945.

Charlie teria ido às comemorações do Dia da Vitória em Trafalgar Square se Becky não lhe tivesse lembrado que o saldo a descoberto havia atingido quase sessenta mil libras, e Merrick estava de novo ameaçando-os com a falência.

– Ele já tem os prédios e todo o nosso estoque. Que mais quer ele que eu faça? – perguntou Charlie.

– Ele agora sugere que vendamos a única coisa que pagaria a dívida e ainda deixaria algum capital para nos mantermos alguns anos.

– E o que é?

– Os Comedores de Batatas, de Van Gogh.

– Nunca!

– Mas, Charlie, o quadro pertence...

Charlie marcou uma reunião para falar com Lorde Woolton na manhã seguinte e explicou ao ministro que agora tinha de enfrentar os seus próprios problemas, que exigiam a sua atenção imediata. Pediu, agora que a guerra na Europa havia acabado, para ser liberado de suas tarefas atuais.

Lorde Woolton compreendeu plenamente o dilema de Charlie e manifestou claramente a tristeza que tanto ele como todo o departamento sentiam por Charlie ir embora.

Quando Charlie deixou o seu gabinete, um mês depois, a única coisa que levou foi Jessica Allen.

Os problemas de Charlie não melhoraram durante 1945, uma vez que os preços dos prédios continuaram a baixar, e a inflação continuou a crescer. Ele se sentiu, no entanto, comovido quando, depois de ter sido declarada a paz com o Japão, o primeiro-ministro deu um jantar em sua honra no número 10.

Daphne admitiu que nunca tinha entrado no edifício e disse a Becky que não tinha certeza de o que fazer. Percy admitiu que queria e que ficou com inveja.

Havia vários ministros importantes presentes. Becky foi colocada entre Churchill e uma jovem estrela em ascensão, Rab Butler, enquanto Charlie se sentou ao lado da Sra. Churchill e Lady Woolton. Becky observou o marido

.enquanto ele conversava de um modo descontraído com o primeiro-ministro e Lorde Woolton, e teve de sorrir quando Charlie teve a coragem de oferecer ao velho um charuto que escolhera especialmente naquela tarde no número 139.

Ninguém na sala iria adivinhar que eles estavam à beira da falência.

Quando a noite finalmente terminou, Becky agradeceu ao primeiro-ministro, que, por seu turno, lhe manifestou a sua gratidão.

– Por quê?

– Por atender telefonemas por mim e tomar excelentes decisões em meu nome – disse ele, acompanhando-os ao longo do comprido corredor até o vestíbulo.

– Não fazia ideia de que soubesse – disse Charlie, tomando-se escarlate.

– Que eu soubesse? Woolton contou ao Conselho de Ministros no dia seguinte. Nunca os vi rir tanto.

Quando chegou à porta do número 10, o primeiro-ministro fez uma ligeira reverência a Becky e disse:

– Boa-noite, Lady Trumper.

– Sabe o que isso significa, não sabe? – perguntou Charlie, dirigindo pela Downing Street e virando à direita para Whitehall.

– Que você vai receber um título?

– Sim, porém, mais importante, vamos ter de vender o Van Gogh.

DANIEL

1931 - 1947

CAPÍTULO 29

“Você é um bastardozinho” permanece a minha primeira recordação. Eu tinha cinco anos e meio nessa ocasião, e as palavras foram gritadas por uma menina do outro extremo do pátio do recreio, apontando para mim e pulando. O

resto da classe parou ficou olhando, até eu atravessar o pátio correndo e a encostar contra a parede.

– O que quer dizer isso?– perguntei, apertando-lhe os braços. Ela desatou a chorar e disse:

– Não sei . Só ouvi minha mãe dizer ao meu pai que você era um bastardozinho.

– Eu sei o que quer dizer– disse uma voz atrás de mim.

Voltei-me e vi que estava rodeado pelo resto dos alunos da minha classe, mas fui incapaz de adivinhar quem havia falado.

– Que quer dizer? –disse eu outra vez, ainda mais alto.

– Me dê seis pence que eu digo.

Olhei para Neil Watson, o fanfarrão da turma que se sentava sempre na fila atrás da minha.

– Só tenho três pence.

Ele pensou na oferta durante algum tempo antes de dizer:

– Está bem, eu digo por três pence.

Ele veio até perto de mim, estendeu a palma da mão e esperou até eu desembrulhar lentamente o meu lenço e lhe entregar toda a minha semanada.

Colocou as mãos em concha e murmurou ao meu ouvido:

– Você não tem pai.

– Não é verdade! – gritei eu, começando a dar-lhe murros no peito. Mas ele era muito maior do que eu e se limitou a rir dos meus fracos esforços. A campainha tocou o fim do intervalo e correram todos de volta a sala, alguns rindo e gritando em coro:

– Daniel é um bastardozinho.

A ama veio me buscar na escola nessa tarde e, quando tive certeza de que nenhum dos meus colegas podia ouvir, perguntei-lhe o que significava a palavra. Ela disse apenas:

– Que pergunta vergonhosa, Daniel, e só espero que isso não seja o que lhe ensinam em St. David. E não quero ouvir você dizer essa palavra outra vez.

À hora do lanche, na cozinha, quando a ama foi preparar o meu banho, pedi à cozinheira que me dissesse o que significava “bastardo”. Tudo o que ela disse foi:

– Eu não sei, Daniel, e aconselho você a não perguntar a mais ninguém.

Não ousei perguntar a minha mãe ou ao meu pai, com medo de que o que Neil Watson dissera fosse verdade, e fiquei acordado perguntando a mim próprio como poderia descobrir.

Depois, lembrei-me de que há muito tempo minha mãe tinha estado no hospital e devia ter voltado para casa com um irmão ou uma irmã, e não voltou.

Perguntei a mim próprio se isso me tornava bastardo.

Lembro-me de que a ama me levava para visitar mamãe no Guy's Hospital, mas não me lembro bem do passeio, exceto de que ela estava muito branca e triste.

Lembro-me de me sentir muito feliz quando ela veio para casa.

O episódio seguinte de minha vida de que tenho nítida recordação foi ir para a Escola de St. Paul, aos 11 anos. Lá, fui obrigado a estudar muito, pela primeira vez na vida. Na escola preparatória eu era o melhor em quase todas as disciplinas, sem ter de fazer muito mais do qualquer outra criança e, embora me chamassem “cabeça dura”, isso nunca me preocupou. Em St. Paul, havia muitos meninos inteligentes, mas nenhum deles chegava aos meus pés quando se tratava de matemática.

Eu não gostava só da disciplina que tantos colegas meus pareciam detestar, como as notas que tinha nos exames de fim de período pareciam sempre dar muito prazer à mamãe e ao papai. Eu estava sempre ansioso pela próxima equação algébrica, por mais um quebra-cabeças geométrico ou pelo desafio de resolver um problema aritmético de cabeça, enquanto os outros na aula mordiam os lápis olhando para páginas cheias de números.

Eu era um aluno bastante razoável nas outras disciplinas e, embora não fosse muito bom em jogos, comecei a tocar violoncelo e fui convidado alocar na orquestra da escola. Mas o meu professor disse que nada disso era importante, porque era óbvio que eu ia ser matemático o resto da vida. Não compreendi o que ele queria dizer na época, pois sabia que papai tinha saído da escola aos 14 anos para tomar conta do carrinho de frutas e hortaliças do meu bisavô, em Whitechapel e , embora mamãe tivesse frequentado a Universidade de Londres, ela ainda tinha de trabalhar no número 1 de Chelsea Terrace, para manter o papai – no estilo a que estava habituado. Ou isso era o que eu ouvia mamãe dizer, de vez em quando, no café da manhã.

Deve ter sido nessa época que descobri o que a palavra “bastardo”

significava de fato. Estávamos lendo O Rei John em voz alta na aula, por isso pude perguntar ao Sr. Saxon-East, meu professor de inglês, sem chamar muito a atenção para a pergunta. Alguns meninos olharam em volta e riram, mas, dessa vez, não houve dedos apontados nem murmúrios, e lembro-me de pensar, quando soube o significado, que Neil Watson não havia estado muito longe da verdade. Mas claro que essa acusação não me podia ser feita, porque, nas minhas primeiras recordações, o meu pai e a minha mãe tinham estado sempre juntos. Tinham sempre sido o Sr. e a Sra. Trumper.

Suponho que teria esquecido completamente aquele primeiro incidente se não tivesse vindo a cozinha uma noite tomar um copo de leite e não tivesse ouvido Joan Moore falando com Harold, o mordomo.

– O jovem Daniel vai bem na escola – disse Harold. – Deve ter a inteligência da mãe.

– E verdade, mas rezemos para que ele nunca descubra a verdade sobre o pai. – As palavras me paralisaram nas escadas. Continuei a escutar atentamente.

– Bem, uma coisa é certa – continuou Harold. – A Sra. Trentham nunca vai admitir que ele é seu neto, por isso, só Deus sabe quem vai ficar com todo aquele dinheiro.

– O capitão Guy não é, com certeza – disse Joan. – Por isso, talvez aquele fedelho do Nigel fique com tudo.

Depois disso, a conversa passou para quem deveria preparar o desjejum, por isso voltei para o meu quarto; mas não consegui dormir.

Embora me tivesse sentado naqueles degraus durante muitas horas nos meses seguintes, aguardando pacientemente que outras informações vitais saíssem dos lábios dos criados, o assunto nunca voltou a ser discutido por eles.

A única outra ocasião em que me lembro de ouvir o nome "Trentham" fora algum tempo antes, quando a Marquesa de Wilsthire, uma amiga íntima da minha mãe, veio lanchar conosco.

Fiquei no vestíbulo quando minha mãe perguntou:

– Foi ao funeral de Guy?

– Fui, mas não teve muita assistência dos paroquianos de Ashurst – assegurou-lhe a marquesa. – Os que se lembravam bem dele pareciam tratar a ocasião como se fosse uma libertação desejada.

– Sir Raymond estava presente?

– Não, ele estava visivelmente ausente – foi a resposta. – A Sra. Trentham disse que ele estava demasiado velho para viajar, o que apenas serviu para lembrar, infelizmente, que ela deverá herdar a fortuna num futuro não muito distante.

Novos fatos aprendidas, mas ainda faziam pouco sentido.

O nome "Trentham" surgiu mais uma vez na minha presença quando ouvi papai falar com o coronel Hamilton, ao sair de casa depois de uma reunião particular no seu escritório. Tudo o que papai disse foi:

– Por muito que ofereçamos a Sra. Trentham, ela nunca nos venderá os apartamentos.

O coronel acenou com a cabeça vigorosamente, em sinal de assentimento, mas tudo quanto disse sobre o assunto foi:

– Mulher idiota.

Quando meus pais não estavam em casa, procurei "Trentham" na lista telefônica. Só havia um: Major G. H. Trentham, MP, Chester Square. Fiquei na mesma.

Quando, em 1939, o Trinity College me ofereceu a Bolsa do Prêmio Newton para Matemática, pensei que papai fosse estourar de orgulho. Fomos todos passar o fim de semana na cidade universitária para ver o meu futuro quarto, antes de passear pelos claustros do colégio e pelo pátio.

A única nuvem a toldar esse límpido horizonte era a trovejante Alemanha nazista. A mobilização de todos que tivessem mais de 20 anos estava sendo debatida no Parlamento, e eu estava ansioso por dar a minha contribuição, se Hitler ousasse pôr um dedo do pé que fosse em solo polonês.

Meu primeiro ano em Cambridge correu bem, principalmente porque eu era aluno de Horace Bradford que, juntamente com a mulher, Victoria, era considerado o melhor do grupo de talentosos matemáticos que ensinavam na universidade nessa época. Embora se dissesse que a Sra. Bradford havia ganhado o Prêmio Wrangler por ser a melhor, o marido explicou que ela não tinha recebido o prestigioso prêmio, simplesmente por ser mulher. O homem que ficara em segundo lugar fora considerado primeiro, uma informação que fez minha mãe corar de raiva.

A Sra. Bradford ficou muito satisfeita pelo fato de minha mãe ter feito o curso na Universidade de Londres, em 1921, enquanto Cambridge, em 1939, ainda se recusava a reconhecer sequer que o dela existia.

No fim de meu primeiro ano, como muitos estudantes de Trinity, pedi para me alistar no Exército, mas meu professor perguntou-me se eu gostaria de trabalhar com ele e a mulher no Ministério da Guerra num departamento novo que se especializaria na decifração de códigos.

Aceitei a oferta sem pensar duas vezes, adorando a ideia de passar o tempo num pequeno quarto dos fundos, em Betchley Park, tentando decifrar códigos alemães. Senti-me um pouco culpado por me tornar uma das poucas pessoas de uniforme que iam de fato gostar da guerra. Meu pai deu-me dinheiro suficiente para comprar um velho MG, o que significava que podia ir a Londres de vez em quando para vê-los.

Ocasionalmente, eu conseguia arranjar uma hora para almoçar com ele no Ministério da Agricultura, mas papai só comia pão com queijo acompanhado de um copo de leite, como exemplo para o resto de sua equipe. Isso pode ter sido considerado edificante, mas certamente não era nada alimentício, avisou-me o Sr. Selwyn, acrescentando que meu pai convertera até o ministro a esse regime.

– Mas não o Sr. Churchill? – sugeri eu.

– Segundo me dizem, ele está a seguir na lista.

Em 1943, fui promovido a capitão, o que era simplesmente o reconhecimento por parte do Ministério da Guerra do trabalho que estávamos todos fazendo no nosso novo departamento. Obviamente, meu pai ficou encantado, mas tive pena de não poder partilhar com meus pais a nossa excitação quando deciframos o código utilizado pelos comandantes de submarinos alemães. Ainda hoje me intriga que eles continuassem a utilizar a chave de quatro rodas até muito depois de termos feito a nossa descoberta.

O código era o sonho de um matemático que finalmente deciframos nas costas de uma ementa na Lyons Corner House, perto de Picadilly. A empregada da que servia a mesa descreveu-me como um vândalo. Eu ri, e lembro-me de pensar que iria tirar o resto do dia de folga para fazer uma surpresa a minha mãe, mostrando-lhe como ficava no meu uniforme de capitão. Eu acreditava ficar bastante elegante, mas, quando ela abriu a porta, fiquei chocado com a sua reação. Ela olhou para mim como se estivesse vendo um fantasma.

Embora se tivesse recomposto bastante depressa, aquela sua primeira reação, ao ver-me de uniforme, tornou-se outro indício de um quebra-cabeças cada vez mais complexo e que nunca estava muito longe do minha mente.

O indício seguinte veio na última linha de um anúncio necrológico, a que não estava prestando muita atenção até ter descoberto que uma Sra. Trentham iria herdar uma fortuna; não, em si, um indício importante, até voltar a ler a notícia e ficar sabendo que ela era filha de alguém chamado Sir Raymond Hardcastle, um nome que me permitia preencher alguns quadrados em ambas as direções. Mas o que me intrigou foi não haver referência a Guy Trentham entre os familiares vivos. – Por vezes, desejo não ter nascido com o tipo de mente que gosta de decifrar códigos e brincar com fórmulas matemáticas. Mas, por qualquer motivo “Trentham”, “hospital”, “Capitão Guy”, “apartamentos”, “Sir Raymond”, “aquele fedelho Nigel”, “funeral” e o fato de minha mãe ter empalidecido quando me viu fardado de capitão pareceram ter uma ligação linear. Embora eu soubesse que precisaria ainda de mais indícios, antes de a lógica me levar a solução correta.

Então, de repente, descobri a quem se tinham todos referido quando a marquesa viera tomar chá todos aqueles anos antes e dissera a minha mãe que tinha ido ao funeral de Guy. Mas por que motivo isso era tão importante?

Na manhã do sábado seguinte, levantei-me muito cedo e fui até Ashurst, a aldeia em que a marquesa de Wiltshire vivera – não por coincidência, cheguei eu a conclusão. Cheguei a igreja um pouco depois das seis e, conforme previra, a essa hora não havia ninguém no cemitério. Andei verificando os nomes: muitos Yardleys, Baxters, Floods e Harcourt-Brownes. Algumas campas estavam cheias de ervas daninhas, outras estavam bem cuidadas e até tinham flores frescas. Parei durante um momento junto da campa do avô de minha madrinha. Devia haver mais de cem pessoas enterradas em redor da torre do relógio, mas não levei muito tempo para encontrar

o terreno da família Trentham, a apenas alguns metros da sacristia da igreja.

Quando vi a campa mais recente da família, comecei a ter suores frios: Guy Trentham, CM

1897 - 1927

após prolongada doença

Eterna saudade de sua família

E assim o mistério havia chegado a um beco sem saída, a sepultura do único homem que, se estivesse vivo, certamente teria respondido a todas as minhas perguntas.

Quando a guerra terminou, voltei para Trinity e foi-me concedido mais um ano para terminar o curso. Embora meus pais considerassem o ponto mais alto do ano o fato de eu terminar o curso com a oferta do lugar de pesquisador em Trinity, achei que não se podia torcer o nariz à investidura de papai no Palácio de Buckingham.

A cerimônia foi duplamente agradável, porque pude também assistir ao meu antigo mestre, o Professor Bradford, ser ordenado cavaleiro pelo papel que havia desempenhado na decifração de códigos – embora não houvesse nada para a sua mulher, notou minha mãe. Lembro-me de ter ficado igualmente indignado pela Dra Bradford. Papai pode ter feito a sua quota ao manter cheias as barrigas dos ingleses, mas, como disse Churchill na Câmara dos Comuns, a nossa pequena equipe tinha provavelmente encurtado a duração da guerra em cerca de um ano.

Reunimo-nos todos depois para lanchar no Ritz e, como é natural, a certa altura, durante a tarde, a conversa voltou-se para o que eu tencionava fazer, agora que a guerra havia acabado. Meu pai, honra lhe seja feita, nunca tinha sugerido que eu fosse trabalhar com ele

na empresa Trumper, muito embora eu soubesse o quanto ele gostaria de ter outro filho que pudesse eventualmente ocupar o seu lugar. De fato, durante as férias de verão, tive ainda mais consciência da minha sorte, pois meu pai parecia preocupado com o negócio e minha mãe não conseguia disfarçar a própria ansiedade sobre o futuro da empresa Trumper. Mas, sempre que eu perguntava se podia ajudar, ela só dizia:

– Não se preocupe, tudo há de se resolver.

Quando regressei a Cambridge, convenci-me de que, se alguma vez o nome Trentham voltasse a aparecer, eu não ia permitir que me perturbasse. No entanto, como o nome nunca era mencionado a minha frente, ele continuou a remoer lá no fundo de minha mente.

Meu pai tinha sido sempre um homem franco, por isso não havia qualquer explicação simples do motivo pelo qual ele mantinha um segredo tão grande sobre esse assunto específico a tal ponto, de fato, que eu sentia que não me era possível falar com ele sobre isso.

Poderiam ter decorrido anos sem me preocupar em fazer algo sobre o enigma, se eu não tivesse, uma manhã, levantado o fone em Little Boltons e não tivesse ouvido Tom Arnold, o braço direito de meu pai, dizer:

– Bem, pelo menos, podemos dar graças por você ter procurado Syd Wrexall antes da Sra. Trentham.

Pousei imediatamente o fone, sentindo que agora tinha de descobrir o mistério de uma vez por todas – e, ainda por cima, sem meus pais saberem. Por que pensamos sempre o pior nessas situações? Certamente a solução final acabaria por ser algo bastante inócuo.

Embora nunca tivesse conhecido Syd Wrexall, ainda me lembrava dele como o dono do Mosqueteiro, um bar que ficava no outro extremo de Chelsea Terrace, até uma bomba ter caído lá. Durante a

guerra, meu pai comprou o prédio e mais tarde transformou-o numa chique loja de mobílias.

Não era preciso ser um Dick Barton para descobrir que o Sr. Wrexall havia saído de Londres durante a guerra para se tornar dono de um bar numa pequena aldeia chamada Hatherton, escondida em Cheshire.

Passei três dias preparando a minha estratégia para o Sr. Wrexall e só quando fiquei convencido de que sabia todas as perguntas que era necessário fazer é que me senti suficientemente confiante para fazer a viagem até Hatherton. Tinha de colocar todas as questões, para as quais eu queria saber a resposta, de tal forma que elas não parecessem ser perguntas; mas ainda esperei um mês até ir ao norte, tendo deixado crescer uma barba que era suficientemente comprida para me sentir confiante de que Wrexall não me reconheceria. Embora não me lembrasse de alguma vez o ter visto, compreendi que era possível que Wrexall me tivesse visto três ou quatro anos antes e saberia, portanto, quem eu era, assim que eu entrasse no seu bar. Até comprei um par de Óculos modernos para substituir os meus antigos.

Escolhi uma segunda-feira para fazer a viagem, pois supus que esse seria o dia mais sossegado para almoçar num bar. Antes de partir, telefonei para 0

Caçador Furtivo para ter a certeza de que o Sr. Wrexall estaria lá nesse dia. A mulher garantiu-me que ele estaria lá, e desliguei antes que ela pudesse perguntar o motivo pelo qual eu queria saber. Durante a viagem para Cheshire, ensaiei inúmeras vezes uma série de não-perguntas. Ao chegar a aldeia de Hatheiton, estacionei o carro numa rua lateral a alguma distância do bar, antes de entrar no Caçador Furtivo. Vi três ou quatro pessoas sentadas conversando e outra meia dúzia bebendo em volta de uma lareira fraquinha. Sentei-me nos fundos do bar e encomendei empadão de carne e uma caneca de cerveja a uma senhora de meia-idade, de seios grandes,

que descobri mais tarde ser a mulher do dono. Levei só alguns momentos para identifica-lo porque todos os outros fregueses o chamavam pelo nome, mas compreendi que teria de ter paciência enquanto o ouvia conversar sobre tudo e sobre todos, de Lady Docker a Richard Murdoch, como se fossem todos amigos íntimos.

– Mais uma?– perguntou ele quando voltou a minha mesa e pegou meu copo vazio.

– Sim, por favor – disse eu, aliviado por descobrir que ele pareceu não me reconhecer.

Quando voltou com a cerveja, lá éramos só dois ou três no bar.

– É daqui? – perguntou ele, encostando-se ao balcão.

– Não – disse eu. – Vim por uns dias, para uma inspeção. Trabalho no Ministério da Agricultura.

– E que o traz a Hatherton?

– Estou verificando todas as propriedades da região para controle da febre aftosa.

– Ah, sim, eu li nos jornais –disse ele, brincando com um copo vazio.

– Não quer me acompanhar? – perguntei.

– Oh, obrigado. Se não se importa, vou beber um uísque. – Colocou a caneca vazia na pia e serviu uma dose dupla. Cobrou-me meia-coroa e, depois, perguntou como iam as minhas averiguações.

– Tudo bem, até agora – disse-lhe eu. – Mas ainda tenho algumas propriedades para verificar.

– Eu conheço uma pessoa do seu departamento –disse ele.

– Ah, sim?

– Sir Charles Trumper.

– Ele é anterior ao meu tempo – disse eu, tomando um gole de cerveja –, mas ainda falam dele no ministério. Deve ter sido um homem duro, se metade das histórias que contam sobre ele for verdade.

– Isso é verdade – disse Wrexall. – E, se não fosse ele, eu estaria rico.

– Sério?

– Oh, sim. Eu tinha alguns bens em Londres, antes de vir para cá. Um bar, juntamente com sociedade em várias lojas em Chelsea Terrace, para ser exato.

Ele ficou com tudo durante a guerra por seis mil libras. Se eu tivesse esperado vinte e quatro horas, poderia ter vendido por vinte mil, talvez trinta.

– Mas a guerra não acabou em vinte e quatro horas.

– Oh, não; não estou sugerindo que ele tenha cometido qualquer desonestidade, mas sempre achei que era coincidência demais que ele, depois de eu não o ver durante anos, tivesse aparecido no bar precisamente naquela manhã.

O copo de Wrexall estava vazio.

– Outra dose igual para os dois? – sugeri, na esperança de que o investimento de outra meia-coroa lhe soltasse mais a língua.

– É muito generoso da sua parte – respondeu ele e, quando voltou, perguntou: – Onde é que eu estava?

– Precisamente naquela manhã...

– Oh, sim, Sir Charles... Charlie, como eu sempre o chamei. Bem, ele fechou o negócio aqui mesmo no bar, em menos de dez minutos, e diabos me levem se a outra parte interessada não me telefonou perguntando se os prédios ainda estavam à venda. Tive de dizer à senhora em causa que havia acabado de assinar a venda.

Evitei perguntar quem era “a senhora”, embora desconfiasse a quem se referia.

– Mas isso não prova que ela lhe teria oferecido vinte mil por eles.

– Oh, sim ela teria oferecido – responde Wrexall. – aquela Sra. Trentham daria o que quer que fosse para impedir que Sir Charles pusesse as mãos naquelas lojas.

– Deus do céu – disse eu, evitando mais uma vez perguntar o motivo.

– Oh, sim, os Trumplers e os Trenthams brigam há anos, sabe? Ela ainda é dona de um bloco de apartamentos exatamente no meio de Chelsea. É a única coisa que o impede de construir o seu grandioso mausoléu, não é? E há mais, ela tentou comprar o número 1 do Chelsea Terrace, mas Charlie foi mais esperto. Nunca vi nada assim na minha vida.

– Mas isso deve ter sido há anos – disse eu. – E espantoso como as pessoas continuam a guardar ressentimento durante tanto tempo.

– Tem razão porque, tanto quanto eu sei, existe desde o princípio dos anos 20, desde que aquele filho espertalhão dela saía com a Srta. Salmon.

Contive a respiração.

– Ela não aprovava, não, a Sra. Trentham, não senhor. Nós todos sabíamos isso no Mosqueteiro e depois, quando o filho desapareceu

e foi para a Índia, a Srta. Salmon casou de repente com Charlie. E isso não foi o fim do mistério.

– Não?

– Certamente não –disse Wrexall.– Porque nenhum de nos tem a certeza de quem é o pai.

– O pai?

Wrexall hesitou.

– Fui muito longe. Não digo mais nada.

– Foi há tanto tempo, surpreendo-me que alguém ainda se importe – foi o meu esforço final antes de acabar o copo.

– E verdade –disse Wrexall. – Isso também tem sido um mistério para mim. Mas nunca se sabe. Bem, tenho que fechar agora, senão a polícia vem atrás de mim.

– Claro. E eu tenho de voltar para o gado.

Antes de regressar a Cambridge, sentei-me no carro e escrevi tudo quanto me lembrava de ter ouvido o dono do bar dizer. Embora Wrexall tivesse fornecido muitas informações que eu não sabia antes, ele também provocara mais perguntas sem resposta. A única coisa de que tinha certeza quando saí do bar era de que, agora, não podia parar.

Na manhã seguinte, decidi voltar ao Ministério da Guerra e perguntar a antiga secretária de Sir Horace se ela tinha alguma maneira de saber os antecedentes de um antigo oficial.

– Nome? – disse a severa mulher de meia-idade que ainda usava o cabelo preso num coque, um estilo que ficara da guerra.

– Guy Trentham – disse-lhe eu.

– Posto e regimento?

– Capitão e julgo que do Royal Fusiliers.

Ela desapareceu atrás de uma porta fechada, mas voltou dentro de quinze minutos com um pequeno dossiê amarelado na mão. Retirou uma única folha de papel e leu em voz alta.

–Capitão Guy Trentham, CM. Prestou serviço na Primeira Guerra, depois na Índia, renunciou à carreira em 1922. Não é fornecida explicação. Não há indicação de endereço posterior.

-A senhora é um gênio – disse eu e, para sua consternação, beijei-a na testa antes de ir embora, de volta a Cambridge.

Quanto mais eu descobria, mais via que precisava de informações, embora, a cada momento, parecesse ter chegado a outro beco sem saída.

Durante as semanas seguintes, concentrei-me no meu trabalho como supervisor, até todos os meus alunos terem partido para as férias de Natal.

Regressei a Londres para as férias de três semanas e passei um Natal feliz com meus pais em Little Boltons. Meu pai parecia muito mais descontraído do que estivera no verão, e até mamãe parecia livre de sua ansiedade inexplicada.

No entanto, durante essas férias, surgiu outro mistério e, como eu estava convencido de que ele não tinha relação com os Trenthams, não hesitei em pedir á minha mãe que o resolvesse.

– O que aconteceu com o quadro preferido de papai?

Sua resposta entristeceu-me muito, e ela pediu que eu não falasse no assunto dos Comedares de Batatas com meu pai.

Na semana antes de voltar a Cambridge, estava passeando pela Beaufort Street, em direção a Little Boltons, quando encontrei um homem aposentado de Chelsea, com um uniforme de sarja azul, tentando atravessar a rua.

– Permita-me que o ajude – ofereci.

– Obrigado –disse ele, olhando-me com um sorriso remelento.

– E em que regimento serviu? – perguntei casualmente.

– No regimento do Príncipe de Gales –respondeu ele. – E você?

– Os Royal Fusiliers. – Atravessamos a rua juntos. – Conhece alguns deles?

– Os Fussilers – disse ele. –Ah, sim, Banger Smith, que esteve na Grande Guerra, e Sammy Tomkins, que se alistou mais tarde, vinte e dois, vinte e três, se bem me lembro, e foi considerado inválido depois de Tobruk.

– Banger Smith? – disse eu.

– Sim – respondeu o aposentado quando chegamos ao outro lado da rua.

Um indolente, aquele. – Riu, tossindo. – Mas, a acreditar nas suas histórias, ainda trabalha um dia por semana no museu do seu regimento.

No dia seguinte, fui o primeiro a entrar no museu do regimento, na Torre de Londres, mas o conservador disse-me que Banger Smith só vinha às quintas-feiras e, mesmo assim, nem sempre. Olhei em volta de uma sala cheia de recordações do regimento, bandeiras esfiapadas apregoando honras de batalha, uma vitrine com uniformes, instrumentos de guerra antiquados de uma era passada e

grandes mapas cobertos com alfinetes de cores diferentes, mostrando onde e quando aquelas honras tinham sido obtidas.

Como o conservador era só alguns anos mais velho do que eu, não o incomodei com perguntas sobre a Primeira Guerra Mundial.

Voltei na quinta-feira seguinte e encontrei um velho soldado sentado a um canto do museu, fingindo estar muito ocupado.

– Banger Smith?

O velhote não devia ter mais de um metro e meio e não fez qualquer tentativa de se levantar da cadeira. Olhou para mim, desconfiado.

– E depois?

Tirei uma nota de dez xelins do bolso interno.

Ele olhou primeiro para a nota e depois para mim, inquiridor. – Do que está à procura?

– Lembra-se de um capitão Guy Trentham, por acaso? – perguntei.

– O senhor é da polícia?

– Não, sou advogado e estou tratando dos seus bens.

– Aposto que o capitão Trentham não deixou nada para ninguém.

– Não posso revelar isso – disse eu. – Mas suponho que o senhor não sabe o que lhe aconteceu depois de sair dos Fusiliers! O senhor sabe, não há qualquer referência a ele nos registros do regimento depois de 1922.

– Não há razão para haver, há? Ele não saiu dos Fussies exatamente com a banda do regimento tocando em sua honra. Na minha opinião, aquele patife deveria ter sido chicoteado.

- Por quê?
- Não vou dizer nada. Segredo do regimento –disse ele, tocando no lado do nariz.
- Mas tem alguma ideia para onde ele foi depois de deixar a Índia?
- Isso lhe custa mais dez xelins –disse o velho soldado, rindo.
- O que quer dizer com isso?
- Foi trabalhar na Austrália, não foi? Morreu lá, depois foi trazido de navio pela mãe. Que a terra lhe seja pesada, é tudo o que eu posso dizer. Se dependesse de mim, tirava a sua maldita fotografia da parede.
- A sua fotografia?
- Sim, CM ao lado de DSO, canto superior esquerdo – disse ele, conseguindo levantar um braço para apontar a direção.

Dirigi-me lentamente ao canto que Banger Smith havia indicado, passei pelas Sete VCs, várias DSO e depois as CM. Estavam por ordem cronológica: 1914 - três; 1915 - treze; 1916 - dez; 1917 - onze; 1918 - dezessete. Tinha sido atribuída a CM ao capitão Guy Trentham, dizia a inscrição, depois da segunda batalha do Mame, em 18 de julho de 1918.

Olhei a fotografia de um jovem oficial com uniforme de capitão e soube que tinha de fazer uma viagem à Austrália.

CAPÍTULO 30

- Quando está pensando em ir?
- Durante as férias grandes.
- Tem dinheiro suficiente para uma viagem dessas?

– Ainda tenho a maior parte das quinhentas libras que me deu quando acabei o curso. De fato, o único dinheiro que gastei delas foi com o carro; cento e oitenta libras, se bem me lembro. Em todo o caso, um homem solteiro com alojamento na universidade não precisa exatamente de rendimentos. – Daniel levantou os olhos quando a mãe entrou na sala.

– Daniel está pensando em ir à América no verão.

– Que bom – disse Becky, colocando algumas flores numa mesinha ao lado do Remington. – Então tente ver os Fields, em Chicago, e os Bloomingdales, em Nova Iorque, e, se tiver tempo, podia também...

– Na realidade – disse Daniel, encostando-se à lareira –, acho que vou tentar visitar Waterstone, em Princeton, e Stinstead, em Berkeley.

– Alguém que eu conheço? – Becky franziu atesta, levantando os olhos do arranjo de flores.

– Eu acho que não, mãe. São ambos professores universitários que ensinam Matemática.

Charlie riu.

– Bem, tente escrever com regularidade – disse a mãe. – Eu gosto sempre de saber onde você está e o que está fazendo.

– Claro que escrevo, mãe – disse Daniel, tentando não parecer exasperado.

– Se prometer lembrar-se de que já tenho vinte e seis anos...

Becky olhou para ele com um sorriso.

– É mesmo, meu querido?

Daniel regressou a Cambridge nessa noite, tentando pensar como é que ia conseguir escrever da América se ele estaria, de fato, a caminho da Austrália.

Não gostava da ideia de enganar a mãe, mas sabia que ainda seria mais penoso para ela dizer-lhe a verdade sobre o capitão Trentham.

Não ajudou nada quando Charlie lhe enviou um bilhete de primeira classe para Nova Iorque, a bordo do Queen Mary, para o dia exato que ele mencionara. Tinha custado cento e três libras e incluía o regresso com data em aberto.

Daniel acabou por encontrar uma solução. Calculou que, se embarcasse no Queen Mary para Nova Iorque na semana depois do fim do período e depois prosseguisse viagem no Twentieth Century Limited e no Super Chief para São Francisco, ainda teria um dia para embarcar no SS Aorangi, para Sydney. Isso lhe daria quatro semanas na Austrália, antes de repetir a viagem de sul para norte, deixando-lhe exatamente o tempo suficiente para chegar a Southampton alguns dias antes do início do primeiro período.

Como sucedia com tudo que Daniel fazia, passou horas investigando e se preparando, antes de partir para Southampton. Destinou três dias para o Departamento de Informações do Alto Comissariado da Austrália, no Strand, e sentou-se regularmente ao lado de um certo Dr. Marcus Winters, professor visitante de Adelaide, sempre que jantava no refeitório dos professores do Trinity. Embora o primeiro-secretário e o bibliotecário adjunto continuassem intrigados com algumas das perguntas de Daniel, e o Dr. Winters ficasse curioso quanto aos motivos do jovem matemático, no fim do período, Daniel sentiu-se confiante de que havia aprendido o suficiente para ter certeza de que não perderia tempo quando chegasse ao destino. No entanto, compreendia que era um jogo arriscado, se a resposta à primeira pergunta que precisava ser respondida fosse: "Não é possível saber".

Quatro dias depois de os estudantes partirem e de ele ter terminado seu relatório, Daniel estava de malas feitas e pronto para partir. Na manhã seguinte, a mãe chegou ao Trinity College para o levar a Southampton. Durante a viagem para o sul, ele soube que Charlie havia submetido à municipalidade de Londres para autorização, um plano para transformar o Chelsea Terrace em gigantesca loja de departamentos.

– Mas, e os apartamentos em ruínas?

– A Câmara deu aos donos três meses para pedirem autorização para reconstruir, sob pena de emitir ordem de venda.

– É pena não podemos comprar – disse Daniel, experimentando uma das suas não-perguntas, na esperança de provocar uma resposta da mãe, mas ela continuou dirigindo ao longo da A 30 sem dar qualquer opinião.

Era irônico, pensou Daniel; se a mãe tivesse sido capaz de lhe dizer a razão pela qual a Sra. Trentham se recusava a cooperar com seu pai, ela poderia ter manobrado o carro e levado de regresso a Cambridge.

Ele voltou a território mais seguro.

– E como papai espera arranjar dinheiro para um empreendimento tão grande?

– Ele não consegue decidir entre um empréstimo bancário e abrir o capital social ao público.

– De que quantia estão falando?

– O Sr. Merrick calcula cerca de cento e cinquenta mil libras.

Daniel assobiou baixinho.

O banco está disposto a emprestar o montante total, agora que os preços dos imóveis subiram vertiginosamente – continuou Becky –, mas está exigindo tudo o que temos como garantia, incluindo os prédios em Chelsea Terrace, a casa, a nossa coleção de arte e, ainda por cima, querem que demos uma garantia pessoal e cobram quatro por cento sobre o empréstimo.

– Então, talvez, a solução seja a subscrição pública de ações.

– Não é assim tão fácil. Se enveredarmos por esse caminho, a família poderá acabar ficando com apenas cinquenta e um por cento das ações.

– Cinquenta e um por cento significam que ainda têm o controle da empresa.

– De acordo – disse Becky –, mas, se alguma vez precisarmos aumentar o capital no futuro, então uma maior diluição só significaria que poderíamos bem perder a nossa maioria de ações. Em todo o caso, você sabe bem o que seu pai pensa de pessoas de fora terem direito a dar opinião, quanto mais terem muitas ações. E ele ter de entregar relatórios regulares e ainda mais diretores não executivos, para não falar nos acionistas, pode resultar em desastre. Ele sempre geriu o negócio com base no instinto, ainda que o Banco do Inglaterra possa preferir uma abordagem mais ortodoxa.

– Quando é que a decisão vai ser tomada?

– Deve estar decidido, de uma forma ou de outra, quando você voltar da América.

– E o futuro do número 1?

Há boas probabilidades de eu o endireitar. Tenho o pessoal certo e contatos suficientes, por isso, se nos concederem a autorização de construção conforme pedimos acredito que faremos, um dia, boa concorrência a Sotheby's e à Christie's.

– Não se papai continuar a roubar os melhores quadros...

– É verdade – sorriu Becky. – Mas, se ele continuar como até agora, a nossa coleção particular valerá mais do que o negócio, como ficou cruelmente provado quando vendemos o meu Van Gogh à Galeria Lefevre. Ele tem o melhor olho de amator que eu já vi, mas nunca lhe diga que eu disse isso.

Becky começou a concentrar-se nas placas que indicavam as docas e, finalmente, parou o carro ao lado do navio, mas não tão perto como Daphne conseguira, há tempos, fazê-lo, se ela bem se lembrava.

Daniel partiu de Southampton no Queen Mary nessa noite, com a mãe lhe acenando do cais.

A bordo do grande navio, escreveu uma longa carta aos pais, que pôs no correio cinco dias mais tarde, na Quinta Avenida. Comprou, então, um bilhete no Twentieth Century Limited para um *pullman* para Chicago. O trem saiu da Perm Station nessa noite às oito horas, tendo Daniel passado um total de seis horas em Manhattan, onde a sua única compra foi um guia da América.

Quando chegaram a Chicago, o vagão *pullman* foi acoplado ao Super Chief, que o levou até São Francisco.

Durante a viagem de quatro dias ao longo da América, ele começou a arrepender-se de ir à Austrália. Enquanto passava por Kansas City, Newton City, La Junta, Albuquerque e Barstow, cada uma dessas cidades lhe parecia mais interessante do que a anterior. Sempre que o trem parava numa estação, Daniel saltava, comprava um postal colorido que indicava onde ele estava, preenchia o espaço em branco com informações que tirava do guia, antes de o trem chegar à estação seguinte. Ele punha, então, o postal escrito no correio na parada seguinte e repetia o processo. Quando o trem chegou à estação de Oakland, ele havia enviado vinte e sete postais diferentes para os pais em Little Boltons.

Quando o carro o deixou na St. Francis Square, Daniel alojou-se num pequeno hotel perto do cais, depois de verificar que a tarifa se coadunava bem com o seu orçamento. Como ainda tinha de esperar trinta e seis horas antes de o S.S. Aorangi partir, foi até Berkeley e passou todo o segundo dia com o Professor Stinstead. Daniel ficou tão entusiasmado com a pesquisa de Stinstead sobre o cálculo terciário, que começou novamente a sentir pena de não ficar mais tempo, uma vez que desconfiou de que talvez aprendesse mais se ficasse em Berkeley do que descobriria na Austrália.

Na noite antes da partida, Daniel comprou mais vinte postais e sentou-se até uma da manhã para escrever. Quando chegou ao vigésimo, sua imaginação havia atingido o limite. Na manhã seguinte, depois de ter pago a conta, pediu ao porteiro que pusesse um postal no correio de três em três dias até o seu regresso. Deu-lhe uma nota de dez dólares e prometeu que lhe daria mais dez quando voltasse a São Francisco, mas apenas se sobrasse o número correto de postais, Uma vez que a data do regresso era incerta.

O porteiro ficou intrigado, mas guardou os dez dólares no bolso, comentando, depois, com seu jovem colega ao balcão, que já lhe fora pedido que fizesse coisas mais estranhas, por muito menos.

Quando Daniel embarcou no S .S. Aorangi, sua barba já estava crescida e seu plano tão bem preparado quanto possível, levando em consideração que suas informações tinham sido recolhidas no lado errado do globo. Durante a viagem, Daniel sentou-se às refeições a uma grande mesa circular com uma família australiana que regressava a casa, após férias nos Estados Unidos, e que durante as três semanas seguintes, contribuiu para o aumento dos seus conhecimentos, sem reparar que ele escutava todas as suas palavras com invulgar interesse.

Daniel chegou a Sydney na primeira segunda-feira de agosto de 1947. De pé no convés, viu o pôr do sol por atrás da ponte do Cais de Sydney, enquanto um piloto de barra conduzia o navio

lentamente para o porto. Sentiu subitamente muitas saudades de casa e, como já acontecera antes, desejou nunca ter iniciado a viagem. Uma hora mais tarde, tinha saído do navio e estava alojado numa pensão recomendada pelos companheiros de viagem.

A dona da pensão, que se apresentou como Sra. Snell, era uma mulher grande, com largo sorriso e sonora gargalhada, e que o instalou no que descreveu como o seu quarto de luxo. Daniel ficou um tanto aliviado por não ter ficado num dos quartos comuns, porque, quando se deitou, a cama de casal fez um buraco no meio e, quando se virou, as molas o seguiram, agarradas às suas costas. As duas torneiras do lavatório jorravam água fria em diferentes tons de marrom, e era impossível ler à luz da única lâmpada pendurada no meio do quarto, a não ser que ficasse de pé em cima de uma cadeira imediatamente debaixo dela e a Sra. Snell não havia fornecido uma cadeira.

Quando interrogado, na manhã seguinte, depois de um desjejum de ovos, bacon, batatas e pão frito, se almoçaria lá ou fora, Daniel disse "Fora" com firmeza, para evidente desilusão da dona da pensão.

A primeira visita, crítica, por sinal, foi ao Serviço de Imigração. Se não tivesse nenhuma informação que o ajudasse, ele sabia que o melhor era voltar para bordo do S. S. Aorangi naquela mesma noite. Daniel começava a desconfiar de que, se isso acontecesse, ele não ficaria muito desapontado.

O enorme edifício marrom na Market Street, onde ficavam os registros oficiais de todas as pessoas que tinham chegado à colônia desde 1823, abria às dez horas. Embora tivesse chegado com meia hora de antecedência, Daniel ainda teve de entrar numa das oito filas de pessoas que buscavam informações sobre imigrantes registrados, o que lhe tomou quarenta minutos para chegar ao balcão.

Quando, finalmente, chegou à frente da fila, encontrou-se diante de um homem corado com uma camisa azul sem gravata, recostado no balcão.

– Estou tentando encontrar o rastro de um inglês que veio para a Austrália entre 1922 e 1925.

– Não pode fazer melhor do que isso, amigo?

– Receio que não – disse Daniel.

– Receia que não, hem? – disse o empregado. – Tem um nome, por acaso?

– Tenho, sim – disse Daniel. – Guy Trentham.

– Trentham. Como se escreve isso?

Daniel soletrou o nome lentamente.

– Certo, amigo. São duas libras. – Daniel tirou a carteira do casaco esportivo e entregou o dinheiro. – Assine aqui. – disse o empregado, voltando com um impresso e colocando o indicador na última linha. – E volte na quinta-feira.

– Quinta-feira? Mas isso é daqui a três dias.

– Ainda bem que ainda ensinam a contar na Inglaterra – disse o empregado. – O próximo.

Daniel saiu do prédio sem qualquer informação, unicamente com um recibo de duas libras. De novo na calçada, pegou um exemplar do Sydney Morning Herald e começou a procurar um café perto do porto onde pudesse almoçar. Escolheu um pequeno restaurante que estava cheio de gente jovem.

Um garçom conduziu-o ao longo da sala barulhenta e cheia para uma mesa no canto. Ele tinha quase acabado de ler o jornal quando

chegou a salada que havia pedido. Empurrou o jornal para o lado surpreso por não haver nenhuma notícia sobre o que se passava na Inglaterra. Enquanto mastigava uma folha de alface e se perguntava como poderia usar o tempo da inesperada espera de modo construtivo, a moça da mesa ao lado inclinou-se e perguntou se podia utilizar o açúcar.

– Claro, sirva-se – disse Daniel, entregando-lhe o açucareiro. Não teria voltado a olhar se não tivesse reparado que ela estava lendo *Principia Mathematica*, de N. A. Whitehead e Bertrand Russel.

– É estudante de matemática, por acaso? – perguntou ele, depois de passar o açucareiro.

– Sou – disse ela, sem o olhar.

– Só perguntei – disse Daniel, achando que a pergunta pudesse ser considerada pouco educada – porque eu ensino essa disciplina.

– Claro que ensina – disse ela, não se dando ao trabalho de se voltar.

– Oxford, com certeza.

– Por acaso, é Cambridge.

Essa informação fez, de fato, a moça virar-se para Daniel e o estudar mais cuidadosamente.

– Então, pode me explicar a regra de Simpson? – perguntou ela abruptamente.

Daniel desdobrou o guardanapo de papel, tirou uma caneta e desenhou alguns diagramas para ilustrar a regra, passo a passo, algo que não tinha feito desde que saíra de St. Paul.

Ela comparou o que ele desenhara com o diagrama do livro, sorriu e disse:

– Supimpa, ensina mesmo matemática – o que surpreendeu um pouco Daniel porque não tinha certeza do que significava “supimpa”, mas, como fora acompanhado de um sorriso, ele supôs ser uma forma de aprovação. Ficou ainda mais surpreso quando a jovem pegou seu prato de ovos com feijão, se aproximou e sentou ao lado dele.

– Eu sou Jackie – disse ela. – Uma mateira de Perth.

– Eu sou Daniel – respondeu ele. – E sou...

– Um gênio de Cambridge. Já me disse, lembra-se?

Foi a vez de Daniel olhar mais atentamente a jovem sentada à sua frente.

Jackie parecia ter cerca de vinte anos. Tinha cabelo louro curto e nariz arrebitado. Usava short e uma T-shirt amarela com a legenda “Perth!” de um lado ao outro do peito. Não se parecia nada com qualquer das estudantes que encontrara em Trinity,

– Está na universidade? – perguntou ele.

– Sim. Segundo ano, Perth. O que o traz a Perth, Dan?

Daniel não conseguiu pensar numa resposta imediata, mas isso não teve grande importância porque, muito antes de ele ter oportunidade de responder, Jackie já estava explicando por que razão se encontrava na capital de New South Wales. De fato, Jackie foi quem falou quase sempre até chegarem as contas.

Daniel insistiu em pagar.

– Ótimo – disse Jackie. – Então, o que vai fazer esta noite?

– Não tenho nada programado.

– Ótimo, porque eu estava pensando em ir ao Royal Theatre – disse-lhe ela.

Por que não vem comigo?

– Oh, o que está em cartaz? – perguntou Daniel, incapaz de esconder a surpresa ao ser convidado por uma moça pela primeira vez na vida.

– Esta Noite às Oito e Meia, de Noel Coward, com Cyril Ritchard e Madge Elliot.

– Parece ser boa – disse Daniel evasivamente.

– Então nos encontramos na porta às dez para as oito, Dan. E não chegue tarde. – Pegou a mochila, pôs nas costas, apertou a fivela e desapareceu em segundos.

Daniel viu-a sair do café antes de conseguir pensar numa desculpa para não concordar com a sua sugestão. Decidiu que seria grosseria de sua parte não aparecer no teatro e, em todo o caso, ele tinha de admitir que gostava da companhia de Jackie. Olhou o relógio e decidiu passar o resto da tarde passeando pela cidade.

Quando Daniel chegou ao Royal Theatre nessa noite, alguns minutos antes das sete e quarenta, comprou dois bilhetes de seis xelins para a plateia e ficou à espera de sua convidada – ou era ela a anfitriã? Quando a campainha dos cinco minutos tocou, Jackie ainda não havia chegado, e Daniel começou a compreender que tinha mais vontade de ver Jackie de novo do que queria admitir. Ainda não havia sinal de sua companheira do almoço quando a campainha dos dois minutos tocou, por isso Daniel pensou que iria ver a peça sozinho. Um minuto antes de o pano subir, sentiu uma mão enfiar-se em seu braço e ouviu uma voz dizer:

– Olá, Dan. Não pensei que fosse aparecer.

Outra novidade, nunca fora ao teatro com uma moça de short.

Daniel sorriu. Embora tivesse gostado da peça, descobriu que gostara ainda mais da companhia de Jackie durante o intervalo, depois do espetáculo, e, mais tarde, enquanto comiam no Romano – um pequeno restaurante italiano que ela parecia conhecer.

Nunca havia conhecido ninguém que, conhecendo-o há apenas umas horas, pudesse ser tão sincero e amigável. Falaram sobre tudo, de matemática a Clmk Gable, e Jackie tinha sempre uma opinião clara, qualquer que fosse o assunto.

– Posso acompanhá-la ao seu hotel? – perguntou Daniel quando saíram finalmente do restaurante.

– Não tenho hotel – respondeu Jackie com um sorriso e, jogando a mochila por cima do ombro, acrescentou: – Por isso acompanho-o ao seu.

– Por que não? – disse Daniel. – Suponho que a Sra. Snell poderia arranjar outro quarto para esta noite.

– Esperemos que não – disse Jackie.

Quando abriu a porta, depois de Jackie ter tocado à campainha várias vezes, a Sra. Snell disse:

– Não pensei que seriam dois. Isso significa extra, claro.

– Mas nós não... – começou Daniel.

– Obrigada — disse Jackie tirando a chave da mão da Sra. Snell, enquanto a dona da pensão piscava o olho a Daniel.

Quando chegaram ao pequeno quarto de Daniel, Jackie tirou a mochila e disse:

– Não se preocupe comigo, Dan, eu durmo no chão.

Ele não soube o que responder e, sem dizer mais nada, foi para o banheiro, vestiu o pijama e escovou os dentes, dirigindo-se depois rapidamente à cama, sem sequer olhar na direção de Jackie. Alguns minutos depois, ele ouviu a porta do banheiro fechar-se, por isso esgueirou-se de novo da cama, foi nas pontas dos pés até a porta e apagou a luz, antes de se enfiar outra vez debaixo dos lençóis. Passaram-se mais alguns minutos antes de ouvir a porta do banheiro abrir-se. Fechou os olhos, para fingir que dormia. Um momento depois, sentiu um corpo deitar-se a seu lado e dois braços rodeá-lo.

– Oh, Daniel – na escuridão, a voz de Jackie ficou com um sotaque inglês exagerado – vamos despir esse pijama horroroso.

Quando ela desatou o cadarço das calças de pijama, ele se voltou para protestar, mas se descobriu encostado ao seu corpo nu. Daniel não disse uma palavra enquanto ficou ali deitado, de olhos fechados,

não fazendo quase nada enquanto Jackie começava a percorrer-lhe as pernas com as mãos. Sentiu-se totalmente excitado e, pouco depois, exausto, sem saber bem o que havia acontecido. Mas tinha gostado de todos os momentos.

– Sabe, acho que você é virgem – disse Jackie, quando ele abriu os olhos.

– Não – corrigiu ele. – Era virgem.

– Receio que ainda seja – disse Jackie. – Estritamente falando. Mas não se preocupe; prometo que resolveremos isso antes do amanhecer. A propósito, desta vez, Dan, pode participar.

Daniel passou a maior parte dos três dias seguintes na cama, recebendo lições de uma aluna do segundo ano da Universidade de Perth. Na segunda manhã, ele havia descoberto como o corpo de uma mulher podia ser belo. Na terceira noite, Jackie gemeu um pouco, o que o levou a acreditar que ele, embora talvez não tivesse acabado o curso, já não era um calouro.

Ficou triste quando Jackie lhe disse que havia chegado a hora de voltar a Perth. Ela jogou a mochila por cima do ombro pela última vez e, depois de a ter acompanhado à estação, Daniel viu o trem partir da plataforma e ela iniciar a viagem de regresso à Austrália ocidental.

Se alguma vez eu for a Cambridge, Dan, o procuro – foram as últimas palavras que ele se lembrava de a ouvir dizer.

– Espero que sim – disse ele, sentindo que havia alguns catedráticos em Trinity que se teriam beneficiado do ensino especializado de Jackie.

Na quinta-feira de manhã, Daniel foi mais uma vez ao Serviço de Imigração e, depois de esperar outra hora na inevitável fila,

entregou o seu recibo ao empregado, que ainda estava recostado no balcão, com a mesma camisa.

– Oh, sim, Guy Trentham, eu me lembro. Descubri dados sobre ele alguns minutos depois de o senhor ir embora – disse-lhe o empregado. – É pena não ter voltado mais cedo.

– Então só lhe posso agradecer.

– Agradecer-me por quê? – perguntou o empregado, desconfiado.

Daniel pegou o pequeno cartão verde que o empregado lhe entregou.

– Pelos três dias mais felizes da minha vida.

– Que quer dizer com isso, amigo? – disse o outro homem, mas Daniel já não o ouviu.

Sentou-se sozinho nos degraus do alto edifício colonial e examinou o cartão oficial. Tal como ele rezeira, revelava muito pouco: Nome: Guy Trentham (registrado como imigrante)

18 de novembro de 1922

Profissão: Agente imobiliário

Endereço: Mzinley Drive nº 117

Sydney

Daniel depressa encontrou a Manley Drive no mapa da cidade que Jackie lhe havia deixado, e pegou um ônibus para o lado norte de Sydney, onde desceu num bairro arborizado com vista para o porto. As casas, embora grandes.

pareciam um pouco degradadas, dando a Daniel a impressão de que o subúrbio teria sido, no passado, uma zona elegante.

Quando, tocou a campainha do que poderia ter sido uma antiga pensão colonial, a porta foi aberta por um jovem de short e T-shirt. Daniel começava a acreditar que esse era o traje nacional.

-Sei que é pouco provável que consiga – começou Daniel – mas, estou tentando encontrar alguém que deve ter morado nesta casa, em 1922.

– Um pouco antes do meu tempo – disse o jovem, em tom alegre.

– É melhor entrar e falar com minha tia Silvia... ela é a pessoa mais indicada.

Daniel seguiu o jovem pelo vestíbulo, até uma sala de estar que parecia não ser amimada há vários dias e uma varanda que mostrava sinais de já ter sido pintada de branco. Ali estava sentada, numa cadeira de balanço, uma mulher que podia ter um pouco menos de 50 anos, mas cujo cabelo pintado, e o rosto, demasiado maquillado, tomavam impossível a Daniel ter certeza de sua idade.

Ela continuou a balançar de trás para a frente, de olhos fechados, deliciando-se com o sol da manhã.

– Desculpe incomoda-la...

– Não estou dormindo – disse a mulher, abrindo os olhos para estudar o intruso. Olhou para ele, desconfiada. – Quem é você? O seu rosto é familiar.

– O meu nome é Daniel Trumper – disse-lhe ele. – Estou tentando encontrar alguém que deve ter morado aqui em 1922.

Ela começou a rir.

– Há vinte anos. Devo dizer que você é um bocado otimista.

– Chamava-se Guy Trentham.

Ela se levantou de repente e o olhou nos olhos.

– Você é filho dele, não é? – Daniel ficou gelado. – Mesmo que viva cem anos, nunca hei de esquecer do rosto daquele cafajeste de fala macia.

já não era possível negar a verdade, nem a si próprio.

– Então, você voltou depois desses anos todos para pagar as dívidas dele?

– Não compreendo... – disse Daniel.

– Foi embora, tendo ficado devendo quase um ano de aluguel. Sempre escrevia à mãe, na Inglaterra, para pedir mais dinheiro, mas, quando chegava, eu nunca via nenhum. Suponho que ele achava que dormir comigo era pagamento suficiente, por isso, não é provável que eu me esqueça desse filho da mãe, compreende? Especialmente depois do que lhe aconteceu.

– Isso significa que a senhora sabe para onde ele foi depois que saiu desta casa?

Ela hesitou um pouco, parecendo indecisa. Virou-se para olhar para fora da janela enquanto Daniel aguardava.

– As últimas notícias que tive dele – disse ela, depois de uma longa pausa –

foi que estava trabalhando para um agenciador de apostas em Melbourne, mas isso foi antes de...

– Antes de...? – perguntou Daniel.

Ela o olhou novamente com ironia.

– Não – disse ela –, é melhor você mesmo descobrir. Não quero ser eu a lhe dizer. Se quer o meu conselho, pegue o primeiro navio de

volta para a Inglaterra e não se incomode com Melbourne.

– Mas a senhora talvez seja a única pessoa que possa me ajudar...

– Fui enganada pelo seu pai uma vez, por isso não vou ficar à espera de ser intrujada pelo filho, pode ter certeza. Acompanhe-o à porta, Kevin.

Daniel sentiu-se desalentado. Agradeceu à mulher e partiu sem mais uma palavra. De novo na rua, pegou o ônibus para Sydney e foi a pé o resto do caminho até a pensão. Passou a noite se sentindo só e com saudades de Jackie, se perguntando por que motivo seu pai se comportara tão mal quando veio para Sydney, e se deveria seguir o conselho da... tia Sylvia.

Na manhã seguinte, Daniel deixou a Sra. Snell e seu sorriso largo, mas não antes de ela lhe apresentar uma conta elevada. Pagou sem protestar e dirigiu-se à estação ferroviária.

Quando o trem de Sydney entrou na Estação de Spencer Street, em Melbourne, nessa noite, a primeira coisa que fez foi verificar a lista telefônica, procurando algum Trentham, mas não havia nenhum. A seguir, telefonou a todos os agenciadores de apostas registrados na cidade, mas só quando falou com o nono é que Daniel encontrou alguém para quem o nome significava qualquer coisa.

– Parece familiar – disse uma voz no outro extremo da linha. — Mais não me lembre por quê. Tente Brad Morris; ele tomava conta desse escritório mais ou menos nessa época, por isso pode ser que ele o possa ajudar. O nome dele está na lista.

Daniel procurou o número. Quando passaram a chamada ao Sr. Morris a sua conversa com o velho foi tão curta, que não foi necessária uma segunda ficha.

– O nome “Guy Trentham” lhe diz alguma coisa? – perguntou outra vez.

– O inglês?

– Sim – disse Daniel, sentindo o pulso acelerar.

– Que falava com um sotaque fino e dizia a todo mundo que era major?

– É possível.

– Então tente a cadeia, porque foi onde ele acabou. Daniel teria perguntado por que, mas o telefone já havia sido desligado.

Ainda tremia da cabeça aos pés quando arrastou a mala para fora da estação e se alojou no Railway Hotel, no outro lado da rua. Mais uma vez, deitou-se numa cama de solteiro, num pequeno quarto escuro, tentando decidir se devia prosseguir com as investigações ou, simplesmente, evitar a verdade e fazer o que Sylvia lhe havia aconselhado, tomar o primeiro navio de regresso a Inglaterra.

Adormeceu no fim da tarde, mas acordou de novo no meio da noite descobrindo que ainda estava vestido. Quando o sol da manhã penetrou no quarto, ele se havia decidido. Não queria saber, não precisava saber e regressaria imediatamente à Inglaterra.

Mas, primeiro, resolveu tomar banho e mudar de roupa e, quando acabou, já tinha mudado de ideia.

Daniel desceu uma hora depois e perguntou ao recepcionista onde ficava o quartel da polícia. O homem atrás do balcão indicou-lhe o fim da rua, na direção de Bourke Street.

– O quarto era tão ruim assim? – perguntou

Daniel deu uma gargalhada falsa. Caminhou, devagar e muito apreensivo, na direção que lhe fora indicada. Levou apenas alguns minutos para chegar a Bourke Street, mas deu várias voltas no

quarteirão antes de, finalmente, subir os degraus de pedra do quartel e entrar no prédio.

O jovem sargento de serviço não manifestou qualquer sinal de reconhecimento quando ouviu o nome "Trentham" e simplesmente perguntou quem queria saber.

– Um familiar, da Inglaterra – respondeu Daniel.

O Sargento deixou-o ao balcão e foi até o outro extremo da sala falar com um oficial sentado a uma secretária, que folheava fotografias. O oficial interrompeu o que estava fazendo e ouviu atentamente, depois pareceu perguntar algo ao sargento. Em resposta, o sargento voltou-se e apontou Daniel.

Bastardo, pensou Daniel. Você é um bastardozinho. Um momento depois, o sargento voltou ao balcão.

– O processo de Trentham está encerrado – disse ele. – Quaisquer outras informações terão de ser solicitadas ao Departamento Penitenciário.

Daniel quase perdeu a fala, mas conseguiu dizer:

– Onde e isso?

– Sétimo andar – disse ele, apontando para cima.

Quando saiu do elevador no sétimo andar, Daniel viu-se diante de um cartaz maior do que o tamanho natural, mostrando um homem de rosto simpático com o nome de Hector Watts, inspetor-geral das prisões.

Daniel dirigiu-se ao balcão de informações e perguntou se podia falar com o Sr. Watts.

– Tem entrevista marcada?

– Não – disse Daniel.

– Então, duvido...

– Importa-se de explicar ao Sr. Inspetor-Geral que eu vim da Inglaterra para falar com ele?

Daniel esperou apenas alguns momentos até ser levado ao oitavo andar. O

sorriso simpático que aparecia na fotografia era-lhe agora dirigido na realidade, mesmo que as rugas do rosto fossem um pouco mais vincadas. Daniel calculou que Hector Watts devia estar próximo dos 60 anos e, embora com algum peso a mais, ainda tinha o aspecto de quem sabia se cuidar.

– De que parte da Inglaterra veio? – perguntou Watts.

– Cambridge – disse-lhe Daniel. – Sou professor de matemática na universidade.

– Eu sou de Glasgow – disse Watts. – O que não constituirá surpresa, com o meu nome e sotaque. Por favor, sente-se e diga-me em que lhe posso ser útil.

– Estou tentando obter informações sobre um homem chamado Guy Trentham, e o Departamento da Polícia encaminhou-me ao senhor.

– Ah, sim, lembro-me do nome. Mas por que motivo me lembro? – O

escocês levantou-se da secretaria e dirigiu-se a uma fila de arquivos que forrava a parede atrás dele. Abriu um marcado “STV” e retirou uma pasta contendo um processo.

– Trentham – repetiu ele, folheando os papéis dentro da pasta, antes de retirar duas folhas. Voltou para a secretária e, tendo colocado as folhas à sua frente, começou a ler. Depois de conhecer

os pormenores, levantou –os olhos e examinou Daniel com mais cuidado.

– Há quanto tempo está aqui, rapaz?

– Cheguei a Sydney há menos de uma semana – disse Daniel, intrigado com a pergunta.

– E nunca esteve em Melbourne antes?

– Não, nunca.

– Então qual é o motivo da sua investigação?

– Eu quero descobrir tudo o que puder sobre o capitão Guy Trentham.

– Por quê? – perguntou o inspetor-geral. – É jornalista?

– Não – disse Daniel. – Sou professor, mas...

– Então deve ter uma razão muito boa para vir de tão longe.

– Curiosidade, suponho – disse Daniel. – Compreenda, embora nunca o tivesse conhecido, Guy Trentham era meu pai.

O chefe do serviço penitenciário olhou os nomes mencionados na folha de papel como familiares: mulher, Arma Helen (falecida), uma filha, Margareth Ethel. Não havia qualquer referência a um filho. Voltou a olhar Daniel e, após ter refletido durante alguns minutos, chegou a uma decisão

– Lamento dizer-lhe, Sr. Trentham. que o seu pai morreu na prisão.

Daniel ficou espantado e começou a tremer.

Watts observou--o c acrescentou:

– Lamento ter que lhe dar uma notícia tão triste, especialmente quando veio de tão longe.

– Qual foi a causa da morte? – murmurou Daniel.

O inspetor-geral virou a folha, verificou a última linha da folha de acusação e leu novamente a palavra “Enforcado”. Voltou a olhar Daniel. CO

– Ataque do coração – disse ele,

CAPÍTULO 31

Daniel tomou o trem de regresso a Sydney, mas não dormiu. A única coisa que queria era ir para o mais longe possível de Melbourne. A cada quilómetro que passava, descontraía-se um pouco mais e, algum tempo depois, até foi capaz de comer meio sanduíche no vagão-restaurante. Quando o trem chegou à

estação da maior cidade da Austrália, ele saltou, enfiou a mala num táxi e foi direto ao porto. Reservou lugar no primeiro navio com destino à costa oeste da América.

O pequeno navio de carga, com licença para transportar apenas quatro passageiros, partiu à meia-noite para São Francisco, e Daniel não foi autorizado a entrar a bordo antes de entregar ao comandante o dinheiro da passagem, ficando apenas com o suficiente para voltar à Inglaterra – desde que não se perdesse no caminho.

Durante aquela sacudida, oscilante e interminável travessia de regresso à América, passou a maior parte do tempo deitado no seu beliche, o que lhe deu tempo suficiente para pensar no que fazer com a informação que agora possuía.

Também tentou compreender a ansiedade que a mãe devia ter sentido ao longo dos anos, e como o padrasto era uma ótima

peessoa. Como detestava a palavra “padrasto”! Ele nunca pensaria em Charlie como tal. Se lhe tivessem contado desde o início, ele teria certamente utilizado o seu talento para ajudar, em vez de desperdiçar tanta energia para descobrir a verdade. Mas agora tinha ainda mais penosamente a consciência de que eles não podiam saber o que ele descobrira, uma vez que provavelmente sabia mais do que eles.

Daniel duvidava de que a mãe soubesse que Trentham morrera na cadeia, deixando uma série de credores descontentes ao longo de Victoria e New South Wales. Certamente não havia qualquer indicação disso na campa, em Ashurst.

Quando estava no convés observando o pequeno navio oscilar ao longo da rota escolhida sob a Golden Gate e para dentro da baía, Daniel sentiu um plano tomar forma.

Depois de ter passado a imigração, pegou um ônibus para o centro de São Francisco e alojou-se no hotel em que tinha ficado antes de partir para a Austrália. O porteiro mostrou os dois postais que faltavam e Daniel deu-lhe a prometida nota de dez dólares. Escreveu algo diferente neles e postou-os antes de embarcar no Super Chief.

Com cada hora e cada dia de solidão, as suas ideias continuaram a desenvolver-se, embora ainda o preocupasse imaginar quanta informação a mãe deveria ter que ele não ousava perguntar. Mas agora ele tinha, pelo menos, a certeza de que seu pai era Guy Trentham e que havia saído da Índia ou da Inglaterra em ignomínia. A temível Sra. Trentham devia ser, portanto, a sua avó, que, por qualquer razão desconhecida, culpava Charlie pelo que acontecera ao filho.

Ao chegar a Nova Iorque, Daniel ficou exasperado ao descobrir que o Queen Mary havia partido para a Inglaterra no dia anterior. Transferiu o seu bilhete para o Queen Elizabeth, ficando apenas com alguns dólares em dinheiro.

Seu último gesto em solo americano foi enviar um telegrama à mãe com a hora prevista de chegada a Southampton.

Daniel começou a descontrair-se pela primeira vez quando deixou de ver Estátua da Liberdade da popa do navio. A Sra. Trentham, porém, permaneceu constantemente nos seus pensamentos durante os cinco dias de viagem. Ele não conseguia pensar nela como sua avó e, quando chegou a hora de desembarcar em Southampton, sentiu que precisava que a mãe lhe respondesse a mais algumas perguntas, antes de estar pronto para levar a cabo o seu plano.

Ao descer a prancha de desembarque e de novo em solo inglês, reparou que as folhas verdes das árvores se haviam tomado douradas na sua ausência.

Tencionava resolver o problema da Sra. Trentham antes de elas caírem.

A mãe estava à sua espera. Daniel nunca ficara tão feliz de a ver e deu-lhe um abraço tão caloroso, que ela não conseguiu disfarçar a sua surpresa.

Na viagem de regresso a Londres, ele soube que a sua outra avó havia morrido enquanto estivera na America e, embora a mãe tivesse recebido vários postais, não conseguira recordar os nomes dos professores que ele dissera que ia visitar, por isso não pudera lhe comunicar. No entanto, tinha gostado de receber tantos postais.

– Desconfio de que ainda há mais a caminho – disse Daniel, sentindo, pela primeira vez, uma sensação de culpa.

– Você tem tempo para passar uns dias conosco antes de voltar para Cambridge? –

– Tenho. Vim um pouco mais cedo do que pensava, por isso vão ter de me aturar durante umas semanas.

– Oh, seu pai vai ficar contente.

Daniel se perguntou quanto tempo seria preciso para que ele ouvisse alguém dizer “o seu pai” sem que uma visão de Guy Trentham se formasse na sua mente.

– A que decisão chegaram sobre o dinheiro para o novo prédio?

– Decidimos lançar uma subscrição pública de ações – disse a mãe.

– No fim, foi um caso de simples aritmética. O arquiteto terminou o esboço do plano e, claro, seu pai quer o melhor de tudo, por isso receio que o custo final seja provavelmente perto de meio milhão de libras.

– Ainda vão poder ficar com cinquenta e um por cento na nova empresa?

– Exatamente e, mesmo assim, com base nesses números, vai ser apertado.

Podemos até acabar por ter de pôr o carrinho do avô no prego.

– E os apartamentos... algumas notícias deles? – Daniel olhava o vidro do carro para ver a reação da mãe refletida nele. Ela pareceu hesitar por um momento.

– Os donos estão cumprindo as ordens da Câmara e já começaram a demolir o que resta deles.

– Isso significa que papai vai ter a autorização para o projeto?

– Espero que sim, mas parece que é possível que leve mais tempo do que pensamos a princípio, uma vez que um residente local, um Sr. Simpson, em nome da Associação “Salvemos as Pequenas Lojas”, entregou à Câmara uma objeção ao nosso plano. Por isso, por favor

não faça perguntas sobre isso a seu pai. A mera referência aos apartamentos o deixa à beira da apoplexia.

– E suponho que é a Sra. Trentham quem está por trás desse Sr. Simpson?

– era tudo o que Daniel queria dizer, mas perguntou apenas:

– E como está Daphne?

– Ainda tentando que Clarissa case com o homem certo e que Clarence ingresse no regimento certo.

– Nada menos do que um duque real para uma e um posto nos Scout Guards para o outro, suponho.

– Mais ou menos isso – concordou a mãe. – Ela também espera que Clarissa tenha logo uma menina, que se casará com o futuro Príncipe de Gales.

– Mas a princesa Isabel acabou de anunciar o seu noivado.

– Eu sei, mas todos sabemos como Daphne gosta de fazer planos com grande antecedência.

Daniel cumpriu o desejo da mãe e não fez qualquer referência aos apartamentos quando, nessa noite ao jantar, conversou com Charlie sobre o lançamento de subscrições públicas de ações da empresa. Também reparou que um quadro intitulado Maçãs e Peras de um artista chamado Courbet, tinha substituído o Van Gogh que estivera pendurado no vestíbulo. Mais uma coisa que não comentou.

Daniel passou o dia seguinte na Câmara Municipal, no Departamento de Planejamento da Câmara de Londres (Informações). Embora um funcionário lhe tivesse fornecido todos os papéis relevantes, ele foi rápido em informar, para frustração de Daniel, que não podia retirar do edifício nenhum documento original.

Por conseguinte, ele passou a manhã estudando exaustivamente os papéis, fazendo notas textuais das cláusulas relevantes e, depois, memorizando-as, para que não fosse necessário levar qualquer coisa escrita. A última coisa que ele queria era que os pais encontrassem, por acaso, quaisquer notas que ele tomasse. Às cinco horas, quando a porta foi fechada atrás dele, Daniel sentiu-se confiante de que conseguiria lembrar todos os pormenores importantes.

Saiu da Câmara Municipal, sentou-se numa balaustrada baixa junto do Tamisa e repetiu os fatos relevantes.

A empresa Trumper, tinha ele descoberto, solicitara autorização para construir lojas que compreenderiam todo o quarteirão conhecido como Chelsea Terrace. Seriam duas torres de doze andares de altura. Cada torre teria oito mil metros quadrados. Além disso, haveria mais cinco andares de escritórios e corredores, que constituiriam uma ponte entre as duas torres e ligariam as duas estruturas. A Câmara de Londres havia concedido autorização para todo o projeto. No entanto, um Sr. Martin Simpson, da Associação "Salvemos as Pequenas Lojas", havia entregue uma reclamação contra os cinco andares que uniriam as duas principais estruturas sobre um terreno vazio no centro do Terrace. Não foi preciso—formular muitas hipóteses para concluir quem estava assegurando que o Sr. Simpson estivesse recebendo o necessário apoio financeiro.

Ao mesmo tempo, tinha sido concedida à própria Sra. Trentham autorização para construir um bloco de apartamentos a serem utilizados especificamente como alojamento de renda baixa. Daniel memorizou o pedido de autorização de urbanização pormenorizado, o qual havia mostrado que os apartamentos seriam construídos em concreto aparente, com o mínimo de comodidades externas ou internas— a expressão "construído no tapa" veio-lhe de imediato à mente. Não foi difícil a Daniel chegar à conclusão de que o objetivo da Sra. Trentham era construir o edifício mais feio que a Câmara lhe permitisse, exatamente no meio do palácio que Charlie se propunha erigir.

Daniel baixou os olhos para comparar a sua memória com as notas. Não se esquecera de nada, por isso rasgou a folha em pequenos pedaços e jogou-os no caixote de lixo na esquina da ponte de Westminster; depois, regressou a Little Boltons.

O passo seguinte de Daniel foi telefonar a David Oldcrest, o assistente de Direito, em Trinity, que se especializara em urbanização. Seu colega passou mais de uma hora explicando a Daniel que, com os pedidos e reclamações que podiam ir até a Câmara dos Lordes, a autorização para construir um prédio como as Torres Trumper podia levar anos para ser concedida. Quando a decisão acabasse por ser tomada, o Dr. Oldcrest era da opinião de que os únicos a ganhar dinheiro seriam os advogados.

Daniel agradeceu ao amigo e, tendo considerado o problema que agora se lhe colocava, chegou à conclusão de que o êxito ou fracasso das ambições de Charlie estavam inteiramente nas mãos da Sra. Trentham. A não ser que...

Durante as semanas seguintes, passou bastante tempo numa cabina telefônica na esquina de Chester Square, sem fazer uma única chamada.

Durante o resto desses dias, seguiu pela cidade uma senhora impecavelmente vestida, obviamente autoconfiante e de porte altivo, procurando não ser visto, mas tentando frequentemente ver como ela era, como se comportava e em que gênero de mundo transitava.

Descobriu rapidamente que apenas três coisas pareciam ser sacrossantas para a moradora do nº 19, de Chester Square. Em primeiro lugar, havia as reuniões com os seus advogados em Lincoln's Inn Fields – que pareciam acontecer de dois em dois ou de três em três dias, embora não regularmente.

Em segundo lugar, vinham os jogos de bridge, que eram sempre às duas da tarde, três vezes por semana: às segundas-feiras, em Cadogan Place, nº 9, às quartas-feiras, na Sloane Avenue, nº 117, e

às sextas-feiras, na sua própria casa, em Chester Square. O mesmo grupo de mulheres idosas parecia ir as três casais.

Em terceiro lugar, onde se sentava no canto mais escuro do salão de chá e conversava com um homem que parecia a Daniel um companheiro muito pouco apropriado para a filha de Sir Raymond Hardcastle. Certamente ela não o tratava como amigo, nem mesmo sócio, e Daniel foi incapaz de descobrir o que eles poderiam ter em comum.

Após outra semana, ele decidiu que o seu plano só poderia ser posto em prática na última sexta-feira antes de seu regresso a Cambridge. Assim, passou a manhã num alfaiate que se especializava em fardas do Exército. A tarde, escreveu um discurso que ensaiou à noite. Fez, depois, várias chamadas telefônicas, incluindo uma para a Spinks, os especialistas em medalhas, que se mostraram confiantes de que lhe poderiam satisfazer a encomenda a tempo. Nas últimas duas manhãs – mas apenas depois de se certificar de que os pais tinham saído de casa – ele fez um ensaio geral na privacidade do seu quarto.

Daniel precisava ter a certeza de que a Sra. Trentham não só seria pega de surpresa, como também ficaria perturbada durante, pelo menos, os vinte minutos de que ele necessitava para completar o plano.

Naquela sexta-feira, depois do café da manhã, Daniel confirmou que os pais só deveriam voltar a casa depois das seis da tarde. Concordou em que jantassem todos juntos, uma vez que ele regressaria a Cambridge no dia seguinte. Esperou pacientemente que o pai partisse para Chelsea Terrace, mas depois ainda esperou outra meia hora antes de ele próprio sair, porque a mãe teve de atender uma chamada telefônica quando ia saindo. Daniel deixou a porta do quarto aberta e andou de um lado para outro em círculos intermináveis.

Finalmente, a conversa da mãe chegou ao fim, e ela partiu para o trabalho.

Vinte minutos depois, Daniel saiu de casa com uma pequena mala contendo o uniforme que havia comprado no John e Pegg no dia anterior. Por precaução, andou três quarteirões na direção errada antes de fazer sinal a um táxi.

Ao chegar ao museu dos Royal Fusiliers, Daniel passou alguns minutos estudando a fotografia do pai pendurada na parede. O cabelo era mais ondulado do que o seu e, na fotografia em sépia, parecia ser um pouco mais claro.

Receou, subitamente, não se lembrar dos pormenores exatos. Daniel esperou até o conservador virar de costas e, depois, apesar de se sentir um pouco culpado, tirou a pequena fotografia e colocou-a dentro da mala.

Pegou outro táxi para ir a um barbeiro em Kensington, que ficou encantado por pintar o cabelo do cavalheiro, alterar o risco e acrescentar mesmo algumas ondas, criando, tanto quanto possível, uma duplicata da fotografia em sépia a partir da qual lhe foi pedido que trabalhasse. De poucos em poucos minutos, Daniel verificava ao espelho o processo de alteração e, quando achou que o efeito era o mais próximo que seria possível atingir, pagou a conta e saiu.

Deu instruções ao táxi seguinte para o levar a Spinks, os especialistas em medalhas na King Street, St. James. Quando chegou, comprou e pagou em dinheiro as quatro fitas que havia encomendado por telefone. Para seu alívio, o jovem empregado não perguntou se ele tinha o direito de usá-las. Outro táxi levou-o de St. James ao Dorchester Hotel. Pediu um quarto simples e disse à recepcionista que tencionava sair do hotel nessa mesma tarde, às seis horas. Ela lhe entregou uma chave marcada 309. Daniel recusou delicadamente a oferta do porteiro para lhe levar a mala e limitou-se a perguntar onde era o elevador.

Uma vez na segurança do quarto, fechou a porta à chave e colocou o conteúdo da mala cuidadosamente em cima da cama. Assim que acabou de trocar seu terno pelo uniforme, colocou a fileira de fitas por cima do bolso superior esquerdo, exatamente como estavam na fotografia e, finalmente, verificou o efeito ao espelho comprido pregado na porta do banheiro. Ele era exatamente um capitão dos Royal Fusiliers da Primeira Guerra Mundial, e a fita roxa e prateada da CM e as três medalhas de campanha somente davam o toque final.

Depois de ter comparado todos os pormenores com a fotografia roubada, Daniel começou, pela primeira vez, a sentir-se inseguro. Mas se ele não fizesse isso... Sentou-se aos pés da cama, olhando constantemente para o relógio. Uma hora depois, levantou-se, respirou fundo, vestiu a capa – praticamente a única peça de vestuário que tinha o direito de usar –, fechou a porta e saiu para o vestíbulo. Depois de atravessar as portas do hotel, fez sinal a outro táxi que o levou a Chester Square. Pagou ao motorista e olhou para o relógio. Três e quarenta e sete. Calculou que ainda tinha, pelo menos, mais vinte minutos até a partida de bridge acabar.

Da sua, agora familiar, cabina telefônica da esquina da praça, Daniel viu as senhoras começarem a sair do n° 19. Quanto contou onze, sentiu-se confiante de que a Sra. Trentham devia, excetuando os criados, estar sozinha; ele já sabia, pela agenda parlamentar que vinha no Daily Telegraph dessa manhã, que o marido da Sra. Trentham não deveria chegar a Chester Square antes das seis da tarde. Esperou mais cinco minutos antes de sair da cabina telefônica e atravessou rapidamente a rua. Sabia que, se hesitasse um momento que fosse, certamente perderia a coragem. Bateu com firmeza na aldrava e esperou o que lhe pareceram ser horas, até que o mordomo, finalmente, abriu a porta.

– Por favor?

– Boa-tarde, Gibson. Tenho uma reunião com a Sra. Trentham :as quatro e quinze.

– Sim, com certeza – disse Gibson. Como Daniel calculara, o mordomo acreditaria que alguém que sabia o seu nome devia ter, de fato, uma reunião marcada. – Por aqui, por favor – disse ele, antes de pegar a capa de Daniel Quando chegaram à porta da sala. Gibson perguntou: – Quem devo anunciar?

– O capitão Daniel Trentham.

O mordomo pareceu momentaneamente surpreso, mas abriu a porta da sala e anunciou:

– O capitão Daniel Trentham, minha senhora.

A Sra. Trentham estava de pé junto da janela quando Daniel entrou sala.

Voltou-se, olhou o jovem, deu uns passos à frente, hesitou e depois caiu pesadamente no sofá. –

– Pelo amor de Deus não desmaie — foi a primeira reação de Daniel, no meio do carpete em frente da avó.

– Quem é você? – murmurou ela, por fim.

– Não vamos brincar, vovó. A senhora sabe muito bem quem eu sou –

disse Daniel, esperando que a sua voz soasse confiante.

– Ela o mandou aqui, não mandou?

– Se se refere à minha mãe, não, não mandou. De fato, ela nem sequer sabe que eu vim.

A boca da Sra. Trentham abriu-se para protestar, mas não falou. Daniel mudou o peso de um pé para o outro, durante o que lhe pareceu ser um silêncio insuportavelmente longo. Seus olhos começaram a focar uma CM que estava em cima da lareira.

– Então, o que você quer? – perguntou ela.

– Vim fazer um acordo, vovó.

– O que quer dizer com acordo? Você não está em posição de fazer acordos.

– Oh, eu creio que estou, vovó. Saiba que eu acabei de voltar de uma viagem à Austrália. – Fez uma pausa. – Que acabou por ser muito reveladora.

A Sra. Trentham pestanejou, mas os seus olhos não o deixaram durante um único momento.

– E é difícil repetir o que soube sobre o meu pai enquanto estive lá. Não entrarei em pormenores, porque desconfio de que a senhora sabe tanto quanto eu.

Os olhos dela permaneceram fixos nele, e ela começou lentamente a mostrar sinais de se recompor.

– A não ser, claro, que queira saber onde eles haviam planejado enterrar o meu pai, porque certamente não era no terreno da família, na igreja paroquial de Ashurst.

– O que você quer? – repetiu ela.

– Como já disse, vovó, vim fazer um acordo.

– Estou ouvindo.

– Quero que abandone os seus planos para construir aqueles horríveis apartamentos em Chelsea e, ao mesmo tempo, que retire

quaisquer objeções que tenha contra a autorização de urbanização pedida pela empresa Trumper.

– Nunca!

– Então, receio que tenha chegado o momento de o mundo ser informado da verdadeira razão de sua vendetta contra a minha mãe.

– Mas isso iria prejudicar tanto a sua mãe como a mim.

– Oh, eu acho que não, vovó – disse Daniel. – Especialmente, quando a imprensa descobrir que o seu filho renunciou à carreira militar com referências pouco abonatórias e, mais tarde, morreu em Melbourne em circunstâncias ainda menos auspiciosas, apesar de ter sido finalmente enterrado numa pequena aldeia em Berkshire, depois de a senhora ter trazido o corpo, dizendo aos seus amigos que ele havia sido um próspero corretor de gado e que tinha morrido tragicamente de tuberculose.

– Mas isso é chantagem.

– Oh, não, vovó, apenas um filho perturbado, procurando desesperadamente saber o que havia acontecido ao pai desaparecido, e chocado ao descobrir a verdade atrás do segredo da família Trentham. Eu acho que a imprensa descreveria o incidente simplesmente como uma “luta interna”. Uma coisa é certa, minha mãe sairia bem, embora eu não tenha a certeza de quantas pessoas ainda quereriam jogar bridge com a senhora, quando soubessem todos os detalhes.

A Sra. Trentham pôs-se rapidamente de pé, fechou os punhos e avançou para ele, ameaçadora. Daniel manteve-se firme.

– Nada de histeria, vovó. Não se esqueça de que eu sei tudo sobre a senhora. – Ele teve penosamente consciência de que, de fato, sabia muito pouco.

A Sra. Trentham parou e chegou mesmo a dar um passo atrás.

– E se eu concordar com as suas exigências?

– Eu saio desta sala e nunca mais ouvirá falar de mim enquanto for viva.

Dou-lhe a minha palavra.

Ela deu um longo suspiro, mas levou algum tempo para responder.

– Você ganhou – disse ela, soando extraordinariamente composta – Mas, para aceitar as suas exigências, tenho uma condição.

Daniel ficou surpreso. Não tinha contado com condições da parte dela.

– O que é? – perguntou ele, desconfiado.

Escutou cuidadosamente o pedido dela e, embora intrigado, não viu motivo para alarme.

– Aceito as suas condições – disse ele, finalmente.

– Por escrito – disse ela em voz baixa. – E agora.

– Então, também quero o nosso pequeno acordo por escrito – disse Daniel, tentando marcar um ponto também.

– De acordo.

A Sra. Trentham dirigiu-se, trêmula, à escrivaninha. Sentou-se, abriu a gaveta do meio e tirou duas folhas timbradas de roxo.

Lentamente, escreveu dois acordos separados antes de os entregar a Daniel para ele os examinar. Ele leu lentamente. Ela mencionara todos os pontos que ele exigira e não tinha omitido nada, incluindo a longa cláusula em que ela própria tanto insistira.

Daniel acenou a cabeça em sinal de concordância e devolveu-lhe as duas folhas de papel.

Ela assinou os dois exemplares, depois deu a caneta a Daniel. Ele, por sua vez, acrescentou a sua assinatura sob a dela em ambas as folhas. Ela devolveu um dos acordos a Daniel antes de puxar o cordão da campainha junto da lareira.

O mordomo reapareceu um momento mais tarde.

– Gibson, precisamos que você testemunhe as nossas assinaturas nesses dois documentos. Assim que o fizer, o cavalheiro irá embora – disse ela. O

mordomo assinou ambas as folhas sem qualquer pergunta ou comentário.

Alguns minutos depois, Daniel encontrou-se na rua com a desagradável sensação de que nem tudo havia corrido como ele antecipara. Uma vez sentado no táxi, no caminho de regresso ao Dorchester Hotel, voltou a ler a folha de papel que ambos tinham assinado. Ele não podia ter pedido mais, mas continuava intrigado com a cláusula que a Sra. Trentham havia insistido em inserir, uma vez que não fazia qualquer sentido para ele. Afastou do pensamento qualquer inquietação.

Ao chegar ao Dorchester Hotel, na privacidade do quarto 309, despiu rapidamente o uniforme e voltou a vestir a roupa civil. Sentiu-se limpo, pela primeira vez nesse dia. Depois, colocou o uniforme e o boné na mala antes de descer à recepção, onde entregou a chave, pagou a conta e saiu do hotel.

Outro táxi levou-o de regresso a Kensigton, onde o barbeiro ficou decepcionado ao saber que o seu freguês queria que todos os vestígios de pintura fossem retirados, as ondas, esticadas, e o risco, colocado no lugar anterior.

A última parada de Daniel antes de regressar a casa foi numa obra deserta, em Pimlico. Ao lado de uma grande grua e quando teve certeza de que ninguém o veria, jogou o uniforme e o boné num monte de lixo e ateou fogo à fotografia.

Ficou ali, trêmulo, vendo o pai desaparecer numa chama roxa.

SRA.
TRENTHAN

1938 - 1948

CAPÍTULO 32

O meu objetivo, ao convidá-la para vir a Yorkshire este fim de semana, foi informá-la exatamente do que tenho planejado para você no meu testamento.

Meu pai estava sentado à secretária, enquanto eu estava sentada numa cadeira de couro à sua frente, a cadeira onde a minha mãe se sentava sempre.

Ele me havia chamado Margaret Ethel, como ela, mas aí a semelhança acabava.

como ele constantemente me fazia lembrar. Observei-o enquanto empurrava o tabaco no cachimbo, perguntando-me o que iria ele dizer. Demorou algum tempo antes de olhar novamente para mim e anunciar.

– Tomei a decisão de deixar todos os meus bens para Daniel Trumper.

Fiquei tão espantada com essa revelação, que só vários segundos depois consegui pensar numa resposta apropriada.

– Mas, pai, agora que Guy morreu, certamente Nigel deve ser o herdeiro legítimo.

– Daniel teria sido o herdeiro legítimo se o seu filho tivesse agido corretamente. Guy deveria ter regressado da Índia e casado com a Srta. Salmon assim que soube que ela estava grávida do filho dele.

– Mas Trumper é o pai de Daniel – protestei. – De fato, ele sempre o admitiu. A certidão de nascimento...

– Ele nunca negou, isso é verdade. Mas não pense que sou tolo, Ethel. A certidão de nascimento apenas prova que, ao contrário do meu falecido neto, Charlie Trumper tem algum sentido de

responsabilidade. Em todo caso, para os que viram poucas dúvidas restam sobre a relação entre os dois homens.

Eu não tinha certeza de ter ouvido corretamente o meu pai.

– O senhor viu Daniel Trumper? `

– Vi, sim – respondeu ele secamente, pegando uma caixa de fósforos que estava em cima da secretária. – Fiz questão de ir a St. Paul em duas ocasiões diferentes. Uma, quando o rapaz tocava num concerto e eu pude sentar-me para observa-lo de perto durante mais de duas horas... na realidade, ele era bastante bom.

E, um ano mais tarde, no Dia do Fundador, quando recebeu o Prêmio Newton de Matemática, segui-o quando foi com os pais tomar chá no jardim do reitor da escola.

Por isso, posso garantir-lhe que ele não só se parece com Guy, como também herdou alguns dos gestos do seu falecido pai.

– Mas certamente Nigel merece ser tratado como seu igual? – protestei, dando voltas à cabeça para pensar numa resposta racional que fizesse meu pai reconsiderar a sua posição.

– Nigel não é seu igual, nem nunca será – respondeu o meu pai, riscando um fósforo antes de começar a interminável operação que precedia sempre a sua tentativa de acender um cachimbo. – Não nos enganemos, Ethel, Ambos sabemos a algum tempo que o rapaz não merece um lugar na administração da Hardcastle, quanto mais ser considerado meu sucessor.

Enquanto meu pai puxava energicamente o seu cachimbo, olhei, sem ver, para o quadro de dois cavalos num paddock, pendurado na parede atrás dele, e tentei ordenar os meus pensamentos.

– Certamente que não se esqueceu, minha querida, de que Nigel até fracassou em Sandhurst, o que me dizem ser difícil conseguir hoje

em dia.

Também fui recentemente informado de que ele só se mantém no seu atual emprego na Kitcat & Aitken porque você induziu o sócio principal a acreditar que eles virão um dia a administrar a carteira Hardcastle. – Ele pontuava cada afirmação com uma nuvem de fumaça do cachimbo. – E posso garantir que isso não irá acontecer.

Fui incapaz de olhar diretamente para ele. Em vez disso, meus olhos vaguearam do Stubbs na parede atrás da secretária, para as várias fileiras de livros que ele passara a vida colecionando: Dickens, todas as primeiras edições; Herm/James, um autor moderno que admirava, e inúmeros Blakes de todos os gêneros, desde preciosas cartas manuscritas a edições comemorativas. Depois, veio o segundo golpe.

– E não há um único membro da família que me possa facilmente substituir como presidente da firma – prosseguiu ele. – Cheguei relutantemente a conclusão de que, com a guerra parecendo cada vez mais provável, terei de reconsiderar o futuro da empresa Hardcastle. – O odor pungente do tabaco pairava no ar.

– Papai, o senhor nunca permitiria que a empresa fosse parar nas mãos de outras pessoas? – disse eu, incrédula. – o seu pai havia...

– O meu pai faria o que fosse melhor para todos e, sem dúvida, os familiares à espera da herança ocupariam um lugar muito baixo na sua lista de prioridades.

O cachimbo recusava-se a ficar aceso, por isso foi necessário utilizar outro fósforo.

Puxou mais algumas vezes antes de um olhar de satisfação lhe aparecer no rosto e começou a falar de novo. – Eu já estive nos conselhos de administração de Harrogate Haulage e do Yorkshire Bank durante vários anos e, mais recentemente, da John Brown Engineering, onde acho que encontrei o meu sucessor. O filho de Sir

John pode não ser um presidente de empresa inspirado, mas é uma pessoa capaz e, mais importante ainda, é um homem de Yorkshire.

Em todo caso, cheguei à conclusão de que uma fusão com aquela empresa será melhor para todos.

Eu não conseguia ainda olhar diretamente para o meu pai, tentando apreender tudo o que ele dizia.

– Fizem-me uma boa oferta pelas minhas ações – acrescentou –, que, há seu tempo, dará um bom rendimento para você e para Amy, o qual será mais do que suficiente para as suas necessidades quando eu morrer.

– Mas, pai, nós esperamos que viva ainda muitos anos.

– Não se incomode, Ethel, em lisonjear um velho que sabe que a morte não pode estar longe. Posso ser velho, mas ainda não estou senil.

– Isso significa que Nigel não vai receber nada? .

– Nigel receberão que eu considero correto e apropriado nas circunstâncias.

– Não tenho certeza de o compreender bem, pai.

– Então, eu explico. Deixei-lhe cinco mil libras que, depois da minha morte, ele poderá utilizar como desejar. – Fez uma pausa, como se estivesse pensando se deveria dar mais informações. – Pelo menos poupei-lhe um embaraço – disse por fim. – Embora, após a sua morte, Daniel Trumper herde toda a minha fortuna, ele só terá conhecimento da sua boa sorte aos trinta anos, quando você terá mais de setenta, e talvez lhe seja mais fácil aceitar a minha decisão.

“Mais doze anos”, pensei, enquanto uma lágrima me caído olho e começava a correr pelo rosto.

– Não se dê ao trabalho de chorar, Ethel, de ficar histérica ou mesmo de argumentar. – Expirou uma longa coluna de fumaça. – Já decidi e nada do que possa dizer ou fazer vai fazer-me mudar de ideia.

O cachimbo estava agora expelindo fumaça como um trem expresso. Tirei um lenço da mala, na esperança de que me desse mais um pouco de tempo para pensar.

– E se lhe passar pela cabeça tentar anular o testamento mais tarde, com base na minha incapacidade mental – levantei os olhos, estupefata –, do que você é muito capaz, o documento foi redigido pelo Sr. Baverstock e as testemunhas foram um juiz reformado, um ministro e, talvez mais importante, um especialista em doenças e distúrbios mentais de Sheffield.

Eu estava prestes a voltar a protestar quando houve uma pancada abafada na porta, e Amy entrou na sala.

– Peço desculpa por interrompê-lo, papai, mas quer que sirva o chá na sala, ou prefere toma-lo aqui?

Meu pai sorriu à filha mais velha.

– Na sala será ótimo, minha querida – disse ele, num tom muito mais meigo do que o que utilizava ao falar comigo. Levantou-se, vacilante, da secretária, esvaziou o cachimbo no cinzeiro mais próximo e, sem mais palavras, seguiu a minha irmã para fora do escritório.

Continuei pouco comunicativa durante o chá, tentando pensar nas implicações de tudo que meu pai acabara de me dizer. Amy, por outro lado, tagarelava alegremente sobre o efeito que a recente falta de chuva estava tendo nas petúnias do canteiro sob a janela do quarto de meu pai.

– Elas nunca apanham sol – disse ela em tom preocupado, enquanto o gato saltou para o sofá e se aninhou no seu colo. O velho casco de tartaruga, de cujo nome nunca me conseguia lembrar, irritava-me sempre, mas eu nunca dizia nada, porque sabia que Amy gostava da criatura, só gostando mais do meu pai.

Ela começou a fazer festa no animal sem, obviamente, fazer ideia da tensão causada pela conversa que tinha acabado de ocorrer no escritório.

Fui para a cama cedo e passei a noite acordada, tentando ver o que poderia fazer. Confesso que não esperara nada de substancial no testamento para Amy ou para mim, uma vez que éramos ambas mulheres com mais de sessenta anos e sem grande necessidade de mais rendimentos. No entanto, eu sempre supusera que herdaria a casa e a propriedade – enquanto a empresa seria deixada a Guy e, depois da sua morte, a Nigel.

De manhã, tinha chegado relutantemente à conclusão de que pouco podia fazer quanto à decisão de meu pai. Se o testamento tinha sido redigido pelo Dr.

Baverstock, o seu advogado e amigo de longa data, nem o próprio F.E.Smith seria capaz de lhe encontrar uma falha. Comecei a compreender que a minha única esperança de obter a herança legítima de Nigel era envolver o próprio Daniel Trumper.

Afinal de contas, meu pai não viveria para sempre.

Estávamos sentados sozinhos, quase sem ser vistos, no canto mais escuro da sala. Ele começou a estalar os nos dos dedos da mão direita, um a um.

– Onde está neste momento? – perguntei, olhando para o homem a quem pagara milhares de libras desde que nos tínhamos conhecido, quase vinte anos antes. Ele ainda aparecia para os nossos encontros semanais no St. Agnes.

Vestido com o que parecia ser o mesmo casaco de xadrez castanho e gravata amarela, embora parecesse ter comprado mais uma ou duas camisas ultimamente. Pousou o uísque, tirou um embrulho de papel pardo da cadeira e entregou-me.

– Quanto teve de pagar para restituírem?

– Cinquenta libras.

– Eu lhe disse que não oferecesse mais de vinte libras sem falar comigo primeiro.

– Eu sei, mas havia um negociante do West End bisbilhotando a loja na hora. Eu não podia arriscar, não acha?

Não acreditei por um só instante que tivesse custado cinquenta libras a Harris.

No entanto, vi que ele compreendia como o quadro era importante para os meus planos futuros.

– Quer que entregue o quadro à polícia? – perguntou ele. – Eu podia depois dar um toque, talvez...

– Certamente não disse eu sem hesitar. – A polícia é demasiado discreta nesses assuntos. Além disso, o que tenho em mente para o Sr. Trumper será muito mais humilhante do que uma entrevista particular na privacidade da Scotland Yard.

O Sr. Harris recostou-se na velha cadeira de couro e começou a estalar os nós dos dedos da mão esquerda.

– Que mais tem a relatar?

– Daniel Trumper entrou para o Trinity College. Mora no New Court, escadaria B, quarto nº 7.

– Isso estava no seu último relatório.

Paramos ambos de falar enquanto um hóspede idoso escolhia uma revista de uma mesa próxima.

– Além disso, ele começou a sair bastante com uma moça chamada Marjorie Carpenter. Ela é aluna do terceiro ano de Matemática do Girton College.

– Ah, sim? Bem, se começar a parecer sério, comunique-me imediatamente e abra um dossiê sobre ela. – Olhei em volta para me certificar de que ninguém podia escutar a nossa conversa. Os estalos recomeçaram, e eu me volvei novamente e encontrei Harris olhando fixamente para mim.

– Alguma coisa o preocupa? – perguntei, enchendo outra xícara de chá.

– Bem, para ser sincero, há, senhora Trentham. Acho que chegou a hora de lhe pedir outro pequeno aumento da minha tarifa horária. Afinal de contas, tenho de guardar tantos segredos – hesitou durante um momento –, segredos que poderiam...

– Poderiam o quê?

– Ser muito valiosos para outras partes igualmente interessadas.

– Está me ameaçando, senhor Harris?

– Claro que não, senhora Trentham, é só que...

– Vou dizer-lhe uma coisa, de uma vez por todas, senhor Harris. Se revelar a alguém o que se tem passado entre nós, não terá de se preocupar com a sua tarifa horária, mas sim com o tempo que passará na cadeia. Porque eu também tenho um dossiê sobre o senhor que, desconfio, alguns dos seus colegas anteriores estariam interessados em conhecer. Incluindo por no prego um quadro roubado e fazer desaparecer um sobretudo do exército, depois de um crime ter sido cometido. Faça-me compreender?

Harris não respondeu, limitou-se a estalar de novo os dedos, um a um.

Algumas semanas depois de a guerra ter sido declarada, soube que Daniel Trumper tinha evitado ser chamado. Constatou que estava agora atrás de uma secretária, em Bletchley Park, e era, portanto, pouco provável que viesse a sentir a ira do inimigo, a não ser que lhe caísse uma bomba em cima.

De fato, os alemães conseguiram lançar uma bomba, exatamente no meio dos meus apartamentos, destruindo-os completamente. A minha ira por esse desastre evaporou-se quando vi o caos que Chelsea Terrace ficara. Durante vários dias obtive grande satisfação sentando-me no outro lado da rua, para admirar o trabalho dos alemães.

Algumas semanas mais tarde, foi a vez do Mosqueteiro e da popa de frutas de Trumper sentirem a violência da Luftwaffe. O único resultado perceptível desse segundo bombardeamento foi o alistamento de Charlie Trumper nos Fusiliers na semana seguinte. No entanto, embora desejasse ver Charlie Trumper morto por uma bala perdida, eu ainda queria que ele permanecesse vivo; era uma execução mais pública que eu preparava para ele.

Não foi preciso que Harris me informasse sobre o novo cargo de Charlie Trumper no Ministério da Agricultura, porque isso era longamente relatado em todos os jornais. No entanto, não fiz qualquer tentativa de tirar partido de sua prolongada ausência, cada vez que pensei que havia pouco interesse em comprar mais prédios no Terrace enquanto estivéssemos em guerra e, em todo caso, os relatórios mensais de Harris revelavam que a empresa Trumper estava perdendo dinheiro regularmente.

Então, quando menos preparada eu estava, meu pai morreu de ataque de coração. Corri para Yorkshire para supervisionar os preparativos para o funeral.

Dois dias depois, acompanhei os que vieram ao funeral realizado na igreja paroquial de Wetherby. Como chefe da família, fui colocada no lado esquerdo do banco da frente, com Gerald e Nigel à minha direita. Veio muita gente a cerimônia, familiares, amigos e sócios de negócios, incluindo o solene Dr.

Baverstock, segurando sua inevitável pasta, de que, reparei, ele não se descuidava. Amy, sentada na fila imediatamente atrás de mim, ficou tão perturbada durante o discurso do arcediogo, que pensei que ela não conseguiria chegar ao fim do dia, se eu não estivesse ali para a confortar.

Depois de as visitas terem partido, decidi ficar em Yorkshire mais alguns dias, tendo Gerald e Nigel voltado para Londres. Amy passou a maior parte do tempo no quarto, o que me deu a oportunidade de dar uma vista d'olhos pela casa e verificar se havia alguma coisa de valor que pudesse ser salva, antes de regressara Ashurst.

Afinal de contas, os bens – quando o testamento fosse posto em prática –

acabariam, no pior dos casos, sendo divididos pelas duas.

Encontrei as joias de minha mãe, que, obviamente, não tinham sido mexidas desde a sua morte, e o Stubbs que ainda estava pendurado no escritório de meu pai.

Tirei as joias do quarto de meu pai e, quanto ao Stubbs, Amy concordou –

durante um jantar ligeiro no seu quarto – que, por enquanto, eu podia pendurar o quadro em Ashurst. A única outra coisa de valor, conclui, era a magnífica biblioteca do meu pai. No entanto, eu já tinha planos a longo prazo para ela, que não incluíam a venda de um único livro.

No primeiro dia do mês fui a Londres, ao escritório de Baverstock, Dickens e Cobb para ser informada do conteúdo do testamento de meu pai.

O Dr. Baverstock pareceu decepcionado por Amy não se sentir capaz de efetuar a viagem, mas aceitou o fato de a minha irmã não estar ainda suficientemente recuperada do choque da morte de meu pai, para se deslocar.

Vários outros familiares, a maior parte dos quais eu só via em batizados, casamentos e funerais, estavam sentados com ar esperançoso. Eu sabia exatamente o que eles podiam esperar.

O Dr. Baverstock levou mais de uma hora desempenhando o que me parecia uma tarefa bastante simples, embora, com toda a justiça, ele tenha conseguido, com bastante habilidade, não revelar o nome de Daniel Trumper quando chegou a hora de explicar o que eventualmente aconteceria aos bens. A minha mente começou a vaguear enquanto os familiares distantes eram informados das mil libras que iriam herdar e só voltei a escutar a voz monótona do Dr. Baverstock quando ele pronunciou o meu nome.

– “A Sra. Gerald Trentham e a Srta. Amy Hardcastle receberão ambas, enquanto forem vivas, os rendimentos provenientes do Fundo, em partes iguais.

– O advogado fez uma pausa para virar uma folha, antes de colocar as palmas das mãos sobre a secretária.”E, finalmente,deixo a casa, a propriedade em Yorksh e todo o seu conteúdo, juntamente com a quantia de vinte mil libras –

continuou ele – à minha filha mais velha Srta. Amy Hardcastle.

CAPÍTULO 33

– Bom-dia, senhor Sneddles.

O velho bibliófilo ficou tão surpreso por a senhora saber o seu nome que, durante um momento, ficou parado olhando-a.

Arrastou os pés até perto dela para a cumprimentar, fazendo-lhe uma profunda reverência. Ela era, afinal, a primeira cliente que ele via numa semana, isto é, sem contar o Dr. Halcombe, o diretor de escola aposentado que passava horas seguidas folheando, satisfeito, livros na loja mas que, de fato, não comprava um livro desde 1937.

– Bom-dia, minha senhora – disse ele, por sua vez. – Procura algum livro específico? – Olhou a senhora, que usava um vestido comprido de renda e tinha um chapéu grande, de abas largas, com um véu que tomava quase impossível ver-lhe o rosto.

– Não, senhor Sneddles – disse a Sra. Trentham. – Não vim comprar nenhum livro, mas sim procurar os seus serviços. – Ela olhou para o velho curvado, de luvas, camisas e sobretudo, que, ela calculou, não tirava porque já não tinha dinheiro para manter a loja aquecida. Embora as suas costas parecessem estar propriamente curvadas e a cabeça parecesse ser a de uma tartaruga, saindo do casco, pelo sobretudo, os olhos eram límpidos e a mente parecia perspicaz e viva.

– Os meus serviços, minha senhora? – repetiu o velho.

– Sim. Herdei uma grande biblioteca e preciso que seja catalogada e avaliada. O senhor me foi muito recomendado.

– E onde está essa biblioteca, se me permito perguntar?

– A alguns quilômetros de Harrogate. Verá que é uma coleção bastante extraordinária. O meu falecido pai, Sir Raymond Hardeastle... talvez tenha ouvido falar dele?... dedicou grande parte da sua vida a reuni-la.

– Harrogate? – disse Sneddles, como se fosse alguns quilômetros a leste de Bangcoq.

– Claro, eu pagarei todas as despesas, durante o tempo que o trabalho.

– Mas isso significaria fechar a loja – murmurou ele, como se estivesse falando consigo mesmo.

– Naturalmente que eu o compensarei também por qualquer perda de rendimento.

O Sr. Sneddles tirou um livro do balcão e examinou a lombada.

– Lamento que esteja fora de questão, minha senhora, absolutamente impossível, compreenda...

– Meu pai especializava-se em William Blake, sabe. Terá oportunidade de ver que ele conseguiu arranjar todas as primeiras edições, algumas ainda praticamente novas. Ele até conseguiu um manuscrito de...

Amy Hardcastle fora deitar antes de a irmã chegar a Yorkshire nessa noite.

– Ela se cansa tanto hoje em dia.– explicou a governanta. – A Sra.

Trentham não teve outra alternativa senão ingerir sozinha um jantar ligeiro, antes de se retirar para o seu antigo quarto, alguns minutos depois das dez.

Tanto quanto conseguia ver, nada havia mudado: a vista sobre os vales e Yorkshire, as nuvens escuras, até mesmo o quadro de York Minster pendurado acima de sua cama de noqueira. Dormiu razoavelmente bem e desceu às oito horas da manhã seguinte. A cozinheira explicou que a Srta. Amy ainda não se levantara, por isso tomou o café da manhã sozinha.

Depois de todos os pratos terem sido retirados, a Srta. Trentham sentou-se na sala para ler o Yorkshire Post, enquanto esperava que

a irmã aparecesse.

Quando, uma hora mais tarde, o velho gato entrou na sala, a Sra. Trentham afastou o animal com um maldoso abanar do jornal dobrado. O relógio de parede no vestíbulo já batera onze horas quando Amy finalmente entrou na sala. Andou lentamente em direção à irmã, com a ajuda de uma bengala. –

– Desculpe, Ethel, por não ter estado aqui para recebê-la ontem à noite –

começou ela. – Receio que a minha artrite já esteja outra vez a fazendo das suas.

A Sra. Trentham não se incomodou em responder, mas observou a irmã coxear na sua direção, incapaz de acreditar como o seu estado se havia deteriorado em menos de três meses.

Embora Amy, no passado, tivesse um aspecto franzino, agora estava enfraquecido. E, se sempre falara em voz baixa, agora era quase inaudível. Se tinha sido um pouco pálida, agora estava cinzenta, e as rugas no seu rosto eram tão fundas que parecia mais velha que os seus 69 anos poderiam mostrar.

Amy sentou-se na cadeira ao lado da irmã e, durante alguns minutos, continuou a respirar profundamente, não deixando qualquer dúvida na sua visitante de que vir do quarto até a sala havia representado enorme esforço.

– E muito amável de sua parte deixar sua família para me visitar em Yorkshire – disse Amy, enquanto o gato pulara para o seu colo. – Confesso que, desde que o nosso querido pai morreu, não sei bem o que fazer.

– Isso é bastante compreensível, minha querida. – A Sra. Trentham esboçou um pequeno sorriso. – Mas achei que era meu dever... e

também um prazer, claro. Papai avisou-me de que isso poderia acontecer quando ele morresse.

Deu-me instruções específicas, sabe, sobre o que fazer nessa circunstância.

– Oh, é bom ouvir isso. – O rosto de Amy iluminou-se pela primeira vez.

– Por favor, diga-me o que papai pensava.

– Papai queria que você vendesse a casa o mais depressa possível e viesse morar comigo e Gerald, em Ashurst...

– Oh, eu nunca sonharia em ser um incômodo tão grande para você, Ethel.

– ... ou, então, poderia se mudar para um daqueles simpáticos hotéis na costa, destinados a casais aposentados e pessoas solteiras. Ele achava que.

assim, você poderia, pelo menos, ter novos amigos e, de fato, uma vida mais interessante. Naturalmente, eu preferia que viesse viver conosco, em Buckingham, mas com as bombas...

– Ele nunca me falou em vender a casa – murmurou Amy, com ansiedade.

– De fato, pediu-me muito...

– Eu sei, minha querida, mas ele compreendia bem como a sua morte faria você sofrer e pediu-me que lhe desse a notícia suavemente. Sem dúvida que se lembra da longa conversa que tivemos no seu escritório, na última vez que o vim visitar.

Amy acenou com a cabeça, concordando, mas o olhar de perplexidade permaneceu no seu rosto.

- Lembro-me de todas as suas palavras – prosseguiu a Sra. Trentham.
- Naturalmente, farei o possível para cumprir os seus desejos.
- Mas eu não sei como fazer, nem como começar.
- Não há necessidade de se preocupar, minha querida. – Fez uma festa no braço da irmã. – É exatamente por isso que eu estou aqui.
- Mas que irá acontecer aos criados e ao meu querido Garibaldi? – perguntou Amy, ansiosa, continuando a acariciar o gato. – O pai nunca me perdoaria se eu não tomasse conta deles direito.
- Concordo absolutamente – disse a Sra. Trentham. – No entanto, como sempre, ele pensou em tudo e me deu instruções explícitas quanto ao que fazer com todo o pessoal.
- Que atencioso da parte do querido papai. Mas não tenho bem certeza...

A Sra. Trentham precisou de mais dois dias de paciente encorajamento, antes de conseguir finalmente convencer a irmã de que os seus planos para o futuro teriam bons resultados e, mais importante, que era essa a vontade do...

querido papai.

A partir desse momento, Amy só descia à tarde para dar um pequeno passeio no jardim e, ocasionalmente, tratar das petúnias, Quando a Sra.

Trentham encontrava a irmã, pedia-lhe que não se esforçasse demasiado.

Três dias mais tarde, Amy deixou de dar o passeio da tarde.

Na manhã seguinte, a Sra. Trentham deu aviso prévio ao pessoal, com exceção da cozinheira, a quem disse que ficasse até Amy estar instalada. Nessa mesma tarde, ela procurou um agente local e pôs à venda a propriedade de trinta hectares.

Na quinta-feira seguinte, a Sra. Trentham marcou um encontro com o Sr.

Althwaite, advogado em Harrogate. Numa das raras visitas da irmã ao andar térreo, ela explicou a Amy que não tinha sido necessário incomodar o Dr.

Baverstock: ela tinha certeza de que quaisquer problemas que surgissem com a propriedade seriam resolvidos mais depressa por um homem da região.

Três semanas depois, a Sra. Trentham pôde levar a irmã e algumas de suas coisas para um pequeno hotel residencial com vista para a costa leste, alguns quilômetros a norte de Scarborough. Concordou com o proprietário que era uma pena que não fossem permitidos animais, mas tinha certeza de que a irmã compreenderia perfeitamente. As últimas instruções da Sra. Trentham foram que enviassem a conta mensal diretamente para Coutts Strand, onde seria imediatamente paga.

Antes de se despedir de Amy, a Sra. Trentham fez a irmã assinar três documentos.

– Para que você não tenha nada mais com que se preocupar, minha querida

– explicou a Sra. Trentham, em tom suave.

Amy assinou os três papéis colocados à sua frente, sem se preocupar em ler. A Sra. Trentham dobrou rapidamente os documentos preparados pelo advogado local e os colocou dentro da bolsa.

– Até breve – prometeu a Amy antes de a beijar na testa. Alguns minutos depois, iniciou a viagem de regresso a Ashurst.

A campainha retiniu no silêncio quando a Sr. Trentham entrou elegantemente nu loja. A princípio, não houve qualquer sinal de movimento até que, por fim, o Sr. Sneddles emergiu da pequena sala dos fundos, trazendo três livros debaixo do braço.

– Bom-dia, senhora Trentham – disse ele. – Foi muito amável de sua parte responder tão depressa ao meu bilhete. Lamento ter demorado tanto tempo, minha senhora, mas receio ter sido demasiado indulgente com o meu tempo, tão grande era o meu apreço por...

A Sra. Trentham acenou a mão, indicando que não estava aborrecida.

– E receio – continuou ele – que, apesar de contar com os serviços do Dr.

Halcombe como meu ajudante e também levando em consideração o tempo necessário para ir a Yorkshire e vir, ainda talvez precise de mais algumas semanas para catalogar e avaliar uma coleção tão boa... tendo em conta que seu pai levou uma vida inteira para formar a biblioteca.

– Não tem importância – assegurou-lhe a Sra. Trentham. – Compreenda, eu não tenho pressa, senhor Sneddles. Não se apresse, senhor Sneddles, quando terminar a tarefa, diga-me.

O antiquário sorriu, ao pensar que podia continuar a catalogar sem interrupção.

Acompanhou a Sra. Trentham até a frente da loja e abriu a porta para ela sair. Ninguém que os visse juntos acreditaria que tinham nascido no mesmo ano.

Ela olhou para Chelsea Terrace, de um lado ao outro, antes de deixar cair o véu sobre o rosto.

O Sr Sneddles fechou a porta, esfregou as luvas e depois arrastou os pés de volta a sala dos fundos, onde deixara o Dr. Haleombe.

– Ultimamente, ele ficava aborrecido quando um cliente entrava na loja.

Depois de trinta anos, não tenho qualquer intenção de mudar de corretor

– disse Gerald Trentham secamente, enchendo outra xícara de café.

– Mas não compreende, meu querido, como seria um empurrão para Nigel conseguir a sua conta para a firma?

– E que golpe seria para David Cartwright e Vickers da Costa perder um cliente que tem servido tão bem há mais de cem anos? Não, Ethel, é mais do que tempo de Nigel fazer o seu próprio trabalho sujo. Que diabo, já passou dos quarenta anos.

– Mais uma razão para você ajudar– sugeriu a mulher. pondo manteiga na segunda torrada.

– Não, Ethel, repito que não.

– Mas não vê que uma das tarefas de Nigel é trazer novos clientes para a firma? Isso é particularmente importante neste momento, porque tenho certeza que, agora que a guerra acabou, em breve irão convidá-lo a se tornar sócio.

O major Trentham não tentou disfarçar a incredulidade quanto a essa notícia.

– Nesse caso, ele devia fazer mais uso dos seus próprios contatos, de preferência os que fez na escola e em Sandhurst, para não falar

na City. Ele não pode ficar sempre à espera de se apoiar nos amigos do pai.

– Isso não é justo, Gerald. Se ele não pode confiar nos que são do seu sangue, por que motivo pode ele ter esperança de que alguém mais o possa ajudar?

– Ajudar? Isso resume tudo. – A voz de Gerald ia ficando mais alta a cada palavra. – Porque isso é exatamente o que tem feito desde que ele nasceu, e que é talvez a razão pela qual hoje não consegue fazer nada sozinho.

– Gerald – disse a Sra. Trentham, tirando um lenço da manga. – Eu nunca pensei...

– Em todo caso – respondeu o major, tentando restabelecer a calma –, a minha carteira não é assim tão impressionante. Como você e o Sr. Attlee bem sabem, todo o nosso capital está empregado na terra há muitas gerações.

– Não é a quantia que interessa – protestou a Sra. Trentham. – É o princípio.

– Nisso estou plenamente de acordo – disse Gerald, dobrando o guardanapo, levantando-se da mesa e saindo da sala, antes que a mulher pudesse dizer outra palavra.

A Sra. Trentham pegou o matutino do marido e percorreu com o dedo os nomes dos que tinham sido ordenados cavalheiros nos anos do rei. O seu dedo trêmulo parou na letra T.

Nas férias de verão, de acordo com Max Harris, Daniel Trumper havia embarcado no Queen Mary para a América. No entanto, o detetive não foi capaz de responder à pergunta seguinte da Sra. Trentham: “Por quê?” Tudo o que Harris sabia ao certo era que o colégio de Daniel contava com o jovem professor no início do ano letivo seguinte. –

Durante as semanas em que Daniel esteve ausente na América, a Sra.

Trentham passou muito tempo em reunião com os seus advogados, em Lincoln's Inn Fields, que preparavam um pedido de autorização de construção.

Ela já havia procurado três arquitetos, todos recém-formados. Dera-lhes instruções para que desenhassem o projeto de um bloco de apartamentos a ser construído em Chelsea. O vencedor, garantiu-lhes, ganharia uma comissão, e os outros dois receberiam cem libras de compensação. Concordaram os três com as condições.

Doze semanas mais tarde, apresentaram todos os seus projetos, mas apenas um deles tinha feito o que a Sra. Trentham esperava.

Na opinião do sócio mais antigo da firma de advogados, o projeto do mais jovem dos três, Justin Talbot, teria feito a central elétrica de Battersea parecer o Palácio de Versalhes. A Sra. Trentham não disse a seu advogado que sua escolha tinha sido influenciada pelo fato de o tio do arquiteto Talbot ser membro da Comissão de Urbanização da Câmara de Londres.

Mesmo o tio de Talbot socorrendo o sobrinho, a Sra. Trentham manteve-se despreocupada quanto ao fato de a maioria da comissão poder aprovar uma proposta tão afrontosa. Parecia um bunker que até Hitler provavelmente rejeitaria. No entanto, os advogados sugeriram que ela indicasse no pedido que o objetivo principal do novo prédio era oferecer alojamento de baixo custo no centro de Londres para ajudar estudantes e homens solteiros desempregados que precisavam urgentemente de moradia temporária. Em segundo lugar, o aluguel dos apartamentos seria investido num fundo de caridade para ajudar outras famílias com o mesmo problema. Em terceiro lugar, ela devia chamar a atenção da comissão para o grande esforço feito para dar a um jovem arquiteto recém-formado a primeira grande oportunidade.

A Sra. Trentham não soube se ficava encantada ou horrorizada quando a Câmara de Londres aprovou o projeto. Após demorada deliberação ao longo de várias semanas, eles insistiram apenas em algumas pequenas alterações no projeto original do jovem Talbot. Ela deu ao arquiteto instruções para limpar imediatamente o local bombardeado, para que a construção do prédio começasse sem demora.

O pedido de Sir Charles Trumper à Câmara de Londres para construir novos prédios em Chelsea Terrace teve publicidade nacional, a maior parte favorável. No entanto, a Sra. Trentham reparou que, em vários artigos sobre o novo edifício, havia referência a um certo Sr. Martin Simpson que era descrito como presidente da Associação "Salvem as Pequenas Lojas", um grupo que se opunha a concepção das lojas Trumper. O Sr. Simpson dizia que, a longo prazo, só prejudicaria o pequeno comerciante; sua subsistência estava, portanto, sendo posta em risco. Ele se queixava de que era ainda mais injusto o fato de nenhum dos comerciantes locais possuir meios para enfrentar um homem tão poderoso e rico, como Sir Charles Trumper.

– Oh, sim, têm – disse a Sra. Trentham ao desjejum nessa manhã.

– Têm o quê?

– Nada importante – assegurou ela ao marido, porém, mais tarde, nesse dia deu a Harris o apoio financeiro para permitir no Sr Simpson submeter uma contestação oficial ao plano Trumper. A Sra. Trentham também concordou em cobrir quaisquer custos em que o Sr. Simpson viesse a incorrer durante as suas diligências.

Ela começou a seguir os resultados dos esforços do Sr. Simpson diariamente, pela imprensa, dizendo mesmo a Harris que não se importaria de pagar ao homem pelos bons serviços que lhes estava prestando, mas, como tantos ativistas, ele só se preocupava com a causa.

Quando os bulldozers surgiram no terreno da Sra. Trentham e o trabalho parou no da empresa Trumper, ela voltou a concentrar-se em Daniel e no problema de sua herança.

Seus advogados confirmaram que não havia qualquer modo de alterar as cláusulas do testamento, a não ser que Daniel Trumper renunciasse voluntariamente a todos os seus direitos. Até rascunharam o documento que seria necessário ele assinar em tais circunstâncias, deixando à Sra. Trentham a arrojada tarefa de conseguir que a sua assinatura fosse aposta no papel.

Uma vez que a Sra. Trentham era incapaz de imaginar uma situação em que ela e Daniel se encontrassem, considerou fútil todo esse esforço. No entanto, fechou o rascunho do advogado cuidadosamente à chave na última gaveta da escrivaninha da sala, juntamente com todos os outros documentos Trumper.

– Que bom voltar a vê-la, minha senhora – disse Sneddles. – Peço imensas desculpas pelo tempo que levei para terminar seu trabalho.

– Naturalmente, não lhe cobrarei mais do que a soma combinada.

O livreiro não podia ver a expressão do rosto da Sra. Trentham, pois ela não tinha ainda tirado o véu. Ela seguiu o velho, passando, prateleira após prateleira de livros poeirentos, à pequena sala nos fundos da loja. Aí, foi apresentada ao Dr. Halcombe, que, tal como Sneddles, vendia um pesado sobretudo. Recusou a oferta de uma cadeira, quando reparou que essa também estava coberta por uma fina camada de pó.

O velho apontou com orgulho as oito caixas que estavam sobre a secretária. Levou quase uma hora para explicar, com a interrupção ocasional do Dr. Halcombe, como haviam catalogado toda a biblioteca de seu falecido pai, primeiro por autores, por ordem alfabética, depois por temas e, finalmente, por títulos. Uma estimativa do valor de cada livro estava também anotada a lápis no canto inferior direito de todas as fichas.

A Sra. Trentham foi surpreendentemente paciente com o Sr. Sneddles, fazendo de vez em quando perguntas em cuja resposta não tinha qualquer interesse, permitindo-lhe, ao mesmo tempo, fornecer longa e complicada explicação de como havia ocupado o seu tempo nos últimos cinco anos.

– O senhor fez um trabalho esplêndido, senhor Sneddles – disse ela depois de ter virado a última ficha [Zola, Emile (1840-1902)]. Eu não podia pedir mais.

– A senhora é muito gentil – disse o velho, fazendo uma grande reverência

–, mas, de fato, a senhora sempre mostrou uma genuína preocupação por esses assuntos. Seu pai não podia encontrar ninguém melhor para tomar conta da obra a que dedicou a vida inteira.

– Cinquenta guinéus foi o preço combinado, se bem me lembro – disse a Sra. Trentham, tirando um cheque da bolsa e entregando-o ao dono da loja.

– Obrigado, minha senhora – respondeu o Sr. Sneddles, pegando o cheque e colocando-o, distraído, num cinzeiro.

Absteve-se de acrescentar: “Eu lhe pagaria de boa vontade o dobro, pelo privilégio de desempenhar tal tarefa.”

– E vejo – disse ela, examinando os papéis com atenção – que estima o valor global de toda a coleção em um pouco abaixo de cinco mil libras.

– Exatamente, minha senhora. Devo adverti-la, contudo, de que fui um pouco conservador. Compreenda, alguns dos volumes são tão raros, é difícil dizer quanto poderão obter no mercado.

– Isso significa que o senhor está disposto a oferecer essa quantia pela biblioteca, se eu desejar vendê-la? – perguntou a Sra. Trentham, olhando-o diretamente.

– Nada me daria mais prazer, minha senhora – respondeu o velho. – Mas, infelizmente, receio não ter fundos suficientes para o fazer.

– Qual seria a sua atitude se o encarregasse de sua venda? – perguntou a Sra. Trentham, os olhos colados no velho.

– Seria um enorme privilégio, minha senhora, mas isso pode levar meses...

possivelmente anos.

– Então, talvez possamos chegar a um acordo, senhor Sneddles.

– Acordo? Não sei se estou compreendendo bem, minha senhora.

– Uma sociedade talvez, senhor Sneddles?

CAPÍTULO 34

A Sra. Trentham aprovou a noiva que Nigel escolheu, mas, bem vistas as coisas, fora selecionada por ela mesma.

Verônica Berry possuía todos os atributos que a futura sogra considerava necessários para se tomar uma Trentham. Era oriunda de boa família: o pai era um vice-almirante que ainda não tinha sido colocado na lista da reserva, e a mãe era filha de um bispo sufragâneo. Eles viviam bem sem serem ricos e, mais importante, das três filhas, Verônica era a mais velha.

O casamento foi celebrado na igreja paroquial de Kirmrieridge, em Dorset, onde Verônica fora batizada pelo vigário, confirmada pelo bispo sufragâneo, e o casamento, celebrado pelo bispo de Bath e Wells. A resposta foi esplêndida sem ser extravagante, e “as

crianças”, como a Sra. Trentham se referia a eles, passariam, dizia ela a todos, a lua de mel na propriedade da família, em Aberdeen, antes de voltar para um apartamento em Cadogari Place que ela havia escolhido para eles. Era perto de Chester Square, explicava ela quando lhe perguntavam, e, também, quando não perguntavam.

Todos os trinta e dois sócios de Kitcat e Aitken, os corretores para quem Nigel trabalhava, foram convidados para a festa de casamento, mas apenas cinco tiveram a coragem de fazer a viagem até Dorset.

Durante a recepção, que teve lugar no relvado do vice-almirante. a Sra.

Trentham fez questão de falar com todos os sócios presentes. Para sua consternação, nenhum deles foi particularmente comunicativo sobre o futuro de Nigel.

A Sra. Trentham tinha alguma esperança de que o filho fosse feito sócio pouco depois dos 40 anos, uma vez que ela sabia bem que vários homens mais novos tinham já o nome impresso no canto superior esquerdo do papel da firma, apesar de estar lá a menos tempo do que Nigel.

Justamente quando os discursos iam começar, a chuva obrigou os convidados a correr para debaixo da tenda. A Sra. Trentham achou que o discurso do noivo poderia ter sido acolhido com mais entusiasmo. No entanto, ela compreendeu que era bastante difícil aplaudir com um copo de champanha numa das mãos, e um salgado de aspargos na outra. Na realidade, o padrinho de Nigel, Hugh Folland, não teve muito mais sorte.

Depois dos discursos, a Sra. Trentham procurou Miles Renshaw, o sócio principal de Kitcat e Aitken, chamando-o à parte, disse-lhe que, no futuro, tencionava investir uma quantia de dinheiro considerável numa empresa que estava abrindo o capital ao público;

precisaria, portanto, dos seus conselhos sobre o que ela descrevia como a sua estratégia a longo prazo.

Essa informação não provocou qualquer reação especial em Renshaw, que ainda se lembrava da garantia da Sra. Trentham quanto à gestão da carteira Hardcastle, quando o pai morresse. No entanto, ele sugeriu que ela talvez devesse passar no seu escritório na City para estudar os pormenores da transação quando o documento da oferta de venda fosse alcançado.

A Sra. Trentham agradeceu o Sr. Renshaw e continuou a circular entre os convidados, como se fosse a anfitriã.

Não reparou nos olhares de censura que Verônica lhe dirigia.

Foi na última sexta-feira de setembro de 1947 que Gibson bateu suavemente à porta da sala, entrou e anunciou:

– O capitão Daniel Trentham.

Quando a Sra. Trentham viu o jovem fardado com um uniforme de capitão dos Royal Fusiliers, as suas pernas quase cederam. Ele avançou pela sala e parou no meio do tapete. O encontro que tinha tido lugar naquela sala há mais de vinte e cinco anos veio-lhe imediatamente à memória. Com grande esforço, conseguiu atravessar a sala antes de se deixar cair no sofá.

Agarrando o braço do sofá para ter certeza de que não desmaiaria, a Sra.

Trentham olhou para o neto. Estava horrorizada com a semelhança com Guy, e sentiu-se mal pelas memórias que ele evocava; memórias que, durante tantos anos, ela conseguira afastar do pensamento.

Quando se recompôs, a primeira reação da Sra. Trentham foi ordenar a Gibson que o expulsasse, mas decidiu esperar um pouco,

pois estava ansiosa para saber o que o jovem poderia querer, Quando Daniel começou a dizer frases que havia cuidadosamente ensaiado, ela passou a imaginar como poderia tirar vantagem do encontro.

O neto começou por lhe dizer que tinha estado na Austrália durante o verão, não na América, como Harris a fizera acreditar. Prosseguiu, mostrando que sabia que ela era dona dos apartamentos e que estava tentando impedir a autorização de construção das lojas, bem como tinha conhecimento do que estava escrito na carta, em Ashurst, Ele continuou o seu discurso com a garantia de que seus pais não tinham a menor ideia de que ele a havia vindo visitar nessa tarde.

A Sra. Trentham concluiu que ele devia ter descoberto todas as circunstâncias da morte do seu filho, em Melbourne. De outro modo, que razão acentuava ele que, se a informação que tinha caído nas mãos da imprensa popular, poderia resultar em, “no mínimo”, embaraço para todos?

A Sra. Trentham permitiu que Daniel prosseguisse o seu discurso enquanto ela, ao mesmo tempo, pensava furiosamente. Foi durante o seu prognóstico sobre o desenvolvimento futuro de Chelsea Terrace que ela se perguntou quanto o jovem à sua frente sabia, de fato. Concluiu que só existia uma maneira de saber, e isso exigia que ela corresse um grande risco.

Quando Daniel finalmente fez a sua exigência específica, a Sra. Trentham respondeu simplesmente:

- Eu também tenho uma condição.
- Que condição?
- Que você renuncie a quaisquer direitos sobre os bens dos Hardcastle.

Pela primeira vez, Daniel pareceu inseguro. Não era obviamente o que ele esperara. A Sra. Trentham sentiu-se subitamente confiante de que ele nada sabia sobre o testamento; afinal de contas, o seu pai tinha dado instruções a Baverstock para que não informasse o jovem do seu conteúdo antes dos 30

anos; e O Dr. Baverstock não era homem de faltar à palavra.

– Eu não acredito que tencione deixar alguma coisa para mim – foi a primeira reação de Daniel.

Ela não respondeu e esperou que Daniel finalmente acenasse com a cabeça, concordando.

– Por escrito – disse ela.

– Então, também quero o nosso acordo por escrito – exigiu ele bruscamente.

A Sra. Trentham teve certeza de que ele não contava com a segurança de um rascunho preparado e estava agora simplesmente reagindo aos acontecimentos a medida que surgiam.

Levantou-se, dirigiu-se lentamente à escrivaninha e abriu uma gaveta.

Daniel permaneceu no meio da sala, balançando ligeiramente enquanto se apoiava, ora num pé, ora noutro.

Tendo encontrado duas folhas de papel e a minuta escrita pelo advogado que havia deixado fechadas na última gaveta, a Sra. Trentham escreveu dois acordos idênticos que incluíam o pedido de Daniel para que ela retirasse tanto o seu pedido de autorização de construção como as suas objeções ao pedido de autorização do pai para construir as Torres Trumper. Também incluiu no acordo as palavras exatas do advogado para a renúncia de Daniel a seu direito aos bens do bisavô.

Ela entregou o primeiro rascunho ao neto, para ele o examinar. Esperava, a todo momento, que ele visse o que estava sacrificando ao assinar o documento.

Daniel acabou de ler a primeira cópia do acordo, depois verificou se os dois rascunhos eram idênticos em todos os pormenores. Embora não dissesse nada, a Sra. Trentham ainda achava que ele devia compreender por que motivo ela precisava tanto do acordo. De fato, se ele tivesse exigido que ela também vendesse o terreno em Chelsea Terrace ao pai, ao preço do mercado, ela teria concordado de imediato, só para ter a assinatura de Daniel no fim do acordo.

Assim que Daniel assinou os dois documentos, a Sra. Trentham tocou a campainha e chamou o mordomo para servir de testemunhas às duas assinaturas. Assim que a tarefa terminou, ela disse secamente:

– Acompanhe o cavalheiro à porta. – Quando a figura de uniforme saiu da sala, ela se perguntou quanto tempo o rapaz levaria para compreender o mau negócio que tinha feito.

Quando, no dia seguinte, examinaram o documento de uma página, os advogados da Sra. Trentham ficaram espantados com a simplicidade da transação. No entanto, ela não deu qualquer explicação sobre como tinha conseguido tal golpe. Uma simples inclinação da cabeça do sócio principal confirmou que o acordo era perfeito.

Todo homem tem o seu preço e, quando Martin Simpson compreendeu que a sua fonte de rendimento havia secado, cinquenta libras em dinheiro convenceram-no de que devia retirar a sua objeção a que as Torres Trumper prosseguissem conforme projetadas.

No dia seguinte, a Sra. Trentham voltou sua atenção para outros assuntos: a compreensão dos documentos de oferta de venda.

Na opinião da Sra. Trentham, Verônica ficou grávida um pouco depressa demais. Em maio de 1948, sua nora teve um filho, Giles Raymond, apenas nove meses e três dias depois de ela e Nigel terem casado. Pelo menos, a criança não tinha sido prematura. Mesmo assim, a Sra. Trentham já havia observado em criados contando os meses pelos dedos em mais de uma ocasião.

Verônica e Nigel trouxeram Giles num carrinho a Chester Square para a orgulhosa avó ver. Depois de a Sra. Trentham dar uma olhadela rápida na criança, Gibson empurrou o carrinho de bebê para fora, e o carrinho de chá para dentro da sala.

– Claro que vocês vão querer matriculá-lo em Asgarth e Harrow sem demora – disse a Sra. Trentham, mesmo antes de Nigel e Verônica terem tido oportunidade de escolher um sanduíche. – Afinal de contas, é necessário ter a certeza de que o seu lugar esteja garantido.

– De fato, eu e Nigel já decidimos como o nosso filho vai ser educado –

disse Verônica –, e nenhuma dessas escolas faz parte da nossa decisão.

A Sra. Trentham pousou a xícara de novo no pires e fitou Verônica como se ela tivesse anunciado a morte do rei.

– Desculpe, Verônica, acho que não a ouvi bem.

– Vamos mandar Giles para uma escola primária local, em Chelsea, e, depois, para Bryanston.

– Bryanston? E onde é isso, posso saber?

– Em Dorset. É a velha escola de meu pai – acrescentou Verônica, antes de tirar um sanduíche de salmão da travessa à sua frente.

Nigel olhou ansiosamente para a mãe, levando a mão à gravata azul e prateada. .

– Isso pode ser – disse a Sra. Trentham. – No entanto, tenho certeza de que ainda precisamos pensar melhor em como o jovem Raymond – ela acentuou o nome – deve começar a vida.

– Não, isso não será necessário – disse Verônica. – Eu e Nigel já pensamos o suficiente em como Giles deve ser educado. Na verdade, nós o matriculamos em Bryanston a semana passada. Afinal de contas, é necessário ter certeza de que o seu lugar esteja garantido.

Verônica inclinou-se para a frente e serviu-se de outro sanduíche de salmão.

Três badaladas soaram no pequeno relógio em cima da lareira, no outro extremo da sala.

Max Harris ergueu-se da poltrona no canto da sala assim que viu a Sra.

Trentham entrar no vestíbulo do hotel. Fez meia reverência enquanto esperou que a sua cliente se sentasse na cadeira à sua frente.

Mandou vir chá para ela e outro uísque duplo para si mesmo. A Sra.

Trentham franziu a testa censurando, enquanto o garçom se afastava para trazer o pedido. Sua atenção fixou-se no Sr. Harris no momento em que ouviu os inevitáveis estalos.

– Suponho que não iria solicitar essa reunião, senhor Harris, se não tivesse alguma coisa importante para me contar.

– Creio que posso dizer com segurança que trago boas notícias. Uma senhora chamada Bermett foi recentemente presa e acusada de

roubar um casaco de pele e um cinto de couro da Harvey Nichols.

– E em que essa senhora pode me interessar? – perguntou a Sra. Trentham, olhando por cima do ombro dele, aborrecida por ver que havia começado a chover e lembrando-se de que tinha saído de casa sem guarda-chuva.

– Acontece que ela tem uma relação bastante interessante com Sir Charles Trumper.

– Relação? – disse a Sra. Trentham, parecendo ainda mais intrigada.

– Sim – disse Harris. – A Sra. Bermett é a irmã mais nova de Sir Charles.

A Sra. Trentham voltou a olhar para Max Harris.

– Mas Trumper só tem três irmãs, se bem me lembro – disse ela. – Sal, que está em Toronto, casada com um vendedor de seguros; Grace, que foi recentemente nomeada enfermeira-chefe do Guy's Hospital, e Kitty, que foi embora da Inglaterra há algum tempo para morar com a irmã, no Canadá.

– E agora voltou.

– Voltou?

– Sim, com o nome de Srta. Kitty Bermett.

– Eu não compreendo – disse a Sra. Trentham, exasperada pelo jogo de gato e rato com que Harris obviamente se divertia.

– Enquanto esteve no Canadá – continuou Harris, ignorando a irritação de sua cliente –, ela casou com o Sr. Bermett, um estivador. Não muito diferente de seu pai, de fato. Durou cerca de um ano, antes de terminar num divórcio litigioso em que vários homens

foram referidos. Voltou à Inglaterra há algumas semanas, mas só depois de Sal, a irmã, se recusar a aceitá-la de volta.

– Onde foi buscar essas informações?

– Um amigo meu do quartel de Wandsworth deu-me as pistas. Quando viu a folha de acusação em nome de Bermett, Trumper de nascimento, decidiu verificar. Foi Kitty quem contou tudo. Fui lá imediatamente para ter certeza de que era a pessoa certa. – Harris fez uma pausa para beber o uísque.

– Continue – disse a Sra. Trentham, impaciente.

– Por cinco libras, ela cantou como um canário – disse Harris. – Se eu estivesse em posição de lhe oferecer cinquenta, tenho a sensação de que ela lembraria muito um rouxinol.

Quando a empresa Trumper anunciou que estava prestes a efetuar uma venda pública de ações, a Sra. Trentham estava de férias, na propriedade do marido, em Aberdeenshire. Quando leu a pequena notícia no Telegraph, chegou à conclusão de que, embora ela tivesse agora controle sobre o seu rendimento mensal, assim como sobre o da irmã, e mais vinte mil libras, para poder adquirir um número de ações da nova empresa que valesse a pena, precisaria ainda de todo o capital recebido pela venda da propriedade de Yorkshire. Fez três chamadas interurbanas nessa manhã.

No começo do ano, tinha dado instruções para que a sua carteira de ações fosse transferida para Kitcat e Aitken e, após alguns meses de insistência constante com o marido, finalmente o convenceu a fazer o mesmo. Apesar de todo esse empenho na causa do filho, continuou a não ser oferecida sociedade a Nigel. A Sra. Trentham o aconselhava a demitir-se se acreditasse que as suas perspectivas seriam melhores em qualquer outro local.

Apesar desse revés, ela continuou a convidar os sócios para jantar em Chester Square em regular rotatividade. Gerald não deixou

qualquer dúvida à mulher de que não concordava com essa tática, e permaneceu cético de que ela auxiliasse a carreira do filho. Desde há algum tempo, contudo, ele tinha consciência de que a sua opinião nesses assuntos pouco a afetava. Em todo caso, o major tinha atingido uma idade em que estava muito cansado para não oferecer mais do que uma resistência simbólica.

Depois de ter examinado em detalhes as propostas da empresa Trumper no exemplar do *The Times* do marido, a Sra. Trentham deu instruções a Nigel para que comprasse cinco por cento das ações da empresa, assim que a operação de venda fosse lançada.

No entanto, foi um parágrafo perto do final do artigo do *Daily Mail*, escrito por Vincent Mulcrone intitulado "Os Triunfantes Trumpers", que a fez lembrar que ainda estava na posse de um quadro que precisava alcançar o preço certo.

Quando o Dr. Baverstock solicitava uma reunião com a Sra. Trentham, parecia-lhe mais uma intimação do que um convite, Talvez porque ele representava seu pai durante mais de trinta anos.

Ela sabia bem que, como executor do testamento do pai, o Dr. Baverstock ainda tinha bastante influência, mesmo que ela lhe tivesse recentemente cortado as asas, quando da venda da propriedade.

Depois de lhe ter oferecido uma cadeira no outro lado da secretária, o Dr.

Baverstock voltou para a sua, ajeitou os óculos de meia-lua na ponta do nariz e abriu uma das suas inevitáveis pastas cinzentas.

Ele parecia escrever toda a sua correspondência, para não falar em conduzir as reuniões, de um modo que só podia ser descrito como distante. A Sra. Trentham se perguntava frequentemente se ele tratava seu pai da mesma maneira.

– Senhora Trentham – começou ele, colocando as palmas das mãos à sua frente em cima da secretária e fazendo uma pausa para olhar para os apontamentos que escrevera na noite anterior –, em primeiro lugar, quero agradecer-lhe por se ter incomodado em vir ao meu escritório e devo acrescentar que me entristece sua irmã ter de recusar mais uma vez o meu convite. No entanto, ela tomou claro, numa pequena carta que me escreveu, que gostaria que a senhora a representasse nesta e em qualquer outra ocasião.

– Querida Amy – disse a Sra. Trentham. – A pobre criatura reagiu bastante mal à morte de meu pai, embora eu tenha feito tudo ao meu alcance para lhe suavizar o golpe.

Os olhos do advogado regressaram ao processo, o qual continha uma nota do Dr. Althwaite, de Bird, Collingwood e Althwaite, de Harrowgate, dando instruções para que, no futuro, o cheque mensal da senhorita Amy fosse enviado diretamente para Couttson Strand para uma conta, cujo número diferia apenas num dígito daquele para onde o Sr. Baverstock já tinha enviado a outra metade do rendimento mensal.

– Embora seu pai tenha deixado, à senhora e à sua irmã, os rendimentos do Fundo – continuou o advogado –, o grosso do capital irá, em tempo, como sabe, para o Dr. Daniel Trumper.

A Sra. Trentham concordou, com um sinal de cabeça.

– Como tem conhecimento – continuou o Dr. Baverstock –, O Fundo possui ações e apólices que são administradas para nós pelo banco comercial Hambros e Company. Sempre que eles acham que é prudente – fazer um investimento considerável, achamos que também é importante mantê-los informados das suas intenções, apesar do fato de Sir Raymond nos ter dado carta branca nesses assuntos.

– Isso é muito gentil de sua parte, Dr. Baverstock.

Os olhos do advogado voltaram à pasta, onde examinou outra nota. Dessa vez, era de um agente imobiliário, em Bradford. A propriedade do falecido Sir Raymond Hardcastle havia, sido vendida sem o seu conhecimento, por quarenta e uma mil libras. Depois de deduzidas as comissões e encargos legais, o agente tinha enviado o dinheiro restante para a mesma conta em Couttson Strand, que recebia o pagamento mensal da Srta. Amy.

– Com isso em mente – prosseguiu o advogado da família –, achei que era meu dever informa-la de que nossos conselheiros recomendaram um investimento considerável numa nova empresa que está prestes a lançar no mercado.

– E que empresa seria essa? – perguntou a Sra. Trentham.

– A empresa Trumper – disse Baverstock, observando atentamente a reação de sua cliente.

– E por que especificamente a Trumper? – perguntou ela, não revelando no rosto nenhuma surpresa.

– Principalmente porque Hambros considera que é um investimento bom e prudente. Mas, talvez, mais importante, a maior parte das ações da empresa acabarão por pertencer a Daniel Trumper, cujo pai, como tenho certeza de que tem conhecimento, é atualmente o presidente do conselho de administração.

– Eu sabia – disse a Sra. Trentham, sem mais comentários. Ela percebeu que o Dr. Baverstock estava preocupado por ela aceitar tão calmamente as notícias.

– Obviamente, se a senhora e sua irmã tiverem objeções a que o Fundo faça um investimento de tamanho vulto, é possível que os conselheiros reconsiderem sua posição.

– E quanto eles estão pensando em investir?

– Cerca de duzentas mil libras – informou-a o advogado. – Isso possibilitaria ao Fundo adquirir cerca de dez por cento das ações postas à venda.

– Mas isso não é um investimento considerável numa única empresa?

– Certamente que é – disse o Dr. Baverstock. – Mas bem dentro das possibilidades do Fundo.

– Então eu aceito a opinião de Hambros – disse a Sra. Trentham. – E tenho certeza de que posso falar em nome de minha irmã.

O Dr. Baverstock olhou mais uma vez para o processo e examinou uma declaração da Srta. Amy Hardcastle, dando praticamente carta branca à irmã no que dizia respeito aos bens do falecido Sir Raymond Hardcastle, incluindo a transferência de vinte mil libras de sua conta pessoal. O Dr. Baverstock só fazia votos de que ela fosse feliz no Cliff Residential Hotel. Ergueu os olhos para a outra filha de Sir Raymond.

– Então tudo o que me resta fazer – concluiu ele – e comunicar a Hambros a sua opinião sobre esse assunto e informá-la quando a empresa Trumper finalmente puser as ações à venda.

O advogado fechou a pasta, levantou-se e dirigiu-se à porta. A Sra.

Trentham seguiu-o, feliz com o conhecimento de que tanto o Fundo Hardcastle como os seus próprios conselheiros estavam agora trabalhando em conjunto para ajudar a atingir o seu objetivo a longo prazo, sem qualquer dos lados ter consciência do que ela estava fazendo. Agradava-lhe ainda mais pensar que, no dia em que a empresa Trumper pusesse ações à venda, ela teria controle de quinze por cento da empresa.

Quando chegaram à porta, o Dr. Baverstock voltou-se para apertar a mão da Sra. Trentham.

– Bom-dia, senhora Trentham,

– Bom-dia, Dr. Baverstock. O doutor foi muito meticoloso, como sempre.

Ela se dirigiu ao carro, onde o motorista lhe abriu a porta detrás. Quando o carro se afastou, ela olhou pela janela traseira. O advogado estava à porta do escritório, com o olhar de preocupação ainda no rosto.

– Para onde, minha senhora? – perguntou o motorista, quando se juntaram ao trânsito da tarde.

Ela olhou o relógio: a reunião com o Dr. Baverstock não tinha durado tanto como ela esperara, e viu que tinha algum tempo antes do próximo encontro.

Mas, mesmo assim, ainda deu a ordem – Hotel St. Agnes – enquanto colocava a mão no embrulho de papel colocado no assento a seu lado.

Havia dito a Harris que reservasse um quarto no hotel e fizesse Kitty Bermett subir de elevador quando tivesse a certeza de que ninguém os veria.

Quando chegou ao St. Agnes, segurando o embrulho sob o braço, ficou aborrecida ao ver que Harris não estava à espera dela no local habitual, junto ao bar. Ela não gostava de ficar sozinha no corredor e dirigiu-se relutantemente ao porteiro para perguntar o número do quarto que Harris havia reservado.

– Quatorze – disse o homem, que usava um uniforme azul-brilhante com botões que não brilhavam. – Mas não pode...

A Sra. Trentham não estava habituada a que alguém lhe dissesse “Não pode...”. Voltou-se e subiu lentamente as escadas que

conduziam aos quartos no primeiro andar. O porteiro pegou rapidamente o telefone que estava a seu lado, em cima do balcão.

A Sra. Trentham levou alguns minutos para localizar o quarto 14, e Harris levou quase tanto tempo para responder quando ela bateu secamente à porta.

Quando a Sra. Trentham conseguiu finalmente entrar no quarto, ficou surpresa ao ver como era pequeno: apenas suficiente para conter uma cama, uma cadeira e uma bacia de mãos. Seus olhos fixaram a mulher que estava estendida na cama. Vestia uma blusa de seda vermelha e uma saia preta de couro – muito curta na opinião da Sra. Trentham, para não falar no fato de os dois botões superiores estarem desabotoados.

Como Kitty não fez qualquer tentativa de retirar uma velha capa que tinha sido jogada na cadeira, a Sra. Trentham não teve outra escolha senão ficar de pé.

Voltou-se para Harris, que verificava a gravata no único espelho. Ele tinha, obviamente, decidido que qualquer apresentação era supérflua.

A única reação da Sra. Trentham foi prosseguir com o negócio que viera tratar, para poder voltar à civilização o mais depressa possível. Não esperou que Harris falasse.

– Explicou à Sra. Bennett o que deve fazer?

– Expliquei, certamente – disse o detetive, vestindo o casaco. – E Kitty está mais do que disposta a cumprir sua parte.

– Pode-se confiar nela? – A Sra. Trentham olhou em dúvida para a mulher em cima da cama.

– Claro que sim, desde que o dinheiro esteja certo – foram as primeiras palavras de Kitty. – Tudo o que quero saber é quanto vou

receber.

– O preço por que vender, mais cinquenta libras.

– Então quero um adiantamento de vinte libras.

A Sra. Trentham hesitou durante um momento, depois acenou com a cabeça, concordando.

– Então qual é o problema?

– Apenas que o seu irmão irá tentar dissuadi-la – disse a Sra. Trentham.

– Ele pode até tentar fazer chantagem em troca de...

– Não tem a mínima possibilidade – disse Kitty. – Ele pode dizer tudo que quiser, mas não fará qualquer diferença. Entenda, eu detesto Charlie tanto quanto a senhora.

A Sra. Trentham sorriu pela primeira vez. Colocou, então, o embrulho de papel aos pés da cama.

Harris sorriu afetadamente.

– Eu sabia que as duas encontrariam algo comum.

BECKY

1947 - 1950

CAPÍTULO 35

Noite após noite, eu ficava acordada, preocupada que Daniel chegasse eventualmente à conclusão de que Charlie não era o seu pai.

Sempre que estavam lado a lado, Daniel, alto e magro, com cabelo ondulado claro e olhos de um azul-profundo, Charlie com, pelo menos, dez centímetros a menos, forte, com cabelo escuro e olhos castanhos, supunha que Daniel acabaria por fazer qualquer comentário sobre a diferença. o fato de eu ser também morena não ajudava. As diferenças poderiam ser engraçadas, se as suas implicações não fossem tão graves. No entanto, Daniel nunca se referiu à disparidade física ou de personalidade entre ele e Charlie.

Charlie queria dizer a Daniel a verdade sobre Guy logo no início, mas eu o convenci de que devíamos esperar até ele ter idade suficiente para compreender todas as implicações. Mas, quando Guy morreu de tuberculose, já não parecia haver qualquer necessidade de sobrecarregar Daniel com o passado.

Mais tarde, após anos de angústia e de protestos por parte de Charlie, concordei finalmente em dizer tudo a Daniel. Telefonei-lhe para Trinity na semana antes de ele embarcar para a América e perguntei-lhe se o podia levar a Southampton; assim, pelo menos, sabia que não seríamos interrompidos durante várias horas.

Disse que tinha algo importante para conversar com ele. Parti para Cambridge um pouco mais cedo do que era necessário e cheguei a tempo de ajudar Daniel a fazer as malas. Às onze horas, dirigimo-nos a A10.

Durante há primeira hora, ele falou, bem disposto, sobre o seu trabalho em Cambridge – muitos estudantes, tempo insuficiente para pesquisa –, mas assim que a conversa mudou para o problema que enfrentávamos com os apartamentos, eu sabia que ele me daria à oportunidade ideal para lhe contar a verdade sobre o pai. Depois,

de repente, ele mudou de assunto, e perdi a coragem. Juro que teria abordado a questão nessa hora, mas o momento passou.

Por causa de toda a tristeza que posteriormente sentimos com a morte de minha mãe e com a vida da Sra. Trentham enquanto Daniel esteve na América, concluí que havia desperdiçado a minha melhor oportunidade de ser sincera com meu filho.

Pedi a Charlie que esquecesse o assunto uma vez por todas. Tenho um ótimo marido.

Ele me disse que eu não tinha razão; que Daniel era suficientemente crescido para aceitar a verdade, mas concordou que a decisão tinha de ser minha e não voltou a tocar no assunto.

Quando Daniel voltou da América, fui a Southampton buscá-lo. Não sei o que era, mas pareceu-me mudado. Em primeiro lugar, parecia diferente – mais à vontade – e, assim que me viu, deu-me um grande abraço que me pegou de surpresa. No caminho de regresso a Londres, ele falou sobre a sua visita aos Estados Unidos, de que tinha obviamente gostado, e, sem entrar em grandes pormenores, manteve-o a par do que se passava com o nosso pedido de autorização de construção para Chelsea Terrace. Ele não pareceu interessado nas minhas notícias, mas, para ser sincera, Charlie nunca tinha envolvido Daniel no funcionamento do dia-a-dia da empresa Trumper, uma vez que ambos compreendemos que ele estava destinado a uma carreira acadêmica.

Daniel passou os dois meses seguintes conosco antes de regressar a Cambridge e até mesmo Charlie, que nem sempre é muito observador, comentou como ele havia mudado. Estava tão compenetrado, tão sério e, até mesmo, tão reservado como sempre fora, mas estava muito afetuoso em relação a nós dois, a tal ponto que comecei a pensar se ele teria conhecido uma moça enquanto estivera ausente. Eu tinha esperança de que sim, mas apesar das

desajeitadas deixas ocasionais, Daniel não se referiu a ninguém em particular.

Eu gostava bastante da ideia de Daniel se casar com uma americana. Ele raramente trouxera namoradas a casa no passado e parecia sempre muito tímido quando o apresentávamos as filhas de alguns dos nossos amigos. Na realidade, ele nunca estava quando Clarissa Wilshire aparecia – o que ia não acontecia muito, uma vez que durante as férias da Bristol University, as gêmeas trabalhavam atrás do balcão do nº 1.

Deve ter sido cerca de um mês depois do regresso de Daniel da América que Charlie me disse que a Sra. Trentham havia retirado todas as suas objeções ao nosso plano de ligar as duas torres. Pulei de alegria. Quando ele acrescentou que ela não iria adiante com o seu plano de reconstruir os apartamentos, recusei-me a acreditar e pensei imediatamente que havia uma ratoeira. Até mesmo Charlie admitiu:

– Não faço ideia do que ela estará tramando.

Certamente nenhum de nós aceitou a teoria de Daphne de que ela estaria ficando mais branda com a idade.

Duas semanas mais tarde, a Câmara de Londres confirmou que todas as objeções ao nosso projeto tinham sido retiradas e que podíamos iniciar o nosso programa de construção. Esse foi o sinal por que Charlie esperava para informar o mundo de que tencionávamos fazer uma oferta pública de ações.

Charlie convocou uma reunião do conselho de administração para que fossem tomadas às resoluções necessárias.

O Sr. Merrick, a quem Charlie nunca perdoara por tê-lo forçado a vender o Van Gogh, aconselhou-nos a nomear o Robert Fleming como nosso banco comercial no processo de lançamento de ações no mercado. O banqueiro também acrescentou que esperava que a

nova empresa mantivesse a conta no Childand Company. Charlie gostaria de lhe ter dito que sabia muito bem que, se mudasse de banco semanas antes de lançar ações no mercado, haveria sobancelhas erguidas na City. A Administração aceitou os dois conselhos, e Tim Newman, do Robert Fleming, foi convidado a fazer parte do conselho de administração. Tim trouxe uma lufada de ar fresco à empresa, representando uma nova geração de banqueiros. No entanto, embora eu, tal como Charlie, tivesse gostado imediatamente do Sr. Newman, nunca consegui estar em sintonia com Paul Merrick.

A medida que o dia de emissão dos documentos de oferta se aproximava, Charlie passava cada vez mais tempo com o banqueiro comercial. Tom Arnold passou a gerir as lojas e a supervisionar o programa de construção – com exceção do nº 1, que permanecia ainda como meu domínio.

Eu já havia decidido, vários meses antes do anúncio definitivo, que queria organizar um leilão importante imediatamente antes da declaração de Charlie de que iria pôr ações à venda, e estava confiante de que a coleção italiana a que havia dedicado muito do meu tempo seria a oportunidade ideal para colocar no mapa o nº 1 de Chelsea Terrace.

O meu principal pesquisador, Francis Lawson, tinha levado quase dois anos para reunir uns cinquenta e nove quadros, pintados entre 1519 e 1768. A nossa principal atração era um Canaletto – A Basílica de S. Marcos –, um quadro que Daphne havia herdado de uma tia, de Cumberland.

– Não é – disse-nos ela no seu modo característico – tão bom como os dois que Percy já tem em Lanarkshire. Mas, mesmo assim, ainda espero que o quadro obtenha um bom preço, minha querida. Senão, o resultado serei eu me dirigir à Sotheby's daqui por diante – acrescentou ela com um sorriso.

Pusemos um preço mínimo de trinta mil libras. Tinha sugerido a Daphne que esta era uma quantia sensata, recordando que o recorde para um Canaletto era de trinta e oito mil libras, licitadas na Christie's no ano anterior.

Enquanto estávamos últimos preparativos para o leilão, Charlie e Tim Newman passar a na maior parte do tempo visitando instituições, bancos, empresas financeiras e grandes investidores, informando-os do motivo pelo qual deveriam investir no maior carrinho do mundo.

Tim estava otimista quanto ao resultado e acreditava que, quando os pedidos de ações fossem contados, haveria muitos. Mesmo assim, insistia em que ele e Charlie fossem à América criar interesse entre os investidores americanos. Charlie marcou a viagem aos Estados Unidos de modo a estar de volta a Londres alguns dias antes do meu leilão e umas boas três semanas antes de o nosso documento de oferta ser publicado.

Era uma segunda-feira fria de maio, e eu podia não estar no meu melhor pique, mas podia jurar que conhecia a cliente que estava conversando com uma das nossas empregadas. Preocupou-me não conseguir identificar exatamente à senhora de meia-idade cujo casaco teria estado na moda nos anos 30, e que parecia passar por dificuldades, vendo-se obrigada a vender um dos bens da família.

Assim que ela saiu da loja, fui até o balcão e perguntei a Cathy, a nossa mais recente aquisição, quem era ela.

– Sra. Bennett – disse a jovem atrás do balcão. O nome nada me dizia, por isso perguntei o que ela queria.

Cathy entregou-me um pequeno quadro a Óleo da Virgem Maria e o Menino.

– A senhora perguntou se isto ainda podia ser considerado para o leilão italiano. Nada sabe sobre a sua proveniência e, olhando para

ela, devo dizer que me perguntei se não teria sido roubado. Estava prestes a ter uma palavrinha com o Sr. Lawson.

Olhei para o pequeno Óleo e compreendi imediatamente que fora a irmã mais nova de Charlie que trouxera o quadro.

– Deixe isso comigo.

– Certamente, Lady Trumper.

Tomei o elevador para o último andar e, passando por Jessica Allen, entrei no escritório de Charlie. Entreguei-lhe o quadro e expliquei rapidamente como chegara até nós.

Ele empurrou os papéis que estavam sobre a secretária para um lado e observou o quadro durante algum tempo sem dizer uma palavra.

– Bem, uma coisa é certa – disse Charlie, por fim. – Kitty nunca vai dizer como e onde o conseguiu, ou teria vindo diretamente falar comigo.

– Então, o que vamos fazer?

– Colocar à venda, como ela mandou, e você pode ter certeza de que ninguém vai licitar mais pelo quadro do que eu.

– Mas, se tudo o que ela quer é dinheiro, por que não lhe fazer uma oferta justa pelo quadro?

– Se tudo o que Kitty quisesse fosse dinheiro, ela estaria agora aqui neste escritório. Não, o que ela quer é me ver rastejando a sua frente.

– E se ela roubou o quadro?

– De quem? E mesmo que tenha feito isso, não há nada que nos impeça de indicar a sua proveniência original no catálogo. Afinal de

contas, a polícia ainda deve ter todos os pormenores do roubo nos seus processos.

– Mas, e se Guy deu para ela?

– Guy – lembrou Charlie – está morto.

Fiquei encantada com o grande interesse que a imprensa e o público começavam a mostrar no leilão. Um outro bom augúrio era que vários críticos e colecionadores de arte foram vistos na semana anterior examinando os quadros em exibição na galeria principal.

Começaram a aparecer artigos sobre mim e sobre Charlie, primeiro nas seções financeiras, depois espalhando-se pelas páginas principais. Não gostava muito do som de – Os Triunfantes Trumper – como um dos jornais nos havia chamado, mas Tim Newman explicou-nos a importância das relações públicas quando se está tentando arranjar vastas somas de dinheiro. À medida que artigo após artigo a parecia em jornais e revistas, o nosso jovem diretor tornava-se cada vez mais confiante de que o lançamento de ações iria ser um êxito.

Francis Lawson e a sua nova ajudante, Cathy Ross, trabalharam no catálogo do leilão durante semanas, estudando minuciosamente a história de cada quadro, os seus proprietários anteriores e as galerias e exposições onde cada um deles havia sido exibido antes de ter sido oferecido à empresa Trumper para leilão. Para nossa surpresa, aquilo de que o público gostou particularmente não foram os quadros em si, mas o nosso catálogo, o primeiro com todas as fotografias em cores, Custou uma fortuna para ser produzido, mas, como tivemos de encomendar duas tiragens antes do dia do leilão e vendemos os catálogos a cinco xelins cada, não demorou muito para recuperar os custos. Na nossa reunião anual, pude informar à Administração que, depois de mais duas tiragens, tínhamos até obtido um pequeno lucro.

– Talvez você devesse fechar a galeria de arte e abrir uma editora – foi o útil comentário de Charlie.

A nova sala de leilões no nº 1 comportava, à vontade, duzentas e vinte pessoas.

Nunca tínhamos conseguido encher todos os lugares no passado, mas, agora, à medida que os pedidos de bilhetes continuavam a chegar constantemente pelo correio, tivemos de separar rapidamente os licitantes autênticos dos meros espectadores.

Apesar dos cones, de sermos bruscos ou mesmo mal-educados com alguns indivíduos persistentes, ainda acabamos com cerca de trezentas pessoas que esperavam conseguir lugar. Entre elas estavam vários jornalistas, mas o nosso melhor golpe de sorte foi quando o editor artístico do Terceiro Programa telefonou perguntando se podiam transmitir o leilão pela rádio.

Charlie chegou da América dois dias antes do leilão e disse-me, durante os breves momentos, em que estivemos juntos, que a viagem tinha sido muito satisfatória – o que quer dizer que isso significasse. Acrescentou que Daphne o acompanharia ao leilão. – Temos de manter os melhores clientes satisfeitos.

Não lhe disse que tinha esquecido completamente de lhe reservar um lugar, mas Simon Matthews, que fora recentemente nomeado meu assistente, conseguira enfiar mais algumas cadeiras na sétima fila e rezado para que nenhum membro do corpo de bombeiros estivesse entre os licitantes.

Decidimos realizar o leilão às três da tarde de uma terça-feira, depois de Tim Newman nos aconselhar que a hora era importante, se quiséssemos garantir a máxima cobertura nos jornais nacionais do dia seguinte.

Na véspera do leilão, eu e Simon passamos toda a noite com o pessoal das vendas, retirando os quadros das paredes e colocando-

os na ordem correta, prontos para o leilão. A seguir, verificamos as luzes do cavalete em que os quadros seriam exibidos e, finalmente, colocamos as cadeiras na sala de leilões, tão juntas quanto possível. Empurrando a bancada de onde Simon conduziria o leilão um pouco para trás, pudemos mesmo acrescentar outra fila. Talvez deixasse menos espaço para os observadores – que ficam sempre ao lado do leiloeiro identificando os licitantes –, mas, certamente, resolvia quatorze outros problemas.

Na manhã do leilão fizemos um ensaio geral, os empregados colocando cada um dos quadros no cavalete, enquanto Simon chamava o número de lote, depois retirando-o imediatamente, assim que ele baixava o martelo e chamava o lote seguinte. Quando o Canaletto foi colocado no cavalete, o quadro mostrava toda a técnica polida e a observação minuciosa que tinha sido a marca do mestre. Não consegui evitar um sorriso quando, um minuto depois, a obra-prima foi substituída pelo pequeno quadro de Charlie da Virgem Maria e o Menino. Apesar de muita investigação, Cathy Ross não conseguira saber a sua história, e nos limitamos a emoldurá-lo novamente e a indicá-lo no catálogo como pertencente à escola do século XVI. Atribui, no meu livro, um valor estimado de duzentos guinéus. Embora soubesse plenamente que Charlie pretendia comprar o pequeno quadro, qualquer que fosse o seu preço. Ainda me preocupava não saber como Kitty teria conseguido o quadro, mas Charlie dizia-me constantemente que deixasse de pensar nisso. Ele tinha outros problemas maiores com que se ocupar do que como a irmã tinha ficado na posse da oferta de Tommy.

Na tarde do leilão, algumas pessoas já estavam nos seus lugares às duas e quinze. Avistei mais de um comprador importante ou proprietário de galeria que nunca havia encontrado uma casa cheia na loja Trumper e, conseqüentemente, teria de ficar em pé no fundo da sala.

As duas e quarenta e cinco havia apenas alguns lugares vagos, e os últimos a chegar já estavam apinhados ao longo das paredes

laterais, alguns agachados no corredor central. As duas e cinquenta e cinco, Daphne, fez uma entrada magnífica, com um belo vestido caxemira azul-escura que eu vira na Vogue do mês anterior.

Charlie, que me pareceu um pouco cansado, seguia apenas um passo atrás.

Sentaram-se no extremo da sétima fila, por razões sentimentais, havia ele explicado.

Daphne parecia muito satisfeita, enquanto Charlie não parava quieto, impaciente.

Às três horas em ponto ocupei o meu lugar ao lado da bancada do leiloeiro, enquanto Simon subiu os degraus para a pequena bancada, fez uma pequena pausa enquanto estudava a assistência, verificando se os principais compradores estavam sentados, depois bateu várias vezes com o martelo.

– Boa-tarde, senhoras e cavalheiros – disse ele. – Bem-vindos à Trumper, os leiloeiros de arte. – Conseguiu acentuar "os" de um modo muito agradável.

Quando anunciou o Lote nº 1, fez-se silêncio na sala. Verifiquei o quadro no meu catálogo – embora soubesse os dados dos cinquenta e nove lotes de cor.

Era uma pintura de S. Francisco de Assis, por Giovanni Battista Crespi, datada de 1617. O pequeno óleo estava marcado QIHH libras no nosso código, por isso, quando Simon baixou o martelo às duas mil e duzentas – setecentas libras mais do que eu calculara – achei que tínhamos começado bem.

Das cinquenta e nove obras em leilão, o Canaletto tinha sido deixado para o Lote nº 37, uma vez que eu queria que se criasse um ambiente de excitação antes de esse quadro aparecer, não o deixando, ao mesmo tempo, para tão tarde que as pessoas

começassem a ir embora. A primeira hora havia rendido quarenta e sete mil libras e ainda não tínhamos chegado ao Canaletto. Quando a tela de um metro e vinte de largura foi colocada sob os projetores, houve um murmúrio de admiração por parte dos que a viam pela primeira vez.

– Uma pintura da Basílica de S. Marcos, por Canaletto – disse Simon –, datada de 1741. – Como se tivéssemos meia dúzia deles armazenados no porão.

– Tem havido bastante interesse nesse quadro e tenho uma primeira licitação de dez mil libras. – Seus olhos percorreram a sala silenciosa, e eu e os meus observadores olhamos em volta, para ver de onde viria à segunda licitação.

– Quinze mil – disse Simon, olhando na direção de um representante do governo italiano sentado na quinta fila.

– Vinte mil libras ao fundo da sala. – Eu sabia que tinha de ser um representante da Coleção Mellon. Ele se sentava sempre na penúltima fila, com um cigarro pendurado da boca para nos mostrar que ainda estava licitando.

– Vinte e cinco mil – disse Simon, voltando-se para o representante do governo italiano.

– Trinta mil. – O cigarro ainda soltava fumaça, A Mellon ainda estava na corrida.

– Trinta e cinco mil. – Localizei outro licitante, sentado na quarta fila a minha direita: o Sr. Randall, gerente da Galeria Wildenstem, em Bond Street.

– Quarenta mil – disse Simon, e um novo anel de fumaça pairou no fundo.

Tínhamos ultrapassado a estimativa que dera a Daphne, embora seu rosto não manifestasse qualquer emoção.

– Alguém oferece cinquenta mil? – disse Simon. Na minha opinião, o aumento fora muito grande. Olhando para a bancada, reparei que a mão de Simon tremia.

– Cinquenta mil – repetiu ele um pouco nervoso, quando um novo licitante na primeira fila, que eu não reconhecia, começou a acenar a cabeça furiosamente.

O cigarro voltou a fumar.

– Cinquenta e cinco mil.

– Sessenta mil. – Simon voltou à atenção para o licitante desconhecido, que confirmou, com um vigoroso aceno de cabeça, que continuava na corrida.

– Sessenta e cinco mil. – O representante da Mellon continuava a fumar, mas, quando Simon voltou à atenção para o licitante da fila da frente, esse abanou vigorosamente a cabeça.

– Sessenta e cinco mil, no fundo da sala. Sessenta e cinco mil, alguém da mais? – Simon olhou novamente para o licitador da fila da frente. – O Canaletto está em sessenta e cinco mil libras, sessenta e cinco mil libras, duas vezes, vendido por sessenta e cinco mil libras. – Simon baixou o martelo com uma pancada seca, em menos de dois minutos depois da primeira licitação ter sido feita, e eu marquei ZIHHS no meu catálogo, enquanto a assistência aplaudia, espontaneamente. Algo que nunca me acontecera no nº 1.

Por toda a sala se ouviam comentários, e Simon voltou-se para mim, dizendo em voz baixa:

– Desculpe o lapso, Becky. – E compreendi que o salto de quarenta para cinquenta mil não tinha sido mais do que uma crise de nervos

do leiloeiro.

Comecei a imaginar uma manchete possível para os jornais do dia seguinte:

“Quantia recorde para Canaletto em leilão na Trumper.” Charlie ficaria satisfeito.

– Não vejo o pequeno quadro de Charlie obter uma quantia dessas –

acrescentou Simon com um sorriso, e a Virgem Maria e o Menino substituiu o Canaletto no cavalete, enquanto ele se virava de novo para a assistência.

– Silêncio, por favor – disse ele. – O item seguinte, Lote nº 38 no catálogo, é da escola de Bronzino. – Passou os olhos pela sala. – Tenho uma oferta de cento e cinquenta – parou um segundo – libras por esse lote. Alguém dá cento e setenta e cinco? – Daphne, que eu supus estar fazendo o jogo de Charlie, levantou a mão e eu consegui evitar um sorriso. – Cento e setenta e cinco libras.

Alguém dá duzentas? – Simon olhou em volta, esperançoso, mas não obteve resposta. – Então, está em cento e setenta e cinco libras, uma vez, cento e setenta e cinco libras duas vezes, cento e setenta e cinco três...

Mas antes de Simon conseguir baixar o martelo, um homem entroncado com um bigode acastanhado e cabelos grisalhos, vestindo um casaco de xadrez, camisa de listras e gravata amarela, pulou do fundo da sala e gritou:

– Esse quadro não é... da escola de... é um Bronzino original e foi roubado da igreja de St. Augustine, perto de Reims, durante a II Grande Guerra.

Foi um pandemônio, e as pessoas olharam primeiro para o homem de gravata amarela, depois para o pequeno quadro. Simon bateu

várias vezes com o martelo, mas não conseguiu controlar a situação, enquanto os jornalistas começavam a escrever furiosamente nos seus blocos. Olhei para Charlie e Daphne, conversando freneticamente de cabeça inclinada.

Assim que o barulho diminuiu, a atenção começou a concentrar-se no homem que tinha feito a afirmação e que continuava em pé no seu lugar.

– Creio que está enganado, cavalheiro – disse Simon com firmeza – Posso assegurar-lhe que este quadro é conhecido na nossa galeria já há alguns anos.

– E eu asseguro-lhe, cavalheiro – respondeu o homem –, o quadro é um quadro original e, embora eu não esteja acusando o dono anterior de ser ladrão, posso, no entanto, provar, que foi roubado. – Várias pessoas na assistência olharam imediatamente para os seus catálogos, para ver o nome do mais recente proprietário. – Da coleção particular de Sir Charles Trumper – estava impresso em letras gordas na linha de cima.

O burburinho tornou-se ainda maior, mas o homem continuou de pé.

inclinei-me para a frente e puxei a perna das calças de Simon. Ele se inclinou e eu murmurei a minha decisão ao ouvido. Ele bateu várias vezes com o martelo e, finalmente, a assistência começou a acalmar. Olhei para Charlie, que estava branco como a cal, depois para Daphne, que continuava bastante calma e lhe segurava a mão. Como eu achava que devia haver uma explicação simples para o mistério, sentia-me curiosamente distante. Quando Simon conseguiu, finalmente, restabelecer a ordem, anunciou:

– Fui informado de que este lote será retirado até informação posterior.

– Lote nº 39 – acrescentou ele, enquanto o homem do casaco de xadrez marrom se levantava e saía apressadamente da sala, seguido

por um grupo de jornalistas.

Nenhum dos restantes vinte e um itens ficou no seu preço mínimo e, quando Simon baixou o martelo pela última vez nessa tarde, embora tivéssemos batido todos os recordes para um leilão italiano, eu sabia bem que história viria nos jornais do dia seguinte. Olhei para Charlie, que estava obviamente tentando aparentar calma, instintivamente, voltei-me para a cadeira que tinha sido ocupada pelo homem de casaco de xadrez marrom. A sala começava a esvaziar-se, à medida que as pessoas se dirigiam para as portas e reparei, pela primeira vez, que atrás daquela cadeira estava sentada uma senhora de idade, muito espigada, inclinada para a frente com as mãos apoiadas no cabo de uma sombrinha. Estava olhando diretamente para mim.

Assim que a Sra. Trentham teve a certeza de que eu a tinha visto, levantou-se serenamente e saiu em passos lentos da galeria.

Na manhã seguinte, a imprensa teve um dia cheio. Apesar do fato de nem eu nem Charlie termos feito qualquer declaração, nossa fotografia estava em todas as primeiras páginas exceto na do The Times, ao lado de uma fotografia do pequeno Óleo da Virgem Maria e o Menino. Mal havia referência ao Canaletto nos primeiros dez parágrafos de qualquer das notícias e, obviamente, sem fotografia.

O homem que fizera a acusação tinha aparentemente desaparecido sem deixar pistas e todo o episódio poderia ter acabado ali se o Monsenhor Pierre Guichot, bispo de Reims, não tivesse concordado em ser entrevistado por Freddie Barker, o jornalista do Daily Telegraph que cobria leilões e havia descoberto que Guichot fora o padre da igreja onde o quadro originalmente estivera pendurado. O bispo confirmou a Baker que o quadro havia desaparecido misteriosamente durante a II Grande Guerra e, mais importante, ele havia comunicado o roubo a seção da Liga das Nações, responsável por assegurar que, de acordo com a Convenção de Génèbra as obras de arte roubadas fossem restituídas aos seus legítimos proprietários

no fim das hostilidades. O bispo disse ainda que obviamente reconheceria o quadro, as cores, o trabalho de pincel, a serenidade no rosto da Virgem; de fato o gênio do trabalho de Bronzino permaneceria claramente na minha memória até a morte.

Baker reproduzia-lhe fielmente as palavras.

O jornalista do Telegraph telefonou para o meu escritório no dia em que a entrevista foi publicada e informou-me de que o seu jornal tencionava pagar a viagem do distinto clérigo para que ele pudesse examinar pessoalmente o quadro e, assim, estabelecer a sua proveniência sem sombra de dúvida. Os nossos conselheiros legais avisaram-nos de que seria insensato não permitir que o bispo visse o quadro, negar-lhe acesso seria o mesmo que admitir que escondíamos algo.

Charlie concordou sem hesitação e acrescentou simplesmente:

– Deixe-o ver o quadro. Tenho certeza de que Tommy saiu daquela igreja sem na a além do capacete de um oficial alemão.

No dia seguinte, na privacidade do seu gabinete, Tim Newman avisou-nos de que, se o bispo de Reims identificasse o quadro como o Bronzino original, a oferta pública de ações da empresa Trumper teria de ser adiada por um ano, enquanto a casa de leilões poderia nunca se recompor de um escândalo dessa natureza.

Na quinta-feira seguinte, o bispo de Reims chegou a Londres, sendo recebido por uma bateria de fotógrafos, cujas lâmpadas de flash brilharam constantemente até o monsenhor ser conduzido para Westminster, onde ficaria hospedado, a convite do arcebispo.

O bispo tinha concordado em visitar a galeria às quatro horas dessa mesma tarde, e quem passasse por Chelsea Terrace nessa quinta-feira seria desculpado se pensasse que Frank Sinatra estava prestes a aparecer lá. Um grande ajuntamento se havia formado na calçada, aguardando ansiosamente que o clérigo chegasse.

Recebi o bispo à entrada da galeria e apresentei-o a Charlie, que fez uma reverência antes de beijar o anel episcopal. Penso que o bispo ficou um tanto surpreendido ao descobrir que Charlie era católico. Sorri nervosamente ao nosso visitante, que parecia ter um perpétuo sorriso no rosto – um rosto que, desconfiei, estava vermelho de vinho e não do sol. Ele deslizou pelo corredor na sua batina roxa, enquanto Cathy o conduzia na direção do meu gabinete, onde o esperava Barker, o repórter do Telegraph, apresentou-se a Simon como se tivesse tratando com alguém do submundo. Não fez qualquer tentativa de ser educado quando Simon se preocupou em manter uma conversa com ele.

O bispo entrou no meu pequeno escritório e aceitou a xícara de café que lhe foi oferecida. Eu ia havia colocado o quadro num cavalete, tendo, por insistência de Charlie, recolocado a moldura preta original no quadro. Sentamo-nos todos em silêncio em redor da mesa, enquanto o padre olhava para a Virgem Maria.

– *Vous permettez?* – perguntou ele, estendendo os braços.

– Certamente – respondi eu, e entreguei-lhe o pequeno Óleo.

Observou cuidadosamente seus olhos enquanto ele segurava o quadro a sua frente. Parecia interessar-se tanto por Charlie, que eu nunca tinha visto tão nervoso, como pelo quadro. Também olhava para Barker que, pelo contrário, tinha um brilho de esperança nos olhos. Depois, o bispo voltou à atenção para o quadro, sorriu e pareceu ficar hipnotizado pela Virgem Maria.

– Então? – perguntou o repórter.

– Lindo. Uma inspiração para qualquer não crente.

Barker também sorriu e escreveu as palavras.

– O senhor sabe – acrescentou o padre – este quadro traz-me muitas recordações – hesitou por um momento e pensei que o meu

coração fosse parar antes de ele dizer –, mas devo informá-lo, senhor Barker, de que não é o original. Uma simples cópia da madona que conheci tão bem.

O repórter parou de escrever.

– Simplesmente uma cópia?

– Sim, *je le regrette*. Uma excelente cópia, peut-être, pintada por um jovem aluno do grande homem, creio eu, mas, em todo o caso, uma cópia.

Barker foi incapaz de disfarçar a sua desilusão e colocou o bloco em cima da mesa, com o ar de quem queria protestar.

O bispo levantou-se e fez uma reverência em minha direção.

– Lamento tê-la incomodado, Lady Trumper.

Levantei-me também e acompanhei-o até a porta, onde enfrentou de novo o grupo de repórteres.

Os jornalistas fizeram silêncio enquanto aguardavam que o padre fizesse alguma revelação e eu senti, por um momento, que ele estava gostando da experiência.

– É o verdadeiro, Vossa Excelência? – gritou um repórter na assistência.

Ele sorriu, afável.

– É, de fato, um quadro da Virgem Maria, mas esse exemplar específico é apenas uma cópia, e pouco importante. – Não acrescentou outra palavra a essa afirmação, antes de ser rapidamente levado dali.

– Que alívio! – disse eu, quando o carro desapareceu. Olhei em volta, à procura de Charlie, mas ele não estava em lado algum.

Dirigi-me apressadamente para o meu gabinete e encontrei-o com o quadro nas mãos.

Fechei a porta para podermos estar sós.

– Que alívio! – repeti eu. – Agora a vida pode voltar ao normal.

– Você compreendeu, claro, que este é o Bronzino – disse Charlie, olhando diretamente para mim.

– Não seja bobo! – disse eu. — O bispo...

– Você não viu o modo como ele o pegou? — disse Charlie. – Não se segura assim numa imitação. E, depois, eu lhe observei os olhos enquanto ele se decidia.

– Se decidia?

– Sim, se devia ou não arruinar nossas vidas, em troca da sua amada virgem.

– Então temos a obra-prima sem que soubéssemos?

– Parece que sim, mas ainda não tenho certeza de quem o tirou da capela.

– Certamente não foi Guy...

– Por que não, ele, provavelmente, saberia apreciar mais o seu valor do que Tommy.

– Mas como é que Guy descobriu onde ele foi parar e quanto valia?

– Registro da empresa, talvez, ou uma conversa casual com Daphne, talvez o tenha colocado na pista certa.

– Mas isso ainda não explica como ele descobriu que era um original.

- Concordo – disse Charlie. – Desconfio de que ele não sabia e simplesmente viu o quadro como mais um meio de me desacreditar.
- Mas, então como...?
- Enquanto a Sra. Trentham teve vários anos para encontrar...
- Deus do céu, e onde é que entra Kitty?
- Ela serviu apenas para desviar a atenção, nada mais, utilizada pela Sra.

Trentham simplesmente para nos fazer cair na esparrela.

- Aquela mulher fará tudo para nos destruir?
- Desconfio de que sim. E, uma coisa é certa, ela não vai ficar nada satisfeita quando descobrir que os seus melhores planos falharam novamente.

Deixei-me cair na cadeira ao lado do meu marido.

- Que vamos fazer agora?

Charlie continuou segurando a pequena obra de arte, como se tivesse medo de que alguém a tomasse.

- Só há uma coisa a fazer.

Dirigi até a casa do arcebispo nessa noite e estacionei a porta da entrada de serviço.

- Que apropriado – comentou Charlie, antes de bater suavemente a uma velha porta de carvalho. Um padre abriu a porta e, sem uma palavra, fez-nos sinal para que entrássemos, antes de nos conduzir à presença do arcebispo, que encontramos tomando um copo de vinho com o bispo de Reims.

- Sir Charles e Lady Trumper – anunciou o padre.

– Bem-vindos, meus filhos– disse o arcebispo, vindo cumprimentar-nos.

– Este é um prazer inesperado – acrescentou ele, depois de Charlie lhe beijar o anel. – Mas o que os traz à minha casa?

– Temos uma pequena oferta para o bispo – disse eu, entregando-lhe um embrulho. O bispo sorriu o mesmo sorriso com que dissera que o quadro era uma cópia. Abriu lentamente o embrulho, como uma criança que recebe um presente sem ser dia de aniversário. Segurou durante algum tempo a pequena obra-prima nas mãos, antes de a passar ao arcebispo.

– Verdadeiramente magnífico! – disse o arcebispo, que a examinou cuidadosamente antes de a devolver ao bispo. – Mas onde o vai pendurar?

– Acima da cruz da capela de St. Augustine acho que é um bom lugar –

respondeu o bispo. – E, possivelmente, com o tempo, alguém mais versado nesses assuntos do que eu dirá que este quadro é um original. – Ergueu os olhos e sorriu, um sorriso maroto para um bispo.

O arcebispo voltou-se para mim:

– Aceitam jantar conosco?

Agradei-lhe a gentil oferta e murmurei uma desculpa qualquer sobre um compromisso anterior, antes de ambos lhe desejarmos uma boa noite e sairmos, tão silenciosamente como havíamos entrado.

Quando a porta se fechou, ouvi o arcebispo dizer:

– Você ganhou a aposta, Pierre.

CAPÍTULO 36

– Vinte mil libras? – disse Becky, parando à porta do nº 14 I. – Deve estar brincando.

– E o preço que o agente pede – disse Tim Newman.

– Mas a loja não pode valer mais de três mil, no máximo – disse Charlie, olhando para o único edifício do bloco de que ainda não era dono, com exceção dos apartamentos. – Em todo o caso, eu assinei um acordo com o Sr. Sneddles que quando...

– Mas não inclui os livros – disse o banqueiro.

– Mas nós não queremos os livros – disse Becky reparando, pela primeira vez, que uma pesada corrente com cadeado os impedia de entrar no edifício.

– Então, não podem tomar posse da loja, porque, enquanto o último livro não for vendido, seu acordo com o Sr. Sneddles não tem validade.

– Quanto valem, de fato, os livros? – perguntou Becky.

– Bem à sua maneira, o Sr. Sneddles marcou a lápis o preço em todos eles

– disse Tim Newman. – O seu colega, o Dr. Halcombe, diz-me que o total é de cerca de cinco mil libras, com exceção...

– Então, compre-os todos – disse Charlie –, porque, se conheço Sneddles, ele, provavelmente, atribuiu preços inferiores ao que valem. Depois, Becky pode leiloar a coleção inteira mais para o fim do ano. Assim, não nos deve custar mais de umas mil...

– Com exceção de uma primeira edição de Songs of innocence –

acrescentou Newman. – Encadernado em pergaminho, está marcado no inventário de Sneddles quinze mil libras.

– Quinze mil libras num momento em que tenho de contar tostões. Quem julga que...?

– Alguém que sabe que não pode dar prosseguimento ao seu projeto enquanto não tiver essa loja? – sugeriu Newman.

– Mas como podia ela?

– Porque o Blake em questão foi originalmente adquirido na livraria Heywood Hill, em Curzon Street, pela principesca soma de quatro libras e dez xelins, e desconfio de que a dedicatória desvenda parte do mistério.

– Sra. Ethel Trentham, aposto – disse Charlie.

– Não, mas não está longe. As palavras exatas da dedicatória, se bem me lembro são: “Do seu neto amigo, Guy, 9 de julho de 1917.”

Charlie e Becky olharam para Tim Newman durante algum tempo, até que Charlie perguntou:

– O que quer dizer com parte do mistério?

– Desconfio de que ela precisa do dinheiro – respondeu o banqueiro.

– Para quê? – perguntou Becky, incrédula.

– Para poder comprar ainda mais ações na empresa Trumper, de Chelsea.

Em 19 de julho de 1948, duas semanas depois de o bispo ter regressado a Reims, foi enviado à imprensa o anúncio oficial do lançamento de ações da empresa Trumper no mercado, de modo a coincidir com os anúncios de página inteira no The Times e Financial Times. Tudo o que Charlie e Becky podiam fazer agora era esperar a

reação do público. Três dias depois do anúncio da emissão da semana, o Banco Comercial recebera o dobro das propostas necessárias. Quando todos os pedidos tinham sido contados, Charlie e Tim Newman ficaram com um único problema: como atribuir às ações.

Concordaram que as instituições que haviam solicitado um grande número deveriam ser aceitas em primeiro lugar, para que a Administração pudesse ceder facilmente à maioria das ações se, no futuro, surgisse algum problema.

O único pedido que intrigou Tim Newman veio da firma Hambros, que não fornecia qualquer explicação do motivo pelo qual desejava comprar cem mil ações, o que lhe daria controle de dez por cento da empresa. No entanto, Tim recomendou que o presidente aceitasse o pedido, oferecendo-lhes, ao mesmo tempo, um lugar no conselho de administração. Charlie concordou, mas só depois de a Hambros ter confirmado que o pedido não provinha da Sra.

Trentham nem dos seus representantes. Duas outras entidades haviam solicitado cinco por cento: a Prudential Assurance, com a qual a empresa trabalhava desde o início, e uma dos Estados Unidos, que Becky descobriu ser simplesmente uma frente para um dos fundos da família Field. Charlie aceitou prontamente esses dois pedidos, e as restantes ações foram, então, divididas entre outros mil e setecentos investidores normais, incluindo cem ações, o mínimo permitido que foram vendidas a uma pensionista que vivia em Chelsea. A Sra. Symonds havia escrito um bilhete a Charlie, lembrando-lhe que tinha sido uma das suas primeiras freguesas, quando ele abria a sua primeira loja.

Tendo distribuído as ações, Tim Newman achou que o próximo assunto em que Charlie deveria pensar era a nomeação de mais elementos para o conselho de administração. A Hambros sugeriu um Dr. Baverstock, sócio principal dos advogados Baverstock, Dickens e Cobb, que Charlie aceitou sem reticências.

Becky sugeriu que Simon Matthews, que praticamente geria a casa de leilões quando ela estava ausente, também devia ser nomeado. Charlie concordou também, o que elevou o número total do conselho de administração para nove elementos.

Foi Daphne quem disse a Becky que o nº 17 de Eaton Square ia ser vendido, e Charlie só teve de ver a casa de oito quartos uma única vez, para decidir que era ali que queria passar o resto da vida. Não pareceu ocorrer a Charlie que alguém teria que supervisionar a mudança, ao mesmo tempo que os Armazéns Trumper estavam sendo construídos. Becky ter-se-ia queixado, se não se tivessem também apaixonado pela casa.

Alguns meses depois, Becky deu uma festa de inauguração da casa em Eaton Square.

Mais de cem pessoas foram convidadas pelos Trumpers para um jantar que teve de ser servido em cinco salas diferentes.

Daphne chegou tarde e queixou-se de ter sido surpreendida por um engarrafamento desde Sloane Square, enquanto o coronel veio da ilha de Skye sem um queixume. Daniel veio de Cambridge acompanhado por Marjorie Carpenter e, para surpresa de Becky, Simon Matthews chegou de braço dado com Cathy Ross.

Depois do jantar, Daphne fez um pequeno discurso e ofereceu a Charlie um modelo miniatura das lojas Trumper, que, na verdade, era uma cigarreira em prata.

Becky calculou que o presente tinha sido um êxito porque, depois de o último convidado ter ido embora, o marido levou a cigarreira para cima e colocou-a na sua mesinha de cabeceira.

Charlie enfiou-se na cama e olhou mais uma vez para o seu novo brinquedo, enquanto Becky saía do banheiro.

– Já pensou em convidar Percy para diretor? – disse ela, deitando-se.

Charlie dirigiu-lhe um olhar cético.

– Os acionistas poderiam gostar de ter um marquês no topo da empresa.

Teriam uma sensação de confiança.

– Você é tão esnobe, Rebecca Salmon. Sempre foi e sempre será,

– Você não disse isso quando sugeri que o coronel fosse o nosso primeiro presidente, há vinte e cinco anos.

– É verdade – disse Charlie –, mas não pensei que ele aceitasse. Em todo caso, se eu quisesse mais alguém de fora, preferia ter Daphne na Administração.

Assim, além do nome, contaríamos com o seu bom senso muito especial.

– Eu é que devia ter tido essa ideia.

Quando Becky fez o convite a Daphne para entrar para a Administração da Trumper como diretora não executiva, a duquesa ficou encantada e aceitou sem pensar duas vezes para surpresa de todos, Daphne desempenhou as suas novas atribuições com enorme energia e entusiasmo. Nunca faltava a uma reunião do conselho de administração, lia sempre os documentos com grande atenção e sempre que achava que Charlie não tinha abordado em suficiente clareza o ponto a ser discutido ou, pior ainda, estava tentando fazer algo sem dar explicações, ela insistia até obter uma explicação detalhada do que ele tinha em mente.

– Ainda está tentando construir os Armazéns Trumper pelo custo indicado no seu documento de oferta original, Sr. Presidente? –

perguntava ela insistentemente durante os dois anos seguintes.

– Não tenho tanta certeza de ter sido uma boa ideia convidar Daphne para diretora – resmungou Charlie para Becky após uma reunião particularmente agitada, em que a marquesa tinha levado a melhor.

– Não ponha a culpa em mim – respondeu Becky. – Eu ficaria satisfeita com Percy, mas, afinal, sou uma esnobe.

Os arquitetos levaram quase dois anos para terminar as duas torres gêmeas dos Armazéns Trumper, o bloco que as unia e cinco andares de escritórios sobre o espaço vazio da Sra. Trentham. A tarefa não foi fácil pelo fato de Charlie esperar que o negócio prosseguisse nas lojas como se nada de anormal se passasse à sua volta.

Foi uma fonte de admiração para todos os envolvidos que, durante o período de transição, a empresa Trumper tivesse perdido apenas dezenove por cento dos lucros anuais.

Charlie supervisionava tudo, desde a localização exata das cento e dezoito seções à cor dos vinte e sete acres de carpete, da velocidade dos doze elevadores à voltagem das cem mil lâmpadas, da decoração das noventa e seis vitrines aos uniformes dos mais de setecentos empregados, todos eles com um pequeno carinho prateado na lapela.

Quando Charlie compreendeu de quanto espaço para depósito precisaria, para não falar no estacionamento subterrâneo, agora que tantos clientes tinham carro próprio, os custos subiram consideravelmente em relação ao orçamento previsto. No entanto, os empreiteiros conseguiram terminar a construção em 1º

de setembro de 1949, principalmente porque Charlie aparecia no local todas as manhãs às quatro e meia e, muitas vezes, não voltava a casa antes da meia-noite.

No dia 18 de outubro de 1949, a marquesa de Wiltshire, acompanhada pelo marido, presidiu à cerimônia oficial da inauguração.

Mil pessoas ergueram os seus copos quando Daphne anunciou que o edifício estava inaugurado. Os convidados reunidos fizeram o possível por comer e beber os lucros do primeiro ano da empresa. Mas Charlie não parecia reparar; percorria, feliz, andar por andar, verificando se tudo estava exatamente como ele queria e certificando-se de que os fornecedores estavam sendo bem tratados.

Amigos, familiares, acionistas, compradores, vendedores, jornalistas, penetras e mesmo clientes festejavam em todos os andares. À uma da tarde, Becky estava tão cansada que decidiu procurar o marido, na esperança de que ele concordasse em ir para casa. Encontrou o filho na seção de artigos de cozinha examinando um frigorífico que seria muito grande para o seu quarto em Trinity. Daniel garantiu a mãe que tinha visto Charlie sair do edifício cerca de uma hora antes.

– Sair do edifício? – disse Becky, incrédula. – Com certeza seu pai não iria para casa sem mim. – Tomou o elevador para o térreo e dirigiu-se rapidamente a entrada principal. O porteiro cumprimentou-a, enquanto lhe abria uma das enormes portas duplas que davam para Chelsea Terrace.

– Viu Sir Charles, por acaso? – perguntou-lhe Becky.

– Sim, minha senhora. – Acenou a cabeça na direção do outro lado da rua.

Becky olhou e viu Charlie sentado no seu banco, com um velho ao lado.

Conversavam animadamente, olhando para os Armazéns Trumper. O velho apontava algo que lhe havia chamado à atenção, e Charlie sorriu. Becky atravessou rapidamente a rua, mas o coronel já tomara posição de sentido antes de ela chegar junto dele.

– Que bom vê-la, minha querida – disse ele, inclinando-se para beijar Becky no rosto, – Como eu gostaria de que Elizabeth ainda estivesse viva para poder ver isto.

– Na minha opinião, estamos num impasse – disse Charlie. Por isso, talvez seja a hora de fazer uma votação.

Becky olhou em volta da mesa do conselho de administração, se perguntando qual seria a direção do voto. À direita estava a secretária da empresa, Jessica Allen, que não tinha direito a voto, mas estava ali para registrar fielmente todas as votações. Arthur Selwyn, que havia trabalhado com Charlie no Ministério da Agricultura durante a guerra, tinha deixado recentemente o funcionalismo público para substituir Tom Arnold, que se aposentara do posto de diretor-geral. Selwyn estava provando ser uma escolha inspirada, sendo perspicaz e minucioso, e o contraste ideal para Charlie, uma vez que tentava evitar confrontos sempre que possível.

Tim Newman, o jovem banqueiro comercial da empresa, era sociável e simpático e apoiava Charlie quase sempre, embora não se coibisse de dar uma opinião contrária se achasse que as fianças da empresa iriam sofrer. Paul Merrick, diretor financeiro, não era sociável nem simpático e continuava a mostrar claramente que sua lealdade era e seria sempre para com o Child's Bank e o seu investimento. Quanto a Daphne, raramente votava como se esperava que fizesse, e certamente não andava a reboque de Charlie – nem de ninguém. O Dr. Baverstock, um advogado calmo, idoso, que representava dez por cento das ações da empresa em nome da Hambros, raramente falava, mas, quando o fazia, todos, incluindo Daphne, o escutavam.

Ned Denning e Bob Makins, que trabalhavam para Charlie há quase trinta anos, raramente iam contra a vontade do seu presidente, enquanto Simon Matthews mostrava frequentemente sinais de independência que só confirmavam a elevada opinião que Becky originalmente fizera dele.

– A última coisa de que precisamos agora e de uma greve – disse Merrick.

– Exatamente quando parece que o pior já passou.

– Mas as exigências do sindicato são simplesmente escandalosas – disse Tim Newman. – Aumento de dez xelins, semana de quarenta e quatro horas...

repito, e escandaloso.

– A maior parte das outras lojas principais concordaram com essas condições – disse Merrick, consultando um artigo do Financial Times que estava à sua frente.

– Deram-se por vencidas seria mais exato – respondeu Newman. – Devo avisar o conselho de administração de que isso aumentaria as nossas despesas com pessoal em cerca de vinte mil libras no corrente ano – e isso antes de pensarmos em horas extras. A longo prazo, há apenas um grupo de pessoas que iram sofrer, a dos nossos acionistas.

– Quanto ganha um balconista hoje? – perguntou calmamente o Dr. Barverstock.

– Duzentas e sessenta libras por ano – disse Arthur Selwyn, sem ter de verificar. – Com aumentos regulares, se completar quinze anos de serviço na empresa, pode atingir quatrocentas e dez libras por ano.

– Já vimos esses números inúmeras vezes – disse Charlie secamente.

Chegou a hora de decidir... mantemo-nos firmes ou cedemos às exigências do sindicato?

– Talvez estejamos exagerando, Sr. Presidente – disse Daphne, que não tinha falado até então. – Podemos não ter apenas essas duas opções.

– Tem uma solução alternativa? – Charlie não fez qualquer tentativa de disfarçar a sua incredulidade.

– É possível que tenha, Sr. Presidente. Em primeiro lugar, vejamos o que acontece se dermos o aumento ao nosso pessoal. Um desgaste óbvio dos nossos recursos, para não falar no que os japoneses chamariam autoridade. Por outro lado, se não concordarmos com as exigências deles, é possível que percamos os nossos melhores irmãos, assim como os mais fracos, para um dos nossos principais rivais.

– Então, o que sugere, lady Wiltshire? – perguntou Charlie, que se dirigia a Daphne pelo título sempre que queria mostrar que não concordava com ela.

– Um compromisso, talvez – respondeu Daphne, recusando-se a ser desafiada. – Se o Sr. Selwyn achar que ainda é possível. Os sindicatos estariam dispostos, por exemplo, a considerar uma proposta alternativa para salários e horário de trabalho, elaborada em negociação com o nosso diretor-geral?

– Eu poderia dar uma palavrinha a Don Short, o líder da USDAW, se a Administração desejar – disse Arthur Selwyn. – Sempre o achei um homem honesto e justo, e certamente tem demonstrado constante lealdade para com a empresa Trumper ao longo dos anos.

– O diretor-geral tratar diretamente com o representante do sindicato? –

gritou Charlie. – E depois o convidar para a Administração.

– Então, talvez, o Sr. Selwyn possa abordá-lo informalmente – disse Daphne. – Tenho certeza de que ele conseguiria lidar com o Sr.

Short com imensa habilidade.

– Eu concordo com Lady Wiltshire – disse o Dr. Baverstock.

– Então, proponho permitirmos que o Sr. Selwyn negocie em nosso nome –

continuou Daphne. – E esperemos que ele encontre maneira de evitar uma greve, sem ceder a tudo o que os sindicatos exigem.

– Eu certamente gostaria de tentar – disse Selwyn. – Informarei à Administração na nossa próxima reunião.

Mais uma vez, Becky admirou a maneira como Daphne e Arthur Selwyn, entre eles, haviam desativado uma bomba-relógio que o presidente teria, de bom grado, deixado explodir na mesa de reuniões do conselho de administração.

– Obrigado, Arthur – disse Charlie, com alguma relutância. – Assim seja.

Mais alguma coisa?

– Sim – disse Becky. – Eu gostaria de chamar a atenção do conselho de administração para um leilão de prata georgiana que se realizará no próximo mês. Os catálogos sairão na próxima semana, e espero que os diretores que estiverem livres nesse dia façam o possível para estar presentes.

– Como foi o leilão de antiguidades? – perguntou o Dr. Baverstock.

Becky olhou para a sua pasta.

– O leilão rendeu vinte e quatro mil e setecentas libras, das quais a empresa Trumper recebeu sete e meio por cento de tudo que foi leiloado. Só três itens não atingiram o preço mínimo, e esses foram retirados.

– Só estou curioso quanto ao êxito do leilão – disse o Dr. Baverstock
–

porque a minha querida mulher comprou um armário da corte de Carlos II.

– Uma das melhores peças do leilão – disse Becky.

– Minha mulher certamente achou que era, porque licitou muito mais do que tencionara fazer. Agradeceria não lhe enviassem o catálogo do leilão de prata.

Os outros membros do conselho de administração riram.

– Eu li – disse Tim Newman – que a Sotheby's está pensando em subir a sua comissão para dez por cento.

– Eu sei – disse Becky. – Isso é exatamente a razão pela qual não posso pensar em fazer o mesmo durante, pelo menos, mais um ano. Se quiser continuar a roubar os seus melhores clientes, tenho de me manter competitiva a curto prazo.

Newman acenou com a cabeça, concordando.

– No entanto – continuou Becky –, permanecendo em sete e meio por cento, os meus lucros em 1950 não serão tão elevados como eu gostaria. Mas, até os principais vendedores virem nos procurar, esse é um problema que continuarei a enfrentar.

– E os compradores? – perguntou Paul Merrick.

– O problema não são eles. Se temos o produto para vender, os compradores aparecem sempre. Compreenda, os vendedores são a força vital de qualquer casa de leilões e são tão importantes como os compradores.

– Negócio esquisito, o seu – disse Charlie com um sorriso. – Mais alguma coisa?

Como ninguém falou, Charlie agradeceu a todos os membros do conselho de administração a sua presença e levantou-se do seu lugar, um sinal que sempre indicava que a reunião tinha finalmente acabado.

Becky pegou seus papéis e começou a dirigir-se de novo para a galeria com Simon.

– Já acabou os cálculos para o leilão de prata? – perguntou ela, enquanto tomavam o elevador, com as portas já se fechando. Apertou o T e o elevador começou a lenta viagem para o térreo.

– Já. Acabei a noite passada. Ao todo, cento e trinta e duas peças. Calculo que faremos cerca de sete mil libras.

– Eu vi o catalogo pela primeira vez essa manhã – disse Becky. – Parece-me que Cathy fez outro trabalho de primeira. Só encontrei uns pequenos erros, mas, mesmo assim, gostaria de verificar as últimas provas antes de serem enviadas de novo para a tipografia.

– Com certeza – disse Simon. – Mandarei todas as folhas soltas ao seu gabinete esta tarde. – Saíram do elevador.

– Aquela moça foi um verdadeiro achado – disse Becky. – Deus sabe o que ela fazia trabalhando num hotel antes de vir para cá. Terei muitas saudades, quando ela voltar para a Austrália.

– Há boatos de que ela está pensando em ficar.

– Isso é uma boa notícia – disse Becky. – Pensei que ela só queria passar alguns anos em Londres antes de voltar para Melbourne.

– Era o que ela tencionava fazer. No entanto, eu posso tê-la convencido a ficar um pouco mais de tempo.

Becky ia pedir a Simon que explicasse melhor, mas, assim que entraram na galeria, ela foi imediatamente rodeada pelos empregados ansiosos por que ela lhes prestasse atenção.

Depois de ter respondido a várias perguntas, Becky pediu a uma das moças que localizasse Cathy.

– Ela não está no momento, Lady Trumper – disse-lhe a empregada.
– Vi-a sair há cerca de uma hora.

– Sabe onde ela foi?

– Não faço ideia.

– Bem, assim que ela regressar, peça-lhe que venha ao meu gabinete.

Entretanto, pode mandar-me as provas do catálogo do leilão da prata?

Becky parou várias vezes no caminho para o gabinete, a fim de tratar de outros problemas da galeria que tinham surgido na sua ausência, por isso, quando se sentou à secretária, as provas para o leilão da prata já estavam à sua espera. Começou a virar lentamente as páginas, comparando cada uma das peças com a respectiva fotografia e, depois, a descrição pormenorizada. Ela tinha de concordar com Simon – Cathy Ross tinha feito um trabalho de primeira. Estava examinando a fotografia do pote de mostarda georgiano que Charlie havia arrematado na Christie alguns anos antes, quando bateram à porta e a cabeça de uma mulher jovem apareceu.

– Queria falar comigo?

– Queria. Entre, Cathy.

Becky olhou a jovem alta, magra, de cabelo farto encaracolado e um rosto que ainda não havia perdido todas as sardas. Gostava de pensar que o seu corpo tinha sido um dia tão bonito como o de Cathy, mas o espelho do banheiro fazia-lhe lembrar, de um modo pouco lisonjeiro, que ela se aproximava rapidamente dos 50 anos.

– Eu só queria verificar as últimas provas do catálogo do leilão da prata antes de devolver à tipografia.

– Desculpe não estar quando voltou da reunião da Administração – disse Cathy. – Mas aconteceu uma coisa que me preocupou. Posso estar exagerando, mas acho que, em todo o caso, deve saber.

Becky tirou os óculos, colocou-os em cima da secretária e levantou os olhos:

– Estou ouvindo.

– Lembra-se do homem que se levantou durante o leilão italiano e causou toda aquela balbúrdia com o Bronzino?

– Como é que o poderia esquecer?

– Bem, ele esteve na galeria novamente essa manhã.

– Tem certeza?

– Estou bastante segura. Atarracado, cabelo grisalho, bigode castanho e tez amarelada. Até teve o descaramento de vestir outra vez aquele horroroso casaco de xadrez e a gravata amarela.

– Que queria ele dessa vez?

– Não tenho certeza, embora o observasse o tempo todo. Não falou com nenhum dos empregados, mas mostrou muito interesse em algumas peças que serão postas à venda no leilão da prata, em especial o lote 19.

Becky tomou a pôr os óculos e voltou rapidamente às paginas do catálogo até chegar à peça em causa:

– Um serviço de chá de prata georgiana composto por quatro peças, bule, açucareiro, coador e pinças para o açúcar, marcadas com uma âncora. – Becky olhou para as letras “AH” impressas na margem. – Valor estimado: setenta libras. Uma das nossas melhores peças.

– E ele obviamente concorda com a senhora – respondeu Cathy – porque passou bastante tempo examinando todas as peças individualmente, depois fez muitos apontamentos, antes de ir embora. Até comparou o bule com uma fotografia que havia trazido.

– A nossa fotografia?

– Não, parecia ser dele.

–Tinha, hem? – disse Becky, voltando a examinar a fotografia do catálogo.

– E eu não estava aqui quando voltou da reunião do conselho de administração porque, quando ele saiu da galeria, resolvi segui-lo.

– Raciocínio rápido – disse Becky, sorrindo. – E onde é que o nosso homem-mistério desapareceu?

– Foi à Chester Square – disse Cathy. – Uma casa grande, do lado direito.

Colocou um embrulho na caixa do correio, mas não entrou.

– Número 19?

– Foi, sim – disse Cathy, parecendo surpresa. – Conhece a casa?

– Só por fora – disse Becky, sem qualquer explicação.

– Há alguma coisa em que eu possa ajudar?

– Há, sim. Para começar, lembra-se de alguma coisa sobre a cliente que trouxe esse lote para venda?

– Certamente – respondeu Cathy –. porque fui chamada ao balcão da frente para a atender. – Fez uma pausa durante um momento, antes de acrescentar: – Não me lembro do nome dela, mas era de idade e um tanto...

afetada... é como penso que a descreveria. – Cathy hesitou, depois prosseguiu.

– Conforme me lembro, ela tinha vindo de Nottingham passar o dia aqui.

Não queria vender uma peça de família, mas... a necessidade obriga.

– Lembro-me dessa expressão porque nunca a tinha ouvido antes.

– E qual foi à opinião do Sr. Fellowes quando lhe mostrou o serviço?

– Um dos melhores exemplares do período que ele já vira em leilões...

todas as peças em estado quase perfeito. Peter está convencido de que o lote obterá um bom preço, como pode ver por sua estimativa.

– Então, é melhor chamarmos a polícia imediatamente – disse Becky.

– Não precisamos esperar o nosso homem-mistério levantar-se outra vez para anunciar que essa peça também foi roubada.

Pegou o telefone em cima da secretária e pediu uma chamada para a Scotland Yard. Alguns momentos mais tarde, um inspetor Deakins da polícia judiciária a atendeu e, tendo escutado um relato do que se passara nessa manhã, concordou em vir à galeria à tarde.

O inspetor chegou um pouco depois das três, acompanhado por um sargento. Becky apresentou –os imediatamente ao chefe da seção. Peter Fellowes apontou um pequeno risco que havia notado numa salva de prata.

Becky franziu a testa. Ele deixou o que estava fazendo e dirigiu-se à mesa do centro, onde o serviço de quatro peças já estava em exibição.

– Lindo – disse o inspetor inclinando-se e examinando a marca. – Eu diria Birmingham, por volta de 1820.

Becky ergueu uma sobrancelha.

– É o meu passatempo – explicou o inspetor. – E provavelmente por isso que acabo ficando sempre com esses casos. – Tirou um processo da pasta que trazia e verificou várias fotografias, juntamente com a descrição de todas as peças de prata roubadas recentemente em Londres. Uma hora depois, teve de concordar com Fellowes que nenhuma condizia com a descrição do serviço de chá georgiano.

– Bem, não nos foi apresentada queixa de mais nada roubado que condiga com este lote – admitiu ele. – E poliu tão bem as peças – disse ele, voltando-se para Cathy – que não existe qualquer esperança de identificarmos as impressões digitais.

– Desculpe – disse Cathy, corando um pouco.

– Não, senhorita, a culpa não é sua, fez um esplêndido trabalho. Quem me dera que as minhas peças estivessem tão bonitas. Mesmo assim, vou falar com o quartel de Nottingham, no caso de terem algo nos seus fichários. Se não tiverem, vou enviar uma descrição a todos os quartéis do Reino Unido, só para ter a certeza. E vou pedir-lhes também que verifiquem a Sra. ...?

– Dawson – disse Cathy.

– Exatamente, Sra. Dawson. Pode levar algum tempo, claro, mas eu entro em contato assim que souber alguma coisa.

– Entretanto, o nosso leilão será desta terça-feira a três semanas – Becky lembrou ao inspetor.

– Certo, tentarei dizer-lhe se esta tudo bem ate lá – prometeu ele.

– Devemos deixar essa página no catálogo ou prefere que retiremos as peças? – perguntou Cathy.

– Oh, não, não retirem nada. Por favor, deixem o catálogo exatamente como está. Assim, alguém pode reconhecer o serviço e nos contratar.

“Alguém já reconheceu o serviço”, pensou Becky.

– Agora – continuou o inspetor –, eu ficaria grato se me desse uma cópia da fotografia do catálogo, assim como um dos negativos durante alguns dias.

Quando Charlie soube do serviço de chá. georgiano, durante o jantar, seu conselho foi simples: retirar as peças do leilão e promover Cathy.

– Sua primeira sugestão não é assim tão simples – disse Becky. – O

catálogo vai ser enviado ao publico no fim desta semana. Que explicação iríamos dar a Sra. Dawson para ter retirado a peça herdada de sua querida mãe?

Que já sabemos, não era de sua querida mãe e que a retiramos porque havia razões para acreditar que havia sido roubada.

– Se fizéssemos isso, poderíamos ter um processo por quebra de contrato –

disse Becky – se descobríssemos, mais tarde, que a Sra. Dawson está totalmente inocente de tal acusação. Se ele nos levasse ao tribunal, não teríamos grande defesa.

– Se essa Sra. Dawson estiver tão completamente inocente como você pensa, então por que razão a Sra. Trentham mostra tanto interesse pelo serviço de chá? Porque eu tenho a sensação de que ela já tem um.

Becky riu.

– Certamente tem. Eu sei, porque até o vi, embora nunca tenha tomado à xícara de chá que foi prometida.

Três dias depois, o inspetor Deakins telefonou a Becky para lhe comunicar que a polícia de Nottingham não tinha qualquer registro de algo roubado na sua zona que condissesse com a descrição do serviço de chá, e podia também confirmar que não conhecia a Sra. Dawson. Ele tinha, portanto, enviado os dados a todos os quartéis do país. – Mas – acrescentou ele – a polícia local nem sempre colabora com a de Londres, quando se trata de trocar informações.

Quando desligou, Becky decidiu liberar e enviar os catálogos, apesar da apreensão de Charlie; foram postos no correio no mesmo dia, juntamente com os convites para a imprensa e clientes selecionados.

Dois jornalistas solicitaram credenciais para o leilão. Uma Becky invulgarmente suscetível investigou-os, tendo descoberto que ambos trabalhavam para jornais nacionais e já tinham, por várias vezes, feito a cobertura de leilões da Trumper.

Simon Matthews achou que Becky estava exagerando, enquanto Cathy concordava com Sir Charles em que o procedimento mais sensato seria retirar o serviço de chá do leilão até Deakins informar que estava tudo bem.

– Se retirássemos peças sempre que um homem se interessa por um dos nossos leilões, acabaríamos por fechar as portas e passar o tempo olhando as estrelas – disse-lhes Simon.

Na segunda-feira antes do leilão, o inspetor Deakins telefonou querendo falar urgentemente com Becky. Chegou à galeria trinta minutos mais tarde, acompanhado novamente pelo seu sargento. Desta vez, a única coisa que tirou da pasta foi um exemplar do Evening Express, de Aberdeen. Datado de 15

outubro de 1949.

Deakins pediu para examinar mais uma vez o serviço de chá georgiano Becky concordou, acenando com a cabeça, e o policial comparou as peças uma a uma, com as da fotografia que estava numa página interna do jornal.

– São elas, sim – disse, depois de ter voltado a verificar. Mostrou a fotografia a Becky.

Cathy e Peter Fellowes também examinaram todas as peças, olhando atentamente para a fotografia do jornal, e tiveram de concordar com Deakins que não havia dúvidas.

– Essas peças foram roubadas do Museu da Prata, de Aberdeen, há cerca de três meses – informou o inspetor. – Os imbecis da polícia local nem sequer se deram ao trabalho de nos informar. Sem dúvida, acharam que não tínhamos nada a ver com o assunto.

– Então, o que acontecerá agora?

– A polícia de Nottingham já fez uma visita a Sra. Dawson e encontrou várias outras peças de prata escondidas na casa. Ela já foi levada ao quartel para, segundo diz a imprensa, auxiliar a polícia nas investigações. – Colocou o jornal de novo na pasta. – Depois de lhes telefonar para confirmar as minhas suspeitas, suponho que será

acusada ainda hoje. No entanto, lamento ter de levar o serviço de chá comigo para a Scotland Yard.

– Com certeza – disse Becky.

– O sargento lhe passa um recibo, Lady Trumper, e gostaria de lhe agradecer a cooperação. – O inspetor hesitou, olhando com carinho o serviço de chá. – O salário de um mês – disse ele com um suspiro – e roubado por razões erradas. – Tirou o chapéu, e os dois policiais saíram da galeria.

– E agora, o que faremos? – disse Cathy.

– Não podemos fazer muito. – Becky suspirou. – Prosseguir com o leilão, como se nada tivesse acontecido, e, quando chegar à vez desse lote, simplesmente anunciar que a peça foi retirada.

– Mas, então, o nosso homem levanta-se de um salto e diz: “Esse não é outro exemplo de anunciar mercadoria roubada e depois ter de a retirar à última hora?” – Não parecemos muito urna casa de leilões – disse Simon, a sua voz elevando-se de raiva. – Mais uma casa de penhores. Então, por que não colocar três bolas à porta e uma grade, para dar uma ideia do tipo de pessoa que esperamos atrair?

Becky não reagiu.

– Se isso o perturba tanto, por que não tentar utilizar todo o episódio a nosso favor? – sugeriu Cathy.

– O que quer dizer? – perguntou Becky, enquanto ela e Simon se voltaram para olhar de frente a jovem australiana.

– Colocar a imprensa do nosso lado, para variar.

– Não tenho certeza de compreender bem aonde você quer chegar,
–

Telefone àquele jornalista do Telegraph... como é que ele se chama?... Barker...

e dê-lhe toda a história.

– De que iria servir isso? – perguntou Becky.

– Desta vez, ele terá a nossa versão do que aconteceu e ficará muito contente por poder furar os concorrentes, especialmente depois do fiasco com o Bronzino.

– Acha que ele estará interessado num serviço de chá que vale setenta libras?

– Com um Museu escocês envolvido e um receptor profissional preso em Nottingham? Claro que estará interessado. Especialmente se não dissemos a mais ninguém.

– Gostaria de receber você mesma o Sr. Barker, Cathy? – perguntou Becky.

– É só me dar à oportunidade.

Na manhã seguinte, o Daily Telegraph tinha uma pequena, mas proeminente notícia na página três relatando que a Trumper, leiloeiros de arte, havia chamado a polícia depois de ter suspeitas quanto aos donos de um serviço de chá georgiano que mais tarde se descobriu ter sido roubado do Museu da Prata, de Aberdem. A polícia de Nottingham já prendera uma mulher que foi, depois, acusada de negociar mercadoria roubada. O artigo continuava dizendo que o inspetor Deakms, da Scotland Yard, havia dito ao Telegraph: “Só gostaríamos de que todas as casas de leilões e galerias em Londres fossem tão conscienciosas como a casa Trumper.”

O leilão dessa tarde teve bastante assistência e apesar de ter perdido uma das suas peças centrais, a Trumper ainda conseguiu

exceder várias estimativas.

O homem de casaco xadrez e gravata amarela não apareceu.

Quando leu o Telegraph na cama, nessa noite, Charlie comentou:

– Então, não seguiu o meu conselho?

– Sim e não – disse Becky. – Admito que não retirei imediatamente o serviço de chá, mas promovi Cathy.

CAPÍTULO 37

No dia 9 de novembro de 1950, a empresa Trumper teve a sua segunda assembleia geral anual.

Os diretores encontraram-se às dez horas na sala de reuniões, para que Arthur Selwyn lhes explicasse os trâmites que seguiria quando enfrentassem os acionistas.

Às onze horas em ponto, ele conduziu o presidente e oito diretores para o salão principal, como se fossem crianças levadas em fila indiana para a missa matinal.

Charlie apresentou todos os membros do conselho de administração à assistência, cerca de cento e vinte pessoas – um número respeitável para uma ocasião do gênero, segredou Tim Newman ao ouvido de Becky. Charlie tratou dos assuntos da agenda sem a ajuda do diretor-geral e foi apenas feita uma pergunta embaraçosa – por que motivo os custos haviam ultrapassado em tanto o orçamento, no primeiro ano?

Arthur Selwyn levantou-se para explicar que o custo da construção havia excedido a previsão inicial e que a inauguração tivera custos que não voltariam se repetir. Ele também fez notar que, com respeito estritamente às vendas, a empresa Trumper havia

conseguido cobrir as despesas no primeiro trimestre do segundo ano.

Acrescentou que estava confiante quanto ao ano em curso, especialmente com o esperado aumento de turistas que seriam atraídos a Londres pelo Festival da Inglaterra. No entanto ele avisou os acionistas de que talvez fosse necessário aumentar ainda mais o capital, se quisessem ampliar as instalações.

Charlie declarou encerrada a Assembleia Geral Anual, mas permaneceu sentado, porque o conselho de administração recebeu uma pequena ovação, o que colheu o presidente de surpresa.

Becky estava prestes a regressar ao número 1 para continuar seu trabalho num leilão impressionista que havia planejado para a primavera, quando o Dr.

Baverstock lhe tocou levemente o cotovelo.

– Pode dar-me uma palavra em particular. Lady Trumper?

– Certamente. Dr. Baverstock. – Becky olhou em volta, à procura de um lugar sossegado onde pudessem conversar.

– Penso que, talvez, o meu escritório na High Holborn seja mais apropriado

– sugeriu ele. – Compreenda, é um assunto um tanto delicado. Amanhã, às três horas, convém à senhora?

Daniel havia telefonado de Cambridge, nessa manhã, e Becky não se lembrava de alguma vez ele ter sido tão conversador e cheio de notícias. Ela, por outro lado, não estava nada conversadora nem cheia de notícias; ainda não conseguira imaginar por que razão o sócio principal de Baverstock, Dickens e Cobb, queria falar com ela sobre “um assunto um tanto delicado”.

Ela não acreditava que a mulher do Dr. Baverstock desejasse devolver o armário da corte de Carlos II ou quisesse mais informações sobre o leilão impressionista, mas como, no seu caso, a ansiedade era sempre mais forte do que o otimismo, Becky passou as vinte e seis horas seguintes receando o pior.

Ela não preocupou Charlie com os seus problemas, porque, pelo pouco que sabia do Dr. Baverstock, tinha a certeza de que, se o marido estivesse envolvido, o advogado teria pedido para falar com ambos. Em todo caso, Charlie já tinha problemas suficientes sem se sobrecarregar com os dela.

Becky não almoçou e chegou ao escritório do advogado alguns minutos antes da hora marcada, sendo imediatamente conduzida ao gabinete do Dr.

Baverstock.

Foi cumprimentada com um sorriso afetuoso do seu colega diretor, como se fosse um familiar distante de sua grande família. Ele lhe ofereceu a cadeira em frente da sua, no lado oposto da ampla secretária de mogno.

– O Dr. Baverstock, concluiu Becky, devia ter cerca de 55 anos, talvez 60, rosto redondo, simpático, e os poucos cabelos brancos que lhe restavam tinham um risco certinho no meio da cabeça. O casaco escuro, o colete, as calças cinzentas de riscas poderiam ser usadas por qualquer dos advogados que exerciam num raio de cinco quilômetros quadrados, a partir do edifício em que agora estavam. Tendo regressado à sua cadeira, começou a examinar a pilha de documentos à sua frente, antes de tirar os óculos de meia lua.

– Lady Trumper – começou ele. – É muito amável de sua parte ter vindo. –

Nos dois anos em que se conheciam, ele nunca a havia tratado pelo seu nome próprio.

– Eu irei – continuou ele – direto ao assunto. Um dos meus clientes foi o falecido Sir Raymond Hardcastle. – Becky perguntou-se por que razão ele nunca mencionara esse fato, e estava prestes a protestar quando o Dr.

Baverstock acrescentou rapidamente: – Mas devo dizer desde já que a Sra.

Gerald Trentham não é, nem nunca foi, cliente desta firma.

Becky não fez qualquer esforço para disfarçar o seu alívio.

– Devo informá-la de que tive o privilégio de servir Sir Raymond Hardcastle durante mais de trinta anos e, na realidade, considerava-me não só o seu conselheiro legal, mas, no fim da sua vida, um amigo íntimo. Digo-lhe isso como informação sobre os antecedentes, Lady Trumper, pois pode achar que esses fatos são relevantes quando tiver ouvido tudo o que tenho a dizer.

Becky acenou com a cabeça, aguardando que o Dr. Baverstock fosse direto ao assunto.

– Alguns anos antes de morrer – continuou o advogado – Sir Raymond fez um testamento, dividindo o rendimento dos seus bens pelas duas filhas, um rendimento que, devo acrescentar, tem aumentado consideravelmente desde a sua morte, graças a alguns prudentes investimentos de sua parte. A filha mais velha era a Srta. Amy Hardcastle, e a mais nova, como certamente sabe, a Sra.

Gerald Trentham. O rendimento dos bens tem sido suficiente para dar a ambas as senhoras um nível de vida igual, se não consideravelmente superior, àquele a que estavam acostumadas antes de sua morte. No entanto...

“Será que o querido Dr. Baverstock alguma vez irá direto ao assunto?”

Becky começava a duvidar.

– Sir Raymond decidiu, na sua sabedoria, que o capital deveria permanecer intacto, depois de ter permitido que a firma que o seu pai havia fundado e ele tinha feito crescer com tanto êxito se fundisse com um dos seus maiores concorrentes. Compreenda, Lady Trumper, Sir Raymond achava que não havia nenhum membro de sua família que estivesse à altura de o substituir como presidente da empresa Hardcastle. Ele não considerava nenhuma das filhas, nem os netos, dos quais falarei daqui a momentos, competentes para gerir uma empresa.

O advogado retirou os óculos, limpou-os com um lenço que tirou do bolso superior e examinou atentamente as lentes antes de voltar à tarefa.

– Sir Raymond, compreenda, não tinha quaisquer ilusões sobre os seus familiares mais próximos. A filha mais velha, Amy, era uma senhora meiga, tímida, que tratou corajosamente do pai nos seus últimos anos de vida. Quando Sir Raymond morreu, ela saiu da casa da família e foi morar num pequeno hotel da costa, onde viveu até morrer, no ano passado.

– A filha mais nova, Ethel Trentham – continuou ele. – Deixe-me dizer o mais delicadamente que puder... Sir Raymond achava que ela talvez tivesse perdido o contato com a realidade e certamente que não reconhecia a sua ligação com o passado. De qualquer modo, eu sei que entristecia particularmente o velho o fato de não ter tido um filho, por isso, quando Guy nasceu, as suas esperanças para o futuro concentraram-se no seu pequeno neto.

A partir desse dia, deu-lhe tudo que ele queria. Mais tarde, culpou-se pela desgraça do rapaz. Não cometeu o mesmo erro quando Nigel nasceu, uma criança por quem ele não tinha nem afeto, nem respeito.

– No entanto, esta firma tinha instruções para manter o Sir Raymond constantemente informado sobre qualquer notícia que surgisse sobre os membros da sua família. Assim, quando o capitão Trentham renunciou, um tanto abruptamente, à sua carreira em 1922, foi-nos solicitado que tentássemos descobrir a verdadeira causa pela qual ele deixara o regimento. Sir Raymond certamente não acreditou na história da filha sobre o emprego como negociante de gado e, de fato, em certa altura, ele estava suficientemente preocupado para pensar em me enviar àquele continente a fim de descobrir a verdadeira história.

Nessa época, Guy morreu.

Becky estava sentada na cadeira com vontade de dar corda ao Dr.

Baverstock, como a um gramofone, para o fazer girar a mais de 78 rotações, mas já havia chegado à conclusão de que nada que ela dissesse ia acelera-lo na trilha que escolhera.

– O resultado das nossas investigações – continuou Baverstock – levou-nos a acreditar... e aqui, Lady Trumper, devo pedir desculpas por qualquer indelicadeza, pois não desejo ofendê-la... que Guy Trentham e não Charles Trumper é pai do seu filho.

Becky inclinou a cabeça, e o Dr. Baverstock pediu novamente desculpa antes de prosseguir.

– Sir Raymond, contudo, precisava estar convencido de que Daniel era seu bisneto e, por isso, fez duas visitas diferentes a St. Paul depois de o rapaz ter ganho uma bolsa para essa escola.

Becky olhava fixamente o velho advogado.

– Na primeira ocasião, ele viu seu filho tocar num concerto da escola, Brahms, se bem me lembro... e, na segunda, viu Daniel receber o Prêmio Newton para Matemática das mãos do reitor, no Dia do Fundador. Creio que a senhora também estava presente

nessa ocasião. Em ambas as visitas, Sir Raymond fez o possível para que o rapaz não soubesse que ele estava lá.

Depois da segunda visita, Sir Raymond ficou totalmente convencido de que Daniel era seu bisneto. Todos os homens da família têm aquele queixo Hardcastle, para não falar na tendência para se apoiar ora num pé, ora noutro, quando estão nervosos.

Sir Raymond alterou o testamento no dia seguinte.

O advogado pegou um documento atado com uma fita cor-de-rosa que estava em cima da secretária. Desatou lentamente a fita.

– Recebi instruções, minha senhora, para lhe ler as cláusulas relevantes deste testamento, quando eu o considerasse apropriado, mas nunca muito antes de o rapaz fazer trinta anos. Daniel faz trinta anos no próximo mês, se não estou enganado.

Becky acenou com a cabeça.

Baverstock viu o aceno e desdobrou lentamente as folhas rijas de pergaminho.

– Já lhe expliquei as providências quanto aos bens de Sir Raymond. No entanto, desde a morte da Srta. Amy, a Sra. Trentham tem recebido por inteiro os juros do Fundo, que são agora cerca de quarenta mil libras por ano. Que eu saiba, em momento algum tomou Sir Raymond qualquer providência com respeito ao seu neto mais velho, Guy Trentham, mas, uma vez que ele está morto, isso se tomou irrelevante. Subsequentemente, ele fez um pequeno legado ao seu outro neto, Sr. Nigel Trentham. – Fez uma pausa. – E agora devo citar as palavras exatas de Sir Raymond – disse ele, olhando o testamento.

Pigarreou antes de continuar.

– Depois de todos os compromissos terem sido honrados e as contas pagas, deixo todos os meus outros bens ao Sr. Daniel Trumper, do Trinity College, Cambridge, que entrará na completa posse desses bens após a morte da sua avó, Sra. Gerald Trentham.

Agora que o advogado havia chegado ao assunto, Becky ficou muda de espanto.

O Dr. Baverstock fez uma pequena pausa, para o caso de Becky querer dizer qualquer coisa, mas ela, como desconfiava de que ainda havia mais a ser revelado, permaneceu calada. Os olhos do advogado voltaram aos papéis à sua frente.

– Acho que devo acrescentar que tenho conhecimento... como, de fato, Sir Raymond também tinha... do modo como foi tratada tanto pelo neto como pela filha, por isso, tenho também de a informar que, embora o legado do seu filho seja considerável, não inclui a mansão em Ashurst, Berkshire, nem a casa em Chester Square. Essas são, desde a morte do marido, propriedade da Sra. Gerald Trentham. Nem inclui, e suponho que isso seja mais importante para a senhora, o terreno vago no centro de Chelsea Terrace, que não faz parte dos bens de Sir Raymond. No entanto, tudo o mais que era controlado por ele será eventualmente herdado por Daniel, embora, conforme expliquei, não antes da morte da Sra. Trentham.

– Ela tem conhecimento disso?

– Sim, tem. A Sra. Trentham foi informada das cláusulas do testamento pelo próprio pai algum tempo antes da morte dele. Ela até se informou se as novas cláusulas inscritas depois das visitas de Sir Raymond a St. Paul poderiam ser contestadas.

– Isso resultou em algum processo?

– Não. Pelo contrário. Ela, súbita e, devo confessar, inexplicavelmente, deu instruções aos seus advogados para retirar todas as objeções. Mas, qualquer que seja o resultado, Sir Raymond estipulou muito claramente que o capital nunca poderia ser utilizado ou controlado por nenhuma das filhas. Isso seria o privilégio de seu parente mais próximo.

O Dr. Baverstock fez uma pausa e colocou as palmas das mãos no mata-borrão à sua frente.

– Agora terei finalmente de lhe dizer – murmurou Becky baixinho.

– Acho que sim, Lady Trumper. De fato, o objetivo desta reunião era informá-la de toda a situação. Sir Raymond nunca teve certeza de que a senhora havia informado Daniel de quem era o pai dele.

– Não, nunca dissemos.

Baverstock tirou os óculos e colocou-os em cima da secretaria.

– Leve o tempo que for preciso, minha querida senhora, e avise-me logo que me seja permitido contatar o seu filho para o informar da sua boa sorte.

– Obrigada – disse Becky em voz baixa, sentindo que as suas palavras eram inadequadas.

– Finalmente – disse o Dr. Baverstock –, devo também dizer-lhe que Sir Raymond era um grande admirador de seu marido e do seu trabalho, de fato, da sua sociedade. De tal modo que deixou recomendado a esta firma que, se alguma vez a empresa Trumper vendesse ações ao público, o que ele calculou que acontecesse, nós deveríamos investir uma quantia substancial na nova empresa. Ele estava convencido de que essa empresa teria grande êxito e seria portanto, um Ótimo investimento.

– Então foi por isso que a Hambros investiu dez por cento quando lançamos as ações no mercado – disse Becky – Isso sempre nos intrigou.

– Exatamente – acrescentou o Dr. Baverstock com um sorriso, quase de satisfação. – Foi com instruções específicas minhas que a Hambros se candidatou a dez por cento das ações em nome do Fundo, para que não houvesse qualquer razão para que seu marido ficasse apreensivo por um acionista externo deter tantas ações.

– A quantia era, de fato, bastante inferior ao que os bens receberam como dividendos nesse ano. No entanto, mais importante, nós sabíamos, pelo documento de oferta, que Sir Charles tencionava reter cinquenta e um por cento da empresa e achamos, portanto, que ele ficaria aliviado ao saber que teria mais dez por cento sob seu controle indireto se surgissem, no futuro, problemas inesperados. Eu só espero que pensem que nós agimos no seu melhor interesse, uma vez que foi sempre o desejo de Sir Raymond que eu vos pusesse ao corrente de todos os fatos, quando o julgasse conveniente, com a única condição, conforme expliquei, de que essa informação não fosse revelada a seu filho antes de ele completar trinta anos.

– Não podia ter sido mais atencioso, Dr. Baverstock – disse Becky. –

Tenho certeza de que Charlie vai querer agradecer-lhe pessoalmente.

– É muito gentil de sua parte, Lady Trumper. Deve acrescentar que tive muito gosto nesta reunião. Tal como Sir Raymond, eu tenho tido muito prazer em seguir as carreiras dos três ao longo dos anos, e é com grande alegria que desempenho a minha pequena parte no futuro da empresa.

Tendo terminado a sua tarefa, o Dr. Baverstock levantou-se do seu lado da secretária e acompanhou Becky em silêncio até a porta principal do edifício.

Becky começou a pensar que o advogado só falava quando tinha uma incumbência.

– Aguardarei que me informe, querida senhora, quando puder contatar o seu filho.

CAPÍTULO 38

No fim de semana após a visita de Becky ao Dr. Baverstock, ela e Charlie foram a Cambridge falar com Daniel. Charlie havia insistido em que eles não podiam adiar por mais tempo e tinha telefonado a Daniel para o avisar de que iam vê-lo em Trinity, pois tinham uma coisa importante para lhe contar. Ao ouvir essa notícia, Daniel respondeu:

– Ótimo, porque eu também tenho uma coisa bastante importante para contar.

Na viagem para Cambridge, Becky e Charlie ensaiaram o que deveriam dizer e como o diriam, mas chegaram à conclusão de que, por mais cuidadosamente que tentassem explicar o que acontecera no passado, não conseguiam prever a reação de Daniel.

– Será que algum dia nos perdoara? – disse Becky. – Há anos devíamos ter dito tudo.

– Mas não dissemos.

– E só lhe dizemos quando nos poderá ser vantajoso financeiramente.

– E para ele também. Afinal de contas, vai herdar dez por cento da empresa, para não falar na herança Hardcastle. Vejamos como ele recebe a notícia e atuemos de acordo com a sua reação. – Charlie acelerou quando chegou a uma via rápida no outro lado de Rickmansworth. Durante algum tempo, nenhum deles falou, até que Charlie sugeriu: – Vamos novamente por ordem. Você começa contando como conheceu Guy...

– Talvez ele já saiba – disse Becky.

– Se soubesse, certamente faria perguntas...

– Não necessariamente. Ele foi sempre tão reservado, especialmente ao lidar conosco.

O ensaio prosseguiu até terem chegado aos arredores da cidade. Charlie guiou lentamente pelo Backs, passou pelo Queens College desviando de um grupo de estudantes no meio da estrada e, finalmente, virou à direita para Trinity Lane. Parou o carro no New Court, e ele e Becky passaram pela entrada C e subiram uma escadaria de pedra muito gasta, até chegar a uma porta com uma placa: "Dr. Daniel Trumper" – Becky tinha sempre vontade de sorrir quando se lembrava de que só descobrira que o filho obtivera o doutoramento quando alguém o tratara por Dr. Trumper na sua presença.

Charlie pegou a mão da mulher.

– Não se preocupe, Becky – disse ele. – Há de correr tudo bem. – Apertou-lhe os dedos, antes de bater com firmeza a porta de Daniel.

– Entre – gritou uma voz, que só podia ser a dele. No momento seguinte, ele abriu a pesada porra de carvalho para os receber. Deu um grande abraço na mãe antes de os mandar entrar para o seu desarrumado escritório, onde o chá já estava preparado em cima de uma mesa no centro da sala.

Charlie e Becky sentaram-se em duas das enormes e gastas cadeiras de couro que o colégio fornecia, e que provavelmente haviam pertencido aos seis anteriores ocupantes do quarto, e fizeram Becky recordar a cadeira que havia tirado da casa de Charlie, em Whitechapel, e vendido por um xelim.

Daniel serviu o chá e começou a torrar uma panqueca na lareira. Ninguém falou durante algum tempo, e Becky se perguntou onde teria o filho encontrado uma camisa de caxemira tão moderna.

– Fizeram boa viagem? – perguntou Daniel.

– Não foi má – disse Charlie.

– E como se comporta o carro novo?

- Ótimo.
 - E a empresa Trumper?
 - Podia estar pior.
 - Está muito conversador, papai, não está? Devia candidatar-se à vaga de professor de inglês que abriu recentemente.
 - Desculpe, Daniel – disse a mãe. É só que ele tem muita coisa preocupando-o no momento, uma das quais é o assunto sobre o qual queremos falar com você.
 - A hora não podia ser melhor – disse Daniel, voltando à atenção para a panqueca.
 - Por quê? – perguntou Charlie.
 - Porque, como eu disse, tenho uma coisa bastante importante para conversar com vocês. Por isso... quem fala primeiro?
 - Vamos ouvir as suas notícias – disse Becky rapidamente.
 - Não, acho que talvez seja melhor começarmos nós – interveio Charlie.
 - Por mim, tudo bem. – Daniel deixou cair uma panqueca tostada no prato da mãe. – Manteiga, doce em compota e mel – acrescentou ele, apontando três pequenos pratos que estavam em cima da mesa à sua frente.
 - Obrigada, querido – disse Becky.
 - Então, vamos lá, papai. A tensão está se tomando insuportável.
- Virou outra panqueca.

– Bem, as minhas novidades dizem respeito a um assunto que devíamos ter contado a você há muitos anos e, de fato, teríamos feito se...

– Uma panqueca, papai?

– Sim, obrigado – disse Charlie, ignorando a oferenda fumegante que Daniel deixou cair no seu prato – as circunstâncias e uma cadeia de acontecimentos não nos tivessem, de alguma forma, impedido de o abordar.

Daniel colocou outra panqueca na extremidade do seu garfo comprido.

– Coma, mamãe – disse ele. – Senão, esfria. Em todo caso, vem outra a caminho.

– Não estou com muita fome – admitiu Becky.

– Bem, como eu ia dizendo... – disse Charlie. – Surgiu um problema relativo a uma herança que você eventualmente...

Bateram à porta. Becky lançou um olhar desesperado em direção a Charlie, esperando que a interrupção não fosse mais do que um recado que pudesse ser recebido rapidamente. Do que eles não precisavam nesse momento era algum estudante com qualquer problema. Daniel levantou-se e foi até a porta.

– Entre, querida – ouviram-no dizer, e Charlie pôs-se de pé, enquanto a visita de Daniel entrava na sala.

– Que bom vê-la, Cathy – disse Charlie. – Não imaginei que estivessem em Cambridge hoje.

– Isso é típico de Daniel – disse Cathy – Eu queria avisar os dois, mas ele não quis. – Sorriu com nervosismo a Becky, antes de se sentar numa das cadeiras vagas.

Becky olhou para os dois homens sentados lado a lado – algo a preocupava.

– Sirva-se de chá, querida – disse Daniel. Chegou na hora da próxima panqueca e não podia ser em momento mais emocionante. Papai estava começando a contar-me o segredo de quanto vai deixar no seu testamento. Vou herdar o império Trumper ou terei de me contentar com a assinatura dele do Clube de Futebol de West Ham?

– Oh, desculpem – disse Cathy, levantando-se da cadeira.

– Não, não – disse Charlie, fazendo-lhe sinal para que se sentasse. – Não seja boba, não era importante. As nossas notícias podem esperar até mais tarde.

– Estão muito quentes, por isso tome cuidado – disse Daniel, deixando cair uma panqueca no prato de Cathy. – Bem, se a minha herança for de uma importância tão monumental, então, tenho de dar a minha pequena notícia primeiro. Rufam os tambores, sobe o pano, abertura – Daniel pegou o garfo, como se fosse uma batuta – “Eu e Cathy estamos noivos.”

– Não acredito – disse Becky, levantando-se imediatamente da cadeira com um salto, para abraçar Cathy, encantada. – Que notícia maravilhosa.

– Há quanto tempo vocês se namoram? – perguntou Charlie. – Eu devo ter estado cego.

– Quase dois anos – admitiu Daniel. – E, com toda a justiça, papai, você não podia ter um telescópio focado em Cambridge todos os fins de semana.

Vou-lhe contar outro segredo: Cathy não me deixou contar-lhe antes de mamãe a convidar para a gerência.

– Como alguém que sempre foi um negociante, meu rapaz, devo dizer que saiu ganhando. – Daniel sorriu. – De fato, acho que Cathy foi provavelmente enganada no troco. Mas quando aconteceu tudo isso?

– Conhecemo-nos na festa de inauguração da casa. Sir Charles não deve lembrar, mas nos encontramos nas escadas – disse Cathy, brincando nervosamente com a pequena cruz que tinha ao pescoço.

– Claro que lembro e, por favor, chame-me Charlie, como todo mundo.

– Então já marcaram o dia? – perguntou Becky.

– Estamos pensando em casar durante as férias da Páscoa – disse Daniel. –

Se for conveniente para vocês.

– A próxima semana é mais conveniente. – Eu não poderia estar mais contente. E onde pensam casar-se?

– Na Capela do College – disse Daniel sem hesitar. – Compreendam, os pais de Cathy já morreram, por isso pensamos que aqui em Cambridge seria melhor, dadas as circunstâncias. .

– E onde vão morar? – perguntou Becky.

– Ah, isso depende – disse Daniel, com ar misterioso.

– De quê? – perguntou Charlie.

– Concorri a uma vaga para a cadeira de Matemática no King's College, em Londres, e tenho informações seguras de que a decisão será anunciada daqui a duas semanas.

– Tem alguma esperança? – perguntou Becky.

– Bem, deixe-me colocar a questão – disse Daniel.

– O reitor convidou-me para jantar com ele na próxima quinta-feira e, como nunca vi o cavalheiro em causa mais gordo... – Calou-se, ao ser interrompido pelo toque do telefone.

– Agora, quem será? – perguntou ele retoricamente. – Os monstros não costumam incomodar-me aos domingos. – Levantou o fone e escutou durante um momento.

-- Sim, está – disse ele após alguns segundos. – Pode me dizer quem fala?

Um momento. – Voltou-se para a mãe. – O Dr. Baverstock para você, mamãe.

Becky ergueu –se da cadeira e pegou o telefone da mão de Daniel, enquanto Charlie olhava, apreensivo.

– É a senhora, Lady Trumper?

– Sim.

– Aqui é Baverstock. Serei breve, mas, em primeiro lugar, já informou Daniel sobre os pormenores do testamento de Sir Raymond?

– Não. Meu marido ia começar.

– Então, por favor, não lhe fale no assunto até eu ter oportunidade de encontra-la novamente.

– Mas por que não? – Becky compreendeu que seria necessário conduzir uma conversa unilateral.

– Não é algo que eu me sinta à vontade para conversar ao telefone, Lady Trumper. Quando pretende estar de volta à cidade?

- Logo à noite.
- Creio que nos devemos encontrar o mais depressa possível.
- Pensa que é assim tão importante? – disse Becky, ainda intrigada.
- Penso. Às sete horas seria possível?
- Sim, tenho certeza de que já estaremos de volta.
- Nesse caso, eu irei a Eaton Square às sete. E, por favor, não diga nada a Daniel sobre Sir Raymond. Peço desculpas pelo mistério, mas não tenho outra opção. Adeus, querida senhora.
- Adeus – disse Becky, e desligou o telefone.
- Problemas? – perguntou Charlie erguendo uma sobrancelha.
- Não sei. – Becky olhou o marido diretamente nos olhos. – O Dr.

Baverstock quer falar conosco sobre aqueles papéis de que me informou na semana passada. – Charlie fez uma careta. – E não quer que falemos sobre eles com ninguém, por enquanto.

- Parece misterioso – disse Daniel, voltando-se para Cathy. – O Dr.

Baverstock, minha querida, está na Administração do carrinho, um homem que consideraria telefonar à mulher durante as horas de serviço uma quebra de contrato.

- Essas parecem ser as qualificações certas para um lugar na Administração de uma empresa...
- De fato, estive com ele uma vez – disse Daniel. – Ele e a mulher estiveram também na festa de mamãe, na inauguração da casa, mas receio que ele não seja exatamente o que se chama memorável.

– Quem pintou aquele quadro? – disse Charlie, de repente, olhando uma aquarela de Cam pendurada sobre a secretária de Daniel. Becky só fez votos para que a mudança de assunto não fosse demasiado óbvia.

Na viagem de regresso a Londres, Becky estava dividida entre a alegria de ter Cathy como nora e a ansiedade pelo que o Dr. Baverstock lhes poderia querer dizer.

Quando Charlie lhe pediu novamente mais pormenores, Becky tentou repetir, palavra por palavra, a conversa que tivera com Baverstock, mas ficaram ambos na mesma.

– Em breve saberemos – disse Charlie, quando saíam da A 10 para atravessar Whitechapel e entrar na City. Era sempre uma alegria para Charlie passar por todos os diferentes caminhos que exibiam produtos coloridos e ouvir as vozes dos vendedores apregoando suas pechinchas.

– Não costumam...

De repente, Charlie parou o carro, desligou o motor e olhou pela janela.

– Por que parou? – perguntou Becky. – Não temos tempo a perder.

Charlie apontou o Clube para Rapazes de Whitechapel: parecia ainda mais degradado e dilapidado do que de costume.

– Você já viu o clube milhares de vezes, Charlie. E sabe que não devemos nos atrasar para o encontro com o Dr. Baverstock.

Ele tirou a agenda e começou a desatarraxar a tampa da caneta.

– Que vai fazer?

– Quando é que você vai aprender, Becky, a olhar com mais atenção? –

Charlie estava ocupado anotando o número do agente imobiliário escrito na tabuleta “Vende-se”.

– Com certeza não quer abrir uma segunda loja Trumper em Whitechapel?

– Não, mas quero saber por que motivo vão fechar o meu velho clube para rapazes – disse Charlie. Tomou a pôr a caneta no bolso interno do casaco e apertou o botão de arranque para pôr o motor em funcionamento.

Os Trumpers chegaram ao número 17 de Eaton Square apenas pouco mais de trinta minutos antes da hora prevista para a visita do Dr. Baverstock; e o Dr.

Baverstock sabiam ambos muito bem, nunca se atrasava. Becky começou imediatamente a tirar o pó das mesas e a endireitar as almofadas da sala.

– Parece-me que está tudo bem – disse Charlie. – Pare de se preocupar com ninharias. Em todo caso, é para isso que temos uma governanta.

– Mas hoje é domingo à noite – lembrou-lhe Becky. Continuou a ver debaixo de objetos que não tocava há meses e, finalmente, acendeu a lareira.

As sete horas em ponto, a campainha tocou, e Charlie foi cumprimentar o visitante.

– Boa noite, Sir Charles – disse o Dr. Baverstock, tirando o chapéu.

“Ah, sim”, pensou Charlie. “Há alguém que nunca me chama Charlie.”

Pegou o casaco, o cachecol e o chapéu do Dr. Baverstock e colocou-os no bengaleiro.

– Desculpem incomodá-los num domingo a noite – disse o Dr. Baverstock, seguindo o anfitrião até a sala com a pasta na mão. – Mas espero, quando lhes der as notícias, que pensem que tomei a decisão correta.

– Temos certeza de que sim. Naturalmente, ficamos os dois intrigados com a sua chamada. Mas deixe-me oferecer-lhe primeiro uma bebida. Uísque?

– Não, obrigado – disse o Dr. Baverstock. – Mas um xerez seco seria muito agradável.

Becky serviu um Tio Pepe ao Dr. Baverstock e um uísque ao marido, antes de juntar-se aos dois homens junto da lareira, e esperou que o advogado explicasse a sua interrupção tão pouco característica.

– Isso não é fácil para mim, Sir Charles.

Charlie acenou com a cabeça.

– Compreendo. Leve o tempo que for preciso.

– Posso confirmar que não revelou ao seu filho quaisquer cláusulas do testamento de Sir Raymond?

– Não, não revelamos. Foi-nos poupado esse embaraço, primeiro pelo anúncio do noivado de Daniel e, depois, pela sua chamada fortuita.

– Oh, isso é uma notícia esplêndida – disse o Dr. Baverstock. – Com a encantadora Srta. Ross, sem dúvida. Por favor, transmitam-lhes os meus parabéns.

– O doutor já sabia? – disse Becky.

– Oh, sim – disse o Dr. Baverstock. – Era óbvio para todos, não em?

– Todos, exceto nós – disse Charlie.

O Dr. Baverstock permitiu-se um sorriso irônico, antes de tirar uns documentos da pasta.

– Não vou desperdiçar palavras – continuou o Dr. Baverstock. – Depois de ter falado, nos últimos dias, com os advogados do outro lado, soube que, há algum tempo, Daniel visitou a Sra. Trentham na casa de Chester Square.

Charlie e Becky foram incapazes de disfarçar o seu espanto.

– Mas como é que eles se podiam ter encontrado se...? – perguntou Charlie.

– É possível que isso nunca se saiba, Sir Charles. No entanto, o que eu sei é que, nesse encontro, Daniel fez um acordo com a Sra. Trentham.

– E em que consiste esse acordo? – perguntou Charlie.

O velho advogado tirou outro papel do processo à sua frente e voltou a ler as palavras manuscritas da Sra. Trentham:

– Em troca de a Sra. Trentham retirar a sua oposição a quaisquer autorizações de construção dos edifícios que serão conhecidos como as Torres Trumper, e, além disso, concordar em não prosseguir com o seu plano de reconstruir um bloco de apartamentos em Chelsea Terrace, Daniel Trumper renunciará a todos direitos, atuais ou futuros, aos bens Hardcastle. Nessa época, claro, Daniel não tinha ideia de que fosse o principal beneficiário do testamento de Sir Raymond.

– Então foi por isso que ela cedeu sem oferecer resistência? – disse Charlie, por fim.

- Parece que sim.
- Ele fez tudo isso sem nos dizer nada – disse Becky, enquanto o marido começava a ler o documento.
- Parece ter sido esse o caso, Lady Trumper.
- Isto é válido legalmente? – foram as primeiras palavras de Charlie depois de ter terminado de ler a folha com a letra da Sra. Trentham.
- Sim, Sir Charles.
- Mas se ele não sabia o tamanho da herança?
- Isto é um contrato entre duas pessoas. O tribunal teria de supor que Daniel havia renunciado aos seus direitos sobre os bens Hardcastle, uma vez que a Sra. Trentham havia cumprido a sua parte do acordo.
- Mas, e coerção?
- De um homem de vinte e seis anos por uma mulher de mais de setenta quando ele a foi visitar? Dificilmente, Sir Charles.
- Mas como é que eles se conheceram?
- Não tenho ideia – respondeu o advogado. – Parece que ela não falou sobre as circunstâncias do encontro nem aos seus próprios advogados. No entanto, tenho certeza de que compreendem a razão pela qual eu pensei que o momento não era nada apropriado para abordar com Daniel o assunto do testamento de Sir Raymond.
- Tomou a decisão correta – disse Charlie.
- E, agora, o assunto deve ser encerrado para sempre – disse Becky, a voz pouco mais alta do que um murmúrio.

– Mas por quê? – perguntou Charlie, colocando um braço em volta dos ombros da mulher.

– Porque eu não quero que Daniel passe o resto da vida sentindo que traiu o bisavô, quando o seu único objetivo, ao assinar o acordo, era ajudar-nos.

Quando Becky virou o rosto para o marido, as lágrimas corriam-lhe pelas faces.

– Talvez eu deva ter com Daniel uma conversa de homem para homem.

– Charlie, não pense em falar com o meu filho sobre Guy Trentham. Eu o proíbo.

Charlie retirou o braço dos ombros da mulher e a olhou como uma criança injustamente censurada.

– Estou contente por ter sido o Dr. Baverstock a trazer-nos essa triste notícia – disse Becky, voltando-se novamente para o advogado.

– O doutor tem sido sempre tão amável ao tratar dos nossos assuntos.

– Obrigado, Lady Trumper, mas receio que ainda tenha mais notícias desagradáveis para lhe dar.

Becky apertou a mão de Charlie.

– Tenho de informar que, dessa vez, a Sra. Trentham não ficou satisfeita com um golpe de cada vez.

– Que mais nos pode ela fazer? – perguntou Charlie.

– Parece que ela está disposta a desfazer-se do terreno em Chelsea Terrace.

– Não acredito – disse Becky.

– Eu acredito – disse Charlie. – Mas por que preço?

– Isso é, de fato, o problema – disse o Dr. Baverstock, inclinando-se para retirar outro processo da velha pasta de couro.

Charlie e Becky trocaram um olhar rápido.

– A Sra. Trentham oferece o terreno em Chelsea Terrace em troca de dez por cento das ações da empresa Trumper... – fez uma pausa.

– Nunca – disse Charlie secamente.

– Se rejeitar a oferta – prosseguiu o advogado –, ela pretende vender o terreno no mercado e aceitar a melhor oferta... venha ela de onde vier.

– Assim seja – disse Charlie. – Acabariamos, indubitavelmente, por comprar nós mesmos o terreno.

– Por um preço muito superior a dez por cento das nossas ações, suponho –

disse Becky.

– É um preço que vale a pena pagar, depois do que ela nos tem feito.

– A Sra. Trentham também pediu – continuou o Dr. Baverstock – que a sua oferta fosse apresentada em pormenor na próxima vez que o conselho de administração se reunir, para ser submetida a votação.

– Mas ela não tem poder para fazer essa exigência – disse Charlie.

– Se não atender a esse pedido – disse o Dr. Baverstock –, ela tem a intenção de fazer circular a sua oferta por todos os acionistas e depois convocar uma assembleia geral extraordinária, durante a qual

apresentará pessoalmente o seu caso e fará que o assunto seja posto em votação.

– Ela pode fazer isso? – Pela primeira vez, Charlie parecia preocupado.

– Por tudo o que eu sei dessa senhora, desconfio de que ela não faria essa ameaça sem consultar um advogado.

– É como se ela conseguisse sempre antecipar-se a nós – disse Becky com emoção.

A voz de Charlie revelava a mesma ansiedade.

– Ela não precisaria se preocupar com o nosso passo seguinte se o filho estivesse no conselho de administração. Ele poderia simplesmente contar-lhe tudo diretamente, depois de todas as reuniões.

– Então, o que acontece é que possivelmente teremos de ceder às suas exigências.

– Concordo com a sua opinião, Lady Trumper – disse o Dr. Baverstock. –

No entanto, achei que devia informá-los o mais cedo possível das exigências da Sra. Trentham, uma vez que será meu penoso dever informar o conselho de administração dos pormenores, na próxima reunião.

Houve apenas uma “justificação de ausência” quando o conselho de administração se reuniu na terça-feira seguinte. Simon Matthews tivera de ir a Genebra para fazer um leilão de pedras preciosas raras, e Charlie garantiu-lhe que a sua presença não seria vital. Assim que o Dr. Baverstock acabou de explicar as consequências da oferta da Sra. Trentham, todos que estavam em turno da mesa quiseram falar ao mesmo tempo.

Quando conseguiu restabelecer algo semelhante à ordem, Charlie disse:

– Eu devo esclarecer a minha posição desde o início. Sou cem por cento contra essa oferta. Não confio nem nunca confiei na senhora em questão. Mais ainda, acredito que, a longo prazo, seu único objetivo é prejudicar a empresa.

– Mas certamente, Sr. Presidente – disse Paul Merick – se ela está pensando em vender o seu terreno em Chelsea Terrace pela melhor oferta, poderia sempre utilizar o dinheiro da venda para comprar outros dez por cento das ações da empresa em qualquer momento que lhe aprouvesse. Por isso, que escolha temos nós?

– Não ter de viver com o filho dela – disse Charlie. – Não se esqueçam, parte desse pacote significa oferecer-lhe um lugar no conselho de administração.

– Mas se ele tivesse dez por cento da empresa – disse Paul Merrick – e, tanto quanto sabemos, talvez ainda mais, seria nosso dever aceitá-lo como diretor.

– Não necessariamente – disse Charlie. – Especialmente se acreditássemos que a sua única razão para fazer parte da Administração seria eventualmente tomara empresa. A última coisa que queremos é um diretor hostil.

– A última coisa de que precisamos é pagar mais do que o necessário por um buraco no chão.

Durante um momento ninguém falou, enquanto o resto da Administração refletiu sobre essas afirmações contraditórias.

– Vamos imaginar, por um momento – disse Tim Newman –, as consequências de não aceitar as condições da Sra. Trentham, mas sim em vez disso, fazer uma oferta pelo terreno vago quando ele fosse posto à venda. Isso poderá não ser o caminho mais barato, Sir

Charles, porque posso garantir-lhe que a Sears, a Boots, a House of Fraser e a John Lewis Partnership, para falar apenas em quatro, teriam imenso prazer em abrir uma nova loja exatamente no meio das Torres Trumper.

– Rejeitar a oferta dela poderá, portanto, ser mais caro a longo prazo, qualquer que seja a sua opinião pessoal sobre a senhora, Sr. Presidente— disse Merrick. – Em todo caso, tenho outra informação que a Administração poderá achar relevante para essa discussão.

– Qual é? – perguntou Charlie, desconfiado.

– Os meus colegas diretores talvez estejam interessados em saber –

começou Merrick, de um modo um tanto pomposo – que Nigel Trentham acabou de ser declarado redundante por Kitcat e Aitken, o que é simplesmente um eufemismo para ser despedido. Parece que ele não desempenhou bem o seu trabalho nestes tempos mais magros. Desse modo, não penso que sua presença em torno desta mesa nos venha provocar muita ansiedade agora ou no futuro.

– Mas ele poderia ainda manter a mãe informada sobre todos os passos que dermos – disse Charlie.

– Talvez ela precise saber como estão vendendo as calcinhas no sétimo andar? – sugeriu Merrick. – Para não falar do problema que tivemos com aquele cano que estourou no banheiro dos homens no mês passado. Não, Sr.

Presidente, sena uma tolice, mesmo uma irresponsabilidade, não aceitar a oferta.

– Só por curiosidade, Sr. Presidente, o que faria com o espaço extra, se a empresa Trumper ficasse de repente com o terreno da Sra. Trentham? –

perguntou Daphne, desconcertando todos.

– Ampliar as instalações – disse Charlie. – Estamos espremidos. Esse terreno significaria, pelo menos, dezessete mil metros quadrados. Se conseguisse pôr as mãos nele seria possível abrir mais vinte seções.

– E quanto custaria esse projeto de construção? – prosseguiu Daphne.

– Muito dinheiro – respondeu Paul Merrick – que poderemos não ter à nossa disposição se tivermos de pagar um preço excessivo pelo terreno vago.

– Posso recordar-lhe que temos tido um ano excepcionalmente bom – disse Charlie, batendo na mesa.

– De acordo, Sr. Presidente. Mas posso também recordar-lhe que, na última vez que fez uma afirmação semelhante, cinco anos depois estava à beira da falência.

– Mas isso foi causado por uma guerra inesperada – insistiu Charlie.

– E agora não é – disse Merrick. Os dois homens olharam um para o outro, incapazes de disfarçar o seu ódio mútuo. – A nossa primeira obrigação tem de ser sempre para com os acionistas – continuou Merrick, olhando em volta da mesa do conselho de – Se eles descobrissem que tínhamos pago uma quantia excessivamente elevada por aquele terreno, devido simplesmente a... e coloco isso tão delicadamente quanto me é possível... uma vendetta pessoal entre os principais intervenientes, poderíamos ser fortemente censurados na próxima assembleia geral e poderia ser exigida a sua demissão, Sr. Presidente.

– Estou disposto a correr esse risco – disse Charlie, agora quase aos gritos.

– Bem, eu não estou – disse Merrick calmamente. – E, ainda mais, se não aceitarmos a oferta, sabemos que a Sra. Trentham vai convocar uma assembleia geral extraordinária a fim de apresentar o

seu caso aos acionistas, e eu tenho poucas dúvidas sobre quais serão os interesses deles. Penso que chegou a hora de uma votação sobre esse assunto, em vez de prosseguir uma discussão inútil.

– Mas espere um pouco... – começou Charlie.

– Não, não espero, Sr. Presidente, e proponho que aceitemos a generosa oferta da Sra. Trentham de dar o seu terreno em troca de dez por cento das ações da empresa.

– E o que propõe que façamos a respeito do filho? – perguntou Charlie.

– Ele deve ser convidado imediatamente para o conselho de administração

– respondeu Merrick.

– Mas... – começou Charlie.

– Não há mas nem meio mas, Sr. Presidente – disse Merrick. – Chegou a hora de votar. Os conflitos pessoais não devem perturbar o nosso bom senso.

Houve um minuto de silêncio, antes de Arthur Selwyn dizer:

– Uma vez que foi feita uma proposta formal, importa-se de anotar os votos, senhorita Allen? – Jessica acenou com a cabeça e olhou em volta para os nove membros da Administração.

– Senhor Merrick?

– A favor.

– Senhor Newman?

– A favor.

– Senhor Denning?

– Contra.

– Senhor Makins?

– Contra.

– Dr. Baverstock?

O advogado colocou as palmas das mãos em cima da mesa e pareceu hesitar, como se estivesse num dilema sobre a decisão.

– A favor – disse ele finalmente.

– Lady Trumper?

– Contra – disse Becky sem hesitar.

– Lady Wiltshire?

– A favor – disse Daphne em voz baixa.

– Por quê?

Daphne voltou o rosto para olhar sua velha amiga.

– Porque prefiro ter um inimigo causando problemas dentro da sala da Administração a tê-lo lá fora no corredor causando ainda mais problemas.

Becky não conseguia acreditar no que ouvia.

– Suponho que seja contra, Sir Charles?

Charlie acenou vigorosamente com a cabeça.

O Sr. Selwyn ergueu os olhos.

– Isso significa que são quatro votos contra? – perguntou a Jessica.

– Sim, está correto, senhor Selwyn – disse Jessica, depois de ter percorrido a lista de nomes com o polegar pela segunda vez.

Todos olharam fixamente para o diretor-geral. Colocou a caneta com que havia estado rabiscando o mata-borrão à sua frente.

– Então, só posso fazer o que considero ser do interesse da empresa a longo prazo. Voto a favor de que se aceite a oferta da Sra. Trentham.

Todos em redor da mesa começaram a falar, exceto Charlie.

O Sr. Selwyn esperou algum tempo antes de acrescentar.

– A moção foi aprovada, Sr. Presidente, por cinco votos contra quatro.

Darei, assim, instruções ao banco comercial e aos advogados para que tomem as necessárias providências financeiras e legais para garantir que essa transação se realize tranquilamente e de acordo com as normas da empresa.

Charlie não fez qualquer comentário, continuou apenas olhando em frente.

– E, se não houver mais nada a tratar, Sr. Presidente, talvez deva declarar encenada a reunião.

Charlie acenou com a cabeça, mas não se mexeu quando os outros diretores se levantaram e saíram da sala. Apenas Becky permaneceu no seu lugar, no meio da mesa. Minutos depois, estavam sozinhos.

– Eu devia ter posto as mãos naqueles apartamentos há trinta anos, você sabe.

Becky não fez qualquer comentário.

– E não devíamos ter vendido ações ao público enquanto aquela maldita mulher estivesse viva.

Charlie levantou-se e dirigiu-se lentamente à janela, mas a mulher continuou a não dar a sua opinião, enquanto ele olhava o banco vazio no outro extremo da rua.

– E pensar que eu disse a Simon que a sua presença não seria vital.

Becky continuou sem nada dizer.

– Bem, pelo menos agora eu sei o que– aquela maldita mulher tem em mente para o seu precioso Nigel.

Becky ergueu uma sobrancelha enquanto Charlie se voltou para olhar para ela.

– Ela quer que ele me suceda como o próximo presidente da empresa Trumper.

CATHY

1947 - 1950

CAPÍTULO 39

A única pergunta a que nunca pude responder em criança foi: "Qual foi a última vez que viu seu pai?"

Ao contrário do jovem cavalheiro, eu simplesmente não sabia a resposta.

De fato, eu não tinha a menor ideia de quem fosse meu pai ou, mesmo, minha mãe. A maior parte das pessoas não compreende quantas vezes por dia, por mês ou por ano nos fazem essa pergunta. E se a resposta for "Não sei, porque morreram ambos antes de eu me poder lembrar", elas nos olham com surpresa ou, mesmo, desconfiança ou, pior ainda, incredulidade. No fim, ou se aprende a soltar uma baforada de fumaça, ou se evita simplesmente a questão, mudando de assunto. Não existem variações sobre o problema da ascendência para as quais eu não tenha preparado um caminho de fuga.

A única memória vaga que tenho de meus pais é a de um homem que gritava muito e de uma mulher tão tímida, que raramente falava. Tenho também a impressão de que se chamava Anna. Além disso, ambos permaneciam uma nebulosa.

Como eu invejava as crianças que podiam falar imediatamente sobre os seus pais, irmãos, irmãs ou, mesmo, primos ou tias distantes! Tudo o que eu sabia a meu respeito era que fora criada no Orfanato de Sta. Hilda, Park Hill, Melbourne, e a diretora era a Srta. Rachel Benson.

Muitas das crianças do orfanato tinham familiares, e algumas recebiam cartas e até mesmo uma visita de vez em quando. A única pessoa de que lembro era uma mulher de idade, de aspecto severo, com um vestido comprido preto e luvas de renda pretas até os cotovelos, que falava com um sotaque estranho.

Não tenho ideia de qual seria a sua relação comigo, se é que de fato havia alguma.

A Srta. Benson tratava essa senhora com bastante respeito e lembro-me de que até fez uma reverência quando ela foi embora; mas eu nunca soube o seu nome e, quando tive idade suficiente para perguntar quem ela era, a Srta.

Benson afirmou que não tinha ideia sobre o que eu estava falando. Quando tentava fazer perguntas à Srta. Benson sobre a minha ascendência, ela respondia misteriosamente:

– E melhor você não saber, criança.

Não consigo pensar em nenhuma frase que pudesse garantir melhor que eu me esforçasse ainda mais para descobrir a verdade sobre meus pais.

A medida que os anos passavam, comecei a fazer o que considerava serem perguntas mais sutis sobre os meus pais – ao subdiretor, à zeladora, ao pessoal da cozinha, até mesmo ao porteiro – deparando-me sempre com o mesmo muro.

Quando fiz 14 anos, pedi uma entrevista com a Srta. Bensen, a fim de lhe fazer diretamente a pergunta. Embora há muito tivesse abandonado “É melhor você não saber, criança”, ela o substituiu por “Na verdade, Cathy, eu própria não sei.” Embora não lhe fizesse mais perguntas, não acreditei nela, porque alguns dos empregados mais velhos me lançavam, de tempos em tempos, olhares estranhos e, pelo menos em duas ocasiões, começaram a murmurar as minhas costas, quando julgavam que eu não conseguia ouvir.

Eu não possuía fotografias ou recordações de meus pais, nem mesmo qualquer prova da sua existência passada, exceto uma pequena joia que eu estava convencida de que fosse de prata. Lembro-me de que fora o homem que gritava muito quem me dera a pequena cruz e, desde então, eu a usava sempre ao pescoço, num

barbante. Uma noite, quando trocava de roupa no dormitório, a Srta. Benson viu-a e quis saber de onde ela tinha vindo; disse-lhe que havia trocado com Betsy Compton por uma dúzia de berlindes, uma mentira que pareceu contentá-la na hora.

Mas, a partir daí, mantive o meu tesouro longe da vista de todos.

Devo ter sido uma das raras crianças que adoraram a escola, desde o primeiro dia em que suas portas se abriram. A sala de aula era um refúgio abençoado de minha prisão e dos meus carcereiros. Todos os minutos que passava na escola eram minutos que não tinha de passar em St. Hilda, e depressa descobri que, quanto mais estudasse, mais horas podia passar lá. E

essas horas aumentaram ainda mais quando, aos 11 anos, obtive um lugar na Escola Feminina da Igreja da Inglaterra, de Melbourne, onde havia tantas atividades extracurriculares, de manhã cedo até a noite, que St. Hilda se tornou pouco mais do que um lugar onde eu dormia e tomava o café da manhã.

Enquanto estive na EFIM aprendi pintura, o que permitiu passar várias horas na sala de arte sem muita supervisão ou interferência; tênis, em que, à força de trabalho e persistência, consegui obter um lugar no segundo time da escola, o que me dava um bônus acrescido de poder treinar a tarde até escurecer; e críquete, para que não tinha qualquer talento, mas, como marcadora da escola, era obrigada a manter-me no meu lugar até a última bola ser lançada, e aos sábados, de quinze em quinze dias, eu conseguia escapar num ônibus para um jogo contra outra escola. Era uma das poucas crianças que gostavam mais de jogos fora de casa do que dos jogos em casa, Aos 16 anos, fui para o Segundo Grau e comecei a estudar ainda mais: foi explicado a Srta. Benson que eu poderia ganhar uma bolsa de estudos para a Universidade Melbourne – acontecimento pouco usual para uma Órfã de St.

Hilda.

Sempre que recebia uma distinção ou uma reprimenda – estas últimas se tornaram mais raras quando descobri a escola – tinha de comparecer perante a Srta. Benson no seu gabinete, onde ela proferia algumas palavras de encorajamento ou censura, antes de colocar papel que registra essas ocorrências num dossiê que devolvia ao arquivo atrás da secretária. Eu a observava sempre atentamente quando ela cumpria esse ritual. Primeiro, tirava uma chave da gaveta superior do lado esquerdo, depois ia até o arquivo, procurava o meu processo em "DRS", colocava o papel do elogio ou censura dentro da pasta, fechava o arquivo e depois voltava a colocar a chave dentro da secretária. Era uma rotina que nunca variava.

Um outro ponto fixo da vida da Srta. Benson eram as suas férias anuais, quando ia visitar sua família em Adelaide, todo ano, em setembro; e eu aguardava com ansiedade essa época, como outros esperam as férias.

Quando a guerra foi declarada, receei que ela não mantivesse a rotina, especialmente porque nos diziam que todos teríamos de fazer sacrifícios. A Srta. Benson não pareceu fazer sacrifícios, apesar de restrições e cortes nas viagens, e partiu para Adelaide exatamente no mesmo dia do verão, como sempre fizera. Esperei cinco dias depois de o táxi a ter transportado a estação, antes de achar que era seguro levar a cabo o meu plano.

Na sexta-feira, fiquei acordada até depois de uma da manhã, não mexendo um músculo até ter a certeza de que as dezesseis companheiras de dormitório dormiam profundamente. Depois, levantei-me, tirei uma pequena lanterna da gaveta da garota que dormia ao meu lado e atravessei o patamar em direção às escadas. Se fosse descoberta no caminho, tinha uma desculpa pronta sobre sentir-me agoniada e, como eu raramente havia entrado na enfermaria durante os meus doze anos em St. Hilda, tinha certeza de que acreditariam.

Desci cuidadosamente as escadas sem ter de utilizar a lanterna; desde que a Srta. Benson partira para Adelaide, eu havia treinado a rotina todas as manhãs com os olhos fechados. Quando cheguei ao gabinete da diretora, abri a porta, entrei e, só então, acendi a lanterna. Fui até a secretária da Srta. Benson nas pontas dos pés e abri cuidadosamente a gaveta superior do lado esquerdo. Eu só não esperava encontrar cerca de vinte chaves diferentes, umas juntas em aros e outras separadas, mas sem qualquer indicação. Tentei recordar-me do tamanho e da forma da que a Srta. Benson havia utilizado para abrir o arquivo, mas não consegui e, com apenas uma pequena lanterna para me guiar, foram necessárias várias viagens de trás para a frente até o arquivo, antes de descobrir a que girava cento e oitenta graus.

Abri a primeira gaveta do arquivo o mais devagar que pude mas, mesmo assim, parecia ribombar como trovões. Parei e contive a respiração, tentando ouvir algum movimento na casa. Até olhei por debaixo da porta para ter a certeza de que não havia, de repente, luzes acesas. Quanto me senti confiante de que não havia perturbado ninguém, folheei os nomes no fichário "QRS"; Roberts, Rose, Ross... tirei a minha pasta e levei o pesado dossiê para a secretária da diretora. Sentei-me na cadeira da Srta. Benson e, com a ajuda da lanterna, comecei a examinar cuidadosamente todas as páginas. Como tinha 15

anos e estava em Sta. Hilda há cerca de doze, meu dossiê era necessariamente volumoso. Fui recordada de mau comportamento, como fazer chichi na cama, e vários elogios por pintar, incluindo o raro elogio duplo por uma das minhas aquarelas que ainda estava pendurada na sala de jantar. No entanto, por muito que procurasse, não havia qualquer vestígio de algo antes dos 3 anos.

Comecei a perguntar a mim própria se havia uma regra geral que se aplicasse a todos que tinham vindo viver em St. Hilda. Olhei rapidamente os dados no registro de Jennie Rose. Para meu

desalento, encontrei os nomes do Pai (Ted, falecido) e da mãe (Susan). Uma nota anexa explicava que a Srta.

Rose tinha mais três filhos para criar e, desde que o marido morrera de um ataque de coração, ela havia se tornado incapaz de tomar conta de uma quarta criança.

Fechei o arquivo, voltei a colocar a chave na gaveta superior do lado esquerdo da secretária da Srta. Benson, apaguei a lanterna e subi rapidamente as escadas até o dormitório. Coloquei a lanterna no seu lugar e enfiei-me na cama. Comecei a pensar no que poderia fazer a seguir para tentar descobrir quem era e de onde tinha vindo.

Era como se meus pais nunca tivessem existido e eu tivesse começado a vida aos 3 anos. Como a única alternativa era um nascimento virgem e não aceitava isso nem sequer para a Virgem Maria, meu desejo de conhecer a verdade tornou-se irreprimível. Devo ter eventualmente adormecido, porque tudo que me lembro depois disso é de ser acordada pela campainha da escola na manhã seguinte.

Quando entrei para a Universidade Melbourne, senti-me como um prisioneiro de longos anos que foi finalmente libertado. Pela primeira vez, passei a ter o meu próprio quarto e já não tinha de usar uniforme – não que as roupas que eu podia comprar fossem arrasar as lojas de moda de Melbourne.

Lembro-me de passar ainda mais tempo estudando na Universidade do que fizera na escola, uma vez que tinha receio de que, se não passasse o primeiro ano, me enviassem de volta a St. Hilda para passar ali o resto dos meus dias.

No meu segundo ano, especializei-me em História da Arte e Inglês, continuando, ao mesmo tempo, a pintar como passatempo, mas não tinha ideia de que carreira seguir depois de sair da Universidade. Meu orientador sugeriu que eu devia pensar em lecionar, mas isso me soava como uma extensão de St.

Hilda, eu ocupando o lugar da Srta. Benson.

Não tive muitos namorados antes de ir para a universidade, porque os rapazes em St. Hilda eram mantidos numa ala separada do orfanato e não nos era permitido falar com eles antes das nove da manhã e depois das cinco da tarde. Até os 15 anos, eu pensava que beijar engravidava, por isso estava determinada a não cometer esse erro, especialmente depois da minha experiência de crescer sem uma família.

O meu primeiro namorado foi Mel Nicholls, que era o capitão do time de futebol da universidade. Tendo finalmente conseguido levar-me para a cama, ele me disse que eu era a única garota da sua vida e, mais importante, a primeira. Depois de eu ter admitido que o mesmo acontecia comigo e de me ter recostado no travesseiro, Mel inclinou-se e começou a reparar na única coisa que eu tinha no corpo.

– Nunca vi nada igual a isso antes – disse ele, segurando a minha pequena joia entre os dedos.

– Outra primeira vez.

– Não exatamente – ele riu. – Porque vi uma muito parecida.

– O que você quer dizer?

– É uma medalha – explicou ele. – O meu pai recebeu três ou quatro, mas nenhuma delas é de prata.

Olhando agora para trás, penso que valeu bem a pena perder a minha virgindade para obter essa informação.

Na biblioteca da Universidade Melbourne há uma grande seleção de livros sobre a I Grande Guerra, com maior incidência em Gallipoli e na campanha do Extremo Oriente do que nos desembarques do Dia D e El Alamein. No entanto, no meio de páginas de feitos heroicos

cometidos por australianos da infantaria, havia um capítulo sobre medalhas inglesas por bravura, juntamente com várias fotografias em cores.

Descobri que havia VC, DSO, CBE, OBE – as variações pareciam infinitas até que, finalmente, na página quatrocentos e nove, encontrei aquilo que procurava: a Cruz Militar, uma fita de seda branca com riscas horizontais roxas e uma medalha de prata com uma coroa imperial nos seus quatro braços. Era atribuída a oficiais abaixo do posto de major por “Bravura em combate”.

Comecei a imaginar que o meu pai era um herói de guerra que tinha morrido cedo de ferimentos. Pelo menos, isso explicaria a sua gritaria constante como algo provocado por muito sofrimento.

O meu trabalho de detetive seguinte foi ir a uma loja de antiguidades em Melbourne. O homem atrás do balcão examinou a medalha, depois ofereceu-me cinco libras por ela. Não me preocupei em lhe explicar por que razão não me separaria da minha joia nem que ele me oferecesse quinhentas libras, mas, pelo menos, ele me explicou que o único verdadeiro negociante de medalhas na Austrália era o Sr. Frank Jennings, da Mafeking Street, número 47, em Sydney.

Nessa época, eu achava que Sydney ficava no outro lado do globo e certamente não podia fazer uma viagem tão longa com o pouco dinheiro que tinha. Por isso, esperei pacientemente o período do verão e candidatei-me a marcador do time de críquete da universidade. Recusaram-me por ser mulher.

As mulheres não compreendiam bem o jogo, foi-me explicado por um jovem que costumava sentar-se atrás de mim durante as aulas, para poder copiar os meus apontamentos. Isso não me deixou outra escolha senão passar horas treinando vôlei e quase outras tantas o meu overhead, até que fui selecionada para o segundo time de ténis

feminino. Não foi um grande feito, mas havia apenas um jogo no calendário que me interessava: Sydney (A).

Na manhã em que chegamos a Sydney fui a Mafeking Street e reparei que muitos dos homens novos por que passei estavam de uniforme. O próprio Sr.

Jennings examinou a medalha com um interesse consideravelmente maior do que o negociante em Melbourne.

– E a miniatura de uma CM, sim – disse-me ele, examinando a minha pequena joia com uma lupa. –Seria usada num uniforme de gala para noites com convidados no quartel do regimento. Essas três iniciais gravadas ao longo da orla de um dos braços e que mal se veem a olho nu devem dar uma indicação da pessoa a quem foi atribuída a condecoração.

Olhei através da lupa do Sr. Jennings para algo em que nunca havia reparado até então, mas agora via claramente: as iniciais “G.F.T.”

– Existe algum modo de descobrir quem é “G.F.T.”?

– Existe, sim – disse o Sr. Jennings, voltando-se para uma prateleira atrás dele, da qual retirou um livro encadernado em couro que folheou até chegar a Godfrey S. Thomas, George Victor Taylor, mas não conseguiu encontrar qualquer vestígio de alguém com as iniciais “G.F.T.”.

– Lamento, mas não posso ajudá-la –disse ele. – A sua medalha não pode ter sido atribuída a um australiano, caso contrário estaria registrada aqui. –

Bateu na capa de couro. – Se quiser mais informações, terá de escrever para o Ministério da Guerra, em Londres. Eles ainda têm os nomes de todos os membros das Forças Armadas condecorados por bravura.

Agradeci-lhe a ajuda, mas não antes de ele ter oferecido dez libras pela medalha. Sorri e voltei para junto da equipe de tênis para o meu jogo contra a Universidade de Sydney. Perdi 6-0, 6-1, sendo incapaz de me concentrar em qualquer coisa exceto G.F.T. Não voltei a ser selecionada para a equipe de tênis da universidade nessa época.

No dia seguinte, segui o conselho do Sr. Jennings e escrevi ao Ministério da Guerra, em Londres. Não recebi resposta deles durante vários meses, o que não era de admirar, pois todos sabiam que, em 1944, eles tinham outras coisas em que pensar. No entanto, um envelope amarelo acabou chegando e, quando aberto, informou-me de que o dono da medalha poderia ter sido Graham Frank Turnbull, do regimento do Duque de Wellington, ou Guy Francis Trentham, dos Royal Fusiliers.

Então o meu nome verdadeiro era Turnbull ou Trentham?

Nessa mesma noite, escrevi ao Alto Comissariado Britânico, em Camberra, perguntando quem deveria contatar para saber informações sobre os dois regimentos mencionados na carta. Recebi resposta algumas semanas depois.

Com as novas pistas que conseguira, enviei mais duas cartas para a Inglaterra: uma para Halifax, a outra para Londres. Fiquei aguardando e resignei-me a uma longa espera. Quando se passou dezoito anos devida tentando descobrir a verdadeira identidade, mais uns meses não parecem importantes. Em todo caso, agora que tinha começado o último ano da universidade, estava cheia de trabalho até o pescoço.

O regimento do Duque de Wellington foi o primeiro a responder, informando que o tenente Granham Frank Turnbull tinha sido morto em Passchendale, em 6 de novembro de 1917. Como eu havia nascido em 1924, o tenente Turnbull estava descartado. Rezei por Guy Francis Trentham. Só várias semanas depois recebi uma

resposta dos Royal Fusiliers, informando que o capitão Guy Francis Trentham havia obtido a CM em 18 de julho de 1918, depois da segunda batalha do Marne. Poderia obter detalhes na biblioteca do museu do regimento, na sua sede, em Londres, mas isso tinha de ser feito pessoalmente, uma vez que eles não tinham autorização para dar informações pelo correio sobre membros do regimento.

Como eu não tinha maneira de ir para a Inglaterra, comecei imediatamente uma nova linha de investigação, mas, dessa vez, não cheguei a lugar nenhum.

Tirei uma manhã de folga para procurar o nome "Trentham" nos registros de nascimentos no registro civil de Melbourne, na Queen Street. Descobri que não havia um único Trentham. Havia vários Ross, mas nenhum perto de minha data de nascimento.

Comecei a compreender que alguém tinha tido bastante trabalho fazendo que me fosse impossível encontrar minhas raízes. Mas por quê?

De repente, o meu único objetivo na vida mudou para poder ir para a Inglaterra, apesar do fato de não ter dinheiro e a guerra só recentemente ter terminado. Verifiquei todos os cursos universitários e de pós-graduação disponíveis, e tudo o que o meu orientador achou que valia a pena candidatar-me foi a uma Bolsa para a Slade School of Art, em Londres, que oferecia três vagas todos os anos a estudantes de países da Commonwealth. Comecei a trabalhar durante horas que nem sequer sabia que existiam, e fui recompensada com um lugar na lista dos seis candidatos para a entrevista final, em Camberra.

Embora eu estivesse extremamente nervosa durante a viagem de trem para a capital australiana, achei que a entrevista correu bem e, de fato, os examinadoras disseram-se que os meus trabalhos sobre História da Arte tinham bastante mérito, ainda que o meu trabalho prático não tivesse o mesmo nível.

Um envelope timbrado com The Slade chegou para mim um mês depois.

Rasguei-o, ansiosa, e tirei dele uma carta que começava: Cara Srta . Ross.

Lamentamos informá-la

A única coisa que resultou de todo aquele trabalho extra foi que o exame final correu as mil maravilhas e, quando os resultados de fim de curso foram anunciados, foi-me atribuído uma primeira classe na licenciatura. Mas, mesmo assim, não estava mais a caminho da Inglaterra.

Em desespero de causa, telefonei ao Alto Comissariado Britânico e ligaram-me com o adido do trabalho. Uma senhora informou-me que, com as minhas qualificações, havia varias vagas para o ensino. Acrescentou que eu teria de assinar um contrato de três anos e que a viagem ficaria por minha conta

– bonitas palavras, pensei eu, uma vez que nem sequer tinha dinheiro para uma viagem até Sydney, quanto mais para o Reino Unido. Em todo caso, achava que precisava ficar apenas um mês na Inglaterra para encontrar Guy Francis Trentham.

Os únicos outros empregos disponíveis, explicou a senhora na segunda vez que telefonei, eram conhecidos como “trabalho de escravo”. Esses consistiam em empregos em hotéis, hospitais e lares de idosos, onde, durante um ano, não se recebia praticamente nada, em troca da passagem para a Inglaterra e a de volta. Como eu ainda não tinha planos para uma determinada carreira e compreendi que era praticamente a única oportunidade que alguma vez teria de conseguir ir a Inglaterra e de encontrar alguém da minha família, fui ao departamento do adido do trabalho e assinei o contrato. A maior parte dos meus amigos na universidade achou que eu havia enlouquecido, mas eles não tinham a menor ideia do meu verdadeiro objetivo em querer visitar a Inglaterra.

O navio em que viajamos para Southampton não deve ter sido muito melhor do que aquele em que os primeiros imigrantes australianos tinham feito a caminho inverso, cerca de cento e setenta anos antes. Puseram-nos, as três

“escravas”, num camarote que não era maior do que o meu quarto na universidade e, se o navio inclinasse mais de dez graus, Pam e Maureen iam parar no meu beliche. Havíamos todas assinado um contrato para trabalhar no Hotel Melrose, em Earl’s Court, que, nos garantiram, ficava no Centro de Londres. Após uma viagem de seis semanas, tínhamos à nossa espera, na doca, um velho caminhão de tropa que nos levou à capital e nos depositou nos degraus do Hotel Melrose.

A governanta indicou-nos onde ficaríamos alojadas as três juntas novamente.

Fiquei surpresa ao descobrir que íamos partilhar um quarto aproximadamente do mesmo tamanho do camarote em que havíamos partilhado o sofrimento a bordo do navio. Desta vez, pelo menos, não caíamos inesperadamente da cama.

Passaram-se mais de duas semanas até me darem tempo de folga suficiente para ir aos Correios de Kensigton consultar a lista telefônica de Londres. Não havia um único Trentham.

– Pode não estar na lista – explicou a moça atrás do balcão. – O que significa que não atenderão a sua chamada, mesmo que descubra o número.

– Ou, então, não há nenhum Trentham vivendo em Londres – disse eu, chegando à conclusão de que o museu do regimento era a minha única esperança.

Acreditava ter trabalhado muito na Universidade de Melbourne, mas as horas que nos faziam trabalhar no Melrose teriam posto rasteando um soldado treinado para combate. Mesmo assim, eu não

admitia, especialmente depois de Pam e Maureen desistirem em menos de um mês, tendo mandado um telegrama aos pais, em Sydney, pedindo dinheiro, e voltado para a Austrália no primeiro navio. Ao menos isso significava que eu teria o quarto só para mim até o próximo navio. Para ser sincera, gostaria de ter feito as malas e voltado para casa com elas, mas não tinha ninguém na Austrália a quem pudesse pedir cerca de dez libras.

No primeiro dia inteiro de folga em que não estava totalmente exausta, tomei um trem para Hounslow. Quando saí da estação, o fiscal indicou-me o almoxarifado dos Royal Fusiliers, onde o museu ficava então situado. Depois de andar cerca de quilômetro e meio, cheguei finalmente ao edifício que procurava. Parecia não estar habitado, exceto por um único recepcionista, que estava vestido com um uniforme cáqui, com três divisas nos braços. Estava sentado dormitando atrás de um balcão.

Fiz barulho ao dirigir-me a ele, fingindo não o acordar.

– Posso ajudá-la em alguma coisa, senhorita? – perguntou ele, esfregando os olhos.

– Espero que sim.

– Australiana?

– E assim tão Óbvio?

– Lutei com os seus rapazes no Norte da África – explicou ele. – Grande grupo de soldados, posso garantir. Então, em que lhe posso ser útil?

– Eu escrevi de Melbourne – disse ela, apresentando uma cópia manuscrita da carta. – Sobre o dono desta medalha. – Tirei o pedaço de barbante por cima da cabeça e entreguei-lhe. – Chamava-se Guy Francis Trentham.

– CM miniatura– disse o sargento sem hesitar, quando pegou a medalha.

– Guy Francis Trentham, disse?

– Sim.

– Bem. Vamos ver no grande livro, 1914-1918, não é?

Acenei com a cabeça.

A Ele se dirigiu a enorme prateleira carregada de volumes pesados e retirou um livro grande e encadernado em couro. Colocou-o sobre o balcão com um baque, espalhando poeira em todas as direções. Na capa estavam as palavras, impressas a ouro: "Royal Fusiliers, Condecorações, 1914-1918."

– Vamos ver, então – disse ele, folheando o livro. Esperei impacientemente

– Guy Francis Trentham, capitão. – Virou o livro para poder ver o verbete com mais cuidado. Eu estava tão excitada que levei alguns minutos para compreender bem as palavras.

A menção do capitão Trentham estendia-se por vinte e duas linhas.

Perguntei se podia copia-la toda.

– Com certeza, senhorita – disse ele. – Fique a vontade. – Ele passou uma folha de papel com linhas e um lápis da tropa mal apontado. Comecei a escrever:

Na manhã do dia 18 de julho de 1918, o capitão Guy Francis Trentham , do Segundo Batalhão dos Royal Fusiliers, conduziu uma companhia de homens das trincheiras aliadas em direção às linhas inimigas, matando vários soldados alemães antes desses alcançarem os seus abrigos, onde, sozinho, eliminou uma unidade do exército

inteira. O capitão Trentham continuou em perseguição de dois outros soldados alemães até uma floresta próxima onde conseguiu matar ambos.

Nessa mesma noite, apesar de estar rodeado pelo inimigo, salvou dois homens de sua companhia o soldado T.

Prescott e o cabo C. Trumper, que se haviam afastado do campo de batalha e estavam escondidos numa igreja próxima. Depois de anoitecer, conduziu-os de volta pelo terreno aberto, enquanto o inimigo continuava a disparar intermitentemente na sua direção.

O soldado Prescott foi morto por uma bala perdida alemã antes de conseguir alcançar a segurança de suas trincheiras. O cabo Trumper sobreviveu apesar de uma barragem de fogo do inimigo .

Por esse ato de comando e heroísmo face ao inimigo , foi atribuída a CM ao capitão Trentham.

Tendo copiado a menção, palavra por palavra, na minha melhor letra, fechei a pesada capa e virei o livro para o sargento.

– Trentham – disse ele. – Se bem me lembro, senhorita, há uma fotografia dele na parede. – O sargento pegou umas muletas, conseguiu sair do balcão e coxeou lentamente até o outro extremo do museu. Eu não havia percebido até esse momento que o pobre homem só tinha uma perna. – Aqui, senhorita –

disse ele.

– Venha comigo.

As palmas das minhas mãos começaram a transpirar e senti-me um pouco tonta, ao pensar que ia descobrir como era o meu pai. Perguntei-me se me pareceria com ele de alguma maneira.

O sargento passou coxeando pelas VC antes de chegar à fila das CM.

Estavam todas em fila, velhas fotografias em sépia, mal emolduradas.

Percorreu-as com o dedo – Stevens, Thomas, Tubs. – E esquisito. Podia jurar que a fotografia dele estava aqui. Bem, macacos me mordam. Deve ter-se perdido quando nos mudamos da Torre para cá.

– A fotografia dele poderia estar em outro lugar?

– Não que eu saiba, senhorita – disse ele. – Pode ter sido imaginação minha, mas podia jurar que vi a fotografia dele quando o museu estava na Torre. Bem, macacos me mordam.

Perguntei-lhe se podia fornecer detalhes sobre o capitão Trentham e o que lhe podia ter acontecido desde 1918. Ele coxeou de novo até o balcão e procurou o nome no livro do regimento.

– Comissionado em 1915, promovido a primeiro-tenente em 1916, a capitão em 1917, Índia 1920-1922, renunciou à comissão em agosto de 1922.

Não se sabe mais nada dele depois disso.

– Então ele pode ainda estar vivo?

– Certamente pode, senhorita. Terá cinquenta, cinquenta e cinco anos, no máximo.

Olhei para o relógio, agradei-lhe e sai do edifício correndo, tendo subitamente consciência de quanto tempo passara no museu, e com receio de perder o trem de regresso a Londres e não chegar a tempo para o meu turno das cinco horas.

Depois de me ter instalado num sombrio compartimento de terceira classe, li novamente a menção. Agradava-me pensar que meu pai

tinha sido um herói da I Grande Guerra; mas ainda não conseguia imaginar por que razão a Srta.

Benson não quisera dizer nada sobre ele. Por que teria ido para a Austrália?

Teria mudado o nome para Ross? Pensei que teria de voltar a Melbourne para descobrir exatamente o que acontecera a Guy Francis Trentham. Se eu tivesse dinheiro para pagar a viagem de volta, embarcaria nessa noite, mas, como tinha que cumprir meu contrato durante mais nove meses antes de me darem dinheiro suficiente para um bilhete de regresso a casa, resignei-me a terminar minha sentença.

Londres, em 1947, era uma cidade excitante para uma jovem de 23 anos, por isso, apesar do trabalho duro, havia muitas compensações. Sempre que tinha tempo de folga, visitava uma galeria de arte, um museu ou ia ao cinema com uma das moças do hotel. Algumas vezes, até acompanhei um grupo de amigos a um baile no Salão Mecca, perto do Strand. Uma noite, lembro-me de que um rapaz da Força Aérea, bastante bonito, me convidou para dançar e, alguns minutos depois de darmos a volta ao salão, tentou beijar-me. Quando o empurrei, ele se tornou ainda mais determinado, e apenas um pontapé no tornozelo, seguido de uma corrida pela pista, me possibilitou escapar. Uns minutos depois, encontrei-me sozinha na rua, de volta ao hotel.

Ao passar por Chelsea, na direção de Earl's Court, parei de vez em quando para admirar os artigos inatingíveis exibidos em todas as vitrines. Desejei particularmente um xale comprido de seda azul nos ombros de um elegante manequim. Deixei de olhar as vitrines durante um momento e li o nome no alto da porta: "Loja Trumper".

Havia algo familiar no nome, mas não conseguia lembrar por quê. Andei lentamente de volta ao hotel, mas o único Trumper de que me conseguia lembrar era o famoso jogador de críquete australiano que

havia morrido antes de eu nascer. Depois, no meio da noite, veio-me a cabeça. Trumper, C. era o cabo referido na menção escrita sobre meu pai. Pulei da cama, abri a última gaveta da minha escrivaninha e verifiquei as palavras que havia copiado durante a visita ao Museu dos Royal Fusiliers.

Ainda não tinha encontrado esse nome desde que chegara a Inglaterra, por isso fiquei pensando se o dono da loja teria alguma coisa a ver com o cabo e, portanto, talvez me pudesse ajudar a encontrá-lo. Decidi voltar ao museu em Hounslow no meu primeiro dia de folga, para ver se o meu amigo deficiente poderia ajudar.

– E bom vê-la de novo, senhorita – disse ele quando me dirigi ao balcão.

Fiquei comovida por ele se lembrar de mim.

– Procurando mais informações?

– Sim – disse-lhe eu – O cabo Trumper, será que ele é...?

– Charlie Trumper, o comerciante honesto. E sim, senhorita; mas agora ele é Sir Charles e é dono de uma grande cadeia de lojas em Chelsea Terrace.

– Foi o que pensei....

– Eu ia falar sobre ele quando saiu correndo na última vez. – Sorriu.
–

Podia ter-lhe poupado uma viagem de trem e quase seis meses.

Na noite seguinte, em vez de ir ver Greta Garbo, no Cinema Gate, de Notting Hill, sentei-me num velho banco no extremo de Chelsea Terrace olhando para uma fileira de janelas. Sir Charles parecia ser o dono de quase todas as lojas da rua. Só fiquei pensando por que

motivo ele permitia que continuasse a existir um espaço vazio tão grande no meio do quarteirão.

O meu próximo problema era conseguir falar com ele. A única ideia que me ocorreu foi levar a medalha ao número 1 para avaliação – e depois rezar.

Durante a semana seguinte, estive no turno do dia do hotel, por isso só pude voltar ao número 1 de Chelsea Terrace na tarde da segunda-feira seguinte, quando mostrei a medalha à moça do balcão e perguntei se podiam avalia-la.

Ela a olhou, depois chamou outra pessoa para a examinar melhor. Um homem alto, com ar de estudioso, passou algum tempo examinando a peça antes de dar uma opinião.

– Uma CM miniatura – disse ele –, por vezes conhecida como uma CM De gala, porque seria usada numa farda de gala em noites de festa do regimento, com o valor aproximado de dez libras. – Ele hesitou durante um momento. –

Mas claro que a Spinks, em King Street, 5, SW 1, poderá fazer uma avaliação mais precisa, se quiser.

– Obrigada – disse eu, não tendo aprendido nada de novo e me sentindo absolutamente incapaz de pensar numa maneira de fazer uma pergunta sobre a folha de serviços de Sir Charles durante a guerra.

– Precisa demais alguma coisa? – perguntou ele, pois eu continuei pregada ao chão.

– Como é que se arranja um emprego aqui?– consegui dizer, sentindo-me completamente idiota.

– Escreva-nos uma carta, especificando suas qualificações e experiência e nos entramos em contato com a senhorita alguns dias

depois.

– Obrigada– disse eu, e fui embora sem dizer mais nada.

Nessa noite, sentei-me para escrever o rascunho de uma longa carta em que destacava minhas qualificações como historiadora de arte. Vendo-as escritas no papel, pareceram-me um pouco fracas.

Na manhã seguinte, passei a limpo no melhor papel de carta do hotel, antes de endereçar o envelope para “Pedido de emprego” – uma vez que não tinha nenhum nome como contato na empresa Trumper– “Número 1, Chelsea Terrace, Londres SW7”.

Na tarde seguinte, entreguei-o a uma moça ao balcão da casa de leilões, não esperando receber qualquer resposta. Em todo caso, eu não sabia bem o que fazer se, de fato, me oferecessem um emprego, uma vez que planejava regressar a Melbourne dentro de alguns meses e ainda não conseguia imaginar como o fato de trabalhar na empresa Trumper iria levar-me a conhecer Sir Charles.

Dez dias depois, recebi uma carta do chefe do pessoal, dizendo que gostariam de me entrevistar. Gastei quatro libras e quinze xelins do salário, que tanto me custava ganhar, num vestido novo, muito caro para mim e cheguei à entrevista com cerca de uma hora de antecedência. Acabei dando várias voltas no quarteirão. Durante essa hora, descobri que Sir Charles parecia realmente vender tudo o que um ser humano poderia desejar, desde que tivesse dinheiro suficiente para pagar.

Finalmente a hora passou, eu entrei e me apresentei ao balcão. Fui levada por uma escada a um escritório no andar superior. A senhora que me entrevistou disse que não conseguia compreender o que eu, com minhas qualificações estava fazendo num hotel como camareira, até eu lhe ter explicado que o trabalho no hotel era o único disponível para os que não podiam pagar a passagem para a Inglaterra.

Ela sorriu antes de me avisar que, se eu quisesse trabalhar no número 1 , todos começavam no balcão.

– Eu comecei no balcão da Sotheby's – prosseguiu a minha entrevistadora.

Tive vontade de lhe perguntar quanto tempo tinha ficado lá.

– Eu adoraria vir trabalhar na empresa Trumper – disse-lhe eu –, mas, infelizmente, ainda faltam dois meses para acabar o contrato, e só, então, posso sair do Hotel Melrose.

– Então vamos ter de esperá-la – respondeu ela sem hesitar. – Pode começar no balcão no dia 19 de setembro, senhorita Ross. Confirmarei por escrito até o fim de semana.

Fiquei tão entusiasmada com a sua oferta, que me esqueci da razão pela qual me havia candidatado ao emprego: até a minha entrevistadora me enviar a carta prometida e eu conseguir decifrar a sua assinatura rabiscada no final da página.

CAPÍTULO 40

Cathy estava trabalhando no balcão da Casa de Leilões Trumper há apenas onze dias quando Simon Matthews lhe pediu que o ajudasse a preparar o catálogo para o leilão italiano. Ele foi o primeiro a reparar como, estando no escalão mais baixo da casa de leilões, ela lidava com as miríades de perguntas que lhe eram feitas, sem ter de pedir constantemente uma segunda opinião.

Trabalhava tanto para a empresa Trumper como tinha feito no Hotel Melrose, mas com uma diferença: agora ela gostava do que fazia. Pela primeira vez na vida, Cathy se sentia pertencente a uma família, porque Rebecca Trumper era invariavelmente informal e simpática com os empregados, tratando-os como iguais. O seu salário era muito mais generoso do que a quantia ínfima que recebera do seu patrão anterior, e o quarto que lhe deram no segundo andar do

açougue, no número 135, era um palácio, em comparação com o seu esconderijo no hotel.

Tentar descobrir mais sobre o pai começou a parecer menos importante para Cathy, à medida que começou a demonstrar que merecia o seu lugar no número 1 de Chelsea Terrace. A sua tarefa principal na preparação do catálogo para o leilão italiano era estudar a história de cada um dos cinquenta e quatro quadros que estariam em leilão. Para isso, ela percorreu Londres de uma ponta a outra, de biblioteca em biblioteca, e telefonou para todas as galerias, na tentativa de conhecer a origem de todos eles. No fim, apenas um quadro a intrigava – o da Virgem Maria e o Menino, que não tinha assinatura nem trazia história anexa, exceto que pertencia à coleção particular de Sir Charlie Trumper e em agora propriedade de uma Sra. Kitty Bennett.

Cathy perguntou a Simon Matthews se ele tinha algumas indicações sobre o quadro, e o chefe do departamento disse-lhe que achava que era da escola de Bronzino.

Simon, a cargo de quem estava o leilão, sugeriu que ela talvez devesse dar uma olhadela nos livros de recortes de jornais.

– Quase tudo que precisa saber sobre os Trumpers está lá.

– E onde estão eles?

– No quarto andar, naquele quartinho no fundo corredor.

Quando ela eventualmente encontrou o cubículo em que estavam as pastas, teve de limpar uma camada de pó e até tirar tuna ou outra teia de aranha, enquanto ia lendo por alto as notícias, ordenadas cronologicamente. Sentou-se no chão, com as pernas debaixo do corpo, enquanto continuava a virar as folhas, tomando-se cada vez mais absorta na ascensão de Charles Trumper desde o dia em que teve o seu primeiro carrinho, em Whitechapel, aos planos para as Torres Trumper de Chelsea. Embora as referências aos primeiros

anos fossem poucas, houve um pequeno artigo no Evening Standard que a imobilizou. A página estava amarelada pelo tempo e, no canto superior direito, mal se distinguia a data impressa: "8 de setembro de 1922".

"Um homem alto com perto de 30 anos, vestido com um velho sobretudo da tropa, assaltou ontem de manhã a casa do Sr. e da Sra. Trumper, na Gilston Road, número 11. Embora o intruso tenha fugido com um pequeno quadro a óleo que se pensa ser de pouco valor, a Sra. Trumper, grávida de sete meses de seu segundo filho, estava em casa na hora e perdeu os sentidos com o choque. Ela foi mais tarde transportada pelo marido para o Guy's Hospital.

À chegada, foi submetida a uma cirurgia de emergência pelo cirurgião-chefe, o Dr.

Armitage, mas a criança já nasceu morta. A Sra. Trumper deverá permanecer no Guy's Hospital para observação durante alguns dias.

A polícia gostaria de entrevistar alguém que tivesse estado na vizinhança na ocasião."

Os olhos de Cathy moveram-se para uma segunda notícia, datada de uns três dias depois.

O policial encontrou um sobretudo da tropa abandonado que pode ter sido usado pelo homem que assaltou o número 11 de Gilston Road. Chelsea, a casa do Sr. e da Sra. Charles Trumper, na manhã de 7 de setembro. Verificou-se que o casaco pertencem ao capitão Guy Trentham, que já esteve nos Royal Fusiliers e que, até recentemente, prestou serviço com o seu regimento na Índia.

Cathy leu as duas notícias repetidas vezes. Ela seria filha do homem que tentara roubar Sir Charles e que tinha sido responsável pela morte de seu segundo filho? E onde se encaixava o quadro? Como teria ele ido para nas mãos da Sra. Bennett? Mais importante, por que teria Lady Trumper tanto interesse num quadro a óleo

aparentemente sem importância, da autoria de um artista desconhecido.

Fechou o livro de recortes e o colocou de novo na pilha. Depois de lavar as mãos, teve vontade de descer e fazer todas as suas perguntas a Lady Trumper, uma a uma, mas sabia que isso não era possível.

Quando o catálogo ficou pronto e estava à venda há mais de uma semana, Lady Trumper pediu para falar com Cathy no seu gabinete. Cathy só esperava que não tivesse sido descoberto nenhum erro enorme ou que ninguém tivesse encontrado o autor da pintura da Virgem Maria e o Menino, que ela devia ter descoberto a tempo de ser mencionado no catálogo.

Quando Cathy entrou no gabinete, Becky disse:

– Os meus parabéns.

– Obrigada – disse Cathy, não tendo bem certeza por que razão estava sendo elogiada.

– O seu catálogo foi um sucesso e temos de mandar imprimir mais rapidamente.

– Só tenho pena de não ter conseguido descobrir o autor do quadro de seu marido – disse Cathy, sentindo-se aliviada por não ser esse o motivo pelo qual Becky a chamara. Também tinha esperança de que a sua patroa lhe dissesse como Sir Charles tinha entrado na posse do quadro e, talvez, esclarecer um pouco a ligação entre os Trumplers e o capitão Trentham.

– Não me surpreendo – respondeu Becky, sem mais explicações.

“Compreenda, encontrei um artigo no arquivo que mencionava um capitão Guy Trentham, e pensei.... –”, Cathy gostaria de ter dito, mas permaneceu em silêncio.

– Gostaria de ser um dos observadores do leilão, na próxima semana? –

perguntou Becky.

No dia do leilão italiano, Cathy foi acusada por Simon Matthews de estar

“cheia de genica”, embora, na realidade, ela tivesse sido incapaz de comer qualquer coisa nessa manhã.

Assim que o leilão começou, os quadros, um após outro, ultrapassaram o seu valor estimado, e Cathy ficou encantada quando a Basílica de São Marco atingiu o recorde para um Canaletto.

Quando o pequeno quadro a óleo de Sir Charles substituiu a obra-prima, ela se sentiu subitamente estranha. Deve ter sido o modo como a luz banhara a tela. porque não havia qualquer dúvida na sua mente de que essa era também uma obra-prima. Seu pensamento imediato foi que, se tivesse duzentas libras, ela própria teria licitado.

O tumulto que se seguiu quando o quadro foi retirado do cavalete tomou Cathy ainda mais ansiosa. Achou que o acusador poderia ter razão ao afirmar que o quadro era um original de Bronzino. Ela nunca tinha visto um exemplo melhor dos seus clássicos bebês rechonchudos com as suas auréolas iluminadas. Lady Trumper e Simon não atribuíram qualquer culpa a Cathy, continuando a assegurar a quem quer que perguntasse que o quadro era uma cópia e que a galeria o conhecia há vários anos.

Quando o leilão finalmente chegou ao fim, Cathy começou a verificar os talões, para ter certeza de que estavam na ordem correta, para que não houvesse dúvidas de quem havia comprado cada um dos quadros. Simon estava a alguns metros dela; dizendo ao proprietário de uma galeria quais os quadros que não haviam atingido o preço mínimo e que poderiam, portanto, ser vendidos particularmente.

Ficou imóvel quando ouviu Lady Trumper virar-se para Simon, assim que o negociante foi embora, e dizer:

– É aquela maldita Sra. Trentham fazendo das suas outra vez. Viu a bruxa no fundo da sala?

Simon acenou que sim com a cabeça, mas não fez qualquer comentário.

Deve ter sido cerca de uma semana depois de o bispo de Reims ter feito a sua declaração, que Simon convidou Cathy para jantar no seu apartamento em Pimlico.

– Uma pequena celebração – acrescentou ele, explicando que tinha convidado todos que haviam estado diretamente envolvidos no leilão italiano.

Quando Cathy chegou nessa noite, encontrou vários empregados da seção dos Velhos Mestres bebendo vinho e, quando se sentaram para o jantar, só Rebecca Salmon não estava presente. Mais uma vez, Cathy sentiu a atmosfera de família que os Trumpers criavam mesmo na sua ausência. Os convidados deliciaram-se com uma refeição de sopa de abacate, seguida de pato selvagem que, souberam, Simon tinha passado toda a tarde preparando. Ela e um jovem chamado Julian, que trabalhava na seção de livros raros, ficaram até depois de os outros terem ido embora, para ajudar a arrumar.

– Não se preocupem em lavar a louça – disse Simon. – A senhora que faz a limpeza trata dela amanhã de manhã.

– Atitude típica de homem – disse Cathy, continuando a lavar a louça.

– Mas admito que fiquei por outra razão.

– E que razão seria essa? – perguntou ele, pegando um pano de prato e fazendo uma tentativa simbólica de ajudar Julian a secar.

– Quem é a Sra. Trentham? – perguntou Cathy abruptamente. Simon voltou-se para a fitar, por isso ela acrescentou desajeitadamente. – Ouvi Becky dizer esse nome uns minutos depois do fim do leilão, quando o homem de casaco de xadrez, que causou tanto burburinho, já havia desaparecido.

Simon não respondeu à pergunta durante algum tempo, como se estivesse ponderando o que deveria dizer. Depois de dois pratos secos, começou.

– Isso remonta a muito tempo, antes de eu chegar à Trumper e não se esqueça de que eu trabalhei na Sotheby's com Becky antes de ela me pedir que viesse para a Trumper com ela. Para ser sincero, não sei bem por que razão ela e a Sra. Trentham se odeiam tanto, mas o que eu sei é que o filho da Sra.

Trentham, Guy, e Sir Charles estiveram no mesmo regimento durante a Primeira Grande Guerra e que Guy Trentham esteve, de algum modo, envolvido com aquele quadro da Virgem Maria e o Menino que teve de ser retirado do leilão. A única outra informação que consegui ao longo dos anos é que Guy Trentham partiu para a Austrália pouco depois... Ei, essa era uma das minhas melhores xícaras de café.

– Desculpe – disse Cathy. – Que desastrada eu sou. – Abaixou-se e começou a apanhar os cacos espalhados pelo chão da cozinha. – Onde é que posso encontrar uma igual?

– Na seção de louças da loja Trumper – disse Simon. – Custam cerca de dois xelins cada. – Cathy riu. – Ouça o meu conselho – acrescentou ele. –

Lembre-se de que os empregados mais antigos têm uma regra de ouro sobre a Sra. Trentham.

Cathy parou de apanhar os cacos.

– Eles não mencionam o nome dela na frente de Becky, a não ser que ela puxe o assunto. E nunca fale no nome “Trentham” na presença de Sir Charles.

Se o fizer, acho que ele a despede na hora.

– E pouco provável que eu tenha essa oportunidade – disse Cathy.
– Não a conheço. De fato, o mais perto que estive da mulher foi quando a vi na sétima fila, no leilão italiano.

– Bem, pelo menos podemos fazer algo a esse respeito – disse Simon.

– Quer vir comigo a festa de inauguração que os Trumpers vão dar na próxima segunda-feira, na sua casa nova, em Eaton Square?

– Está falando sério?

– Claro que estou – respondeu Simon. – De qualquer modo, acho que Sir Charles não aprovaria muito se eu levasse Julian.

– Eles não vão achar grande presunção uma empregada tão nova aparecer de braço dado com o chefe do departamento?

– Sir Charles não. Ele nem sequer sabe o que significa a palavra presunção.

Cathy passou muitas das suas horas de almoço procurando nas lojas de roupa em Chelsea, até escolhera que achou apropriada para a festa de inauguração da casa dos Trumpers. A sua escolha final foi um vestido amarelo com uma fita na cintura que a empregada descreveu como adequada para uma recepção. À última hora, Cathy teve receio de que o seu comprimento ou falta de comprimento fosse demasiado ousado para uma ocasião tão importante. No

entanto, quando Simon a veio buscar no número 135, o seu primeiro comentário foi:

– Vai causar sensação, garanto-lhe.

A segurança dele fê-la sentir-se mais confiante – pelo menos até chegarem ao último degrau da casa dos Trumbers, em Eaton Square.

Quando Simon bateu à porta da residência dos seus patrões, Cathy só fez votos para que não fosse demasiado óbvio que ela nunca tinha sido convidada para uma casarão bela antes. No entanto, perdeu todas as inibições assim que o mordomo os convidou a entrar. Seus olhos fixaram-se imediatamente na festa que a aguardava. Enquanto outros bebiam intermináveis garrafas de champanha e se serviam de bandejas de canapés, ela voltou a atenção para outras coisas e começou mesmo a subir as escadas, saboreando, uma a uma, as coisas deliciosas.

Primeiro apareceu um Corbet, uma natureza morta de magníficos vermelhos, laranjas e verdes-vivos; depois, um Picasso, duas pombas rodeadas de flores cor-de-rosa, os seus bicos quase se tocando; um passo adiante, os seus olhos recaíram num Pissarro, uma velha carregando um molho de palha, dominado por diferentes tons de verde. Mas ela susteve a respiração quando viu o Sisley pela primeira vez, um trecho do Sena em que todos os tons pastéis eram importantes.

– Esse é o meu preferido – disse uma voz atrás dela.

Cathy virou-se e viu um jovem alto e despenteado sorrindo de um modo que deve ter feito muita gente retribuir o sorriso. Seu smoking não lhe assentava muito bem, o laço precisava ser ajustado e encostava-se ao corrimão como se, sem o seu apoio, caísse.

– Lindo – admitiu ela. – Quando eu era mais nova, costumava tentar pintar um pouco; foi Sisley que, finalmente, me convenceu de que

não valia a pena.

– Por quê?

Cathy suspirou.

– Sisley terminou aquele quadro quando tinha dezessete anos e ainda estava na escola.

– Deus do céu – disse o jovem. – Um perito entre nos. – Cathy sorriu para o seu novo companheiro. – Talvez devêssemos ir ver mais algumas dessas obras no corredor de cima!?

– Julga que Sir Charles se importaria?

– Acho que não – respondeu o jovem. – Afinal de contas, de que serve ser colecionador, se os outros nunca tiverem oportunidade de admirar o que se adquiriu?

Encorajada pela confiança dele, Cathy subiu mais um lance.

– Magnífico – disse ela. – Um Sickert primitivo. Raramente aparecem à venda.

– Obviamente trabalha numa galeria de arte.

– Trabalho na Trumper – disse Cathy com orgulho. – Chelsea Terrace, número 1. E você?

– Eu também trabalho mais ou menos para a empresa Trumper – admitiu ele.

Pelo canto do olho, Cathy viu Sir Charles aparecer de uma sala no patamar de cima – o seu primeiro encontro com o presidente da Administração. Tal como Alice, ela teve vontade de desaparecer pelo buraco da fechadura, mas o seu companheiro permaneceu calmo, parecendo sentir-se muito a vontade.

Ao descer as escadas, o anfitrião sorriu para Cathy:

– Olá – disse, quando chegou junto deles. – Eu sou Charlie Trumper, e já ouvi falar muito de você, jovem. Vi-a no leilão italiano, claro, e Becky disse-me que está fazendo um trabalho magnífico. A propósito, parabéns pelo catálogo.

– Obrigada, Sir – disse Cathy, sem saber bem o que dizer, enquanto o presidente continuava descendo as escadas, falando como uma metralhadora e ignorando o seu companheiro.

– Vejo que já conhece meu filho – acrescentou Sir Charles, voltando-se para ela. – Não se deixe levar pelo seu ar de professor; ele é tão malandro como o pai. Mostre-lhe o Bonnard, Daniel. – Com essas palavras, Sir Charles desapareceu dentro da sala.

– Ah, sim Bonnard. O orgulho de papai – disse Daniel. – Não consigo imaginar melhor maneira de conseguir levar uma moça para o quarto.

– Você é Daniel Trumper?

– Não, sou Raffles, o famoso ladrão de arte – disse Daniel, antes de pegar a mão de Cathy e conduzi-la ao quarto dos pais.

– Bem... e que tal? – perguntou ele.

– Deslumbrante – foi tudo o que Cathy conseguiu dizer ao olhar para o enorme nu de Bonnard, da sua amante Michelle secando-se, pendurado acima da cama de casal.

– Papai tem imenso orgulho daquela senhora – explicou Daniel. – Como está sempre recordando, só pagou trezentos guinéus por ela. Quase tanto quanto... – Daniel não completou a frase.

– Ele tem excelente gosto.

– O melhor olho não-treinado no negócio, diz mamãe sempre. E, como foi ele que escolheu todos os quadros que estão nesta casa, quem vai discutir com ele?

– A sua mãe não escolheu nenhum?

– Certamente não. A minha mãe é, por natureza, uma vendedora, enquanto meu pai é um comprador, uma combinação ímpar desde que Duveen e Berenson monopolizaram o mercado da arte.

– Aqueles dois deviam ter acabado na cadeia – disse Cathy.

– Enquanto – disse Daniel – eu desconfio de que o meu pai acabará no mesmo lugar de Duveen. – Cathy riu. – Agora acho que devemos comer alguma coisa, antes que acabe tudo.

Quando entraram na sala de jantar, Cathy viu Daniel dirigir-se ao outro extremo da mesa e trocar dois cartões.

– Que coincidência, senhorita Ross – disse Daniel puxando a cadeira para ela se sentar, enquanto os outros convidados procuravam os seus lugares.

– Depois de tanta brincadeira desnecessária, vejo que ficamos sentados ao lado um do outro.

Cathy sorriu enquanto se sentava ao lado dele e viu uma moça de ar tímido dar a volta à mesa procurando desesperadamente o seu cartão. Em breve, Daniel estava respondendo a todas as suas perguntas sobre Cambridge enquanto ele, por sua vez, queria saber tudo sobre Melbourne, uma cidade que nunca visitara, disse-lhe. Inevitavelmente, surgiu a pergunta:

– E que fazem os seus pais?

Cathy respondeu sem hesitação:

– Não sei, sou órfã.

Daniel sorriu.

– Então somos feitos um para o outro.

– Por quê?

– Eu sou filho de um vendedor de hortaliças e da filha de um padeiro de Whitechapel. Uma órfã de Melbourne, diz? Certamente está um degrau acima de mim na escala social, é claro.

Cathy riu enquanto Daniel recordava o principio das carreiras dos pais c, à medida que a noite avançava, ela até começou a pensar que esse poderia ser o primeiro homem com quem ela estava disposta a conversar sobre o seu inexplicado e inexplicável passado.

Quando o último prato foi retirado, e eles ficaram sentados tomando café, Cathy reparou que a moça tímida estava agora de pé imediatamente atrás de sua cadeira. Daniel levantou-se para a apresentar a Marjorie Carpenter, uma professora de matemática de Giron, Era óbvio que ela era a convidada de Daniel dessa noite e que tinha ficado um pouco surpresa, se não um pouco desapontada, ao descobrir que não tinha ficado sentada ao lado dele no jantar.

Os três conversaram sobre a vida em Cambridge até que a Marquesa de Wiltshire bateu com uma colher na mesa, para chamar a atenção de todos, e depois fez um discurso de improviso. Quando ela finalmente propôs um brinde, todos se levantaram e ergueram os seus copos à empresa Trumper. A marquesa entregou então a Sir Charles uma cigarreira de prata com a miniatura da empresa Trumper e, pela expressão de seu rosto, era óbvio que o objeto dera grande alegria ao anfitrião. Depois de um discurso espirituoso e, Cathy desconfiou, não improvisado, Sir Charles voltou para o seu lugar.

– Tenho de ir embora – disse Cathy alguns minutos depois. – Tenho de levantar cedo. Gostei muito de o conhecer, Daniel – acrescentou ela, parecendo, subitamente, formal. Apertaram as mãos como dois estranhos.

– Falo com você em breve – disse ele, enquanto Cathy agradecia aos anfitriões pelo que ela lhes disse ter sido uma noite memorável.

Saiu sozinha, mas não sem antes verificar que Simon estava distraído conversando com uma jovem de cabelos claros que tinha vindo trabalhar recentemente na seção de tapetes e carpetes.

Ela se dirigiu lentamente de Eaton Square para Chelsea Terrace, saboreando todos os minutos da noite, e estava de volta ao seu pequeno apartamento no número 135 alguns minutos depois da meia-noite, sentindo-se um pouco Cinderela.

Enquanto se despia, Cathy pensava em como havia gostado da festa, especialmente da companhia de Daniel e na alegria de ver tantos dos seus artistas preferidos. Perguntou-se se... Seus pensamentos foram interrompidos pelo som do telefone tocando.

Como já passava bastante da meia-noite, levantou o fone supondo que devia ser engano.

– Eu disse que falava em breve – disse uma voz.

– Vai deitar, bobo.

– Já estou na cama. Telefone outra vez de manhã – acrescentou ele.

Ela ouviu o som do telefone sendo desligado.

Daniel telefonou um pouco depois das oito, na manhã seguinte.

– Acabei de sair do banho – disse-lhe ela. Então deve estar se parecendo com Michelle. E melhor eu ir aí escolher uma toalha.

– Já estou embrulhada numa toalha, obrigada.

– É pena – disse Daniel. – Sou excelente enxugador. Mas, se não pode ser

– acrescentou ele, antes que ela pudesse responder –, quer vir a Trinity no sábado? Vai haver um banquete universitário. Só existem dois por semestre, por isso, se recusar o convite, só nos veremos daqui a três meses.

– Nesse caso, aceito. Mas só porque não vou a um banquete desde que saí da escola.

Na sexta-feira seguinte, Cathy foi de trem para Cambridge e encontrou Daniel à sua espera na plataforma. Embora se dissesse que a Mesa Alta de Trinity intimidava os convidados mais confiantes, Cathy sentiu-se bastante à vontade entre os catedráticos. No entanto, ela não pôde deixar de se perguntar quantos ficariam velhos se comessem e bebessem regularmente assim.

– Nem só de pão vive o homem – foi a única explicação de Daniel, durante a refeição de sete pratos. Ela supôs que a orgia devia ter terminado quando foram convidados para ir à casa do reitor, onde foram servidos mais salgados, acompanhados por uma garrafa de vinho do Porto que circulava interminavelmente e nunca parecia estar parada ou vazia. Ela conseguiu eventualmente escapar, mas não antes de o relógio da torre de Trinity ter soado a meia-noite. Daniel acompanhou-a a um quarto de hóspedes no outro extremo do Great Court e sugeriu que assistissem às matinas no King's College na manhã seguinte.

– Ainda bem que não sugeri que eu aparecesse para o café da manhã –

disse Cathy quando Daniel lhe deu um beijo no rosto, antes de lhe desejar boa-noite.

O pequeno quarto de hóspedes que Daniel tinha reservado para Cathy era ainda menor do que o seu no número 135, mas ela adormeceu assim que deitou a cabeça no travesseiro e só acordou ao som dos sinos que supôs vir da capela do King's College.

Daniel e Cathy chegaram à capela alguns momentos apenas antes de os membros do coro começarem a sua procissão em fila indiana ao longo da nave.

O seu canto pareceu ainda mais comovente do que no disco que Cathy possuía, com a fotografia deles na capa para dar uma indicação de como poderia ser a realidade.

Assim que foi dada a bênção, Daniel sugeriu um passeio pelo Backs para arejar. – Ele lhe tomou a mão, só a libertando quando voltaram a Trinity, uma hora depois, para um almoço frugal.

Durante a tarde, ele lhe mostrou o Museu Fitzwilliam, onde Cathy ficou hipnotizada pelo *Diabo Comendo as seus Filhos*. de Goya.

– Um pouco como a Mesa Alta de Trinity – sugeriu Daniel, antes de irem até Queens, onde ouviram um recital de uma fuga de Bach tocado por um quarteto de cordas de estudantes. Quando saíram, as luzes ao longo da Silver Street haviam começado a cintilar.

– Jantar não, por favor – suplicou Cathy, num protesto brincalhão quando passavam pela Ponte Matemática.

Daniel riu e, depois de terem ido buscar a mala em Trinity, conduziu-a devagar para casa no seu pequeno MG.

– Obrigada pelo maravilhoso fim de semana – disse Cathy quando Daniel estacionou à porta do número 135. – De fato, “maravilhoso” é uma palavra insuficiente para descrever os últimos dois dias.

Daniel beijou-a levemente no rosto.

- Vamos fazer o mesmo no próximo fim de semana – sugeriu ele.
- Nem pense – disse Cathy –, isto é, se você tiver sido sincero quando disse que gostava de mulheres magras.
- Está bem, então vamos tentar sem a comida e, talvez, um jogo de tênis.

Pode ser a única maneira que eu terei de descobrir o nível do segundo time da Universidade de Melbourne.

Cathy riu.

- E importa-se de agradecer à sua mãe por aquela magnífica festa da segunda-feira passada? Esta foi uma semana memorável.
- Eu agradeceria, mas você provavelmente vai vê-la antes de mim.
- Não vai dormir na casa de seus pais?
- Não, tenho de voltar para Cambridge... amanhã tenho aulas às nove.
- Mas eu poderia ter vindo de trem.
- E eu teria tido menos duas horas da sua companhia – disse ele, acenando-lhe adeus.

CAPÍTULO 41

Desde a primeira vez que dormiram juntos, na desconfortável cama de solteiro de seu desconfortável quatinho, Cathy soube que queria passar o resto da vida com Daniel. Ela desejava apenas que ele não fosse o filho de Sir Charles Trumper.

Ela lhe pediu que não dissesse aos pais que se viam tão regularmente.

Estava determinada a demonstrar a sua capacidade na empresa Trumper, explicou ela, e não queria privilégios por namorar o filho do patrão.

Quando Daniel viu a pequena medalha no pescoço de Cathy, ela lhe contou imediatamente a sua história.

Depois do leilão da prata, do seu golpe a respeito do homem da gravata amarela e, mais tarde, do seu palpite ao jornalista do Telegraph, ela começou a sentir-se mais segura quanto a informar os Trumbers de que se apaixonara pelo seu único filho.

Na segunda-feira seguinte ao leilão da prata, Becky convidou Cathy para o conselho de gerência da casa de leilões que, até então, era composto apenas por Simon, Peter Fellowes – o diretor da pesquisa – e a própria Becky.

Becky também pediu a Cathy que preparasse o catálogo para o leilão de outono de impressionistas e tomasse a seu cargo varias outras responsabilidades, incluindo a supervisão do balcão. “Próxima parada, um lugar no conselho de administração principal”, brincou Simon.

Ela telefonou a Daniel no fim da manhã para lhe dar a notícia.

“Isso significa que podemos finalmente deixar de enganar meus pais?”

Quando o pai de Daniel lhe telefonou algumas semanas depois para dizer que ele e a mãe queriam vir a Cambridge, porque precisavam conversar com ele sobre algo “bastante importante”, Daniel convidou-os para tomar chá nos seus aposentos no domingo seguinte, avisando-os de que ele também tinha algo

“bastante importante” para lhes dizer.

Daniel e Cathy falaram ao telefone todos os dias dessa semana, e ela começou a pensar se não seria boa ideia avisar os pais de Daniel de que ela também estaria presente quando eles viessem tomar chá. Daniel nem quis ouvir, dizendo que não era todos os dias que ele tinha oportunidade de levar a melhor sobre o pai e ele não tinha qualquer intenção de deixar passar o momento sem a satisfação de ver a surpresa nos seus rostos.

– E lhe conto outro segredo – disse Daniel. – Concorri a uma vaga de professor de matemática para o King’s College, em Londres.

– Grande sacrifício vai fazer, Dr. Trumper – disse Cathy – porque, quando vier para Londres, eu nunca vou poder alimentá-lo como fazem em Trinity.

– Boa notícia. Isso só pode significar menos visitas ao meu alfaiate.

Cathy achou que o chá que Daniel serviu nos seus aposentos não podia ter sido uma ocasião mais feliz, embora, a princípio, Becky parecesse estar nervosa e tivesse ficado ainda mais ansiosa depois de uma chamada telefônica inexplicada de alguém chamado Dr. Baverstock.

A satisfação de Sir Charles com a notícia de que ela e Daniel pretendiam casar-se durante as férias da Páscoa foi obviamente genuína, e Becky ficou absolutamente radiante com a ideia de ter Cathy como nora. Charlie surpreendeu Cathy quando mudou subitamente de assunto e perguntou quem havia pintado a aquarela pendurada acima da secretária de Daniel.

– Cathy – disse-lhe Daniel. – Finalmente, uma artista na família.

– Também pinta, jovem? – perguntou Charlie, incrédulo.

– Claro que pinta – disse Daniel, olhando para a aquarela. – O meu presente de noivado – explicou ele. – Mais ainda, é o único original

que Cathy pintou desde que veio para a Inglaterra, por isso não tem preço.

– Pinta um para mim? – perguntou Charlie, depois de ter examinado mais atentamente a pequena aquarela.

– Com muito prazer – respondeu Cathy. – Mas onde o vai pendurar? Na garagem?

Depois do chá, os quatro passearam ao longo do Backs, e Cathy ficou decepcionada; os pais de Charlie pareciam ansiosos por regressar a Londres, não podendo nem ir com eles ao serviço religioso da tarde.

Depois de voltar das vésperas, fizeram amor na pequena cama de Daniel, e Cathy avisou-o de que a Páscoa não era cedo.

– Que quer dizer? – perguntou ele.

– Eu acho que minha menstruação está atrasada uma semana.

Daniel ficou tão contente com a notícia, que queria telefonar aos pais imediatamente para partilhar a sua alegria com eles.

– Não seja bobo – disse Cathy. – Não está nada confirmado ainda. Só espero que sua mãe e seu pai não fiquem chocados quando souberem.

– Chocados? Não estão em condição de ficar chocados. Eles só se casaram na semana depois do meu nascimento.

– Como você sabe?

– Comparei a data na minha certidão de nascimento em Somerset House com a data da certidão de casamento deles. Muito simples; parece que, a principio, ninguém queria admitir que eu lhes pertencia.

Esta afirmação convenceu Cathy de que devia finalmente esclarecer qualquer possibilidade de ser da família da Sra. Trentham antes de casarem.

Embora Daniel a tivesse feito esquecer o problema da sua ascendência durante mais de um ano, ela não queria que os Trumpers, mais tarde, pensassem que ela tivera intenção de os enganar ou, pior ainda, fosse da família da mulher que eles odiavam mais do que a qualquer outra pessoa. Agora que tinha casualmente descoberto onde a Sra. Trentham morava, Cathy resolveu escrever uma carta a essa senhora assim que voltou para Londres.

Rabiscou um rascunho no domingo à noite e levantou-se cedo na manhã seguinte para escrever a versão definitiva:

123 Chelsea Terrace.

Londres SW3

Cara Sra. Trentham.

Sou completa desconhecida da senhora e escrevo-lhe na esperança que possa ajudar a resolver um problema que enfrento há vários anos.

Nasci em Melbourne, Austrália, e nunca conheci meus pais, uma vez que fui abandonada muito cedo. De fato criada num orfanato chamado St. Hilda . A única lembrança que tenho da existência do meu pai é uma Cruz militar miniatura que ele me deu quando eu era muito pequena. As iniciais "G.F.T." estão gravadas ao longo de um braço.

O conservador do Museu dos Royal Fusilers, em Hunslow, confirmou que a medalha fora atribuída a um capitão Guy Francis Trentham, em 22 de julho de 1918, na sequência da sua corajosa atuação na segunda batalha do Marne.

A senhora é, por acaso, da família de Guy, e será que ele poderia ser meu pai? Eu ficaria grata por qualquer informação que me possa fornecer sobre esse assunto e apresento as minhas desculpas por perturbar a sua privacidade.

Aguardando uma resposta sua,

Atenciosamente,

Cathy Ross.

Cathy pôs a carta na caixa do correio na esquina de Chelsea Terrace antes de ir trabalhar. Depois de passar anos na esperança de encontrar alguém de sua família, Cathy achou que era irônico que agora quisesse que essa pessoa o negasse.

O anúncio do noivado de Cathy e Daniel Trumper apareceu na página social do The Times na manhã seguinte. Todos no n° pareceram encantados com a notícia. Simon fez um brinde, com champanha à saúde de Cathy, na hora do almoço, e disse a todos: "É um plano Trumper para garantir que não a perderemos para a Sotheby's ou para a Christie." Todos bateram palmas exceto Simon, que lhe murmurou ao ouvido: "E você é exatamente a pessoa certa para nos pôr na mesma categoria."

"É engraçado como as pessoas pensam em possibilidades para nós", pensou Cathy, "mesmo antes de nós próprios pensarmos nelas."

Na quinta-feira, Cathy pegou no tapete da frente um envelope roxo com o seu nome escrito numa letra comprida e fina. Abriu nervosamente a carta e viu que continha duas folhas de papel grosso da mesma cor. O conteúdo intrigou-a mas, ao mesmo tempo, trouxe-lhe um enorme alívio.

19 Chelsea Square

Londres

SW1

Cara Srta. Ross,

Obrigado pela sua carta de segunda-feira passada mas, infelizmente, não a posso ajudar na sua busca de informações. Tive dois filhos, o mais novo dos quais é Nigel, que se separou recentemente. A sua mulher vive em Dorset com o meu único neto, Giles Raymond, de dois anos.

O meu filho mais velho era, de fato, Guy Francis Trentham, a quem foi atribuída a Cruz Militar na segunda batalha do Marne, mas ele morreu de tuberculose em 1922, após prolongada doença. Nunca se casou, nem deixou descendentes.

A miniatura de sua CM desapareceu pouco depois de Guy ter feito uma visita passageira a familiares distantes em Melbourne. Estou satisfeita de que ela tenha reaparecido depois desses anos todos e ficaria grata se a devolvesse quando lhe for possível. Estou certa que não vai desejar com uma joia de família, agora que conhece plenamente as suas origens.

Atenciosamente,

Ethel Trentham

Cathy ficou radiante por saber que Guy Trentham tinha morrido no ano em que ela nascera. Isso significava que era completamente impossível que ela fosse filha do homem que havia causado tanto sofrimento aos seus futuros sogros. A CM deve ter, de algum modo, ido parar nas mãos de quem quer que fosse o seu pai, concluiu ela; pensando bem, ela devia, mesmo com relutância, devolver a medalha sem demora à Sra. Trentham.

Após as revelações da carta da Sra. Trentham, Cathy teve dúvidas de que algum dia conseguisse descobrir quem havia sido seu pai, pois não tinha quaisquer planos imediatos de voltar à Austrália,

agora que Daniel fazia parte do seu futuro. Em todo caso, ela havia começado a achar que era inútil continuar a procurar o pai.

Como Cathy já havia dito a Daniel, no dia em que se conheceram, que não tinha ideia de quem fossem os seus pais, ela fez a viagem para Cambridge na sexta-feira à noite com a consciência limpa. Sentia-se também aliviada por sua menstruação ter descido. À medida que o trem dava solavancos para mudar de linha na sua viagem para a cidade universitária, Cathy não se lembrava de alguma vez se sentir tão feliz.

Brincou com a pequenina medalha pendurada no pescoço, agora de um fio de ouro que Daniel lhe dera no seu aniversário. Entristecia-a trazer com ela essa recordação pela última vez; mas já havia tomado a decisão de devolver a condecoração à Sra. Trentham depois do fim de semana com Daniel.

O trem parou na estação de Cambridge alguns minutos apenas depois da hora de chegada prevista.

Cathy pegou sua maleta e saiu para a calçada, esperando encontrar Daniel estacionado à sua espera no MG; ele nunca se atrasava uma única vez desde o dia em que se haviam conhecido. Ficou desapontada por não ver sinal dele ou do automóvel, e mais surpreendida ainda por, vinte minutos depois, ele não ter aparecido. Voltou para dentro da estação e colocou dois pence na cabine telefônica, antes de discar o número direto do quarto de Daniel. O telefone tocou várias vezes, mas ninguém respondeu.

Intrigada por não conseguir localizá-lo, Cathy saiu novamente da estação e pediu a um dos motoristas da praça de táxis que a levasse ao Trinity College.

Quando o táxi entrou no New Court, Cathy ficou ainda mais surpresa ao ver o MG de Daniel estacionado no seu local habitual. Pagou o táxi e atravessou o pátio em direção à escada que agora lhe era familiar.

Cathy achou que o mínimo que podia fazer era fingir que estava zangada com Daniel por ele não a ter ido buscar. Era esse o tipo de tratamento que a esperava quando se casassem? Ela estava agora no mesmo nível de qualquer estudante que aparecesse sem ter feito o seu trabalho semanal? Subiu os gastos de degraus de pedra até o quarto e bateu levemente à porta, no caso de ele ainda ter um aluno com ele. Como não obteve resposta depois de bater uma segunda vez, empurrou a pesada porta de madeira, decidida a esperar até ele regressar.

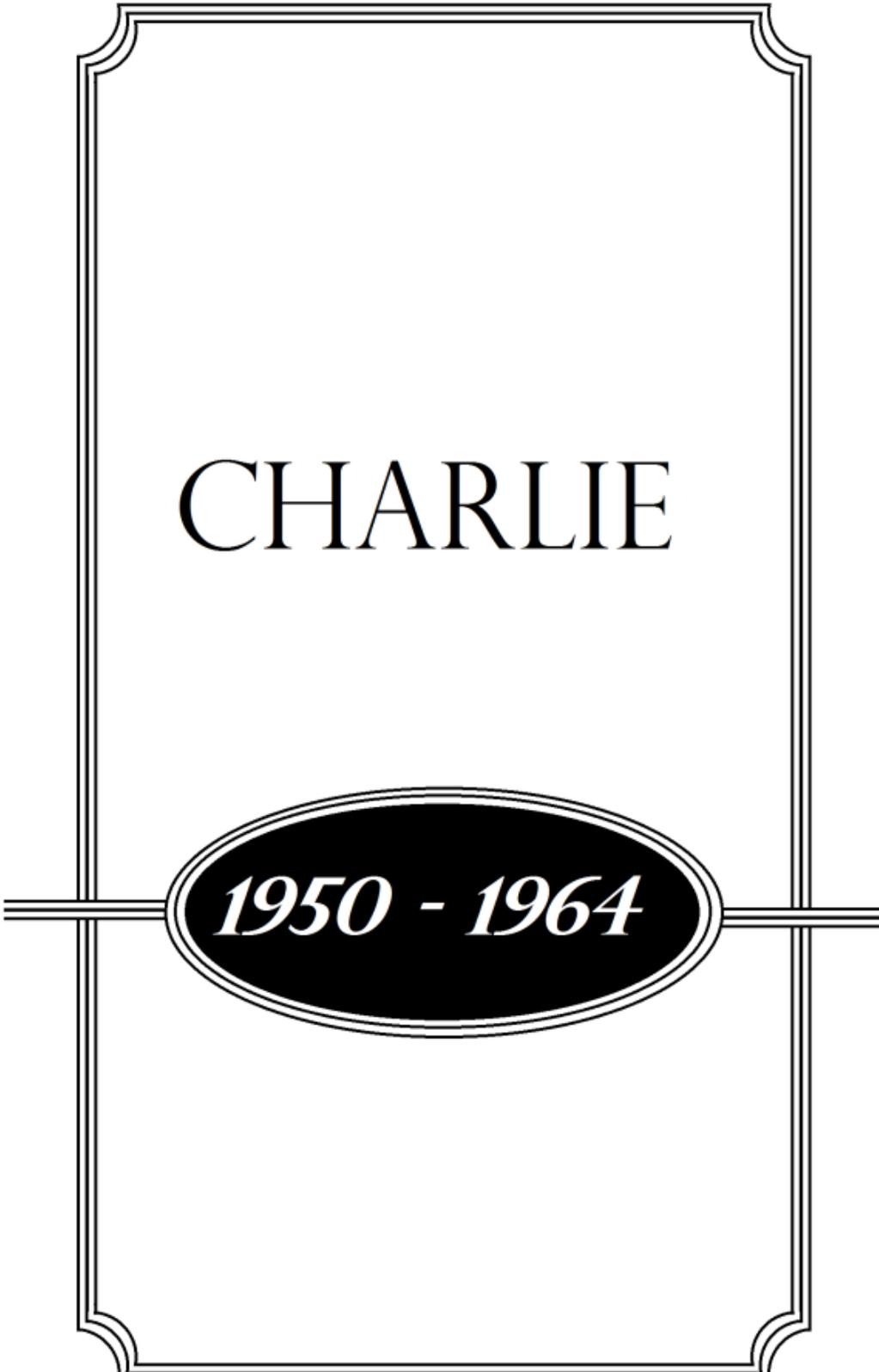
Seu grito deve ter sido ouvido por todos os residentes da escada B.
O

primeiro aluno a chegar ao local encontrou o corpo de uma mulher jovem deitado de barriga para baixo no meio do chão. O estudante caiu de joelhos.

deixou cair os livros que trazia e vomitou em cima dela. Respirou fundo, voltou-se assim que pôde e começou a sair do escritório engatinhando e

|passando por uma cadeira caída, incapaz de levantar novamente os olhos para a cena com que se deparara ao entrar na sala.

O Dr. Trumper continuava a balançar suavemente de uma trave no centro da sala.



CHARLIE

1950 - 1964

CAPÍTULO 42

Durante três dias não consegui dormir. Na manhã do quarto dia, juntamente com os amigos, colegas e alunos de Daniel, assisti à cerimônia fúnebre na Capela do Trinity. Consegui sobreviver à provação e ao resto da semana, em grande parte graças ao fato de Daphne ter organizado tudo tão calma e eficientemente. Cathy não pode assistir à cerimônia porque ainda estava em observação no Hospital de Addenbrooke.

Fiquei de pé ao lado de Becky enquanto o coro cantava *Depressa Cai o Anoitecer*. A minha mente vagueava, tentando reconstituir os acontecimentos dos últimos três dias e atribuir-lhes algum sentido. Depois de Daphne ter dito que Daniel se suicidara – quem a escolheu para dar a notícia compreendia o sentido da palavra “compaixão” – fui imediatamente para Cambridge, tendo pedido encarecidamente que ela não dissesse nada a Becky até eu saber mais sobre o que, de fato, se passara.

Quando cheguei ao Great Court, de Trinity cerca de duas horas depois, o corpo de Daniel já havia sido retirado, e Cathy tinha sido levada para o hospital Addenbrooke, onde se encontrava ainda em estado de choque, o que não era de admirar. O inspetor da polícia encarregado do caso não podia ter sido mais gentil. Mais tarde, fui identificar o corpo, agradecendo a Deus que, pelo menos, para Becky, aquela sala gelada não fosse o último lugar em que estivesse a sós com o filho.

"Senhor, acompanhei-me..."

Eu disse à polícia que não conseguia pensar num motivo pelo qual Daniel tivesse querido suicidar-se – que, de fato, ele tinha acabado de ficar noivo e que nunca o vira tão feliz. O inspetor mostrou-me, então, a carta que ele deixara: uma folha A4 com um único parágrafo escrito à mão.

– Eles geralmente escrevem uma, sabe – disse ele.

Eu não sabia.

Comecei a ler a letra bonita, acadêmica, de Daniel: Agora que eu e Cathy não podemos nos casar , não me resta nada para viver. Pelo amor de Deus, tomem conta da criança.

Daniel

Devo ter repetido aquelas vinte e quatro palavras mais de cem vezes para mim próprio e, mesmo assim, não consegui compreender.

Uma semana depois, o médico confirmou, no seu relatório para o médico legista, que Cathy não estava grávida e que, com certeza, não tinha perdido uma criança. Recordei aquelas palavras vezes sem conta. Estaria eu não me apercebendo de uma sutil inferência, ou a sua última mensagem seria algo que eu nunca compreenderia totalmente?

"Quando todas as ajudas falham..."

Um perito forense descobriu mais tarde um bocado de papel de carta na lareira, mas feito em cinzas, e os vestígios negros, desfeitos, não forneciam qualquer indicação. Depois mostraram-me um envelope em que a polícia achava que a carta queimada tinha sido enviada, e perguntaram-me se eu conseguia identificar a letra.

Olhei para a letra afetada e fina que havia escrito "DR. DANIEL TRUMPER" com tinta roxa.

"Não", menti. A carta tinha sido entregue em mãos, disse-me o detetive, no principio desta tarde, por um homem de bigode castanho e com um casaco de xadrez.

Isso foi tudo de que o estudante que o vira de relance conseguia se lembrar, além de que ele parecia conhecer o local.

Perguntei a mim próprio o que aquela malvada mulher poderia ter escrito a Daniel que o teria levado a suicidar-se; tinha certeza de que a descoberta de que Guy Trentham era o seu pai não teria sido causa suficiente para uma ação tão drástica – especialmente porque sabia que ele e a Sra. Trentham já se haviam encontrado e feito um acordo três anos antes.

A polícia encontrou outra carta em cima da secretária de Daniel. Era do reitor do King's College, em Londres, oferecendo-lhe formalmente a cátedra de Matemática.

"E o conforto se dissipa..."

Depois de sair da casa mortuária fui ao Hospital de Addenbrooke, onde fui autorizado a passar algum tempo à cabeceira de Cathy. Embora tivesse os olhos abertos, estes não pareciam reconhecer-me. Enquanto estive ali, durante quase uma hora, ela ficou simplesmente olhando o teto. Quando compreendi que não podia fazer nada de útil, fui embora silenciosamente. O psiquiatra chefe, o Dr.

Stephen Atkins, saiu apressadamente do seu gabinete e perguntou-me se eu tinha um momento.

O elegante homem pequenino, num terno de bom corte e com um enorme laço, explicou-me que Cathy sofria de amnésia psicogênica, conhecida por vezes como amnésia histérica, e que poderia levar algum tempo até ele poder avaliar qual seria a sua velocidade de recuperação. Agradei-lhe e acrescentei que estaria constantemente em contato. Depois, dirigindo devagar, regressei a Londres.

"Ajuda os indefesos, acompanha-me"

Daphne estava a minha espera no meu gabinete e não fez qualquer comentário sobre a hora tardia. Agradei-lhe a sua infinita amabilidade, mas expliquei-lhe que tinha de ser eu a dar a notícia a Becky. Deus sabe como consegui fazê-lo sem mencionar o envelope

roxo e a denunciadora letra nele escrita, mas consegui. Se tivesse contado toda a história a Becky, acho que ela teria ido a Chester Square e teria matado a mulher com as suas próprias mãos –

e eu talvez até ativesse ajudado.

Enterraram-no entre os seus. O capelão do colégio, que deve ter desempenhado aquela específica tarefa tantas vezes no passado, parou para se recompor em três ocasiões diferentes.

"Na vida, na morte, Senhor, acompanha-me..."

Nessa semana, eu e Becky visitamos juntos o Hospital de Addenbrooke todos os dias, mas o Dr. Atkins limitou-se a confirmar que o estado de Cathy se mantinha inalterado; ela ainda não havia falado. No entanto, a mera ideia de que ela estava ali sozinha, necessitando do nosso amor, deu-nos algo com que nos preocupar além de nos próprios.

Quando regressamos a Londres ao fim da tarde de sexta-feira, Arthur Selwyn andava de um lado para o outro a porta do meu gabinete.

– Alguém assaltou o apartamento de Cathy, a fechadura foi forçada
– disse ele, antes mesmo de eu ter oportunidade falar.

– Mas de que estaria o ladrão à procura?

– A polícia também não sabe. Nada foi mexido.

Ao enigma do que a Sra. Trentham poderia ter escrito a Daniel, eu juntava o mistério do que ela poderia querer que pertencesse a Cathy. Depois de eu próprio verificar o pequeno quarto, continuei sem sabor.

Becky e eu continuamos a ir e vir a Cambridge dia sim, dia não e, depois, em meio à terceira semana, Cathy falou finalmente, a

princípio com dificuldade, depois em faladas, segurando minha mão.

Depois, de repente, sem qualquer aviso, ela ficava outra vez calada. As vezes, esfregava o dedo indicador no polegar, um pouco abaixo do queixo.

Isso intrigava até o Dr. Atkins.

Mas o Dr. Atkins tinha, desde então, podido ter uma longa conversa com Cathy em várias ocasiões e tinha mesmo começado a fazer jogos de palavras para lhe sondar a memória. A opinião dele era de que ela havia apagado da memória tudo que se relacionava com Daniel Trumper e com a sua vida passada na Austrália. Isso não era invulgar em casos semelhantes, garantiu-nos ele, e até deu a esse estado um belo nome grego.

– Acha que devo entrar em contato com o orientador dela em Melbourne?

Ou falar com o pessoal do Hotel Melrose, para ver se eles poderão esclarecer alguma coisa?

– Não – disse ele, endireitando o laço. – Não a pressionem muito e estejam preparados para que essa parte da mente leve algum tempo a recuperar.

Acenei com a cabeça, concordando.

“Foge!”, parecia ser a expressão preferida do Dr. Atkins. “E não se esqueça de que a sua mulher vai sofrer do mesmo trauma.”

Sete semanas depois, deixaram-nos levar Cathy para Eaton Square, onde Becky lhe havia preparado um quarto. Eu já tinha transferido todos os haveres de Cathy do pequeno apartamento, sem saber ainda se faltava alguma coisa depois do assalto.

Becky havia arrumado todas as roupas de Cathy no guarda-vestidos e nas gavetas, tentando, ao mesmo tempo, fazer que o quarto tivesse, o mais possível, um ar habitado. Algum tempo antes, eu havia tirado a aquarela que ela pintara do quarto de Daniel e tornado a pendura-la na escada, entre o Courbet e o Sisley. No entanto, quando Cathy subiu as escadas pela primeira vez, a caminho do seu novo quarto, ela passou pelo seu próprio quadro sem o mínimo sinal de reconhecimento.

Perguntei novamente a o Dr. Atkins se devíamos agora escrever a universidade de Melbourne para tentar descobrir alguma coisa sobre o passado de Cathy, mas ele nos aconselhou a não fazer isso, dizendo que devia ser ela a dar a informação, e só quando se sentisse capaz, nunca como resultado de qualquer pressão externa.

– Mas quanto tempo pensa que ela levará para recuperar a memória?

– De acordo com a minha experiência, qualquer coisa entre quatorze dias e quatorze anos.

Lembro-me de voltar ao quarto de Cathy nessa noite, de me sentar na cama a segurar-lhe a mão. Reparei, com satisfação, que um pouco de cor tinha voltado ao seu rosto. Ela sorriu e perguntou-me, pela primeira vez, como ia o

“maior carrinho”.

– Tivemos lucro recorde – disse-lhe eu. – Mas, muito mais importante, todos a querem de volta no nº 1.

Ela pensou nisso durante algum tempo. Depois disse, simplesmente;

–

Quem me dera que fosse meu pai.

Em fevereiro de 1951, Nigel Trentham passou a fazer parte do conselho de administração da empresa Trumper. Sentou-se ao lado de Paul Merrick, a quem dirigiu um pequeno sorriso. Eu não conseguia olhar diretamente para ele. Era alguns anos mais novo do que eu, mas eu pensei com vaidade que ninguém, em redor da mesa, acharia isso.

O conselho de administração aprovou o dispêndio de mais meio milhão de libras “para tapar o buraco”, como Becky se referiu ao meio acre que há dez anos estava vago no meio de Chelsea Terrace.

– Assim, finalmente, a empresa Trumper pode existir toda sob um mesmo teto – afirmei eu. Trentham não fez qualquer comentário. Os meus colegas diretores também concordaram em destinar cem mil libras a reconstrução do Clube para Rapazes de Whitechapel, que passaria a ser chamado Centro Dan Samon.

Reparei que Trentham murmurou qualquer coisa ao ouvido de Merrick.

A inflação, greves e os crescentes custos de construção fizeram que o custo total das Torres Trumper ficasse mais próximo das setecentas e trinta mil libras do que do estimado meio milhão. Uma consequência disso foi que se tornou necessário aumentar o capital com a venda de mais ações para cobrir a despesa extra. Outro, foi que a construção do clube para rapazes teve que ser adiada.

Houve de novo muitos pedidos de ações, o que foi lisonjeiro para mim pessoalmente, embora receasse que a Sra. Trentham comprasse muitas das novas ações; não tinha modo de o saber. Essa diluição do meu capital significou que eu me vi obrigado a ver a minha parte na empresa descer, pela primeira vez, para menos de quarenta por cento.

Foi um longo verão e, cada dia que passava, Cathy ficava um pouco mais forte e Becky um pouco mais comunicativa. Por fim, o médico concordou que Cathy podia voltar para o nº 1 na segunda-feira

seguinte, e Becky disse que foi quase como se ela nunca tivesse estado ausente – exceto que ninguém falava em Daniel na sua frente.

Uma noite, deve ter sido cerca de um mês depois, voltei para casa do escritório e encontrei Cathy andando no vestíbulo de um lado para o outro. O

meu primeiro pensamento foi que eia devia sentir-se infeliz recordando o passado. Não podia estar mais errado.

– A sua política de pessoal está toda errada – disse ela quando eu fechei a porta.

– Como, jovem? – Eu nem sequer tinha tido tempo de despir o sobretudo.

– Está toda errada – repetiu ela. – Os americanos estão poupando milhares de dólares nas suas lojas com estudos de tempo e movimentos, enquanto a empresa Trumper se comporta como se ainda estivesse navegando na arca de Noé.

– Assistência cativa na arca – lembrei-lhe eu.

– Até ter parado de chover – respondeu ela. – Charlie, tem de compreender que a empresa poria poupar pelo menos oitenta mil por ano só em salários. Não tenho estado ociosa nestas últimas semanas. De fato, eu preparei um relatório para provar a minha opinião. – Colocou uma pasta de cartolina nos meus braços e saiu da sala.

Durante mais de uma hora depois do jantar remexi a pasta e li as conclusões preliminares de Cathy. Ela havia detectado uma situação de pessoal a mais que nos havia escapado e, no seu modo característico, explicava detalhadamente como era possível resolver a situação sem melindrar os sindicatos.

No desjejum da manhã seguinte, Cathy continuou a explicar as suas conclusões, como se não tivesse dormido.

-Ainda está ouvindo, presidente?—perguntou. Ela me chamava “presidente”

sempre que queria frisar algo. Uma manobra que eu tinha certeza ela havia aprendido com Daphne.

– Parece a dona da verdade – disse-lhe eu, o que fez Becky olhar por cima do jornal.

– Quer que demonstre que tenho razão? – perguntou Cathy.

– A vontade.

A partir desse dia, sempre que dava a minha volta da manhã, encontrava, invariavelmente, Cathy trabalhando num andar diferente, fazendo perguntas, observando ou simplesmente registrando numerosos apontamentos, muitas vezes com um cronômetro na outra mão. Nunca lhe perguntei o que estava fazendo e, se os nossos olhos se encontravam, limitava-se a dizer: Bom-dia, Presidente.”

Nos fins de semana, ouvia Cathy escrevendo a máquina no seu quarto durante horas seguidas. Depois, inesperadamente, numa manhã, descobri uma pasta grossa a minha espera no lugar onde deveria encontrar um ovo, duas fatias de bacon e o *Sunday Times*.

Nessa tarde, comecei a ler o que Cathy havia preparado para mim, No princípio da noite, tinha chegado à conclusão de que o conselho de administração deveria implementar, sem demora, a maior parte das suas recomendações.

Eu sabia exatamente o que queria fazer em seguida, mas achei que precisava do consentimento do Dr. Atkins. Telefonei para o Hospital

de Addenbrooke nessa noite, e a enfermeira-chefe deu-me amavelmente o seu número de telefone.

Passamos mais de uma hora ao telefone. Ele não receava pelo futuro de Cathy, garantiu-me, especialmente desde que ela começara a recordar-se de pequenos fatos do passado e até conseguia falar em Daniel.

Quando descí para tomar o desjejum na manhã seguinte, encontrei Cathy sentada à mesa à minha espera. Ela não disse uma palavra enquanto eu mastigava a torrada com geleia, fingindo estar absorto no *Financial Times*.

– Está bem, eu desisto – disse ela.

– E melhor não–avisei-a, sem levantar os olhos do jornal.– Porque você e o ponto número sete da pauta de trabalhos da reunião do conselho de administração do próximo mês.

– Mas quem vai apresentar os planos? – perguntou Cathy, parecendo preocupada.

– Eu não sou, isso é certo– respondi eu, – E não consigo pensar em mais ninguém que queira fazer.

Durante as duas semanas seguintes, quando ia para o quarto à noite, reparei, ao passar pelo quarto de Cathy, que ela havia deixado de escrever à máquina. Fiquei tão cheio de curiosidade que uma vez até espreitei pela porta do quarto entreaberta.

Cathy estava em frente do espelho, ao seu lado estava um enorme quadro branco, em cima de um cavalete. O quadro estava coberto com um monte de alfinetes coloridos e setas ponteadas.

– Vá embora – disse ela, sem se virar. Compreendi que não havia nada a fazer exceto esperar a próxima reunião do conselho de administração.

O Dr. Atkins me havia avisado de que ter de fazer a apresentação do seu plano em público poderia ser esforço demasiado para Cathy, e que eu deveria levá-la para casa se ela manifestasse sinais de tensão. “Veja se ela não se esforça muito”, foram as suas últimas palavras.

“Não vou permitir que isso aconteça”, prometi.

Nessa quinta-feira de manhã, os membros do conselho de administração estavam todos sentados nos seus lugares em volta da mesa aos três minutos para as dez. A reunião começou calma, com justificações de ausências, seguidas da aprovação da ata da reunião anterior. Mesmo assim, conseguimos fazer Cathy esperar durante mais de uma hora, porque, quando chegamos ao ponto número três da pauta de trabalhos – a decisão, sem discussão, de renovar a nossa apólice de seguro com a Prudential –, Nigel Trentham utilizou a oportunidade simplesmente para me irritar, esperando, suponho, que eu perdesse a calma. E eu teria feito, se não fosse tão óbvio que era isso o que ele queria.

– Creio que chegou o momento de uma mudança, Sr. Presidente – disse ele. – Sugiro que mudemos para a Legal and General.

Olhei para o lado esquerdo da mesa a fim de localizar o homem cuja presença me recordava sempre Guy Trentham e o aspecto que ele teria na meia-idade. O irmão mais novo vestia um terno trespassado de bom corte que disfarçava bem o peso a mais. No entanto, nada podia disfarçar o queixo duplo e a calvície.

– Devo informar este Conselho – comecei – de que a Empresa Trumper trabalha com a Prudential há mais de trinta anos. E, além disso, eles nunca nos decepcionaram. E igualmente importante lembrar ser pouco provável que a Legal and General nos possa oferecer condições mais favoráveis.

– Mas eles possuem dois por cento das ações da empresa – fez notar Trentham.

– A Prudential detém cinco por cento – lembrei aos meus colegas diretores, ciente, mais uma vez, de que Trentham não tinha feito o seu dever de casa. A discussão podia ter continuado durante horas, como um jogo de tênis entre Drobny e Fraser, se Daphne não tivesse intervindo e proposto uma votação.

Embora Trentham tivesse perdido por sete contra três, a disputa serviu para lembrar a todos que estavam em redor da mesa qual era o seu objetivo a longo prazo.

Durante os últimos dezoito meses Trentham havia, com a ajuda da mãe, aumentado as suas ações na empresa para, calculava eu, cerca de quatorze por cento. Isso seria controlável se, infelizmente, eu não soubesse que o Fundo Hardcastle tinha mais dezessete por cento das nossas ações – ações que tinham sido originalmente destinadas a Daniel, mas que, com a morte da Sra.

Trentham, passariam automaticamente para os familiares mais próximos de S/

Raymond. Embora tivesse perdido a votação, Nigel Trentham não manifestou qualquer sinal de perturbação ao arrumar os papéis, dizendo um aparte a Paul Merrick, sentado a sua esquerda. Ele se sentia obviamente confiante de que o tempo estava do seu lado.

– Ponto sete — disse eu e, inclinando-me para Jessica, perguntei-lhe se se importava de convidar a Srta. Ross a entrar. Quando Cathy entrou na sala, todos os homens em volta da mesa se levantaram, Até Trentham se soergueu da cadeira.

Cathy colocou dois quadros no cavalete que já tinha sido armado para ela, um cheio de gráficos, o outro coberto de estatísticas. Voltou-se para nós. Dirigi-lhe um sorriso caloroso.

– Bom-dia, minhas senhoras e meus senhores— disse ela. Fez uma pausa e olhou para os apontamentos. – Gostaria de começar por...

Ela talvez tivesse começado com alguma hesitação, mas depressa ganhou ritmo enquanto explicava, ponto por ponto, por que razão a política de pessoal da empresa era antiquada e quais as medidas a tomar para retificar a situação o mais depressa possível. Essas incluíam aposentadoria antecipada para os homens aos sessenta anos e para as mulheres aos cinquenta e cinco; o aluguel de espaço de prateleiras, mesmo seções inteiras, às marcas conhecidas, o que produziria um fluxo de dinheiro sem qualquer risco financeiro para a Empresa Trumper, uma vez que cada arrendatário seria responsável pelo seu próprio pessoal; e maior percentagem de desconto sobre a mercadoria para empresas que nos fizessem encomendas pela primeira vez. Cathy levou cerca de quarenta minutos fazendo a apresentação e, quando terminou, passaram-se alguns minutos até que alguém, em redor da mesa, falasse.

Se a sua apresentação inicial foi boa, o modo como respondeu às perguntas que se seguiram foi ainda melhor. Tratou das questões bancárias que Tim Newman e Paul Merrick lhe colocaram, bem como dos problemas sindicais que Arthur Selwyn levantou. Quanto a Nigel Trentham, ela lidou com ele com uma calma eficiente que eu tinha dolorosamente a consciência de nunca conseguir igualar.

Quando Cathy saiu da sala do conselho de administração uma hora depois, todos os homens se levantaram novamente, exceto Trentham, que ficou olhando o relatório à sua frente.

Quando cheguei a casa nessa noite, Cathy me esperava à porta.

– Então?

– Então?

– Não brinque comigo, Charlie – repreendeu-me ela.

– Você foi nomeada a nossa nova diretora de pessoal – disse-lhe eu sorrindo. Durante um momento, ela ficou sem fala. – Você mexeu num ninho de vespas, minha jovem – acrescentei, passando por ela.

– A Administração está à espera de que resolva o problema.

Cathy ficou tão obviamente satisfeita com a notícia que eu achei pela primeira vez que a morte trágica de Daniel poderia ter sido ultrapassada.

Telefonei ao Dr. Atkins nessa noite para lhe dizer, não só como Cathy se havia comportado, mas que, como resultado da sua exposição, tinha sido eleita para o conselho de administração. Mas o que eu não disse a nenhum deles foi que eu havia sido forçado a concordar com outra indicação de Trentham para a Administração, para garantir que a nomeação dela fosse feita sem ser necessária uma votação.

Desde o dia em que Cathy chegou a mesa do conselho de administração, tornou-se claro para todos que ela era uma séria candidata a minha sucessão como presidente, e não mais a mocinha esperta do grupo de Becky. No entanto, eu sabia bem que a progressão de Cathy só poderia ser alcançada enquanto Trentham não pudesse obter controle de cinquenta e um por cento das ações da Empresa Trumper.

Também compreendia que a única maneira que ele poderia conseguir isso era fazer uma oferta pública pela empresa que eu calculei ser possível quando pusesse a mão no dinheiro do Fundo Hardcastle. Pela primeira vez na vida, desejei que a Sra. Trentham vivesse tempo suficiente para permitir colocar a empresa numa situação de força tal, que até o dinheiro do Fundo fosse insuficiente para que Nigel Trentham conseguisse controlá-la.

Em 2 de junho de 1953, a rainha Isabel foi coroada, quatro dias depois de dois homens de diferentes partes da Commonwealth terem conquistado o Everest. Winston Churchill resumiu a situação quando disse: “Os que leram a história da primeira era isabelina, devem certamente aguardar ansiosamente a oportunidade de participar da segunda”

Cathy aceitou o desafio do primeiro-ministro e lançou-se, com toda a sua energia, no projeto pessoal de que o conselho de administração a encarregara, e foi capaz de apresentar uma poupança de quarenta e nove mil libras em salários durante 1953 e mais vinte e uma mil libras durante a primeira metade de 1954.

No fim desse ano fiscal, eu achei que ela sabia mais sobre a gerência da Empresa Trumper no nível do pessoal do que qualquer outra pessoa em redor da mesa, me incluindo, naturalmente.

Durante 1955 as vendas do exterior começaram a cair bastante e uma vez que Cathy já não parecia estar sobrecarregada e eu queria que ela ganhasse experiência em outros departamentos, pedi-lhe que resolvesse os problemas da nossa seção internacional.

Ela assumiu o novo cargo com o mesmo entusiasmo com que fazia tudo, mas durante os dois anos seguintes começou a chocar-se com Nigel Trentham sobre vários assuntos, incluindo a política de devolver a diferença a qualquer cliente que provasse ter pago menos por um artigo, ao comprar de um dos nossos concorrentes.

Trentham sustentava que os clientes da Trumper não estavam interessados numa possível diferença de preço que pudesse ser comparada com uma loja menos conhecida, mas apenas em qualidade e serviço, ao que Cathy respondeu:

“Não é responsabilidade do cliente preocupar-se com a folha de balanço, mas sim do conselho de administração, em nome dos acionistas.”

Em outra ocasião, Trentham esteve perto de acusar Cathy de ser comunista quando ela sugeriu um “esquema de participação dos trabalhadores nas ações”

que ela achava que criaria lealdade para com a empresa que só os japoneses compreendiam plenamente – um país, explicava ela, onde

não era invulgar uma empresa conservar noventa e oito por cento do seu pessoal do útero ao túmulo.

Nem mesmo eu tinha bem a certeza de aprovar essa ideia, mas Becky avisou-me de que eu começava a parecer um “bota de elástico”, que eu supus ser um termo moderno que não devia ser tomado como elogio.

Quando a Legal and General não obteve os nossos seguros, vendeu os seus dois por cento a Nigel Trentham. A partir desse momento, fiquei ainda mais preocupado de que ele conseguisse pôr as mãos em ações suficientes para tomar conta da empresa. Ele também propôs outra nomeação para o conselho de administração que, graças ao apoio de Paul Merrick, foi aceita.

– Eu devia ter comprado aquele terreno há trinta e cinco anos por quatro mil libras –disse eu a Becky.

– Como tantas vezes você repetiu no passado; e o pior – lembrou-me Becky é que a Sra. Trentham é agora mais perigosa para nós morta do que viva.

As Torres Trumper enfrentaram sem sobressalto a chegada de Elvis Presley, dos Teddy Boys, de sapatos de salto alto e fino e dos feenagers.

“Os clientes podem ser diferentes, mas o nosso nível não se pode alterar”, lembrava eu continuamente ao conselho de administração.

Em 1960, a empresa declarou o lucro líquido de setecentos e cinquenta e sete mil libras, quatorze por cento de retorno do capital e, um ano mais tarde, coroou esse êxito ao lhe ser atribuída a Garantia Real pela rainha. Dei instruções para que o brasão da Casa de Windsor fosse afixado no alto da porta principal, para lembrar ao público que a rainha fazia compras regularmente no carrinho.

Eu não podia fingir que alguma vez tivesse visto Sua Majestade com um dos nossos conhecidos sacos azuis com um carrinho prateado ou que a tivesse avistado subindo e descendo as escadas rolantes nas horas de maior movimento, mas ainda recebíamos chamadas telefônicas regulares do palácio quando precisavam ser abastecidos, o que, mais uma vez, provava a velha teoria do meu avô de que uma maçã é uma maçã, independente de quem a trinque.

O ponto alto de 1961 para mim foi quando Becky finalmente inaugurou o Centro Dan Salmon, na Whitechapel Road – outro edifício cujo custo ultrapassou bastante as previsões. No entanto, não lamentei um único penny do dispêndio – apesar das críticas constantes de Merrick ao ver a próxima geração de rapazes e moças de East End nadando, jogando boxe, praticando halterofilismo e jogando squash, um jogo para que eu não tinha jeito nenhum para ele.

Sempre que ia a West Ham assistir futebol no sábado à tarde, passava pelo novo clube no caminho para casa afim de ver crianças africanas, das Índias Orientais e as asiáticas – os novos habitantes do East End – lutando umas contra as outras com a mesma determinação que nós havíamos lutado contra os irlandeses e os imigrantes da Europa Oriental.

“A velha ordem muda, dando lugar à nova; e Deus se cumpre de muitas maneiras, para que um bom hábito não corrompa o mundo.” As palavras de Tennyson, gravadas em pedra no arco por cima do centro, fez-me lembrar a Sra. Trentham, que nunca estava longe dos meus pensamentos, especialmente enquanto três dos seus representantes se sentavam à volta da mesa da sala do conselho de administração, ansiosos por cumprir as suas ordens. Nigel, que agora vivia em Chester Square, parecia contentar-se em esperar que as peças encaixassem antes de comandar as tropas para o ataque.

Continuei a rezar para que a Sra. Trentham vivesse longos anos, uma vez que precisava de ainda mais tempo para preparar algum

processo de bloqueio que garantisse que o seu filho nunca pudesse assumir a empresa.

Foi Daphne quem primeiro me informou de que a Sra. Trentham havia caído de cama e que recebia visitas regulares do médico da família. Nigel Trentham ainda conseguiu manter um sorriso no rosto durante esses meses de espera.

De repente, no dia 7 de março de 1962, a Sra. Trentham, com 88 anos, morreu.

– Sossegadamente, enquanto dormia – informou-me Daphne.

CAPÍTULO 43

Daphne foi ao funeral da Sra. Trentham “só para ter certeza de que a maldita mulher estava realmente enterrada”, explicou mais tarde a Charlie,

“embora não me surpreendesse se ela encontrasse uma maneira de ressuscitar”.

Ela avisou também Charlie de que tinha ouvido Nigel, antes ainda de o corpo ter baixado a terra, dizendo a todos que ia haver foguetes assim que o conselho de administração se reunisse de novo. Ele só tinha de esperar alguns dias.

Na primeira terça-feira do mês seguinte, Charlie olhou em volta da mesa de reuniões para ver se todos os diretores estavam presentes. Ele sentia que estavam todos à espera de ver quem iria atacar primeiro. Nigel Trentham e os seus dois colegas tinham gravatas pretas, como um emblema oficial, lembrando ao conselho de administração o seu recentemente adquirido status. Como contraste, pela primeira vez na memória de Charlie, o Dr. Baverstock usava uma vistosa gravata de cor clara.

Charlie já havia pensado que Trentham iria esperar o ponto seis, “uma proposta para aumentar as instalações bancárias no térreo”, antes de fazer qualquer coisa. O esquema original tinha sido uma das iniciativas de Cathy e, pouco depois de uma das suas viagens mensais aos Estados Unidos, ela havia apresentado uma proposta pormenorizada ao conselho de administração.

Embora o novo departamento tivesse tido alguns problemas de início, no fim do segundo ano começava a cobrir as despesas.

A primeira meia hora decorreu de forma bastante calma, enquanto Charlie apresentou os pontos um a cinco. Mas quando ele anunciou:

– Ponto seis. A expansão do...

– Devemos fechar o banco e diminuir o nosso prejuízo – foram as primeiras palavras de Trentham, mesmo antes de Charlie ter tido oportunidade de dar uma opinião.

– Por que motivo? – perguntou Cathy, com ar de desafio.

– Porque não somos banqueiros – disse Trentham. – Somos comerciantes...

ou empurramos carrinhos, como o nosso presidente gosta frequentemente de nos lembrar. Em todo caso, pouparíamos quase trinta mil libras por ano.

– Mas o banco está começando a cobrir suas despesas – disse Cathy. –

Devemos pensar em ampliar as instalações, não em diminuí-las. E, pensando em lucros, quem sabe quanto do dinheiro retirado é gasto na loja?

– Sim, mas devemos ver a quantidade de espaço para balcões que o banco ocupa.

- Em troca, oferecemos um serviço precioso aos nossos clientes.
- E perdemos dinheiro por não utilizar o espaço para linhas de negócio mais rentáveis – disparou Trentham.
- Como o quê, por exemplo? – disse Cathy. – Diga-me só que outra seção oferece aos nossos clientes um serviço mais útil e ao mesmo tempo da um lucro tão grande. Se o fizer, eu serei a primeira a concordar em fechar o banco.
- Nós não somos uma indústria de serviços. O nosso dever é dar lucro aos nossos acionistas – disse Trentham. – Exijo urna votação sobre o assunto –

disse ele, não se incomodando em continuar a responder aos argumentos de Cathy.

Trentham perdeu a votação por seis contra três, e Charlie supôs que, depois desse resultado, eles prosseguiriam para o ponto sete – um passeio do pessoal para ver o filme West Side Story que estava no Odeon Leicester Square.

No entanto, assim que Jessica Allen havia registrado os votos na ata, Nigel Trentham levantou-se rapidamente e disse:

- Tenho uma comunicação a fazer, Sr. Presidente.
- Não seria mais apropriado em “Outros assuntos”? – perguntou Charlie com ar inocente.
- Eu já não estarei aqui quando discutirem outros assuntos – disse Trentham friamente. Tirou um papel do bolso interno, desdobrou-o e começou a ler o que era obviamente um texto preparado.
- Sinto que é meu dever informar o conselho de administração– afirmou ele – que, dentro de algumas semanas, eu serei o único dono de trinta e três por cento das ações da empresa Trumper. Na

próxima vez que nos reunirmos, vou Insistir para que sejam feitas várias alterações na estrutura da empresa, sobretudo na composição dos que atualmente estão sentados em volta desta mesa, – Fez uma pausa para olhar para Cathy antes de acrescentar. – Tenciono ir embora agora, para que possam discutir melhor as implicações da minha informação.

Ele empurrou a cadeira para trás enquanto Daphne dizia:

– Não tenho certeza de estar compreendendo bem o que o Sr. Trentham está sugerindo.

Trentham hesitou durante um instante antes de responder:

– Então vou ter de explicar mais claramente a minha posição, Lady Wiltshire.

– Muito amável de sua parte.

– Na próxima reunião do conselho de administração – continuou ele, imperturbável – vou permitir que o meu nome seja proposto e apoiado como presidente da empresa Trumper. Se não for eleito, demitir-me-ei imediatamente do conselho de administração e farei uma declaração à imprensa sobre a minha intenção de fazer uma oferta pública de compra das restantes ações da empresa.

Todos devem ter conhecimento de que eu tenho possibilidade de fazer isso.

Como vou precisar de apenas dezoito por cento das ações para me tornar o maior acionista, sugiro que talvez seja sensato que os atuais diretores aceitem o inevitável e apresentem a sua demissão, para evitar o constrangimento de ser despedidos. Espero vê-los de novo na reunião do conselho de administração do próximo mês. – Ele e os seus dois colegas levantaram-se e saíram da sala.

O silêncio que se seguiu foi quebrado apenas por outra pergunta de Daphne.

– Qual é o coletivo de um grupo de filhos da mãe?

Todos riram, exceto Baverstock, que murmurou baixinho:

– Um monte de merda.

– Portanto, agora recebemos as nossas instruções de combate – disse Charlie. – Esperemos que tenhamos todos força para a luta. – Voltando-se para o Dr. Baverstock, perguntou: – Pode informar o conselho de administração sobre as ações atualmente possuídas pelo Fundo Hardcastle?

O velho levantou lentamente a cabeça e olhou para Charlie:

– Não, Sr. Presidente, não posso. De fato, lamento ter de informar o Conselho de Administração de que eu também terei de apresentar a minha demissão.

– Mas por quê? – perguntou Becky, estupefata. – O doutor sempre nos apoiou, nos bons e maus momentos.

– Deve desculpar-me, Lady Trumper, mas não posso revelar as minhas razões.

– Não pode reconsiderar a sua decisão? – perguntou Charlie.

– Não, não posso – respondeu Baverstock com firmeza.

Charlie deu imediatamente por terminada a reunião, apesar de todos tentarem falar ao mesmo tempo, e seguiu rapidamente Baverstock para fora da sala de reuniões.

– Que o leva a se demitir? – perguntou Charlie. – Ao fim desses anos todos?

– Talvez nos possamos encontrar amanhã para conversar sobre os meus motivos, Sir Charles?

– Com certeza. Mas diga-me só por que razão resolveu deixar-nos no momento em que mais precisamos do senhor?

O Dr. Baverstock estacou.

– Sir Raymond calculou que isso acontecesse – disse ele em voz baixa.

– E deixou-me instruções para essa eventualidade.

– Não compreendo.

– É por isso que devemos nos encontrar amanhã, Sir Charles.

– Quer que leve Becky comigo?

O Dr. Baverstock considerou a sugestão durante algum tempo antes de dizer.

– Acho que não. Se vou divulgar um segredo pela primeira vez em quarenta anos, prefiro não ter nenhuma testemunha presente.

Quando Charlie chegou ao escritório de Baverstock, Dickens e Cobb na manhã seguinte, o sócio principal estava à porta para o receber. Embora Charlie nunca tivesse chegado atrasado para uma reunião com o Dr. Baverstock, nos quatorze anos em que se conheciam, ele ficou comovido com a gentileza com que o advogado sempre o tratava.

– Bom-dia, Sir Charles – disse Baverstock antes de conduzir o seu visitante ao longo do corredor para o seu gabinete.

Charlie ficou surpreso por lhe ser oferecida uma cadeira junto da lareira apagada, em vez do lugar habitual do outro lado da secretária do advogado.

Não havia um escriturário ou secretária presente nessa ocasião para tomar notas, e Charlie também reparou que o telefone sobre a secretária do Dr.

Baverstock estava desligado. Recostou-se na cadeira, compreendendo que não ia ser uma reunião breve.

– Há muitos anos, quando eu era novo – começou Baverstock – e fiz os meus exames, jurei manter um código de confidencialidade quando tratasse dos instintos particulares dos meus clientes. Posso dizer com segurança que honrei esse compromisso durante toda a minha vida profissional. No entanto, um dos meus clientes, como sabe, foi Sir Raymond Hardcastle e ele... – Batem à porta e entrou uma moça, trazendo uma bandeja com duas xícaras de café e um açucareiro.

– Obrigado, senhorita Burrows – disse Baverstock quando uma das xícaras foi colocada à sua frente. Não prosseguiu com a exposição até a porta se ter fechado atrás dela. – Onde e que estava? – perguntou Baverstock, deixando cair um cubo de açúcar na sua xícara. '

– O seu cliente, Sir Raymond.

– Sim – disse Baverstock. – Bem, Sir Raymond deixou um testamento que, penso, o senhor conhece. O que não poderia saber, contudo, é que ele juntou uma carta a esse documento. Não tem qualquer valor legal, uma vez que me foi dirigida em caráter pessoal.

O café de Charlie continuou intacto, enquanto ele escutava atentamente o que Baverstock tinha para lhe dizer.

– E porque essa carta não é um documento legal, mas uma comunicação particular entre dois velhos amigos é que eu decidi que deve ter conhecimento do seu conteúdo.

Baverstock inclinou-se e abriu a pasta que estava à sua frente.

– Devo acentuar, Sir Charles, antes de ler esta carta, que foi escrita quando Sir Raymond supunha que os seus bens seriam herdados por Daniel e não pelos seus outros familiares.

O Dr. Baverstock empurrou os óculos para o alto do nariz, pigarreou e começou a ler:

Caro Baverstock

Apesar de tudo que fiz para garantir que as minhas últimas vontades sejam cumpridas à letra, pode ainda acontecer que Ethel encontre maneira de impedir que meu bisneto Daniel Trumper não herde o montante líquido dos meus bens. Se isso acontecer por favor utilize o seu bom senso e permita que os que forem mais afetados pelas decisões do meu testamento tomem conhecimento de todos os seus pormenores.

Meu velho amigo, você sabe exatamente a quem e a que eu me refiro.

Com a amizade de sempre,

Ray

Baverstock colocou a carta novamente em cima da mesa e disse:

– Receio que ele conhecesse as minhas pequenas fraquezas tão bem como as de sua filha.

Charlie sorriu, pois tinha noção do dilema ético com que o velho advogado se debatia.

– Agora, antes de me referir ao testamento propriamente, devo fazer-lhe outra confidência.

Charlie assentiu com a cabeça.

– Como infelizmente sabe, Sir Charles, o Sr. Nigel Trentham e agora o familiar mais próximo, No entanto, não se pode deixar de notar que o testamento está escrito de tal modo que Sir Raymond nem sequer quis menciona-lo como recipiente. Desconfio de que ele tinha esperança de que Daniel tivesse filhos que tivessem a precedência sobre o seu neto.

– A posição atual é que o Sr. Nigel Trentham, como descendente vivo mais próximo de Sir Raymond, terá direito às ações na empresa Trumper e ao montante líquido da herança Hardcastle... uma fortuna considerável que, posso confirmar, lhe proporcionará fundos suficientes para se apropriar de sua empresa. No entanto, não foi esse o motivo de querer falar com o senhor esta manhã. Não, foi porque existe uma cláusula no testamento que não podia conhecer antes. Depois de ter em conta a carta de Sir Raymond, acredito que é meu dever informá-lo do seu significado.

Baverstock procurou no processo e retirou alguns papéis, selados com lacre e atados com fita cor-de-rosa.

– As primeiras onze cláusulas do testamento de Sir Raymond levaram-me algum tempo para redigir. No entanto, a sua substância não é relevante para o assunto em causa. Têm a ver com pequenos legados deixados pelo meu cliente sobrinhos, sobrinhas e primos que já receberam as quantias que lhes foram deixadas.

– As cláusulas duodécima à vigésima primeira se referem obras de caridade, clubes e instituições acadêmicas às quais Sir Raymond estava ligado, e esses também já receberam o benefício da sua generosidade. Mas é a cláusula vinte e duas que eu considera crucial. – Baverstock pigarreou novamente antes de olhar para o testamento e voltar várias páginas.

– O montante líquido da minha herança deverá ir para o Sr. Daniel Trumper, do Trinity College, Cambridge, mas, se ele não sobreviver a minha filha Ethel Trentham, a quantia deverá ser dividida igualmente

entre os seus Filhos. Se ele não tiver filhos, então os bens irão para o meu descendente mais próximo – Agora o parágrafo relevante, Sir Charles. – Se for esse o caso, instruo os meus executores testamentários para ir tão longe quanto seja necessário a fim de encontrar quem tenha direito à minha herança. Para que essa opção seja devidamente executada, o pagamento final do montante líquido da minha herança só deverá ser feito dois anos após a morte de minha filha.

Charlie estava prestes a fazer uma pergunta quando o Dr. Baverstock levantou a mão.

A É claro para mim – continuou Baverstock – que o objetivo de Sir Raymond ao incluir a cláusula vigésima segunda foi dar-lhe tempo suficiente para reunir forças para lutar contra qualquer tentativa de tomada de controle hostil que o Sr. Nigel Trentham tivesse em mente.

– Sir Raymond também deixou instruções para que, na ocasião apropriada após a morte da filha, fosse colocado um anúncio no The Times, no Telegraph e no Guardian, e em qualquer outro jornal que eu achasse relevante e necessário, para procurar descobrir se existiam mais pessoas que se achassem com direito à herança. Nesse caso, elas podem fazê-lo, contatando diretamente com esta firma. Treze desses familiares já receberam a soma de mil libras cada, mas é possível que houvesse outros primos ou familiares distantes que Sir Raymond não conhecesse e que ainda tivessem direito a reclamar parte da herança. Essa provisão dava ao velho simplesmente uma desculpa para a cláusula dos dois anos. Como eu vejo as coisas, Sir Raymond estava disposto a dar mais mil libras a um familiar desconhecido se, ao mesmo tempo, lhe desse mais tempo para respirar. A propósito – disse Baverstock –, decidi acrescentar o Yorkshire Post e o Huddersfield Daily Examiner à lista de jornais indicados no testamento naquela municipalidade.

- Que homem perspicaz ele deve ter sido A disse Charlie. – Quem me dera tê-lo conhecido.
- Posso dizer com confiança, Sir Charlie, que gostaria dele.
- Foi também extremamente amável de sua parte ter-me informado de tudo.
- Não tem que agradecer. Tenho certeza – disse Baverstock – que, se ele estivesse no meu lugar, era exatamente isto que teria feito.
- Se eu tivesse dito a verdade a Daniel sobre o seu pai...
- Se poupar as suas energias para a luta mais importante – disse Baverstock –, é possível que a previsão de Sir Raymond não tenha sido desperdiçada.

No dia 7 de março de 1962, o dia em que a Sra. Trentham morreu, as ações da empresa Trumper estavam a uma libra e dois xelins no índice FT; quatro semanas mais tarde apenas, tinham subido mais três xelins.

O primeiro conselho de Tim Newman a Charlie era de conservar preciosamente todas as ações que ainda tinha e em nenhuma circunstância durante os anos seguintes concordar em emitir mais ações. Se Charlie e Becky conseguissem, entre si, arranjar mais dinheiro, deviam comprar ações a medida que elas aparecessem no mercado.

O problema com esse conselho foi que, sempre que um bloco substancial de ações aparecia no mercado, elas eram imediatamente compradas por um corretor desconhecido que obviamente tinha instruções para compra ações, qualquer que fosse o seu preço. O corretor de Charlie conseguiu algumas, mas apenas dos que não queriam vender no mercado livre. Charlie tinha grandes reticências sobre pagar preços exagerados por elas, uma vez que nunca se esquecera de como tinha estado perto da falência da última vez que

ficara devendo demasiado ao banco. No fundo ano, as ações da empresa Trumper estavam a uma libra e dezessete xelins. Havia ainda menos vendedores no mercado depois de o Financial Times ter avisado os seus leitores de uma possível luta pelo domínio da empresa e tinha mesmo vaticinado que isso seria dentro dos próximos dezoito meses.

– Aquele maldito jornal parece saber tanto como qualquer membro da Administração – queixou-se Daphne a Charlie na sua reunião seguinte, acrescentando que já não se preocupava com a ata da reunião anterior, pois podia sempre ler um excelente resumo do que se passara na primeira página do Financial Times, que parecia ter sido ditado palavra a palavra. Ao dizer essas palavras, seus olhos estavam fixos em Paul Merrick.

A última história do jornal estava inexata apenas num pequeno pormenor, uma vez que a luta pela empresa Trumper não estava acontecendo na sala do conselho de administração. Assim que se soube que existia uma cláusula de espera de dois anos no testamento de Sir Raymond, Nigel Trentham e seus representantes deixaram de comparecer às reuniões mensais.

A ausência de Trentham aborrecia particularmente Cathy, pois trimestre após trimestre o novo banco da casa começou a registrar aumento de lucros. Ela se negou a comunicar as suas opiniões a três cadeiras vazias – embora também desconfiasse de que Merrick relatasse todos os pormenores em Chester Square.

Ainda por cima, em 1963, Charlie informou os acionistas na Assembleia Geral Anual de que a empresa registraria outro recorde de lucros para esse ano.

– Pode ter passado a vida construindo a empresa Trumper para, no fim, a entregar de bandeja aos Trentham – refletiu Tim Newman.

De fato. não há necessidade de a Sra. Trentham se debater no caixão –

admitiu Charlie. – A ironia é que, depois de tudo que ela conseguiu fazer em vida, só com a sua morte é que teve a oportunidade de aplicar o golpe final.

Quando, no início de 1964, as ações voltaram a subir – dessa vez para mais de duas libras –, Charlie foi informado por Tim Newman de que Nigel Trentham ainda estava no mercado com instruções para comprar.

– Mas onde arranja ele todo o dinheiro necessário para essa operação... se ainda não pôs a mão no dinheiro do avô?

– Um antigo colega disse-me – respondeu Tim Newman – que um importante banco comercial lhe deu um enorme empréstimo, em antecipação do seu controle sobre o Fundo Hardcastle. Quem me dera que você tivesse tido um avô que lhe tivesse deixado uma fortuna.

– Eu tive – disse Charlie.

Nigel Trentham escolheu o dia em que Charlie fazia 64 anos para anunciar ao mundo que faria uma oferta pública de compra das ações da empresa Trumper ao preço de duas libras e quatro xelins, apenas seis semanas antes de ter o direito de reclamar a sua herança. Charlie ainda estava confiante de que com a ajuda de amigos e instituições como a Prudential – assim como alguns acionistas que estavam à espera de que o preço subisse ainda mais – poderia deter quase quarenta por cento das ações. Tim Newman calculava que Trentham devia ter agora pelo menos vinte por cento, mas, assim que ficasse com os dezessete por cento do Fundo, ele poderia estar na posse de quarenta e dois a quarenta e três. Arranjar os oito por cento necessários para ganhar o controle não deveria ser muito difícil, tal como Newman disse a Charlie.

Nessa noite, Daphne deu uma festa de aniversário em honra de Charlie na sua casa em Eaton Square. Ninguém mencionou o nome “Trentham” até o vinho do Porto ter dado uma segunda volta,

quando Charlie, um tanto tocado, recitou a cláusula relevante do testamento de Sir Raymond, que explicou ter sido posta com o único objetivo de tentar salvá-lo.

– Um brinde a Sir Raymond Hardcastle – disse Charlie, erguendo o copo. –

Um bom homem para ter na equipe.

– Sir Raymond – fizeram eco os convidados, erguendo todos os copos, com exceção de Daphne.

– Algum problema, velha amiga? – perguntou Percy. – O vinho do Porto não é bom?

– Não, como de costume são vocês que não prestam para nada. Nenhum de vocês conseguiu descobrir o que Sir Raymond queria que fizessem.

– O que está tentando dizer, velha amiga?

– Eu acho que era bastante óbvio, principalmente para você, Charlie – disse ela, voltando-se, já não para o marido, mas para o convidado de honra.

– Eu estou como Percy... não tenho ideia do que esta dizendo.

Nesta altura, todos em redor da mesa se haviam calado, concentrando a atenção no que Daphne tinha a dizer.

– Na verdade, é muito simples – continuou Daphne. – Sir Raymond obviamente não achou que fosse provável que Daniel morresse antes da Sra.

Trentham.

– E então? – disse Charlie.

– E também duvido que ele pensasse que Daniel teria filhos antes de ela morrer.

– Talvez não – disse Charlie.

– E todos nós sabemos, infelizmente, que Nigel Trentham era um último recurso... de outro modo, Sir Raymond o teria mencionado como beneficiário seguinte e não deixaria a sua fortuna a um descendente de Guy Trentham que ele nunca havia conhecido pessoalmente. Ele também não tenha acrescentado as palavras: “Se ele não tiver filhos, então os bens irão para o meu descendente mais próximo.

– Aonde é que isso tudo leva? – perguntou Becky.

– De volta à cláusula que Charlie acabou de recitar. “Para ir tão longe quanto seja necessário a fim de encontrar quem tenha direito à minha herança.”

– Daphne leu os apontamentos que havia rabiscado com a esferográfica na toalha de damasco. – São essas as palavras corretas, Dr. Baverstock? –

perguntou ela.

– São sim, Lady Wiltshire, mas ainda não vejo...

– Porque o doutor é tão cego quanto Charlie – disse Daphne. – Graças a Deus que um de nós ainda está sóbrio. Dr. Baverstock, por favor, lembre-nos quais foram as instruções de Sir Raymond quanto à colocação do anúncio.

O Dr. Baverstock levou o guardanapo aos lábios, dobrou cuidadosamente o quadrado de linho e o colocou à sua frente.

– Deve ser colocado um anúncio no The Times, no Telegraph e no Guardian, bem como em qualquer outro jornal que eu ache

relevante e necessário.

– Que o senhor achasse “relevante e necessário” – disse Daphne pronunciando lentamente cada uma das palavras. – Uma deixa tão boa quanto se pode obter de um homem sóbrio, penso eu. – Todos os olhares estavam agora fixos em Daphne, e ninguém tentou interrompê-la. – Não veem que essas são as palavras cruciais? – perguntou ela. – Porque, se Guy Trentham teve mais filhos, certamente não os íamos encontrar por meio de anúncios no *Times*, de Londres, no *Telegraph*, no *Guardian*, no *Yorkshire Post* nem no *Huddersfield Dayler Examiner*.

Charlie deixou cair a fatia de bolo de aniversário de novo no prato e olhou para o Dr. Baverstock.

– Deus do céu, ela tem toda a razão.

– Certamente poderá não estar errada – admitiu Baverstock, mexendo-se desconfortavelmente na cadeira. – E peço desculpas pela minha falta de imaginação, porque, como diz Lady Wiltshire, fui um tolo cego, não tendo cumprido as instruções do meu cliente quando ele me aconselhou a utilizar o meu bom senso.

Ele obviamente achou que Guy poderia ter tido mais filhos e que seria muito pouco provável que esses descendentes estivessem na Inglaterra.

– Bravo, Dr. Baverstock – disse Daphne. – Acho que eu devia ter frequentado a universidade para estudar Direito.

O Dr. Baverstock sentiu-se incapaz de a corrigir nessa ocasião.

– Pode ainda haver tempo – disse Charlie. – Afinal de contas, ainda faltam seis semanas para a herança ser entregue, por isso, mãos à obra. A propósito, obrigado – disse ele fazendo uma reverência na direção de Daphne.

Charlie levantou-se da cadeira e dirigiu-se ao telefone mais próximo.

– A primeira coisa de que vou precisar é do advogado mais perspicaz da Austrália. – Charlie olhou para o relógio. – E, de preferência, um que não se importe de levantar cedo.

O Dr. Baverstock pigarreou.

Durante as duas semanas seguintes, apareceram enormes anúncios em todos os jornais do continente australiano com tiragem superior a cinquenta mil exemplares. Todas as respostas foram seguidas de uma entrevista por uma firma de advogados em Sydney que o Dr. Baverstock havia recomendado.

Todas as noites, Charlie recebia um chamado de Trevos Roberts, o sócio principal, que permanecia no outro extremo da linha durante várias horas, enquanto Charlie era informado das últimas notícias que tinham sido recebidas dos escritórios de Sydney, Melbourne, Perth, Brisbane e Adelaide. No entanto, após três semanas separando os brincalhões dos genuinamente interessados, Roberts tinha apenas três candidatos que preenchiam os critérios necessários.

No entanto, depois de terem sido entrevistados pelo sócio da firma, demonstraram não ter qualquer relação direta com algum membro da família Trentham.

Roberts tinha descoberto que havia dezessete Trentham no registro nacional, a maior parte deles da Tasmânia, mas nenhum conseguiu provar laços de família diretos com Guy Trentham ou com sua mãe, embora uma velha senhora de Hobart que havia imigrado de Ripon depois da guerra pôde provar ter direito a mil libras, pois era prima em terceiro grau de Sir Raymond.

Charlie agradeceu ao Dr. Roberts pela sua diligência, mas disse-lhe que não desistisse, não fazendo questão do número de empregados ocupados com esse trabalho, dia e noite.

No último conselho de administração convocado antes de Nigel Trentham receber oficialmente a sua herança, Charlie informou os seus colegas sobre as últimas notícias recebidas da Austrália.

– Não me parece que haja muita esperança – disse Newman. – Afinal de contas, se existiu outro Trentham, ele ou ela deve ter mais de trinta anos, e certamente já teria aparecido.

– De acordo, mas a Austrália é um lugar muito grande e podem até ter deixado o país.

– Você nunca desiste, não é? – comentou Daphne.

– Mesmo assim – disse Arthur Selwyn –, creio que é hora de tentar chegar a um acordo com Trentham, para que a tomada da empresa seja feita de um modo responsável. No interesse da empresa Trumper e dos seus clientes, eu gostaria de ver se existe alguma possibilidade de os principais elementos envolvidos chegarem a um acordo amigável...

– Acordo amigável? – disse Charlie. – O único acordo com que Trentham concordaria seria que ele se sentasse nesta cadeira com maioria no conselho de administração fabricada por ele, enquanto eu ficaria olhando o nada num lar de idosos.

– Pode ser esse o caso – disse Selwyn. – Mas devo notar, Presidente, que ainda temos um dever para com os nossos acionistas.

– Ele tem razão – disse Daphne. – Tem de tentar, Charlie, pelo bem a longo prazo da empresa que você fundou. – Acrescentou em voz baixa: – Por muito que lhe custe.

Becky acenou com a cabeça em sinal de concordância, e Charlie voltou-se para pedir a Jessica que marcasse uma reunião com Trentham quando ele estivesse disponível. Jessica regressou passados alguns minutos para informar o conselho de administração de que Nigel Trentham não estava interessado em falar com nenhum

deles antes da reunião de março da Administração, quando teria grande prazer em aceitar pessoalmente a sua demissão.

– Sete de março: dois anos depois da morte da mãe dele – lembrou Charlie à Administração.

– E o Dr. Roberts está à sua espera na outra linha – informou Jessica.

Charlie levantou-se e saiu da sala. Quando chegou junto do telefone, agarrou-o como um marinheiro a afogar-se se agarraria a uma boia.

– Roberts, o que tem para mim?

– Guy Trentham!

– Mas ele já está enterrado numa campa em Ashurst.

– Mas não antes de o seu corpo ter sido tirado de uma cadeia de Melbourne.

– De uma cadeia? Pensei que ele havia morrido de tuberculose.

– Eu não acho que se possa ter morrido de tuberculose quando se está pendurado de uma corda de metro e oitenta, Sir Charles.

– Enforcado?

– Pelo assassinato de sua mulher, Ann Helen – disse o advogado.

– Mas eles tiveram filhos?

– Não é possível saber a resposta a essa pergunta.

– Por que não?

– É contra a lei os serviços penitenciários fornecerem os nomes dos familiares dos presos.

- Mas por quê, pelo amor de Deus?
- Para sua própria proteção.
- Mas isso poderia ser para seu benefício.
- Eles já ouviram isso antes. De fato, até me disseram que, neste caso específico, pusemos anúncios nos jornais de uma costa a outra. O que é ainda pior e que, se algum filho de Trentham mudou de nome, por razões compreensíveis, teremos poucas possibilidades de o encontrar. Mas garanto-lhe que ainda estou trabalhando no assunto a todo o vapor, Sir Charles.
- Marque-me uma entrevista com o chefe da polícia.
- Isso não fará qualquer diferença, Sir Charles. Ele não... – começou Roberts, mas Charlie já havia desligado.
- Você é maluco – disse Becky, quando ajudava o marido a fazer a mala, uma hora depois.
- É verdade – concordou Charlie. – Mas essa poderá ser a última oportunidade que tenho de manter o controle da empresa e não vou fazer isso por telefone, quanto mais a dezoito mil quilômetros de distância. Tenho de estar lá eu mesmo, para que, pelo menos, saiba que fui eu que falhei e não uma terceira pessoa.
- Mas exatamente de que está à espera de encontrar quando chegar lá?

Charlie olhou para a mulher enquanto fechava a mala.

- Desconfio de que apenas a Sra. Trentham sabe a resposta a essa pergunta.

CAPÍTULO 44

Quando, trinta e quatro horas mais tarde, numa tarde quente e luminosa, o voo 012 aterrissou no Aeroporto Kings Ford Smith, em Sydney, Charlie sentiu que aquilo de que mais precisava era de uma boa noite de sono. Depois de ter passado a alfândega, encontrou à sua espera um jovem alto, vestido com um leve terno bege, que se dirigiu a ele e se apresentou como Trevor Roberts, o advogado que havia sido recomendado por Baverstock. Roberts tinha o cabelo grosso, arruivado e a pele ainda mais avermelhada. Era de constituição sólida e parecia que devia passar as tardes de sábado num campo de tênis. Tomou imediatamente conta do carrinho carregado de Charlie e empurrou-o rapidamente em direção à saída que indicava “Estacionamento”.

– Não há necessidade de pôr isto num hotel – disse Roberts, segurando a porta aberta para Charlie. – Deixe tudo no carro.

– Isso é um bom conselho legal? – perguntou Charlie, já ofegante, tentando acompanhar o passo do jovem.

– Certamente, Sir Charles, porque não temos tempo a perder. – Parou o carrinho na calçada e um motorista colocou as malas no bagageiro, enquanto Charlie e o Dr. Roberts se sentavam no banco de trás. – O governador-geral britânico convidou-o para tomar uma bebida às seis horas na sua residência, mas também preciso que pegue o último voo para Melbourne esta noite. Como só temos seis dias, não podemos perder nenhum na cidade errada.

Charlie soube que ia gostar do Dr. Roberts assim que o australiano lhe entregou um processo volumoso. Escutou atentamente o jovem advogado quando ele lhe disse qual era a agenda proposta para os três dias seguintes, enquanto o carro seguia para os arredores da cidade. Charlie continuava escutando com atenção tudo que ele dizia, apenas ocasionalmente lhe pedindo que repetisse algo ou que fornecesse mais detalhes, tentando acostumar-se à diferença de estilo entre o Dr. Roberts e qualquer dos advogados com que lidara na Inglaterra. Quando pedira ao Dr. Roberts que lhe encontrasse o

advogado mais perspicaz de Sydney, Charlie não imaginara que ele escolheria alguém tão diferente de seu velho amigo.

Enquanto o carro seguia ao longo da autoestrada em direção à residência do governador-geral, Roberts, com várias pastas em cima do joelho, prosseguia a sua exposição:

– Só aceitamos o convite do governador-geral – explicou ele — para o caso de, durante os próximos dias, precisaremos de ajuda para abrir portas pesadas.

Depois vamos para Melbourne porque, sempre que alguém do meu escritório aparece com o que se pode considerar uma pista, acabo invariavelmente no chefe de polícia daquela cidade. Marquei um encontro com o novo chefe de manhã, mas, como o avisei, ele não está cooperando muito com o meu pessoal.

– Por quê?

– Ele foi nomeado há pouco para o cargo e está tentando desesperadamente provar que serão todos tratados imparcialmente... exceto os ingleses recém-chegados à Austrália.

– Então, qual é o problema dele?

– Como todos os australianos de segunda geração, ele detesta os ingleses ou, pelo menos, tem de fingir que detesta. – Roberts sorriu.
– De fato, acho que há apenas um grupo de que ele ainda gosta menos.

– Criminosos?

– Não, advogados – respondeu Roberts. – Por isso, agora compreende por que razão não temos grandes possibilidades de êxito.

– Conseguiu tirar alguma coisa dele?

– Não muito. A maior parte do que ele estava disposto a revelar já era do conhecimento público, nomeadamente que, em 27 de julho de 1926, Guy Trentham matou a mulher, esfaqueando-a várias vezes enquanto ela tomava banho. Ele a manteve depois debaixo d'água, para ter certeza de que ela não sobreviveria. .– página 16 do seu processo. Também sabemos que, em 23 de abril de 1927, foi enforcado pelo seu crime, apesar de vários apelos de clemência ao governador-geral. O que não conseguimos descobrir é se teve filhos. O Melbourne Age foi o jornal que publicou um relato do julgamento, e eles não mencionaram nenhuma criança. No entanto, isso não é de admirar, uma vez que o juiz não teria admitido uma referência desse tipo no tribunal a não ser que tivesse a ver com o crime.

– Mas, e o nome de solteira da mulher? Com certeza, esse seria o melhor caminho.

– Não vai gostar disso, Sir Charles – disse Roberts.

– Experimente.

– O nome dela era Smith, Arma Helen Smith, foi por isso que concentramos o pouco tempo que tínhamos em Trentham.

– Mas ainda não têm pistas seguras?

– Receio que não – disse Roberts. – Se nessa época havia uma criança na Austrália com o nome Trentham, certamente não a conseguimos encontrar.

Meus empregados entrevistaram todos os Trentham que aparecem no registro nacional, incluindo um de Coorabulka, que tem onze habitantes e fica a três dias de carro e a pé.

– Apesar dos seus valentes esforços, Roberts, suponho que ainda deverá haver alguma coisa que se possa descobrir.

– Possivelmente – disse Roberts. – Até comecei a pensar que talvez Trentham tenha mudado de nome quando veio para a Austrália, mas o chefe da polícia confirmou que o processo que tem em Melbourne está em nome de Guy Trentham.

– Então, se o nome não mudou, certamente seria possível encontrar uma criança.

– Não necessariamente. Tratei recentemente de um caso em que tive uma cliente cujo marido foi preso por ter matado um homem. Ela voltou a usar o nome de solteira, que deu também à sua única filha, e pôde, então, mostrar-me um sistema infalível para ter o nome original retirado dos registros. Além disso, devemos lembrar-nos de que se trata de uma criança que poderia ter nascido a qualquer momento entre 1923 e 1925 e bastaria retirar um único pedaço de papel para eliminar toda a ligação que ele ou ela tivesse com Guy Trentham.

Nesse caso, encontrar essa criança num país do tamanho da Austrália seria o mesmo que procurar a proverbial agulha num palheiro.

– Mas eu só tenho seis dias – disse Charlie melancolicamente.

– Não me lembre – disse Roberts, enquanto o automóvel passava pelo portão da residência do governador-geral, reduzindo a velocidade enquanto

.seguiam pela entrada. – Reservei apenas uma hora para esse encontro – avisou o jovem advogado. – Tudo o que quero do governador-geral é uma promessa de que ele vai telefonar ao chefe da Polícia de Melbourne antes do nosso encontro amanhã, pedindo-lhe que colabore o mais possível. Mas, quando eu disser que temos de ir embora, temos de ir, realmente.

– Compreendo – disse Charlie, sentindo-se como um soldado no campo de exercícios em Edimburgo.

– A propósito – disse Charlie –, o governador-geral é Sir Oliver Williams.

Sessenta e um anos, antigo oficial da guarda, e é de um lugar chamado Tunbridge Wells.

Dois minutos mais tarde, estavam entrando no grande salão de baile da Government House.

– Que bom ter conseguido vir, Sir Charles – disse um homem alto, elegantemente vestido com um terno trespassado de riscas e uma gravata do regimento.

– Obrigado, Sir Oliver.

– E como foi a viagem?

– Cinco paradas para reabastecimento e nenhum aeroporto que soubesse fazer um chá decente.

– Então vai precisar de um destes – sugeriu Sir Oliver, passando a Charlie um copo de uísque que retirou com habilidade de uma bandeja que passava por eles. – E pensar – prosseguiu o diplomata – que dizem que os nossos netos vão poder fazer a viagem inteira de Londres a Sydney sem parar, em menos de um dia. Mesmo assim, a sua viagem foi uma experiência menos desagradável do que a dos primeiros colonos.

– Uma pequena compensação.

Charlie não conseguiu pensar em resposta mais apropriada, ao verificar o contraste entre o advogado que o Dr. Baverstock lhe indicara na Austrália e o representante da rainha.

– Agora, diga-me o que o traz a Sydney – prosseguiu o governador-geral. –

Será que o segundo “maior carrinho do mundo” está prestes a ser empurrado para essa parte do globo?

– Não, Sir Oliver. Isso lhe será poupado. Estou em brevíssima visita particular, tentando deslindar um assunto de família.

– Bem, se eu puder fazer alguma coisa para o ajudar – disse o anfitrião, tirando um gim de uma bandeja que passava –, é só dizer.

– Isso é muito amável de sua parte, Sir Oliver, porque, de fato, preciso da sua ajuda num pequeno assunto.

– E qual é? – perguntou o anfitrião, permitindo, ao mesmo tempo, que os seus olhos vagueassem por cima do ombro de Charlie em direção a uns convidados que haviam acabado de chegar.

– Que telefone ao chefe da Polícia de Melbourne e lhe peça que colabore o mais possível quando eu o visitar amanhã de manhã.

– Considere a chamada feita – disse Sir Oliver, inclinando-se para apertar a mão de um xeque árabe. – E, não se esqueça, Sir Charles, se eu puder fazer alguma coisa... e quero mesmo dizer alguma coisa... é só dizer. Ah, Monsieur L

'Ambassadeur, comment allez-vous?

Charlie sentiu-se subitamente exausto. Passou o resto da hora tentando manter-se em pé enquanto falava com diplomatas, políticos e homens de negócios, os quais pareciam conhecer bem o maior carrinho do mundo.

Eventualmente, um toque firme de Roberts no cotovelo indicou que as formalidades sociais tinham sido cumpridas precisavam de partir para o aeroporto.

Durante a viagem para Melbourne, Charlie conseguia, a custo, manter-se acordado, embora nem sempre tivesse os olhos abertos.

Em resposta a uma pergunta de Roberts, ele confirmou que o governador-geral tinha concordado em telefonar ao chefe de polícia na manhã seguinte.

– Mas não tenho certeza de que ele tenha compreendido como isso é importante.

– Estou vendo – disse Roberts. – Então vou falar com o gabinete dele amanhã de manhã cedo. Sir Oliver não é famoso por se lembrar das promessas que faz nas festas. “Se eu puder fazer alguma coisa... e quero mesmo dizer alguma coisa...” – Até conseguiu que Charlie esboçasse um sorriso sonolento.

No aeroporto de Melbourne, estava outro carro à sua espera. Charlie entrou e, desta vez, adormeceu mesmo, só acordando quando pararam à porta do Hotel Windsor, vinte minutos depois. O gerente levou o hóspede à suíte Prince Edward e, assim que ficou sozinho, Charlie despiu-se rapidamente, tomou um banho e enfiou-se na cama. Alguns minutos mais tarde, adormeceu profundamente. No entanto, ainda acordou na manhã seguinte por volta das quatro horas.

Desconfortavelmente recostado na cama, apoiado em travesseiros de espuma de borracha que não paravam no lugar, Charlie passou as três horas seguintes folheando os processos de Roberts. O homem podia não se parecer com Baverstock nem falar como ele, mas o mesmo rótulo de eficácia era evidente em todas as folhas. Quando Charlie deixou o último processo cair no chão, teve de aceitar que a firma de Roberts havia investigado todos os ângulos e seguido todas as pistas; a sua única esperança estava agora num rabugento policial de Melbourne.

Charlie tomou outra ducha fria às sete horas e um desjejum quente um pouco depois das oito. Embora o seu encontro desse dia fosse às dez horas, ele já andava de um lado para o outro da sua suíte muito antes de Roberts o vir buscar às nove e meia, sabendo plenamente

que, se nada resultasse desse encontro, ele podia fazer as malas e voltar para a Inglaterra nessa mesma tarde.

Por isso, daria a Becky a satisfação de ter tido razão. Às nove e vinte e nove, Roberts bateu à porta; Charlie se perguntou há quanto tempo o jovem advogado estaria à espera no corredor. Roberts informou-o de que já havia telefonado para o gabinete do governador-geral e que Sir Oliver lhe prometera telefonar ao chefe de polícia dentro de uma hora.

– Ótimo. Agora diga-me tudo o que sabe sobre o homem.

– Mike Cooper tem quarenta e sete anos, é eficiente, irritadiço e impetuoso.

Subiu todos os degraus de sua carreira, mas ainda sente necessidade de se provar para todos, especialmente quando está na presença de um advogado, talvez porque os crimes em Melbourne tenham aumentado ainda mais do que as nossas vitórias em jogos de críquete contra a Inglaterra.

– Disse que ele era da segunda geração. Então, de onde ele vem?

Robert olhou para o seu processo.

– O pai emigrou para a Austrália na virada do século, de um lugar chamado Deptford.

– Deptford? – repetiu Charlie com um sorriso. – Isso é quase território familiar. – Olhou para o relógio. – Vamos? Acho que estou mais do que pronto para conhecer o Sr. Cooper.

Quando, vinte minutos mais tarde, Roberts abriu a porta da sede da Polícia para o seu cliente entrar, foram recebidos por uma fotografia grande de um homem com perto de 50 anos que fez Charlie sentir o peso dos seus 64.

Depois de Roberts ter dado os seus nomes ao policial de serviço, tiveram de esperar apenas uns minutos até Charlie ser conduzido ao gabinete do chefe.

Os lábios do policial formaram um sorriso relutante quando apertou a mão de Charlie.

– Não sei se posso ser de grande ajuda, Sir Charles – começou Cooper, indicando-lhe uma cadeira. – Apesar de o seu governador-geral se ter dado ao trabalho de me telefonar. – Ignorou Roberts, que continuou de pé, um pouco atrás do seu cliente.

– Conheço esse sotaque – disse Charlie, não aceitando a cadeira oferecida.

– Como? – replicou Cooper, que também ficou de pé.

– Aposto uma coroa contra uma libra em como o seu pai era de Londres.

– Tem razão.

– E eu diria do East End.

– Deptford – disse o chefe.

– Eu logo vi assim que abriu a boca– disse Charlie, afundando-se agora na cadeira de couro. – Eu sou de Whitechapel. Onde nasceu ele, então?

– Bishop's Way – disse o chefe. – Perto...

– Junto ao meu lugar – disse Charlie, com um sotaque cockney cerrado.

Roberts não havia dito palavra, muito menos dado uma opinião profissional.

- Torcedor do Tottenham, suponho – disse Charlie.
- Os Gunners – disse Cooper com firmeza.
- Que disparate – disse Charlie. – O Arsenal é o único time que diz os nomes dos espectadores aos jogadores.

O chefe riu.

- Concordo – disse ele. – Quase perdi a esperança neles nesta temporada. –

E torce por quem?

- Eu sou admirador da West Ham.
- E espera minha colaboração?

Charlie riu.

- Bem, nós os deixamos ganhar a Taça.
- Em 1923 – disse Cooper, rindo.
- Em Upton Park, temos uma memória longa.
- Bem, eu nunca esperei que tivesse um sotaque assim, Sir Charles.
- Chame-me Charlie; todos os meus amigos assim o fazem. E outra coisa, Mike, quer que ele saia? – Charlie apontou com um polegar para Trevor Roberts, a quem ainda não havia sido oferecida uma cadeira.
- Talvez ajude – disse o chefe.
- Espere lá fora por mim, Roberts – disse Charlie, não se incomodando em olhar na direção do advogado.

– Sim, Sir Charles. – Roberts voltou-se e começou a andar em direção a porta.

Quando ficaram sós, Charlie inclinou-se sobre a secretária e disse:

– Advogados imbecis, são todos a mesma coisa. Ganham dinheiro a mais, esses marmeleiros de nariz arrebitado, levam-nos o couro e o cabelo e depois ficam esperando que façamos o trabalho todo.

Cooper riu.

– Especialmente quando é malícia – confidenciou ele.

Charlie riu.

– Não ouvia descrever assim um policial desde que sai de Whitechapel. –

O homem mais velho inclinou-se para a frente. – Entre nós dois, Mike, dois rapazes do East End juntos, pode dizer-me alguma coisa sobre Guy Francis Trentham que ele não saiba? – Charlie apontou com o polegar na direção da porta.

– Receio que não haja muito que Roberts já não tenha desenterrado, para ser justo com ele, Sir Charles.

– Charlie.

– Charlie. Escute, você já sabe que esse Trentham assassinou a mulher e deve saber também que foi, mais tarde, enforcado pelo crime.

– Sim, mas o que preciso saber, Mike, é se havia filhos!? – Charlie susteve a respiração enquanto o policial pareceu hesitar.

Cooper olhou para a folha de acusação à sua frente.

– Diz aqui, mulher, falecida, uma filha.

Charlie fez um esforço para não saltar da cadeira.

– Suponho que esse papel não diga o nome dela...

– Margaret Ethel Trentham – disse o chefe.

Charlie sabia que não precisava verificar o nome nos processos que Roberts lhe entregara na noite anterior. Ele se lembrava dos nomes dos três rapazes Trentham nascidos na Austrália entre 1924 e 1925, e todos eles eram rapazes.

– Data de nascimento? – perguntou ao acaso.

– Não faço ideia, e Charlie – disse Cooper, – Não era a criança que estava sendo acusada. – Empurrou o papel por cima da secretária, para que o seu visitante pudesse ler tudo que já lhe fora dito.

– Nos anos vinte não se preocupavam muito com esse tipo de detalhe.

– Mais alguma coisa nesse processo que pense que possa ajudar um rapaz de East End longe de casa? – perguntou Charlie, esperando não estar exagerando.

Cooper olhou os papéis do processo Trentham durante algum tempo, antes de dar uma opinião.

– Há duas notas nos nossos registros que talvez lhe sejam úteis. A primeira foi escrita a lápis pelo meu antecessor e há uma nota ainda mais antiga feita pelo chefe anterior a ele, que, suponho, podem ter interesse.

– Sou todo ouvidos, Mike.

– Em 24 de abril de 1927, o chefe Parker recebeu uma visita da Sra. Ethel Trentham, a mãe do falecido.

– Deus do Céu – disse Charlie, incapaz de disfarçar a sua surpresa. – Mas por quê?

– Não é dada qualquer razão, nem existe qualquer referência ao que foi dito nessa reunião. Lamento.

– E a segunda nota?

– Essa refere outro visitante da Inglaterra fazendo perguntas sobre Guy Trentham. Dessa vez em 23 de agosto de 1947... – o policial olhou novamente o processo para verificar o nome – um Sr. Daniel Trentham.

Charlie sentiu-se gelar e agarrou os braços da cadeira.

– Sente-se bem? – perguntou Cooper, genuinamente preocupado.

– Estou bem – disse Charlie. – É apenas o efeito da mudança de fusos horários. É indicada alguma razão para a visita de Daniel Trentham?

– De acordo com a nota, ele afirmou ser filho do falecido – disse o chefe.

Charlie tentou não manifestar emoção. O policial reclinou-se na cadeira. –

Agora, sabe tanto sobre o caso quanto eu.

– Deu-me uma grande ajuda, Mike – disse Charlie, pondo-se de pé antes de se inclinar para lhe apertar a mão. – E, se alguma vez estiver de novo em Deptford, procure-me. Terei muito prazer em leva-lo para ver um verdadeiro time de futebol.

Cooper sorriu e continuou a contar histórias a Charlie enquanto os dois homens saíam do gabinete para o elevador. Quando chegaram ao térreo, o policial o acompanhou até os degraus, onde Charlie

apertou mais uma vez a mão do chefe antes de juntar-se a Roberts no carro.

- Pronto, Roberts, parece que temos trabalho a fazer.
- Posso fazer-lhe uma pergunta antes de começarmos, Sir Charles?
- À vontade.
- Que aconteceu ao seu sotaque?
- Reservo-o para pessoas especiais, Dr. Roberts. A rainha, Winston Churchill e quando estou atendendo um freguês no carrinho. Hoje foi necessário acrescentar o chefe da Polícia de Melbourne à. minha lista.
- Não consigo decifrar o que disse sobre mim e a minha profissão.
- Disse-lhe que era um ouvinte muito bem pago e de nariz empinado que estava à espera de que eu fizesse todo o trabalho.
- Ele deu alguma opinião?
- Pensou que estava sendo muito tímido.
- Isso não é difícil de acreditar – disse Roberts. – Mas consegui arrancar-lhe algumas informações novas?
- Certamente consegui – disse Charlie. – Parece que Guy Trentham tinha uma filha.
- Uma filha? – repetiu Roberts, incapaz de esconder o seu entusiasmo. –

Mas Cooper disse-lhe o nome ou alguma coisa sobre ela?

- Margaret Ethel, mas a nossa única pista é que a Sra. Trentham, a mãe de Guy, esteve em Melbourne em 1927. Cooper não sabe por quê.

– Deus do Céu. O senhor conseguiu saber mais em vinte minutos do que eu em vinte dias.

– Ah, mas eu tenho a vantagem das origens – disse Charlie com um sorriso.

– Agora, onde é que uma senhora inglesa repousaria a sua delicada cabeça nesta cidade naquele época?

– Não é a minha época – admitiu Roberts. – Mas o meu sócio Neil Mitchell deve saber dizer. A sua família veio para Melbourne há cem anos.

– Então, de que estamos à espera?

Neil Mitchell franziu a testa quando o seu colega lhe colocou a mesma pergunta.

– Não faço ideia – admitiu ele –, mas minha mãe deve saber com certeza. –

Pegou no telefone e começou a discar. – Ela é escocesa, por isso vai tentar fazer-nos pagar a informação. – Charlie e Trevor Roberts estavam de pé em frente da secretária de Mitchell e esperavam, um paciente, o outro impacientemente. Depois de frases pertencentes à rotina dos filhos, ele fez a pergunta e escutou atentamente a resposta. I

– Obrigado, mãe; inestimável, como sempre – disse ele. – Ate o fim de semana – acrescentou ele ao desligar o telefone.

– Então? – disse Charlie.

– O Victoria Country Club era aparentemente o único lugar em que alguém como a Sra. Trentham ficaria nos anos vinte – disse Mitchell. – Naqueles dias, Melbourne só tinha dois hotéis decentes, e o outro era exclusivamente para homens de negócios.

- O lugar ainda existe? – perguntou Roberts.
- Sim, mas está bastante decadente hoje em dia. Calculo que Sir Charles descreveria como “sórdido”.
- Então telefone e diga-lhes que quero uma mesa para o almoço em nome de Sir Charles Trumper. E acentue “Sir Charles”.
- Certamente, Sir Charles – disse Roberts. – E que sotaque vai utilizar nessa ocasião?
- Não posso dizer até conhecer meu opositor – disse Charlie enquanto se dirigiam novamente para carro.
- É irônico, se pensarmos bem – disse Roberts, quando o carro ia em direção à autoestrada.
- Irônico?
- Sim – disse Roberts. – Se a Sra. Trentham se deu a tanto trabalho para eliminar a existência da neta dos registros, ela deve ter necessitado dos serviços de um advogado de primeira para a ajudar.
- Então?
- Então, deve haver um processo enterrado em algum lugar desta cidade que nos deve dizer tudo o que precisamos saber.
- Possivelmente, mas uma coisa é certa: não temos tempo suficiente para descobrir em que arquivo ele está escondido.

Quando chegaram ao Victoria Country Club, encontraram o gerente no vestíbulo a espera de os cumprimentar. Conduziu o distinto hóspede a uma mesa sossegada no caramanchão. Charlie só ficou decepcionado por ele ser tão jovem.

Charlie escolheu os pratos mais caros da seção à la carte do cardápio, depois escolheu uma garrafa de Chamartin, 1957. Em

poucos momentos, recebia as atenções de todos os empregados da sala.

– O que está preparando agora. Sir Charles? – perguntou Roberts, que se havia contentado com o prato da casa.

– Paciência, jovem – disse Charlie com um desdém fingido, tentando cortar uma fatia rija. muito cozida. de vitela com uma faca cega. Acabou desistindo e pediu um sorvete de baunilha, confiante de que isso eles não poderiam estragar muito. Quando, finalmente, o café foi servido. o garçom mais velho da casa veio, lentamente, oferecer um charuto a cada um.

– Um Monte Cristo, por favor – disse Charlie, tirando uma nota de libra da carteira e colocando-a em cima da mesa à sua frente. Uma caixa de charutos, grande e antiga. foi aberta para sua inspeção. – Já trabalha aqui há muito tempo, não? – acrescentou Charlie.

– Fez quarenta anos no mês passado – disse o empregado, e outra nota de libra pousou sobre a primeira.

– Boa memória?

– Gosto de pensar que sim – disse o empregado, olhando para as duas notas.

– Lembra-se de alguém chamado Sra. Trentham? Inglesa. com ar austero, deve ter ficado duas semanas ou mais, por volta de 1927? – disse Charlie, empurrando as notas em direção ao homem.

– Se me lembro dela? – disse o empregado. – Nunca hei de esquecer. Eu era um aprendiz nessa época e ela não fazia nada a não ser queixar-se o tempo todo da comida e do serviço. Só bebia água, dizia que não tinha confiança nos vinhos australianos. recusava-se a gastar dinheiro nos franceses. Foi por isso que eu acabava sempre por ter de servi-la. No fim do mês, foi embora sem dizer nada e nem me deixou uma gorjeta. Claro que me lembro dela.

Isso combina bem com a Sra. Trentham – disse Charlie. – Mas chegou a saber a razão pela qual ela veio à Austrália? – Tirou uma terceira nota da carteira e colocou sobre as outras.

– Não faço ideia – disse o empregado com ar triste. – Ela nunca falava com ninguém de manhã a noite e não sei bem se até mesmo o Sr. Sinclair-Smith saberia a resposta a essa pergunta.

– Sr. Sinclair-Smith?

O empregado fez sinal com o ombro para o outro extremo da sala, onde um cavalheiro de cabelo grisalho estava sentado sozinho, com um guardanapo enfiado no colarinho.

– O dono atual – explicou o empregado. – O pai dele era a única pessoa a quem a Sra. Trentham falava com cortesia.

– Obrigado – disse Charlie. – Deu-me uma grande ajuda. – O garçom guardou as três notas no bolso. – Importa-se de dizer ao gerente que eu gostaria de lhe dar uma palavra?

– Certamente – disse o empregado, que fechou a caixa de charutos e se afastou rapidamente.

– O gerente é demasiado novo para se lembrar...

– Mantenha os olhos abertos, Dr. Roberts, e será capaz de aprender um ou dois truques que não lhe ensinaram na faculdade, na cadeira de contratos comerciais – disse Charlie, cortando a ponta do charuto.

O gerente chegou à mesa dele.

– Pediu para falar comigo. Sir Charles?

– Seria possível perguntar ao Sr. Sinclair-Smith se pode dar-me o prazer de tomar um licor comigo? – disse Charlie, entregando um dos seus cartões ao jovem.

– Vou falar com ele imediatamente – disse o gerente. dirigindo-se a outra mesa.

– E melhor ir para o vestíbulo. Roberts – disse Charlie – pois desconfio de que o meu comportamento durante a próxima meia hora possa ofender a sua ética profissional. – Olhou para o outro lado da sala. onde o homem de idade observava o seu cartão.

Roberts suspirou, levantou-se da cadeira e foi embora.

Um sorriso rasgado apareceu nos lábios grossos do Sr. Sinclair-Smith.

Ergueu-se da cadeira no seu andar bamboleante, na direção de seu hóspede inglês.

– Sinclair-Smith – disse ele, num agudo sotaque inglês, antes de estender a mão mole.

– Foi muito amável de sua parte vir ate aqui – disse Charlie. – Eu distingo logo um compatriota quando o vejo. Posso oferecer-lhe um brandy?

O empregado afastou-se.

– É muito gentil, Sir Charles. Só espero que o meu humilde hotel lhe tenha oferecido uma cozinha razoável.

– Excelente – disse Charlie. – Mas, ao fim e ao cabo, foi-me recomendado

– disse ele, expirando a fumaça do charuto.

– Recomendado? – disse Sinclair-Smith, tentando não parecer surpreso. –

Posso perguntar por quem?

– A minha velha tia, Ethel Trentham.

– A Sra. Trentham? Deus do Céu, Sra. Trentham... não vemos essa querida senhora desde o tempo do meu falecido pai.

Charlie franziu a testa enquanto o empregado voltou com dois copos grandes de brandy.

– Espero que ela esteja bem, Sir Charles.

– Nunca esteve melhor – disse Charlie. – E manda-lhe cumprimentos.

– Que amável de sua parte – respondeu Sinclair-Smith, fazendo girar o brandy na taça. – E que memória espantosa, porque eu era um jovem nessa altura e trabalhava há pouco no hotel. Ela deve ter agora...

– Mais de noventa anos – disse Charlie. – E sabe que a família ainda hoje não faz ideia da razão por que ela veio a Melbourne? – acrescentou ele.

– Eu também não – disse Sinclair-Smith, tomando um gole de brandy.

– Nunca falou com ela?

– Não, nunca – disse Sinclair-Smith. – Embora o meu pai e a sua tia tivessem longas conversas, ele nunca me disse sobre o que falavam.

Charlie tentou não mostrar a sua frustração com essa informação.

– Bem, se o senhor não sabe o que ela veio fazer – disse ele – suponho que não ha ninguém ainda vivo que o saiba.

– Oh, eu não teria tanta certeza – disse Sinclair-Smith. – Slade deve saber, isto é, se não estiver completamente gagá.

– Slade?

– Sim, um homem de Yorkshire que trabalhava para o meu pai no clube, no tempo em que ainda tínhamos um motorista. De fato,

durante todo o tempo que esteve hospedada no clube, a Sra. Trentham insistiu sempre em utilizar Slade.

Dizia que não queria outro motorista.

– Ele ainda está por aqui? – perguntou Charlie, soprando mais fumaça.

– Deus do Céu, não – disse Sinclair-Smith. – Aposentou-se há anos.

Nem tenho certeza se ainda está vivo.

– Vai muitas vezes à Inglaterra hoje em dia? – perguntou Charlie, convencido de que havia extraído todas as informações relevantes que podia obter dessa fonte.

– Infelizmente, com... Durante os vinte minutos seguintes, Charlie deixou-se ficar recostado na cadeira fumando o seu charuto, ouvindo Sinclair-Smith falar sobre inúmeros assuntos, desde o desaparecimento do Império à instabilidade do críquete na Inglaterra. Charlie pediu a conta na hora em que o dono do hotel se despediu e desapareceu discretamente.

O velho empregado apareceu arrastando os pés assim que viu outra nota de libra aparecer em cima da toalha.

– Precisa de alguma coisa?

– O nome “Slade” diz-lhe alguma coisa?

– O velho Walter Slade, o motorista do clube?

– Exatamente.

– Aposentou-se há anos.

– Isso eu sei, mas ainda está vivo?

– Não faço ideia – disse o empregado. – A última vez que tive notícias dele, morava na região de Ballarat.

– Obrigado – disse Charlie, e esmagou o charuto no cinzeiro, tirou outra nota de libra e foi procurar Roberts no vestíbulo do hotel.

– Telefone imediatamente para o seu escritório – disse ele ao advogado.

– Peça-lhes que descubram um Walter Slade que deve morar num lugar chamado Ballarat.

Roberts dirigiu-se rapidamente ao telefone, enquanto Charlie andou de um lado para o outro do corredor, rezando para que o velho ainda estivesse vivo.

O advogado regressou a ele alguns minutos depois.

– Posso perguntar o que está tramando agora, Sir Charles? – disse, entregando-lhe um pedaço de papel– com o endereço de Walter Slade escrito em letras maiúsculas.

– Nada de bom, pode ter certeza – disse Charlie, pegando a informação. –

Não tenho necessidade de você agora, jovem, mas preciso do carro.

Encontramo-nos no escritório... não sei bem quando. – Fez um pequeno aceno com a mão enquanto empurrava a porta, deixando Roberts sozinho no vestíbulo.

Charlie entregou o papel ao motorista, que leu o endereço.

– Mas fica a quase cento e cinquenta quilômetros – disse o homem, olhando por cima do ombro.

– Então, não temos um momento a perder, não é?

O motorista ligou o motor e saiu do pátio do clube. Passou pelo Campo de Críquete de Melbourne, onde Charlie pôde ver que alguém perdia de 2 a 147.

Ficou aborrecido por, na sua primeira visita à Austrália, nem sequer ter tempo suficiente para ir assistir a uma partida. A viagem pela autoestrada do norte durou quase hora e meia, o que deu a Charlie tempo mais do que suficiente para decidir que abordagem utilizar com o Sr. Slade, supondo que ele não estivesse, para citar Sinclair-Smith, " "completamente gagá' " – Depois de passar velozmente pela placa indicando Ballarat, o motorista parou num posto de gasolina. O empregado, depois de ter enchido o tanque, deu algumas instruções ao motorista e levaram mais quinze minutos até parar à porta de uma pequena casa num bairro decadente.

Charlie saltou do carro, seguiu por um curto caminho coberto de ervas e bateu à porta. Esperou algum tempo antes de uma senhora de idade, vestindo uma bata e uma saia clara que quase chegava ao chão, abrir a porta.

– Sra. Slade? – perguntou Charlie.

– Sim – respondeu ela, olhando-o com desconfiança.

– Seria possível falar com seu marido?

– Por quê? – perguntou a anciã. – O senhor é do serviço social?

– Não, sou da Inglaterra – disse Charlie. – E trouxe um pequeno legado ao seu marido, da minha tia, Ethel Trentham, que morreu há pouco tempo.

– Oh, que amável de sua parte – disse a Sra. Slade. – Entre, por favor.

– Conduziu Charlie até a cozinha, onde ele viu um velho vestido com uma camisa de xadrez lavada e calças largas, dormitando em frente

da lareira.

– Está aqui um homem que veio da Inglaterra especialmente para ver você, Walter.

– O quê? – disse o homem, erguendo os dedos ossudos para esfregar os olhos semicerrados.

– Um homem da Inglaterra – repetiu a mulher. – Com um presente daquela Sra. Trentham.

– Estou velho demais para dirigir. – Os seus olhos cansados pestanejaram na direção de Charlie.

– Não, Walter, não compreendeu. É uma pessoa da família que veio da Inglaterra para trazer um presente. Ela morreu.

– Morreu?

Ambos estavam agora olhando Charlie com ar intrigado, e ele pegou rapidamente a carteira e, tirando todas as notas que tinha, entregou-as a Sra.

Slade.

Ela começou a contar lentamente as notas, enquanto Walter Slade continuava a observar Charlie, fazendo-o sentir-se distintamente pouco à vontade, ali de pé, no imaculado chão de pedra.

– Oitenta e cinco libras, Walter – disse-lhe ela, entregando o dinheiro ao marido.

– Por que tanto? – perguntou ele. – E depois de tanto tempo?

– O senhor lhe prestou um grande serviço. – disse Charlie – E ela queria simplesmente agradecer.

O velho começou a olhar desconfiado para Charlie.

– Ela me pagou na ocasião – disse ele.

– Eu sei – disse Charlie.

– E eu mantive a boca calada – disse ele.

– Isso é outra razão pela qual ela tinha motivo para lhe estar grata – disse Charlie.

– O senhor está dizendo que veio da Inglaterra só para me dar oitenta e cinco libras? – disse o Sr. Slade. – Para mim, isso não faz sentido, rapaz. –

Parecia muito mais acordado.

– Não, não – disse Charlie, sentindo que estava perdendo a iniciativa.
– Já entreguei mais uma dúzia de legados antes de vir aqui, mas não foi fácil encontrá-lo.

– Não me surpreende. Deixei de dirigir há vinte anos.

– O senhor é de Yorkshire, não é? – disse Charlie com um sorriso. – Eu reconheceria esse sotaque em qualquer parte.

– Sou, rapaz, e você é de Londres. O que significa que não é de confiança.

Então, por que veio me ver, afinal? Porque, com certeza, não foi para dar as oitenta e cinco libras.

– Não consigo encontrar a menina que estava com a Sra. Trentham quando a levou – disse Charlie, arriscando tudo. – Compreenda, ela tem uma grande herança a receber.

– Imagine isso, Walter – disse a Sra. Slade.

O rosto de Walter Slade não manifestou qualquer emoção.

– E é meu dever localizá-la e informá-la de sua sorte.

O rosto de Slade continuava impassível, enquanto Charlie prosseguia a custo.

– E eu pensei que o senhor talvez pudesse ajudar.

– Não, eu não vou ajudar – respondeu Slade. – E, além disso, pode levar o seu dinheiro – acrescentou ele, atirando as notas aos pés de Charlie.

– E não volte a aparecer outra vez, com as suas histórias falsas sobre heranças.

Acompanhe o cavalheiro à porta, Elsie.

A Sra. Slade abaixou-se e apanhou cuidadosamente as notas espalhadas antes de as entregar a Charlie. Quando entregou a última, conduziu silenciosamente o desconhecido até a porta.

– Peço desculpas, senhora Slade – disse Charlie. – Eu não tinha qualquer intenção de ofender seu marido.

– Eu sei – disse a Sra. Slade. – Mas Walter sempre foi tão orgulhoso...

Deus sabe, o dinheiro viria em boa hora. – Charlie sorriu quando enfiou o maço de notas na bata da anciã e levou um dedo aos lábios. – Se não lhe disser, eu também não direi – disse ele. Fez uma pequena reverência antes de se voltar para descer o pequeno caminho até ao carro.

– Eu nunca vi menina nenhuma – disse ela numa voz que mal se ouvia.

Charlie estacou. – Mas Walter levou uma vez uma senhora empertigada ao orfanato em Park Hill, em Melbourne. Eu sei, porque eu namorava o jardineiro nessa época, e ele me disse.

Charlie voltou-se para lhe agradecer, mas ela já havia fechado a porta e desaparecido dentro de casa.

Charlie subiu no carro, sem dinheiro, mas com um nome a que se agarrar, sabendo que o velho teria podido, sem dúvida, desvendar-lhe todo o mistério.

De outro modo, ele teria dito: "Não, não sei" – e não... não vou quando ele lhe pedira ajuda.

Amaldiçoou várias vezes a sua estupidez durante a longa viagem de regresso à cidade.

– Roberts, há algum orfanato em Melbourne? – foram as primeiras palavras de Charlie quando entrou no escritório do advogado.

– St. Hilda – disse Neil Mitchell, antes de o sócio pensar na pergunta.

– Sim, é em Park Hill. Por quê?

– É esse mesmo – disse Charlie, olhando o relógio. – São cerca de sete horas em Londres, e estou estourado, por isso vou até o hotel tentar dormir.

Entretanto, preciso de resposta a algumas perguntas. Para começar, quero saber tudo que é possível descobrir sobre St. Hilda, a começar pelos nomes de todos os empregados que ali trabalharam entre 1923 e 1927, desde diretores às empregadas da limpeza. E, se ainda houver alguém dessa época, descubram-nos porque quero falar com eles... e dentro das próximas vinte e quatro horas.

Dois empregados de Mitchell tinham começado a escrever furiosamente, tentando tomar nota de todas as palavras de Sir Charles.

-- E também quero saber os nomes de todas as crianças registradas nesse orfanato entre 1923 e 1927. Lembrem-se, estamos à procura de Luna menina que não podia ter mais de dois anos e podia

chamar-se Margaret Ethel. E, quando tiverem as respostas a todas essas perguntas, acordem-me. .. seja a que hora for.

CAPÍTULO 45

Trevor Roberts chegou de novo ao hotel de Charlie alguns minutos antes das oito, na manhã seguinte, e encontrou seu cliente comendo um lauto desjejum de ovos, tomate, cogumelos e bacon. Roberts, que não tinha feito a barba e parecia cansado, trazia notícias.

– Estivemos em contato com a diretora de St. Hilda, a Sra. Culver, e ela não poderia ter sido mais colaboradora. – Charlie sorriu. – Entre 1923 e 1927, deram entrada no orfanato dezenove crianças. Oito meninos e onze meninas.

Das onze meninas sabemos agora que nove não tinham o pai ou a mãe vivos na época. Dessas nove, conseguimos contatar sete, cinco das quais têm algum familiar ainda vivo que pôde garantir quem era o seu pai, uma cujos pais morreram num acidente de automóvel e a outra que é aborígine. As últimas duas, contudo, estão sendo mais difíceis de encontrar, por isso pensei que talvez queira ir a St. Hilda estudar os processos o senhor mesmo.

– E o pessoal do orfanato?

– Dessa época, só está viva uma cozinheira, e ela diz que nunca houve nenhuma criança em St. Hilda chamada Trentham ou com nome parecido, e também não se lembra de nenhuma Margaret ou Ethel. Por isso, a nossa última esperança poderá ser a Srta. Benson.

– Srta. Benson?

– Sim, ela era a diretora na época e mora agora num lar de idosos particular chamado Maple Lodge, no outro lado da cidade.

– Nada mau, Dr. Roberts – disse Charlie. – Mas como conseguiu que a Sra.

Culver fosse tão colaboradora em tão pouco tempo?

– Recorri a métodos que, desconfio, são mais familiares na faculdade de direito de Whitechapel do que em Harvard, Sir Charles.

Charlie olhou para ele, intrigado.

– Parece que St. Hilda está atualmente angariando fundos para comprar um micro-ônibus.

– Um micro-ônibus?

– De que o orfanato tem grande necessidade, para viagens.

– E por isso sugeri que eu..

– ... talvez pudesse ajudar com uma roda ou duas se...

– ... eles, em troca, achassem que podiam...

– ... cooperar.

– Você aprende depressa, Roberts, não há dúvida.

– E como não podemos perder mais tempo, devemos ir imediatamente a St.

Hilda, para ver os processos.

– Mas a pessoa mais indicada deve ser a Srta. Benson.

– Concordo, Sir Charles. Vamos visitá-la à tarde, assim que despacharmos St. Hilda. A propósito, a Sra. Benson, quando diretora, era conhecida como “O

Dragão” não só pelas crianças, mas também pelos empregados, por isso não há razão para supor que vá querer ajudar mais do que Walter Slade.

Quando Charlie chegou ao orfanato, foi recebido pela diretora na porta principal. A Sra. Culver usava um elegante vestido verde que parecia ter sido passado a feno há pouco tempo. Ela tinha obviamente decidido tratar o seu benfeitor potencial como se ele fosse Nelson Rockefeller, porque quando Charlie foi conduzido ao seu gabinete, a única coisa que faltava era um carpete vermelho.

Dois jovens advogados, que haviam estudado os processos durante toda a noite, aprendendo tudo sobre horário do dormitório, tarefas de cozinha e atos de mau comportamento, puseram-se de pé quando Charlie e Trevor Roberts entraram na sala.

– Algum progresso com esses nomes? – perguntou Roberts.

– Oh, sim, faltam-nos dois. Não é emocionante? – disse a Sra. Culver, andando pela sala e mexendo em tudo que parecia estar fora do lugar. – Estive pensando...

– Ainda não temos provas – disse um jovem de olhos cansados –, mas urna delas parece ser exatamente a que procuramos. Não conseguimos encontrar informações sobre a menina antes dos dois anos. O que é mais importante, ela veio para St. Hilda exatamente quando o capitão Trentham estava aguardando a execução.

– E a cozinheira também se lembra, dos dias em que era empregada de copa – disse a Sra. Culver, interrompendo – que a menina chegou no meio da noite, acompanhada por uma senhora bem-vestida e de ar severo, com uma voz Cantante que...

– Entra Sra. Trentham – disse Charlie. – Só que o nome da menina obviamente não é Trentham.

O jovem assistente verificou os apontamentos espalhados na mesa à sua frente. '

– Não, não é – disse ele. – Essa menina deu entrada com o nome de Cathy Ross.

Charlie sentiu as pernas tremerem, e Roberts e a Sra. Culver correram para o ajudar a sentar-se na única cadeira confortável da sala. A Sra. Culver desapertou-lhe a gravata e desabotoou-lhe o colarinho.

– Sente-se mal, Sir Charles? – perguntou ela. – Devo dizer que não está com aspecto...

– Ali mesmo em frente dos meus olhos – disse Charlie. Cego, como um morcego, é como Daphne me descreveria.

– Acho que não compreendo – disse Roberts.

– Nem eu sei se eu próprio compreendo. – Charlie virou-se para o ansioso portador da notícia. – Ela saiu de St. Hilda para ir para a Universidade de Melbourne? – perguntou ele.

Dessa vez, o assistente verificou duas vezes os apontamentos.

– Sim, senhor. Entrou em quarenta e dois e acabou em quarenta e seis.

– Onde estudou História da Arte e Inglês.

Os olhos do assistente voltaram a percorrer os papéis à sua frente.

– Correto – disse ele, incapaz de disfarçar a sua surpresa.

– E jogava ténis, por acaso?

– Em partidas ocasionais na segunda divisão da universidade.

– Mas ela sabia pintar? – perguntou Charlie.

O assistente continuou a folhear o processo.

– Oh, sim – disse a Sra. Culver –, e pintava muito bem, Sir Charles. Ainda temos um trabalho seu pendurado na sala de jantar, uma cena

de bosque influenciada por Sisley, desconfio. De fato, eu diria mesmo...

– Posso ver o quadro, senhora Culver?

– Com certeza, Sir Charles. – A diretora tirou 'uma chave da gaveta superior direita da secretária e disse: – Venha, por favor.

Charlie levantou-se, cambaleante, e acompanhou a Sra. Culver, que saiu do gabinete em passo de marcha, prosseguindo ao longo de um comprido corredor em direção à sala de jantar, e abriu a porta. Trevor Roberts, atrás de Charlie, manteve o ar intrigado, mas não fez quaisquer perguntas.

Quando entraram na sala de jantar, Charlie estancou e disse:

– Eu reconheceria um Ross a vinte metros de distância.

– Perdão, Sir Charles?

– Não é nada, senhora Culver – disse Charlie, deixando-se ficar em frente do quadro olhando a cena de um bosque em salpicos marrons e verdes.

– Lindo, não é, Sir Charles? Uma boa noção de como utilizar a cor. Eu diria mesmo...

– Senhora Culver, consideraria aquele quadro uma troca justa por um micro-ônibus?

– Uma troca muito justa – disse a Sra. Culver sem hesitar. – Tenho certeza...

– E seria pedir-lhe muito que escrevesse atrás do quadro "Pintado por Cathy Ross" juntamente com as datas em que ela viveu em St. Hilda?

– Com todo o prazer, Sir Charles – a Sra. Culver deu alguns passos em frente e tirou o quadro da parede, depois virou-o para todos verem. O que Sir Charles pedira, embora um pouco apagado pelo tempo, já estava escrito e claramente legível a olho nu.

– Peço desculpas, senhora Culver – disse Charlie. – Eu já a devia conhecer melhor. – Tirou a carteira do bolso interno, assinou um cheque em branco e entregou-o à Sra. Culver.

– Mas quanto...? – começou a diretora, espantada.

– O que custar – foi tudo o que Charlie respondeu, tendo finalmente encontrado uma maneira de fazer emudecer a Sra. Culver.

Regressaram os três ao gabinete da diretora, onde os aguardava um bule de chá. Um dos assistentes foi fazer duas cópias de tudo o que constava no dossiê de Cathy, enquanto Roberts telefonava para o lar onde a Srta. Benson vivia, para avisar á diretora que os esperasse dentro de uma hora. Terminada ambas as tarefas, Charlie agradeceu à Sra. Culver a amabilidade e despediu-se.

Embora permanecesse em silêncio durante algum tempo, ela ainda conseguiu balbuciar:

– Obrigada, Sir Charles, obrigada.

Charlie segurou bem o quadro ao sair do orfanato. Quando se encontrou novamente no carro, disse ao motorista que guardasse o embrulho como a sua própria vida.

– Certamente. E para onde agora?

– Muple Lodge Residential Home, no lado norte – disse Roberts, que tinha subido pelo outro lado. – Espero que me explique o que aconteceu em St.

Hilda. Porque eu estou muitíssimo admirado.

– Eu lhe conto tudo o que sei – disse Charlie.

Começou a explicar como havia conhecido Cathy quase quinze anos antes, na festa de inauguração de sua casa, em Eaton Square. Prosseguiu a história sem interrupções até ter chegado no ponto em que a Srta. Ross tinha sido nomeada uma das diretoras da empresa Trumper e como, desde o suicídio de Daniel, ela não conseguira dizer-lhes muito sobre a sua vida passada porque ainda não havia recuperado completamente a memória dos acontecimentos ocorridos antes de ir para a Inglaterra. A primeira reação do advogado a essa informação pegou Charlie de surpresa.

– Pode ter certeza de que não foi coincidência o fato de a Srta. Ross ter ido para a Inglaterra, nem de se ter candidatado a um emprego na empresa Trumper.

– Que quer dizer com isso? – disse Charlie.

– Ela deve ter saído da Austrália com o único objetivo de tentar descobrir quem era o pai, pensando que ele estivesse vivo, talvez na Inglaterra. Esse deve ter sido o seu primeiro motivo para ir para Londres, onde indubitavelmente descobriu qualquer ligação entre a família dele e a sua. E, se conseguir descobrir essa ligação entre o pai dela, a sua ida para Inglaterra e a empresa Trumper, então terá a sua prova... prova de que Cathy Ross e, de fato, Margaret Ethel Trentham.

– Mas eu não faço ideia de qual será essa ligação – disse Charlie. – E, agora que Cathy se lembra tão pouco da sua vida na Austrália, posso nunca vir a descobrir.

– Bem, esperemos que a Srta. Benson nos ponha na pista certa – disse Roberts. – Embora, como já o avisei, ninguém que a tenha conhecido em St.

Hilda fale bem dela.

– Se for como Walter Slade, não será fácil conseguir que nos diga sequer as horas. Está se tomando óbvio que a Sra. Trentham enfeitiçava todos aqueles com quem lidava.

– Concordo – disse o advogado. – Foi por isso que não disse à Sra.

Campbell, a enfermeira que é diretora de Maple Lodge, por que razão queríamos visitar o lar. Não vi nenhuma vantagem em avisar à Srta. Benson a nossa chegada. Só lhe daria tempo para ter respostas bem preparadas.

Charlie fez um ruído de aprovação.

– Mas faz alguma ideia de como devemos aborda-la? – perguntou ele. –

Porque eu certamente me perdi no meu encontro com Walter Slade.

– Não, não tenho. Temos de ver como correm as coisas e esperar que ela colabore. Embora só Deus saiba que sotaque vai ter de usar dessa vez, Sir Charles.

Alguns momentos depois, passaram por dois enormes portões de feno forjado e seguiram por uma estrada arborizada que levava a uma enorme mansão da virada do século, situada em vários acres de terreno particular.

– Isso não pode ser barato – disse Charlie.

– Estou plenamente de acordo – disse Roberts. – E, infelizmente, não parecem precisar de um micro-ônibus.

O automóvel parou junto de uma pesada porta de carvalho. Trevor Roberts saltou, esperou Charlie e tocou a campainha.

Não tiveram de esperar muito até uma jovem enfermeira lhes abrir a porta e os acompanhar, ao longo de um corredor encerado, até o gabinete da diretora.

A Sra. Campbell vestia o uniforme azul engomado, com colarinho e punhos brancos, associado à sua profissão. Deu as boas-vindas a Charlie e a Trevor Roberts com um forte sotaque escocês e, se não fosse o sol constante que penetrava através das janelas, Charlie poderia ser perdoado por pensar que a diretora da Maple Lodge Residential Home nunca tivesse saído da Escócia.

Após as apresentações, a Sra. Campbell perguntou em que podia ser útil.

– Eu tinha esperança de que nos permitisse conversar com uma de suas hóspedes.

– Sim, com certeza, Sir Charles. Posso perguntar com quem deseja falar? –

perguntou ela. .

– Srta. Benson – explicou Charlie. – Sabe...

– Oh, Sir Charles, não soube?

– O que deveria saber? – disse Charlie.

– A Srta. Benson morreu na semana passada. Na verdade, nós a sepultamos na quinta-feira.

Pela segunda vez nesse dia, as pernas de Charlie tremeram, e Trevor Roberts teve de apoiar rapidamente o cotovelo de seu cliente e conduzi-lo à cadeira mais próxima.

– Oh, desculpe – disse a diretora. – Não tinha ideia de que fosse um amigo tão chegado. – Charlie não disse nada. – E veio de Londres especialmente para a visitar?

– Sim, veio – disse Trevor Roberts. – A Srta. Benson teve alguma visita da Inglaterra recentemente?

– Não disse a matrona sem hesitar. – Atualmente, ela recebia muito poucas visitas. Uma ou duas de Adelaide, mas nenhuma da Inglaterra – acrescentou, em voz um pouco tensa.

– E ela alguma vez lhe falou de alguém chamado Cathy Ross ou Margaret Trentham?

A Sra. Campbell pensou profundamente durante um momento.

– Não – disse ela, por fim. – Pelo menos que me lembre.

– Creio que devemos ir embora, Sir Charles, uma vez que não há razão para tomamos mais tempo da Sra. Campbell.

– Estou de acordo – disse Charlie em voz baixa. – E obrigado, minha senhora. – Roberts ajudou-o a levantar-se, e a Sra. Campbell acompanhou-os ao longo do corredor em direção à porta principal.

– Vai regressar à Inglaterra em breve, Sir Charles? – perguntou ela.

– Vou, provavelmente amanhã.

– Seria muito incômodo se eu lhe pedisse que pusesse uma carta no correio quando voltar a Londres?

– Com todo prazer – disse Charlie.

– Em circunstâncias normais, eu não o incomodaria com esse assunto –

disse a diretora –, mas, como diz diretamente respeito à Srta. Benson...

Os dois homens estancaram e olharam para a senhora escocesa de ar severo. Ela também parou e cruzou as mãos à sua frente.

– Não é por querer poupar os selos do correio, compreenda, Sir Charles, que é o que a maior parte das pessoas acusaria o meu clã

de fazer. De fato, é exatamente o oposto, pois o meu único desejo é reembolsar os benfeitores da Srta. Benson o mais depressa possível.

– Os benfeitores da Srta. Benson? – perguntaram Charlie e Roberts em uníssono.

– Sim – disse a matrona, endireitando o seu metro e cinquenta e dois. – Em Maple Lodge, não temos o hábito de cobrar aos hóspedes que morrem, Dr.

Roberts. Afinal de contas, como tenho certeza de que concordaria, isso seria desonesto.

– Claro que seria, minha senhora.

– E, assim, embora insistamos no pagamento adiantado de três meses, também reembolsamos quaisquer quantias que sobrem quando um hóspede morre. Depois de pagar todas as contas, compreende?

– Eu compreendo – disse Charlie, baixando os olhos para a senhora com esperança.

– Assim, se tiver a gentileza de esperar só um pouco, eu vou buscar a carta no meu gabinete. – Voltou-se e dirigiu-se ao gabinete, alguns metros no longo do corredor.

– Comece a rezar – disse Charlie.

– Já comecei – disse Roberts.

A Sra. Campbell regressou alguns minutos depois com um envelope na mão, que entregou a Charlie. Numa letra grande e clara, estavam escritas as palavras: “Gerente, Coutts e Companhia, Strand, Londres WC2.”

– Espero que o meu pedido não represente muito aborrecimento, Sir Charles.

– E um prazer maior do que poderá imaginar, senhora Campbell – garantiu-lhe Charlie ao despedir-se da diretora.

Quando voltaram ao automóvel, Roberts disse:

– Não seria ético da minha parte aconselha-lo se deve ou não abrir essa carta, Sir Charles. No entanto...

Mas Charlie já havia rasgado o envelope e estava retirando o seu conteúdo.

Um cheque de noventa e duas libras estava junto de uma conta pormenorizada referente aos anos de 1953 a 1964: o pagamento final da conta da Srta. Rachel Benson

– Deus abençoe os escoceses e sua educação puritana – disse Charlie, quando viu à ordem de quem o cheque estava passado.

CAPÍTULO 46

– Se se apressar, Sir Charles, talvez consiga pegar o voo anterior – disse Trevor Roberts quando o automóvel parou no pátio do hotel.

– Então – vou-me apressar – disse Charlie –, porque quero estar de volta a Londres o mais depressa possível.

– Certo, vou pedir a conta e depois telefonar para o aeroporto a fim de verificar se eles podem alterar a sua reserva.

– Ótimo. Embora ainda tenha dois dias, há algumas coisas que gostaria de pôr em ordem em Londres rapidamente.

Charlie tinha saltado do carro antes mesmo de o motorista conseguir abrir-lhe a porta. Correu para o quarto e atirou rapidamente todos os seus pertences para dentro da mala. Estava de novo na recepção doze minutos depois, tendo pago a conta, e corria em direção à

entrada do hotel dentro de quinze. Não só o motorista estava ao lado do carro, como a porta do bagageiro já estava aberta.

Assim que a terceira porta se fechou, o motorista acelerou para fora do pátio e conduziu o carro para a faixa rápida em direção à autoestrada.

– Passaporte e bilhete? – disse Roberts.

Charlie sorriu e retirou-os de um bolso interno, como uma criança verificando o material da escola.

– Ótimo, agora esperemos chegar a tempo ao aeroporto.

– O doutor fez maravilhas – disse Charlie.

— Obrigado, Sir Charles – disse Roberts. – Mas deve compreender que, apesar de ter conseguido bastantes provas para apoiar o seu caso, a maior parte e, na melhor das hipóteses, circunstancial. Embora esteja convencido de que Cathy Ross e', de fato, Margaret Ethel Trentham, com a Srta. Benson na sepultura e a Srta. Ross incapaz de se lembrar de todos os pormenores importantes do seu passado, não há maneira de saber se o tribunal decidiria em seu favor.

– Compreendo – disse Charlie. – Mas, pelo menos, agora eu tenho algo com que negociar. Há uma semana, não tinha nada.

– É verdade. E depois de o ver em ação nos últimos dias, devo dizer que acho que as suas possibilidades são melhores do que cinquenta por cento. Mas, por favor, mantenha sempre esse quadro em segurança: é tão convincente como impressões digitais. E guarde a carta da Sra. Campbell num lugar seguro até ter conseguido fazer uma cópia; depois envie o original com o cheque para a Coutts. Não vamos querer que o prendam por roubar noventa e duas libras.

Agora há alguma coisa que eu possa fazer aqui?

– Sim, podia tentar arranjar uma declaração escrita de Walter Slade admitindo que levou a Sra. Trentham e uma menina chamada Margaret a St.

Hilda, e que ela saiu de lá sozinha. Talvez pudesse tentar que Slade indicasse uma data.

– Isso poderá não ser fácil depois do seu encontro – sugeriu Roberts.

– Bem, pelo menos, tente. Depois, veja se consegue descobrir se a Srta.

Benson recebeu quaisquer outros pagamentos da Sra. Trentham antes de 1953

e, se recebeu, as quantias e as datas. Desconfio de que ela recebia ordens bancárias há mais de trinta e cinco anos, o que explica a razão pela qual pôde acabar os seus dias em relativo luxo.

– De acordo, porém, mais uma vez, é inteiramente circunstancial e, na realidade, não há maneira nenhuma de algum banco me permitir ver a conta particular da Srta. Benson.

– Isso é verdade – disse Charlie. – Mas a Srta. Culver deverá poder dizer-lhe quanto a Srta. Benson ganhava quando era diretora e se ela parecia gastar mais do que ganhava. Afinal de contas, poderá sempre descobrir do que mais St. Hilda precisa, além do micro-ônibus.

Roberts começou a fazer anotações, enquanto Charlie disparava mais uma série de instruções.

– Se conseguir que Slade faça a declaração e provar que houve algum pagamento anterior à Srta. Benson, eu estaria numa posição muito mais forte para pedir a Nigel Trentham que explicasse por que razão sua mãe estava disposta a continuar enviando dinheiro a alguém que era diretora de um orfanato no outro lado do mundo, se não fosse pela filha do seu irmão.

– Farei o que puder– prometeu Roberts. – Se conseguir alguma coisa, contato-o em Londres, quando chegar.

– Obrigado – disse Charlie. – Agora há alguma coisa que eu posso fazer pelo senhor?

– Sim, Sir Charles. Importa-se de enviar os meus melhores cumprimentos ao tio Ernest?

– Tio Ernest?

– Sim, Ernest Baverstock.

– Melhores cumprimentos, um raio. Farei queixa dele à Ordem dos Advogados por nepotismo.

– Devo aconselha-lo a não abrir o processo, Sir Charles, uma vez que nepotismo não é crime. Embora, para ser honesto, a culpa seja de minha mãe; ela teve três filhos, todos advogados, e os outros dois o representam agora em Perth e Brisbane.

O automóvel parou na curva junto do terminal da Qantas. O motorista saltou e tirou as malas do bagageiro, enquanto Charlie corria na direção do balcão das reservas, com Roberts um metro atrás, transportando o quadro de Cathy.

– Sim, ainda pode pegar o primeiro voo para Londres – garantiu a Charles a moça do balcão do check-in. – Mas, por favor, seja rápido porque o voo vai fechar dentro de minutos. – Charlie soltou um suspiro de alívio e voltou-se para se despedir de Trevor Roberts, enquanto o motorista chegava com as suas malas e as colocava na balança.

– Diabo – disse Charlie. – Pode emprestar-me dez libras?

– Roberts retirou as notas da carteira e Charlie entregou-as rapidamente ao motorista, que levou a mão ao boné e voltou para o carro.

– Como é que alguma vez lhe poderei agradecer? – disse ele, apertando a mão de Trevor Roberts.

– Agradeça ao tio Ernest, não a mim – disse Roberts. – Foi ele que me convenceu a deixar tudo para tomar conta desse caso.

Vinte minutos depois, Charlie estava subindo os degraus do voo 102 da Qantas, pronto para a primeira etapa da sua viagem de regresso a Londres.

Quando o avião decolou, dez minutos depois da hora marcada, Charlie recostou-se na cadeira e tentou, com as informações que havia obtido nos últimos três dias, começar a encaixar as peças. Ele aceitara a teoria de que não era coincidência que Cathy tivesse vindo trabalhar entre eles e os Trentham mesmo que Charlie não conseguisse descobrir exatamente que ligação era essa ou por que razão ela não lhes havia dito. Dizer-lhes...? Que direito tinha ele de a criticar? Se tivesse dito a Daniel, o rapaz podia estar vivo ainda. Porque uma coisa era certa: Cathy não podia ter sabido que Daniel era seu meio-irmão, embora ele agora receasse que a Sra. Trentham tivesse descoberto e depois dito ao neto a terrível verdade.

– Mulher malvada – disse Charlie para si próprio.

– Perdão – disse a senhora de meia-idade sentada à sua esquerda.

– Oh, desculpe – disse Charlie. – Eu não me referi à senhora.

Voltou aos seus pensamentos. A Sra. Trentham devia ter sabido a verdade de algum modo. Mas como? Será que Cathy também tinha ido falar com ela?

Ou fora apenas o anúncio do noivado deles no The Times que alertara a Sra.

Trentham para uma ligação ilegal de que Cathy e Daniel não podiam ter consciência? Qualquer que fosse a razão, Charlie sabia que as

possibilidades de conhecer toda a história eram agora bastante remotas, com Daniel e a Sra.

Trentham nas suas sepulturas e Cathy ainda incapaz de se recordar de muito do que lhe acontecera antes de chegar à Inglaterra.

Era irônico, pensou Charlie, que muito do que ele havia descoberto na Austrália sempre tivesse estado no número 1 de Chelsea Terrace, numa pasta marcada "Cathy Ross, pedido de emprego". Mas não o elo que faltava.

"Encontre esse elo", Roberts tinha dito, "e poderá provar a ligação entre Cathy Ross e Guy Trentham." Charlie acenou com a cabeça, concordando.

Ultimamente, Cathy tinha conseguido recordar algumas coisas do passado, mas nada de importante da sua infância na Austrália. O Dr. Atkins continuava a aconselhar Charlie a não exercer pressão sobre ela, uma vez que estava encantado com os seus progressos, especialmente por estar disposta a conversar abertamente sobre Daniel. Se ele quisesse salvar a empresa Trumper, certamente teria de pressioná-la agora. Decidiu que uma das primeiras chamadas que tinha de fazer assim que o avião aterrissasse em solo inglês era para o Dr. Atkins.

– Fala-lhes o comandante – disse uma voz ao alto-falante. – Lamento informar que surgiu um pequeno problema técnico. Os passageiros sentados no lado direito do avião poderão reparar que desliguei um dos motores de estibordo. Posso assegurar que não existe qualquer motivo para preocupações, uma vez que temos três motores trabalhando e o avião pode perfeitamente fazer uma etapa da viagem com apenas um. – Charlie ficou satisfeito com essa notícia. No entanto – prosseguiu o comandante –, é norma dessa companhia de aviação, tendo em conta a segurança dos passageiros, caso surja um problema semelhante aterrissar no aeroporto mais próximo para efetuar imediatamente o reparo. Charlie franziu a testa. – Como ainda não chegamos à metade da nossa etapa até Singapura, recebi

instruções da torre de controle para regressar imediatamente a Melbourne. – Um coro de lamentações percorreu o avião.

Charlie fez um cálculo rápido do tempo que ainda lhe restava até seu prazo em Londres, depois lembrou-se de que o avião em que tinha feito originalmente a reserva deveria sair de Melbourne nessa noite, às oito e vinte.

Desapertou o cinto, tirou o quadro de Cathy do bagageiro e foi sentar-se na cadeira da primeira classe mais próxima da porta da cabina, concentrando-se totalmente no problema de arranjar lugar no avião da BOAC para Londres.

O Voo 102 da Qantas desceu no aeroporto de Melbourne às sete horas e sete minutos. Charlie foi o primeiro a sair do avião; correu o mais depressa que pôde, mas ter de levar o quadro de Cathy debaixo do braço fe-lo abrandar o passo e possibilitou que outros passageiros, que obviamente tinham tido a mesma ideia, o ultrapassassem. No entanto, quando chegou ao balcão das reservas, Charlie ainda conseguiu ficar em décimo primeiro lugar na fila. Um a um, a fila ia diminuindo, à medida que os que estavam à sua frente conseguiam lugares. Quando Charlie chegou à frente da fila, só lhe puderam dar um lugar em lista de espera. Apesar de suplicar desesperadamente a um funcionário da BOAC, nada conseguiu: havia vários outros passageiros a quem era igualmente importante estar em Londres.

Dirigiu-se lentamente de novo ao balcão da Qantas, onde lhe informaram que o voo 102 fora retido para reparações e só deveria decolar na manhã seguinte. As oito e quarenta, viu o Comet, da BOAC, em que tinha inicialmente feito a reserva, decolar sem ele.

Todos os passageiros foram alojados num dos hotéis do aeroporto, e os bilhetes foram transferidos para um voo às dez e vinte da manhã seguinte.

Charlie estava de pé, vestido e de volta ao aeroporto duas horas antes da hora prevista para a decolagem e, quando o voo foi finalmente chamado, foi o primeiro a bordo. Se tudo corresse conforme previsto, calculou ele, chegaria na sexta-feira de manhã cedo, dando-lhe um dia e meio até terminar o prazo de dois anos impostos por Sir Raymond.

Deu o seu primeiro suspiro de alívio quando o avião decolou, o segundo quando o voo ultrapassou a metade do caminho para Singapura, e o terceiro quando pousaram no aeroporto de Changi, alguns minutos antes da hora de chegada prevista.

Charlie saiu do avião, mas apenas para esticar as pernas. Estava de novo com o cinto apertado e pronto para a decolagem uma hora mais tarde. A segunda etapa, de Singapura a Bangcoq, deixou-o no aeroporto Don Muang com apenas trinta minutos de atraso, mas o avião ficou numa fila na pista durante mais de uma hora. Explicaram-lhe mais tarde que havia falta de pessoal na torre de controle. Apesar da demora, Charlie não estava muito preocupado, mas isso não o impediu de olhar constantemente para o relógio. Decolaram com uma hora de atraso.

Quando o avião aterrissou no aeroporto Palam, em Nova Delhi, ele passou outra hora andando de um lado para outro do free-shop, enquanto o avião era reabastecido. Cansou de ver os mesmos relógios, perfumes e joias – que, ele sabia, ainda apresentavam margem de lucro de cinquenta por cento – serem vendidos aos inocentes passageiros em trânsito. Quando chegou a hora marcada e não houve chamada para o embarque, Charlie dirigiu-se ao balcão de informações para saber a causa de demora.

– Parece haver um problema com a nova tripulação – disse-lhe a jovem sob a placa “Informações” – que não completou o período de descanso de vinte e quatro horas estipulado pelo regulamento da IATA.

– Quanto tempo tiveram?

- Vinte horas – replicou a moça, com ar embaraçado.
- Então isso significa que ficaremos aqui mais quatro horas?
- Exatamente.
- Onde é o telefone mais próximo? – perguntou Charlie, não fazendo qualquer tentativa para esconder sua irritação.
- Ali, naquele canto – disse ela, apontando à direita.

Charlie entrou em mais uma fila e, quando chegou à frente, conseguiu falar duas vezes com a telefonista, uma vez com Londres, mas nunca com Becky.

Quando, finalmente, voltou a entrar no avião, estava exausto, não tendo conseguido nada.

- Aqui fala o comandante Parkhouse. Apresentamos as nossas desculpas pela demora na decolagem deste voo – disse o piloto numa voz reconfortante.
- Espero que o atraso não lhes tenha causado grande transtorno. Por favor, apertem os cintos e preparem-se para a decolagem. Pessoal da cabina, portas em automático.

Os quatro motores a jato começaram a trabalhar, com estrondo, e o avião avançou gradualmente antes de adquirir velocidade, acelerando ao longo da pista. Depois, de repente, Charlie foi atirado para a frente, quando os freios foram acionados e o avião parou, chiando, a algumas centenas de metros do fim da pista.

- Aqui fala o comandante. Lamento ter de informar que as bombas hidráulicas do trem de aterrissagem estão acendendo a luz vermelha no painel do controle, não sendo seguro decolar. Teremos, portanto, de regressar ao nosso local na pista e pedir aos mecânicos locais que reparem a avaria o mais depressa possível. Obrigado pela compreensão.

.Foi a palavra "local" que preocupou Charlie.

Quando desembarcaram, Charlie correu de balcão em balcão das linhas aéreas, tentando descobrir se havia algum voo de Nova Delhi para a Europa nessa noite. Descobriu que a única partida nessa noite ia para Sydney. Começou a rezar pela rapidez e eficiência dos mecânicos indianos.

Charlie sentou-se na sala de espera cheia de fumaça, folheando revista atrás de revista, bebendo refrigerante após refrigerante, enquanto aguardava qualquer informação sobre o voo 102. A primeira notícia que ouviu foi que o mecânico-chefe tinha sido chamado.

– Chamado? – disse Charlie. – Que significa isso?

– Mandamos um carro buscá-lo – explicou um sorridente funcionário do aeroporto com um sotaque sracatto.

– Mandaram um carro? – disse Charlie. – Mas por que ele não está no aeroporto?

– É o seu dia de folga.

– E não têm outros mecânicos?

– Não para um trabalho tão importante – admitiu o funcionário, perturbado.

Charlie bateu na testa com a palma da mão.

– E onde é que o engenheiro mora?

– Em Nova Delhi – foi a resposta. – Mas não se preocupe, ele deve chegar dentro de uma hora.

O problema desse país, pensou Charlie, é que nos dizem exatamente o que queremos ouvir.

Por qualquer razão, o mesmo funcionário não conseguiu explicar mais tarde a razão pela qual tinham levado duas horas para localizar o mecânico-chefe, mais uma hora para o trazer ao aeroporto e outros cinquenta minutos para ele chegar à conclusão de que iria precisar de uma equipe de três mecânicos que tinham acabado de sair de serviço.

Um velho ônibus transportou todos os passageiros do voo 102 para o Hotel Taj Mahal, no centro da cidade, onde Charlie se sentou na cama e passou a maior parte da noite tentando contato com Becky. Quando conseguiu finalmente ouvi-la, a ligação foi cortada antes de ter tempo de explicar onde estava. Não se preocupou em tentar dormir.

Quando o ônibus os deixou de novo no aeroporto na manhã seguinte, o funcionário indiano estava lá para os cumprimentar com seu largo sorriso.

– O avião está no horário – prometeu ele.

“No horário...”, pensou Charlie; em circunstâncias normais, teria rido. O

avião acabou por decolar uma hora mais tarde e, quando Charlie perguntou ao comissário a que horas esperavam pousar em Heathrow, ele lhe disse que no sábado de manhã; era difícil ser exato.

Quando o avião fez outra aterrissagem imprevista no Aeroporto Leonardo da Vinci, no sábado de manhã, Charlie telefonou a Becky. Nem sequer lhe deu tempo de falar.

– Estou em Roma – disse ele – e preciso que Stan me pegue em Heathrow.

Como não sei bem a que horas chego, diga-lhe que vá já para o aeroporto e espere. Compreendeu?

– Sim – disse Becky.

– E também vou precisar que Baverstock esteja no seu escritório, por isso, se ele já foi passar o fim de semana no campo, peça-lhe que deixe tudo e regresse a Londres.

– Parece um pouco irritado, querido.

– Desculpe – disse Charlie –, não tem sido uma viagem fácil.

Com o quadro debaixo do braço e nenhum interesse pelo que se passava com o avião dessa vez, ou onde sua mala iria parar, tomou o primeiro voo da tarde para Londres e, desde que decolou, voltou a olhar para o relógio de dez em dez minutos. Quando o piloto atravessou o canal da Mancha nessa noite às oito horas, Charlie sentiu-se confiante de que quatro horas seria tempo suficiente para Cathy reclamar os seus direitos – desde que Becky tivesse encontrado Baverstock.

Quando o avião começou a sobrevoar o desenho familiar de Londres, Charlie olhou pela pequena janela oval para o Tâmis, serpenteando lá embaixo.

Passaram-se mais doze minutos até as luzes da pista ladearem Charlie em duas linhas retas, seguidas de uma nuvem de fumaça quando as rodas tocaram o chão, e o avião se dirigiu lentamente ao setor de desembarque. As portas do avião abriram-se finalmente às oito e vinte e nove.

Charlie pegou o quadro e passou correndo pela seção de controle dos passaportes e pela alfândega.

Não parou até ver uma cabine telefônica, mas, como não tinha moedas para fazer uma chamada local, disse o nome à telefonista e pediu que a chamada fosse paga pelo destinatário. Um momento mais tarde, a ligação era completada.

- Becky, estou em Heathrow. Onde está Baverstock?
- No caminho de regresso de Tewkesbury. Conta estar no escritório por volta das nove e meia, dez horas.
- Ótimo, então vou direto para casa. Devo estar aí dentro de quarenta minutos.

Charlie desligou o telefone, olhou o relógio e viu que não tinha tempo suficiente para telefonar ao Dr. Atkins. Correu para a calçada, sentindo subitamente a brisa fria. Stan estava à sua espera junto do carro. Ao longo dos anos, o antigo sargento-mor tinha-se habituado à impaciência de Charlie e dirigiu suavemente pelos arredores de Londres, ignorando o limite de velocidade até chegar a Chiswick, depois do que apenas uma motocicleta poderia andar depressa. Apesar da chuva constante, ele deixou o patrão em Eaton Square às nove e dezesseis.

Charlie estava a meio de contar a uma Becky silenciosa tudo que havia descoberto na Austrália, quando Baverstock telefonou dizendo que estava de volta ao seu escritório no High Holbom. Charlie agradeceu, transmitiu-lhe os cumprimentos do sobrinho e depois pediu desculpas por lhe ter estragado o fim de semana.

- Não terá estragado se as notícias forem positivas – disse Baverstock.
- Guy Trentham tinha outra criança – disse Charlie.
- Não pensei que me arrastaria de Tewkesbury para contar o resultado da partida de críquete em Melbourne – disse Baverstock. – Menino ou menina? “
- Menina.
- Legítima ou ilegítima.
- Legítima.

- Então ela pode reclamar os seus direitos antes da meia-noite.
- Tem de ser ela própria a fazê-lo?
- É o que o testamento estipula – disse Baverstock. – No entanto, se ela ainda estiver na Austrália, pode fazê-lo no escritório de Trevor Roberts, uma vez que lhe dei...
- Não, ela está na Inglaterra, e vou levá-la ao seu escritório antes da meia-noite.
- Ótimo. A propósito, como ela se chama? – perguntou Baverstock. – Para eu preparar os papéis.
- Cathy Ross – disse Charlie. – Mas peça ao seu sobrinho que lhe explique tudo, porque não tenho tempo a perder – disse ele, desligando antes que Baverstock pudesse reagir. Correu para o vestíbulo à procura de Becky.
- Onde está Cathy? – gritou ele, quando Becky apareceu no topo das escadas.
- Foi a um concerto do Festival Hall. Mozart, creio que ela disse, com um novo admirador da City.
- Então vamos – disse Charlie.
- Vamos?
- Sim, vamos – disse Charlie, gritando. Já havia chegado à porta e sentado no banco traseiro do carro, quando reparou que o motorista não estava lá Saltou do carro e estava voltando para casa quando Becky já vinha correndo.
- Onde está Stan?
- Provavelmente na cozinha, jantando.

– Certo – disse Charlie, entregando-lhe as chaves. – Você dirige, eu falo.

– Mas onde vamos?

– Ao Festival Hall.

– Engraçado – disse Becky –, depois de todos esses anos, não sabia que você gostava de Mozart.

Quando ela se sentou ao volante, Charlie deu a volta no carro correndo e sentou-se junto dela. Becky arrancou e avançou habilmente por entre o trânsito noturno, enquanto Charlie continuava a explicar todas as implicações do que havia descoberto na Austrália e como era imprescindível que encontrassem Cathy antes da meia-noite. Becky escutou atentamente e não fez qualquer tentativa para interromper o discurso do marido.

Quando Charlie lhe perguntou se ela tinha alguma dúvida, estavam atravessando a Ponte de Westminster. Becky manteve-se em silêncio.

Charlie esperou alguns momentos antes de perguntar:

– Você não tem nada a dizer?

– Tenho – disse Becky. – Não devemos cometer com Cathy o mesmo erro que cometemos com Daniel.

– Como?

– Não lhe contando toda a verdade.

– Terei de falar com o Dr. Atkins antes de pensar sequer em correr esse risco – disse Charlie. – Mas o nosso problema mais premente é garantir que entregue o pedido a tempo.

– Para não falar no problema ainda mais premente de onde estacionar –

disse Becky virando à esquerda para a Belvedere Road e em direção à. Entrada do Royal Festival Hall, com as faixas amarelas duplas e as placas de

“estacionamento Proibido”.

Na porta – disse Charlie, o que Becky fez sem protestar.

Assim que o carro parou, Charlie saltou, atravessou a calçada correndo empurrou as portas de vidro.

– A que horas termina o concerto?– perguntou ao primeiro funcionário uniformizado que viu.

– Dez e trinta e cinco, mas não pode deixar o carro ali. – E onde é o gabinete do gerente?

– Quinto andar, vire à direita, segunda porta à esquerda quando sair do elevador. Mas...

– Obrigado – disse Charlie, passando por ele correndo em direção ao elevador. Becky tinha conseguido alcançar o marido quando a luz do elevador apontava para cima.

– O seu carro... – disse o porteiro, mas as portas do elevador já fechavam.

Quando se abriram no quinto andar, Charlie saltou, olhou para a direita e viu urna porta à esquerda com a placa “Gerente”. Bateu uma vez antes de entrar e encontrou dois homens vestidos de smoking fumando e ouvindo o concerto pelo inter-comunicador. Voltaram-se para ver quem os havia interrompido.

– Boa-noite, Sir Charles – disse o homem mais alto, esmagando o cigarro e dando um passo à frente. – Jackson, sou o gerente do teatro. Posso ser útil em alguma coisa?

– Espero que sim, Sr. Jackson – disse Charlie. – Preciso que uma jovem saia da sala o mais depressa possível. É uma emergência.

– Sabe o número do lugar?

– Não tenho ideia. – Charlie olhou para a mulher, que se limitou a balançar a cabeça.

– Então, venha comigo – disse o gerente, passando a porta e encaminhando-se para o elevador. Quando as portas se abriram, o primeiro funcionário que Charlie tinha visto estava na sua frente.

– Algum problema, Ron?

– É só que este cavalheiro deixou o carro exatamente na porta...

– Tome conta dele, sim, Ron? – O gerente apertou o botão do terceiro andar e, voltando-se para Becky, perguntou: – O que a jovem está usando?

– Um vestido bordeaux com uma capa branca – disse Becky rapidamente.

– Muito bem, minha senhora – disse o gerente. Saiu do elevador e levou-os rapidamente por uma entrada lateral ao lado do camarote real. Uma vez lá dentro, o Sr. Jackson retirou uma pequena fotografia da rainha inaugurando o edifício, em 1957, e afastou uma pequena portinhola escondida, de onde podia observar os espectadores através de um vidro espelhado. – Uma precaução de segurança no caso de haver problemas – explicou ele. O gerente tirou depois dois binóculos de ópera dos seus pequenos suportes debaixo da balaustrada e entregou um a Charlie e outro a Becky.

– Se conseguir localizar onde a senhora está sentada, o meu pessoal irá busca-la discretamente. – Voltou-se e ouviu os acordes do último movimento durante alguns segundos, antes de acrescentar: – Têm cerca de dez minutos até o fim do concerto, doze, no máximo.

– Não há nenhum número extra programado para esta noite.

– Você olha a plateia, Becky, e eu procuro no balcão. – Charlie começou a focar o pequeno binóculo de Ópera nos espectadores abaixo deles.

Os dois escrutinaram os mil e novecentos lugares, primeiro rapidamente, depois devagar, percorrendo as filas uma a uma. Nenhum deles conseguiu ver Cathy nem na plateia, nem no balcão.

– Tente os camarotes do outro lado, Sir Charles – sugeriu o gerente.

Os dois binóculos giraram para o outro extremo do teatro. Ainda não havia sinal de Cathy, por isso Charlie e Becky voltaram de novo a atenção para o auditório principal, passando os olhos rapidamente pelas cadeiras.

O maestro baixou a batuta pela última vez às dez e trinta e dois, e os aplausos seguiram-se em ondas, enquanto Charlie e Becky procuravam por entre a multidão de pé, até que as luzes se acenderam e os espectadores começaram a sair do teatro.

– Continua a procurar, Becky. Eu vou na frente ver se a vejo sair. – Saiu apressado do camarote real e desceu as escadas seguido por Jackson, quase derrubando um homem que saía de um camarote. Charlie voltou-se para pedir desculpas.

– Olá, Charlie. Não sabia que gostava de Mozart – disse uma voz.

– Não gostava, mas, de repente, ele está entre as dez mais – disse Charlie, incapaz de disfarçar a sua satisfação.

– Claro – disse o gerente. – O único lugar que não conseguiam ver era o camarote abaixo do real.

– Posso apresentar-lhe...

– Não temos tempo para isso – disse Charlie. – Venha comigo – Segurou Cathy pelo braço. – Senhor Jackson, importa-se de pedir à minha mulher que explique a este cavalheiro por que preciso de Cathy? Pode tê-la de volta depois da meia-noite – disse Charlie, sorrindo ao surpreso jovem. – E intrigado, Senhor Jackson.

Olhou o relógio: dez e quarenta.

– Ainda temos tempo suficiente.

– Tempo suficiente para quê, Charlie? – disse Cathy, ao ser puxada ao longo do vestíbulo até a Belvedere Road. O funcionário uniformizado estava agora em posição de sentido junto do automóvel.

– Obrigado, Ron – disse Charlie, tentando abrir a porta da frente. – Raios, Becky fechou o carro – disse ele. Virou-se e viu um táxi sair da praça.

Mandou-o parar.

– Ei, velhote – disse um homem que estava em primeiro lugar na fila do táxi. – Acho que esse é o meu

– Ela está prestes a dar à luz – disse Charlie abrindo a porta e empurrando a magra Cathy para o banco detrás do

– Oh, boa sorte – disse o homem, dando um passo atrás.

– Para onde, chefe? – perguntou o motorista de táxi.

– High Holbom, número 10, e vá depressa – disse Charlie.

– Eu creio que é mais provável encontrarmos um advogado do que um ginecologista nesse endereço – sugeriu Cathy. – E espero que tenha uma boa explicação para o fato de eu perder o jantar com o único homem que me convidou para sair nas últimas semanas.

– Agora não – confessou Charlie. – Tudo o que preciso é que você assine um documento antes da meia-noite, depois, prometo que darei uma explicação.

O taxi parou à porta do escritório do advogado alguns minutos depois das onze. Charlie saiu do táxi e encontrou Baverstock a porta, à espera deles.

– São oito e seis, chefe.

– Oh, meu Deus – disse Charlie. – Não tenho dinheiro.

– É assim que ele trata todas as moças – disse Cathy, passando uma nota de dez xelins ao motorista de táxi.

Seguiram Baverstock até o escritório, onde um conjunto de documentos estava já preparado em cima da secretária. – Depois que me telefonou, tive uma longa conversa com o meu sobrinho na Austrália – disse Baverstock, olhando Charlie. – Por isso, acho que sei bem o que aconteceu enquanto esteve lá.

– O que já é mais do que eu sei – disse Cathy, em tom perplexo.

– Tudo a seu tempo – disse Charlie. – As explicações vêm depois. –

Voltou-se para Baverstock. – E agora?

– A Srta. Ross deve assinar aqui, aqui e aqui – disse o advogado sem mais explicações, indicando um espaço entre duas cruces a lápis no fim de três folhas de papel diferentes. – Como não é um familiar da beneficiária, nem beneficiário, Sir Charles, pode servir de testemunha à assinatura da Srta. Rossi Charlie acenou com a cabeça, colocou um par de binóculos de ópera ao lado do contrato e tirou uma caneta do bolso interno.

– No passado, Charlie, sempre me ensinou a ler cuidadosamente os documentos antes de os assinar.

– Esqueça tudo quanto lhe ensinei no passado, mocinha, e assine onde o Dr. Baverstock diz.

Cathy assinou os três documentos sem dizer mais nada.

– Obrigado, senhorita – disse o Dr. Baverstock. – E, agora, se puderem aguardar um pouco, tenho de informar o Dr. Birkenshaw do que aconteceu.

– Birkenshaw? – disse Charlie.

– O advogado do Sr. Trentham. Tenho, obviamente, de lhe comunicar imediatamente que o seu cliente não é a única pessoa que diz ter direito aos bens da herança Hardcastle.

Cathy, com ar ainda mais intrigado, voltou-se para Charlie.

– Mais tarde – disse Charlie. – Prometo.

Baverstock discou os sete dígitos de um número em Chelsea.

Ninguém falou enquanto esperavam que alguém atendesse o telefone. O

Dr. Baverstock ouviu uma voz sonolenta:

– Kensington 7192.

– Boa-noite, Birkenshaw. Aqui Baverstock. Desculpe incomoda-lo a esta hora tardia. De fato, não o teria feito se não pensasse que as circunstâncias exigem uma intromissão na sua privacidade. Mas, primeiro, pode dizer-me que horas são?

– Será que ouvi bem? – disse Birkenshaw, com um tom de voz mais vivo.

– Telefonou-me no meio da noite para me perguntar que horas são?

– Exatamente – disse Baverstock. – Compreenda, preciso confirmar que ainda não é a hora das bruxas. Por isso, seja um bom rapaz e diga-me que horas são.

– Onze e dezessete, mas não compreendo...

– No meu relógio são onze e dezesseis – disse Baverstock –, mas, a respeito das horas, curvo-me perante o seu superior discernimento. A propósito, a finalidade desta chamada – continuou – é informá-lo de que alguém, que parece ser um descendente mais direto de Sir Raymond do que o seu cliente, diz ter direito à herança Hardcastle.

– Como se chama ela?

– Desconfio de que o senhor já sabe – respondeu o velho advogado antes de desligar o telefone. – Diabos – disse ele, olhando para Charlie – Devia ter gravado a conversa.

– Por quê?

– Porque Birkenshaw nunca vai admitir que disse “ela”

CAPÍTULO 47

– Está dizendo que Guy Trentham era meu pai? – perguntou Cathy.

– Mas como...?

Depois de ter acordado o Dr. Atkins, um homem mais do que habituado a ser incomodado durante a noite, Charlie sentiu que podia explicar a Cathy o que havia descoberto durante a sua visita à Austrália, e como tudo era apoiado pelas informações que tinha dado a Becky quando se havia candidatado a um emprego na Empresa Trumper. Baverstock ouviu atentamente, acenando de vez em quando com a cabeça, olhando regularmente para os abundantes apontamentos que tomara após a sua longa conversa com o sobrinho em Sydney.

Cathy escutou tudo o que Charlie tinha para contar e, embora tivesse agora algumas recordações da sua vida na Austrália, ainda era muito vaga sobre os seus dias na Universidade de Melbourne e não se lembrava quase nada de St.

Hilda. O nome "Srta Benson" não significava nada.

– Tenho tentado tanto lembrar-me do que aconteceu antes de ter vindo para a Inglaterra, mas não me vem nada à memória, apesar de me lembrar de quase tudo o que aconteceu depois de ter desembarcado em Southampton. O Dr.

Atkins não está muito otimista, não é?

– Não existem regras, é tudo o que ele me diz.

Charlie levantou-se, atravessou a sala e virou o quadro de Cathy, com um olhar de esperança no rosto, mas ela se limitou a balançar a cabeça enquanto olhava para a cena do bosque.

– Concordo que devo tê-lo pintado, mas não faço ideia de onde nem quando.

Cerca de quatro horas da manhã, Charlie telefonou chamando um taxi para os levar de volta a Eaton Square, depois de concordar que Baverstock marcaria uma reunião com a outra parte assim que fosse possível. Quando regressaram à casa, Cathy estava tão exausta que foi direto para a cama, mas, como o relógio interno de Charlie não o deixou dormir, ele se fechou no escritório e continuou a procurar mentalmente o elo que faltava, tendo consciência plena da batalha que o aguardava, mesmo que o conseguisse encontrar.

No dia seguinte, ele e Cathy foram juntos a Cambridge e passaram uma tarde inteira no pequeno consultório do Dr. Atkins no Hospital de Addenbrooke.

Pelo seu lado, o médico parecia muito mais interessado no dossiê sobre Cathy que a Sra. Culver lhe tinha dado do que no fato de que ela pudesse ser da família da Sra. Trentham e, portanto, com direito a herdar o Fundo Hardcastle.

Ele recordou com ela todos os itens do processo – aulas de arte, boas notas, mau comportamento, jogos de tênis, a Escola de Church of England.

Universidade de Melbourne – mas obteve sempre a mesma reação: pensamento profundo, mas apenas recordações vagas. Tentou associações de palavras – Melbourne, Srta. Benson, críquete, navio, hotel – para as quais obteve as respostas, Austrália, Hedges, marcadora, Southarnpton, longas horas.

“Marcadora” foi a única palavra que interessou o Dr. Atkins, mas, após insistência, as únicas recordações de Cathy continuaram a ser uma breve descrição da escola, algumas memórias da universidade e um rapaz chamado Mel Nicholls, seguidas de uma longa viagem de navio para Londres. Ela conseguia até dizer os nomes de Pam e Maureen, que tinham viajado com ela, mas não sabia de onde elas eram.

Cathy forneceu detalhes quando o assunto mudou para o Hotel Melrose, e Charlie pôde confirmar a exatidão das recordações de Cathy dos seus primeiros tempos na Empresa Trumper.

A descrição do seu primeiro encontro com Daniel, até mesmo a troca dos cartões na festa de inauguração da casa dos Trumpers, trouxeram lágrimas aos olhos de Charlie. Mas sobre os pais e os nomes de Margaret Ethel Trentham e Rachel Benson, ela não conseguia dizer nada.

As seis horas, Cathy estava esgotada. O Dr. Atkins chamou Charlie à parte e o avisou de que, na sua opinião, era muito pouco provável que ela se lembrasse de muito mais do que acontecera na sua vida

antes de ter chegado a Londres. Talvez pequenos incidentes lhe viessem à mente de tempos em tempos, mas nada muito importante.

– Desculpe, não ajudei muito, não? – disse Cathy enquanto a levava de volta a Londres.

Ele lhe pegou a mão.

– Ainda não estamos vencidos – ele prometeu, embora começasse a pensar que as probabilidades de cinquenta por cento que Trevor Roberts indicara de provar que Cathy havia direito ao Fundo Hardcastle estavam parecendo muito otimistas.

Becky estava à espera deles em casa, e os três jantaram juntos, sossegadamente. Charlie não fez qualquer referência ao que se passara em Cambridge nesse dia até Cathy ter ido para o quarto. Quando Becky ouviu como Cathy tinha reagido ao exame do Dr. Atkins, ela insistiu que, a partir de então, a moça fosse deixada em paz.

– Perdi Daniel por causa daquela mulher – disse ela ao marido. – Não estou disposta a perder também Cathy. Se quiser continuar a sua luta pela Empresa Trumper, faça sem a envolver.

Charlie acenou com a cabeça, concordando, embora tivesse vontade de gritar: “Como é que eu hei de evitar que tudo o que construí me seja tirado por outro Trentham, sem poder empurrar Cathy até o limite?”

Estava prestes a apagar a luz do quarto quando o telefone tocou. Era Trevor Roberts telefonando de Sydney, mas as notícias não adiantavam muito.

Walter Slade recusava-se a dar qualquer informação sobre Ethel Trentham e nem sequer queria assinar um documento confirmando que a havia conhecido.

Charlie amaldiçoou-se pela maneira estúpida como havia conduzido o encontro com o velho de Yorkshire.

– E o banco? – perguntou ele, não parecendo muito esperançoso.

– O Banco Comercial da Austrália diz que não autoriza o acesso aos dados sobre a conta da Srta. Benson, a não ser que possamos provar que foi cometido um crime. O que a Sra. Trentham fez com Cathy pode ser descrito como maldade, mas receio que não seja criminoso, no sentido estrito da palavra.

– Não foi um bom dia para nenhum de nós – admitiu Charlie.

– Não se esqueça de que o outro lado não sabe isso.

– É verdade, mas quanto é que eles sabem?

– Meu tio contou-me o descuido de Birkenshaw com o “ela”, por isso aposto que sabem quase tanto quanto nós. Quando se encontrar com eles, é melhor partir do princípio de que sabem, mas, ao mesmo tempo, não deixe de procurar o elo que falta.

Depois de desligar, Charlie ficou acordado durante algum tempo e não se mexeu até ouvir Becky respirar profundamente. Depois saiu cuidadosamente da cama, vestiu o roupão e desceu ao escritório.

. Abriu um bloco e começou a escrever todos os fatos que havia reunido nos últimos dias, na esperança de que despertasse alguma recordação. Na manhã seguinte, Cathy encontrou-o curvado, com a cabeça sobre a secretária, dormindo profundamente.

– Eu não o mereço, Charlie – murmurou ela, beijando-o na testa. Ele se mexeu e levantou os olhos.

– Estamos ganhando – disse ele com voz de sono e até conseguiu sorrir, mas, pela expressão no rosto dela, compreendeu que ela não acreditava nele.

Becky tomou o café da manhã com eles uma hora depois e conversou sobre tudo, exceto o encontro cara a cara que estava marcado no escritório do Dr.

Baverstock nessa tarde.

Quando Charlie se levantou da mesa, Cathy disse, inesperadamente:

– Eu gostaria de estar presente no acerto de contas.

– Acha que seria sensato? – perguntou Becky, olhando ansiosamente para Charlie.

– Talvez não – disse Cathy. – Mas tenho certeza de que quero estar lá, e não saber o resultado mais tarde, em segunda mão.

– Ótimo – disse Charlie. – A reunião será às três no escritório de Baverstock, quando teremos oportunidade de apresentar as nossas alegações.

O advogado de Trentham nos encontrará às quatro. Vou busca-la às duas e trinta, mas se quiser mudar de ideia até lá, não me importo.

Becky voltou-se para ver como Cathy havia reagido a essa sugestão e ficou desiludida.

Quando Charlie entrou no seu escritório às oito e meia em ponto, Daphne e Arthur Selwyn já estavam à sua espera, de acordo com as suas instruções.

– Três cafés e, por favor, não quero ser interrompido – disse Charlie a Jessica, colocando o trabalho que fizera durante a noite em cima da secretária à sua frente.

– Então, por onde começamos? – perguntou Daphne e, durante a hora e meia seguinte, ensaiaram perguntas, afirmações e táticas que poderiam ser utilizadas ao lidar com Trentham e Birkenshaw, tentando antecipar todas as situações que surgissem.

Quando lhes trouxeram um almoço ligeiro antes das doze horas, sentiam-me todos esgotados; durante algum tempo, nenhum deles falou.

– É importante lembrar-se de que, desta vez, está lidando com um Trentham diferente– disse Artur Selwyn, colocando torrão de açúcar no café.

– Para mim são todos maus – disse Charlie.

– Talvez Nigel seja tão decidido como o irmão, mas não acredito que tenha a astúcia da mãe ou a capacidade de Guy para pensar.

– Aonde quer chegar, Arthur? – perguntou Daphne.

– Quando se reunirem esta tarde, Charlie tem de fazê-lo falar o mais possível, porque tenho reparado ao longo dos anos que, durante as reuniões do conselho de administração, muitas vezes ele fala demais e acaba se perdendo.

Nunca me esquecerei de quando ele era contra a cantina do pessoal devido à perda de proventos que isso provavelmente acarretaria, até Cathy ter feito notar que a comida vinha da mesma cozinha que a do restaurante e, assim, acabávamos tendo um pequeno lucro no que, de outro modo, seria jogado fora.

Charlie pensou nessas palavras enquanto mordida seu sanduíche.

– Gostaria de saber o que os conselheiros dele estão dizendo que são os meus pontos fracos.

– O seu temperamento – disse Daphne. – Você sempre ferveu em pouca água. Por isso, tente manter a calma.

À uma hora, Daphne e Arthur Selwyn deixaram Charlie em paz. Depois de a porta se ter fechado atrás deles, Charlie despiu o casaco, foi até o sofá, deitou-se e, durante a hora seguinte, dormiu

profundamente. Às duas horas, Jessica acordou-o. Ele lhe sorriu, sentindo-se completamente restabelecida; outra herança da guerra.

Voltou à secretária e leu novamente os apontamentos, antes de sair do escritório e se dirigir três portas adiante no corredor, para ir buscar Cathy. Ele esperava que tivesse mudado de ideia, mas ela já tinha o casaco vestido e estava sentada à sua espera. Foram até o escritório de Baverstock, tendo chegado uma hora antes de Trentham e Birkenshaw aparecerem.

O velho advogado escutou Charlie atentamente enquanto ele apresentava o seu caso, acenando ocasionalmente com a cabeça ou tomando mais apontamentos, embora, pela expressão de seu rosto, Charlie tivesse maneira de saber o que ele, de fato, pensava.

Quando Charlie terminou seu monólogo, Baverstock pousou a caneta na secretária e recostou-se na cadeira. Durante algum tempo, permaneceu em silêncio.

– Estou impressionado com a lógica dos seus argumentos, Sir Charles

– disse ele, inclinando-se para a frente e colocando as palmas das mãos em cima da secretária. – E também com as provas que conseguiu. No entanto, devo dizer que, sem a corroboração da sua principal testemunha e também sem qualquer declaração escrita de Walter Slade ou da Srta. Benson, o Dr.

Birkenshaw depressa dirá que sua petição se baseia quase inteiramente em provas circunstanciais.

– No entanto – continuou ele –, teremos de ver o que a outra parte tem para oferecer. Custa-me acreditar que, depois de minha conversa com Birkenshaw no sábado à noite, o que descobriu seja uma completa surpresa para ele.

O relógio em cima da lareira deu quatro badaladas discretas; Baverstock verificou o seu relógio de bolso. Não havia sinal da outra

parte, e, pouco depois, o advogado começou a tamborilar na mesa com os dedos. Charlie começou a questionar se isso era simplesmente uma tática do adversário.

Nigel Trentham e seu advogado apareceram, finalmente, às dezesseis horas e doze minutos; nenhum deles pareceu achar necessário pedir desculpa pelo atraso.

Charlie levantou-se quando o Dr. Baverstock o apresentou a Victor Birkenshaw, um homem alto, magro, com menos de cinquenta anos, prematuramente calvo e com o pouco cabelo que tinha penteado no alto da cabeça em finos fios grisalhos. A única característica que parecia ter em comum com Baverstock era que as roupas de ambos pareciam ser do mesmo alfaiate.

Birkenshaw sentou-se numa das duas cadeiras vagas em frente do velho advogado sem sequer parecer notar que Cathy estava presente. Tirou uma caneta do bolso superior, retirou um bloco da pasta e colocou-o sobre o joelho.

– O meu cliente, Sr. Nigel Trentham, veio reclamar a sua herança como herdeiro legítimo do Fundo Hardcastle – começou ele –, conforme claramente estipulado no último testamento de Sir Raymond.

– O seu cliente – disse Baverstock, retomando o tom formal de Birkenshaw

–, recordo-lhe, não é mencionado no testamento de Sir Raymond, e surgiu agora uma disputa sobre quem é o seu descendente legítimo. Não se esqueça de que Sir Raymond insistiu para que eu convocasse esta reunião, se necessário, a fim de decidir em seu nome.

– O meu cliente – retorquiu Birkenshaw – é o segundo filho de Gerald Trentham e Margaret Ethel Trentham, já falecidos, e neto de Sir Raymond Hardcastle. Assim, após a morte de Guy Trentham, seu irmão mais velho, ele deve ser, sem dúvida, o herdeiro legítimo.

– Nos termos do testamento, tenho de aceitar a pretensão de seu cliente –

concordou Baverstock –, a não ser que se prove que Guy Trentham tenha deixado descendentes. Já sabemos que Guy era o pai de Daniel Trumper...

– Isso nunca foi provado a contento do meu cliente – disse Birkenshaw, ocupado em tomar nota das palavras de Baverstock.

– Foi suficientemente provado a contento de Sir Raymond, tanto que ele indicou Daniel no seu testamento, dando-lhe primazia sobre o seu cliente. E, após o encontro entre a Sra. Trentham e o neto, temos razão para acreditar que ela também não tinha dúvidas sobre quem era o pai de Daniel. Caso contrário, por que motivo se daria ela ao trabalho de fazer um acordo tão completo com ele?

– Isso são conjecturas – disse Birkenshaw. – Apenas um fato é certo: o cavalheiro em causa já não está entre nós e, tanto quanto se saiba, não teve filhos. – Continuou a não olhar na direção de Cathy que escutava em silêncio enquanto a bola era atirada de um profissional para o outro.

– Aceitamos isso sem protestar – disse Charlie, intervindo pela primeira vez. – Mas o que não sabíamos até recentemente era que Guy Trentham teve também uma filha chamada Margaret Ethel.

– Que provas tem de uma afirmação tão disparatada? – disse Birkenshaw, endireitando-se na cadeira.

– A prova está no extrato bancário que enviei para sua casa no domingo de manhã.

– Um extrato, devo dizer disse Birkenshaw –, que não devia ter sido aberto por ninguém exceto pelo meu cliente. – Olhou para Nigel Trentham, que estava ocupado em acender um cigarro.

– Concordo – disse Charlie, elevando a voz. – Mas eu pensei em tirar uma folha do livro da Sra. Trentham, para variar.

Baverstock estremeceu, receando que o amigo estivesse à beira de perder a cabeça.

– Quem quer que a menina fosse – continuou Charlie –, ela conseguiu ter o nome no processo da polícia, como a única filha de Guy Trentham, e pintar um quadro que esteve na parede de um orfanato de Melbourne durante mais de vinte anos. Um quadro, devo acrescentar, que não poderia ser reproduzido por mais ninguém exceto a pessoa que originalmente o criou. Melhor do que uma impressão digital, não acha? Ou isso é também uma conjectura?

– A única coisa que o quadro prova – retorquiu Birkenshaw, – é que a Srta.

Ross viveu num orfanato, em Melbourne, entre 1927 e 1946, No entanto, é-me dado a compreender que ela é incapaz de se recordar de quaisquer pormenores da sua vida nesse orfanato, ou, de fato, do que quer que seja sobre a sua diretora. Não é assim, Srta. Ross? – Virou-se diretamente para Cathy, pela primeira vez.

Ela acenou com a cabeça, concordando com relutância, mas não falou.

– Que testemunha – disse Birkenshaw, não tentando disfarçar o sarcasmo.

– Nem sequer consegue apoiar a história apresentada em seu nome.

Chama-se Cathy Ross, isso sabemos, apesar das suas chamadas provas, não há nada que a ligue a Sir Raymond Hardcastle.

– Há várias pessoas que podem apoiara sua história, como o chama – disse Charlie, intervindo novamente. Baverstock ergueu tuna sobrelanceira, uma vez que não lhe tinham sido apresentadas

quaisquer provas para corroborar essa afirmação, mesmo que ele quisesse acreditar no que Sir Charles estava dizendo.

– Saber que ela foi criada num orfanato em Melbourne não é exatamente corroboração – disse Birkenshaw, empurrando um fio de cabelo que lhe havia caído sobre a testa. – Repito, mesmo que aceitássemos todas as suas loucas afirmações sobre um pretenso encontro entre a Sra. Trentham e a Srta. Benson, isso não prova que a Srta. Ross seja do mesmo sangue que Guy Trentham.

– Talvez queira verificar o senhor mesmo o seu grupo sanguíneo? – disse Charlie. Dessa vez, Baverstock ergueu ambas as sobrancelhas: o assunto dos grupos sanguíneos não tinha sido referido antes por qualquer das partes.

– Um grupo sanguíneo, devo acrescentar, Sir Charles, que é partilhado por metade da população mundial. – Birkenshaw puxou a lapela do casaco.

– Oh, então já verificou? – disse Charlie com um olhar de triunfo. – Então, deve haver alguma dúvida na sua mente.

– Não existe qualquer dúvida na minha mente sobre quem é o herdeiro legítimo da herança Hardcastle – disse Birkenshaw, antes de se voltar para Baverstock. – Durante quanto tempo vamos continuar com essa farsa? – A sua pergunta foi seguida de um suspiro exasperado.

– O tempo que for necessário para eu ficar convencido de quem é o herdeiro legítimo da herança de Sir Raymond – disse Baverstock, no mesmo tom frio e autoritário.

– Que mais quer? – perguntou Birkenshaw. – O meu cliente não tem nada a esconder, enquanto a Srta. Ross parece não ter nada a oferecer.

– Então, talvez possa explicar satisfatoriamente, Birkenshaw – disse Baverstock –, por que razão a Sra. Ethel Trentham fez pagamentos regulares durante vários anos à Srta. Benson, a diretora do orfanato de St. Hilda, em Melbourne, onde, eu penso que todos sabemos, a Srta. Ross viveu entre 1927 e 1946?

– Eu não tinha o privilégio de representar a Sra. Trentham, nem a Srta.

Benson, por isso não estou em posição de dar uma opinião. Nem, se formos ver, está o senhor.

– Talvez o seu cliente saiba a razão desses pagamentos e queira dar uma opinião – interpôs Charlie. Voltaram-se ambos para Nigel Trentham, que esmagou calmamente o resto do cigarro, mas não fez qualquer tentativa de falar.

– Não existe qualquer motivo para o meu cliente responder a uma pergunta hipotética dessas – sugeriu Birkenshaw.

– Mas se o seu cliente não deseja falar – disse Baverstock –, toma-se difícil para mim acreditar que ele não tem nada a esconder.

– Isso é indigno da sua parte – disse Birkenshaw. O senhor, melhor do que ninguém, sabe perfeitamente que, quando um cliente é representado por um advogado, parte-se do princípio que ele pode não querer necessariamente falar.

De fato, nem sequer era obrigatório que o Sr. Trentham estivesse presente.

– Isto não é um tribunal – disse Baverstock secamente. – Em todo caso, desconfio de que o avô do Sr. Trentham não aprovaria essa tática.

– Está negando ao meu cliente os seus direitos?

– De modo algum. No entanto, se, devido à sua recusa em dar uma opinião eu não conseguir chegar a uma decisão, é provável que tenha de recomendar a ambas as partes que o assunto seja decidido em tribunal, conforme estipulado claramente na cláusula vigésima sétima do testamento de Sir Raymond.

“Mais outra cláusula de que não tinha conhecimento”, refletiu Charlie com tristeza.

– Mas um caso desses pode levar anos só para chegar a tribunal – fez notar Birkenshaw. – Além disso, poderia acabar em enormes custos para ambas as partes. Não creio que fosse esse o objetivo de Sir Raymond.

– Talvez – disse Baverstock. – Mas, pelo menos, garantiria ao seu cliente a oportunidade de explicar esses pagamentos trimestrais a um júri... isto é, se ele soubesse alguma coisa sobre eles.

Pela primeira vez, Birkenshaw pareceu hesitar, mas Trentham permaneceu em silêncio. Limitou-se a ficar ali sentado, fumando outro cigarro.

– Um júri poderá considerar a Srta. Ross apenas uma oportunista – sugeriu Birkenshaw, mudando de tática. – Uma oportunista que, tendo-se deparado com uma boa história, conseguiu vir para a Inglaterra onde, depois, fez os fatos se adaptarem bem às suas próprias circunstâncias.

– Muito bem, de fato – disse Charlie. – Não foi bom ela conseguir ir para um orfanato aos três anos? Exatamente na mesma época em que Guy Trentham foi preso...

– Coincidência – disse Birkenshaw.

– ... tendo sido deixada lá pela Sra. Trentham, que depois fez pagamentos trimestrais à diretora daquele orfanato que cessam

misteriosamente quando a Srta. Benson morre. Grande segredo que ela devia ter.

– Mais uma vez circunstancial, pior ainda, inadmissível – disse Birkenshaw.

Nigel Trentham inclinou-se para a frente e estava prestes a fazer um comentário quando o advogado colocou a mão com firmeza no seu braço.

– Não nos vamos deixar apanhar por esse tipo de tática de brigão, Sir Charles, que, desconfio, são mais comuns em Whitechapel Road do que em Lincolns Irm.

Charlie deu um salto da cadeira, de punho cerrado, e deu um passo na direção de Birkenshaw.

– Acalme-se, Sir Charles – disse Baverstock, em tom ríspido.

Charlie parou relutantemente um pouco antes de chegar perto de Birkenshaw, que não pestanejou. Depois de hesitar um pouco, lembrou-se do conselho de Daphne e voltou para sua cadeira. O advogado de Trentham continuou a olhar para ele com ar de desafio.

– Como eu estava dizendo – continuou Birkenshaw –, o meu cliente não tem nada a esconder. E ele não achará necessário recorrer à violência física para provar o seu caso.

Charlie abriu o punho, mas não baixou a voz.

– Espero que o seu cliente recorra a responder ao advogado quando esse perguntar por que razão a mãe continuou a pagar largas quantias a alguém no outro lado do globo que ela, diz o senhor, não conhecia. E por que motivo um Sr. Walter Slade, um motorista do Victoria Country Club, levou a Sra.

Trentham a St. Hilda no dia 20 de abril de 1927 acompanhada de uma menina da idade de Cathy chamada Margaret, mas foi embora

sem ela. – E aposto que, se pedirmos a um juiz que verifique a conta bancária da Srta. Benson, veremos que esses pagamentos remontam ao dia em que a Srta. Ross deu entrada em St.

Hilda. Afinal de contas, já sabemos que a ordem bancária foi cancelada na semana em que a Srta. Benson morreu.

Mais uma vez, Baverstock ficou horrorizado com a ousadia de Charlie e levantou a mão na esperança de evitar mais explosões.

Birkenshaw, pelo contrário, não conseguiu evitar um sorriso irônico.

– Sir Charles, apesar de o senhor ser representado por um advogado, deixe-me lembrar-lhe alguns fatos. Para começar, um ponto é suficientemente claro: o meu cliente garantiu-me que nunca tinha ouvido falar da Srta. Benson até ontem. Em todo caso, nenhum juiz na Inglaterra possui jurisdição para verificar uma conta num banco australiano a não ser que tenha motivo para acreditar que foi cometido um crime em ambos os países. Mais ainda, Sir Charles, duas das suas testemunhas principais estão, infelizmente, na sepultura, e a terceira, o Sr.

Walter Slade, não vai fazer qualquer viagem a Londres. Além disso, não é possível convocá-lo para depor em tribunal.

“Agora, sobre a sua afirmação, Sir Charles, de que um júri ficaria surpreso se o meu cliente não aparecesse no banco da testemunhas para depor em nome da mãe, desconfio de que ele ficaria ainda mais espantado ao saber que a principal testemunha deste caso também não estaria interessada em depor em próprio interesse, porque não se lembra de nada ou quase nada do que de fato aconteceu na época em questão. Não creio que encontrasse um advogado no país que estivesse disposto a sujeitar a Srta. Ross a essa provação, se as únicas palavras que ela provavelmente proferirá em resposta a todas as perguntas forem; “Desculpe, não me lembro.” Ou será que ela simplesmente não tem nada digno de crédito a dizer? Deixe-me

assegurar-lhe, Sir Charles, nos teríamos imenso prazer em ir a tribunal, porque o senhor seria objeto de chacota.

Charlie pôde ver, pelo olhar no rosto de Baverstock, que estava vencido.

Lançou um olhar triste a Cathy, cuja expressão não se havia alterado na última hora.

Baverstock tirou lentamente os óculos e fez uma grande encenação de os limpar com um lenço que tirara do bolso superior. Eventualmente, falou:

– Confesso, Sir Charles, que não vejo um motivo válido para tomar o tempo do tribunal com este caso. De fato, penso que seria irresponsável da minha parte fazê-lo, a não ser que a Srta. Ross, claro, possa apresentar qualquer outra prova da sua identidade que até agora ainda não tenha sido considerada ou possa, pelo menos, corroborar todas as afirmações feitas em seu nome. –

Voltou-se para Cathy. – Senhorita Ross, quer dizer alguma coisa?

Os quatro homens dirigiram a sua atenção para Cathy que estava sossegadamente sentada friccionando o indicador com o polegar, por baixo do queixo.

– Desculpe, senhorita Ross – disse Baverstock. – Não percebi que estava tentando atrair a minha atenção.

– Não, não, eu é que devo pedir desculpa, Dr. Baverstock — disse Cathy.

– Eu faço sempre isso quando estou nervosa. Lembro-me da joia que o meu pai me deu quando eu era criança.

– A joia que o seu pai lhe deu? – perguntou o Dr. Baverstock em voz baixa, não tendo certeza de ter ouvido corretamente.

– Sim – disse Cathy. Desabotoou o botão de cima da blusa e tirou a medalha miniatura que tinha no fio.

– O seu pai lhe deu isso?

– Deu sim – disse Cathy. – É a única recordação tangível que tenho dele.

– Posso ver o fio, por favor? – perguntou Baverstock.

– Com certeza – disse Cathy, passando o fio de ouro por cima da cabeça e entregando a medalha a Charlie, que examinou a miniatura durante algum tempo antes de a entregar ao Dr. Baverstock.

– Embora não seja perito em medalhas, creio que é uma CM em miniatura

– disse Charlie.

– Não foi atribuída uma CM a Guy Trentham? – perguntou Baverstock.

– Foi, sim – disse Birkenshaw – e também estive em Harrow, mas usar simplesmente a gravata da escola não prova que o meu cliente era seu irmão.

De fato, não prova nada e certamente não poderia ser utilizada como prova num tribunal. Afinal de contas, deve haver centenas de CM por aí. De fato, a Srta.

Ross poderia ter comprado uma medalha em qualquer loja de sucata em Londres ao pretender fazer que os fatos em tomo de Guy Trentham se encaixassem no seu passado. Certamente, não está à espera de que nos deixemos levar por esse truque, Sir Charles.

– Posso garantir-lhe, Dr. Birkenshaw, que esta medalha me foi dada pelo meu pai – disse Cathy, olhando diretamente para o advogado. –

Ele pode não ter– tido o direito de a usar, mas nunca me esquecerei de ele a ter colocado no meu pescoço.

– Essa não pode ser a CM de meu irmão – disse Nigel Trentham, falando pela primeira vez. – Posso prová-lo.

– Pode prová-lo? – perguntou Baverstock.

– Tem a certeza. – começou Birkenshaw mas, dessa vez, foi Trentham que colocou a mão firme no braço do advogado.

– Eu posso provar, Dr. Baverstock – prosseguiu Trentham –, que a medalha que tem à sua frente não pode ser a CM usada por meu irmão.

– E como se propõe a fazê-lo? – perguntou Baverstock.

– Porque a medalha de Guy era única. Depois de lhe ser atribuída a CM, minha mãe mandou o original para a Spinks, e eles, a seu pedido, gravaram as iniciais de Guy na orla de um dos braços. Essas iniciais só podem ser vistas com lupa. Eu sei, porque a medalha que recebeu no Marne ainda está sobre a lareira da minha casa em Chester Square. Se uma miniatura alguma vez existiu, minha mãe teria mandado gravar as suas iniciais exatamente do mesmo modo.

Ninguém falou enquanto Baverstock abriu urna gaveta da secretária e tirou uma lupa com cabo de marfim que normalmente utilizava para decifrar letras ilegíveis. Levou a medalha à luz e estudou as orlas dos braços de prata, uma a uma.

– Tem toda a razão – admitiu Baverstock, voltando a olhar para Trentham

– o meu caso está provado. – Passou a medalha e a lupa ao Dr. Birkenshaw que, por sua vez, examinou a CM durante algum tempo antes de – devolver a medalha a Cathy. fazendo uma pequena reverência com a cabeça.

Virou-se para o seu cliente e perguntou:

- As iniciais do seu irmão eram "G.F.T."?
- Sim, exatamente. Guy Francis Trentham.
- Então, quem me dera que se tivesse mantido de boca fechada.

BECKY

1964 - 1970

CAPÍTULO 48

Quando Charlie irrompeu na sala nessa noite, foi a primeira vez que, de fato, acreditei que Guy Trentham estava finalmente morto.

Sentei-me em silêncio enquanto meu marido andou de um lado para o outro da sala, recordando, deleitado, até o último pormenor do confronto que tivera lugar no gabinete do Dr. Baverstock nessa tarde.

Amei quatro homens na minha vida com emoções que foram da adoração à devoção, mas Charlie foi o único que abrangeu todo o espectro.

No entanto, mesmo no seu momento de triunfo, eu sabia que cabia a mim tirar-lhe aquilo que ele mais amava.

Dentro de uma semana após aquela reunião fatídica, Nigel Trentham havia concordado em vender as suas ações ao preço de mercado. Agora que as taxas de juro tinham crescido para oito por cento, não era surpreendente que ele tivesse pouca coragem para uma luta longa e amarga sobre o direito que tivesse ou não a herança Hardcastle.

O Dr. Baverstock, em nome do Fundo, comprou todas as suas ações por uma quantia um pouco superior a sete milhões de libras. O velho advogado aconselhou, então, Charlie a convocar uma reunião extraordinária do conselho de administração, uma vez que era seu dever informar a Câmara do Comércio o que acontecera.

Também avisou Charlie de que era obrigado a, dentro de quatorze dias, informar todos os outros acionistas dos pormenores da transação.

Há muito tempo eu não esperava uma reunião do conselho de administração com tanta expectativa.

Embora eu fosse uma das primeiras pessoas a ocupar o meu lugar a mesa da sala do conselho de administração, todos os outros diretores estavam presentes muito antes da hora marcada para início da reunião.

– .Justificações de ausência? – perguntou o presidente às dez em ponto.

– Nigel Trentham, Roger Gibbs e Hugh Folland – entoou Jessica na sua voz mais inexpressiva.

– Obrigado. Ata da última reunião – disse Charlie. – E seu desejo que eu assinasse essa ata como um registro exato?

Olhei para os rostos em redor da mesa de reuniões. Daphne, usando um elegante vestido amarelo, estava desenhando bonecos nas margens da sua cópia da ata. Tim Newman tinha o aspecto simpático de sempre e limitou-se a acenar com a cabeça, enquanto Simon bebeu um gole do copo de água à sua frente e, quando os nossos olhos se encontraram, levantou-o num brinde fictício. Ned Denning murmurou qualquer coisa inaudível ao ouvido de Bob Makins, enquanto Cathy fez um sinal junto do item número dois. Apenas Paul Merrick parecia não estar gostando da ocasião. Voltei minha atenção de novo para Charlie.

Como ninguém parecia estar em desacordo, Jessica dobrou a última folha para que Charlie pudesse rabiscar a sua assinatura na última linha. Reparei que Charlie sorriu quando voltou a ler as instruções que o conselho de administração lhe dera na última reunião:

“O presidente deve tentar chegar a um acordo amigável com o Sr. Nigel Trentham a respeito de uma tomada de controle pacífica da Empresa Trumper.”

– Algum assunto relacionado com a ata?– perguntou Charlie. Novamente ninguém falou, por isso os olhos de Charlie se voltaram novamente para a pauta de trabalhos. – Ponto número quatro: o

futuro de...– começou ele, mas, então, todos tentaram falar ao mesmo tempo.

Quando alguma ordem foi restaurada, Charlie sugeriu que talvez fosse boa ideia que o executivo-chefe informasse sobre os últimos acontecimentos.

Juntei-me aos “apoiado, apoiado”, e aos acenos de cabeça com que essa sugestão foi recebida.

– Obrigado, presidente – disse Arthur Selwyn, tirando alguns papéis de uma pasta ao lado da cadeira. Os restantes membros do conselho de administração esperaram pacientemente. – Os membros do conselho devem saber que – começou ele, parecendo o funcionário público burocrata que já fora

–, após o Sr. Nigel Trentham ter comunicado que já não era sua intenção tentar fazer uma oferta pública de compra para se apoderar da Empresa Trumper, as ações da empresa caíram do seu máximo de duas libras e quatro xelins para o seu preço atual de uma libra e dezenove xelins.

– Somos todos capazes de seguir os caprichos da Bolsa – disse Daphne, interrompendo. – O que eu gostaria de saber é o que aconteceu às ações que , Trentham detinha?

Não me juntei ao coro de apoio que se seguiu, porque já conhecia todos os pormenores do acordo.

– As ações do Sr. Trentham – disse Selwyn, prosseguindo, como se não tivesse sido interrompido – foram, após um acordo entre os seus advogados e a Srta. Ross, adquiridas há quinze dias pelo Dr. Baverstock em nome do Fundo Hardcastle, ao preço unitário de duas libras e um Xelim.

– E será que os restantes membros do conselho de administração alguma vez tomarão conhecimento do que causou esse simpático

acordo? – perguntou Daphne.

– Soube-se recentemente – respondeu Selwyn – que o Sr. Trentham tinha, durante o último ano, comprado ações da empresa com dinheiro emprestado, o que provocou um enorme saldo a descoberto, um crédito que, segundo me foi dado compreender, não lhe será possível manter. Dessa forma, ele vendeu as suas ações na empresa, cerca de vinte e oito por cento ao Fundo Hardcastle ao preço de mercado.

– Vendeu, nem? – disse Daphne.

– Sim, vendeu – disse Charlie. – E este conselho talvez esteja interessado em saber que recebi três cartas de demissão durante a última semana, do Sr.

Trentham, Sr. Folland e Sr. Gibbs, que tomei a liberdade de aceitar em nome do conselho.

– Isso foi, de fato, liberdade demais – disse Daphne secamente.

– Acha que não devíamos aceitar a demissão deles?

– Certamente, acho, Sr. Presidente.

– Posso saber as razões, Lady Wiltshire?

– São puramente egoístas, Sr. Presidente. – Pensei detectar riso na sua voz, enquanto Daphne aguardou até ter certeza de ser o centro de atenções de todos.

– Compreenda, eu queria ter o prazer de propor que os três fossem despedidos.

Poucos membros do conselho de administração conseguiram evitar um sorriso perante essa sugestão.

– Não é para ser registrado em ata – disse Charlie, virando-se para Jessica.

– Obrigado, Sr. Selwyn, pelo admirável resumo da nossa situação atual.

Agora, como acho que não vale a pena continuar a remexer nesse assunto, passemos ao ponto número cinco, o banco.

Charlie recostou-se na cadeira, satisfeito, enquanto Cathy nos informou que o novo serviço estava dando um respeitável lucro mensal e que não via razão para que os números não continuassem a melhorar no futuro.

– De fato – disse ela –, creio que chegou a hora da Empresa Trumper oferecer um cartão de crédito aos seus clientes regulares...

Olhei para a CM em miniatura pendurada de um fio de ouro ao pescoço de Cathy, o elo em falta que o Dr. Roberts sempre havia insistido que devia existir.

Cathy ainda não conseguia lembrar muito do que acontecera na sua vida antes de ter vindo trabalhar em Londres, mas eu concordei com o Dr. Atkins que não devíamos perder tempo com o passado e, sim, concentrarmo-nos no futuro.

Nenhum de nós duvidava de que, quando chegasse a época de escolher um novo presidente do conselho de administração, não teríamos de procurar muito longe. O meu único problema agora era convencer o atual presidente de que talvez tivesse chegado a hora de dar lugar a alguém mais jovem.

– Tem alguma coisa a dizer sobre o limite superior, presidente? – perguntou Cathy.

– Não, não; tudo faz bastante sentido – disse Charlie, num tom invulgarmente vago.

– Não tenho 'certeza de poder concordar com o senhor nesta ocasião, presidente – disse Daphne.

– E por quê, Lady Wiltshire? – perguntou Charlie com um sorriso benevolente.

– Em parte porque o presidente não escutou uma única palavra do que foi dito nos últimos dez minutos– declarou Daphne –, por isso, como pode saber com o que está concordando?

– Declaro-me culpado – disse Charlie. – Confesso que os meus pensamentos estavam no outro lado do mundo. No entanto – prosseguiu ele –, li o relatório de Cathy sobre o assunto e acho que o limite superior deve variar de cliente para cliente, de acordo com o seu crédito, e também que é possível que, no futuro, tenhamos de contratar pessoal com experiência na City em vez de experiência como vendedores. Mesmo assim, se decidirmos introduzir um esquema desses, vou precisar de um cronograma, que deverá ser apresentado na próxima reunião deste conselho. Isso é possível, senhorita Ross? – perguntou Charlie com voz firme, esperando sem dúvida que esse outro exemplo de pensamento rápido o tivesse libertado das críticas de Daphne.

– Terei tudo pronto para que o conselho se debruce sobre o assunto, pelo menos uma semana antes da próxima reunião.

– Obrigado – disse Charlie. – Ponto número 6. Contas.

Escutei atentamente enquanto Selwyn apresentou os últimos números, departamento por departamento. Reparei novamente nas perguntas e questões levantadas por Cathy, sempre que ela achava que não nos era dada uma explicação suficientemente detalhada de qualquer perda ou inovação. Ela parecia ser uma versão de Daphne, mais bem informada e mais profissional.

– E o que estamos projetando como previsão de lucros para o ano de 1965?

– perguntou ela.

– Aproximadamente, novecentas e vinte mil libras – respondeu Selwyn, percorrendo uma coluna de números com o dedo.

Foi nesse momento que compreendi o que tinha de ser feito antes de conseguir convencer Charlie a anunciar sua aposentadoria.

– Obrigado, senhor Selwyn. Podemos passar ao número 7? – disse Charlie.

– A nomeação da Srta. Cathy Ross para vice-presidente do conselho de administração. – Tirando os Óculos, Charlie acrescentou: – Não creio que seja necessário fazer um grande discurso sobre as razões...

– De acordo – disse Daphne. – E, por isso, com grande prazer, que proponho a Srta. Cathy Ross para vice-presidente do conselho de administração da Empresa Trumper.

– Eu gostaria de secundar a proposta – disse Arthur Selwyn. Não consegui evitar um sorriso ao ver Charlie de boca aberta, mas ele ainda conseguiu perguntar.

– Os que estão a favor? – Levei a mão ao ar, juntamente com todos os diretores, exceto um.

Cathy levantou-se e fez um pequeno discurso de aceitação, no qual agradeceu ao conselho de administração a sua confiança e lhe prometeu a dedicar-se totalmente ao futuro da empresa.

– Mais algum assunto? – perguntou Charlie, começando a arrumar os papéis.

-Sim –respondeu Daphne. –Tendo tido o prazer de propor a Srta. Ross para vice-presidente, sinto que chegou o momento de entregar o meu pedido de demissão.

– Mas por quê? – perguntou Charlie, chocado.

– Porque vou fazer sessenta e cinco anos no próximo mês, presidente, e acho que é uma idade adequada para ceder lugar aos mais novos.

– Então, só posso dizer... – começou Charlie e, dessa vez, nenhum de nos tentou impedi-lo de fazer um longo e sincero discurso. Quando terminou, batemos todos na mesa com a palma da mão.

Quando a ordem foi restaurada, Daphne disse simplesmente:

– Obrigada. Nunca esperei tantos dividendos de um investimento de sessenta libras.

Semanas depois de Daphne deixar a empresa. sempre que um assunto melindroso era discutido no conselho de administração, Charlie confessava-me, depois da reunião, que tinha saudades do enlouquecedor bom senso da marquesa.

– E será que vai sentir tanto a minha falta e da minha língua afiada quando apresentar a minha demissão?

– De que está falando, Becky?

– Só que vou fazer sessenta e cinco anos dentro de dois anos e tenciono seguir o exemplo de Daphne.

– Mas...

– Não há mas nenhum, Charlie – disse-lhe eu. – o nº 1 tem pernas para andar por si próprio com maior competência desde que roubei o jovem Richard Cartwright da Christie. Em todo caso, devia ser oferecido a Richard um lugar no conselho de administração. Afinal de contas, ele tem a maior parte da responsabilidade sem lhe ser dado qualquer crédito.

– Bem, digo-lhe uma coisa– retorqui Charlie em tom de desafio --, não tenciono pedir demissão nem quando fizer setenta.

Durante 1965, abrimos três novas seções: Teenagers– que se especializava em roupa e discos, com seu próprio café ao lado; uma agência de viagens, para lidar com a crescente procura de férias no exterior; e uma seção de presentes –

para o homem que tem tudo. Cathy também recomendou ao conselho de administração que, depois de quase vinte anos, talvez todo o carrinho precisasse de uma plástica.

Charlie disse-me que não tinha certeza quanto a uma alteração tão radical, recordando-me a teoria de Ford, que nunca se devia investir no que come ou precisa voltar a ser pintado. Mas, como Arthur Selwyn e os outros diretores não pareciam ter dúvidas de que há muito era necessário um programa de remodelação, ele só ofereceu uma resistência simbólica.

Mantive a minha promessa... ou ameaça, na opinião de Charlie, e apresentei a minha demissão três meses após ter feito sessenta e cinco anos, o que fazia de Charlie o único diretor que vinha do primeiro conselho de administração.

Pela primeira vez que me lembrasse, Charlie admitiu estar começando a sentir o peso da idade. Sempre que pedia a ata da última reunião, admitiu ele, olhava em redor da mesa de reuniões e tinha a noção do pouco que possuía em comum com a maior parte dos diretores. As “novas luminárias”, como Daphne se lhes referia, financistas, experts em controle de empresas e homens de relações públicas, todos os quais pareciam, de algum modo, distantes do elemento que sempre tinha sido importante para Charlie... o cliente.

Eles falavam sobre financiamento com déficit, esquemas de empréstimo com opção e necessidade de ter seu próprio computador, frequentemente sem se incomodar em pedir opinião a Charlie.

– Que posso fazer? – perguntou-me Charlie após uma reunião na qual admitiu mal ter aberto a boca.

Franziu a testa quando ouviu o meu conselho.

No mês seguinte, Arthur Selwyn anunciou na Assembleia Geral Anual que os lucros líquidos em 1966 seriam de 1.078.600 libras. Charlie olhou para mim quando acenei vigorosamente com a cabeça da fila da frente. Ele esperou

“outros assuntos” antes de se levantar e comunicar aos presentes reunidos que achava que tinha chegado a hora de apresentar a sua demissão. Outra pessoa deverá empurrar o carrinho nos anos 70.

Todos que estavam na sala pareceram chocados. Falaram em “fim de uma era”, “não haver substituição possível”, e disseram que nada voltaria a ser o mesmo; mas nenhum deles sugeriu que Charlie reconsiderasse a sua posição.

Vinte minutos depois, ele deu a reunião por encerrada.

CAPÍTULO 49

Foi Jessica Allen quem disse ao novo presidente que o Sr. Corcran havia telefonado da Galeria Lefevre, dizendo que aceitava a sua oferta de cento e dez mil libras.

Cathy sorriu.

– Agora só temos de concordar numa data e enviar os convites. Pode conseguir Becky ao telefone para mim, Jessica?

O primeiro ato que Cathy havia proposto ao conselho de administração depois de ter sido eleita por unanimidade terceiro presidente. da empresa Trumper, foi nomear Charlie presidente vitalício e organizar um jantar em sua honra no Gosvenor House Hotel. Estiveram presentes todos os empregados da Trumper, os maridos, mulheres e muitos dos amigos que Charlie e Becky tinham feito ao longo de quase sete décadas. Charlie tomou o seu lugar na

cabeceira da mesa nessa noite, uma das mil setecentas e setenta pessoas que encheram o grande salão de baile.

Seguiu-se uma refeição de cinco pratos em que até mesmo Percy foi incapaz de encontrar defeito. Depois de lhe ter sido servido um brandy e de ter acendido um charuto da Trumper, Charlie inclinou-se para Becky:

– Gostaria de que seu pai tivesse visto este banquete. – Acrescentou.

– Claro, ele não viria... a não ser que tivesse fornecido tudo, dos suspiros aos pãezinhos.

– Gostaria que Daniel tivesse podido partilhar esta noite conosco também –

respondeu Becky em voz baixa.

Alguns momentos mais tarde, Cathy levantou-se e fez um discurso que não podia deixar dúvidas em ninguém de que haviam eleito a pessoa certa para suceder a Charlie. Cathy terminou convidando todos a brindar à saúde do fundador e primeiro presidente vitalício. Depois do aplauso ter diminuído, ela se inclinou e retirou qualquer coisa da cadeira ao lado:

– Charlie – disse ela –, isto é uma pequena recordação de todos nós, para agradecer todo o sacrifício que você fez para que a empresa Trumper sobrevivesse. – Cathy voltou-se e entregou um quadro a óleo a Charlie, que sorriu de antecipação até ter visto qual era. Sua boca abriu-se, e o charuto caiu em cima da mesa, enquanto ele olhava, incrédulo. Só algum tempo depois conseguiu largar Os Comedores de Batatas e levantar-se para responder aos pedidos de: “Discurso, discurso.”

Charlie começou recordando mais uma vez aos que o ouviam como tudo começara com o carrinho do seu avô em Whitechapel, um carrinho que tinha agora lugar de honra na seção de comida da

Trumper. Prestou homenagem ao coronel, morto há muito, aos pioneiros da empresa, o Sr. Crowthere e Sr.

Hadlow, bem como a dois dos seus primeiros empregados, Bob Makins e Ned Denning, que se tinham aposentado algumas semanas antes dele próprio.

Terminou com Daphne, Marquesa de Wiltshire, que lhes havia emprestado as primeiras sessenta libras para que tudo fosse possível.

– Quem me dera ter outra vez quatorze anos – disse ele, com ar sonhador. –

Eu, o meu carrinho e os meus fregueses regulares em Whitechapel.

Esses foram os dias mais felizes de minha vida. Porque, no fim do coração, eu sou um simples vendedor de frutas e hortaliças. – Todos riram, exceto Becky, que olhou para o marido e se lembrou de um garoto de oito anos, de calções, boné na mão, à porta da loja do pai dela, na esperança de receber um bolo de graça.

– Sinto orgulho de ter construído o maior carrinho do mundo e de estar esta noite entre os que me ajudaram a empurrá-lo do East End até Chelsea Terrace.

Terei saudades de todos vocês... e só espero que me deixem entrar na loja Trumper de vez em quando.

Quando Charlie se sentou, seus empregados puseram-se de pé para o aplaudir. Ele se inclinou para a frente, pegou a mão de Becky e disse:

– Desculpe, mas esqueci-me de lhes dizer que foi você quem a fundou.

Becky, que nunca havia assistido a um jogo de futebol, tinha de passar horas ouvindo o marido falar sobre o Campeonato do Mundo e

como três jogadores do West Ham tinham sido selecionados para a equipe britânica.

Nas primeiras quatro semanas depois de se aposentar do cargo de presidente, ele parecia contentar-se em permitir que Stan o conduzisse de Sheffield a Manchester e de Liverpool a Leeds, para assistirem juntos aos primeiros encontros.

Quando a Inglaterra passou às semifinais, Charlie utilizou todos os seus contatos para arranjar dois bilhetes de arquibancada, e os seus esforços foram compensados quando o time da casa foi à final.

No entanto, apesar dos seus contatos, da disposição de pagar preço superior ao do bilhete e até de escrever a Alf Ramsay, o treinador da equipe inglesa, Charlie não conseguiu sequer arranjar um bilhete em pé. Disse a Becky que tinha chegado relutantemente à conclusão de que ele e Stan teriam de ver o jogo na televisão.

Na manhã do jogo, Charlie, quando desceu para tomar o desjejum, encontrou dois bilhetes enviados na cesta das torradas. Com a excitação, nem conseguiu comer os ovos com bacon.

– Você é um gênio, senhora Trumper – disse ele várias vezes, intercalando com: – Como é que conseguiu?

– Contatos – foi tudo o que Becky respondeu, decidida a não dizer a Charlie que o novo computador tinha revelado que a Sra. Ramsay tinha conta na Trumper e que Cathy haviam sugerido que ela fizesse parte do grupo de clientes selecionados a quem eram concedidos dez por cento de desconto.

A vitória de quatro a dois sobre a Alemanha, com três gols marcados por Geoff Hurst do West Ham, não só levou Charlie à beira do delírio, como fez Becky se perguntar, durante algum tempo, se o marido se esqueceria agora da Trumper e deixaria Cathy exercer o seu cargo de presidente à vontade.

No entanto, uma semana após ter regressado do Estádio de Wembley, Charlie parecia estar satisfeito por ficar em casa, mas foi durante a segunda semana que Becky compreendeu que alguma coisa tinha de ser feita, se não queria ficar doida, além de perder a maior parte dos empregados de Eaton Square, Na manhã da segunda-feira da terceira semana, ela foi à Trumper falar com o gerente da seção de viagens e na quarta semana foram entregues bilhetes a Lady Trumper, provenientes dos escritórios da Cunard – para uma viagem xi Nova York no Queen Mary – seguida de uma longa volta pelos Estados Unidos.

– Espero que ela consiga tomar conta do carrinho sem mim – disse Charlie, quando iam a caminho de Southampton.

Acho que ela vai conseguir desvencilhar-se a contento – disse Becky, que havia programado estarem fora pelo menos três meses, para ter certeza de que Cathy teria liberdade para prosseguir com o programa de redecação, que ambas suspeitavam de que Charlie faria tudo no seu alcance para impedir.

Becky tomou-se ainda mais convencida de que isso aconteceria, assim que Charlie entrou no Bloomingdale e começou a protestar sobre a falta de espaço adequado para dispor a mercadoria. Levou-o depois ao Macy's onde ele se queixou do serviço inexistente e, quando chegaram a Chicago, ele disse a Joseph Field que não gostava das vitrines que já tinham sido o símbolo da grande loja.

– Muito extravagantes, mesmo para a América – garantiu ao dono.

– Becky teria mencionado as palavras "tato" e "sutileza", se Joseph Field não tivesse concordado com todas as afirmações do seu velho amigo, pondo a culpa no novo gerente, que acreditava no poder das flores" o que quer que isso fosse, Dalas, São Francisco e Los Angeles não foram melhor, e quando três meses mais tarde, Becky e Charlie subiram, em Nova York, a bordo do grande navio, o nome lojas Trumper estava de novo nos lábios de Charlie. Becky começou a

reçar o que iria acontecer quando pusesse de novo o pé em solo inglês.

Ela só esperava que cinco dias de mar calmo e uma quente brisa atlântica os ajudasse a descontrair e permitisse que Charlie se esquecesse das lojas Trumper durante alguns momentos. Mas ele passou a maior parte da viagem explicando as suas novas ideias para revolucionar a empresa, ideias que, afirmava, deviam ser postas em prática assim que chegassem a Londres. Foi então que Becky decidiu que tinha de tomar posição em nome de Cathy.

– Mas você já nem sequer faz parte do conselho de administração – lembrou-lhe Becky, deitada no convés para tomar sol.

– Sou o presidente vitalício – insistiu ele, depois de ter acabado de lhe contar a sua última ideia de por uma etiqueta nos artigos de vestuário, para evitar roubos.

– Mas esse é um cargo puramente honorário.

– Disparate. Pretendo dar a minha opinião sempre que...

– Charlie, isso não é justo para com Cathy. Ela já não é a diretora mais nova de um negócio familiar, mas sim presidente de uma grande empresa.

Certamente chegou a hora de você permanecer afastado da empresa Trumper e permitir que Cathy empurre o carrinho sozinha.

– Então, que hei de fazer?

– Não sei, Charlie, nem quero saber. Mas, seja o que for, não vai ser perto de Chelsea Terrace. Estou me fazendo entender?

Charlie teria respondido se um oficial não tivesse parado junto deles.

– Desculpe interrompê-los.

– Não está interrompendo nada – disse Charlie. – Que quer que eu faça?

Que prepare um motim ou que organize um jogo de tênis?

– Essas são as atribuições do comissário de bordo, Sir Charles – disse o jovem. – Mas o capitão pergunta se poderá ter a amabilidade de ir encontrá-lo na ponte de comando. Ele recebeu um telegrama de Londres e acha que Sir Charles deve ter conhecimento dele imediatamente.

– Espero que não sejam más notícias – disse Becky, endireitando-se rapidamente e colocando o romance que estava lendo a seu lado no convés. –

Eu lhes disse que não nos contatassem a não ser que fosse uma emergência.

– Bobagem – disse Charlie. – Você é tão pessimista. Para você, uma garrafa esta sempre meio vazia. – Levantou-se e esticou-se antes de acompanhar o jovem oficial ao longo do convés da popa em direção à ponte de comando explicando como organizaria um motim. Becky seguia um metro atrás, não fazendo quaisquer comentários.

Ao chegarem a ponte de comando, acompanhados pelo oficial, o comandante virou-se para os cumprimentar.

– Chegou agora mesmo um telegrama de Londres, Sir Charles, e pensei que gostaria de receber imediatamente. – Entregou a mensagem.

– Diabo, deixei os óculos no convés – murmurou Charlie. – Becky é melhor você ler. – Passou o papel à mulher.

Becky abriu o telegrama, com os dedos ligeiramente trêmulos, e leu a mensagem para si própria enquanto Charlie examinava o rosto da mulher, à procura de indícios quanto ao seu conteúdo.

- Então, o que é? Meio cheia ou meio vazia?
- E um pedido do Palácio de Buckingham – respondeu ela.
- O que é que lhe disse? – resmungou Charlie. – Não conseguem fazer nada sozinhos. No primeiro dia do mês, sabonete, ela prefere alfazema pasta de dentes, ele prefere Colgate, e papel higiênico... Eu avisei Cathy...
- Não, não creio que, neste momento, Sua Majestade esteja preocupada com o papel higiênico – disse Becky.
- Então, qual é o problema? – perguntou Charlie.
- Quer saber o título que você adotará.
- Título? – disse Charlie.
- Sim – disse Becky, voltando-se para o marido. – Lorde Trumper de onde?

Becky ficou surpresa, e Cathy um tanto aliviada, ao descobrirem como Lorde Trumper de Whitechapel pareceu – embrenhar-se rapidamente nos trabalhos diários da Câmara dos Lordes. Os receios de Becky de que ele continuasse a interferir continuamente no dia-a-dia da empresa evaporaram-se assim que Charlie passou a usar a toga vermelha. Para a mulher, a rotina trouxe memórias daqueles dias durante a II Grande Guerra, quando Charlie trabalhava com Lorde Woolton no Ministério da Agricultura, e ela nunca tinha certeza da hora em que ele chegaria em casa.

Seis meses depois de Becky lhe ter dito que não se aproximasse das lojas Trumper, Charlie anunciou que tinha sido convidado para membro da Comissão Agrícola, onde ele achava que podia utilizar novamente os seus conhecimentos em benefício dos outros membros. Até voltou à sua velha rotina de se levantar às quatro e meia da manhã, para se pôr em dia com os documentos

parlamentares de que sempre precisava antes de reuniões importantes.

Quando regressava à casa para jantar, à noite, Charlie tinha sempre notícias sobre a cláusula que propusera à comissão nesse dia, ou sobre como um velho tolo tinha ocupado o tempo da Câmara durante a tarde com incontáveis emendas à lei da caça à lebre.

Quando, em 1970, a Grã-Bretanha solicitou a adesão ao Mercado Comum, Charlie disse à mulher que lhe tinha sido pedido que presidisse uma subcomissão sobre a distribuição dos alimentos na Europa e que achava que era seu dever aceitar. A partir desse dia, sempre que descia para tomar o desjejum, Becky encontrava inúmeros documentos ou exemplares do Hansard diário dos lordes espalhados desde o escritório de Charlie até a cozinha, onde lhe fora deixado o inevitável bilhete, explicando que tivera de sair cedo para uma reunião da subcomissão ou um encontro com algum adepto da entrada da Grã-

Bretanha na Europa que estava em Londres, vindo do continente. Até então, Becky não fazia ideia de que os membros da Câmara dos Lordes tivessem de trabalhar tanto.

Becky continuava a manter contato com as lojas Trumper por visitas regulares às segundas-feiras. Ela ia sempre numa hora em que havia relativamente pouco movimento e, para sua surpresa, tomou-se a principal fonte de informação de Charlie sobre o que acontecia na empresa.

Dava-lhe grande prazer passar algumas horas passeando pelas diversas seções. Não conseguia deixar de notar como as modas mudaram depressa e como Cathy conseguia sempre estar um passo à frente dos seus concorrentes, nunca dando, ao mesmo tempo, razão para que os clientes regulares se queixassem de mudanças desnecessárias.

A última parada de Becky era inevitavelmente na casa de leilões, para ver quais eram os pintores cujos quadros iriam ser leiloados. Há algum tempo ela havia passado a responsabilidade a Richard Cattwright, o antigo leiloeiro principal, mas ele se punha sempre à sua disposição para lhe mostrar os quadros que iriam a leilão.

– Dessa vez, impressionistas menores – garantiu ele.

– Agora a preços maiores – respondeu Becky, enquanto examinava os trabalhos de Pissarro, Bonnard e Vuillard. – Mas, mesmo assim, temos de evitar a todo o custo que Charlie os descubra.

– Já descobriu – avisou Richard. – Passou aqui na quinta-feira passada, no caminho para a Câmara dos Lordes, reservou três quadros e ainda teve tempo de se queixar das nossas estimativas. Disse que lhe tinha comprado um quadro grande a óleo de Renoir chamado L’homme à la pêche há apenas alguns anos, pelo preço que eu agora queria que ele pagasse por um pequeno pastel de Pissarro, que não foi mais do que um estudo para um trabalho principal.

– Desconfio de que nisso ele pode ter razão – disse Becky, examinando o catálogo para verificar as diferentes estimativas. – E Deus ajuda a sua folha de balanço se ele descobrir que não conseguiu atingir o preço mínimo para qualquer dos quadros em que está interessado. Quando eu geria esta seção, ele era conhecido como a nossa “promoção”, vendida a um preço abaixo do custo.

Enquanto conversavam, um empregado dirigiu-se a eles, fez uma pequena reverência com a cabeça a Lady Trumper e entregou um bilhete a Richard, que leu a mensagem antes de dizer a Becky:

– A presidente pergunta se poderá ter a gentileza de ir vê-la, antes de ir embora. Precisa lhe falar com bastante urgência.

Richard acompanhou-a ao elevador, onde Becky lhe agradeceu novamente por ter perdido tempo com uma velhota.

Enquanto o elevador subia a custo – mais uma coisa que Cathy queria mudar como parte do plano de redecação –, Becky se perguntou por que razão a presidente poderia querer falar com ela e só fez votos para que não fosse para cancelar o jantar com eles, marcado para essa noite, uma vez que os convidados seriam Joseph e Barbara Field.

Embora Cathy se tivesse mudado de Eaton Square, há cerca de dezoito meses, para um espaçoso apartamento em Chelsea Cloisters, eles ainda conseguiam jantar juntos pelo menos uma vez por mês, e Cathy era sempre convidada quando os Fields e os Bloomingdales estavam em Londres. Becky sabia que Joseph Field, que ainda estava na Administração dos grandes armazéns de Chicago, ficaria desapontado se Cathy não pudesse comparecer nessa noite, especialmente porque o casal americano deveria regressar à casa no dia seguinte.

Jessica conduziu Becky diretamente ao escritório da presidente do conselho de administração, onde encontrou Cathy ao telefone, de testa franzida.

Enquanto esperava que ela terminasse a chamada, Becky olhou pela janela para o banco de madeira vazio no outro extremo da sala e pensou em Charlie, que o trocava de bom grado pelas bancadas de couro vermelho da Câmara dos Lordes.

Assim que pousou o fone, Cathy perguntou:

– Como está Charlie?

– Sei lá – disse Becky. – Vejo-o de vez em quando ao jantar durante a semana e até tomando, por vezes, o café da manhã aos domingos. Mas é só. Ele tem aparecido ultimamente?

– Não muito. Para ser sincera, ainda me sinto culpada por tê-lo proibido de vir aqui.

– Não precisa sentir qualquer culpa – disse-lhe Becky. – Nunca o vi tão feliz.

– É um alívio ouvir isso – disse Cathy. – Mas agora preciso do conselho de Charlie sobre um assunto mais urgente.

– E o que é?

– Charutos – disse Cathy. – David Field telefonou para me dizer que o pai quer uma dúzia de caixas de sua marca habitual e para não me preocupar em mandá-las para o Connaught, porque ele pega quando for jantar esta noite.

– Então, qual é o problema?

– Nem David Field nem a seção de tabaco fazem a mínima ideia de qual seja a marca habitual do pai dele. Parece que Charlie tratou sempre pessoalmente da encomenda.

– Pode ver nas faturas antigas.

– Foi a primeira coisa que fiz – disse Cathy. – Mas não há nenhum registro de qualquer transação. O que me surpreendeu, porque, se bem me lembro, era enviada uma dúzia de caixas ao velho Sr. Field, para o Connaught, sempre que ele vinha a Londres. – Cathy franziu novamente a testa. – Coisa, aliás, que eu achava sempre curiosa; afinal de contas, ele deve ter uma grande seção de tabaco na sua loja.

– Tenho certeza de que tem – disse Becky, – mas não tem a marcas de Havana em estoque.

– Havana? Não compreendo.

– Durante os anos 50, a alfândega dos Estados Unidos proibiu a importação para a América de todos os charutos cubanos, e o pai de David, que fumava uma marca de charutos cubanos já muito antes de alguém ter ouvido falar em Fidel Castro, não viu qualquer razão

para não poder continuar a satisfazer o que ele considerava não ser mais do que o seu “maldito direito”.

– Então, como é que Charlie resolvia o problema?

– Charlie ia à seção de tabaco, pegava uma dúzia de caixas da marca preferida do velho, voltava ao escritório, tirava a cinta de cada um dos charutos e colocava-lhes uma inofensiva etiqueta holandesa, antes de os guardar numa caixa Trumper não identificável. Ele se assegurava sempre de que houvesse um fornecimento à mão para o Sr. Field, no caso de se esgotarem. Charlie achava que era o mínimo que podia fazer para retribuir toda a hospitalidade dos Fields para conosco ao longo dos anos.

Cathy acenou com a cabeça, mostrando que compreendia.

– Mas ainda preciso de saber que marca de charutos cubanos é o “maldito direito” do Sr. Field.

– Não faço ideia – admitiu Becky. – Como disse, Charlie nunca permitiu que mais ninguém tratasse da encomenda.

– Então alguém vai ter de perguntar a Charlie ou para vir aviar a encomenda, ou, pelo menos, para nos dizer em que marca o Sr. Field está viciado. Por isso, onde poderei encontrar o presidente Vitalício às onze e trinta de segunda-feira?

– Escondido na sala de alguma comissão na Câmara dos Lordes, suponho eu.

– Não, não está – disse Cathy. – Já telefonei para a Câmara dos Lordes e eles me garantiram que não o tinham visto esta manhã... e, além disso, não esperam que ele vá lá esta semana.

– Mas isso não é possível – disse Becky. – Ele praticamente vive lá.

– Era o que eu pensava – disse Cathy. – Foi por isso que contatei o número 1 para pedir a sua ajuda.

– Eu desvendo isso num instante – disse Becky. – Se Jessica me ligar para a Câmara dos Lordes, sei exatamente com quem falar.

Jessica voltou ao seu gabinete, procurou o número e, assim que a ligação foi feita, passou a chamada para o telefone na secretária da presidente, onde Becky atendeu.

– Câmara dos Lordes? – disse Becky. – Serviço de mensagens, por favor...

O Sr. Anson está? Não, bem, eu gostaria de deixar um recado urgente para Lorde Trumper... de Whitechapel... Sim, eu creio que ele está numa subcomissão agrícola esta manhã... Tem certeza? .. Bem, isso é um alívio... Ele está? ... Mas que interessante... Não, obrigada... Não, não quero deixar recado e, por favor, não vale a pena incomodar o Sr. Anson. Bom-dia.

Becky desligou o telefone e, ao erguer a vista, viu Cathy e Jessica olhando-a como duas crianças na hora de ir para a cama, querendo ouvir o fim da história.

– Charlie não foi visto na Câmara dos Lordes esta manhã. Não existe uma subcomissão agrícola. Ele nem sequer é membro da comissão e, ainda por cima, há três meses que não lhe põem os olhos.

– Mas não compreendo – disse Cathy. – Como é que tem conseguido falar com ele?

– Com um número especial que Charlie me deu e que tenho junto ao telefone do vestíbulo, em Eaton Square, e pelo qual falo com um mensageiro da Câmara dos Lordes chamado Sr. Anson, que parece saber sempre onde encontrar Charlie a qualquer hora do dia ou da noite.

– E esse Sr. Anson existe? – perguntou Cathy.

– Existe, sim – disse Becky. – Mas parece que trabalha em outro andar da Câmara e, agora, eu falei com o serviço de informações.

– E o que acontece quando consegue falar com o Sr. Anson?

– Charlie geralmente me telefona dentro de uma hora.

– Então, não há nada que a impeça de telefonar ao Sr. Anson agora.

– No momento, prefiro não ligar – disse Becky. – Acho que prefiro descobrir o que Charlie tem feito nestes últimos dois anos. Porque, uma coisa é certa, o Sr. Anson não vai dizer.

– Mas o Sr. Anson não pode ser a única pessoa a saber – disse Cathy.

–

Afinal de contas, Charlie não vive no vácuo. – Voltaram-se as duas para Jessica.

– Não olhem para mim – disse Jessica. – Ele não teve qualquer contato com este escritório desde o dia em que foi banido de Chelsea Terrace. Se Stan não viesse almoçar na cantina de vez em quando, eu nem sequer saberia se Charlie ainda era vivo.

– Claro – disse Becky, estalando os dedos. – Stan é quem deve saber o que se passa. Ele ainda vai buscar Charlie logo de manhã e o leva a casa à noite.

Charlie não conseguiria fazer nada sem que o seu motorista soubesse.

– Bem, Jessica – disse Cathy, verificando a agenda. – Começa por cancelar o meu almoço com o diretor da Moss. Bros., depois diga à minha secretária que não recebo chamadas, nem quero ser interrompida até descobrir exatamente o que o nosso presidente vitalício anda fazendo. Quanto tiver feito isso, veja se Stan está na cantina e, se estiver, peça-lhe que me telefone imediatamente.

Jessica saiu quase correndo do gabinete, e Cathy voltou a atenção para Becky.

– Acha que ele pode ter uma amante? – disse Becky baixinho.

– De dia e de noite durante quase dois anos, aos setenta anos? Se tiver, devíamos inscrevê-lo como Garanhão do Ano na Feira Agrícola Real.

– Então, o que estará fazendo? `

– Eu acho que esta fazendo o mestrado na Universidade de Londres – disse Cathy. Charlie ficava sempre aborrecido quando Becky brincava com ele por não ter terminado devidamente os estudos.

– Mas, então, eu encontraria os livros e os papéis por toda a casa.

– Já encontrou, mas foram os livros e os papéis que ele queria que visse.

Não se esqueça de como ele foi astucioso quando fez o bacharelato. Enganou- a durante oito anos.

– Talvez tenha ido trabalhar com um dos nossos concorrentes.

– Não é seu estilo – disse Cathy. – É muito leal para fazer isso. Em todo caso, em poucos dias saberíamos em que loja ele estaria, pois tanto o pessoal como a gerência teriam muito prazer em nos fazer saber. Não, tem de ser mais simples do que isso. – O telefone particular na secretária de Cathy tocou.

Atendeu e escutou atentamente antes de dizer: – Obrigada, Jessica. Vamos a caminho. Vamos embora – disse ela, pousando o fone e levantando de detrás da secretária. – Stan acabou agora mesmo de almoçar.

Dirigiu-se à porta. Becky seguiu-a rapidamente e, sem mais palavras, pegaram o elevador para o térreo, onde Joe, o porteiro mais antigo,

ficou surpreso ao ver a presidente e Lady Trumper parando um táxi, quando os dois motoristas estavam pacientemente à espera no estacionamento.

Alguns minutos mais tarde, Stan saiu pela mesma porta e assumiu o volante do Rolls de Charlie, antes de se dirigir lentamente em direção ao Hyde Park Comer, sem reparar no táxi que o seguia. O Rolls prosseguiu até Picadilly e atravessou a Trafalgar Square, antes de virar à esquerda em direção ao Strand.

– Vai para King’s College – disse Cathy. – Eu sabia que tinha razão... tem de ser o mestrado.

– Mas Stan não vai parar – disse Becky, quando o Rolls passou pela entrada da universidade e entrou na Fleet Street.

– Não acredito que ele tenha comprado um jornal – disse Cathy.

– Ou tenha arranjado emprego na City – disse Becky, enquanto o Rolls prosseguia em direção à Mansion House.

– Já sei – disse Becky em tom triunfante, quando o Rolls saiu da City e se dirigiu ao East End, – Está trabalhando em algum projeto no seu clube para rapazes em Whitechapel.

Stan prosseguia para leste até que, finalmente, parou o carro à porta do Centro Dan Salmon.

– Mas não faz sentido – disse Cathy. – Se isso era tudo o que ele queria fazer no seu tempo livre, por que motivo não lhe disse a verdade? Por que razão arranjar um enigma tão complicado?

– Também não consigo descobrir porquê – disse Becky. – De fato, estou ainda mais intrigado.

– Bem, ao menos vamos entrar e ver o que ele está fazendo.

– Não – disse Becky, colocando uma mão no braço de Cathy. – Preciso pensar durante alguns minutos antes de decidir o que fazer a seguir. Se Charlie está planejando alguma coisa que não queria que soubéssemos, não quero ser desmancha-prazeres, especialmente se fui a primeira a proibi-lo de ir às lojas Trumper.

– Está bem – disse Cathy – Então, por que não voltamos para o meu gabinete e não dizemos nada sobre o que descobrimos? Afinal de contas, podemos sempre telefonar para a Câmara dos Lordes, para o Sr. Anson que, conforme sabemos, faz que Charlie lhe telefone dentro de uma hora. Isso me dá tempo suficiente para resolver o problema de David Field e dos seus charutos.

Becky acenou com a cabeça, concordando, e deu instruções ao intrigado motorista para que regressasse a Chelsea Terrace. Quando o táxi fez a manobra para regressar ao West End, Becky olhou pela janela traseira para o centro com o nome de seu pai.

– Pare – disse ela, subitamente. O motorista pisou o freio e parou o carro de repente.

– O que é? – perguntou Cathy.

Becky apontou, pela janela. os olhos fixos numa figura que descia os degraus do Centro Dan Salmon vestido com um terno velho sujo e um boné.

– Não acredito – disse Cathy.

Becky pagou rapidamente ao motorista, enquanto Cathy saltava e começava a seguir Stan ao longo da Whitechapel Road.

– Onde será que ele vai? – perguntou Cathy, enquanto continuavam a seguir Stan. O motorista mal vestido continuou a andar ao longo da calçada em passo de marcha, não deixando dúvida em qualquer velho soldado que o visse, de qual tinha sido a sua profissão anterior,

e fazendo que as duas senhoras que o perseguiram tivessem ocasionalmente que desatar a correr.

– Deve ser ao Cohen, o alfaiate – disse Becky. – Porque, Deus sabe, tem todo o ar de precisar de um temo novo.

Mas Stan parou a alguns metros da alfaiataria. Então, pela primeira vez, viram ambas outro homem. Também vestido com um terno velho e um boné, ao lado de um carrinho novo em folha em que estavam escritas as palavras “

Charlie Salmon, o comerciante honesto. Fundado em 1969.”

– Estas, a senhora não leva por duas libras, minha senhora – dizia uma voz tão alta como a dos jovens nas outras bancas em redor –, nem uma libra, nem sequer meia libra. Não; pode levar por vinte pence.

Cathy e Becky viram, espantadas, Stan Russel levar a mão ao boné para cumprimentar Charlie e depois começar a encher o cesto de uma mulher, para que o patrão pudesse começar a atender a freguesa seguinte.

– Então, o que será hoje, senhora Bates? Tenho umas lindas bananas que acabaram de chegar das Índias Orientais. Devia vendê-las a noventa pence o cacho, mas, para a senhora, minha linda, são cinquenta pence, mas não diga nada às suas vizinhas.

– E aquelas batatas, Charlie? – disse uma mulher de meia-idade, muito maquilada, que apontava, com ar desconfiado, uma caixa em frente do carrinho.

– Tão certo como eu estar aqui, senhora Bates, chegaram de Jersey hoje, e lhe digo o que vou fazer. Vou vendê-las pelo mesmo preço que os meus chamados concorrentes ainda estão vendendo as velhas. Posso ser mais justo, pergunto?

– Quero dois quilos, senhor Salmon.

– Obrigado, senhora Bates. Sirva a senhora, Stan, enquanto eu atendo a próxima freguesa. – Charlie foi para o outro lado do carrinho.

– Que bom vê-la nesta linda tarde, senhora Singh. Um quilo de figos, nozes e passas, se a minha memória não me trai. E como está o Dr. Singh?

– Muito ocupado, senhor Salmon, muito ocupado.

– Então temos de fazer com que ele se alimente bem, não é? – disse Charlie. – Se o tempo piorar, poderei precisar ir vê-lo por causa da minha sinusite. E como está a pequena Suzika?

– Acabou de passar no vestibular e vai para a Universidade de Londres, em setembro; vai estudar engenharia.

– Não consigo entender para quê – disse Charlie, escolhendo alguns figos.

– Engenharia, a senhora disse. Em que pensarão elas depois? Conheci uma moça desta região que foi para a universidade, e de que lhe serviu? Passou o resto da vida vivendo à custa do marido. O meu velho avô costumava sempre dizer...

Becky desatou a rir.

– E o que fazemos agora? – perguntou ela.

– Voltamos a Eaton Square, para ver o número do Sr. Anson na Câmara dos Lordes e telefonar-lhe. Desse modo, pelo menos podemos ter a certeza de que Charlie ligará para você dentro de uma hora.

Becky acenou com a cabeça, concordando, mas permaneceram ambas como hipnotizadas, vendo o comerciante mais velho do

mercado vender a sua mercadoria.

– Estas, a senhora não leva por duas libras, minha senhora – dizia ele, segurando um maço de couve com ambas as mãos. – Não leva por uma libra, nem sequer cinquenta pense.

– Não; pode levar por vinte penca – murmurou Becky baixinho.

– Não; pode levar por vinte penca – gritou Charlie bem alto.

– Você sabe – disse Becky, quando saiam do mercado – que o avo de Charlie trabalhou até oitenta e três anos e morreu a poucos centímetros de onde Lorde Trumper está agora?

– Ele foi longe, desde então – disse Cathy, erguendo a mão para mandar parar um táxi.

– Eu não diria isso – respondeu Becky. – Apenas alguns quilômetros. – em linha reta.



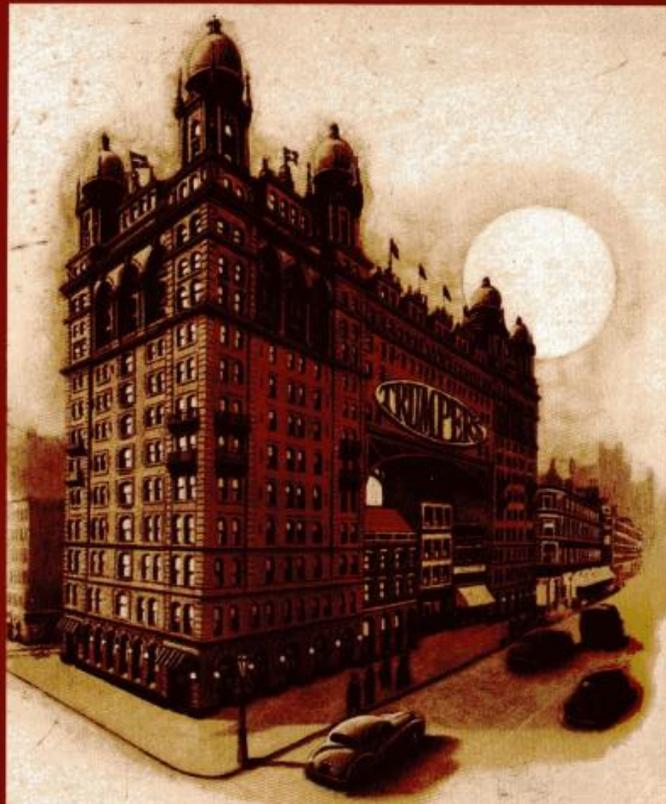
JEFFREY ARCHER nasceu em
1940 e estudou em Oxford. Representou
a Grã-Bretanha nos 100 metros no

começo dos anos 60 e se tornou o mais jovem membro da Câmara dos Comuns em 1969. Escreveu *Caim e Abel*, *A Filha Pródiga*, *O homicídio Perfeito*, *O Arqueiro e suas Flechas*, *Primeiro entre Iguais*, *Um Caso de Honra*, todos publicados pela nossa Editora. Em 1985 foi apontado vice-presidente do Partido Conservador. É casado, pai de dois filhos e vive na Inglaterra.

Ilustração da Capa: George Angelini

Ilustração da contracapa: Mitzura

QUANDO SEUS SONHOS SÃO GRANDES
O BASTANTE, NEM MESMO SEUS INIMIGOS
PODEM DETÊ-LO.



“Archer é um mestre em entreter os leitores.”
— *Time*

“Jeffrey Archer está no topo dos 10 melhores
contadores de histórias do mundo.”
— *Los Angeles Times*



JEFFREY ARCHER

O VOO DO CORVO

